

A GUERRA DOS MASCATES

Amor romântico e ódio colectivo num confronto entre aristocratas e pequenos comerciantes que marcou a história do Brasil.

MIGUEL REAL

D.QUIXOTE

Ficha Técnica

Título: *A Guerra dos Mascates*
Autor: Miguel Real
Editora: Maria do Rosário Pedreira
Capa: Joana Tordo
Imagem da capa: © The Bridgeman Art Library/AIC
Revisão: Luís Milheiro
ISBN: 9789722047524
Publicações Dom Quixote
[Uma editora do grupo Leya]
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

www.dquixote.leya.com
www.leya.pt

Para a Filomena,
o David e a Inês,
um imenso obrigado.

Para José de Alencar,
com um abraço romântico,
140 anos após ter escrito
A Guerra dos Mascates*,*
que me inspirou e ora continuo.

Poema que Julinho escolheria para oferecer a Violante Dias
após a morte desta e do filho de ambos,
chacinados pelos índios
em Camaragibe

Depois da Vida

Quando meu coração parar desfeito
Em sombra, na profunda sepultura,
E o meu ser, já fantástico e perfeito,
Vaguear entre o Infinito e a terra dura;

Quando eu sentir, enfim, todo o meu peito
A transformar-se em constelada Altura;
Eu, divino Fantasma, claro Eleito,
O Enviado da Vida à Morte Escura;

Quando eu for minha lúcida esperança,
Meu próprio amor jamais anoitecido,
E minha sombra for apenas lembrança;

Quando eu for um espectro da Saudade,
Entre o luar e a névoa amanhecido,
Serei contigo, Amor, na Eternidade.

Teixeira de Pascoaes

I

O princípio é o caminho do fim

O casamento não consumado de Vidal Rabelo e Leonor Barbalho

Oh, meu amor, exclamou Vidal Rabelo a Leonor Cavalcanti Albuquerque Olanda Figueiredo Barbalho de Vasconcelos quando esta se retraiu, resistindo com a inércia do braço ao toque do esposo, oh, meu amor, repetiu, intrigado, Vidal Rabelo a Leonor Cavalcanti Albuquerque Olanda Figueiredo Barbalho de Vasconcelos, sua recém, recém, recém-senhora, de cerimónia contraída há não mais de dois tempos de sino,

Vidal Rabelo expulsara a exclamação da boca revelando uma linguagem amorosa guardada para intimidades de alcova, d. Lourença protestou, burguês, trata a esposa como o muletote a labrega, desconsiderando Leonor, arrastando esta para a aleivosia e a bargantaria, como se a recém, recém, recém-esposa se assemelhasse às mulheres das baiucas do trapiche, as índias e as mulatas, estas, sim, a ralé de Olinda, trocavam o corpo por um tostão furado ou um vintém coroado, assemelhava-a à Chica Tortuosa, a Dengosa, mulata forra, amásia do bodegueiro, patroa do alcouce, d.

Lourença concebeu Vidal Rabelo no centro da alfurja, um canjirão de vinho do reino na mão direita, a esquerda repousando na coroa da espada, ajeitando com um pé o escano, abrindo as coxas para a Chica Tortuosa, a Dengosa, se sentar no entrepernas, tratando-a como se tratasse uma galinha choca, Leonor, recém, recém, recém-esposa de Vidal Rabelo, sobrinha do patriarca mazombo João Cavalcanti, senhor de Olinda, patrono do Agreste, protector do Pernambuco, assim não podia ser tratada, como uma mulata dos tropéis dos bandeirantes. Vidal Rabelo, sentindo o retraimento

do braço de sua recém, recém, recém-esposa Leonor, desabafou, então, senhora?!, entoando o interrogativo exclamativo do amante intrigado que verdadeiramente desejaria exclamar um intemporal oh, meu amor; na designação de «senhora» nomeia a distinção de Leonor, vinda de matrimoniar-se, não já senhorinha, antes com direito ao tratamento de dona, embora, com o casamento recém, recém, recém, não mais que a dois tempos de sino, permanecesse donzela, dona, sim, como eram assinaladas as mulheres casadas de elevada linhagem, aqui atrai-se a literatura de outra

consabida Leonor, a que vai pela verdura, formosa e não segura, a de Luís de Camões, esta do século XVI, donzela ou senhora, não se sabe, não poderia ser dona porque lhe sobraria a condição de não ir descalça à fonte, manda as servas irem, como o não vai Leonor, a nossa, dos comecinhos do século XVIII, muito se estranharia que em Olinda, no Brasil, dona fruto de tão alta progenitura, a dos Cavalcanti, a dos Figueiredo, a dos Olanda, a dos Barbalho, a dos Albuquerque, a dos Vasconcelos, habitando no palacete do capitão-mor João Cavalcanti, seu tio-avô e tutor, e do fidalgo André

Figueiredo Dias, seu tio, fosse à fonte de pote na cabeça e testo nas mãos de prata, não, não, não vai, faz saber às mucamas que carece de água e estas ordenam às pretas-de-fora que corram, xô, xô, sinhazinha Leonôra carece de auga fresca, fresquinha, branca, branquinha, da fonte do Varadouro, nem é de aprazar que Leonor de Olinda trajasse sainho de chamelote em terras do pau-brasil, de ares de quentura fervente, antes brial de pano-de-holanda, de largo decote, mais arejado que lã de chamelote, Camões colora a pele de Leonor mais branca que neve pura, só muito extremadamente se

aceitaria que a pele do colo da recém, recém, recém-casada Leonor ostentasse uma límpida alvura sem o afloramento de umas obtusas manchas crestas do esbraseamento do sol tropical, não assim os cabelos de ambas as Leonores, a de Camões de ouro o trançado e a ora maridada de castanho, descaído em madeixas sobre as espáduas nuas, a Leonor de Camões seguro por uma fita encarnada, a brasílica por um diadema de flores brancas de laranjeira, tombadas livres sobre os ombros nus. Atormentado, Vidal Rabelo insistiu, então, senhora, Leonor hesitou, olhos fixos em d.

Lourença de Olanda, tia viúva, irmã de André Figueiredo Dias, vamos, d. Leonor, partamos, Vidal Rabelo impacientou-se, Leonor rehesitou, roçando os dedos afilados na palma da mão do recém, recém, recém-esposo, mas d. Lourença, em gesto possessivo, desabrido, puxou-a pela larga manga e Leonor, de buço corado, balbuciou, não posso, à minha família apraz-lhe que a nossa casa seja esta, em Olinda, e não a vossa, no Bairro do Recife; senhora, não entendo, a minha é a vossa casa, André Figueiredo Dias replicou rispidamente, Leonor tem uma casa, Vidal Rabelo contestou, a casa

da mulher é a de seu marido, André Figueiredo Dias esclareceu, permitimos o casamento para que vossa senhoria entre nesta família e seja parcial das nossas posições, Vidal Rabelo encolerizou-se, os lábios em til, replicou, ainda que de coração mortificado, entre uma esposa que amo e a minha honra escolherei esta, André Figueiredo Dias retorquiu, juntará o legado de seu pai ao nosso, os Cavalcanti, os Figueiredo, os Olanda, os Barbalho, os Albuquerque, os Vasconcelos, os vossos filhos herdarão a maior fortuna em terras, engenhos de açúcar e manadas do

Pernambuco, tornar-se-ão os maiores proprietários, junte-se-nos vossa senhoria, confirme o que o altar já uniu, Vidal Rabelo exasperou-se, fixou Leonor, o olhar chamejando de amor e raiva, uma armadilha, uma trapaçaria?, inquiriu, Leonor lacrimejou e, contra a decência, abandonada ao desejo, exclamou, oh, meu amor, desconhecia os intentos dos tios, presumira cedências familiares que ora se goravam, Vidal Rabelo mirou de novo os olhos da amada, neles detectou sinceridade, fora enganada, ele fora enganado, despediu-se de Leonor com um adeus triste, beijando-lhe as mãos

delicadas de filha de senhor de engenho, nesta despertando vivas lágrimas.

Morte dos pais de Julinho no Maranhão I

Julinho – Júlio Telles Fernandes –, filho de d. Violante Telles e Álvares Fernandes, sepultara os pais junto ao altar, grades a dentro, da igreja de Santo António da cidade de São Luiz, no Maranhão, e partira para Olinda, fora seu pai que, despedindo-se da vida, o aconselhara, houvesse por bem, sem demora e em pleno acordo

prosseguir com rapidez e afinco o desejo de seu pai, abençoado pelo doce olhar de sua mãe; d. Violante, igualmente em estado derradeiro, dizia que sim, alçando o suave dedo para o Sul, como se mudamente assinalasse que Julinho deveria partir para Olinda após o finamento e sepultamento de seus pais. Julinho, como filho filial, tudo cumpriu.

Desconhece-se a causa da morte dos pais de Julinho, Álvares Fernandes considerara a vida esgotada, fiz tudo o que tinha a fazer, dizia ele a d. Violante, esta replicava, eu também, filho tivemos, riqueza fizemos e casa

havemos, Álvares interpôs, e salvámos os reinóis de morrer à fome, esqueléticos, de cadáver ao vento, mirando o céu azul-guiana do Maranhão, d. Violante ripostava, até levantaste uma igreja, que é para poucos, e cataste ouro, que é para quase nenhum, é verdade, permeou Álvares Fernandes, igreja levantada mas inacabada, à espera de autorização bispal, ora não me apetece findar a construção da igreja de Santa Maria de Sintra, padre António Vieira há muito partiu e, com a sua idade, não regressará ao Maranhão, os Peixotinhos e as Esmeraldinhas já se

encontram em Lisboa, os Távoras e d. Jaensen dedicaram-se à venda de boiadas para o Rio Grande do Norte e Paraíba, atravessando o Piauí e o Ceará, Manuel Beekmann desistiu do Maranhão após da morte de seu irmão, Thomas, enforcado no cais do trapiche, crueldade do bispo, com este bispo não me apetece acabar a nossa igreja, Violante, dar-lhe serventia oficial para a ordem da Congregação de Nossa Senhora do Lameirão, exigiu-me, igreja nova em São Luiz só para os congregados de Nossa Senhora do Lameirão; retorqui-lhe, a minha igreja tem patrona, Nossa Senhora de Santa

Maria de Sintra, foi uma promessa, contestou, essa Nossa Senhora não existe, existe Nossa Senhora, a própria, mãe de Deus, que também é Santa Maria, a própria, mãe de Deus, mas Nossa Senhora de Santa Maria de Sintra não tem, teríamos três Nossas Senhoras numa só, não pode ser, é herético e diabélico, e contumaz, rapaz, aprecio a tua fé, mas o listário canonário do Santo Padrário de Roma não o consente, os monges da Congregada de Nossa Senhora do Lameirão desembarcam em São Luiz na próxima nau, os primeiros doze, daqui a um ano chegarão mais doze,

andam sempre às dúzias, fica mais em conta, a compra dos hábitos, o custo das viagens, a pitança do pão, a patena do oleão, o pucarinho do vinho, a picadinha da carninha, o aluguer das mulatas; perdão, o aluguer das mulatas, senhor bispo?, admirou-se Álvares Fernandes, o bispo indignou-se, que ideia nefanda te atravessou a cabeça, homem de mau pensamento, os monges da Congregação de Nossa Senhora do Lameirão não alugam mulatas-mulheres, homem de baixos instintos, alugam mulas-mulatas, mulas baixas, para viajarem, reclamam que Cristo entrou em Jerusalém montado numa

mula-mulata, alugam-nas à dúzia, ou o albardeiro tem doze mulatas-mulas ou não querem, vão a pé, mas calçados, não são como os carmelitas descalços, ordem arrogante e vaidosa, a caluniar todos os que se calçam. Álvares, rapaz, meu filho, avançou o bispo, dás-nos o teu princípio de igreja, e o bispado de São Luiz erguer-te-á hossanas, o direito a assistir a todas as missinhas junto ao altar, grades adentro, enterramos-te mesmo em frente, frente, frente ao altarzinho, a ti e à tua família, jazigo conjunto, lápide de pedra gravada e doze missas por semana para te dar um empurrãozinho

do Purgatório para o Céu, ou vendes a tua igreja inacabada à Congregação de Nossa Senhora do Lameirão, como os monges acabaram de chegar e não têm dinheiro, não, esperas, rapaz, meu filho, talvez daqui a doze anos a Congregada te pague, é capital seguro, se morreres a dívida passa para o Julinho, se não for em doze é em vinte e quatro anos, os frades da Congregada pagam sempre. Álvares Fernandes conhecia de velho e relho o coração dos homens e não lhe deu cuidado a proposta do bispo, escreveu ao seu amigo judeu Aboab da Fonseca, do Pernambuco, que lhe trocara as

esmeraldas e diamantes de Minas por dobrões de ouro, cruzados de prata e vinténs de bronze, vendia tudo, pedra aparelhada, santos, estátuas, mármores rosa e verde, lajes, colunata, vendia tudo para o Rio de Janeiro, para igrejas, conventos, seminários, colégios ou palacetes, vendia tudo, e Aboab da Fonseca, intermediário, comprou tudo, tudo inteirinho e direitinho para a capela-igreja de um senhor de engenho, um tal Leonardo Pardo, e lá foram três urcas de São Luiz para o Rio de Janeiro, transportando o pedrame, o madeirame e o ferrame que durante um ano dera de

comer e alimentara os sonhos a trezentos colonos, nem peanhas, nem estatuetas de santos, bustos de santas, corpos de anjos e anjas, lambril de portal, colunata de capela, mármore de altar, granito de laje ficaram em São Luiz, Álvares Fernandes mandou tudo, tudo de tudo, restou o lugar e a memória, aquele esventrado, um buraco doloroso na Praia Grande, esta dilatada na consciência dos maranhonenses, o governador quis negociar, venda-nos essa pedra, d. Álvares, tratava-o com deferência, não por fidalguia deste, mas por respeito, mas Álvares estava longe, o

pensamento voava-lhe, queria apagar-se de São Luiz, deixar um buraco no lugar da inacabada igreja de Santa Maria de Sintra e evolar-se, esfumar-se, desaparecer de São Luiz, definitivamente, morrer e obrigar Julinho a partir de São Luiz, preto Leonardo dissera-lhe que o Maranhão ia adormecer durante trezentos anos, existe mas é como se não existisse, tem mas é como se não tivesse, foi assim que ele disse, ninguém dá por ele, o Maranhão, disse preto Leonardo, viver no Maranhão é não viver, concordaram mãe-de-santo Genoveva Pia e pai-de-santo Julião, dá para o arroz de caxu e

para a torta de camarão, comer para sobreviver e sobreviver para morrer, o Maranhão vai ser o limbo da vida, o purgatório terreno das almas moribundas, vida para esperar a morte, não dá para trocar, vida e morte são o mesmo no Maranhão, pretos escravos e brancos ferozes, a morte antes da morte, a vida em morte ou a morte em vida, fuja siô, disse Julião, parta, leve d. Violante e Julinho, clamou Genoveva Pia, trezentos anos de morte em pé, acudiu preto Leonardo, daqui a trezentos anos estamos como estivemos, nem mais nem menos, Alcântara celebrar-se-á como

cemitério de pedras e sobrados e São Luiz como a terra da morte lenta, a morte em pé, habitada pela escumalha mais escumalha da escumalha dos brancos, fuja siô, disse Julião, parta, leve d. Violante e Julinho, clamou Genoveva Pia, trezentos anos de morte em pé, acudiu preto Leonardo, daqui a trezentos anos estamos como estivemos, mas Álvares Fernandes já se ria do futuro, não se importava com nada, tinha 60 anos, tinha vivido tudo, a festa da História, o coração da gente, a fé pelas vielas, o amor e o ódio penetrando as almas crentes, povo rude, fora tempo de chegar a São

Salvador, de fugir para Minas e serenar em São Luiz, fora tempo do vir e do partir, do fossar e do acumular, fora tempo do viver, viera agora o tempo do morrer, foi o que disse a d. Violante, agora é tempo de morrer, vamos morrer, já somos velhos, já vimos e já soubemos, já partimos e já chegámos, e de novo partimos, agora é o tempo do morrer, Julinho fica rico com a venda da pedra da igreja, o pó de ouro e os rincões de prata no pau-oco de Santo António, mais uns montinhos de esmeraldas e diamantes sobejados, era o suficiente para acabar a igreja de Santa Maria de Sintra que,

inacabada, sobra o dinheiro e sobram as jóias, mais a venda de três plantações e da casa da Praia Grande, Julinho fica rico, riquíssimo, para o Maranhão seria um nababo, para o Pernambuco não sei, Violante, mas pouco não será, vamos mandá-lo para Olinda, Cidade Linda, refazer a vida, casar-se, montar engenho, Aboab dar-lhe-á um empurrão, é bom ter um judeu atrás a empurrar-nos, empurra-nos na direcção certa, vou pedir a Genoveva Pia que tranque o rumo da nossa vida, morremos os dois, disse entusiasmado Álvares Fernandes a d. Violante, esta acordou, não como mulher resignada

com a vontade do esposo, mas como mulher de vida cheia que tudo ganhara desde aquele longínquo dia em que Álvares Fernandes a comprara às freiras do convento de Nossa Senhora das Mercês, em São Salvador, e com ela se casara, nada mais pedia da vida d. Violante, ambos sentiam as rótulas a rangerem, a força dos músculos a esmorecer, o vigor do passo a estropiar-se, o livor da vista a reduzir-se, a tensão do sangue nas veias a abolir-se, acordaram morrer, juntos, amando-se, damos um ano para testar a Julinho, vender as três plantações e morrer, disse Álvares Fernandes, é,

disse d. Violante, morreremos daqui a um ano.

O tabelionário Notário Natário

Assim foi, Álvares Fernandes afastou-se do bispo, afastou-se do governador, afastou-se da reinolada radiante dos colonos, d. Violante dispôs do futuro das suas cinco mucamas, libertando-as, a cada uma doando marido trabalhador e cafua para viver, à Madre de Deus, cinco cafuazinhas, terreno comprado, madeiras amazónicas e telhas

portuguesas acartadas, depositadas no lugar da futura casa, Álvares Fernandes chamou à Praia Grande o Notário Natário, velho e amodorrentado, carcomido de reumático do Mearim, passinho miúdo lento, andar imóvel, boneco mexendo os pés sem sair do local e, de repente, estava aqui e já estava ali, Álvares Fernandes ofereceu-lhe a sua liteira e dois escravos, para selar uma velha amizade, Notário Natário, o tabelionário, agradeceu-lhe, comovido, sem mulher, sem filhos, sem fortuna, arrastava-se o Natário entre o cartário e o casário, viera degradado para o

Maranhão pela Inquisição, não, não sou cristão, pareço mas não sou, sou cristão-novo, judeu velho, Natário é o meu nome cristão, o mais parecido que encontrei com Nataniel, nome de meu pai, Samuel é o meu verdadeiro nome, Samuel Mendes o meu nome completo, fui denunciado em Coimbra por um familiar da Inquisição como discípulo confesso do dr. Homem, o judeu lente de Direito na Universidade, levaram-me a tormento em Lisboa, confessei tudo, sempre fui muito cobarde, sofri o potro e a polé, e no fim, como confessei, reconciliaram-me com o credo da dita Santa Madre Igreja,

filhos da puteja, perdoe-me este desbragamento, d. Violante, há quarenta anos que me cuido e guardo, falando para dentro, não me deram a escolher, os povos do Maranhão exigiam da Real Cabeça um escrivão bacharel para o cartório, o frade inquisidor meteu-me na nau, vais para o Maranhão, ó cagalhão, foi assim que ele disse, és muito perspicaz para não seres contumaz, rapaz, vais para o Maranhão, é como ir para Sião, nunca mais te vemos, que a terra te seja de breu, ó judeu, mas levas novas ao bispo, que te aprazará e vigiará, se claudicares regressas no porão

direitinho para os Estaus, nem o processo reabrimos, rapace e contumaz, herético e nefético, esperamos o primeiro auto-de-fé e metemos-te no tronco, carne assada de judeu não há cristão que não goste – e aqui fiquei, aguento o Maranhão há quarenta anos, não me casei porque não há judias nem cristãs-novas, não conspurco a minha semente em carne cristã, não enriqueci porque todos saldam os meus serviços pagando-me o pouco que é muito no Maranhão, deu para a minha casita, o meu cartório, duas escravas que envelheceram comigo, todos os anos o bispo, pela

calada, me lança uma devassa, notário, tabelionário, casário, tudo revistado, ai de mim que não tivesse a Bíblia e o Santo Lenho bem apuradinhos pelos cómodos, quarenta anos de tristeza, amigo Álvares; não sabia, disse este, ninguém sabia, amigo Samuel, deixe-me tratá-lo pelo seu verdadeiro nome, o que deve ter sofrido, adiantou d. Violante, o único judeu com quem falei foi Aboab da Fonseca, quando o amigo Álvares o trouxe a São Luiz, sim, sim, foi há cinco anos, quis levar-me consigo, não aceitei, agradeci mas não aceitei, não tenho idade para me aventurar no Recife, juntar-me à

comuna, partiriam para Nova Amsterdão, no Norte da América, Aboab da Fonseca quer levantar a primeira sinagoga da América do Norte, já levantara uma na América do Sul, no Recife, o que ia fazer com eles?, morria pelo caminho, atiravam-me ao mar, não, não, quero morrer em terra, com terra leve ou pesada quero morrer em terra, nem as orações judaicas sabia, foi uma vergonha, à frente de rabi Aboab, sempre que queria orar a Adonai saltava-me a boca para Deus, Cristo e Santíssima Trindade, filhos da putade, Aboab abençoou-me de mão aberta sobre o

meu rosto, oh, que felicidade, que fascínio, foi como sentir de novo a bênção de meu pai, é esta a minha reza agora, todos as noites sinto a mão aberta de Aboab sobre o meu rosto e sei que o Senhor está comigo, Aboab deixou-me três orações escritas em português, afiançou-me que podia morrer em paz, nada fizera de mal, sofrera o mesmo destino do meu povo, és um exemplo, Samuel, disse-me Aboab, narrarei a tua vida como exemplo às crianças judias de Nova Amsterdão, foi o meu orgulho, saber que me aconteceu o que acontece a milhares de outros irmãos meus,

Samuel Natário Mendes começou a chorar, perdoe-me d. Violante, um velho que o reumático e a tristeza tinham roído chorava nos braços de Álvares Fernandes, d. Violante enlaçou-o, afagou-lhe a testa gretada, tudo o que Samuel Mendes precisava era de um afago, uma mão terna sobre a cabeça e uma mão de homem a abençoar-lhe o rosto, fora um homem só durante quarenta anos, cuidando do segredo de sua origem, vigiado por bispos administrativos, encarregados da relaçãozinha anual, *ora envio ânua sobre o herético cristão-novo Samuel Mendes, nesta cidade conhecido pelo*

nome cristão de Notário Natário, informando sua eminência o Inquisidor-Mor do Paraíso que, tendo-se procedido à devida devassa do casário, notário e cartário do dito Natário tabelionário nada de comprometedor fora encontrado que ofenda os santos princípios do credo e dos costumes, convivendo o inquirido com as gentes nobres e burguesas de São Luiz, frequentando a santa missa dominical, nela comungando na ala dos confrades de Nossa Senhora das Precisões, assinado, João, Bispo Sabujo Marujo de Todos os Tempos, Capacho

Marelacho de Tiranos e Tiranetes, d. João de Molinetes.

Álvares Fernandes e d. Violante testaram, legando o tido, o havido e o haverido a seu único e legítimo filho, Júlio Telles Fernandes, resguardando a fazenda de Alcântara para, após a morte dos abaixo subscritos, se dividir em partes iguais por todos os escravos da família, ora alforriados, menos as mucamas de d. Violante, que, já forras, casadas, distribuídas serão por suas cafuas à Madre de Deus, Samuel Mendes comoveu-se de novo, o Maranhão não o merece, amigo Álvares, aquela vasta fazenda de

Alcântara, passá-la assim para os seus pretos, amigo Álvares, e libertos, forros, todos forros, tanta cana, tanta abóbora, tanto fumo, tanto gado, vão ficar ricos, amigo Álvares; não ficam, não, amigo Samuel, há-de aparecer aí um branco pé-rapado que os engrola, um atravessador de escravos que os enfusta, um mercador que os enfanica, um governador que os enfeza, um capitão-mor que os enfreia, os pretos não sabem fazer contas, não calculam nem arquitectam, é o ter e o haver, o que há, há, e o que não há talvez apareça, eu sei que estou a dar a minha fazenda de Alcântara a uns reinóis

intrujões que, à custa de manhas e safardanhas, em um ou dois anos se tornarão seus credores, arrebanhando-a, volverão os meus pretos à escravatura, agora por dívidas, o que hei-de fazer?, pede-mo a consciência, tenho-a pesada, fui negreiro, amigo Samuel, agora quero ser branqueiro, tenho a alma negra, agora quero-a branca; já a tem branca, amigo Álvares, tem-na alva, alvinha, álvara, que é o seu nome, não tenha remorso do que fez, amigo Álvares, o que depois também fez, salvando São Luiz da fome, botando os colonos pobres a construir a igreja, pagando-lhes o

suficiente para a comida do dia, salva-o de todos os pecadilhos que porventura houvera de ter cometido, por mim sempre o tive como o mais honroso morador de São Luiz, a sua reputação tremeu quando se pôs a ratear pretos, amigo Álvares, mas logo passou, todos perceberam que o amigo Álvares não queria nenhuma igreja daquela grandeza para pagar uma promessa, queria ajudar os colonos, isso é que era isso, todos inquiriam porque não uma capela adstrita à casa da Praia Grande, todos os colonos ricaços o fazem, agora uma igreja do tamanho de uma basílica, percebeu-se

que era para dar de comer aos açorianos matutos, empobrecidos pela peste, refugiados na cidade, a admiração foi imensa, amigo Álvares, um homem que põe a sua fortuna ao serviço da cidade, esqueça o remorso que lhe leio nos olhos, quem fez o que o amigo Álvares fez mais não pode fazer, é como se o seu dever tivesse cumprido, e quem cumpre o seu dever nada a ninguém deve, nem a Deus, quanto mais aos homens, tenha a consciência limpa, amigo Álvares, o que deu, o que dá e o que depois de morto dará é suficiente para entrar no céu e se sentar à direita de Deus-Pai,

que é como quem diz, de Yavhé-Pai, se mo permite, oh, se permito, amigo Samuel; e a mim, logo a mim, a quem nunca ninguém nada deu, dar-me uma liteira e dois escravos, o amigo Samuel tem dificuldade em movimentar-se, mas trate-me bem dos dois negros, quando o amigo Samuel morrer deixe ordenado o regresso deles a Alcântara para junto dos irmãos, assim o farei, amigo Álvares, talvez seja o amigo Álvares a fazê-lo, o reumático do Mearim não me tolhe só os ossos, tolhe-me também aqui, e apertou o coração, estrebucha todos os dias este malandroque, arranca e

desarranca à vontade, qualquer dia acordo morto, amigo Álvares, disse Samuel Natário Mendes rindo-se, olhe, respondeu Álvares Fernandes, é o que eu quero, acordar morto, isto é, morrer, estou a testar porque daqui a um ano estarei morto, eu e d. Violante demo-nos a nós próprios um ano para morrer; não acredito, amigo Álvares, acredite, amigo Samuel, e morreremos de vida cheia, alegres, um ano é um bom prazo para morrer.

MORTE DOS PAIS DE JULINHO NO MARANHÃO II

Foi assim que os pais de Julinho morreram, não houve causa, directa ou indirecta, não houve distúrbio, apenas um lento desfalecimento, um brando finamento de 365 dias, cada dia mais fraco do que no anterior, não vomitavam, não enjoavam, não enfebriavam nem diarreiavam, apenas uma fraqueza que se estendia, uma pouca vontade de comer, uma debilidade que se dilatava, um desdouramento da pele, privada de brilho, um alassamento dos músculos, um desalentimento do brilhante dos olhos, um afrouxamento da força dos braços, uma desviveza na andadura

daqui para ali, um esmorecimento das pernas no passear, um amortecimento da cabeça que pesa, enfim, um abatimento geral, repercutido por todos os poros, que, acompanhando o estado geral do corpo, igualmente recusavam a transpiração da pele, d. Violante e Álvares Fernandes não suavam, fora este insólito facto que assustara Julinho, não pode ser, os meus pais não suam, não pode ser, como é possível não transpirar nesta quentura fervente do Maranhão?, o que se passa, pai e mãe?, d. Violante e Álvares Fernandes lembraram-lhe carinhosamente o que lhe haviam dito,

preparamo-nos para morrer, fizemos o que tínhamos de fazer, o nosso tempo passou, o tempo que é já não é o nosso, o que será escapa-se-nos, é o momento, a hora, morremos para que outros vivam, tu, por exemplo, após a nossa morte partirás para Olinda, Cidade Linda, refazes a tua vida, já to tínhamos dito, não nos estás a levar a sério, Julinho, tens de aceitar, meu filho, insistiu d. Violante, Álvares adiu, as articulações já rangem, Julinho, o coração aperta-se-nos, as miudezas do bucho estrebucham doidas, estranhas, as coxas flacidam, a gota imobiliza-nos, os quadris chiam, a

queixada desarticula, as pálpebras descaem, a testa encarquilha, os peitos baixam-se gordurosos, o nariz pinga, as orelhas endurecem, os artelhos incham, os joelhos arrocham, a língua saburra, as axilas roçam, a pele refega, os genitais murcham, os dedos esfacelam-se, os lábios gretam, os dentes caem, os pulsos desforçam-se, a palma dos pés entabua, vês, Julinho, para quê insistir em viver?, algo fica por fazer?, não, já fizemos tudo, mais filhos?, não podemos, mais casas?, para quê?, mais dinheiro, terrenos, plantações?, para quê?, fazer mais bem?, evitar mais mal?, já não está nas

nossas mãos, fizemos todo o bem e todo o mal que um homem e uma mulher podiam ter feito, traficámos a escravalhada negra e salvámos os povoadores pobres da fome, agora queremos morrer, a morte vai-se-nos entranhando, comemos menos, andamos menos, pensamos menos e a morte vai fazendo o seu caminho, começando pelo princípio, que é o caminho do fim; não pode ser, pai e mãe, gritou exasperado Julinho, não consinto, vou chamar o doutor, o novo médico de São Luiz, veio com o governador e o bispo; o dr. Domingos Mangancho, solícito, recomendado

pelo governador e pelo bispo, veio de liteira, Álvares Fernandes e d. Violante ostentavam o corpo chupado, sugado pelo desejo de morte, deitavam-se os dois em camas separadas, d. Violante rodeada de santinhos aos pares, os noivos celestes, S. Bento e Santa Escolástica, S. Francisco e Santa Clara Clareada, Santo António não tinha par, presidia ao oratório, d. Violante alegava ser a Virgem Maria o par de Santo António, consoladora do céu e da terra, o menino divino não tinha ciúmes, acolhia-se deleitoso ao colo do santo, chegava-lhe. As cinco mucamas,

rodeando d. Violante, entregavam-se aos responsórios, preguilhando à vez, Leonorata amparava um lenho de pau-pereira benzido pelo patriarca abadal dos carmelianos descalços do Maranhão, frei Inácio Despregado, e beijava-o, ao lenho em forma de cruz, respingando-o de saliva castanha, prometia um dedo ou um braço, o que Cristo Lenhador quisesse, à discrição, um pé ou uma perna, mas salvasse minha sinhá, que a poupara das fazendas dos brancos do sertão e lhe dera a vida consolada da cozinha e da barrela, e à noitinha, às segundas, quartas e sextas, o catre de Julinho,

meigura de moço; Leonoreta, mucama velha, pregava-se ao cabeção de murça do primeiro conegal dos Mercedários de Nossa Senhora do Maranhão, cónego Felizardo, falha-me a relíquia do cabeção do cónego, arengava Leonoreta, se a tivesse sinhá salvava-se, oh, se salvava, como a mim me furtou dos membros erectos dos reinóis e me deu esta vida consolada entre a copa e o terreiro, borrifando pela aurora ramalhetes de muruchi e pelo crepúsculo botões de murubi, ah, cónego Felizardo, que no céu assentaste teu arraial eterno, leva-me um cotovelo ou um tornozelo, à

discrição, um calcanhar ou um maxilar, mas salva sinhá Viante, salva-a, por Óxum e Xogum; Leonorita, caboclinha educada para mucama de mininos, os netos que d. Violante desejara mas Julinho não dera, agarrava-se ao escapulário do ancião dos capuchinhos trapistas de São Luiz, frei Salavissa, e beijava-o, ao escapulário, enrolado em pau-de-rainha, respingando-o de saliva castanha, prometendo a sua nádega cortada, à discrição, a da esquerda ou a da direita, a sua mão amputada, à discrição, a da esquerda ou a da direita, mas salva minha sinhá que me guardou do criatório das senzalas e me

deu vida consolada de bordado e costura, e à noitinha, às terças, quintas e sábados, o catre de Julinho, meigura de moço; Leonorota, mucama meã, a mais branca das pretas, de abundantes seios, como abóboras do Mearim, filava-se à nómina de cetim iridescente onde d. Violante arrecadara uma oração ao beneaventurato S. Boaventura, abençoada pelo antigo geral franciscano do Maranhão, frei Eugénio, e beijava-a, à nómina, respingando-a de saliva castanha, salve-a meu Ventura boi[1], gritava Leonorota, salve minha sinhá, leva-me um seio, orgulho do meu peito, leva-

me dois, tivesse eu três que tos dava para deles almofadares teu assento etéreo, meu santo Ventura boi, mas salva minha sinhá, como ela salvou meus seios de virarem tambores de caixa para os brancos, coxins para avós, balões de polpa para pais e fonte de leite para nenés, eu não me salvava, os meus seios perder-me-iam, mas sinhá libertou-me, liberta-a também do mal ruim, meu santo Ventura boi; Leonoruta, a mais preta das pretas, mucama assisada e benzedeira, armava cadinhos de ervas de espinho, esparzeta um tanto, espiga um quanto, esparto menos, espartela mais, espiche

algum, espécula sobra, esperlima basta, espinhela só por cima, espirema só por baixo, espirra de lado, espoca para granular, espora para amassar, esponge para aguar, bate-se tudo com espátula de espete numa espadareda e leva-se a fogueira de gravetos de espinha-de-bananeira e espinha-de-carneira, sinhá, sinhá, abre o espináculo da boca, greta bem, sinhá Viande, tira o espinico da língua para fora, toma lá, Leonoruta deixava cair uma espítula de chá sobre a língua de d. Violante e esta espevitava, queria de novo viver, d. Violante proibiu Leonoruta de lhe servir a misturada,

Leonoruta não se conformava, suplicava a Omulú que salvasse sinhá, leva-me o dente que me sobeja, a gengiva que o prende, à discrição, mas salva sinhá, Omulú, atôtô balué, atôtô balué, S. Lázaro gaforoso tinhoso, dá-me lepra, dá-me sarna, à discrição, dá-me coruba, dá-me coceira, à discrição, dá-me macota, dá-me lãzeira, à discrição, mas salva-me sinhá, Omulú, atôtô balué, atôtô balué, S. Lázaro gaforoso tinhoso. Dr. Domingos Mangancho foi unânime consigo próprio, é eteguidade (tuberculose), guardem-se do bafo, evitem o assopro, Julinho ripostou, não é, não, é falta de

comida, Leonoreta esclareceu, não tem axé, axé foi-se; chiuu, escrava velha, escapem-se daqui com os vossos axés e oxus, só fica uma, preciso dela para aplicar a untadia dos males a d. Violante, são práticas benzidas de pomadas mercuriais, o bispo já sagrou, cinco reais, o mesmo farei a d. Álvares, não sou fidalgo, miou da cama Álvares Fernandes, não és mas pagas como se fosses, pensou Domingos Mangancho, vens recomendado por governadores e bispos, olará; Domingos Mangancho aplicou a mão sobre o corpo de Álvares Fernandes, escorregando-a ao

longo do peito, está húmido, solução aquífera, comentou, precisa de quentura para remediar a humidade, uma solução de mandrágora, salitre e hematite, um punhado de erva-santa para voejar enquanto sangramos o costado de d. Álvares, não sou nobre, gemeu Álvares Fernandes do fundo da alcova, não és mas pagas como se fosses, pensou de novo Domingos Mangancho, besuntou o corpo de Álvares Fernandes de uma pasta vermelhosa, fecha os buráculos, guarda as forças, conserva o ânimo, ia perorando para Julinho, preciso de nafta e pó de arsénico para matar o

mal; Julinho, não tem em casa pez e pó de arsénico?, claro, respondeu o médico a si próprio, tenho eu, dez reais de abrir a maleta, um real de desrolhar o boião da pasta de breu, um real para desfivelar o atilho do saquitel do arsénico, dois reais para borrar o cadilho, misturando tudo, e água-de-rosas, tem Julinho?, água tenho, de rosas não, não se preocupe, Julinho, tenho aqui uma botelhinha de água-de-rosas, era mesmo do que precisava para encorpar a besuntadura, toma o resto e faz o mesmo à tua sinhá, vá, sus, faz lá; e de fezes, como está o casal seu pai de fezes?, inquiria o dr.

Domingos Mangancho para Julinho, tem aí um cavaco?, um cavaco?, interrogou Julinho, um cavaco das silvas?, não, não, um cavaco de fezes dos seus pais, ah, um cavaco de fezes, umas borras secas de seus pais, os dejectos, mas se Julinho quiser falar à Lisboa então eu pergunto, e de sedimentos fecais de seus pais, como estamos, d. Júlio Telles Fernandes?, não, não é preciso, doutor, fezes está bem; Julinho chamou Leonorata, trouxesse a caca da mãe e do pai, o dr. Domingos Mangancho assobiou, upa, upa, isto não são fezes, são fezezinhas, isto é escória da mais mínima; Julinho

intervalou, não comem, não defecam; ah, um conceito de ignorante, é o contrário, quem menos come mais defeca, os humores circulam sem matéria de solução, engalfinham-se uns nos outros, e, velozes, desaguam no vaso traseiro; se, secos, formam uma farinha vermelhosa-sangue-fogo é dizer adeus, o vivo está morto, a putrefacção começou, é o princípio do fim, o rio que corre para o mar, resta-lhe uma finícula de vida, é a alma a desprender-se, queima o corpo, sai tudo vermelho, até o mijo, pinga vermelho-vivão; se for uma farinha amarelo-bílis, tem um mês, vá lá, dois

meses de vida, o vivo é queimado por dentro em fogo lento, o mal ataca em banho-maria, a podridão começou, o vivo levanta-se, dá uns passinhos, nem vale a pena comer, é gastar pão e galinha, aquilo já não dá nada, é deixar o princípio do desalento fazer o seu caminho, regra máxima: o princípio é o caminho do fim; se for uma farinha branco-pituíba são seis meses, aguenta meio ano, aqui, sim, umas canjas e uns casqueiros podem dar ânimo, a corrupção começou, mas é lenta, o vivo levanta-se, dá os seus passeios lentos, nada de sustos e corridões; se for uma farinha preto-atrabílis, então,

sim, tem um ano, é o que seus pais têm, umas fezes farináceas preto-atrabílis, têm um ano de vida, duram um ano, é ponto e certo, o princípio já começou e o princípio é o caminho do fim. Álvares Fernandes, de corpo ensebado de vermelho da aplicação mercurial, mugiu da enxerga, obrigado, doutor, que alívio, agora estou seguro de que o princípio é o caminho do fim, obrigado, doutor, Julinho, paga ao doutor, ele merece, deu-nos a garantia de que o princípio é o caminho do fim; quanto é, doutor Domingos Mangancho?, perguntou Julinho; ora deixa lá ver, ia murmurando o médico,

liteirinha do palácio do governador para a Praia Grande, pomadas mercuriais, unguentos, elementos, drogas simples do Maranhão, compostos do Ceará, trabalho de misturação e de aplicação, sabedoria de interpretação, ah, não esquecer de limpar a besuntada a d. Violante com água-de-rosas e a d. Álvares Fernandes com água-de-cravo-vermelho, tem água-de-cravo-vermelho, Julinho?, água-de-cravo-vermelho não tem aqui no Maranhão, doutor, eu vi logo, conservo meia barrica em armazém, mando cá um preto trazer uma bacia, ora, onde

íamos?, dez reais de água-de-rosas, liteirinha da Praia Grande para o palacete do bispo, vou lá agora, advieram-lhe umas placas negras nas cruzes, roxas dava para sangrar, arranjei aí um preto que é um cirurgião e pretos, perdão, e peras, mas pretas não, nem lancetar, é mal eterno, só queimado, uns pachos esquentados de fibrilha de caveira, umas raspaduras de fiapo de pau-de-berengueira, eu vou dizer frontalmente a d. Bispo se são pretas é esperar, orar e esperar, ou as placas desaparecem, diluem-se no sangue, corrompendo-o, ou a morte, é mal eterno, vêm das cruzes para a arca

do peito, seguem para as axilas, os bolbos e as fressuras; Julinho assustou-se, o doutor fala de peste?, é de peste negra que está a falar?, eu, d. Julinho, deve estar enganado, por quem me toma, um boatador?, olhe, d. Julinho, tudo, por atacado, duzentos reais; duzentos reais?, exclamou Julinho, não é de mais?, bem, se acha assim tanto, são cem, ficamos por cem e continuamos amigos, com uma condição, eu nunca falei de peste, nem branca nem negra.

O doutor Domingos Mangancho tivera razão, as placas negras esfilhosas tinham feito solene aparição

nos quadris do bispo, o primeiro anúncio da peste negra que, em segredo, rodeou São Luiz três meses antes dos nódulos de carne adiposa e os bulbões de gordura flatulenta galgarem democraticamente a casa dos maranhonenses.

Sob o auspício do pai, Julinho vendera o que houvera a vender, repartira o que houvera a repartir, tratara do que houvera a tratar, partilhara a fazenda de Alcântara pela canzoada dos escravos, ora libertos, casara as mucamas, alforriadas, de cafua própria na Madre de Deus, vendera o casarão da Praia Grande por

completo, com trem de mobiliário, para as monjas entrapadas, as primeiras do Maranhão, da ordem de Santa Rata Honorata, o preço fora baixo, o governador interviera, o Bispo, doente, bafo asqueroso, carnes corruptas, interviera, fora o seu último acto, nem ao funeral de d. Violante e Álvares Fernandes pudera assistir, Julinho não tinha outro comprador, a casa vendera-se a preço de circunstância, o convento recolheria as filhas segundas das famílias de São Luiz sem suficiente dinheiro para o dote, as monjas iam murar o terreiro, cerrar as janelas de gelosias de

andiroba e barras de ferro, reforçar os portões de sólido pau-d'arco preto e duplicar as travessas do tecto de peroba branca, entrapavam-se lá dentro, recolhidas e enviuvadas, sem lobrigar luz de sol ou luar de lua, agasalhadas em rezas e tormentos, aguardando o dia da redenção, isto é, da morte. Julinho retirara-se para a cela vazia de padre Vieira na casa professa da igreja de Santo António, nada o prendia a São Luiz a não ser enterrar os pais, foi o que fez, saindo directamente da igreja de Santo António para o cais, embarcando na *S. Cristóvão,* que, a caminho de Lisboa,

atracava em Olinda.

D. Violante e Álvares Fernandes houveram uma santa morte, de leitos colados, mãos enlaçadas, rodeados de Julinho, das mucamas, de escravos velhos, Leonoruta aliviara o derradeiro momento com uma pitada de vapor de erva-santa, morreram como se adormecessem ao murmúrio de uma litania, cerrando as pálpebras, lentamente, vagarosamente, como a corrente de janeiro do Mearim, retendo na memória eterna a face de Julinho, a calva de Santo António e as barbas grenhudas da estatueta preta de pau-oco de Santo Esculápio, o Larápio; o

diácono, representando o bispo enfebrado, retido na cama pelos emplastros sugadores das placas negras, todos os dias mais negras, ergueu a âmbula, molhando os dedos finos nos santos óleos, aspergindo a santa água bentinha, gaguejando o ritual do repousa em paz, a falta de três dentes frontais atrapalhava-lhe o latim; Julinho dispensara o viático, ordens de meus pais, dispensara a carpição, ordens de meus pais, dispensara o préstito público entre a Praia Grande e a igreja de Santo António, ordens de meus pais, querem descer à tumba eterna em silêncio, enterrados como se

o não fossem, levanta-se a lousa, depositam-se os dois corpos, antes estavam aqui, agora já não estão, ordens de meus pais. Os corpos de d. Violante e de Álvares Fernandes saíram da casa da Praia Grande à noitinha, o sol definhado, como a vida, o céu negrejado, como a morte, transportados em esquifes de prata da Misericórdia de São Luiz, Julinho pegou na estatueta de Santo António e fechou a porta, afagou a dupla almofada desta, bateu com os tacões das botas de carneira no chão e disse adeus à Praia Grande, não voltarei, fui feliz aqui e onde se é feliz uma vez não

se volta, entregou a chave ao diácono, que esfregava as migalhas de tapioca da estola roxa, a cor da morte, entregue-a à abada das Monjas Entrapadas de Santa Rata Honorata, disse, abraçou cada escravo por sua vez, um a um, deu um abraço no ar simbolizando o abraço que daria a Pai Julião, à preta-avó Genoveva Pia e ao Preto Leonardo, pais do vodu, guardiães da tradição negra, aos escravos disse, cada um sabe o seu caminho, é começá-lo no instante seguinte ao enterro dos vossos amos, o princípio é o caminho do fim, proibiu que se chorasse, se arrepanhasse

cabelos ou se clamasse em coro, dançando, ôbá, ôbá, ôbá, ôbá, attattauééé, ôbá, ôbá, ôbá, ôbá, attattauééé. Um luar de veludo benzia a aurora da noite, os irmãos da Misericórdia suportavam aos ombros os varapaus dos esquifes e a mortalha branca dos dois corpos luzia à luz branca da lua: um silêncio infinito, uma estrela a brilhar, uma bela noite para ser enterrado, foi a imagem que se gravou na memória de Julinho, de estatueta de Santo António entre os braços, caminhando à frente da récua de escravos, agora forros, cerca dos ataúdes, galgando a ladeira da Sé a

caminho de Santo António; ascendendo ao Carmo, contemplando da praça o cristal escuro rebrilhante do Mearim, Julinho pensou – o princípio é o caminho do fim, o passo que estou dando é o primeiro de todos os que me levarão a Olinda, como os meus pais queriam e padre Vieira gostaria, quem sabe se Olinda será o fim, quem sabe se Lisboa, quem sabe se São Salvador.

Defesas que foram cortejo e campainhada, ordens de meus pais, virando a Corredoura, o préstito, escassamente iluminado por duas achas mortuárias, avançava em silêncio fúnebre; ao longe, sobre o

sapé dos telhados, Julinho enxergou abismado uma aura de luz, a noite tornara-se dia, o terreiro da igreja de Santo António alvejava, o clarão da lua unia-se ao clarão do adro da igreja, fundidos na mesma graça iluminante, branca, brilhante, radiante, cintilante, rutilante, um fascínio sem fim, como se uma concha de madrepérola luminosa embalasse as almas de d. Violante e Álvares Fernandes a caminho do paraíso, é a mão de Deus, pensou Julinho, onde finalmente descansarão em paz, Julinho desabafava com Leonoruta, é a mão de Deus, Leonoruta, vem acolher meus pais; não

pode ser, replicou Leonoruta, pagã, Deus não vem, Deus manda, manda Oxalá, Senhor do Bom Fim, vestido de luz de prata, carrega a alma sobre as águas, leva-a a porto branco, que é o porto do bom fim. Não, não era a mão de Deus nem a figura recortada de Oxalá, o Senhor do Bom Fim, eram os colonos brancos, a açorianada matuta de São Luiz, as famílias que Álvares Fernandes salvara da fome, empenhando-se na alimentação de trezentos colonos e suas mulheres e filhos, cada um com uma sentinela de cera acesa de luz amarela, oferecida pelo governador, aguardavam a

chegada do préstito na frontaria da igreja de Santo António, oh, como padre Vieira gostaria de estar aqui, pensou Julinho, haveria de se orgulhar do santarrão do meu pai, esse valhacouto de Sintra que veio passar-se ao Maranhão, pensava Julinho meigamente; abram alas, clamou um açoriano picoto de barba ruiva de piolheira, não fora preciso, filas unânimes iam-se voluntariamente afastando, deixando passar, centro do centro, os dois tabuleiros de prata onde, refulgentes, embrulhados em lençol branco sobre estamenha do hábito de S. Francisco, o Pobre, os

corpos de Álvares Fernandes e d. Violante se depositavam como anjos imaculados, Julinho exige, não se fala, não se fala, ordens de meus pais, querem ser enterrados em silêncio, mas a maltosada branca do Maranhão, gente rude, almas crentes, peito cabeludo, esgar de canalha, não se conteve, largou uma salvada de palmas que atroou o Maranhão, embalando o cortejo que penetrava na igreja: seiscentas, setecentas, oitocentas sentinelas de luz, empunhadas por três centenas de famílias, clareando o terreiro, abrasando de quentura o ar morno de São Luiz, penetraram na nave

atrás da comitiva, disseminando-se por todos os poros da igreja, que respirava a uma só cadência, exalando o sopro da vida dos pobres do Maranhão homenageando o seu mais ilustre morador, Álvares Fernandes, e sua querida esposa, d. Violante Telles. Os dois esquifes foram assentados numa essa de peça única de pau-de-ginjeira, castilhos vidrados de prata e bronze, privilégio de bispo e governador, rodeados de quatro círios engrossados de dois braços suportados por tocheiros de ouro; na cabeceira dos dois caixões, ostentava-se a cruz de prata maciça do Maranhão sobre um

montículo de folhas de cravo, de canela e de laranjeira e flores de dália e de crisântemo; toda a noite, um a um, cada morador de São Luiz debruçou-se sobre este monte florido, dele retirava uma folha ou uma flor e, silencioso, passo de gazela, coração de pomba, olhos húmidos de mocho, persignando-se, libertava-a ligeira sobre o corpo jacente do casal. Consumidas as sentinelas de luz, esgotados os quatro círios, os corpos de d. Violante e de Álvares Fernandes revelavam duas colinas coloridas de verde, castanho, branco e amarelo, sepultados em folhas e flores como dois jovens

núbeis – será assim que para sempre Julinho recordará os pais, dois noivos permanentes, esposos eternos, agraciados pelo olor quente das dálias e dos crisântemos, o agro da laranja, o macio do cravo e o ameno da canela, sob a velada luz da santidade de uma vida.

No crepúsculo da aurora, o cansaço pulsando os músculos tendidos do esforço da noite a descoberto, o principal dos jesuítas, o geral dos franciscanos e o abadal dos carmelitas celebraram missa; a pedido de Julinho – ordens de meu pai –, não houvera homilia nem sermão, apenas um

repousa em paz, corpo, invólucro da alma, és terra à terra voltas, cadáver, sepulcro caiado, és pó ao pó voltas; levantou-se a lousa da sepultura rasa, dois esguios buracos escuros nas lajes da nave, grades para dentro, que a lápide de nomes gravados logo cerraria, seis frades jesuítas, franciscanos e carmelitas retiraram os corpos dos ataúdes e depositaram-nos na terra, ajeitando o lençol da mortalha, tapando os rostos de d. Violante e Álvares Fernandes com lenços de cambraia bordados por Leonoreta e sagrados por Leonoruta, carregados de uma cumbra de espíritos

benfazejos que iluminariam o caminho até à morada de Oxalá, Senhor do Bom Fim, aí esperasse d. Violante suas mucamas, aí se ajuntariam sobre as esteiras do céu rendando à moda de bilros. Os frades olharam para o diácono-representante do bispo e para o governador, estes menearam a cabeça e a lápide cerrou-se definitivamente, Julinho ajoelhou-se sobre a pedra conjunta dos pais e beijou-a longamente. Levantou-se, benzeu-se, dirigiu-se à cela de padre Vieira, atirou o alforge para as costas, agarrou na estatueta de Santo António e, de passo traçado, dirigiu-se para o

cais dos trapiches, preparando-se para subir para a barcaça que o levaria ao *S. Cristóvão*.

OLINDA – UMA LUZ INFINITA, UMA ESTRELA A BRILHAR

Céu vazio de nuvens, uma luz infinita, uma estrela a brilhar – foi assim que, num crepúsculo de 1710, da amurada do *S. Cristóvão,* ancorado nos arrecifes, óculo de ver ao longe, Julinho avistou Olinda, assemelhava-se a um santo presépio, fogaréus entre as casas, veredas varando as colinas, rufos de palmeiras verdes abraçando

telhados vermelhos, palacetes coloridos, amarelos, rosas, escarlates, brancos, sangue-de-boi, empoavam as encostas acapinadas, terraços de cinzenta pedra granítica, cacimbas de luzidia água branca, pináculos brancos do Carmo, de São Bento, da Sé e de São Francisco rivalizavam com o sambambaio verde dos leques das palmeiras; o carrilhão do mosteiro de São Bento rugia ave-marias dolorosas, metálicas, metódicas, estrondeava os céus como um pesadelo da razão, o som vibrante arribava à amurada do *S. Cristóvão* e Julinho incandescia a alma, nunca ouvira um carrilhão, nem

mesmo os três sinos da Sé, mais os dois do Carmo, em São Luiz, todos juntos e à uma, retumbavam como aquela praga medonha de ecoantes clangores; entre os estrepitosos embalos gigantes do carrilhão, interpunha-se, suave como uma piririca ondulante, amável como o afago de veludo de uma onda, o ressoar lento e sincopado do sino do colégio dos jesuítas, rente à Sé, as trindades, meu deus, clamou Julinho, são as trindades, padre Vieira ouvira-as pelos amenos fim de tarde, misturadas com o som da cachoeira no Viradouro e o clamor do marulhar das ondas na beira-mar,

padre Vieira narrara a Álvares Fernandes, no bailéu da casa da Praia Grande, a sua eterna saudade de Olinda, a Cidade Linda, e quão doce sempre lhe soubera as trindades tangidas pelo sino do colégio, retemperadoras da alma, Julinho ouvia-as, ou, desejoso, inventava que as ouvia, entre a jactância trovejante do carrilhão. Julinho logo se apaixonou por Olinda, um bom sítio para morrer, pensou, como Sintra, terra de meu pai, o deve ser.

Desembarcado do batel, premindo a estatueta de Santo António contra o peito suado, Julinho depôs o pé na

lama do cais dos trapiches, dando de caras com um cavaleiro que esperava passageiro do *S. Cristóvão*. Julinho inquiriu-lhe, casa de João Nunes Correia?, o cavaleiro redarguiu-lhe, João Nunes foi preso à ordem do Santo Ofício, a amásia deve encontrar-se em casa, à Rua Nova, rente à Matriz da Sé – apontando para cima –, vou para lá, se vossa mercê quiser levo-o na garupa do cavalo, quem eu esperava não veio. Julinho agradeceu, saltou para a garupa, instalou o Santo António no entrepernas, ajeitou o alforge nas costas e o cavalo de Vidal Rabelo partiu.

O gentil cavaleiro que prestes se ofereceu a Julinho chama-se Vidal Rabelo e foi assim, por um acaso feliz, a coincidência que as grandes amizades ou os grandes ódios experimentam, que Julinho, minha personagem d'*A Voz da Terra,* e Vidal Rabelo, personagem d'*A Guerra dos Mascates,* de José de Alencar, se conheceram no trapiche de Olinda, aprestando-se ambos para desenharem o contorno da história do segundo romance com o mesmo título: *A Guerra dos Mascates,* continuação desenvolvida e aportuguesada do primeiro.

Vidal Rabelo fora ao cais esperar o pai, Miguel Rabelo, partido para Belém do Pará a aparelhar-se com um sócio no levantamento de dois engenhos de açúcar, Vidal Rabelo estranha a demora do pai, deveria ter regressado há cinco meses, o filho, agitado, inquieto por tão larga demora, atravessa largas horas por dia na torre sineira do Carmo ou no alcantilado que remata a Rua Nova, tentando vislumbrar, varando o arrecife, embarcação proveniente do Pará. Não vens do Pará?, vieste de lá?, indagou Vidal Rabelo, não, vim de São Luiz do Maranhão, senhor, disse Julinho,

porque me tratas por senhor se eu te tratei por tu?, retrucou Vidal Rabelo, sou um mercador, como toda a família Rabelo, mercadores abastados, Julinho explicou, no Maranhão quem assim veste são os Távoras, fidalgotes de linhagem, eu não o sou, já to disse, nobres são estes de Olinda, nós, lá no Recife, apontou vagamente para a restinga de terra povoada junto à costa, somos mercadores, atravessadores, marcantes, negociantes, almocreves, tropeiros, e com basto orgulho, é o que o meu pai é, os daí, apontou com desprezo para o casario de Olinda, chamam-nos mascates, mascateiros,

mascatéis, vendedores ambulantes de porta a porta, carregando réstias de alhos e cebolas, burros de carga com cabazada às costas de roça em roça a vender quinquilharia, como se todos os recifenses o fossem, chegas na pior altura, prosseguiu Vidal Rabelo, estes mazombos de Olinda ofendem-nos; não vim para guerrear, disse Julinho, sou homem de paz, não quero saber de guerras, já tive as minhas, vieste para quê?, perguntou Vidal Rabelo, meus pais morreram e eu abandonei o Maranhão, nada me prendia a São Luiz, o Maranhão é terra pobre de povo pobre, então vieste para

enriquecer, é o que todos querem quando descem do barco e se alojam no Recife, venho para enriquecer honestamente, não para guerrear, então vais tornar-te mascate, ou mascate e livre, ou criado de fidalgos falidos de Olinda, vais ter de escolher… como te chamas?, Júlio Telles Fernandes, no Maranhão todos me chamam Julinho, eu chamo-me Vidal Rabelo, posso perguntar-te porque vais para casa de João Nunes?, continuou Vidal Rabelo, o meu pai escreveu ao Aboab da Fonseca…, o rabi?, sim, esse, mas o Aboab já partiu do Pernambuco há uns bons anos, eu nem o conheci, só ouvi

falar dele, partiu com os holandeses; pois, exactamente, soube agora no barco que o Aboab já tinha partido de Olinda, recordei conversas de meu pai com padre António Vieira, era eu pequenino, havia um tal João Nunes Correia, já te disse que o João Nunes foi preso à ordem da Inquisição, seguirá para a Bahia, não o verás nunca, as acusações são muito fortes, de São Salvador é recambiado para Lisboa, não volta ao Brasil, se se livrar da morte no tronco é degradado para Luanda; o que fez esse João Nunes para merecer tal castigo?, interrogou Julinho, vive para o

dinheiro, é um homem escabroso; todos os homens vivem para o dinheiro, replicou Julinho, confortando o Santo António entre os joelhos, Vidal Rabelo objectou, o João Nunes não sabia de outra existência que acumular dinheiro, acumulá-lo e mais acumulá-lo; espero que a mulher dele me receba por uns tempos; não a mulher, a amásia, receber-te-á, Julinho, desde que pagues, receber-te-á.

Vidal Rabelo e Julinho passaram a ponte do Varadouro, subiram a ladeira e entraram na Rua de São Bento, olha, esta é a Rua de São Bento, a Rua Nova é a seguir, a minha Leonor vive aqui,

em São Bento, a casa de João Nunes já se avista, é aquela ali ao fundo, de sobrado, chiuu, cala-te agora, Julinho, aqui é a igreja da matriz e naquela casa ali, grande, caiada de vermelho sangue-de-boi, mora a minha Leonor, vamos passar por baixo das rótulas, vislumbro-a entre as tabuinhas da rótula, Vidal Rabelo tropeou o cavalo, forçando-o a resfolegar e a tropejar os cascos no empedrado, Leonor, alertada pelo estrepitar das ferraduras na pedra preta, assomou à varandinha, debruçou-se no balcão, beijou o lencinho de cambraia que segurava entre as mãos e jogou-o

enamoradamente ao esposo, que o beijou enamoradamente, morto de amor por uma paixão proibida, nele aspirando o suave perfume de jasmim-voador de Leonor, uma porta bateu na câmara, e esta retirou-se apressadamente.

Eis-nos, disse Vidal Rabelo, batendo forte as palmas das mãos, Julinho desceu do cavalo, ajeitou o Santo António entre os braços e bateu novas palmas. Da porta grossa de jupitatá emergiu uma mulher medrosa, escasso cabelo branco encarapinhado, pústulas sebosas sobre as pálpebras, manchas de verrugas lancetadas espalhadas

pelo queixo, orelhas escuras de tacões de pó, regos negros salpicantes elevando-se sobre o destaque dos lábios, gretados de seco, quem é lá?, perguntou a mulher, de cabeça de fora, corpo recolhido, Vidal Rabelo apresentou Julinho à concubina de João Nunes, Francisca Ferreira, mulher de Manuel Ribeiro, oleiro do Recife e português de Atouguia, Nazaré, mandado para Lisboa em recados do João Nunes e regressado cornudo, João Nunes está preso no aljube à ordem da Inquisição da Bahia, murmurou Francisca Ferreira, como se ainda não acreditasse, fiquei para aqui

sem dinheiro nem provisões, os familiares do Santo Ofício levaram tudo, pago-lhe a estância, deixe-me ficar até o João Nunes regressar; com as acusações que o devassam, João Nunes não volta mais, segue para a Bahia, se não para Lisboa, Francisca Ferreira inquiriu para Julinho, é o fidalgo judeu?; nada, sou filho de portugueses, venho do Maranhão; passe-me dez reais e use a sobreloja, presto-lhe uma refeição por dia, eh lá, mulher, exclamou Vidal Rabelo, dez reais!, aprendeste com o teu amásio, virando-se para Julinho, dê-lhe três e sobra, não aceite conduto das mãos

dessa trapeira, ainda o envenena de besuntez, vá comer ao bodegueiro, à Rua da Ponte. À despedida, Vidal Rabelo disse a Julinho – és um homem sério, Júlio Fernandes, um homem que anda com uma estatueta de Santo António ao peito é um homem sério. Procura-me se as atribulações te afligirem.

João Nunes, o onzeneiro

João Nunes Correia, cristão-novo de Olinda, irmão de Diogo Nunes Correia, senhor de engenho de Paraíba, também presente à devassa do tribunal

do Santo Ofício, natural de Castro Daire, Viseu, filho de Manuel Nunes, mercador, e de Lucrécia Rodrigues, afiançava não ser pecado dormir com mulher solteira, mameluca ou negra, desde que fossem pagas, era um serviço, um negócio de homens precisados, a Mesa da Inquisição admoestou-o severamente, sofria do mal de boubas (sífilis), pegado voluntariamente às prostitutas, que por outros o difundiam. João Nunes Correia, exportador de açúcar – o ouro branco dos engenhos do Pernambuco e da Paraíba – para Lisboa, era, para falar inteiro, o piorio da ralé, da

choldra, do enxurro, da escória, da escumalha de Portugal, o português canalha de todos os tempos, o que da Índia só conheceu o dobrão de ouro e da Madeira sugou a terra de massapé ao esgotamento, da Guiné explorou a cafraria e de Luanda a escravaria, colonizou São Tomé e Príncipe com crianças judias raptadas aos pais, de Timor chupou o sândalo à exaustão e de Macau só soube da árvore das patacas, um malandrete de primeira, um bandido merecedor da sorte que teve, e de outra pior se a houvesse e não constituísse desagravo e vingança de reinóis falidos, João Nunes,

safardanas, verme piolhento, levantava a vida em redor do metal sonante, um chatim, um traficante de dinheiro, um subornador de posições e estatutos, de privança com os mandões, capacho sujo, adulador e bajulador, insinuando-se de um lado para ganhar do outro, aí onde o negócio, o dinheiro e a influência se acolhem, o português fujão das taxas e impostos, tratante de ajustes directos com único objectivo do lucro, João Nunes é um capadócio burlador de amigos, um capanga trapaceiro que não sabe perder, sempre que perde, ganha, porque jogara para perder, um brunho de

enfeudar interesses, um bufão falador pleno de empáfias e manhas, lançador de iscos e viscos para passarinhos inocentes caírem na sua rede de capão, João Nunes é um cangalho rabo-de-pau que o pior da avidez mercantil do açúcar levara para o Brasil, um cananeu e um filisteu, um ananias e um vê-se-te-avias, um aforrador de riqueza para louvá-la e contemplá-la, não gastá-la, um biltre sem lealdade para com o amigo, sem honestidade para com o próximo, um infame papagueador do mal alheio, do defeito alheio, do vício alheio, Nunes era um homem sujo, não se lavava nem

mudava a braga, não areava os borzeguins, não lustrava nem vincava as pantalonas, desbastava as unhas à dentada, acumulava grelão pulverizado no côncavo dos entrededos, fedia acres humores miasmáticos sempre que se desabrigava do gibão ou alçava os braços macacóides, deixando correr sobre o vermelhão da pele regos sucosos cujo olor ácido e baforento a todos sufocava por asfixia, menos ao João Nunes, habituado ao ar respiratório cozido de míjidas repurgadas, fervidas e acinzentadas, e, como escreveu o queixoso, Cristóvão Pais de Áltero, senhor de engenho de

Santo António da Várzea de Capibaripe, «o dito João Nunes, tendo de seu para mais de 200 mil reais, é costumado andar sempre vestido como qualquer homem pobre, de baeta safada e cotovelos rotos», só uma vez apareceu, continua o Áltero, «na boda da filha de Duarte Sá, haverá dois anos, vestido de festa, com calções e jibão *[sic]* de cetim», e outra, quando, arrematando o recebimento das dízimas reais sobre o sal e a pimenta no Pernambuco, apareceu frente ao governador e ao Senado da Câmara «de veludo lavrado», «com roupeta de gorgorão e jibão *[sic]* de seda». A

homem assim, de nádegas amerdadas de caca seca, efeito de contínuas pulverizações, cabia o pior trato que em Olinda se podia ousar – o de traficante de tapuias que os sabujos catrapujos capitães-do-mato aprisionavam no Agreste, arrastando para o rateio de Olinda, que João Nunes administrava, exigindo àqueles mais índios, sempre mais, cada vez mais, principalmente índios da serra da Ararobá, vendidos em leilão a escravocratas da Bahia; com os lucros do açúcar e da venda de tapuias, João Nunes aforrou o suficiente para se candidatar e ganhar o cargo de

almoxarife da cobrança de dízimos reais de Olinda, atravessando mensalmente as ruas, dos Afogados, da Boa Vista e do Recife com cinco cabras-do-mato cancheadistas, capangas ferozes de peito largo cabeludo cinturado de punhal e catana, exigindo a décima e o dobre do que se tinha e do que se não tinha, presumido na cabeça de João Nunes que se deveria ter, e se não se tinha para pagar João Nunes dobava o novelo de falsas promessas, afoitando-se a emprestar o faltado sob hipoteca de casa, de moenda, de ganadaria, de engenho, de roça, de escravaria preta,

prontificando-se a pagar pelo devedor com uns jurinhos de 20 a 30% ao ano, este o mister por que João Nunes se tornara mais conhecido em Olinda, o de onzeneiro. José António Gonçalves de Mello, em *Gente da Nação – Cristãos-Novos e Judeus no Pernambuco, 1524-1654,* esclarece-nos sobre o regime da onzena: «Entendia-se por onzena o ganho excessivo tirado do dinheiro, acima do geralmente adoptado. Os contratos onzenários eram, como a usura, em geral, considerados crime e as Ordenações Manuelinas, vigentes no Reino e no Ultramar ao tempo da

acção de João Nunes no Pernambuco, proibia-a no respectivo Livro 4, título XIV, em termos peremptórios: ‘Nenhuma pessoa de qualquer estado e condição que seja não dê ou receba dinheiro, prata ou ouro ou qualquer outra quantidade pesada, medida ou contada a usura, por que possa haver ou dar alguma vantagem, assim por via de empréstimos, como de qualquer outro contrato de qualquer qualidade, natureza e condição que seja e de qualquer nome que possa ser chamado. E aquele que o contrário fizer… perca todo o principal que deu para haver o dito ganho… e mais será degredado

por dois anos para cada um dos lugares de Além(-Mar)'.» Os senhores de engenho, carecidos de dinheiro corrido para carrear nova escravaria, renovar a sementaria e lançar a safraria da cana, odiavam João Nunes, mas dele precisavam, afiança o alcaide-mor do Pernambuco, Mateus de Freitas de Azevedo, chamado a depor à mesa do tribunal, declarando em auto ser João Nunes «mui poderoso nesta terra e fazia e desfazia quanto queria e a justiça e todos da terra faziam tudo o que ele queria, a torto e através», e Domingos Carvalho, criado do ouvidor-mor do Estado do Brasil,

António Coelho de Aguiar, declarou para a acta que João Nunes «por ser rico e poderoso, os da governança e grandes da terra fazem o que ele quer», e Beatriz Nunes, mulata, escrava do mesmo ouvidor-mor, registou que João Nunes «era muito poderoso e tem muito dinheiro e todos no Pernambuco fazem o que ele quer e manda», tal como António Barbosa, que é da governança de Olinda, asseverara que «sabe e vê que o dito João Nunes é muito poderoso no Pernambuco e todos, assim cristãos-novos como cristãos-velhos, o buscam e lhe obedecem e fazem tudo o que ele quer

e manda». Vivendo João Nunes em explícita concubinagem com Francisca Ferreira, enviou Manuel Ribeiro, marido desta, para Lisboa em trato de negócios, para melhor se amancebar com a mulher do desditoso Ribeiro, este, regressado, apresentou queixa ao ouvidor de Olinda que mandou o meirinho prender João Nunes, e tanto este entrou no aljube logo os padres da Companhia de Jesus vieram bichanar aos ouvidos do ouvidor e a rogo dos jesuítas João Nunes foi solto, convencendo o ouvidor-mor de que o dito marido de Francisca Ferreira nunca se casara com esta, nem a dita

com o dito, quando todos sabiam que ambos se tinham casado na igreja da Madre de Deus, para que prova houvesse de que o casamento nunca fora realizado, o tombo respectivo, que ao mundo provaria existir o que não podia existir, desapareceu da relação das cédulas e tombos constante do documentório da vara eclesiástica de Olinda; o desditoso Manuel Ribeiro, assim falsamente alegado marido da Francisca Ferreira, recebeu de João Nunes 40 reais em ducados de prata e pôs-se na alheta de Olinda, só atrapalhas, cala-te e põe-te na alheta, disse o João Nunes em jeito de

despedida a Manuel Ribeiro, ó safardana, cabeça de banana. Numa quinta-feira santa, morte do Cristo crucificado, João Nunes saiu de casa à Rua Nova «vestido todo de novo, ele que ostentava os cotovelos rotos e a baeta safada, de gorgorão, botas novas lustradas a sebo de vaca, chapéu novo e capa nova de esmaeta, com camisa de marquesota e av(b)anos novos, num dia em que os cristãos vestiam roupas chãs e sem espada», mas ele, sim, ele «trazia espada, de coto rebrilhante de madrepérola encastoada de pintilhos de prata e ouro»; Bernardo Velho, seu vizinho cristão, devedor falido, sem

pecadilho nem defeitilho, denunciou João Nunes ao padre Francisco Pinto Doutel, vigarial da freguesia de São Lourenço da Mata; este, mancomunado com o ouvidor da vara eclesiástica, devedor a João Nunes de 100 reais, mandados para Lisboa a vencer jurinhos no agiota da Rua Nova dos Ferros, escreveram ao visitador-mor da Inquisição, ora estante em São Salvador, que, habituado a assédio de denúncias de vizinhos rancorosos, pouco ligou, não considerando prova suficiente para devassa e prisão de João Nunes; porém, porque sempre o rancor e a vingança encontram trinados

para o seu desforço, estava-se neste entretém de carta para a Bahia, resposta para o Pernambuco, quando, preparado há muito o molho, o caldo se entornou, levantando Olinda em peso contra João Nunes, mormente os seus credores que, aprazada a data da onzena, careciam de reais para a liquidar. Pêro da Silva, hoje também designado Pedro da Silva ou Pires da Silva, pedreiro, ao retelhar uma câmara da casa de João Nunes, vira um crucifixo no cómodo onde este fazia as suas borras, e, à noite, na bodega, meio sorvido, embeiçado pelo grelo da Chica Tortuosa, a Dengosa, tratara de

ampliar a sua descoberta, comunicando-a a gritos cristãos indignados; na manhã seguinte, meia Olinda sabia da nova e o Áltero levou a nova para o Recife, acrescentando-lhe que «quando o dito João Nunes se assentava no servidor, a obrar seus feitos, dizia contra o dito crucifixo, tomai lá estes bofidos»; Pêro da Silva, dois dias após, apareceu na bodega com 50 reais no bolsilho a acenar para a Chica Tortuosa, a Dengosa, a desdizer o que antes dissera, mas o que fora pública voz levara-a a fama e já nada, ninguém, nem a força do dinheiro, conseguia estancar a

algazarra que, como vento encanado, circulava sobre o estranho obrar de João Nunes no servo-mudo de sua casa; João Nunes, conhecedor pela barregã Francisca Ferreira de que o rumor não cessava, ordenou a prisão de Pêro da Silva, assim foi feito pelo meirinho, com a alegação de difamação e injúria, João Nunes foi ao aljube persuadir o pedreiro velhaco a perambular por Olinda e pelo Recife desdizendo de novo o que da primeira vez dissera, mas Pêro da Silva, sentindo a falta da Chica Tortuosa, a Dengosa, disse que não e que não, que nunca havia de desdizer «por mais

peitos (queixas) lhe dessem», tendo-lhe o aguazil dado ordem de soltura vinte dias após, já que carregar Pêro da Silva para tribunal seria agravar mais a boataria, virando-a em papel registado. Mas o caldo já fora entornado, os ressentimentos afloravam, o princípio não se travava, e o princípio é o caminho do fim, o sedento brilho de vingança iridescia no olhar dos olindenses contra a colossal fortuna desonesta de João Nunes, ascos recalcados ascendiam abertos, clamava-se na rua, às escâncaras, contra o «maldito» João Nunes, alguém teria de dar o primeiro passo e acusar

directamente João Nunes ao ouvidor, acusá-lo de papel passado, este passo foi dado pelo padre Simão de Proença, vigário de Itamaracá, que o acusou de, ora por uma vez, possuir «um espírito familiar em um anel, o qual o dito João Nunes tinha para ganhar em seus tratos e tudo lhe suceder bem e escapar dos perigos e não poder ser ferido», ou seja, acusava João Nunes de ter um pacto com o demónio, acrescentando, como prova, que o dito acusado «nunca se confessa senão pela Quaresma, e no fim dela», mais, «que é público onzeneiro e inventor de ardis e subtilezas de onzenas e há dele público

escândalo». O ódio calcado pela força omnipotente do dinheiro fundira o temor dos perseguidos de João Nunes, raça de víboras a ele semelhante, cuidando em segredo das suas atribulações; franqueado o dique da punição pública, ora apareciam todos a castigar o antigo castigador: apareceu ora por uma vez António de Almeida, o Leva-na-Peida, criado de Ambrósio de Abreu, de Viseu, senhor grande do engenho de São Paio, devedor de grossa quantia ao réu, relatando que «ia muito a casa do dito João Nunes com recados do dito seu amo sobre papéis e mercancias e notou

nele que sempre lhe viu a porta de sua câmara fechada com chave, a qual ele trazia consigo, e não deixava entrar nela ninguém», e, mais, que «residindo vai para dez anos no Pernambuco, nunca o declarante vira, ora por uma vez, João Nunes entrar na igreja e ouvir missa»; apareceu ora por uma vez João Velho do Rego Florido, principal de Olinda, senhor grande de dois engenhos, «homem de honra e verdade», narrando que Pêro da Silva lhe dissera em segredo de vinho, a ele e à Chica Tortuosa, a Dengosa, que das travessas do telhado vira João Nunes mictar para o rosto do Crucificado,

soletrando estas sacrílegas palavras – «já suais?», adindo o testemunhante que em todo o tempo que vivera em Olinda não vira o dito João Nunes mais de dez vezes na igreja (levantara as duas mãos, mostrando os dedos anchos) e que indo a sua casa, ora por uma vez, nela não encontrara nenhum livro santo senão um in-fólio brochado intitulado, lembrava-se muito bem, *Proverbii Ecclesiastes et Cantica Canticorum Salomonis, Liber Sapientiae Ecclesiasticus Jesus Filii;* apareceu, ora segunda vez, Pêro da Silva, chamado a depor em auto solene, confirmando que consertando

uma câmara em casa de João Nunes achara um servidor cheio de borras coberto por uma capa de baeta velha e que pelo cómodo detectara uns painéis de Flandres (pinturas flamengas levadas pelos holandeses para o Pernambuco durante a ocupação batava), indicando assim, depois do pacto com o demónio já registado, uma ligação entre João Nunes e as heresias protestantes, e que, vendo aí João Nunes, ele, o testemunhante, lho estranhara muito, apontando para um oratório com crucifixo destacado abandonado sobre uma cantareira, João Nunes respondera que aquilo era

coisa de servos negros (esta a defesa de João Nunes, deixando de negar o facto); ora por uma vez apareceu Pedro Clemente, capitão da nau bacalhoa francesa, contara que, procurando o dito réu a uma segunda-feira, o dito lhe resmungara, inquirindo-o porque não viera no dia anterior, e quando este respondeu que não o fizera por ser domingo, dia santo, João Nunes irara-se, bufando que para ele domingo não era dia santo (tripla acusação: à de pacto com o demónio e ligação com o protestantismo, somava-se agora a de judaísmo, que só reconhece o sábado como dia santo); apareceu, ora por

uma vez, um antigo criado branco de João Nunes, Fabião Rodrigues, de Castro Daire, vindo com seu senhor para o Brasil, confirmou nunca o dito réu usar «rosário na mão» ou «livro de rezar» e passar «os domingos ocupado» em suas contas e suas mercancias, como próprio de outros dias, e se saía de casa ao domingo era para andar na Rua Nova a «negociar seus tratos como se fora dia da semana», e se entrava na matriz era para «buscar alguma pessoa para com ele, na mesma igreja, no seu átrio, negociar e tratar seus negócios»; apareceu, ora por uma vez, o segundo

criado, Mateus Lopes, pardo, filho de negro e de índia, que reconfirmou o antes delatado por Fabião Rodrigues, branco, jurando que «nunca vira o seu senhor, o dito João Nunes, jurar por Cristo ou pelos santos, mas sempre por Deus», prova evidente, para o colégio do tribunal, do criptojudaísmo do réu. O céu dos homens, também chamado moral da Igreja, caiu sobre a cabeça de João Nunes, que, defendendo-se, não convenceu a mesa da inocência e foi enviado para Lisboa para ser julgado; aí, a força de 200 mil reais abriu rachas no céu dos homens, João Nunes foi liberto sob fiança.

Pago o catre por um mês, tragada uma cuia de sopa de abóbora maltesa, Julinho, desconhecendo a história de João Nunes, aboletado em casa deste e na exacta câmara deste, adormeceu rememorando a primeira imagem de Olinda – um céu vazio de nuvens, uma luz infinita, uma estrela a brilhar – é aqui que serei feliz, disse Julinho para as faces carmim-beato de Santo António, deitado a seu lado, enroscado nos seus braços, aqui haveremos de ser felizes, Santo António.

Esclarecimento do título deste romance

Julinho resguardou o alforge numa colcha velha de pintilim, sorveu uma sopa de ruibarbo acolchoada de nacos de pão caceteiro que Francisca Ferreira lhe preparara e saiu para Olinda, procurando que fazer. Não era mister meter-se em baiucas nem com bufarinheiros e seu intento não era outro que pôr a bom recato a estatueta de Santo António, e por tal avançou para o convento de São Francisco, de que, como o pai, fora irmão da Ordem Terceira no Maranhão. Julinho calcorreia a Rua Nova e a Rua de São Bento, mirando as sacadas opulentas dos palacetes dos senhores do açúcar,

reconstruídas após a devastação da guerra contra os holandeses, e os casarões arruinados, pedra preta incinerada sobre preta pedra, que os mazombos, perambulando nos seus engenhos do sertão, não mais tinham reconstruído. Ajeitando o jaleco, amarrotado pela estatueta de Santo António, Julinho demorara-se pela berma do alcantilado da Rua de São Bento, aspirando o odor verde selvagem de Olinda e espreitando a restinga de areia carregada de sobrados burgueses do Arressife, a cidade mauriciana, desenvolvida como fortaleza e porto comercial pelo conde

Maurício de Nassau durante a vintena de anos da ocupação holandesa do Pernambuco. Julinho, à borda da escarpa, lobrigando o horizonte num só olhar, admirando o casario geométrico e as ruas cheias do Recife, sentiu pela primeira vez o esboroamento decadente da Olinda aristocrata, flor do velho Pernambuco, em contraste com o crescimento mercantil do Recife, flor do comércio burguês do novo Pernambuco, Julinho viera para ser feliz em Olinda, mas talvez só no Arressife, ou no Recife, como hoje dizemos, restinga de areia e arquipélago de ilhéus grudados, o

conseguisse, onde o movimento das ruas destoava do silêncio e da flor de cuidado de Olinda, substituídos pela tratatia e contratataria dos negócios. Julinho hesitava, avançava para o convento de São Francisco ou alugava cavalo e punha-se a caminho do Recife, terra mais povoada e acaseada.

José de Alencar fez o que apenas um grande escritor é capaz de fazer: antes do seu romance, escrito em 1870, não existia a Guerra dos Mascates, e, hoje, todos, no Pernambuco, falam dela como se em efeito tal guerra, assim mesmo, dos mascates, tivesse de próprio existido na História – é

espantoso como um texto literário pode mudar a face de uma cidade, fazendo emergir, através da sua transparência, que não raro opaca é, um novo sentido para a história; foi o que fez Alencar, combinando por letras e palavras uma nova perspectiva da capitania colonial do Pernambuco de princípios do século XVIII, cuja, com o título adequado, «Guerra dos Mascates», passou a ser o que até 1870 não eram senão sedições, sublevações ou, mais correntemente, «altercações do Pernambuco». Romanticamente, e lucidamente, Alencar uniu todos esses –ões, vinculando-os a um só nome,

«Guerra dos Mascates», e como a um só nome corresponde uma só coisa, tornou uno o que fora plural e avulso, alterando radicalmente o seu sentido e apondo no designativo os vencedores desta guerra. Por este motivo, alguns historiadores brasileiros actuais, falhos de romantismo, não aceitam este título, fazendo ver que designar esta guerra «de Mascates», se guerra houve e se assim podemos designar três levantamentos de moradores, ora de Olinda, ora do Recife entre 1710 e 1711, é prestar eterna vitória aos vencedores, os mascateiros do Recife, filhos dos portugueses de Portugal;

mais justo seria, alegam, classificá-la com o epíteto dos que não só a começaram como dela foram os vencidos, os mazombos ou membros da açucarocracia de Olinda, presumidos aristocratas, filhos dos portugueses do Brasil ou bandeirantes do Agreste, da Goiana, da Paraíba, senhores de engenho. Por isso, para dar um exemplo esclarecedor, o nobilíssimo e competentíssimo historiador brasileiro Evaldo Cabral de Mello publicou um volumoso livro que intitulou *A Fronda dos Mazombos – Nobres contra Mascates. Pernambuco, 1666-1715,* onde não só

refuta a correcção do título de Alencar como impugna o carácter de guerra *sctricto sensu* atribuído aos levantamentos pernambucanos, designando a totalidade do processo por *Fronda,* evidenciando a existência de uma coligação conservadora ou aliança elitista ou senhorial, sediada em Olinda, contra a aliança entre o rei de Portugal e os reinóis ou portugueses miúdos assenhoreados do Recife. Sujeitos desconfiados, picuinhas do quotidiano, desmemoriados da esperança, os historiadores travam hoje o passo ao que o romantismo acrisolado de Alencar tão

magistralmente enformara como a verdade histórica, como se por não ter existido um presbítero chamado Eurico de passo a narrativa de Herculano fosse menos séria, menos rigorosa ou, mesmo, menos verdadeira.

Sentado ao lado da estátua do mascateiro pobre de pé descalço, no Recife, eu, Miguel Real, lançando a minha bandeira sentimental contra o malefício da história espiolhada, decidi-me a reescrever hoje *A Guerra dos Mascates,* provando de novo, cento e trinta e cinco anos depois, que Alencar, literato e não historiador, possui do coração da gente o senso

agudo e iluminante que transforma a matéria-bruta que os historiadores esquadrinham no verdadeiro sentido da história – a criação de símbolos que, na sua simplicidade complexa, mas não menor verdade, arrebatam os povos, forçando-os a excederem-se. Como descendente de mascateiro, tenho de clamar o que o sangue pede que clame – só a lenda habitada no coração da gente vive e se multiplica! Por isso, os Senhores Leitores, crentes como eu no futuro da fantasia e da beleza, deixarão para trás, como fura-sacos, os historiadores oficiais, marmanjos da academia da minúcia, e

seguirão comigo na trilha da alvorada, abrindo caminho interessado ao renascimento romanceado da Guerra dos Mascates, começando pelo princípio, que é o caminho do fim: quem são os mascates, quem são os mazombos.

MASCATES E MAZOMBOS

Como classe presa por outra ou homem humilhado por alheio, o Recife, bairro, respirava por Olinda, cidade, pulmão engasgado de minúscula gorja; no Recife habitavam os mascates e em Olinda os mazombos. Julinho admira

os altos sobrados do comércio mascateiro, esguios que o terreno é escasso e o Bairro do Recife um ilhéu, desembarcadouro de acolhimento de reinóis, os portugueses do reino, chegados com uma mão atrás e outra à frente, autênticos fura-vidas, escarnecidos pelos opulentos senhores de espessos bigodes, os mazombos, que, passivos, deixando os fura-vidas furarem, partiam-se-lhes os dentes quando careciam de dinheiro para a safra e a compra de escravaria e só os mascates detinham o santo dinheiro para lhes emprestar a juro de lei.

Evaldo Cabral de Mello, historiador

escrupuloso e nada romântico, esclarece em 1995 o esclarecimento de 1870 de Alencar: «O africanismo *mazombo* designava o filho de português nascido no Brasil, sendo assim o equivalente da voz *criollo* na América hispânica, cujo correspondente lusitano, 'crioulo', era reservado aos negros nascidos entre nós [brasileiros]. […] dado o banto 'mazumba', ou donzela, [mazombo devia ter sido] empregado desde o começo em sentido pejorativo pelos africanos daquela procedência chegados à América portuguesa. O mazombo seria etimologicamente o

donzelo, isto é, o delicado, o apaparicado ou o afeminado, não necessariamente na acepção de tendência sexual, mas de estilo de vida, que o apartava do trabalho manual ou do trabalho *tout court* próprio dos escravos. Nada há aliás de surpreendente em que 'mazombo', originalmente depreciativo, viesse a ser utilizado como orgulhoso colectivo de naturalidade na segunda metade do século XVII. Idêntica transformação passara-se com outro apodo com que se agraciavam os naturais da terra [do Pernambuco], o de 'pés rapados', que seguramente se originou entre os reinós

[os mascates de proveniência portuguesa] radicados no Brasil. Com efeito, a intenção injuriosa é intrínseca a todos esses termos, na medida em que eram postos em circulação não pelos grupos que designavam, mas pelos outros estratos sociais. 'Pés rapados', como se sabe, fizera alusão inicialmente à propensão manifestada pelos mazombos, quando da guerra holandesa, de andarem descalços e sumariamente vestidos nas ocasiões de peleja. Empregado em relação aos pró-homens de Olinda pelos seus adversários mascatais, visava evidentemente a ridicularizar as

pretensões estamentais de indivíduos que, na perspectiva realista dos homens de negócios, não passavam de pobretões arruinados ou a caminho de sê-lo.»

Eram estes mazombos os fidalgos do açúcar, réstia aristocrata herdeira dos nobres e aventureiros provindos de Portugal há cento e cinquenta anos com o capitão Duarte Coelho, primeiro governador do Pernambuco, senhores de engenho, açucarocratas, que Handelmann, na sua *História do Brasil,* escrita em 1860, dez anos antes de Alencar escrever o seu romance, explica o que significava nos tempos

de princípios do século XVIII: «A posse de uma fazenda de cana com engenho e refinação dá uma espécie de nobreza entre os fazendeiros; só se fala com toda a consideração de um senhor-de-engenho, e vir a sê-lo é ambição de todos. Um senhor-de-engenho é, em geral, de forte corpulência, o que significa que se alimenta bem e trabalha pouco; quando ele está no meio dos seus subordinados, e mesmo entre os seus iguais, empertiga o peito, levanta alto a cabeça e fala forte, com aquele tom de voz arrogante que indicia homem habituado a mandar sobre grande

número de escravos, feitores e empregados – Quando aquele que ocupa tal posição é o que deve ser, isto é, um homem de fortuna, que sabe portar-se, pode-se então considerar o título de senhor-de-engenho no Brasil tão alto como os títulos de nobreza no reino de Portugal.» Assim, os mazombos eram os moradores dos palacetes de Olinda, reconstruídos após a vitória sobre os holandeses; a maioria, sugada pela guerra, que o rei de Portugal em nada auxiliara, não tivera suficiente cabedal para os reconstruir, permanecendo na casa-grande dos engenhos do interior,

possuindo câmaras em casa de fidalgos familiares para estanciarem por Olinda. Sugados pela guerra, sugados pela abrupta queda da arroba do açúcar no mercado europeu por concorrência com a entrada do açúcar proveniente das Antilhas espanholas, os mazombos do século XVIII foram incapazes de competir em riqueza com os seus patriarcas do século XVII, guardando na lembrança de pais e avós a antiga esplendorosa opulência. Frei Manuel do Salvador, seu parcial, retrata bem o tempo de abundância dos nativos pernambucanos: «Quem não come em baixela de prata, passa por

pobre; as mulheres consideram os vestidos de seda e cetim de pouco valor se não são guarnecidos com os mais ricos bordados, e enfeitam-se de tantas jóias como se chovessem pedras preciosas; os homens, por seu lado, acompanham todas as modas e usam ufanos punhais e espadas cravejadas de brilhantes; nenhuma das caras iguarias de Portugal ou das ilhas podia faltar à sua mesa. Em suma, o Pernambuco quase não parece um país da terra; tanto quanto dependa da riqueza e da prodigalidade, parece a imagem do paraíso.»

O padre António Gonsalves Leitão,

partidário dos mazombos e fidagal inimigo dos mascates, descreve a origem social humilde destes em *Sedições do Pernambuco:* «Posto que alguns portugueses para o Pernambuco viessem que, já pela sua educação, já pelo seu nascimento e já pela índole de que eram dotados, faziam justiça aos naturais do país e fraternalmente os tratavam, eram um número tão limitado que se perdiam no meio do turbilhão de aventureiros aurissedentos que, todos os anos, nus e miseráveis, aportavam no hospitaleiro Pernambuco. Desta gente, pois, a mais abjecta de Portugal, ignorante e

sobremaneira mal-educada, abundava esta província. Chegando ao Pernambuco, estes forasteiros conseguiam, a troco de algum trabalho pessoal, adquirir quatro ou seis mil-réis; com este fundo, compravam cebolas, alhos, etc., etc., e carregados destes géneros saíam a vender pelas ruas e freguesias do interior. Deste giro mesquinho, se procediam bem e não se embriagavam continuamente, os seus patrícios [que tinham como eles principiado, por exemplo a actual família Rabelo, que Julinho conheceu quando aportou a Olinda] os livravam, fiando-lhes fazendas [panos] para

venderem aos moradores do campo e, assim, arvorados em *mascates,* em breve aqueles estúpidos, que em Portugal nem para criados serviam, tornavam-se capitalistas e, esquecendo-se de seus princípios, julgavam-se superiores à nobreza do país [os *mazombos*] que tão benignamente o acolhera e que, entregue ao honorífico trabalho agrícola [os engenhos de açúcar], os honrava e favorecia liberalmente em todas as ocasiões.»

Como os açorianos emigrados para o Maranhão no século XVII, os mascates constituíam a mole de portugueses

miúdos construtores do Império, sujando as mãos em negócios da China, contrabandeando canela em Malaca e pimenta em Ormuz, negreiros em Luanda e feitores em Cochim, extorquindo o ouro na Mina e a canela em Ceilão, degredados em Timor e mercadores em Macau, sertanejos em São Paulo e bandeirantes em Minas, eram, ao fim e ao cabo, Portugal expandindo-se, arraiando na imensa mata, levantando fazenda ou roça, plantação ou canavieira, engrossando a «burra» (o baú) de aforrar para mais tarde regressar, orgulhoso, impante, bazófia, o filho ou o neto em Coimbra

a estudar leis; mascates tinham sido os pais de Julinho, a mourejar no ermo desamparado de Engenho Novo, na Bahia, a faiscar prata em Ouro Preto, a mercanciar em São Luiz, ostentando na cabeça e na língua, como negreiro ou como mercador, pobre ou rico, bexigoso ou saudável, canalha ou generoso, o nome de Portugal, estendendo este às longínquas terras asiática, africana e brasílica; mascate era a totalidade do povo português, bruto, ignorante, baixo, entroncado, cabeludo, sujo, fura-vidas, capataz e feitor, humilde se por baixo, soberbo se por cima, avaro e generoso, amigo e

inimigo, dócil e cruel, pródigo e bárbaro, acanhado e feroz, sorridente e grosseiro, confiante e interesseiro, cristão e pagão consoante as circunstâncias. A maioria dos mascates do Recife tinha sido criada de dentro dos actuais mazombos de Olinda, ou dos seus pais; mascates enfezados e miseráveis, calcorreadores das trilhas de Itamaracá, do Agreste, do sertão, tinham-se tornado os actuais potentados ricos do Recife, como Miguel Rabelo, pai de Ávila Rabelo, Simão Ribas, Miguel Correia Gomes, deste lembravam-se os pró-homens do Senado da Câmara de Olinda que

«ontem nos deu águas às mãos e nos serviu à mesa por muitas vezes», e Joaquim de Almeida, serviçal de copa e recado dos Cavalcanti; mascate tinham sido os judeus Diogo Fernandes e Branca Dias, Bento Teixeira, pai do primeiro poema épico brasílico, *Prosopopeia,* Bento Dias Santiago, que tinham lançado o império do açúcar no Pernambuco, mascates os que abriam as terras ao mundo, exportando e importando, construindo barcos, alugando-os, segurando-os em cartéis improvisados, tornando-se mercadores de porta aberta, por atacado ou varejo. A terra do

Pernambuco, a sagrada terra que todos ambicionavam possuir, fora assenhoreada pelos pais e avós dos actuais mazombos, ganhando sesmarias pelo extermínio dos tapuias, ordem de Mem de Sá e Benevides, ordem de Duarte Coelho capitão e governador, ordem de Coelho e Albuquerque, governador, ordem de Bernardo Vieira de Mello, sesmeiro, engenheiro (dono de engenho), capitão-mor, sargento-mor, mazombo, caudilho da Restauração Pernambucana, herói de Palmares, herói de Voares e Alares, e suprema ordem, por todo o mundo obedecido, o Rei de Portugal, que em

seu nome assinara e subscrevera por ordem de Sua Santidade, o Papa, àqueles de meus servidores que, arrostando peleja, lograram terra para a minha coroa, furtando-a aos arrenegados pagãos tapuias eu, majestade omnipotente, alçando a minha real pena, lhes concedo o usufruto vitalício e a posse eterna na Terra até à ressurreição dos mortos, porque Deus ainda não me concedeu pastagens no céu para que por meus súbditos possa repartir, signatura, Rei de Portugal. Não tendo acesso à posse livre da terra, os mascates permaneciam eternamente mascates,

impossibilitados de aceder ao estatuto de senhor de engenho. Porém, manha da História, passando a perna aos senhores grandes, escasseando-lhes o engenho e arte por que o mundo se move, a História trapaceara-lhes a vida, como escreve o padre Gonsalves Leitão, parcial dos mazombos: «Em poder desses forasteiros ou mascates residia todo o comércio; eles portanto eram os que supriam os engenhos [dos mazombos] e também os únicos que [no porto] recebiam as caixas de açúcar. No fim das safras, cada senhor de engenho devia uma soma considerável ao mascate que o tinha

suprido [financiando-lhe a compra de escravos, de novas canas, de gado, de víveres] e então este inflexível credor instantemente o apertava, dando-lhe a escolher ou pagar-lhe no ano seguinte o duplo do que devia, ou entregar o açúcar a quatrocentos reis cada arroba, que ele remetia aos seus correspondentes na Europa à razão de mil e quatrocentos reis. Qualquer destes dois negócios arruinava infalivelmente o miserável agricultor, mas tendo os mascates monopolizado a compra de açúcares, outro remédio não tinham os tristes pernambucanos que se sujeitarem à vontade do

opressor europeu [o mascate, que viera de Portugal]. Desta sorte, tornaram-se em poucos anos os mascates grossos capitalistas.» O padre Leitão, parcial, não esclarece que aos mascates fora vedada a compra de engenhos; só por dívida ou arrematamento em leilão, devido a falência ou incumprimento de taxas ao governador, a eles tinham acesso, e se os mazombos não estivessem há muito arruinados poderiam ter-se tornado, como na Bahia, exportadores de açúcar. Porém, o doutor Manuel dos Santos, médico, parcial dos mascates, escreve que os «recifenses nunca deveram aos

senhores de engenho e raríssimo será o senhor de engenho que a eles não deva cabedal bastante», acrescentando: «É o Recife o principal objecto de emulação (por lhe não chamar ódio) dos moradores de Olinda e da maior parte dos filhos da terra, sendo a causa o verem que, vindos os filhos de Portugal, que nele habitam, pela maior parte pobres e por não perdoarem a trabalho, chegarem a adquirir pela sua indústria (a que eles – os mazombos – chamam roubos) os cabedais que os filhos do Brasil pela sua ociosidade (para não dizer preguiça) costumam esperdiçar. E considerando depois

disto que de força se hão-de valer deles pelo seu remédio, tanto de fazenda como de dinheiro e de tudo mais que necessitam (porque entre os paisanos [mazombos] não acham este préstimo), como não medem os gastos pelos cabedais que possuem, senão pela desordem de seus apetites, ajuntando dívidas sobre dívidas e fazendo-se remissos na paga, vem a resultar, depois de venderem os postos que ocupam e ficarem sem bens por penhorado neles, tornarem a raiva desta sua incúria aos recifenses, a quem devem. E como a indigência lhes não faça perder os brios, têm por

menoscabo de sua fidalguia não o deverem mas sim a violência com que por justiça os fazem pagar.»

O CONVENTO DE SÃO FRANCISCO PARECE UMA REPÚBLICA

Ajeitando o jaleco, prendendo fortemente Santo António no braço esquerdo, Julinho varou a Rua de São Bento e desceu a Ladeira do Carmo, torneou o convento do dito, subiu a Ladeira de São Francisco, batendo sólido na aldraba do convento dos frades mendicantes. Julinho esperou que o frade-porteiro lhe abrisse o

postigo e lhe inquirisse o que dali era havido, mas enganou-se redondamente. Imprevistamente, as duas portadas abriram-se com estrépito e três frades armados de clavina apontaram para Julinho, quem és tu, espião do Sebastião?, demandou-lhe um frade de rosário enrolado no cano do mosquete; filho do satanás Diogo, que queres tu da casa de Deus seráfico?, inquiriu-lhe outro frade, de cordão de três nós encaracolado no bastão da espingardela; quem és tu, que queres tu, mandante do Sebastião, o Caldas?, invectivou o terceiro frade, de crucifixo pendido do gatilho. Julinho,

aturdido, três bocas de arma apontadas à arca do peito, tartamudeou, assinalando a estatueta, como se por milagre esta o pudesse salvar, Júlio Telles Fernandes, morador no Maranhão, chegado na carreira a Olinda, ontem, venho suplicar guarda para o meu Santo António. Quem te mandou, malsão dum cabrão, a quem queres tu enganar, vilão madorrão?, clamou o frade do rosário enrolado no cano do fuzil; o que queres saber, cachobe, filho de um bode?, perorou o frade de cordão de três nós encaracolado no bastão da clavina, matamos já este catabraz, filho do

traidor Barrabrás?, é um favor que fazemos a Deus e ao mundo, ameaçou o terceiro frade, fazendo sinal de que puxaria o disparador. Por Deus e Nossa Senhora de Santa Maria que sou homem de paz, não tenho outra tenção que cuidar do meu santo, espólio único de meu pai e de minha mãe, augurando com ele subir o degrau do altar, se me casar, e a seu lado ser enterrado, por ninguém fui mandado e a ninguém devo ordens, não sei de quem falais nem por que causa sou ameaçado, mas se o meu Santo António não cuidais de guardar, que estaria disposto a pagar o tempo e o cuidado, deixai-me acometer um

mister onde vencer algum real, partirei e em outro convento ou casa de privado hei-de arranjar refúgio para o meu rico santo. Os três frades remiraram-no, indecisos, inspeccionando o corpo de Julinho, buscando armas escondidas para além do chumaço do punhal enfiado entre o cinturão de couro e o cós das pantalonas. Entrai, exclamou o frade de rosário enrolado no cano do arcabuz; desculpai-nos, mas toda a cautela é pouca, espiões do governador Sebastião Castro Caldas e do trânsfuga herege, apóstata renegado, frei Diogo das Chagas Purificadas, é o

que mais tem havido, acolitados pelo desviado Porão Escorço, o Dois Olhos, exclamou o frade de cordão de três nós encaracolado no bastão do mosquete; podeis contar connosco se as tuas palavras são verdadeiras, senão…, bradou o terceiro frade, fazendo sinal que puxaria o crucifixo, engatilhando a bisarma. Julinho entrou, a medo, tem-te que não te tem, sentindo atrás de si as duas portadas castanhas arremessarem-se estrepitantes contra a caixaria dos batentes, correndo o ferrolho, prendendo a tranqueta e rodando a dupla chave. Julinho explicou que chegara a Olinda e

procurava casa onde instalar-se e mister onde trabalhar, dormira em casa de João Nunes, uh, uuiiuuuuuh, urraram os três frades, persignando-se, benzendo Julinho, vens de lá bufarinhado, exorcizai-o, chiou o frade de rosário enrolado no cano do bacamarte, abençoai-o, guinchou o frade de cordão de três nós encaracolado no bastão da trangalhadança, cheiras a porco marrão, carregas maus espíritos, disse o frade de crucifixo pendido do mangalho do jamalho. Julinho explicou que não sabia quem era João Nunes, pela minha alma, fora meu pai, pela

minha alma, a recomendar-me a Aboab da Fonseca, pela minha alma, este não estanciava já em Olinda, recordei vozes de meu pai falando com padre António Vieira, por minha alma, um tal fuão João Nunes, pela minha alma, não sou judeu, pela minha alma, não tenho nada a ver com judeus, pela minha alma, só conheci um, lá em São Luiz, o Samuel Mendes, conhecido cristãmente por Natário Notário, pela minha alma, Julinho percebeu que os frades se tinham amaciado quando ouviram o santo nome de padre António Vieira, simulou zanga, zanga rota, bato ao portão, venho em paz, buscando lugar

santo, saltam-me três frades, ameaçam-me com três clavinas, disponho-me ao que venho, chamam-me judeu, réprobo, endemoninhado, excomungado, endiabrado, arteiro, herético, mandante de Sebastião Castro Caldas, que nunca conheci, não conheço, Julinho forçou a gorja, engrossou o cachaço, quero ir-me embora, abram o portão; forçando o pé no embuste, Julinho começou a gritar, deixem-me partir, quero ir-me embora, quero sair, esta não é a casa de Deus que eu buscava, é um refúgio de frades marotos, macotos e malandrotos, apontava para as três armas, vós não sois quem sois, não

sois franciscanos, trajais de burel e calçais alparcas mas não sois franciscanos, filhos do céu, o seráfico era todo ele paz, o povorelo todo ele donzelo, o frater todo ele pobreza, lindeza, honesteza; os três frades, calmando Julinho, rogaram-lhe que não gritasse, frei Maria do Amor Divino dorme seu repouso, não o acordais, ali Julinho seria bem recebido, ele e o seu santo, acolhê-lo-iam com cuidado merecido, a ele e ao seu santo, o culpado fora o trânsfuga herege, réprobo e renegado, frei Diogo das Chagas Purificadas, matelo, filho de um cadelo, matão, filho de um alão,

matinho, filho de um raposinho, por isso gane, neto de uma mula, por isso zurra, irmão de um cão, por isso matreiro; mas quem é esse?, lançou Julinho. Quando os três frades, ansiosos e mexeriqueiros, acometiam a resposta da boca para fora, eis que despontou frei Maria do Amor Divino da sombra de um portel, esquálido como um lingote, pálido como um moribundo, comprido como uma travessa, nariz adunco como um salomão, sobrancelhas armadas como um turco curdo, beiças grossas e vermelhas como polpa de caju, olhos tachas de estanho maldosas e ruinosas,

fixava os dois punhos fechados na cava do peito, como se este lhe doesse; os três frades armados desviaram-se, baixaram as cabeças, e o frade emergido, tocando com a mão lívida na calva de Santo António, disse para Julinho, o que procuras encontrarás, meu filho, leio nos teus olhos, o que procuras encontrarás, resta connosco, deposita teu Santo António na charola do altar da capela do santo e fica connosco, precisamos de homens, Lula, Lula – baleou para dentro –, vem acomodar este viajante que Nossa Senhora do Aviso nos enviou, guinchou de novo, Lula, Lula, vem

acomodar este viajante que Nossa Senhora do Aviso nos enviou.

Frei Maria do Amor Divino, prelado eleito pelo cabido do convento contra o abade enviado do reino, frei Diogo das Chagas Purificadas, rebelara o Brasil contra Lisboa, exigindo uma província da ordem governada por brasílicos, proibindo a entrada no convento de frei Diogo das Chagas Purificadas; os frades mais velhos, prenunciando separatismo, retiraram-se do convento para o ascetério de Nossa Senhora do Amparo, à saída de Olinda, e o abade reinol abrigou-se no domicílio do bispo; frei Maria do

Amor Divino, excomungado pelo bispo a instâncias de frei Diogo das Chagas Purificadas, anatematizou estes dois, reordenando, em cabido popular, de voto de mão no ar, a administraria do cenóbio. A contenda nasceu quando frei Diogo das Chagas Purificadas anunciou que lhe fora ordenado por Lisboa que no convento não entrariam mais brasis, nativos da terra, as necessidades de missionação e os cargos de autoridade seriam supridos pelos franciscanos reinóis, uma naveta com dezenas de monges prestava-se para deixar Lisboa a caminho do Pernambuco; noviços da terra,

brasílicos, não, se quisessem aderir à ordem por comendas e cargos honoríficos ou como conversos, pagando, claro está, teriam direito a cela, oração e comida, enterro no claustro da ordem, mas autoridade não; e brancos vilões, servos, pobretanas, podiam entrar como servidores, não como noviços. No cabido que acolhera tais novas, frei Maria do Amor Divino exaltara-se, perguntando que porco sabujo tal ordenara, frei Diogo das Chagas Purificadas replicara com um breve do Santo Papa, que postulara regras extraordinárias para os conventos do Novo Mundo,

desamparados de monges da Europa e entregues à devassa da fé, não por malícia mas por ignorância, sublinhara frei Diogo das Chagas Purificadas, carecidos de professores de teologia, de sacramentaria, de liturgia, de cerimonial, de latim, de parenética e de parentética. Frei Maria do Amor Divino, de braços soltos, comentara quererem os portugueses servos e dinheiro, obediência e riqueza, posição e vacaturas, não deixando aos brasílicos vontade e liberdade, e, irado, assanhado pela benevolência evidenciada pelo rosto sereno de frei Diogo das Chagas Purificadas, fez

escândalo: os prelados franciscanos, de peida arrolada em Lisboa, distribuem lugares e vacaturas consoante amizades e privilégios, enchendo a bolsa de dobrões, para o sobrinho do bispo de Atouguia, uma prelazia na Bahia, para o filho natural do bispo de Vila Real, uma abadia em Cabo Real, e os irmãos brasilienses, arrostados pela quentura do mato, sangrados pela onça, pela febre, fedidos pelas cacimbas pútridas, calcinados pela moscataria, tanta como um matadoiro, é como atirar aos tordos, tantos que se acerta sempre em um, nada tinham para si, nem posto,

nem chefia, nem comando, ou seja, nem vontade nem liberdade. Frei Diogo das Chagas Purificadas invocou as três regras franciscanas, pobreza, castidade e humildade, isto é, obediência, e frei Maria do Amor Divino mandou-o catar macacos, assim mesmo o disse, vá catar macacos ali ao Agreste, irmão abade, falho de liberdade, pobres somos e seremos, castos somo-lo, outros fomo-lo, que as precisões ditam a vontade, e obedientes temo-lo sido, servindo a todos os abadais, conegais, bispais, vigariais, principais e prelaziais que sua majestade el-rei nos manda, o Conselho Ultramarino aprova

e sua santidade despacha quando está obrando no servo-mudo. Frei Diogo das Chagas Purificadas alçou os braços a S. Francisco, cerra teus ouvidos, nosso Santo, que tão rudes palavras não firam tuas aurículas sagradas, e, virando-se para frei Maria do Amor Divino, exigiu que este se retractasse na cela, se supliciasse, se penitenciasse com o crisol de bola de chumbo, que enrolasse o cordão de três nós em torno do corpo, apertando-o mais, sempre mais, o primeiro nó no peito, cingido ao coração, enroscado, sangrante, até o coração martelar e o baque, de funesto, lhe ecoar na cabeça,

ferindo-a, o segundo nó em torno das vergonhas, atado ao membro infecto, inibindo-o da função mictória, o terceiro nos joelhos, pele contra pele, osso contra osso, esfregados até arroxearem, de pés imóveis. Frei Maria do Amor Divino ergueu-se do escano, chamou trânsfuga herege, réprobo e renegado a frei Diogo das Chagas Purificadas, pediu aos irmãos do cabido votos e vontade, obedecemos a este trânsfuga herege, réprobo e renegado ou levantamo-nos em conselho que, livre e voluntário, se governa a si próprio?, obedecemos a Lisboa ou à nossa consciência

inspirada pelo Espírito Santo?, e os monges maioritariamente clamaram a uma só voz, Somos franciscanos do Brasil, Somos franciscanos do Brasil; frei Diogo das Chagas Purificadas levantou-se do cadeiral e saiu do convento, seguido dos monges velhos, refugiados no ascetério de Nossa Senhora do Amparo, experimentando novas receitas de doce de papaia e um enfeite de goiaba sem açúcar nem mel, só com o suco natural da fruta. Frei Maria do Amor Divino sentou-se no cadeiral vago escutando o cabinado de monges, que, excitado, clamava em coro unânime, Somos franciscanos do

Brasil, Somos franciscanos do Brasil.

Julinho e Lula Aparecido

Ouvida a história, Julinho, nativo do Brasil, deu o seu acordo às hostes de frei Maria do Amor Divino, podias viver cá, disse-lhe o frade de rosário enrolado no cano do arcabuz, ficas aqui connosco, deprecou o frade de cordão de três nós encaracolado no bastão do bacamarte, torna-te servidor, como o Lula, o Lula é um servidor, disse o frade de crucifixo pendente do gatilho, acompanha os monges e serve-os, faz o que eles não podem fazer,

obrar nas obras, plantar, semear e colher, desbastar e ceifar, cortar e arrepiar, lavar e cozinhar, pescar, caçar e comprar, receber a renda dos foros não, orar sim, copiar no cartório não, amassar o pão sim, aceitar o dinheiro da safra do açúcar dos nossos engenhos não, enfim, é um servidor, serve-nos e fica contente, ficas na cela do Lula, onde cabe uma alcova cabem duas, comes com o Lula, onde come um Lula comem dois, rezas com o rosário do Lula, onde rosaria um rosariam dois. Julinho olhou para Lula e este, de barba capelada de uma semana, as cãs a branquearem-na, a

testa sobressaindo, escondendo dois olhos amigos, nariz grosso sobressaliente, dentinhos brancos a espreitarem sob os lábios, sorriu-lhe, fica comigo, disse Lula, quando os dois nos cansarmos do trabalho enxergamos o laranja do sol e o prateado da lua, restauramo-nos no claustro do convento penetrado pelas sombras e pelo silêncio das bananeiras, cortamos uma fruta-pão e repartimos entre os dois, tu falas do Maranhão e eu do Pernambuco, tu falas do pai que tiveste e respeitaste e eu da mãe que me morreu e eu desejei, depois erguemo-nos e amassamos os

dois o pão, sorvendo goladas de vinho da missa, surripiado do cântaro sagrado, vai ser bom, qual é mesmo o teu nome inteiro?, Júlio Telles Fernandes, filho de Violante Telles e Álvares Fernandes, eu chamo-me Lula Aparecido, filho de um sertanejo dos Cavalcanti e de d. Aparecida, crioula do mato, nasceu pobre, viveu pobre e morreu pobre dando-me à luz, é o nosso destino, que eu quero mudar, por isso junto-me a frei Maria do Amor Divino, para que os pobres também possam ser reis, e se agora o não formos um dia o seremos, os Cavalcanti trouxeram-me para a

cidade, um dia vim aqui reparar uma banda despregada do retábulo de frei António do Rosário e o antigo prelado pediu-me para cá ficar, Cavalcanti pai pedira-lhe para me receber, fiquei cá a servir, sou o faço-tudo do convento, lavrador e jardineiro, varredor e pintor, entalhador e ferrador, cozinheiro e lavadeiro, aguadeiro e padeiro, sou o zelador, fica comigo, Julinho, posso tratar-te assim?, sinto-me só quando o crepúsculo cai ou a alvorada se levanta, preciso de amizade quando a tardinha esmorece ou o negrume anoitece, rezamos a dois ao teu Santo António e à minha Santa

Aparecida, e ao domingo, quando os monges se recolhem, vamos os dois caçar a anta, catar o amendoim ou pescar o charão ou, se para aí estivermos virados, lançamos botas a caminho da baiuca a perdermo-nos no entrepernas da Chica Tortuosa, a Dengosa. Dos frades, que os conhecia de São Luiz, Julinho nada queria, mas a voz bondosa e suplicante de Lula torcera-lhe o coração, poderia ficar ali por uns tempos, libertar-se da casa de João Nunes e da rosca da Francisca Ferreira até detectar destino certo, que, pelo que estava vendo, seria no Recife, mais laborioso e mais lucrativo, dar-

lhe-ia tempo para apreciar os povos de Olinda e do Recife. Conheces Vidal Rabelo?, perguntou Julinho, conheço, respondeu Lula, quem o não conhece, o filho de Miguel Rabelo, chefe dos mascateiros; pensei buscá-lo e inquirir-lhe de trabalho, tens tempo, quando quiseres partir, partirás, com frei Maria do Amor Divino todos são livres, se eu me quiser ir embora, vou, ninguém mo impede, este convento parece uma república. Foi a primeira vez que Julinho ouviu esta palavra e dela não entendeu o significado, apreendeu, pelo sentido, algo entre o corredio livre e a vontade

independente, mas teve pejo em perguntar o significado exacto. Julinho disse, se é assim, fico por uns tempos, depois logo se vê, vou buscar o alforge a casa de João Nunes e ver se recupero o dinheiro que paguei pela estada de um mês; se não te faz falta, deixa ficar o dinheiro, a Inquisição confiscou os haveres de João Nunes, a Francisca Ferreira vai ficar sem nada, nada de nada, nem um alfinete ficará lá em casa, nem a casa, que também é arrolada, é uma caridade que lhe fazes, disse Lula, queres que vá contigo?, não, guarda-me o meu Santo António, foi promessa que fiz a meus pais, havia

de ser enterrado ao lado da estatueta.

Julinho atravessou o átrio do convento, ajoelhou-se e rezou sob a cruz de pedra do largo fronteiro, orago de S. Francisco, desceu a ladeira do convento a passo corrido a caminho da Rua Nova; revirando o Carmo, Julinho pressentiu que umas botas largadas de couro velho de anta o iam seguindo, olhou para trás e deu de caras com uma figura entortada, peito empenado, pescoço grosso, nariz mavioso, rosto furado de bexigas, olhos apontados a duas direcções, quem és tu?, interpelou-o Julinho, assustado, remirando em torno, buscando ajuda;

sou o Porão Escorço, o Dois Olhos, respondeu este, apontando para os olhos que se atiravam cada um para seu lado, abrindo-se num sorriso maldoso, procurando que Julinho também sorrisse, este não o fez, a experiência de vida forçara-o a conhecer os homens pelo sorriso e o de Porão Escorço assemelhava-se a uma onda estancada, uma nuvem esparramada, uma vírgula retorcida, um til amarrotado, querendo-se franco, desenhava um esgar canalha, de adaga ferrugenta, querendo-se prestimoso, auxilioso, recortava uma cicatriz enverdecida triturada de dentes

apodrecidos de coroa negra; eu estive lá, mas saí, aquilo não dá nada, se tens dinheiro ficas sem ele, ia agourando Porão Escorço, apontando para cima, para o convento de São Francisco, põem tudo em comum, até as alpergatas e os cordões de três nós, tornei-me criado do Sebastião Castro Caldas, o governador-mor do Pernambuco, agora é que estou bem; não sei do que falas, acabei de chegar e não te conheço; quero avisar-te, é para teu bem que falo, os parciais de frei Maria do Amor Divino são loucos, aquilo é uma república e um vespeiro, serão esmagados pela guarnição real;

não sei de nada, cheguei ontem a Olinda, já to disse, procuro um convento que me acolha, sou irmão da Ordem Terceira de S. Francisco em São Luiz, devoto de Santo António, por isso busquei os franciscanos; vai para o Colégio dos jesuítas, eles pagam bem aos servidores; acabei de conhecer o Lula Aparecido; sei quem é, um visionário, até numa aranha preta é capaz de ver o bem, era meu amigo mas afastei-me, vai ser esmagado pelas tropas; podes deixar-me seguir o meu caminho?, eu não sou parcial de ninguém, procuro trabalho e venho em paz, o meu pai dissera-me ser o

Pernambuco a terra mais bela do Brasil, por isso vim para cá, se cá não estiver bem parto para a Bahia, para Minas não quero ir que a sede do ouro mata os portugueses, não percebo porque me interpelas, disse Julinho; precisamos de alguém lá dentro, informações sobre víveres, armas, pólvora, horas de recolhimento; nós?; o governador quer tomar o convento mas não cometer uma carnificina, o Sebastião paga bem, muito bem, não te arrependerás, dividimos os reais a meias, mais os despojos, na confusão do assalto ninguém reparará se desaparecem cálices, navetas, nóminas

e caldeirinhas, tudo lavrado a ouro, sei onde estão guardados; não quero saber nada disso, vou fingir que nunca te vi, se é como dizes, não posso deixar de avisar Lula para se preparar para fugir, Porão Escorço abandonou o sorriso velhaco, armou-se de danado, os lábios serpentes enroscadas, a língua emergira, sibilando, uma escuma esverdácea furara entre os lábios, olhas podres sarapintavam os dentes, os olhos vesgos hirtavam-se, cavalgando o nariz de mandioca; espumando, abriu a boca e disse: vais arrepender-te, acabas de chegar e já és esmagado, há homens assim, onde

estão procuram o lugar dos pobres e dos desditosos, é como Lula, também o não convenci, agora delato-te ao governador, ele trata-te da saúde, tem lá umas enxovias no palácio que são o primeiro caminho para as galés, o Sebastião chama secessionistas aos frades, serão entregues à justiça civil e castigados, frei Maria do Amor Divino enforcado, desobediente a el-rei, apropriador de bens da igreja e do bispo, provocador das ordens do governador, tu acabaste de chegar e queres ir parar às galés, muito bem, há homens assim, estão sempre do lado errado, torturejam a vida, que se há-de

fazer!?, como te chamas?; não te interessa, vai ao teu caminho que eu sigo o meu; se te arrependeres, procura o Dois Olhos no palácio do governador, apontou para um casarão na continuação do Varadouro, na restinga da praia do Recife, é o Palácio das Torres, a voz doce do Lula embezerrou-te, não o sigas, vai ser toda a vida um reles servidor, a prometer paz e lua, eu conheço-o, olha para a minha roupa e vê a dele, e, tirando o bolsilho tilintante de moedas, sacudiu-o, vês?, tenho dinheiro, tenho roupa fina, a Chica Tortuosa, a Dengosa, mal me vê abre logo o

entrepernas, não faço nada todo o dia, trato de ajustes, o que aparece trato, havendo dinheiro pelo meio, claro está; és um traidor, é assim que se chamam os pobres que falseiam a sua natureza; a minha natureza é estar do lado do pão; os monges não to davam?; davam-no hoje, mas amanhã serão esmagados, se não queres ser esmagado passa-te para o Bastião; não quero nada contigo, nem dinheiro nem roupas, e muito menos pão, o meu pai ensinou-me a ganhar o pão de cada dia e a contar com o amanhã como a continuação do hoje, estou do lado dos frades, se eles forem esmagados, eu

sê-lo-ei com honra, para além de que não acredito que o governador esmague frades, os frades são banidos, excomungados e castigados, não esmagados, e que mal o governador me pode fazer se cheguei ontem?; já vi que vestes bem, falas bem, mudou de conversa o Dois Olhos, não és um joão-ninguém; deixa-me, disse Julinho, e fez tenção de tirar o punhal do boldrié do cinto; eheeiiii, eheeiiii…, calma, calmaria, só te alvitrava uma vida melhor ao lado dos mascates, se queres ficar ao lado dos mazombos, que seja; dos mascates?, disseste mascates?, inquiriu Julinho; sim, frei

Maria do Amor Divino é defendido pelos mazombos dos engenhos de açúcar, são os únicos que o defendem, querem pôr os filhos bastardos como noviços para não dividirem com eles a herança, o legado fica para os filhos da mulher legítima, os bastardinhos vão para o convento, é um bom negócio para os mazombos e para o convento, cada bastardo que lá entra é mais um rincão de terra que recebe, do Bernardo Vieira de Mello diz-se que tem dez bastardos, senhor de meio Agreste, mais rincão menos rincão. Vidal Rabelo está de que lado?, indagou Julinho; dos mascates,

respondeu Porão Escorço, admirando-se, os Rabelo são dos mais insignes mascatários do Recife, Julinho estava desorientado, indeciso entre a simpatia de Lula e o desejo de procurar Vidal Rabelo, trabalhando para ele no Recife; Porão Escorço, babado, escarmentado, vendo o brilho da indecisão nos olhos enrugados de Julinho, propôs-lhe, procura-me no palácio do Sebastião, estarei lá à tua espera, ganharemos bastante dinheiro, basta descreveres a rotina dos frades, se recebem armas, quais, quantas, onde as escondem, Porão Escorço tornara-se o capacho para todo o serviço de

Sebastião Castro Caldas, o governador da capitania do Pernambuco que, augurando neutralidade entre mazombos e mascates, cumprindo as determinações do Conselho Ultramarino e da Real Majestade Portugaleza, favorecia as pretensões dos mascates, do trato dos quais provinham a taxa e o quinto da exportação de açúcar do Brasil para a Europa, fonte de alimento da Real Boca. Nelson Borralho, parcial dos mazombos, dá-nos algumas informações históricas sobre Sebastião Castro Caldas: «Nomeado em fevereiro de 1707, em junho do mesmo

ano desembarcava e empossava-se no governo do Pernambuco o militar português Sebastião Castro Caldas, um dos favoritos d'el-rei, a quem servira brilhantemente em várias campanhas e por ordem de cujo governara a Capitania do Rio de Janeiro entre 1695 e 1697, quando tivera a satisfação de remeter para o reino a primeira amostra de ouro descoberta pelos exploradores paulistas nos sertões de Minas Gerais. Castro Caldas, no dizer de Fernandes Gama [historiador pernambucano do século XIX], era avaro e imoral; segundo o padre Dias Martins [outro historiador

pernambucano do século XIX], era de uma impiedade incorrigível; e, no informe de Rocha Pita [parcial dos mazombos] mostrava inteligência nas matérias e vigilância nos negócios, porém não soube prever o que haveria de acontecer-lhe, porque também há Argos que dormem; e a quem cega a paixão ou o destino, cem olhos não bastam. Tinha-os fechados Sebastião de Castro para a nobreza do Pernambuco, e não queria outro objecto mais que o povo [mascateiro] do Recife.» Fundamentado em documentação irrefutável, o historiador Mário Melo, referindo-se à

posse de Castro Caldas como 19.o governador da Capitania do Pernambuco, assegura que logo de início ele se manifestou francamente contrário ao partido nativista, ficando em consequência acintosamente ao lado de seus patrícios, os mascates, donos e dominadores da exuberante povoação do Recife. Os lusos naturalmente vibravam de entusiasmo com a inesperada aliança governamental; e Castro Caldas, esposando-lhes aquela ideia de elevação do Recife à categoria de vila, como que a tornando ideia sua, passava advogá-la veementemente

junto ao reino, batendo-se por sua rápida efectivação dentro dos trâmites ditos legais e não se esquecendo de reforçá-los com as ajudas consideradas ilegais, talvez as mais fortes e mais persuasivas da intricada pendenga, conhecida que era a venalidade de certos juízes e conselheiros portugueses da época, os quais, por muito dinheiro, seriam capazes da prática das mais incríveis indignidades. Daí muito historiador de peso tachar o novo governador do Pernambuco de «o estopim da guerra dos mascates» – no que havia razão de sobra, inegavelmente. «O estopim da

guerra dos mascates», assim classifica Nelson Barbalho a nossa personagem Sebastião Castro Caldas. Verdadeiramente, não se sabia o que o governador pensava senão que, como todos os governadores e funcionários superiores de todos os tempos, se resguardava de cumprir e mandar aplicar os ditames de Lisboa de modo que, quando ao reino regressasse, o esperasse novo posto superior, outras prebendas ou acesso directo à corte. Sebastião Castro Caldas desprezava os nobres de Olinda, considerando-os tão arrogantes quanto falidos de cabedais, tão soberbos quanto jactantes,

presumindo-se, à imitação da lisboeta, mas sem qualquer suporte monetário, uma nova corte brasílica, lotada de hierarquias e linhagens – era uma parentela chocha, misturada de primos e correligionários, enfatuada descendente do primeiro nobre capitão, Duarte Coelho, a que restava apenas o proveito da fama da fidalguia passada. Sem o querer, Sebastião Castro Caldas, minimizando os mazombos e aplicando zelosamente as ordens reais, que privilegiavam a origem do dinheiro, tombava para o lado dos mascates, não que os favorecesse abertamente, lhes

atribuísse maior poder ou força ou fosse influenciado pelos seus dignitários, Miguel Rabelo, Joaquim de Almeida, Miguel Correia Gomes ou Simão Ribas; porém, como representante da coroa de Portugal, outra coisa não podia fazer senão defender os «portugueses ou reinóis, advindos em grande quantidade ao Pernambuco na segunda metade do século XVII, face à minoria, também de origem portuguesa, pelo menos longínqua de quatro, cinco gerações, que, desde o século XVI, ocupara terras, postos e dignidades». Sebastião Castro Caldas não hesitou e tomou

partido por frei Diogo das Chagas Purificadas, atendendo, por experiência própria, pelo que conhecera dos abades e priores dos conventos do Rio de Janeiro e pelo convívio com os mesmos do Pernambuco, que os mentores das ordens religiosas no Brasil por incúria, por desconhecimento, por rotina, por desleixamento, por inacção, com excepção dos jesuítas, flor dos olhos de Lisboa, fragilizavam a doutrina cristã. O Pernambuco vivera vinte anos sob a pata herética batava e as liberalidades destes, na interpretação da Bíblia, na oratória aos

santos, na crítica aos sacramentos, tinham ficado subterraneamente encasteladas no coração dos pernambucanos, mesmo no daqueles que os tinham combatido e expulsado, como se via do estado de lascívia e de lassidão em que se encontravam os conventos; mais acrescia, pensava Sebastião, popularmente conhecido por Bastião, a natural sensibilidade do nativo brasileiro, educado menino por mãe-de-santo, que o fumigava, o sagrava defendendo do coiso-feito e dos malefícios da macumba, crescendo escutando lendas de caraíbas da selva e de transfiguração e ressurreição de

pajés.

Sebastião Castro Caldas, conciliando os dois partidos franciscanos, chamou-os ao palácio, tentando um meio-termo: nos próximos três anos, só os portugueses de Portugal, para tal nomeados, poderiam ascender a vacaturas e honrarias; ao longo destes três anos, o convento seria disciplinado, reformado e lançadas novas escolas, adequando a doutrina do reino à ensinança do Pernambuco; findos os três anos, Sebastião Castro Caldas, de torno a Lisboa, comprometia-se a persuadir os membros do Conselho Ultramarino a

admitir nativos do Pernambuco nas vagações. Frei Diogo das Chagas Purificadas, esfregando rolinhos de bentinhos entre as mãos perfumadas, aceitou, disse que sim, parecia-lhe razoável o acerto; frei Maria do Amor Divino recusou, resguardando o olhar no de Bernardo Vieira de Mello, André Figueiredo Dias e João Cavalcanti, insignes mazombos, uma afronta, exclamou, furioso, três anos é uma vida, uma afronta e uma infâmia, secundarizar os íncolas, os genuínos moradores de Olinda, presumindo-os inaptos, bossas de fé, relaxados de doutrina, corcovas do credo, eles, que

tinham ganho para a fé um numerário de tapuias, baptizado na doutrina uma caterva de pretos pagãos, aportuguesado uma corja de mamelucos e de pardos, vinham agora os reinóis e comiam a papinha toda, o mingau doce de milho-do-mato, a banana fofa, o ananás dulce, a mamoa açucarada, uma injustiça, uma desonestidade, uma desonridade, era entregar Olinda ao Recife, alegando que o saber e a fé estavam do outro lado do Beberibe, deste lado só homens crapulosos se encontravam, mas foram estes mesmos crápulas, senhor governador, que, com seus pais

e seus avós, levantaram os engenhos desta capitania, desbravaram o sertão, pacificaram os índios e, quando o seu chão sagrado foi ocupado pelos holandeses, os expulsaram contra as expressas ordens d'el-rei d. João iv e de padre Vieira, que com os invasores queriam negociar, fazendo arranjinhos pela Europa – o caldo entornou-se, nada há a fazer, é malhar e castigar uns e apoiar outros, pensou Sebastião Castro Caldas. Foi neste concílio que o Dois Olhos, Porão Escorço, acompanhando frei Maria do Amor Divino, levando-lhe o missal e o padral, percebendo o lado donde

tilintava o dinheiro, à saída do frade já o Escorço serviçal desaparecera, fora oferecer os préstimos ao governador e aos mascates, e lá ficou, no palácio, a fazer-se notado. Frei Maria do Amor Divino terá comentado, em cabido do convento, que a hora era de divisões, de cerrar fileiras e separar águas, e quem houvera o sorriso de esperança de Lula Aparecido de seu lado não precisava da baba escarmentosa de um Porão Escorço.

NOSSA SENHORA DO AVISO

Cerrando fileiras, os sequazes de frei

Maria do Amor Divino reforçaram vigilância em torno da cerca do convento, resguardaram-se comprando armas a negreiros do Recife, armadilharam de pólvora salitrada os portões e rótulas, manejando o estopim com ligeireza de soldado, enrolando o fio nos colunelos de sustentação, prendendo-o nos lampadários cobertos de velas de navio, para que a explosão fizesse desabar o edifício e a todo o lado chegasse o incêndio posterior. O convento, de claustro aberto, tornara-se uma fortaleza fechada, defendido por dentro e vigiado por fora. Trinta homens ali se prendiam, resguardados

do mundo, calcando a sua defesa, autoconvencendo-se da sua razão, persuadindo-se da malsidade de Lisboa, da ruindade do governador, da abominação do bispo, da blasfemidade do novo abade e dos frades seus sectários. Não se tinham passado dois dias após o concílio no palácio do governador, numa noite cerrada, de trovões e coriscos, o mar aviltando a costa, os cães fugindo do estrépito dos relâmpagos, chuva diluviosa empastando os areais de Olinda, esventrando raízes, vento tufão remexendo a juba da selva, frei Maria do Amor Divino sofrera novo aviso,

Nossa Senhora de Guadalupe aparecera-lhe, revelara-se-lhe, avisando-o que o bispo, o prelado ruinoso e o Sebastião maligno haveriam de invadir o convento se este não fosse defendido, frei Maria do Amor Divino tinha ordenado a compra de armas e munições, mandou o frade santeiro esculpir um busto em gesso furado de Nossa Senhora de Guadalupe e, em conciliatório no refeitório, esclareceu os monges da entidade de Nossa Senhora, recitando directamente do Canonório do Beatório, Santório e Perfectório das Madonas Celestes, ilustrado por frei

padre Joanes Cruzório, primeiro calígrafório e primitivo escriptório do convento, recolectório da biblioteca do mesmo: «Deve saber-se que este título é tomado de Hespanha, aonde com effeito existe o famoso sanctuário de Nossa Senhora de Aguadalupe, augusto e sumpctuoso monumento de glória e religião e obra-prima d’arte. Está colocado na antiga província da Extremadura, a Dura, entre montanhas fragosas e serras altíssimas, chamadas Villuercas, das quaes se despenham vários rios, intitulado um Agua da Lupe ou, tudo pegado, Aguadalupe, d’onde o sanctuário tomou nome, e a

imagem da Senhora que n’elle se venera. Aquela prodigiosa imagem foi mandada de Roma e pelo Pontífice S. Gregório Magnório a S. Leandrório, Arcebispo de Sevilha, nos fins do VI saeculo; e juntamente lhe enviou o pallio archiespiscopal, em signal de estreita amizade que ambos tinham contraído em Constantinoplório, quando ainda S. Gregrório era cardinalório e legadório da Santa Sé. Fez S. Leandrório grande estimação da santa imagem da Senhora, que logo foi objecto de veneração e culto particular para os christãos. A ella recorriam como poderoso escudo nas

calamidades que assolavam a Hespanha, então dominada pelos Godos, sectários da heresia arianória. Com o auxílio da Virgem Santíssima, conseguiu S. Leandrório que os Godos se convertessem ao catholicismo, sendo o primeiro rei cathólico Recaredório Primório. Succedendo nos princípios do saeculo VIII na Hespanha a furiosa irrupção dos Mouros, que tudo levavam a ferro e fogo, a imagem da Senhora foi escondida em uma charneca pelos christãos, a fim d'escapar aos ultrages d'aquelles bárbaros. Esteve oculta por espaço de seiscentos annos, e no tempo

do rei de Castela, d. Affonso XI, meiados do saeculo XIV, appareceu a um pastorório, para que fosse venerada n'aquelle logar; e n'elle se edificou um sompuctuoso mosteiro que desde então se chamou de Sancta Mariae de Aguadalupe, em razão do rio que junto d'elle corre.» Frei Maria do Amor Divino interpretou o Aviso de Santa Maria Guadalupe como de resguardo e guia; tal como a Senhora resguardara os primitivos cristãos contra os godos e os pagãos de Hispânia, agora nos resguarda e guia contra a seita do trânsfuga herege, réprobo e renegado frei Diogo das Chagas Purificadas; a

Senhora Guadalupe tem de nome Água do Lobo, bebendo da sua imagem prestar-nos-á o santo consolo do líquido sagrado e a força indómita do lobo para lutarmos contra a bárbara horda dos apaniguados do bispo como outrora a santa guiou e fortaleceu as milícias de S. Leandrório, o combate é o mesmo, o fim é o mesmo, só os tempos mudaram. À tarde, reunindo-se no claustro maior, frei Maria do Amor Divino pedia que, como fortalecimento da fé, se entoassem jaculatórias a Nossa Senhora que nos Avisou, a que ora chamamos de Guadalupe, mas também podemos chamá-la de Aviso,

de Nossa Senhora do Aviso, a que nos Avisou, e para que Jesus, o Cristo, não desabrigasse o convento por ciúmes dos oratórios a Nossa Senhora, hoje entoamos jaculatórios a Cristo, o Jesus, dividam-se em seis alas, cada uma entoa facúndia o seu jaculatório, no final, em corório, salvamos todos de novo a Jesus, primeira carreira: «Adoro-Vos, meu Jesus, o Cristo, pelo muito que padeceste no Horto, suando sangue em tanta cópia que chegou a correr por terra»; segunda fileira: «Adoro-Vos, meu Cristo, o Jesus, pela paciência infinita com que sofreste a cruel bofetada em casa de Anás, o

Ananás»; terceira corrente: «Adoro-Vos, meu Emanuel, Filho de Deus, pela constância e amor com que Vos deixastes sacrificar, coroando vossa magnífica cabeça da capela de espinhos»; quarto renque: «Adoro-Vos, meu Messias, Ungido de Deus, pela humildade e amor com que, fraco, em jejum, levaste a pesada cruz do martírio aos ombros»; quinta ala: «Adoro-Vos, meu Filho do Pai, pelo muito que padeceste no Gólgota, o Monte da Caveira Brilhante, onde deste a vida por nós, clamando ao Pai, Que Seja o Meu Corpo o Altar dos Vossos Desejos»; sexto flanco:

«Adoro-Vos, Filho do Espírito Santo, pelo muito que padeceste em casa de Pilatório, o Malandrório, onde Vos deram mais de mil açoites.» No final do jaculatório, frei Maria do Amor Divino, como agradecimento, cantava em laudório os seus versos místicos à Senhora do Aviso:

Já as sombras se dissipam,
Já a aurora se levanta:
Para ser mãe de seu filho,
Deus escolhe a Virgem Santa.

Uma nova Humanidade
Sobre o pecado se eleva:
Bendita a Virgem Maria
Que aceitou ser nova Eva.

A monjanada, que decorara o laudatório, respondia em corório:

Chuvas e orvalho, bendizei Nossa Senhora do Aviso, que nos Avisou,
Todos os ventos, bendizei Nossa Senhora d'Aguadalupe
Fogo e calor, bendizei o Senhor,
Frio e geada, bendizei o Senhor.
Orvalhos e gelos, bendizei o Senhor,
Frios e aragens, bendizei o Senhor.
Gelos e neves, bendizei o Senhor.
Luz e trevas, bendizei o Senhor,
Relâmpagos e nuvens, bendizei o Senhor.
Bendiga a terra o Senhor.
Louve-o e exalte-o para sempre.
Monges e colinas, bendizei o Senhor,
tudo o que germina na terra bendiga o Senhor.
Fontes, bendizei o Senhor,
Mares e rios, bendizei Senhor.
Monstros e animais marinhos, bendizei o

Senhor,
Aves do céu, bendizei o Senhor.
Animais e rebanhos, bendizei o Senhor,
Homens, bendizei o Senhor.
Bendiga Israel o Senhor,
Louve-O e exalte-O para sempre.
Sacerdotes do Senhor, bendizei o Senhor,
Servos do Senhor, bendizei o Senhor.
Espíritos e almas juntos, bendizei o Senhor,
Santos e humildes, bendizei o Senhor.
Ananias, Azarias, Misael, bendizei o Senhor,
Louvai-O e exaltai-O para sempre.
Bendigamos o Pai, o Filho e o Espírito Santo,
Mente comum do Pai e do Filho,
Louvemo-l'O e exaltemo-l'o para sempre.
Bendito sejais, Senhor, no firmamento dos céus,
A Vós o louvor e a glória de sempre.

Na noite seguinte, extinta a tempestade, rompera um céu sem

nuvens, um silêncio infinito, uma estrela a brilhar, frei Maria do Amor Divino mandou Lula e Julinho despertarem a comunidade, reunindo os monges na nave da igreja – revelou que fora de novo visitado por Nossa Senhora de Aguadalupe, que lhe pedira para ser adorada como Nossa Senhora do Aviso, A Que Nos Avisou, que a Senhora do Céu, Imperatriz do Mundo, lhe confiara a parábola do inocente, que apressadamente frei Maria do Amor Divino registara por escrito, intitulando-a *Vae, não temas, porque eu serei comtigo,* e agora soletrava a todo capítulo: «Um homem do lugar do

Passo foi accusado de haver commettido um assassinato. Sendo procurado pela justiça e pelos parentes do morto que n'elle queriam vingar aquelle crime, viu-se obrigado a deixar a sua terra natal e a procurar asylo em terra estranha. Retirou-se para Hespanha, a um logar próximo ao sanctuário de Aguadalupe. Como os homens se voltavam contra elle, voltou-se para o Céo, e implorou o seu soccorro por meio da Rainha dos Anjos, a Imperatriz do Céo e da Terra, a Senhora de Aguadalupe, que tanto poder tinha deante do tribunal divino e que tão grandes prodígios obrava junto

do seu retiro. No meio das suas angústias, prometteo à Virgem Santíssima que, se tornado a seu paiz, não encontrasse perseguidores e se mostrasse sem culpa no crime imputado, promoveria o seu culto e obséquios, erigindo um templo á sua honra com o título de Guadalupe e que alli a serviria em todo o tempo restante da sua vida. Firmemente confiado no patrocínio da Santa Virgem, passados muitos annos regressou á sua pátria, ao logar do Passo, e no caminho lhe appareceu a poderosa Senhora que lhe disse – *vae, não temas, porque eu serei comtigo!* Com effeito, chegado

ao logar do Passo, não houve quem o culpasse, sendo por todos reconhecida a innocencia, apesar de lhe ser instaurado um processsso. Grato á sua amável e augusta benfectora, curou immediatamente de cumprir o voto que lhe fizzera, erigindo uma pequena ermida á Senhora da Aguadalupe.» Frei Maria do Amor Divino cuidou de interpretar a parábola do inocente para a comunidade adormecida: como o homem acusado de assassinato, nós, inocentes, falsamente excomungados, acusados de heretismo e secessão pelo trânsfuga herege, réprobo e renegado, vamos lutar e vencer, suplicando o

auxílio de Nossa Senhora da Aguadalupe/Aviso, A Que Nos Avisou, que do céu nos protegerá, ela me disse, Vae, frei Maria, vae com a tua santa gente, não temaes, porque eu serei convosco; como prova de que Nossa Senhora do Aviso estava com a comunidade, frei Maria do Amor Divino fez sinal ao frade santeiro, este desapareceu de imediato, regressando com Julinho e Lula, transportando os três o busto de Nossa Senhora de Guadalupe, que frei Maria do Amor Divino rectificou, rebaptizando a estatueta como Nossa Senhora do Aviso, depuseram a imagem sobre o

altar principal, ladeada de dois anjinhos postados em oração, os três irmanados sob o halo aberto dos braços de S. Francisco pintado em talha no retábulo, olhos pulados, espetados no céu; do lado da epístola, entalado num esguio nicho, a estatueta de Santo António, de Julinho, fazia figura de santo de pau carunchoso. Entre o recolhimento a completas, a oração, a refeição à hora sexta, a sagrada missa, os exercícios de defesa do convento que, como sargentos, os três frades armados a todos submetiam, os frades iam organizando uma nova vida e uma nova doutrina,

aproximando-se do que clamavam ser os princípios originários do Doutor Seráfico, S. Francisco, Il Povverello, pai dos pobres, avô dos revoltados; o hábito castanho de cada um tornara-se de todos, faziam ensejo nisso, em trocarem o hábito castanho pelo hábito castanho do irmão de outra cela, querendo com tal dizer que tudo era de todos e nada era de ninguém; à medida que a alegria lhes vincava as faces, tinham abandonado o capuz, para que a bem-aventurança que se lhes lia no rosto a todos fosse franqueada, de sorriso aberto; o rosário e os três nós no cordão eram a sua arma,

ostentavam-nos como o santo e a senha da sua entrada no céu, e a estes não os trocavam; ofereciam-se mutuamente flores, compostas em ramalhetes coloridos, e vinho doce, açucarado e quente, dissolvido a colher de pau do cedro de que se extraíra o cepo que dera matéria à imagem de Nossa Senhora de Aguadalupe/Aviso, A Que Nos Avisou. Reunidos em conselho no refeitório, o silêncio imperando, os monges aprovaram os novos dez princípios da Regra Franciscana do Brasil apresentados por frei Maria do Amor Divino:

1. Os monges devem obediência, em

primeiro lugar, a Deus e só a Deus, não ao Bispo, não a El-Rei, não ao Papa, mas a Deus, só a Deus;

2. Os monges obedecerão ao Bispo, a El-Rei e ao Papa depois do serviço a Deus. O Bispo, El-Rei e o Papa têm obrigação de proteger os frades e não autoridade para os dominar;

3. Se o domínio do Bispo, de El-Rei e do Papa for contra o espírito dos monges, estes obedecerão à sua consciência, que é o mesmo que seguir a Deus;

4. O abade será sempre escolhido pelos monges;

5. O abade será sempre escolhido entre os monges;

6. O abade escolhido deverá ter instrução na ciência divina;

7. O abade deverá ser escolhido por unanimidade;

8. Em todas as funções e dignidades, os noviços de origem brasílica terão prioridade sobre os noviços de origem portuguesa;

9. Porque a Província Brasílica constitui um Novo Mundo, diverso do da Velha Europa, proclama-se a independência dos monges

franciscanos do Pernambuco da casa-mãe portuguesa e estabelece-se como principal missão dos franciscanos brasilienses a missionação tupi e negróide, conformando a doutrina cristã com algumas das práticas pagãs, que assim se tornarão cristãs;

10. Invoca-se, para todos estes princípios, a protecção de Nossa Senhora do Aviso e a directa inspiração do Espírito Santo, Mente Comum do Pai e do Filho.

Após aprovação unânime dos dez Princípios, frei Maria do Amor Divino

apresentou uma nova teoria do Espírito Santo, inspirada na visão mística havida no último contacto de Nossa Senhora do Aviso, A Que Nos Avisou. Por suprema humildade, frei Maria do Amor Divino pediu a Julinho, o mais laical dos servidores do convento, que lesse o texto em voz alta para todo o capitulório. Sem entender claramente o que ia lendo, Julinho assim o fez:

Nova Teoria da Bindade e a Origem do Demónio

Por frei Maria do Amor Divino.

O Papa, o Bispo e El-Rei proclamam a existência da Trindade divina,

alegando haver em Deus três Pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, por natureza um só, por pessoa três. Nossa Senhora do Aviso, A Que Nos Avisou, avisou-me que esta é a mais maligna e herética apostasia criada pela Igreja, tendo a sua origem na cobiça das honras pelos bispos. Na verdade, a Trindade é Bindade, as três pessoas da Santíssima Trindade são só duas: o Pai, que é Deus, e o Filho, que é Cristo-Deus. Este é o mistério da Santíssima Bindade, que o espírito do Pai seja o espírito do Filho e o do Filho o do Pai, que os Dois o mesmo pensem, que em tudo

concordam e se harmonizam, não como Dois, mas como Um, o Uno. Por isso, Sabélio, pai de Lubélio, é apóstata clamando que a Bindade é Trindade como três maneiras de ver a Deus; Ário, filho de Armário, é apóstata, não porque negue a Bindade, mas porque nega a existência do Espírito Santo como espírito Comum ao Pai e ao Filho; Macedónio, pai de Plutónio, é apóstata porque defende que o Espírito Santo provém só do Pai, negando a criação ao Filho; Aquino, filho de Palatino, é apóstata porque defende que as duas pessoas da

Bindade são iguais, hipostaziando o Espírito Santo.

Sendo o Espírito Santo o Espírito Comum do Pai e do Filho, o Pai é o Pai e o Filho é o Filho, Substância una e duas diferentes Pessoas, quando o Pai e o Filho discordam o Espírito Comum ou Santo transmuta-se no Demónio: o Diabo, o Satã, Belzebu, Lucífer, são o Espírito Santo discordando de si consigo próprio. Assim, o Mal é a própria bondade do Espírito Santo virada Bode Cachorrento, Fedorento, o Infecto Fétido, o Hediondo Graveolente, Gato Preto e Sapo Roncante. A

Discórdia, a Dissensão, o Conflito, a Polémica de Deus com Deus através do Filho é o Mal, que ganha figura no Demónio e forma no Inferno.

Por isso, o Demónio é Perfeito, porque é o Espírito Santo se bom, e o Diabo se mau. Porque a sua geração deriva directamente da perfeição divina, tanto da do Pai como da do Filho. Por exemplo, Cristo não queria morrer na Cruz e di-lo ao Pai (Pai, Pai, Porque me Abandonaste?), mas Deus-Pai queria que seu Deus-Filho morresse na Cruz – a Divisão, a Discórdia, a Cizânia, o Conflito, a Dualidade interpôs-se e o Mal

aconteceu, Cristo morreu; podia não ter morrido, Balavar o diz, em Jerónimo, *v. 15, Belever o confirma, em* Deuterónimo, *v. 16, Bilivir o reitera, em* Cristório, *v. 17, Bolovor o autentica, em* Teodório, *v. 18, e Buluvur o conclui, em* Magnório, *v. 19, Cristo podia ter ascendido aos céus de corpo mortal e aqui desencarnar, deixando os braços numa nuvem, mais azulínea, as pernas em outra, mais rosalínea, o tronco em uma terceira, mais cinzentalínea, a cabeça não, a cabeça guardaria como recordação no arcaz da sacristia do Céu.*

Frei Diogo das Chagas Purificadas, que para o Pernambuco trouxe a Malquerença, a Disputa, a Luta, a Puta, a Animadversão, a Aversão, é o Diabo em figura de hábito castanho de franciscano, magano, o Bispo que o sustenta, magenta, é o Diabo e o Bastião Governador que o fortalece, o Diabo vestido de militar, é o Rei das Milícias referido em Êxodo, *v. 20. Fócio, pai de Bócio e filho de Lócio, é apóstata porque nega que o Diabo seja o Espírito Santo convertido à Crítica, à Animosidade, à Desavença, isto é, ao Mal, à Maldade, à Fealdade, à Crueldade, à*

Barbaridade, à Atrocidade, à Contendidade, à Contrariedade, à Desarmonidade, à Acrimonidade.

Porém, contra os heréticos propagadores papais, nabais e aboborais, que o contrário inculcam nos frades ignorantes, pedantes, o Mal humano e físico provém directamente de Deus através da sua Mente Santa: o Pai é Vontade, Infinita, o Filho é Amor, Infinito, e quando a Vontade discorda e o Amor se multiplica o Mal nasce, o Diabo Cornudo nasce, Deus projectando a sua Vontade num ser e Cristo cumprindo o seu Amor noutro, nasce

o Mal, o Demónio Farrusco e Vermelho, a Doença, a Fome, a Sede, a Morte, a Calamidade. Porém, o que para nós, humanos, é um mal, expressão física da Discórdia do Pai com o Filho ou do Filho com o Pai, para estes não é um Mal, apenas um Jogo de tirar de um lado e pôr em outro, ganhar o Pai ou o Filho, e, por isso, no Céu, oiçam bem, no Céu o Mal não existe.

No Céu, Deus-Pai e Deus-Filho, discordando e conflituando, formam sua mútua divisão em jogo celeste, plural e harmónico: Deus expande sua Vontade numa mulher e Cristo

seu Amor num homem, a mulher atraindo-se pelo homem, o homem desejando outra mulher e Deus e Cristo ficam sentadinhos nos seus tronos imperiais, com o Mundo por escabelo, a ver o que sucede, fortalecendo ou fragilizando a vontade na mulher ou o amor no homem consoante o que antes, por mútuo acordo, Pai e Filho tinham determinado.

Eis o Jogo do Mundo e do modo como o Espírito Santo, a Pomba, e o Diabo, o Bode, são um só e o mesmo e como do Bem nasce o Mal.

Frei Maria do Amor Divino
Olinda, 9 de Julho de 1710.

Monges excitados acorreram a registar por escrito, a tinta azulínea, sobre os altares, nos esplendores prateados das pombas do Espírito Santo, a expressão latina com que frei Maria do Amor Divino terminara a sua oração: *Spritus Sanctis Mens Communis Patris et Fillii,* orando ao Pai e a Filho que se acordassem, se

harmonizassem, fizessem um esforço, para que o Bem prevalecesse sobre o Mal e banhasse o convento de contentamento, e se desarmonizassem, se desacordassem, para que o Mal, figura do Diabo, caísse sobre as bestas do bispo e do trânsfuga herege, réprobo e renegado e, se possível, sobre a cabeça do governador.

Azeite, banha de porco, sebo de cabra, óleo de biriti, graxa de bucho de carneiro, unguento de bode, linhaça de grassa, resina de subina, escasseavam para a iluminação do convento, lenha faltava para os lumes, estopas e estopins careciam para a defesa e frei

Maria do Amor Divino ordenou que se poupasse combustível para piscar a pólvora das armas, à noite ilumina-se o mínimo, o Diabo quer o máximo, mas nós damos-lhe o mínimo, velas, brandões, coutos e círios apagados, apenas as lamparinas do altar bruxuleiam. Falado o Demónio na Nova Teoria da Bindade, os monges arreceavam as sombras de viés, oblíquas e fugazes, escapatórias, subtis halos animados, focos enegrecidos e difusos, quebrando-se contra cunhais e vãos, esconsas manchas dilatadas, logo recuadas a finos fios de breu, ratazanas velozes de recorte projectado contra a

parede assemelhavam-se a animálculos monstruosos, os pêlos eriçados das ratas escamavam-se na sombra, as orelhas viravam cornos bicudos, as cerdas do bigode garfões de tridentes, e os monges de celas solitárias escapavam-se, pernoitando no dormitório colectivo; tabiques e panos separadores entre os catres eram arrancados durante a noite para que todos, se não se vissem, se sentissem, e noviços menos destemidos murmuravam pela mãe, mãezinha, mãezinha, como meninos de coro. Frei Maria do Amor Divino, retirado no seu cenóbio, escrevendo as revelações de

Nossa Senhora do Aviso, era chamado, arrojava o seu crucifixo pelo dormitório clamando por Nossa Senhora do Aviso, pelo Pai e pelo Filho, que se acordassem, se harmonizassem, não deixassem que a Sua mente Comum virasse Demónio, cumprindo o Mal sobre o convento, e gritava: esta séssega é sagrada, Senhor, este monte é divino, Senhor, este convento leva ao amor do teu espírito concorde, não ao teu espírito desacorde, arreneguei o trânsfuga herege, réprobo e arrenegado, que pelos tempos não seja recordado, mas esmagado, como Cristo, teu Filho,

esterilizou a figueira e esmagou serpentes e lacraus, que frei Diogo das Chagas Purificado seja metido em águas de neve, a sua sorte maldita na Terra, nunca possa saborear a fruta da árvore da vida, lançai-o, Senhor, na alfurja do inferno, nas profundas do caldeirão de enxofre de belzebu; virando-se para os frades aturdidos, amedrados, clamava por Julinho e Lula, tragam para aqui as armas que nos defenderão do bispo herético e do governador blasfemo, tragam-nas, elas excitar-nos-ão à defesa na terra como no céu o Pai e o Filho nos estão defendendo, harmonizando a sua Mente

Comum; no dormitório formou-se uma espécie de reunião abacial, o frade-despenseiro ostentava as chaves do celeiro ora convertido em arsenal, os frades animavam-se, cada um teria a sua arma, talvez enrodilhado nela conseguisse adormecer, numa mão o rosário, outra na cravina, Julinho e Lula iam e vinham, acartando a artilharia, amontoada no meio do dormitório; Julinho acartava os fuzis que Lula contava em voz alta, vinte e seis arcabuzes, doze bacamartes, cinco machados velhos, quatro madeixas de morrão de embira, vinte e três bandoleiras, uma caixa de polvorinhos,

quarenta e oito granadas de ferro, trinta e nove chuços, doze cartuchos de pólvora de quatro libras cada um, cinco cartuxos de seis libras, um barril de pólvora de cem libras, era tudo, descontando as três clavinas dos três frades permanentemente armados, os esculcas, os atalaias, os olhos do convento, era muita fuzilaria, regougava o frade-despenseiro, recolhendo as chaves, tinha de se precaver que a farinha e o feijão escasseavam, mas frei Maria do Amor Divino obtemperava com incredulidade as palavras do frade-despenseiro, não são as armas que nos

defendem, mas a justeza da nossa fé em Nossa Senhora do Aviso, A Que Nos Avisou, e na Mente Comum do Pai e do Filho, que para nós concorda, mas para as hostes do trânsfuga herege, réprobo e arrenegado discordam, vai o Maligno para ele, fica o santinho connosco.

Frei Maria do Amor Divino, atordoado pelas visões e alertado por Julinho e Lula, reuniu a freirada na nave da igreja e gritou-lhe, eis que dei o poder de esmagar serpentes e escorpiões a vós, homens de pouca fé, estes aninharam-se no vosso seio, confundindo a casa do Senhor e a

bodega da Chica Tortuosa, a Dengosa, asseguro-vos que a ninguém o Diabo se revelou porque é dentro de vós, homens de muita crendeirice, que ele se recolhe, como o lacrau antes de ostentar o espigão da morte ou a doninha antes de lançar o seu fedor, foi Deus servido de querer que estas ovelhas perdidas, reconhecendo os seus erros, homens de nenhuma clarividência, se restituíssem ao rebanho, tendo-me a mim como seu pastor; por vós, homens de muita idolatria, troquei eu pelo burel mais áspero as maiores dignidades do mundo com que o Bispo me tentou,

troquei pelo nada de não ter todos os favores e esperanças que frei Diogo das Chagas Purificadas, o trânsfuga herege, réprobo e arrenegado, a mim mo prometeu, troquei eu o desejo íntimo de tudo abandonar, recolhendo-me com os monges velhos ao ermitério de Nossa Senhora do Amparo, aqui me consolando, por esta abadia, plena de homens de nenhum futuro, por esta nova cruzada de igualar e até favorecer os noviços nativos do Brasil, todos os impérios da terra, frotas do mar, ventos do ar rejeitara eu para conceder este novo triunfo a Deus de edificar, robusta como um tronco, dura como

uma penha, delicada como uma primavera, viva como uma fonte, a nova igreja brasílica, universal na fé, genuína na doutrina, brasílica nos sentimentos e na palavra, e comigo, seguindo-me, vêm apenas os homens de nenhum credo, atreitos às manhas do demónio, com ele mais convivendo de que com o Filho querido; e eu, desolado, esmoreço como chama que, consumada, se extingue, como clarão desmaiado na memória, como ser saudoso de deleites espirituais desafirmado do ânimo com que sempre subjuguei as tentações do mundo e da carne; convosco, homens de nenhuma

devoção, sinto que o reinado da futura igreja brasílica, começando, nunca chegará ao fim, exaurida, não reprimida por fora, tal nos daria redobrado ânimo, enérgica força, mas por dentro, no interior dos vossos incrédulos corações, homens de nenhum culto, visionários do diabo; se hoje é o diabo que vos tenta, amanhã será a carne, depois o dinheiro, sonhara eu uma igreja de pobreza, conciliando brancos, índios e pretos, nada tendo por certo no dia-a-dia, nem cofres nem honrarias, nem esmolas de missa nem doações de finados, fechando totalmente a porta ao ouro,

aos cargos, fundada na palavra e na providência de Deus, uma cruz de pedra à entrada, um velho cedro no átrio, o postigo de roda no portão com três escudelas vazias, para nosso sustento, diariamente cheias pelos pobres, partilhando connosco a sua miséria; sonhara, tudo não passou de um sonho, que vós, monjanada blasfema, não sois apóstolos para fundar nova igreja, sois como os saduceus e os filisteus, os marmoreus e os galileus, deixai-me – frei Maria do Amor Divino bramia ensandecido, como possesso –, deixai-me, fugi, ide para o diabo que vos carregue, vosso

irmão, senhor de vossos corações, homens de nenhuma candura, desde ontem que sinto uma violentíssima dor, como se a cabeça me ardesse, a testa exalasse febres, sinto vertigens, adivinho-me à beira de um delíquio, um mal me corrói por dentro e vós por fora corroendo-me também, deixai-me, deixai-me – e, num relance, de olhos pulados e fixos, como se tivesse sido inspirado por Nossa Senhora do Aviso, ameaçou a fradalhada: entrarei na minha cela, manter-me-ei isolado e imóvel, farei vida de estátua, não comerei, não rezarei, não lerei, não participarei na missa, tornar-me-ei um

vivo morto até tudo acabar, é assim que me sinto, um vivo-morto. Os frades alvoroçaram-se, estupefactos, desconhecedores se o diabo ou o Espírito Santo falava pela voz do seu prelado, os três frades armados, os mais corajosos, organizaram o convento, promovendo novos víveres para o sustento, grassa para a iluminação e lenha para os fogões e fogueiras. O que antes parecera uma comunidade de ideal místico tornara-se agora, desde que frei Maria do Amor Divino se retirara para uma vida de estátua, uns trinta frades desemparelhados, cada um acolhendo-

se às suas práticas, desconhecendo a causa e a razão de tão heróica afronta aos poderes do bispo e do novo abade português; reinava no convento de São Francisco de Olinda a paz podre das águas estagnadas, turvas e redemoinhosas em profundidade, iridescentes e lisas à superfície.

Ouvida a jaculatória de frei Maria do Amor Divino, Lula e Julinho aperceberam-se de que o convento mudara, o fervor e a fé tinham-se esvanecido, a lassidão imperava como se a fradanada se considerasse derrotada face à força hierárquica do bispo e à força militar de Sebastião –

fora o diabo, diziam, atemorizara o corpo e amolecera a alma, frei Maria do Amor Divino não fora guia à altura, não soubera defrontar o diabo, caíra na esparrela do diabo, voltara-se contra a comunidade, arrenegara-a, como se nela residisse o inimigo, e não no trânsfuga herege, réprobo e arrenegado, depois esgueirara-se, fugira, arrebatando-se para a cela a fingir de estátua, morto-vivo ou vivo-morto, como se santo morto fora, o melhor era não lhe ligar, diziam uns para os outros à boca fechada, não se sabe se é a Mente Comum que nele habita ou a Mente Discordante, e se

não quer comer – Julinho e Lula todos os dias insistiam em levar-lhe uma cuia de arroz branco e uma malga de batata-doce – que não coma, não somos nós que lhe vamos abrir a boca, sabe-se lá o que nos esperaria, caninos de lobo ou bico de pomba, vamos nós comendo e esperando novas, que novas há-de haver, o mundo não é eterno, a vida é mortal, a calma do bispo d. Álvaro Manuel da Costa esgota-se, qualquer dia uma guarnição de tropa entra por aqui adentro e encontra-nos a orar, é o nosso dever, nem resistimos, isso queriam eles, para nos trucidarem, que trucidem frei Maria do Amor

Divino, ele merece-o, não soube ser guia e abade rebelde, se calhar queria ser o primeiro bispo brasileiro do Brasil, era o que queria. Os três frades armados receberam a visita de Bernardo Vieira de Mello, viera de noite, ascendera pelo alcantilado deitado para o mar, avisou os três frades que os mazombos não estavam preparados, não havia artilharia suficiente para defrontar o Bastião, a hora era de defesa e de recuo, dois passos atrás, mais tarde convertidos em três passos à frente, provisões podemos garantir, mas armas e braços não, é a apanha da cana, cada um no

seu engenho, todos os braços são precisos, a hora é de defesa e recuo, ou vão até ao fim e aguentam, serão relembrados no futuro como mártires e heróis de um Pernambuco livre dos reinóis, ou desistem, não é cobardia nenhuma, é ajuizado quando as forças carecem; temos a nossa fé, disseram os três frades, a vossa fé é a minha, respondeu Bernardo Vieira de Mello, mas ela, se conquista as almas, não vence os corpos, e os corpos do outro lado estão armados, Sebastião mandou aprontar os terços dos Henriques e do Camarão. Foi com estas últimas palavras que os três frades armados

periclitaram, o terço dos Henriques, a guarnição militar dos pretos, o terço do Camarão, a dos índios e mamelucos, fundados ambos, na guerra contra os holandeses, pelo preto Henrique Dias e pelo índio Filipe Camarão. Bernardo Vieira de Mello informara os três frades de que o Bastião ainda não mandara atacar porque houvera o naufrágio de um barco judeu em Jaboatão, duzentos homens e mulheres maltrapilhos e esfomeados caminhavam pela costa em direcção ao Recife, vão fazer um arraial em Itamaracá, d. Álvaro Manuel da Costa aterrorizara-se com

estes sucessos, o Pernambuco endemoninhou-se, diz ele, primeiro a secessão dos franciscanos, agora duzentos judeus às portas do Recife, afiançou na homilia do domingo que o diabo tinha posto cá o pé, quer fazer uma procissão a Nossa Senhora Reparadora, suplicando repare o mal que há em Olinda, prepara-se a procissão, é um corrupio de mulheres e militares entre o Recife e Olinda, deixem a coisa estar como está, entre o naufrágio e a procissão talvez se esqueçam do convento, obriguem frei Maria do Amor Divino a comer, façam-no engolir farofa com água,

tanto as famílias nobres de Olinda nele faziam empenho, ansiando pela hora da libertação nativista, e afinal parece uma criança com birras, brincando às estátuas, esse fica sem cabeça, é certo, nem o estado freiral o salva. As novas de Bernardo Vieira de Mello correram o convento, dois ou três frades a princípio, dez ou vinte depois, açularam-se, levantaram a voz, quebrando o silêncio permanente, Deus afastou-se de nós, Deus já não nos amerceia, regougou de olhos húmidos o frade-hortelão, Deus castiga-nos, sustentou de olhos secos o frade-sacanão, nunca mais seremos ninguém,

perorou de boca enxuta o frade-cantochão, fomos enganados, o diabo não é o Pai e o Filho em desacordo, o Espírito Santo existe mesmo, mesminho, é a Pomba, a Terceira Pessoa, trabuqueou o frade-sacristão, a Trindade é mesmo Trindade, mesminha, não é Bindade, a Pomba existe, raia através das nuvens, expande-se em frocos, toda a gente a vê, branca e graciosa, só o Maria do Amor Divino é que não, se calhar não é do Amor Divino, é do Amor Diabólico, torpedeou o frade-batatão, enganou-nos, inventou o aviso de Nossa Senhora do Aviso, que

confusão, coitada de Nossa Senhora do Aviso, andar na boca daquele morrão, agourou o frade-acolitão, os frades começaram a rir por o frade-acolitão ter chamado morrão ao Maria do Amor Divino, eu quero lá saber de mazombos e mascates, agorjou o frade-comilão, quero é a minha perna de cabrito no belo forno e o meu xinxin de galinha a horas, isso sim, e se houver moqueca de peixe do rio como também, e o frade-calaceirão ajuntou, eu quero é o meu banho quente a horas na selha e uma mulata a desoras no catre, isso sim, isso é que é ser frade, foi para isso que a minha mãezinha me

mandou para frade, não para ser herói, nem os mazombos nos ajudam e nós a dar o couro e o cabelo por eles, e o frade-serpentão resumiu o que todos pensavam, vamos mas é entregar-nos, fazemos as pazes com o bispão, recebemos o abade de Lisboa, frei Diogo das Chagas Purificadas, entregamos-lhe a prelazia e esquecemos o farrusco do Amor Divino, mas pomos uma condição, queremos novas cobertas para as alcovas, as que lá estão serpenteiam de bicheza, só percevejos devem ser milícias, assim nem a Chica Tortuosa, a Dengosa, nos manda meninas,

devemos ser firmes nisto, ou há saraças novas ou não há rendição, a maioria da fradanada começou a rir-se e a bater palmas, contente, já se viam escapados, safavam o corpo e ganhavam a alma, jurando fidelidade ao bispo. Julinho e Lula olharam-se entre si e não se riram, nem mesmo sorriram, tiveram vaga consciência de que alguém havia de pagar a revolta e, se frei Maria do Amor Divino o era de certeza, os três frades armados talvez, dependia das negociações de rendição, a freiralhada tentava escapar ao castigo e os dois, se ali ficassem, não era impossível que se tornassem o

bode expiatório do convento, se todos destroçavam do seu dever e de recentes juras e fidelidades, não seriam eles, Lula e Julinho, que por ali ficariam, chagando-se de culpas que só a outros eram merecidas.

Nessa noite, Lula escapou-se do catre, furou a rótula por onde entrara Bernardo Vieira de Mello e, contendo o pavor que os abismos do mar lhe libertavam na mente, descera esforçadamente a encosta, batera à cabana de um pescador amigo e os dois remaram até ao Recife, levava uma folha seca de bananeira escrita por Julinho dirigida a Vidal Rabelo;

Julinho e Lula pediam ajuda a Vidal Rabelo, não eram frades, nada tiveram a ver com revolta dos frades, eram servidores do convento e tanto teriam servido os revoltosos como as autoridades, enfim, era uma escusa; Vidal Rabelo percebeu que era uma desculpa de homens desorientados, de Lula Aparecido conhecia o visionarismo e o voluntarismo, de Julinho apreciara a educação, nada tinha contra eles, o pai ainda não voltara de Belém do Pará, Vidal Rabelo precisava de braços, Lula tinha braços, Julinho parecia ter cabeça, respondeu a Lula que viessem, e

depressa, que as tropas dos Henriques e do Camarão fervem, não fosse o naufrágio dos judeus já o convento fora invadido e explodido, os frades degolados, quem sabe. Na noite seguinte, a estatueta de Santo António atada às costas por uma embira e o alforge a baloiçar do ombro, Julinho fugiu do convento com Lula que, despojado, nada trazia senão as mãos para trabalhar, é do que um servidor precisa, disse a Julinho, mãos para trabalhar, boca para comer, cabeça para pensar e alma para adivinhar o sentido do futuro.

A revolta dos frades nativos

esmorecera, desagregara-se, obra do demónio, insistia frei Diogo das Chagas Purificadas, obra de mentes perpetuamente jejuadas, asseverou Vidal Rabelo, e não tardou que o frade-feijão, cansado, que orava deitado, movesse os cordéis à revelia dos três frades armados e chegasse à fala, através da Chica Tortuosa, a Dengosa, com Manelinho, vigário da diocese. Não foi difícil chegar a um entendimento, o bispado faria chegar víveres, lenha e sebo de gordura para iluminação, os monges fariam a sua vida como se nada de anormal existisse, o bispo preparava a

procissão a Nossa Senhora Reparadora e, no remate desta, d. Álvaro Manuel da Costa postar-se-ia sob a cruz de pedra do átrio, junto ao cedro gigante, face ao portão, conclamaria as hostes à oração do terço e, na última ave-maria, ordenaria aos monges rebeldes que as portadas se abrissem, deixassem a fé passar, nesse justo instante as duas portadas abrir-se-iam, os monges nativistas ajoelhar-se-iam face ao bispo e este atravessaria o umbral, agradecendo a Nossa Senhora Reparadora e purificando o pórtico por aspersão de água benta. A procissão realizar-se-ia

dentro de um mês, pela Páscoa, e doravante, enquanto não regressasse ao reino, a procissão seria concelebrada anualmente com o nome de procissão do Milagre do Bispo. O monge-feijão ainda protestou, faltavam as cobertas novas, o monge-comilão também protestou, colchas novas, não usadas, mas o bispo, d. Álvaro Manuel da Costa, porque era bispo, mandou-os catar macacos, tinha um novo problema, grave, muito grave, que não se arrastaria por menos de um mês – o naufrágio dos judeus em Jaboatão.

A MORTE DE MIGUEL RABELO

Quando Julinho e Lula entraram em casa de Vidal Rabelo, um sobrado ao Recife de duros andaimes em vinhático, pranchas de jacarandá, telha portuguesa e loja de provisões no térreo, galpão de tabuão e sapé nas traseiras a servir de armazém, amigos consolavam o dono da casa que, de gibão preto, ostentava a carta de um tal Luís Martins, desbravador do Grão-Pará, cientificado em açúcar, informando que Miguel Rabelo morrera de febres terçãs, em Belém do Pará, sepultado à pressa, de corpo defeso, porém com os devidos sacramentos, nas traseiras da capelinha

de Nossa Senhora da Ajuda. Vidal Rabelo quebrara o selo, desdobrara o fólio e sentira as faces invadidas de uma golfada de sangue, as pernas a cederem, os joelhos a amolecerem, os braços a vergarem, pesados, os olhos a girarem, Vidal Rabelo recompusera-se, clamara para os escravos de indicador espetado, serei digno da vida de meu pai, deixou-me rico, riquíssimo deixarei meu filho, mãe Anália, escrava preta concubina de Miguel Rabelo, desconsolou-se, fugindo para o terreiro traseiro, chorando em silêncio, rodeada de Anélia, Anília, Anólia e Anúlia, as

quatro meias-irmãs de Vidal Rabelo, o padre João da Costa, parcial dos mascates, entrara, viera consolar Vidal Rabelo, acompanhar o amigo nesta hora dolorosa, assim o disse, recordando-lhe que o fim não era o fim, o fim era o princípio, agora é que Miguel Rabelo, desencarnado, vive a verdadeira vida, a eterna, lembrara-lhe que os pais morrem primeiro para cuidarem de um cantinho no céu para os filhos, como aqui na terra o fizeram, recuperando toda a família no assento etéreo; tanto quanto ele, João da Costa, conhecia Miguel Rabelo, este já andaria lá no alto a mercadejar um

cantinho agradável onde pudesse levantar o seu engenho e providenciar casa grande e senzala para a família e escravaria, e começaram a rir-se, Vidal Rabelo, João da Costa, os zeladores brancos da loja e do galpão e a escravaria negra. Mãe Anália, velha escrava, afeita ao sofrimento, recuperada, baloiçando no peito os colares do candomblé e na anca os quimbembeques dos orixás, disse, vou preparar uma feijoada, é uma feijoada que se deve comer em noite de luto, sempre sobra para matar o apetite dos mortos, vêm durante a noite lamber as cuias por lavar, eu bem as vejo

lambidas pela manhã, aquilo depois é só pôr a secar e estão lavadas, lá no céu dos brancos não tem feijoada, não, deve ser por causa dos traques, Deus não gosta de peidos, e o padre João da Costa começou de novo a rir, não continha o riso, quase gargalhava, Vidal Rabelo imitava-o, Julinho e Lula, receosos, também riam, todos a imaginarem a língua seca e pútrida dos cadáveres a lamber caçarolas, provando a feijoada de mãe Anália, apreciando-lhe o travo, a espessura do molho, discutindo entre si se salgada se picante, Vidal Rabelo já não se envergonhava de rir, pedia desculpa ao

espírito do pai, mas primeiro é o João da Costa com a história do assento etéreo com engenhos e senzalas, depois mãe Anália com Deus a não gostar de peidos, apontava para Anália, esta replicava, os siô quer ou não quer feijoada, os siô acenavam que sim, mãe Anália chamou Anélia, Anília, Anólia e Anúlia, batia as palmas, xô, xô, todas para a cozinha, gritava docemente para as quatro filhas mulatas, escravas-de-dentro, a preparar uma feijoada de feijão castanho, para retemperar o corpo, já que a alma desgostosa fica. Estranhamente, quando Anélia dobrou

o cunheiro do corredor, sentiu que uns olhos se lhe cravavam nas ancas, apreciando o volume rodado do pano-da-costa, o baloiçar da chita, o enleado da fita de erva-de-santo-ambrósio prendendo o cabelo, o torneado do pé descalço mulato, e suspendeu-se, um pé assente, outro contido no ar, uma mão ligeira presa na moldura da quelha do corredor, outra leve descaída, e voltou-se, corpo avante, cabeça curvada para trás, dando com os olhos fixos de Lula que, imobilizado, de cabelos descovados, barba de três semanas, se embelezava na sua contemplação, admirando a

colina do dorso recurvo de Anélia, o pescoço fino e altivo, a pele mate, pura canela rebrilhando macia, o queixo dócil soerguido, os dentes alvos e harmoniosos, os lábios brandos cor de abrolho, o nariz agudo e brioso e os olhos, oh, meu Deus, os olhos, um céu sem nuvens, um silêncio infinito, uma estrela a brilhar, não se podia olhá-los que deles não se ficasse possesso, arrebatado, foi pelos olhos que Lula mais se sentiu preso, como se estes o comessem, e, olhando-se mutuamente, Lula, de peito e barriga abaulados, coxas breves, sentiu vergonha dos seus olhos, assim apanhados em falta,

espreitando as curvas de Anélia, mas esta, antes de penetrar na cozinha, desaparecendo, abriu um sorriso para Lula, como se também ela se tivesse encantado por aquele corpo tosco de branco. Foi amor à primeira vista entre Lula e Anélia, esta filha dos amores ilícitos entre Miguel Rabelo e a escrava Anália depois da morte da santa esposa de Miguel Rabelo, o que, como filha de negra escrava, nada contava para efeitos de partilha e haveres, tendo como única garantia, caso se comportasse decentemente, isto é, obedientemente, não ser vendida no mercado a outro branco,

conservando-se como criada-de-dentro ou mucama até à morte. Vidal Rabelo acenou para Julinho e Lula, juntem-se a nós, sejam bem-vindos, Julinho teve de beliscar Lula para que este desse acordo de si, Vidal Rabelo dirigiu-se-lhes: não podiam chegar em melhor hora, meu pai morreu, preciso de novos braços para trabalhar, tenho duas encomendas do governador para abastecer o arraial dos judeus, uma de farinha, outra de arroz, é preciso carregar tudo para Itamaracá.

O NAUFRÁGIO DO *NOVA ESPERANÇA*

Uma mesnada de pó voluteava na estrada de el-rei. Há dois dias que se vislumbrava uma nuvem terrosa de poeira sacolejando lenta pelos caminhos de Jaboatão em direcção à portela de Maratucá, onde, alertada, a guarnição de guardas-reais do governador do Pernambuco demarcava a fronteira. Das alturas de Maratucá, não se percebia se eram manadas de vacas que avançavam enquadradas por boieiros, se uma chusma de homens maltrapilhos, de cabazada às costas e balaios à cabeça. Pousados nos braços da cruz do campanário da igreja da Madre de Deus, dois gaviões

discutiam à compita, o mais velho apostava que aquilo eram récuas de vacas, seguem para o trapiche do Recife para, transportadas em barcaças, darem com as ventas no açougue do Varadouro de Olinda, é gado que vem fornir de carniça fresca o Pernambuco, algum partirá para os engenhos dos mazombos, dizia o gavião mais velho; o outro não, aquele remoinhar de poeira na estrada só pode ser feito por patas humanas cansadas, rastejando, arrastam as palmas das solas dos chapins e bebem pó porque a esperança já se lhes foi, insistia o segundo gavião; vamos lá

ver, conclamava o gavião mais novo, intrigado; não, não, ficamos aqui por Maratucá, aqui há abundância de lagartos por comer e lá, se forem homens, despedaçam-nos com setas, amanhã a chusma de gente ou de animais chegará à portela e logo veremos se são bestas se homens; olha, olha, comentou o gavião mais novo, parece ser grande a diferença.

A mesnada que pela estrada avançava era um magote de duzentos judeus sobreviventes do naufrágio do *Nova Esperança,* resto de trezentos judeus que, de avós fugidos de Castela, pais corridos de Portugal, estanciados em

Amsterdão, tinham decidido ausentar-se de vez da Europa, pátria de perseguições e malquerenças. Entres eles, nenhuma família havia que não tivesse sofrido auto-de-fé em Toledo, em Sevilha ou em Lisboa, não trouxesse no sangue o espasmo de uma garganta degolada ou a braseira de fogo de um corpo ardido. Queriam esquecer, apagar da memória triste a lembrança das noites acossadas, das fugas alvoroçadas entre chamas de lampiões e sombras escondidas, recomeçar uma nova vida nas terras áridas mas claras da Patagónia, abaixo do La Plata. Nenhum sabia onde era e

o que era a Patagónia, o país dos Patagões, homens de vastos pés, a isto se resumia o seu conhecimento, mas não era a geografia e a história que lhes interessavam, sim o ideal de fraternidade que consigo levavam e com o qual banhariam os sertões desérticos e ventosos da Patagónia.

Simão Mendes, filho de cristãos-novos toledanos, fiado na retórica de Montesinos, judeu português que atravessara a América, de Sacramento a Lima, conduzira os trezentos judeus sefarditas. Fora Simão Mendes quem recolhera os florins holandeses, mandara comprar e reparar a nau *S.*

José, velha carcaça da Carreira das Índias, que logo rebaptizara com o nome de *Nova Esperança,* e excitara as mais cépticas famílias de Harlem a abandonarem definitivamente a Europa. Até avistarem terra brasílica, tudo correra bem ao longo da travessia do oceano. Aqui, aportariam em Espírito Santo, fazendo aguada, trocando prata por víveres, calafetando o *Nova Esperança.*

Desgraçadamente, uma cerração que unia mar e céu aproximara excessivamente o *Nova Esperança* dos arrecifes infelizes do Pernambuco e quando de novo aprestavam a quilha

para mar aberto veio o descoroçoamento da «fatalidade», era assim que se referiam à tempestade, a «fatalidade». Primeiro, despontara um vento doido, nascido do nada, que dissolvera o nevoeiro, mas encapelara o mar, arribando uma onda colossal e tamanhal, uma vaga espumosa e nebulosa, que apanhara a nau de través numa pancada de viés que ensurdecera marinheiros e tripulantes; a descomunalidade do jorro de água fez o *Nova Esperança* girar, dançando entre mar e vento, aos sacões e repelões, quebrando o leme e rebentando o mastro grande pelo

tamborete, que o mar fundo parecia sugar, arrastando a nau; jovens judeus acabaram-no à machadada pela enxárcia, desligando-o da base no porão; os golpes do mar furibundo, ecoando medonhos estampões, acompanhavam os ribombões dos trovões e os clarões dos relâmpagos; uma chuva direita, continuada, correu dos céus negros, juntando-se ao bramido das águas, que marravam contra o convés, esfacelando velas, expulsando deste os tonéis, as pipas, os fardos, as caixas, as barricas com os víveres e os haveres dos passageiros; estes, uns afincados ao

madeirame fixo, às pranchas do chapitéu, outros amarrados às travessas do convés, ora eram arrastados pelos vagalhões, fixando entre os braços uma grossa tábua que, flutuando, lhes servisse de jangada, ora submersos ou alevantados pela fúria inaudita do mar; viroteando liberto, o *Nova Esperança,* cercado por ondas alterosas, rangia, gemia, resistindo aos embates da torrente; Simão Mendes urrava que se descesse a chalupa, mulheres e crianças nela embarcassem, mas nenhum dos homens, bailando entre os sacotões do vento e os balanções do navio, conseguia

desprender o escaler, e se o conseguisse de sus o batel se viraria entre mar tão inavegável, tão fundo de abismos profundos quanto de líquidas montanhas tamanhas; o furor das ondas, vomitadas em golfadas, media-se pela força avassaladora com que abalroavam o *Nova Esperança,* sacudindo-o e arrojando do convés cubos de pedra basáltica da altura de três braças, esmagando homens e mulheres; entre a agitação das águas, soerguia-se triste um braço em riste, prendendo-se ao vazio do ar, atroava-se o derradeiro e morteiro relincho de um cavalo ou o gemido de uma criança

clamando pela mãe antes de o mar a ambas afogar. Ao urro de um homem que rolava grudado a um sacado, Simão Mendes recordou a promessa que todos tinham feito a Adonai no cais de Amsterdão – na Nova Terra, fastos ou nefastos, ou nos salvamos todos ou morremos todos –, entristeceu-se, não por a jura não ter cumprimento, mas por terem ousado desafiar o Senhor, exigindo para eles total salvação ou total danação –, não o deveríamos ter feito, Deus sabe do princípio, do caminho e do fim de cada homem, estamos pagando a nossa ousadia. Simão Mendes mal teve

tempo de se abrigar sob a arcada da lançada antes de o mastro da mezena tombar a seu lado, violentamente quebrado. O *Nova Esperança,* agitado desordenadamente, baloiçado tumultuariamente, arrombado no costado, esbarrou contra um baixio de penedos, era o fim do princípio: por cima e por baixo uma furiosa água invadia-o, penetrando-o do porão ao castelo da proa, rilhando-lhe o carvername; da amurada desfeita, Simão Mendes vislumbrou a linha de arrecifes de Jaboatão que, como cintura sólida, transmitia a única esperança de salvação. Temeroso mas

sempre rabi, passou a palavra, a nau vai afundar-se, cada um engula as suas jóias e amarre ao peito o ouro e prata com tiras de couro, finque-se a um estilhaço de madeira como única jangada e prepare-se para o pior. Fora mesmo a tempo, uma nova vaga, vinda do mar alto ou do céu baixo, volumosa como uma montanha, carnuda como uma lagoa, impetuosa com um vento suão, desabou sobre o *Nova Esperança,* quebrando-o em dois blocos íntegros, enrolando homens e mulheres, arrastando-os contra os recifes, a uns ferindo-os, a outros esmagando-os mortalmente. O *Nova*

Esperança afundou-se, arrastando cem passageiros para o fundo do mar, deixando duzentos homens, mulheres e crianças, esfarrapados e golpeados, submersos entre os penedos dos rochedos, amarrando-se de unhas de pés e mãos vincadas às saliências pedregosas. Os duzentos sobreviventes, roxos de frio, foram arrancados um dia depois pelos pescadores de Jaboatão, trazidos em batéis para a praia quente, recolhendo do mar os destroços da nau, e, com a madeira inchada de água, ressequida pelo sol de um dia, armaram vastas fogueiras onde assaram bois, ovelhas e

cabritos afogados, desconhecendo que os preceitos religiosos proibiam os judeus de comer carne afogada, mas estes fizeram de conta que não sabiam de que carne comiam e dela se alimentaram durante uma semana. Satisfeito, o mar ia devolvendo, esventrados, os engradados de roupas e haveres, as alfaias de madeira, os tonéis vazios, os arreios de couro, os fardos de peles endurecidas.

Com o capitão-mor da guarnição, os judeus receberam o enviado de Sebastião Castro Caldas, Porão Escorço. As palavras deste espalharam azeite a ferver por cima de feridas em

sangue, as mulheres, de palmas das mãos abertas, joelhos quebrados no rés da terra, suplicavam por Adonai, interrogando-o do mal que sobre as suas famílias caíra, primeiro o naufrágio, Senhor, agora a extorsão, no fim – quem sabe – a escravização, amaldiçoavam o dia em que nasceram, clamando misericórdia d'Aquele Que É, o que no Sinai se revelou, Eu Sou O Que Sou, aquele que o patriarca Moisés apontara dizendo, Ele É O Que É, outro Ser não Há, Outro Deus não adorarás, do seu Nome não abusarás; os maridos, homens de barbas brancas entrelaçadas que sobre os ombros

esqueléticos pousavam, simulavam rasgar a túnica e a camiseta branca, dançando sobre as opas escuras, apontando violação e sacrilégio sobre a consciência do povo, imploravam a Yahvé, Velho Deus das Cinco Letras, Pentagrama cabalístico excelso, que ali mesmo fendesse a terra, a esmurrasse e a rachasse e a todos esta engolisse na sua bocarra monstruosa; outros homens, imberbes de cara e glabros de peito, de esperança em riste e fé no olhar, invocavam ancestrais saberes justificativos da ira divina que sobre esta geração do povo eleito se abatera, tal o filho trata o Pai assim o

Pai trata o filho, murmuravam, e recordavam aos velhos Cohen e Manzanar que a usura e o agiotismo a juros de 20% teriam desagravado a ira do Senhor, que vira a sua nação trocar a lavoura arcaica pelo aforro do dinheiro, o Pai fora desagravado e agora trata o filho como o filho tratara o Pai; uma Sara genária, que perdera filhos e netos no naufrágio, orava a voz gritante súplicas de perdão, Senhor, não me castigues com a tua ira, clamava ela, antes levanta-me com a tua bênção, bem sei, Senhor, que por minhas obras mereço ser castigada, mas tu és o Deus da Piedade, descansa

Deus na minha alma, não nos castigues, Senhor, Sara e outras mulheres besuntavam as palmas das mãos com terra e cinza, cuspindo nestas uma saliva seca gordurosa, manchando os pómulos das faces, berravam lancinantes urros de compaixão de cabeça a dar-a-dar; jovens judeus juravam promessas de raiva, escondendo entre as mãos desprendidas as adagas mouriscas com que prometiam cortar orelhas e narizes aos nazarenos se um dia fossem livres, ah, se Adonai, Deus das Milícias, lhes desse liberdade e ocasião, ver-se-ia então quem era o ladrão.

A mesnada judia fora forçada a parar às portas de Maratucá onde, reforçadas por uma guarnição vinda do forte do Brum, estanciavam as tropas do governador. Uma quadrada de terra balizada por marcas delimitava o terreno onde os duzentos judeus arraiariam. Porão Escorço exige o pagamento 9 ducados ao rabi Simão Mendes, são 9 ducados por cabeça, mas, falando-lhe ao ouvido, disfarçadamente, como quem não quer a coisa, vai dizendo, se pagarem tudo de uma só vez, tantas cabeças tantos ducados, ele fazia por 8 ducados e ½, era pegar ou largar, o capitão-mor da

guarnição, recordando-se de ordens havidas directamente da boca do governador, em Olinda, chamou Porão Escorço e recordou-lhe que as ordens indicavam 8 ducados, só se pudessem pagar, quem nada tivesse nada pagaria; Porão Escorço, pleno de paciência, levantando os olhos para o céu, oh, meu Deus, sempre mandas cada ingénuo para o Pernambuco, ia perguntando ao capitão-mor se ele queria ficar o resto da vida naquele sertão brasílico, queres ficar o resto da vida cá, em Maratucá, a mastigar amendoins pretos de manhã e bananas açucaradas à tarde até os dentes te

caírem de podres?, não ambicionas arranjar uma casita de duas-águas em Olinda, mesmo em Lisboa?, o capitão-mor, percebendo a marosca, propôs que se subisse para 10 ducados por judeu, quem não pagasse que voltasse para o mar, se enterrasse no chão ou se evaporasse no ar, foi a vez de Porão Escorço pregar um valente carolo no capitão-mor, nunca ouviste dizer que pela boca morre o peixe?, que quem quer de mais de menos fica?, que a ambição desmedida é má conselheira?, 8 e ½, vá lá, fica por aqui, perde-se o eco entre Maratucá e Olinda, mas 10 é excessivo, logo os ecos chegam ao

Palácio das Torres e vamos os dois parar à enxovia do forte do Brum, fiquemo-nos pelos 8 e ½ e grande ganho vai ser.

As famílias judaicas armaram panos para dormir; jovens judeus, de pás em riste, cavavam fossas para os dejectos e as lixeiras; virgens raparigas, de braços musculados, compunham os gravetos para abrasar as fogueiras nocturnas; adultos espigados, perseguidos de França, foragidos de Espanha, alvitravam que água mole, talhada de poeira, não devia ser bebida, lá foram as virgens musculosas acartar água à Fonte Nova de

Maratucá, de vestidos tristes, esfarrapados, grinaldas e rendas cinzentas, bambolinas aleitadas rasgadas, festões e florões encobertos, acartadas de bilhas, cilhas, selhas, potes, tachos, caldeiros, tigelas, caçarolas, púcaros e púcaras, panelas, infusas, quartas, quartãs, cacos e cacas, pichéis, dispotes, que sendo bacio de noite passou a ter a função de acartador de água de dia, que em tempo de guerra não se olha a nojos e pudores, canecas, cântaros, escudelas, cuias, malgas, almofarizes, sempre acarretam algumas águas para os narizes, jarros, testos ou tampas de

tapar que, viradas, dão uma infusa de água, talhas, estas levadas pelas asas por duas virgens fortalhaças, potes de talhar a azeitona, mas quê de azeitona própria por estes caminhos alheios, sempre fica uma pasta no fundo do pote e a mãe da virgem, previdente, manda lavá-lo primeiro, chocalha-o bem antes de encher, cantis, cabaças, taças, calvinhas e potinhas, que levam as meninas mais meninas, entaladas nas ancas ou à cabeça, sobre rodilha de pano velho trançado. Vendo as jovens judias musculadas a caminho da fonte, os jovens maratuquenses achegaram-se às raparigas, apreciando

a carne branca e rosada dos braços, húmida da água do naufrágio, os estilhaços de cabelo preto que fulguravam rebeldes entre os véus e os mantéus, os calcanhares arredondados sobre os chapins encharcados, a tentação cresceu-lhes e foram tenteando, chamando-lhes minha judiazinha do diabo, minha viborazinha tentadora, e elas, de orelhas moucas e olhos cegos, escutando o gorgolejar da água nos canecos, limpando a superfície desta dos ramículos de folhelho; eles a aproximarem-se, quase toca-que-toca, a ameaçar encosto de partes viris, uma delas abriu-se em

sorriso convidativo, enganchou o dedo prometendo enlaces, um deles, derretido, viu ali a sua hora e arrastou a asa, deixou-se sentar no murete caiado da fonte, convidando a comparsa a sentar-se-lhe no colo, esta deu-lhe de costas simulando sentar-se, mas quando se virou não levantava o saiote, não, antes uma adaga mourisca rebrilhante, de fio curvilíneo, peça una com o cabo de metal, entrava para esfacelar, o rapazedo olhou espavorido para o metal alvo, limpo e puro, em cuja dobra volava a sombra negra da superfície ondeante da água, o jovem atrevidote ergueu-se de sus,

sentindo a ponta da adaga tocar-lhe a ponta do nariz, se quereis sangue, sangue tereis, nazarenos, ripostou ameaçadora a jovem judia, a um de vós que tocar nas minhas irmãs esta adaga atravessar-lhe-á célere o coração, os jovens maratuquenhos recuaram, gritando de longe, suas valdevinas, suas bardinas, suas doidivanas, cabeças de bananas, suas catramoas, cabeças de mamoas, não gostamos de vós, bem podeis ficar recolhendo água, que de vós nada queremos. Tão humilhados quanto derrotados, iam atravessando Maratucá aos regougos de mau pagador,

empestando os ouvidos dos moradores de ideias falsas, as jovens judias musculadas queriam envenenar a água da Fonte Nova, os tinham querido ferir e matar, a um, àquele ali, quiseram cortar-lhe as vergonhas, capando-o, nada se perderia se se desse uma valente surra nos judeus, eles até estão a pedir, até talvez lucrássemos com isso, basta lá ir abaixo à charneca assaltá-los, talvez lá haja rubis, quem sabe se ametistas, talvez esmeraldas, ou lingotes de ouro, ou malatotes de prata, quem sabe se casquinha em pedrinha. Os maratucenses ainda saíram para a rua de porretes e

forquilhas, cacetes e catanilhas, mas logo tiraram dali a ideia quando viram as patrulhas rodeando o arraial de judeus e Porão Escorço e o capitão-mor fazendo contas aos ½ cruzados que iriam ganhar, combinando ali, à sombra de três ipês, que quem não pagasse em moeda europeia pagaria em roupas e haveres recolhidos dos salvados do naufrágio.

Simão Mendes dirigira-se ao capitão-mor, precisava de carne, as mulheres desfalecem sem mantimento, o capitão-mor respondeu, pagai os ducados que carne aparecerá, mestre rabi perambulou pelo acampamento

recolhendo os 8 ducados e ½ por cabeça, quem não tinha em metal sonante por outros era aboletado, e quando já não havia moedas para abonar deram-se sapatos de defunto e varas de pano, gibões de lã e opas de veludo, peles encardidas e madeira de pinho; ia-se fazendo um monte à sombra repartida dos três ipês, um roxo, um verde e um amarelo, que tinham levantado os seus ramos folhosos, tapando o tronco, envergonhados, corados, recusando assistir às maldezas safadezas dos homens; quando o cúmulo da taxa real estava pago, Porão Escorço disse, sim,

senhor, agora temos carninha, via-se que estava contente.

O capitão-mor começara a berrar, o mulherio dorme todo daquele lado, atrás do ipê verde, ai, ai, coitado do ipê verde, que lamúrias e gemúrias de coração destroçado irá ouvir toda a noite, o homenzio arraia aqui deste lado, para trás do ipê roxo, ai, ai, coitado do ipê roxo, as raivas que vai ouvir toda a noite, aposto que nem dormirá, os mancebos abrem aqui uma vala, aqui mesmo, ao pé do ipê amarelo, ai, ai, coitado do ipê amarelo, que ódios mudos ouvirá toda a noite, aposto que não se conterá e

indignar-se-á, este ipê é tão sensível. Os restos atiram para a vala, que restos?, perguntou Simão Mendes, nem comida suficiente temos; os dejectos, a urina, as fezes, mas já abrimos uma vala ali atrás, então abrem outra aqui à frente. O capitão-mor vai ordenando que levem o tributo para a carroça do canhão, desmunido do cujo; o numerário não, interrompeu Porão Escorço, esse levo eu aqui no bornal, é para melhor prestar contas ao governador, os panos e os trajes sim, podem ir na carroça, e ia piscando os dois olhos ao capitão-mor.

O rabi Simão Mendes exige carne de

novo, assegura haver algum dinheiro para pagar carne, os judeus pagam a carne que comem, não querem caridade, diz ele, orgulhoso, nada ficam a dever a ninguém, nem roubam os necessitados, é um chiste do rabi Simão Mendes, Porão Escorço não percebeu, ele lá tem a sua ideia, continua a piscar os olhos ao capitão-mor, muito bem, muito bem, diz ele, sentencial, se há dinheiro há carne, já falei com o magarefe de Maratucá, temos ali uns bois velhos mesmo a jeito. Eram bois tuberculosos para abate e queima, carne que, cozida e recozida, Porão Escorço quer vender

aos judeus, já tratou de tudo com o patefe do magarefe. Sebastião Castro Caldas mandara Porão Escorço comprar uma récua de bois para alimentar os judeus até de Olinda chegar a farinha, o feijão, a abóbora e o milho encomendado a Vidal Rabelo. Acendeu-se o olhar de Porão Escorço quando o magarefe lhe disse que bois não faltavam nos pastos de Maratucá, só agora vou matar sete que bolçam sangue. Eram mesmo estes, tísicos, que iam direitinhos para a garganta dos judeus. Porão Escorço mandou chamar o açougueiro, mas não foi preciso, este já descia o descampado que

embiocava para o arraial, arrastando os bois tuberculosos, cadavéricos, esqueléticos, mas, enfim, alguma carniça tinham; os aprendizes do putefe do magarefe ponteavam os bois para se juntarem perto da vala aberta pelos mancebos judeus, ah, sempre havia uma razão, agora se percebe porque o capitão-mor mandara abrir valas em duplicado; os aprendizes amontoaram ali uns cepos, passaram uns cabrestos e duas roldanas sobre o ramo mais saliente do ipê amarelo, que, adivinhando o espectáculo de sangue e horror, se pôs a olhar para as nuvens que passavam; o trapaceiro do

açougueiro desembainhou o jogo de cutelos das bainhas de couro apodrecido, ressumando sangue podre, afiava metal contra metal, eram vinte bois velhos, olhos moles meigos, alguns deles tuberculosos, joelhos dobrados e pele sarnenta, os ajudantes espicaçavam os bois babados de beiços biliosos até estes se ajoelharem, 100 ducados cada um, quantos mato?, perguntava o vigarefe do magarefe piscando o olho esquerdo a Porão Escorço, que retorquia, de escárnio sorriso, batendo os dois olhos, mais 20 do sal, têm de ser salgados, senão a carne apodrece,

continuou o ladroeiro do açougueiro, dá carne para chegar a Olinda. O capitão-mor disse a Simão Mendes, são 120 ducados cada boi, mais 50 para o sal, dá carne para chegar a Olinda. O rabi mandou matar dez bois, não era pelo dinheiro, disse, orgulhoso, mas não somos de muito alimento, uma posta por pessoa chega para dois dias; o cabreiro do açougueiro escolheu uma dezena de bois, entre os cujos sete tuberculosos, o ladrefe do magarefe piscou os olhos para os aprendizes, como quem diz, faz como eu fiz e não faças como quem diz, numa palavra, biquinho calado que

o dinheirinho calha a todos, e apontou para o povoléu, têm bucho de cabra, são judeus, comem tudo e nada lhes faz mal, não há veneno que os mate, e preparou-se para matar os bois, ostentando a técnica para os ajudantes: é alçar a gadanha, arribar o cachaço do boi e pronto, espetar-lhe o pontifim nas enxécias do pescoço, aquilo vai por ali adentro como se mergulhasse em águas cristalinas e pumba, o princípio é o caminho do fim, só pára quando o pico do pontifim toca na ponta do coração, aí, sim, o boi nem tuge nem muge, dobra as patas se as tiver direitas, lança um derradeiro olhar para a copa

do ipê amarelo e para o céu azul-guiana do Pernambuco e deixa-se tombar, a massa musculosa da carne e dos músculos despregada da alma, a técnica está no tirar o pontifim da garganta do bicho, para não sangrar, não é como matar porcos, que o esguicho do sangue até sabe bem; o sapateiro do açougueiro tem pena de que os judeus não comam porco, tinha ali mesmo uma vara chagadinha de peste, fazia a dez tostões o mel coado, dava-lhe jeito, mas o rabi nem queria ouvir falar de porcos, Porão Escorço comentou, também porcos a comerem porcos seria coisa do outro mundo, o

capitão-mor e o magarefe riam-se, riam-se, foi um fartote de risadas enquanto o malandrefe do magarefe ia enfiando o pontifim pelo cachaço dos bois, mostrando aos ajudantes, vêem?, nem embico num osso, comigo é como cortar manteiga, vai direitinho ao coração, os ajudantes começaram logo a esquartejar os bois, eram precisos cinco para subir o animal, referimo-nos ao boi, não ao açougueiro, enganchavam-lhe o escopete no quadril do boi, fortaleciam o escopete com quatro ou cinco ganchos, e içavam-no, balançando a besta, referimo-nos ao boi não ao açougueiro, até o cabresto

se fechar em três ou quatro dentes de garfo, era o manípulo do travão, agora o animal não caía, referimo-nos ao boi, não ao magarefe, já lá estavam cinco bois pendurados e os ramos do ipê amarelo ameaçavam dar de si, não havia mais roldanas e cabrestos, melhor acabar a função com aqueles, depois ia-se aos restantes, ai, ai, coitado do ipê amarelo, tem de suportar mais cinco bois, ainda vomita de tanto nojo, nunca mais se esquecerá deste dia, não era só o peso, também o cheiro, os bois quando tombavam mortos esguichavam a última bosta, uma barra líquida e vaporenta que se

aspergia em gotículas sedosas, emporcalhando o tronco enojado do ipê. O primeiro boi foi rachado, puxa-se-lhe o bandulho à mão desarmada, desenrola-se-lhe as tripas e atiram-se para a vala, as miudezas fedorentas caem aos pés dos ajudantes, apanham-nas, enrolam-nas nos braços vermelhos e depõem-nas numa escudela de barro, dá para a linguiça, diz um, uma potada de água para dentro do bucho do animal, para limpar, raspam-se-lhe as banhas, poucas são, dá para combustível de lamparina, ou toucinho de boi, frigido com ovos e pão casqueiro é de chorar e pedir por mais,

ou frita-se até torrar e dá torresmos, também gosto, diz o cabranefe do magarefe, destes não, estavam com a bicha, murmura, isto é, tuberculosos, estás a ver, olha aí atrás para o cu do boi, umas coisas a mexer, são animálculos, lombrigas, ténias, tinhas, não sei, mas torresmos desta carne nem pensar, os judeus que a comam, o ajudante saca os animálculos com uma pá, mata-os à pazada, o traiçoeiro do açougueiro é mais experiente, acarta uma mão cheia de sal, acaba com a bicheza de uma vez; os espirros de sangue continuam a encharcar o tronco do ipê amarelo, vá lá, salvou uma

brisa forte vinda do mar-oceano, encheu-lhe as folhas de uma baforada de ar fresco, evolando o líquido do sangue, fica só a película seca de cada gota, agarrada ao tronco e aos ramos, pena não chover, limpava-se a copa das escorrências escarlates; ainda faltam nove bois, vai ser todo o dia e toda a noite a matar e a esquartejar, os putinhos dos ajudantezinhos depelam o boi, meteram uns facões ao rubro para degustar a carniça, queimar a gordura agarrada, esta começa a derreter, a pele vai saindo direitinha, rabi Simão Mendes anda ali a rondar, dez peles de boi valem muito dinheiro, mas o

lateiro do açougueiro tirou-lhe daí a ideia, 120 ducados é pela carne, e os ossos também, não queremos os ossos para nada, vão para a vala, quem os quiser que os vá lá buscar, as peles não, cada pele de boi vale 50 ducados depois de curtida, estas são cá do mano, dizia o pratateiro do açougueiro, mas olhando para o olhar duro de Porão Escorço e do capitão-mor, emendou a palavra, vá lá, ofertamos uma ou duas ali ao nosso servidor do governador e ao nosso capitão, foram eles quem nos arranjaram o arranjinho, sempre merecem, Porão Escorço não estava a gostar, chamou o panelefe do

magarefe de parte e disse-lhe, levantando-o pelas goelas, olha lá, ó putefe de magarefe, e os bois tuberculosos, a quem os ias vender?, tinhas a coragem de vender carne doente aos moradores teus vizinhos?, não, não, por quem sois, nem tal me passa pela cornadura, salvo seja, parece que esta bandanada de judeus veio mesmo a propósito, ah, veio, e quem te foi chamar?, e quem te propôs o negociozinho?, e quem te disse ⅓ mais ⅓ mais ⅓ dos lucros, ficamos os três ricos aqui?, mas eu não gosto de ser enganado, qual uma ou duas peles, quero três peles e ⅓ da última ou digo

já ao rabi que os bois estão tuberculosos. Enquanto os patrões discutiam, um açougueirozinho ajudantinho sacou do primeiro coração, escondeu-o entre o cós do pelote, vincou a fressura do coração contra a pele da barriga, vai comê-lo assado logo à noite, ou frito em tiras, com pão escuro, quer lá saber que esteja tísico, é um fartote de carne, o avareiro do açougueiro só lhes dá miudezas para comer, já lhe enjoa aquela fiada de intestinos a entrar pela garganta, sabem a sangue podre.

No arrebol da manhã, rompia o alvor do dia a noite imensa, anunciado pelo

eco agudo do titilar da passarada sobre as três árvores amigas, estas viram chegar, descendo o vale, um manto de cavaleiros que a neblina ora encobria, ora desvelava. Uma delegação militar do governador cavalgara dia e noite, trazia novas ordens reais, a Olinda e ao Recife faltam misteres e artífices para competir com a nobre Bahia, Sebastião Castro Caldas fizera o rol, faltam-lhes sapateiros e correeiros, ourives, picheleiros, tosadores e serradores, escasseiam telheiros, cabouqueiros, cunhaleiros e caiadeiros, carecem de alfaiates, surradores, odreiros e cardadores, a

cuteleiros, latoeiros, esteireiros e cardadores foi um ar que se lhes deu, correeiros, dargueiros e sirgueiros rareiam, enfim, carreteiros e estalajadeiros temos os suficientes, que no acartar o trabalho dos outros e estropiar a bolsa de quem precisa de dormir e comer distinguimo-nos, precisamos dos judeus, sangue novo para a capitania, trabalho novo e bem feito, os outros, os pobres, que dêem à costa. O capitão-mor iniciou a inspecção do arraial, Porão Escorço anotava idades, mesteres e provimentos, nas idades não acreditou, nos mesteres confirmou ele próprio

alguns, os que mais interessariam a Olinda e ao Recife, nos provimentos multiplicou para o dobro, e, no fim, exausto, sentou-se à beira do ipê roxo, fora um dia esmagador, deixa lá ver quais são as famílias mais importantes, esta, mais esta, boa, olha, estes são ourives e pratives, devem ter uns lingotezitos escondidos assim como não quer a coisa, este ferreiro, este louceiro, fica em primeiro, fiam fino estes judeus, este tecedeiro de panos de arrás vai para trás, este cirurgião, o da boa-mão, este relojoeiro, mester noveiro, quantos dão, ó Porão?, inquiria, trinta famílias, respondeu

Porão Escorço, era o que eu calculava, sangue novo para o Pernambuco, disse ele, ó Porão, trinta famílias seguem para o Recife, o governador dá-lhes terra para levantarem casa e loja, os outros judeus vão para o Maranhão. Porão Escorço e o capitão-mor informaram Simão Mendes da pretensão do governador, ficam cá, disse o primeiro, é como se fossem mascateiros e portugueses, cristianizam-se, os franciscanos ensinam-vos a doutrina, não se fala mais nisso, faz de conta que não são judeus, podem rezar a Iavhé e a Iavhó, mas dentro de casa, discretamente,

ficam a viver no Recife para sempre, um bairro novo, sangue novo à cidade velha.

Na manhã seguinte, Porão Escorço e o capitão-mor, preparados para fazer o rol dos trinta artífices e famílias que seguiriam, nesse mesmo dia, para o Recife, sentaram-se à sombra dos três ipês. Quem é artífice e decidido a estabelecer-se na capitania vá para a fila, arengava Porão Escorço. Eu, dizia um judeu desesperado, sou luveiro, eu, eu também, tu, o que és?, sou livreiro, encaderno papel e componho livros, livros é coisa de que o Pernambuco não carece, mas, olha, se pagares

passas; só passa quem nos der um pagamentozinho, guinchava o capitão-mor, arranjamos-vos nova vida, vale a pena um sacrifício, uma pagamentozinho e ficam no Pernambuco, eu sou pedreiro, tu vais, vão ser precisos muitos pedreiros para a reconstrução de Olinda, não te esqueças de ensinar a arte da pedraria aos teus filhos, vão ganhar muito dinheiro; vá, bicha, façam bicha, gritava o capitão-mor; eu anoto os ofícios, vou contando dez a dez, dizia Porão Escorço, minucioso, no fim arrecado o dinheiro no maléu, quando contarmos trinta paramos, acabou-se.

Então, vamos lá, tu, o que fazes?, canastreiro, boa, tu?, sapateiro, tu também?, lenheiro, tu?, alfaiate, tu?, cirieiro, tu?, taberneiro, tu não vais, desaparece daqui, já temos muito cristãos taberneiros, ah, lembrei-me agora, também sou atafoneiro, tem aqui vossa senhoria este saquitel com 50 cruzados para se esquecer de que sou taberneiro, ah, por quem sois, até podeis ser vinhateiro ou tendeiro, que por 50 cruzados eu juraria que nunca conheci melhor atafoneiro, até vos vou recomendar para o moinho de maré do Varadouro, tu?, manteigueiro, tu?, roupeiro, queres dizer alfaiate, não, é o

mesmo que queijeiro, ah, já estou a perceber, tu?, chapineiro de sobrado, se precisarem de casas de vários andares é comigo que vêm falar, vão ver lá a Amsterdão, há uma rua toda feita por mim, tu?, corrector de cavalos, para nos enganar em cavalarias já temos os ciganos, tu não vais, ah, lembrei-me agora que também sou regateiro, faço um leilão em três instantes com proveitoso ganho para o proprietário, tu não vais, já disse, regateiros só cristãos, ó senhor Porão Escorço tem aqui este saquitel de cambraia malamaia, tilintam lá dentro ducadinhos, não são vintenzinhos, não,

são ducadinhos, não me poderá arranjar um ofício que me faça assentar no Recife que eu lá me arranjarei, ah, se assim é passas a ser carpinteiro ou pedreiro, prefiro carpinteiro, sempre preferi a madeira à pedra, já assentei, és carpinteiro, tu?, calceteiro, boa, segue para além, tu, bombardeiro, com salitre ou com a peida, muita graça de vossa graça, vá, segue para ali, tu?, albardeiro, tu?, aljubeiro, foge, satanás, que carcereiros judeus não queremos, não, não, vossa senhoria está enganado, eu não sou desses, eu sou aljubeteiro de fazer aljubes, coletes mouriscos emarchetados de

pedraria, uma especialidade, aprendi com o meu avô, que além de judeu era mouro, vá lá, passa lá, é como nós todos, também todos somos judeus e mouros, só que nalguns vê-se, noutros não, não tens aí um cruzado, aqui só tenho meio, então dá cá, fica pelo susto que me pregaste, tu?, cirurgião de mãos, não há mais cirurgiões?, destes é que precisamos, eu, eu, dois passam, destes é que el-rei precisa, médicos-barbeiros-cirurgiões, tu, relojoeiro, o que é isso, é a arte de medir o tempo por relógios de corda, substituímos as ampulhetas, e escrevemos almanaques sobre o tempo que vem e o que já

passou, as colheitas e as festas, não sei do que estás a falar, mas passa lá, tu?, eu?, sim, tu, surrador, tu?, tosador, tu?, eu?, sim tu, ah, eu sou peleiro, tu?, eu sirgueiro, tu?, carvoeiro, tu?, madeireiro, tu, serrador?, onde passa um madeireiro passa um serrador, tu?, picheleiro, tu?, funileiro, tu?, confeiteiro, tu?, padeiro, tu?, caixeiro, tu?, cordoeiro, tu?, ferreiro, tu?, estopeiro e calafetador, tu?, tecelão, tu?, …, tu?, … tu? Porão Escorço já contou 29, é o último, à sua frente tem um bando de homens, todos protestam, querem ficar no Recife, há braços no ar, o arrebol da manhã fenece, o livor

desfalece, a manhã já é inteira, cheia de luz, os braços remexem-se e acotovelam-se, burburinho de vozes, eu, eu, eu, eu, todos clamam eu, é a fronteira entre o futuro e o abandono, um, calado, sabe que tem de ser o trigésimo, não hesita, rompe o corpete esfarrapado, afasta a banda do gibão, retira uma quadrícula de ouro, fecha-a no palmão da mão, aproxima-se de Porão Escorço e diz de voz aflautinada, é a voz dele, excessivamente aguda, parece um chilreio de pássaro, folgo em conhecer vossa graça, sou carpinteiro, segura na mão de Porão Escorço como se lha

fosse beijar, gesto tão rápido que este nem teve tempo de afastar a mão, o judeu poisa a sua sobre a dele, retira a sua e fecha a dele, Porão Escorço não quer acreditar no que vê à luz crua do sol, sol contra sol, sol na mão e sol no céu, sol frio na mão sol e quente no céu, uma quadrícula de ouro liso, suave e macio, rutilante de amarelo, disse o senhor que era?, Porão Escorço já tratava Moisés por senhor, o senhor disse que era?, eu sou carpinteiro, e Porão Escorço, puxando da espada, fendeu os ares, o trigésimo não é este nem aquele, muito menos aquele ali de voz ribombante, ou

aqueloutro resmungão, é este senhor aqui, era mesmo de um carpinteiro que o governador estava a precisar para encerrar a lista de Maratucá, está assente, quem passou, passou, quem não passou, não passou. Moisés Amzalack engoliu em seco, olhou de longe para a mulher, que o aconselhara, e para as três filhas salvas do naufrágio, não era carpinteiro, era ourives, aquele fora o último restículo de ouro que lhe sobejara do naufrágio, agora só tem prata e estanho, materiais que não lhe favorecem o trabalho; se calhar, quando chegar ao Recife vai mesmo

virar carpinteiro.

Eu não te dizia, resmungou o gavião novo, são homens, a mesnada era mesmo de homens, não de vacas. Pois é, regougou o gavião velho, por mais que viva e que aprenda, nunca consegui distinguir os homens dos animais. Ora, ora, até parece que a diferença é grande, riu-se o novo, fixando o olho direito no rabo gordo de um lagarto barto.

Estafados, as carroças alquebradas, os veios das rodas entortados, os cavalotes gastos, Julinho, Lula e seis escravos chegaram finalmente a Itamaracá. Vislumbrando a catanada de

judeus, Julinho recordou os arraiais de reinóis no terreiro da Sé, em São Luiz, as mulheres de seios pútridos vomitando uma aguadilha, as crianças chupando-a ávidos, sugando sangue da mãe, a monumental caganeira dos colonos infestados de disenteria, o corpo apodrecido acolhido à sombra de palmeiras babaçu, as pústulas roxas dos rapazolas soldados feridos na expedição ao Palmar do Mearim para caçar escravos, a pira mortuária de potiguares acometidos de varíola sangrenta, lançando adeuses infelizes entre as chamas da morte, as índias sobreviventes comendo terra seca para

se suicidarem – fora a imagem terrena do inferno, que levara seu pai, Álvares Fernandes, a empenhar uma fortuna para auxiliar os moradores de São Luiz, e agora, de novo, Julinho tinha à sua frente outra imagem do inferno, os olhos temerosos vislumbravam idêntico espectáculo de horror, não brancos pobres esmagados pela seca, não índios infectados, não negros revoltados, mas judeus, a raça de Samuel Mendes, o Natário Notário amigo de seu pai, uma paisagem de abominação o que via com Lula, incapazes os dois de trocarem palavra, um campo cercado de militares

ostentando no centro duzentos judeus famélicos, descalços quase todos, trajados de restículos de roupas esfrangalhadas pelo mar, alguns já cadavéricos, crianças catando a porca ração de boi tuberculoso, de buchos dilatados, olhos fixos desbrilhados, voz lenta, pastosa, inaudível, braços sem esperança, espíritos sem fé, abandonados pelo seu Deus, desejando morte rápida, resignando-se a aceitar a sorte que um Deus inclemente lhes ditou, forçados a reconverterem-se ao cristianismo, Lula compreendeu o sofrimento de Julinho, cruzaram em silêncio os seus olhos húmidos,

informaram o capitão-mor e Porão Escorço de que o carregamento de arroz, feijão e farinha podia ser distribuído, conduto sólido que, guarnecendo os nacos de carne lascada de boi, começaria a fortalecer os corpos desnutridos dos judeus, o Dois Olhos replicou que no Pernambuco, terra agreste, nada se dava, a ele nunca ninguém lhe dera nada, nem o pai, muito menos a mãe, e ao Bastião também não porque deu-me ordens estritas de que feijão e arroz se vendessem, farofa vá lá, ainda se pode dar, agora feijão e arroz têm de ser ressarcidos, o cofre real está vazio, um

pagamentozinho não pode deixar de ser feito; o capitão-mor acenava que sim, a ele também nunca ninguém dera nada, estava para nascer aquele que pudesse dizer que do capitão algo recebera de graça. Porão Escorço, limpando as unhas com o aguço de um cipó, ria-se e apontava para si, dando-se como exemplo a Lula e Julinho, tinha uma proposta, era assim que ele dizia, passando o aguço do cipó das unhas para os dentes, palitados abundantemente, é vender de barato as sacas de arroz e feijão, a farofa é uma promoção, quem comprar mais arroz e feijão tem direito a mais farofa, o

capitão-mor confirmava, olhando para os pés, envergonhado, ele sabia que Julinho e Lula sabiam que Porão Escorço recebera ordens do governador para cobrir as despesas em víveres e roupas, que deviam ser distribuídos gratuitamente aos judeus consoante as necessidades e, ainda que ambicioso e cúpido, sentia-se mal, habituara-se no exército a fazer as coisas pela calada, não face a duas testemunhas comprometedoras; Porão Escorço continuava, esbugalhando com o dedo mínimo a cera do ouvido esquerdo, ninguém fica a saber, pomos aí um preço de 10 reais a saca e

dividimos o dinheiro entre os cinco, o Bastião não está cá mas também come, 2 reais por saca a cada um, não é mau, o capitão-mor concordou, garantia que o Bastião também comia, fora a capadura com que encontrara encobrimento, falsa capa mas que funcionava, escondendo-se à sombra do governador. Lula encolerizou-se, uma raiva imensa banhou-lhe o rosto, os olhos pularam-se-lhe, as narinas arfaram, a língua tremeu-lhe, soltou um bufo de cavalo, crispando as mãos, vilões, foi o que disse; Julinho, não menos danado, calmou-o, retorquindo, recebemos ordens do honrado (e

repetiu: honrado) mascateiro Vidal Rabelo para entregarmos as provisões, os alimentos são gratuitos, os judeus não têm de pagar, o Palácio das Torres pagará depois. Ora, ora, arrolou Porão Escorço, ora, ora, temos aqui inocentinhos, agora que estava tudo a correr bem aparecem aqui dois homens honestos, coisa nunca vista, isto é, dois anjinhos, dois burrinhos, dois padres Vieira, desconhecem que o Brasil é a terra do quem tem um olho é rei, Porão Escorço, assoando as escorrências do ranho às mãos, não gostava do rumo da conversa, ao Lula já o conhecia, fraco defensor dos fracos, pobre defensor

dos pobres, pensava ser Julinho homem de outro jaez, chegara sem nada, encostara-se ao convento a esmolar pão de broa, tinha ali a oportunidade de firmar um pé-de-meia, convidei-o a delatar para o Bastião a vida no convento, ele, nada, agora, pode enriquecer, e nada de novo, Porão Escorço virou-se para o capitão-mor, podia tornar-se um mascate, apontava para Julinho, mas não sabe aproveitar as oportunidades, é inocência a mais, mesmo tolice, no convento tomou o lado errado, agora é o mesmo, há homens que fazem impressão, sempre do lado errado,

claro que o Bastião dissera ao Vidal Rabelo que depois lhe pagaria, mas certamente lhe arregalou o olho, como a mim mo fez, ou queriam que o governador lhe dissesse e me dissesse, olhem, Vidal e Porão, façam aí as falcatruas que quiserem, mas tragam-me dois dobrõezinhos de ouro, quero é dois dobrõezinhos de ouro, Porão Escorço, limpando as mãos ranhosas ao corpete, atirou à cara de Julinho e de Lula o grande argumento: já pensaram porque o Bastião me mandou a mim, um servidor de caca, não mandou o provedor, ou o seu próprio secretário, Barbosa de Lima, ou o

sargento-mor do Pernambuco, não, foi a mim que mandou, e o vosso senhor Vidal Rabelo não pede nada porque o dinheirinho da capitania está arrecadado e, mais, mais, porque o Bastião terá encomendado víveres apenas ao Vidal Rabelo, e não os repartiu com outros mascates, o Simão Ribas, o Joaquim de Almeida?, não lhe terá o Vidal lambuzado as mãos?, e agora caem aqui estes dois palermotes, idiotados de todo, dizem que não, não senhor, o feijão e o arroz não são para vender, são para dar, como se dar não fosse já uma forma de vender, de influenciar, é o que o Sebastião está a

fazer, finge que dá, ganha por fora e fica com os judeus na mão, não é por acaso que nós somos galinhas e ele é galo, é para o que vos convidamos, a deixarem de ser galinhas e a tornarem-se frangos, o Bastião arranja-lhes terras, casa e trabalho, os judeus ficam-lhe devedores e todos vão pagar-lhe um dia com dinheiro contado, ele se encarregará de lhes lembrar, as primeiras botas do sapateiro ser-lhe-ão oferecidas, o primeiro gibão com brilhantes do alfaiate ser-lhe-á oferecido, o primeiro pichel do picheleiro ser-lhe-á oferecido, a primeira sela do seleiro

ser-lhe-á oferecida, o primeiro lenço de prata do prateiro ser-lhe-á oferecido, o primeiro anel de ouro do ouriveseiro ser-lhe-á oferecido, preciso continuar, ó galinhas galinholas sem tutano nas tolas?, o capitão-mor, ouvindo com assentimento sábio, rosto de quem ensina o pai-nosso aos meninos da escola do bispo, rematou, pronto, o que foi dito faz de conta que não foi dito, quem cá estava faz de conta que cá não estava, e vamos à distribuiçãozinha, 10 reais a saca, concordam? Julinho, sereno, replicou que, para falar como vossa senhoria, o

que fora feito feito fora e não havia meio de desfazer o dito e o feito, mas preferiam, falo por mim e por meu companheiro Lula, ser anjinhos que diabozinhos, nunca se aproveitariam da desgraça alheia, o naufrágio fora excessivo para aquela gentalha escanzelada quanto mais agora burlados e rapinados, Deus queira que tal não aconteça; Lula enfunou o arcaboiço do peito e levou a mão ao cabo do punhal, encerrando a conversa, nós próprios mais os seis escravos distribuímos as sacas, não confio em capitães nem em homens que olham para dois lados ao mesmo

tempo. O capitão-mor sorriu com o esgar adivinho dos velhacos e canalhas e Porão Escorço limitou-se a esgaravatar uma coceira que o incomodava entre as pernas, ‘tá bem, disse este, se assim o querem assim o levam, fica mais para nós, podiam fazer uma fortuna, saíam daqui de estalo e assim partem de rabo entalado entre as pernas, vá lá, agradeçam-nos saírem daqui vivos, há homens que nunca aprendem, por isso é que os pretos e os índios têm cada vez mais poder, já disse ao Bastião que é preciso alisar a cabeça dos pretos e dos índios, mas ele não me parece ter

percebido. Quando Julinho e Lula olharam em redor tinham doze bacamartes apontados ao corpo por onze soldados da guarnição comandados pelo capitão-adjunto, a coceira fora o santo e a senha, se o Porão juntasse à coceira com a mão esquerda a limpeira das ranholas com a mão direita o capitão-adjunto teria mandado disparar a matar, grande sorte tiveram Julinho e Lula. Os seis escravos descarregaram as sacas das carroças, guardaram meia de feijão e meia de arroz para o regresso, Julinho e Lula apontaram as juntas de bois para a estrada do Recife e, bufando,

como animais perdidos, furiosos de tanta dor, esmagados de tanta injustiça, abandonaram o arraial dos judeus de Itamaracá. Vidal Rabelo, tomando conhecimento da história, comentou que era um mascateiro e que os comerciantes cumprem encomendas por preço justo, o resto, isto é, a proveniência do dinheiro não lhe interessava, se assim não tivesse sido seu pai, Miguel Rabelo, ora defunto, nunca teria enriquecido, ainda hoje deambularia pelos engenhos da mata a vender réstias de alhos e cebolas, como começara em criança. Olhando para os entristecidos Lula e Julinho,

Vidal Rabelo animou-os, vá, afastai a ruindade do vosso coração, trabalho não falta, aproveitem e tomem um banho que cheiram mal da viagem.

Duas cartas d'el-rei ao governador Sebastião Castro Caldas

Vidal Rabelo desmontou frente ao Palácio das Torres, no Recife, deu as rédeas do cavalo a Porão Escorço, que, réptil, peçonhento, se desfez em cortesias e rapapés, confidenciando, se vossa mercê tiver algum trabalhinho para mim, desses que mais ninguém

faz, ‘tou às ordens, Vidal Rabelo retorquiu que cabras-do-mato não lhe faltavam, bastava-lhe piscar os olhos ou castanholar os dedos, Porão Escorço, chacal, mesquinhento, insistiu, mesmo assim, nunca se sabe, Vidal Rabelo entrou no palácio, donde, agastado, açulado como um cão vadio, saía o dr. José Inácio de Arouche, partidário dos mazombos e ouvidor-mor da capitania do Pernambuco, suprema palavra da lei antes da do governador, firmaram-se face a face no pórtico do palácio, não podiam simular que não se viam, Vidal Rabelo cumprimentou Arouche que, burguês e

coimbrão, declinou a cabeça clamando por Porão Escorço. Vidal Rabelo viera receber o numerário do fornecimento de víveres para o arraial dos judeus e Sebastião Castro Caldas, apreensivo, encostado à portada azul da janela ogival, recebeu-o de braços estendidos, o Arouche é um empecilho, comentou Sebastião, com portugueses assim o Pernambuco não avança, marca passo, as restantes capitanias adiantam-se, qualquer dia até o Maranhão nos deixa para trás, nos últimos dez anos São Luiz atingiu metade das nossas exportações de açúcar, nos próximos dez anos apanha-

nos, daqui a vinte o Recife está como Olinda, três ou quatro naus no porto, sobrados abandonados, duas ou três casas mercantis e fradalhada por todo o lado. Sebastião leu o rol dos víveres que Vidal Rabelo lhe apresentara, anotou, estes judeus foram uma dádiva do céu, preenchem as nossas necessidades em artífices, ficamos todos a ganhar, até eles, para baixo do La Plata aquilo é um deserto, a Patagónia é um descampado, um ermo, areias e ventos, estéril como uma viúva, iam morrer à fome, aqui pelo menos enriquecem, enfim, têm de se esquecer de que são judeus, d. Álvaro

Manuel da Costa disse que já estão habituados, de cinquenta em cinquenta anos esquecem-se de que o são, depois, passados outros cinquenta, voltam a ser judeus, o bispo vai requisitar um visitador à Santa Inquisição, Vidal Rabelo pensou que não eram só os judeus que ganhavam, pelas conversas de Julinho e Lula o governador também ganhara do bom e do melhor, e ainda não recebera a taça de prata que Julinho lhe trará amanhã, enfim, pelo privilégio de ter oferecido o monopólio da provisão a Vidal Rabelo, os privilégios pagam-se, têm um retorno por baixo da mesa, Vidal

Rabelo aprendera com o pai, regra número um de uma casa aberta, favorecemos quem nos favorece, regra número dois, não há receber sem dar nem dar sem receber, regra número três, pagar e gastar o mais tarde possível, receber e poupar a toda a hora, regra número quatro, o princípio é o caminho do fim, de um favor minúsculo nascerá um negócio maiúsculo; é pena que Vidal Rabelo não sinta suficiente à-vontade para falar nas alcavalas pagas pelos judeus a Porão Escorço e ao capitão-mor, retraiu-se, presumindo o governador metido na marosca, mas Sebastião

Castro Caldas nada recebera, as suas intenções tinham sido boas e correctas, aproveitar a mão de Deus para abastecer o Recife e Olinda de artesãos, queria lá saber que fossem judeus, desde que soubessem trabalhar e se obrigassem a respeitar a lei de Cristo, por isso mandara demarcar o arraial, fornecer víveres e favorecer a estadia dos judeus no Pernambuco, oferecendo terras e logradouros para se instalarem, arregalara os olhos ao Porão Escorço, não para que este fintasse algum dinheiro, mas para que este, desembaraçado e esperto, de tudo bem tratasse. Os portugueses vindos

para o Brasil faziam-no por miséria, sem nenhuma qualidade de trabalho, tornando-se vendedores de pequenos géneros, ou vinham como degredados, entre estes encontravam-se alguns artífices, sempre insuficientes, forçando o tesouro da capitania a abastecer-se directamente a Lisboa. Cinquenta anos antes, no tempo dos holandeses, Maurício de Nassau, ocupando militarmente o Pernambuco, abrira este a cinquenta famílias judaicas de Amsterdão, que logo instalaram as suas oficinas e casas mercantis, levantando os melhores sobrados do Recife, prestando uma

intensa agitação ao porto e ao bairro, unidos pela nova ponte batava. O Recife carecia de mesteirais, não de gente matuta, sertaneja, cada família metida na sua pequena roça, faltava gente de trabalho mecânico, que fizesse circular, não géneros, mas artefactos, peças de ferro, de couro, de madeira, de ouro, de bronze, tudo adquirido a Lisboa. Entre os mascates ricos, exportadores de açúcar e importadores de escravos e de artefactos necessitados ao Pernambuco, e os mazombos, senhores afidalgados de engenhos de açúcar, a maioria arruinados por uma linhagem

de ostentação e riqueza não conforme, desde os pais e avós, com o numerário recebido pela venda do açúcar, pairava a maioria das gentes, roceiros, fazendeiros, lavradores de feijão, rendeiros, oleiros pobres, sertanejos desditosos com três cochinos, uma família de cabras, duas juntas de bois e uma azémola encardida. Sebastião Castro Caldas ambicionava cortar este nó, se possível pacificamente, enchendo o Pernambuco de novas gentes, trabalhadoras, desvinculadas da terra, moradoras das vilas, artesãs, abastecedoras de novos produtos, multiplicadoras de novos interesses, e

para isso só possuía terra livre no Bairro do Recife, a terra de Olinda fora repartida a esquadro e compasso pelos descendentes dos pioneiros dos séculos XVI e XVII, os expulsadores dos holandeses, que se tinham assenhoreado das colinas, Sebastião fora obrigado a dar-se bem com os moradores do Recife, os roceiros, os lojistas, os mercadores, os exportadores, era ali, no Recife, que Sebastião Castro Caldas via o futuro do Pernambuco, defendido pelos fortes do Brum e Cinco Pontas, prestimosa herança nassauniana, os ilhéus vincados em arquipélago por pontes, à

maneira holandesa, a antiga Rua dos Judeus, centro de mercancia, agora Rua de Jesus, animada e atravancada de inúmeras carroças, o mercado de escravos abastecido de centenares de pretos desembarcados de África, o trapiche e o porto ajaezados de barricas, tonéis, fardos, caixas, baús, arcazes, caixotes, carregos. Sebastião dava conta a Vidal Rabelo dos seus sonhos, tivera três anos para mudar a face do Pernambuco, os primeiros seis meses tinham-se consumido em embates diplomáticos contra os mazombos, que privilegiavam Olinda e se recusavam a dar separação

municipal ao Recife, elevando este a cidade; os últimos seis meses gastara-os usando de artimanhas legislativas, correspondendo-se com o Conselho Ultramarino, em Lisboa, e o governador-mor, em São Salvador, preparando as instituições e os postos de comando da futura cidade do Recife, vivendo aqui longas temporadas, no Palácio das Torres; porém, a cada avanço seu, o Senado da Câmara de Olinda, melindrado, replicava com graves acusações a Sebastião e queixas para o rei, faltavam-lhe menos de dois anos para, antes de dar por finda a comissão

régia, deixar o Recife como o novo centro mercantil do Pernambuco e o território, todo ele, como grande centro açucareiro do Brasil, ultrapassando as exportações da Bahia. Se a guerra estalasse entre Olinda e o Recife, o seu sonho esvair-se-ia, afundado em dinheiro para armas e guarnições, acompanhado da destruição de engenhos; se Olinda teimasse em prolongar o domínio do Recife, a riqueza deste seguiria para a provedoria de Olinda, que a distribuía em favorecimento dos mazombos, estagnando o Pernambuco, com a produção de açúcar a baixar todos os

anos; se Olinda e o Recife acordassem numa independência mútua, o Recife desenvolver-se-ia e Olinda seria arrastada pela riqueza da sua vizinha. Fora esta última a solução de Sebastião Castro Caldas que, no entanto, vira gorar-se um ano depois da sua chegada, primeiro o desaguisado com as mais insignes famílias mazombas, de quem o dr. Arouche era amicíssimo, depois o falhanço do casamento entre Leonor e Vidal Rabelo, cosido pelo governador nos bastidores, agora admoestado pelo próprio rei. O meu casamento? – inquiriu Vidal Rabelo – vossa senhoria

refere-se ao meu casamento com Leonor?, sim, respondeu Sebastião, fui eu, aqui, nesta mesma câmara, que o propus a André Figueiredo Dias, tio de Leonor, ambicionara unir ilustres famílias mascates a famílias mazombas, sabia de um derriço entre Vidal e Leonor, a tanto não me atreveria se não o soubesse, Vidal Rabelo espantara-se, o meu casamento foi uma conveniência política de v. senhoria?; oh, não, Vidal, como seria possível?, limitei-me a acelerar o que a andar estava, foi um jeito meu, abrir-lhe as portas dos Figueiredo Dias, dos Cavalcanti, facilitar o que parecia

difícil, percebe agora porque lhe foi tão fácil, Vidal, receber o consentimento das famílias mazombas?, até Leonor se admirou de tanta cortesia. Vidal Rabelo é jovem, crê que o amor tudo vence, assim o pensara, presumindo ter sido a força do amor comum, seu e de Leonor, que vencera as famílias Cavalcanti e Figueiredo Dias, percebia porque estavam estas tão interessadas em que ele ficasse a viver em Olinda; ao contrário das intenções de Sebastião, os mazombos não desejavam fundir-se com os mascates, mas encaminhar os chefes destes para o seu lado. Nada

pior como prenúncio de guerra. O governador, em conciliábulo com Cavalcanti, ansioso por fundir famílias de Olinda e do Recife, trocou o adiamento da erecção do Recife a vila, consentida por ordenação do Conselho Ultramarino, assinada pela mão de d. João v, pela autorização familiar do casamento de Leonor, o produto de uma troca, os mazombos engoliram Vidal Rabelo, mas não o aceitaram. Sebastião Castro Caldas mostrou a Vidal Rabelo o pomo da sua preocupação, as duas cartas de el-rei que pousavam sobre a secretária, admoestando-o; a censura de d. João v

era, habitualmente, o último aviso antes da demissão forçada, Sebastião regressaria ao reino, condenado à eternidade do limbo das antecâmaras reais, aguardando dias e dias por uma discreta palavra dos secretários. Os mazombos, ressentidos, tinham pleiteado para Lisboa, certamente com a ajuda do Arouche, e acertaram no que de mais susceptível todos os reis têm, opulentos narcisos – a vaidade, a prosápia, a vanglória, a bazófia, a jactância, a soberba, o panacho, a ufania, a chibança, a bravata, a belfa, a beiçana, a crista, o cachaço, a presunção, a ostentação, enfim, o

amor-próprio de nosso senhor el-rei. Em conflito de palavras, Bastião saíra de si, ordenara que os senadores lhe chamassem Senhor, só Senhor, sem complementos nem acrescentos, el-rei admoestava-o agora, por carta, que tal cumprimento cerimonioso só a ele, rei, era devido, todos os outros são senhores qualquer-coisa, só ele, rei, é Senhor, sem outro epíteto. Sebastião mostrou as duas cartas a Vidal Rabelo, anotando que nada disto era vital para o Pernambuco, mas muito importante para mim quando regressar ao reino, o Conselho Ultramarino é como a Igreja, perdoa mas não esquece, e lá se vai o

meu desejado lugarzinho em Paris, enriquecendo e nada fazendo. Vidal Rabelo pegou na missiva real, a primeira era dirigida aos senadores, «Officiais da Camara da Cidade de Olinda», e versava assim:

Eu El-Rei, Pai de Portugal, envio muito saudar. Viu-se as queixas que fizestes dos procedimentos com que se tem havido na disposição de seu governo Sebastião Castro Caldas, intrometendo-se na jurisdição dos Ministros [a queixa de Arouche], soltando presos, mandando tirar devassas e proceder no prosseguimento delas

despoticamente, abusando das minhas leis e provisões, e cometendo outros absurdos e excessos, de bom prejuízo à grande igualdade da razão, e em grande dano da justiça desses povos, o que lhe mando estranhar asperissimamente, e lhe ordeno se não intrometa nos negócios da Justiça, assim cíveis como crimes, por pertencer o conhecimento deles ao Ministro [foi queixa do Arouche, que, conhecida a carta, veio pedir favas contadas a Sebastião quando Vidal entrara no palacete] *a quem os tem cometido; e porque insinuais que o mesmo Governador nas cartas que*

escreve a esse Senado vos não põe a cortesia que vos é devida [o Bastião trata os senadores mazombos abaixo de doninha fedorenta, considerando que neles reside a imperfeição no desenvolvimento de Olinda], *e que quer que nas que lhe escreveis lhe ponhais a de Senhor, que só pertence à Majestade, isto é, a Mim, me pareceu dizer-vos que nas cartas que lhe escreverdes lhe deveis pôr a de Senhor Governador, e nas que ele vos escrever há-de dar a de Senhores Officiais da Camara, no fim da lauda branca, porque assim lhe mando declarar. Escrita em Lisboa a 7 de*

Outubro de 1709.

Rei

Ufa, desabafou Vidal Rabelo apontando para Sebastião Castro Caldas, farruscou o nome, vai ser difícil fazer esquecer. Se vai, comentou Bastião, o Arouche vai espalhá-la por tudo quanto é sítio, e leia a segunda que é pior, é-me dirigida:

... *Me pareceu estranhar-vos muito asperissimamente este procedimento e excesso com que tendes havido nesse particular, com tanto abuso de jurisdição que pertence ao Ministro*

da Justiça, e espero que vós vos abstenhais de executar essas desordens, e quando continuais nela mandarei usar convosco daquele rigor de castigo que pedem semelhantes casos tão graves, com tanto prejuízo da boa igualdade da razão e com grande dano da Justiça dos povos, e assim vos ordeno por esta não vos intrometais nos negócios da justiça, assim cíveis como crimes, porque o conhecimento destes pertence aos juízes, ouvidores e mais ministros a quem o tenho cometido por minhas Leis e Provisões, advertindo-vos que não podeis soltar

presos pela justiça, justa ou injustamente presos [Bastião olhou para Vidal, foram aqueles mascates bêbados que os mazombos queriam executar com pena de galés, libertei-os e mandei-os para o Maranhão], *porque só ao ministro dela pertence, e menos mandardes tirar devassas, nem suspendê-las, pois não é do vosso ofício examinar quais são os casos delas ou não são, e somente vos pertence o dar-me conta se os ministros procedem mal, faltam à sua obrigação ou abaixo da sua jurisdição, para eu os mandar castigar como for servido. E porque*

os officiais da Camara dessa capitania me dão conta de que nas cartas que lhes escreveis os não tratais com a cortesia devida, e quereis que eles vos tratem nas cartas que vos escrevem com demasiada cortesia: Me pareceu ordenar-vos que nas cartas que escreverdes lhe ponhais no fim da lauda branca, Senhores Officiais da Camara, e a eles o mando assim declarar, Senhor Governador, e não Senhor, porque este título simplesmente pertence só à Majestade na forma de lei de cortesias.

Rei

Bastião ajustara o casamento entre Vidal Rabelo e Leonor em troca do adiamento da erecção do Recife a vila, o casamento falhara porque os mazombos, raça altiva, incapaz de partilhar estado e dignidade, truncaram o consórcio, forçando Vidal a aceitar o que nunca podia aceitar – viver à sombra do código dos senhores de engenho, em casa de André Figueiredo Dias, igualmente casa de João Cavalcanti, mazombo-mor de Olinda. Vidal fizera-o por si, a sua honra, e pelos mascates que lhe deram a condição, pela memória da geração do pai, chegada ao Recife com uma mão à

frente e outra atrás, e por Leonor, para um dia a poder libertar da herança de sangue ruim, levando-a a viver entre gente educada e livre. À saída do palácio do governador, Vidal Rabelo embiocou o cavalo para a Rua de São Bento, o crepúsculo chamejava do ventre do sol uns raios esmaecidos, purpurando o mar agitado de uma auréola laranja-arroxeada, deixando tombar do imóvel firmamento o manto negro da noite, Vidal Rabelo retirou do alforge um saquitel de caxemira preso por um lastro de linho onde escondia um bilhetinho para Leonor, a amada; se descoberta a sua presença, arremessá-

lo-ia contra a janela de treliça, caso não se visse vivalma, retirado o bilhete do saquinho, enfiá-lo-ia pela fresta da rótula, como acontecerá.

Leonor, menina romântica, sentiu-se possuída pelo espírito do recém, recém, recém-esposo, como se a letra de Vidal Rabelo lhe fosse ar para o corpo e lume para a alma. Embaraçou-se pela resposta, rápida e breve, decidida a encontrar-se com o recém, recém recém-consorte, que permanecia eterno noivo. Como fazer para responder ao amado, inquiria-se Leonor, figurando-se de Inês, Julieta, de Heloísa, de Isolda, ansiando por

Pedro, Romeu, Abelardo e Tristão? Levada pela malícia, virtude suprema que o Criador abundou nas mulheres, Leonor retornou à sala onde se encontrava reunida a família, aproximou-se da janela para afugentar um ramo de jaqueira que arranhava a treliça, e, despercebidamente, jogou para a estrada rente o murete novo lençozinho de cambraia onde escrevera a tinta carmim, Amo-te, amanhã na cerca.

Leonor, reprimida e sufocada, assustada, apurara a astúcia feminina, aquele dom que os homens desconhecem ser virtude ou defeito,

ou, talvez, defeito que de tanto usado se elevou a virtude, que, em conjunto com o recato ostensivo, a aparente humildade de se apagar para mais se realçar, constituem os dois traços por que a mulher se revela, velando-se, frente ao homem que ama. Vidal Rabelo entrapara os cascos do cavalo, descalçara as botas lustrosas, procedera como a raposa acercando-se do incauto gamo branco, inocente no acto de retouçar erva fresca, acumulando gordura para, sem o saber, a perder entre as fauces sanguinolentas do predador – era assim que Vidal Rabelo se sentia, preso de mal-estar

por se aproximar de Leonor como a raposa do gamo branco, como se a sua tenção se assemelhasse à do feroz rapinador, mas exultante por entre as suas mãos prender o delicado lenço de cambraia da sua amada; assim como a perseverante raposa trilhava saborosa os duros tendões do pescoço do gamo branco, assim Vidal Rabelo, no escuro, montando o cavalo, beijava sofregamente as letras escarlates da sua doce Leonor: Lá estarei, na cerca, amanhã, meu amor, esperarei por ti de coração tão puro como o nosso amor é puro, nem pelo desejo da carne benzido, ia soletrando mudamente

Vidal Rabelo, afastando-se da casa de João Cavalcanti e de André Figueiredo Dias, onde se reuniam os mais importantes mazombos de Olinda.

JANTAR DE MAZOMBOS

Por sobre o regougar enrouquecido de Bernardo Vieira de Mello, José Inácio de Arouche não se calava, protestando contra a ralé da mascataria. Provindo de uma família de pescadores de pescado miúdo, em Setúbal, Portugal, Arouche aceitara a ouvidoria no Pernambuco na presunção de transitar para a da Bahia, de

rendosos cabedais. Arouche protestava que o Bastião se inclinava para os mascateiros, onde o argentário pairava, o Sebastião, para aforrar, vendia os favores, regateando-os, mormente os cargos militares de nomeação e as funções religiosas de origem laica, um negócio indecente. Bernardo Vieira de Mello distinguia-se com o seu vozear escarroso, entulhado por anos de palha fina sobejante da corte da cana; badalava os braços rotundos e bradava com desgosto nada poder fazer por frei Maria do Amor Divino, os mascatéis, com a inoportuna ajuda de d. Álvaro

Manuel da Costa, iam tomar conta do convento, o bispo deixara-se ir na conversa de frei Diogo das Chagas Purificadas, um mole, um molengas, o bispo, um fracalhote, um indolente, um frouxo, um lasso, um bambo, um vacilante, só nos calham bispos assim; quer é sopas e descanso, perorou Cosme Bezerra, açucarocrata, irmão de Manuel e filho de Domingos Bezerra Cavalcanti, grandíssimos proprietários do Agreste; não te fies que os zunzuns que ouvi afiançam-me o contrário, replicou José Inácio de Arouche, mostrando-se íntimo de misteriosas confidências, vai

assenhorear-se em grande do convento, uma entrada à bispo, com as beatas a seus pés suplicando que o demónio se afaste do convento; Bernardo Vieira de Mello atirou a sua voz roufenha, faz de frei Maria do Amor Divino o bode expiatório, lança-o aos leões, corta-lhe a cabeça ou desterra-lo sabe-se lá para onde, para os fundós da Paraíba ou os serrados do Ceará, fica com o povoléu na mão, e por más razões; padre António Gonsalves Leitão pedia moderação, a igreja sabe o que faz, talvez falar com o senhor bispo, Manuel Bezerra chiava ser preciso fazer alguma coisa, uma coisa de

importante, João Cavalcanti refreava-lhe os ímpetos, a força é pouca, os nossos peões andam estremalhados pelos engenhos, a artilharia escasseia, não se pode avançar, avançar é perder, isso é o que o Bastião quer, que avancemos, nesta situação recuar é avançar. Arouche tinha fome, fora o último a chegar, viera directamente do Palácio das Torres, sentara-se, a barriga pedia-lhe sustento, olhou para d. Lourença, esta percebera a aflição do dr. Arouche e a todos convidou para a mesa. Bernardo Vieira de Mello, de broa de mandioca entre os dedos, insistia, não se podia abandonar

frei Maria do Amor Divino aos caninos dos mascates, com assistência de bispo ou não, André Figueiredo Dias achava que o perigo maior não era o bispo, esse é um malombo, um talombo, um balombo, um calombo – o padre Gonsalves Leitão alçou a trincha com que se servia de mais um naco de xinxim de galinha, louvando a excelência das carnes brancas a d. Lourença, pediu contenção, moderação e prudência, as colunas do altar da razão, altercação e bulício, as colunas do altar do dissídio, Deus entende, não desentende – André Figueiredo Dias, inclinando a cabeça para o pároco

escusando-se das suas palavras litigiosas, ia continuar, mas d. Lourença questionou, e as carnes vermelhas, senhor prior?, ah, as vermelhas, tão apetitosas quanto as brancas, mas mais molentosas, esgarçosas, parecem esfarpar, desfazem-se às tiras na boca, penetram-se-me no entredentes, prefiro as brancas, rijas, robustas, adequadas a jovens cavaleiros, que eu não sou, e o padre Leitão ria-se contentinho, de olho no xinxim de galinha; André Figueiredo Dias continuou, o perigo maior não vem do bispo, não, também não vem do governador, não, o perigo

maior vem dos procuradores dos mascates, Vidal Rabelo, Joaquim de Almeida, Simão Ribas, tramam por trás, cortar-lhes a cabeça é cortar a cabeça da hidra, calá-la para sempre. Às palavras fatais do tio, nomeando Vidal Rabelo, Leonor sentiu-se empalidecer, os pulsos fremiam engrolando a toalha da mesa, os dedos vacilavam, d. Lourença foi severa com o irmão, André Figueiredo Dias, alegou que para todos os efeitos legais e matrimoniais, o padre Leitão não nos deixa mentir, pois não, senhor prior?, Leonor é cônjuge de Vidal Rabelo, e mais, ama-o como só em jovem se

ama, Vidal abortou a conveniência, agora é Leonor quem sofre, ali encarcerada, afastada sem sorte do consorte, azarada, suspirando como uma amada, cheia de pena, chorando como uma madalena. Mulheres, retrucou André, e prosseguiu, falando baixo para não atormentar a sobrinha, se lhes cortarmos a cabeça demorarão anos e anos a levantar-se; José Tavares de Olanda, açucarocrata, recordou que o rei autorizara a criação da cidade do Recife, o Bastião, embora nosso inimigo, adiou, esperava um entendimento entre nós e os mascates a partir do casamento de

Leonor com Vidal Rabelo, frustrou-se a intenção, qualquer dia erige o Recife a vila e nós ficamos a chupar no dedo; Bernardo Vieira de Mello insurgiu-se, adiou porque teve medo da nossa reacção, esta é a verdade, se o fizer e quando o fizer sofrerá um levantamento nosso, não tenho dúvidas, por mim trago os meus escravos como lanceiros; padre António Leitão pediu moderação, acção e reacção levam à confusão, amizade e fraternidade à concórdia, talvez enviar um procurador a sua majestade defensor das posições mazombas no Conselho Ultramarino, José Inácio de Arouche

narrava as peripécias do governador, espoletava a todos a gargalhada fácil, alegava ser o Bastião como o camaleão, de manhã tombava para o lado dos mascates, à tarde para o dos mazombos, à noite sempre para o lado das mulatas da Chica Tortuosa, a Dengosa, é um parcial dos mascates, mas, depois da sesta, quando lhe chegam esquecidos ares de fidalguia, sonha com o reino nobre do Pernambuco governado por nobres – ele o diz com todo o vigor –, mas com liberdade para os mascatéis, alega estar o governo onde está el-rei e el-rei está onde está o dinheiro e aqui,

nesta capitania, o dinheiro brota do lado dos mascateiros. Valençuela Ortiz, juiz-de-fora, indignado, levantou-se do cadeirão, alçou a mão pedindo silêncio, varou o governador Sebastião Castro Caldas, conhecia esse marmanjão, ele e o nosso ouvidor, José Inácio de Arouche, trabalhamos com ele, no seu palacete, Bastião era um embusteiro, um calhandreiro, um farsanteiro, um caramboleiro, um trapaceiro, um burleiro, um batoteiro, um oportuneiro, um aldrabeiro, desde que chegara ao Pernambuco age como uma majestade, extravasa os poderes regimentais e morais, consignados na

lei d’el-rei, invade a minha jurisdição, manda prender devedores por solicitação dos credores seus amigos, que lhe deixam o suborno debaixo da mesa, não há queixa, não há rogação, não há sentença, é pagar ou ser preso, aceita hipotecas que logo aplica, seguindo o remanescente em numerário na frota do ano, para os filhos, que constroem palácio à Junqueira, em Lisboa, forçou-me a libertar presos alegando provas forjadas, ora não estavam, eu e ele sabíamos serem verdadeiras, ainda que não confirmadas; faz-me esperar longas horas para ser recebido, sabe que o

juiz-de-fora despacha na sede da vara, em Olinda e não no Recife – uma provocação. José Inácio de Arouche, suplantando as queixas de Valençuela Ortiz, atraindo para si a atenção da fidalguia presente, levantou-se de sus, rematou novas queixas, estas graves, sim, estas graves, confirmava meneando a cabeça, os impostos, meus senhores, quem arremata os impostos?, com excepção da ilustre família Bezerra Cavalcanti, aqui dignamente presente, taxas, impostos, comissões, dízimos, saques de devassas, tudo arrematado para cobrança pelos mascates, concedidos pelo Bastião de

mão beijada simulando leilões que, mal abertos, logo se fecham porque já se sabe de antemão o vencedor, aquele que deixar maior saquitel de prata ou de ouro ao Bastião, pronto; e a carne verde?, não branca, durinha e rijinha, que o senhor prior tão aprecia, nem a vermelha, que se lhe desfia pelos entredentes – o padre António Gonsalves Leitão acenava que sim, apontando para os dentes escalavrados –, mas verde, fresca?, é o Bastião quem fixa os preços e as quantidades e as origens e as qualidades e o contratador obedece, finca a cabeça percebendo que ali há marosca da

engosca, mas é o governador, diz-me ele, o governador é quem manda e comanda, para os criadores de gado o preço é porcaria, para os talhantes do Recife altaria, que por sua vez a vendem à troparia por mais alto preço, entre o fixar e o vender a dinheirama cai para o lado do Bastião, que ora o envia para o reino pela frota do ano; à carne verde soma-se o regateio da escravaria, todos sabemos ser vedada a exportação de escravos para fora do Pernambuco, tão poucos escravos há que nenhum sobeja, mas o Bastião lá arranja a coisa de uma décima dos escravos de Luanda seguirem para Rio

de Janeiro a preço de ouro, de ouro!; um vendido, urrou André Figueiredo Dias, com governadores como o Bastião o Pernambuco perde-se, os nossos netos serão uns pelintras e os netos dos mascates uns nababos, não o consentiremos, exige-o a nossa raça, aliás, aproveito a presença de todos para, se o meu tio e senhor d. João Cavalcanti mo permitir, apresentar aqui solenemente neste serão uma proposta que decidirá de vez o futuro do Pernambuco,

rompermos de uma vez em defesa da pátria e da liberdade pernambucana, intimando com antecedência ao

governador esta resolução, para o caso de que prefira ele arrepiar o mau caminho e enxotar ao redor de si a súcia dos Mascates. E fio-vos eu, que em tendo a coisa por certa, ele o fará. Se, porém, persistir no seu erro, recambiemo-lo a Lisboa com um manifesto a el-rei em o qual lhe exporemos nossos agravos e as razões maiores que nos levaram à forçosa necessidade de despedirmos desta terra o mau ministro que lhe pôs por governador.

José Inácio de Arouche levantou-se de imediato, André Figueiredo Dias pede que organizemos uma sedição,

promovamos uma conjuração, um alevantamento contra a autoridade d'el-rei corporizada no governador, isso, ele, como funcionário régio, não o podia fazer, ausentava-se, punha-se de parte, Bernardo Vieira de Mello riu-se, perguntou porque tem o licenciado Arouche medo da conspiração se sempre fomos traídos pelos portugueses marotos, os espertos, que à nossa custa, enquanto os nossos pais davam o tutano e o abano para expulsarem os holandeses do Pernambuco, negociavam a rendição em Amsterdão e Lisboa, a Holanda exigiu indemnização, Portugal

aceitou e quem pagou foi o quinto do nosso açúcar, Sebastião já não administra o Pernambuco a partir de Olinda, instala-se no Recife às temporadas e até o Valençuela – e apontou para este com o dedo espetado como o cano de um bacamarte – lá tem de ir despachar, Olinda está às moscas, não tem recebedoria nem ouvidoria, não tem provedoria nem almotaçaria, a Câmara está aí, de pedra e cal, mas vazia, tudo se transfere para o rázio do Palácio das Torres no Recife. Valençuela Ortiz interveio, receando os impulsos viris de Bernardo Vieira de Mello, André

Figueiredo Dias tem razão em tudo o que disse, mas, meus senhores, uma sedição paga-se com decapitação e total extorsão de bens a favor do rei, que é como quem diz, do seu representante na capitania, Sebastião Castro Caldas, é um passo excessivo arriscarem as vossas famílias, casas e engenhos sem um pormenorizado plano e uma rede de combate que vos ponha a guarda da derrota, não nos devemos precipitar, meus senhores, é só o que peço, não que recuemos, entendo a raiva ferida de muitos de vós, mas não nos precipitemos. Valençuela Ortiz percebeu que os ânimos esfriavam,

André de Figueiredo Dias, cabeça baixa, enrolava o manifesto que pretendera ler, José Inácio de Arouche continuava de pé, persuadindo Vieira de Mello de que as suas palavras tinham sido mal entendidas.

O MILAGRE DO PORTÃO ABERTO

Chegara o dia da procissão a Nossa Senhora Reparadora em Olinda. Mobilizavam-se os mascateiros do Recife subindo o Beberibe à força de remos, amontoando os serviçais pretos e índios no Varadouro, partindo em manchas animadas para o Largo do

Carmo, donde sairia o cortejo. Nas ruas de São Bento e da Sé, os palacetes mazombos cerravam as fenestras e trancavam os portões, lançando os mastins nos quintais. Cavalcantis, Bezerras e Figueiredo Dias tinham partido para as sesmarias, estanciando nos engenhos, recusando-se a assistir à gritada da mascataria quando penetrasse no convento de São Francisco e prendesse frei Maria do Amor Divino. Julinho e Lula saltaram para o cais do Varadouro ostentando a opa da confraria de Santo António, a que a família Rabelo pertencia, Anélia, de saia branca atrapalhada, seguia de

olhos fixos nas costas de Lula, S. Jorge passeava a cavalo, preso ao estribo por dois esporões de corda, um soldado da guarnição real seguia ao lado, a pé, segurando a arreata do cavalo, Julinho, Lula e Anélia sentaram-se à sombra de uma vasta almenda, S. Jorge é passeado sob o clamor dos olindenses, que lhe tocam no chapim forrado, clamando Por S. Jorge, Por Portugal, Por S. Jorge, Por Portugal, Julinho olha desconsolado para o boneco de S. Jorge, de túnica cor de salmão, ostentando nas costas o dragão sucumbido, defunto, a cauda escarmentada, a língua bífida

escorrendo da boca, um pique de ferro de ponta aguçada preso ao braço do títere, Julinho imagina o sangue do dragão avermelhando a ponta da lança, sente um arrepio na espinha, como pode o povo do Recife e Olinda ajoelhar-se e bater palmas à passagem de um fantoche de chumaço e lã de ferro, como podem estes homens feitos da soldadesca abrir alas e tocar cornetins à passagem de um boneco, como pode este rude povo do Pernambuco idolatrar marionetas de pau e gesso, engalanados a preceito? Ao longe, vislumbrava-se o veludilho carmim da liteira de Sebastião Castro

Caldas, vem da Sé, de parlamentar com o bispo, combinaram que logo que o Senhor do Mundo fosse depositado aos pés do cedro do átrio do convento, os portões deste se abririam como por milagre, os frades rebelados entregar-se-iam sem resistência, ajoelhando-se aos pés do bispo, d. Álvaro Manuel da Costa anda de mesuras com os mascates, recebeu o apoio de Simão Ribas e de Joaquim de Almeida, referiu-se no intróito da missa à morte de Miguel Rabelo, daqui a um ano cairá nos braços mazombais, apelando para hierarquias e linhagens, senhores e galfazenos, carecerá de negras para a

copa e Cavalcanti abastecê-las-á, de escravos para a rouparia e a família Bezerra abastecê-los-á, de índios para a estrebaria e Figueiredo Dias abastecê-los-á, de mamelucos para a carpintaria e Vieira de Mello abastecê-los-á, bem os mascates tentavam competir com os mazombos ofertando a d. Álvaro Costa caixas de açúcar, fardos de peles, sacas de algodão, cestos de abóboras e melancias, mas ao senhor bispo não lhe interessavam mercadorias, nem riquezas tintilantes, o que tão proeminente excelência apreciava era ser obedecido, servos e criadagem

numerosa, comendas e medalhas, casulas resplandecentes e mitras ofuscantes, anéis reluzentes e batinas branquilíneas, o escarlate vincado do capelo, os arreios do cavalo rebrilhantes, os varapaus da cadeirinha de arruar envernizados, mordomia e serventia o que o bispo apreciava. Segue-o o secretário, diácono e presbítero de coxas roliças, língua pendida e pés de andar para o lado, d. Manuel Sààvedra, conhecido desde os tempos do seminário pelo Manelinho. Atrás da comitiva do governador Sebastião, aproximava-se a do bispo, em liteira preta franjada a prata,

afastem, afastem, clama o aguazil, afastem, afastem, apita ruidosamente o meirinho, meneando as mãos, simulando empurrar a caterva que se acotovela no átrio da igreja do Carmo, afastem, afastem, é o palanquim do senhor bispo purpurado d. Álvaro Manuel da Costa, grita o beleguim, deixem passar a autoridade; o senhor bispo vem de envoltório roxo e carmim, roxo do sofrimento dos olindenses, penando as maleitas dos réprobos renegados do bando secessionista de frei Maria do Amor Divino, e carmim pelo regozijo de libertação da cidade da heresia

nativista, Nossa Senhora Reparadora, a Castigadora, libertará a nossa cidade da fetidez da blasfémia. O coadjutor, cónego, diácono, presbítero, reverendo Manelinho arranja-lhe a estola dourada, de franja rendada amarrotada, temos de mudar de engomadeira, a Sebastiana abusa, cada vez merece menos confiança, disse Manelinho, ontem fui dar com ela estirada no reclinatório de vossa eminência, não é coisa que se faça na câmara do senhor bispo, é abuso, ao lado a farraparia preta do senhor bispo para passar, agora a estola amarrotada, e as meias roxas, já apanhei a Sebastiana a passá-

las encharcadas; eu depois trato disso, Manelinho, vamos dar-lhe uma segunda oportunidade, sabe como eu gosto dela, e depois, se a pusermos a andar, vai direitinha para a bodega da Chica Tortuosa, a Dengosa, muito nos custou tirá-la de lá, diz ao meirinho que não é preciso afastar os crentes, tão impulsivo este guarda, sempre a apitar, Manelinho fez sinal com a mão, acalmar, acalmar, parecia dizer ele acenando a mão, o guarda acercou-se da janelinha da liteira e Manelinho advertiu-o, não temos pressa, o aguazil e o meirinho desculparam-se, Manelinho saiu, contornou o carro e

abriu a portinhola ao senhor bispo, ajeitando-lhe a túnica roxa e carmim, que esvoaçava levantada até ao joelho, deixando ver o cano das meias roxas, o governador Sebastião veio receber o senhor bispo, Manelinho tomou lugar entre José Inácio de Arouche e Barbosa de Lima, secretário de Sebastião Castro Caldas, o cavalo de S. Jorge relinchava, o baio torrado arriara uma bosta trigueira e fumarenta e a molecada ria-se de gengivas escarlates e dedo espetado, as mães, fritadas pelo calor do sol, de leque andaluz a dar-a-dar, arriava-lhes estalos e protestavam, nem Nossa

Senhora Reparadora gostaria de tal coisa, atiravam uma ave-maria para o ar para desdesgostar Nossa Senhora, crentes prestimosos ocorriam a limpar a bosta do cavalo, o andor de S. Sebastião saía da capela, de peito crivado de hastes erectas e pontudas, que pareciam firmar-se no busto das crentes, arrastadas pela figura devastadora do santo, capaz de varar desejos, mulheres rudes sentiam uma comoção na boca do estômago, os seios esmagados, apetecia-lhes rebolar os olhos, espojar-se no chão poeirento, arrebanhar as saias e mostrar a fulva ardente, gritando, olha, sebastião, a

minha fulva, mas a fé era recatada, adormecida sob o império da virtude, cirandavam de magote em magote, gemendo, ai, ai, ai, ai, ai, aliviando o peso que lhes esmagava o peito, ai, ai, ai, ai, ai, suspiros, gemidos envergonhados, abafados sob o olhar reprovador dos crentes bem-comportados, as mulheres rudes, peixeiras, hortaliceiras, reentravam na capela a rezar, ajoelhando-se, beijando o lajedo da grade do altar, persignando-se por três vezes, afagando a peanha donde partira S. Sebastião, cingindo as mãos coladas fervorosas, como se nelas

reencarnasse a mulher de outros tempos, os tempos em que a fé se gritava pelas vielas, era consolo e desabafo de alma. A procissão tinha de avançar, o pároco do Carmo pedia às mulheres rudes que fizessem cortejo em torno de S. Sebastião, o sebastiãozinho não gosta de ir sozinho, dizia ele, piegas, o alinhamento dos andores no átrio estava feito, o santo Antoninho cansado de esperar, brincava um irmão da confraria, vem bonito este ano, o santo Antoninho, de estamenha nova, um monsenhor protestava com o pároco e com Manelinho, as Pias Uniões das Filhas

de Maria ainda não tinham acabado de rezar o oitavário, não havia direito, monsenhor apontava para um grupo de senhoras de saia preta rodada, blusa preta coberta de xaile branco, reunidas junto da balaustrada do altar, rezavam pela solidez da cadeira de Pedro, pelo regresso das igrejas orientais ao redil de Roma, a igreja anglicana a tempos antes de Lutero e Henrique viii, o retorno dos protestantes aos braços magnânimos do Papa, o arrependimento dos cristãos americanos do Norte, cindidos de Roma, a contrição dos maus católicos, a conversão dos judeus e mais povos

acabados em – eus, como os macabeus e os etíopeus, a conquista do mundo inteiro para Cristo, o Redentor, Sal da Vida, Vida da Água, prontinho, já estão quase as oito rezas do oitavário, mas custa, custa muito, começámos pela aurora da manhã e ainda nos falta o último oitavo, principiámos, mas ainda não vimos o fim, a procissão não podia esperar, vá lá, vá lá, mais um tempinho; um tempinho?, espantou-se Manelinho, Manelinho enfiava os dedos esguios pelo cabelo, e fazermos esperar suas excelências?, olhou directamente para monsenhor e disse, olhem, rezem depois da procissão,

antes não; as senhoras de xailes brancos, Filhas de Maria, rodearam Manelinho, protestavam, um desaforo, logo o oitavário, faz parte de uma rede mundial de reparação do sofrimento de Cristo e da reconversão dos gentios, agradava tanto a Nossa Senhora Reparadora, a Castigadora, assim fica interrompido, o oitavário, abruptamente, monsenhor insistia, Nossa Senhora pode encarar esta interrupção como um afronta, uma afronta pessoal, as senhoras da Pia União das Filhas de Maria também desaprovavam, certamente sua reverência o senhor bispo desconhece

os objectivos das Pias Uniões e das cerimónias do oitavário, saberá o senhor bispo a função do oitavário?, Manelinho, caridoso, respondia que sim, o senhor bispo sabia, o problema não era o senhor bispo, era a gente de Olinda à espera da passagem de Nossa Senhora, e de Nossa Senhora nada, nem vinha nem se dava por achada, não pode ser, monsenhor indignou-se, era o calor, o jejum, o fervor, dizia ele, por estas e por outras é que as mulheres caem na indecência, já não há respeito à Nossa Senhora Reparadora, nós aqui não, e apontava para o seu rebanho de senhoras, a boca a

espumar, o lema das senhoras das Pias Uniões é o lema de Branca de Castela, quando as mulheres eram mulheres, «Filho, dizia Branca de Castela para Luís ix, de França, antes quero ver-te morto a meus pés que ver-te cometer um pecado mortal», monsenhor abria os braços e agudava a voz, como se imitasse a voz feminina de Branca de Castela, modéstia e pudor, continuou monsenhor, rodopiando as mãos, as senhoras faziam leques das pagelas das orações e abanavam a face afogueada de monsenhor, olhos congestionados, não se contendo com o seu oitavário interrompido, há dois meses

preparado, gritava para Manelinho, o desvestir vergonhoso da mulher de hoje, é isso que nós queremos matar, a lava imunda da sensibilidade, estas senhoras não, continuava a apontar para o seu rebanho, estas senhoras são as predilectas da Virgem Imaculada, as princesas do céu, rainha é Nossa Senhora, agora princesas são-no certamente, protegem a inocência das jovens, advertindo-as contra as falsas moralidades, modéstia, recato e pudor, as três colunas a que a mulher deve obedecer, monsenhor apontava para o vestido das senhoras, largo e grosso como um balandrau, ensacadas dos pés

ao pescoço refeguento, as culpadas são as mães, não criam as filhas para povoar de santas os céus, Manelinho fervia e refervia, Manelinho não estava para mais, virou as costas a monsenhor e ao rebanho de senhoras e disse, peremptório, como um juiz em causa própria, a procissão vai começar, o pároco-prior juntou-se-lhe e os dois repetiram em conjunto, a procissão vai começar, Julinho e Lula alçavam aos ombros esquerdos os varapaus do andor de Santo António, deram um primeiro passo para que o sol de Olinda banhasse o corpo do santo, a Julinho pesava-lhe a sua parte do

palanquim, o sol torrava e a vida andava descontrolada, mas Santo António é Santo António, Lula, orgulhoso, dando o olhar enternecido a Anélia, cravou o coxim de algodão do varapau no ombro esquerdo e, a um sinal dos outros três confrades, preparou-se para alçar a peanha do santo, um, dois, um, dois, clamava o Julinho, três, disse Lula, 'bora, disseram todos, e os quatro lá ergueram o andor, perna direita à frente, admoestou Manelinho. A procissão segue em ritmo pausado, lento, Lula, baixote, dá uns saltinhos, atraindo o olhar do povoléu, certifica-

se se a cruz e o menino estão presos ao santo, com tanto solavanco não vão tombar no percurso, o Julinho nem é alto nem baixo, mas, dos outros dois, que Julinho não conhece, um é para o baixinho e o outro para o altinho e aquilo vai desconjuntado, mas o que os consola é irem ali juntinho ao santo, dá-lhes esperança de resolver a vida a bem, acaba tudo em bem, diz o Julinho, beijando disfarçadamente a unha do polegar esquerdo. Saindo da igreja do Carmo, o abade carmeliciano prepara o turíbulo com o incenso, uma acendalha de palha seca pelo meio, um estopim esbraseado, o vapor ergue-se

em sombras sólidas, Manelinho faz que sim com a cabeça para o bispo, este atravessa a nave da igreja, dirige-se ao altar para receber o Senhor do Mundo, Manelinho muda-lhe a estola, a outra amarrotada, a Sebastiana há-de ouvir das boas, Manelinho dá-lhe a casula, o bispo enverga-a, agora sim, o Senhor do Mundo já pode seguir entre as mãos abençoadas do senhor bispo, que também é senhor do mundo à sua maneira, está atrasado, o pálio dourado espera-o, o bispo posta-se sob o sólio erguido por dois diáconos, as franjas do dossel, fiadas a ouro fino, fazem-lhe impressão, o sol é coado

pelo franjado dourado, concentrando-se nos olhos do senhor bispo, o bispo chama Manelinho, ordena aos diáconos, mais alto, força nesses braços, ah, agora sim, o bispo segue risonho sob o baldaquim, ostentando entre as mãos largas o Senhor do Mundo, mas agora desce o sol directo aos olhinhos dos diáconos, esforçados de frágeis braços alçando os bordões do pálio, olham-se mutuamente e mutuamente oferecem o sacrifício do sol direitinho nos olhinhos a Nossa Senhora Reparadora, a Castigadora. Julinho e Lula Aparecido, erectos, avançavam militarmente, pé direito em

frente, o esquerdo juntava-se-lhe, Sebastião Castro Caldas declinava levemente o joelho à passagem de Santo António, incorporar-se-ia na procissão atrás do andor de Nossa Senhora, rente ao sólio do bispo, para que o povotéu o visse e no ar se confundissem as preces e orações a Nossa Senhora com as ovações à entidade superior da capitania. Manelinho comentou com o abade que a batina do santinho era nova e o carmelita confirmou, orgulhoso, fui eu que a mandei fazer, novinha, novíssima, a antiga ficara surrada de tantas mãos devotas a tocarem, a túnica

esgarçara-se no nicho da capela, mandei fazer uma nova, a forma é a mesma, a forma da cruz, a bainha a tocar os pezinhos, como monsenhor do oitavário gosta, Manelinho fixa o resplendor do santo, banhado em ouro falso, amarelando e brilhando, havia ali uma ingenuidade popular que relembrava os tempos primitivos da igreja, uma igreja pobre e popular, ah, se eu fosse bispo, murmurava Manelinho, faria homilias que fustigaria os crentes adormecidos, as palavras sair-me-iam da boca como as sementes do semeador, saiu para o campo um semeador a semear, parte da

semente caiu na estrada, foi pisada pelos viandantes e as aves do céu comeram o resto, outra parte caiu nas fragas, pouca terra, e frutificou prestes, mas, terra escassa, assim que veio o sol o colmo crestou-se, a semente secou, outra parte caiu entre os abrolhos, os abrolhos cresceram, a semente afogou-se e esterilizou-se, mas um resto caiu em terra boa, as sementes frutificaram e cada semente germinou cem, assim é a palavra do Senhor, lançada no meio de rudes abrolhos anima os que escutam palavras de pureza, mas deixam-na asfixiar dentro do seu coração

incendiado pelo prestígio do mundo e as ilusões da fortuna, buscando a riqueza que humilha e o poder que desiguala, a semente que teima entre as fragas germina no coração dos crentes, mas, para vicejar, falta-lhe o húmus, a água da fé, logo morre estiolada pelos prazeres da carne e as solicitações mundanas, ah, raça de víboras, que cerrais o vosso coração às palavras do Senhor, usais a carne dos mancebos para as vossas mesquinhas guerras, Manelinho vislumbrava-se do púlpito engalanado de bambolinas vermelhas, escarlates como o sangue, alçando o livro do Senhor, invectivando os falsos

poderes do mundo, assim o sonhara no seminário, disposto a endireitar o mundo logo lhe dessem uma paróquia e um rebanho, porém, pela sua inteligência, fora escolhido para secretariar os grandes da igreja, a companhia destes estiolou-lhe o fulgor, a sua primeira homilia foi censurada por inoportunidade, advertira-o o presbítero, a igreja é mãe, a igreja é madrinha, a igreja é conciliadora, a igreja promove a concórdia, a todos abraça, não ameaça, não invectiva, não acusa, Manelinho percebeu que dele esperavam que fosse cortiça toda a vida, flutuando e reagindo ao sabor da

ocasião, palavras de perdão para os ricos, de arreganho para os pobres, de exclusão para os atrevidos, Manelinho sentiu-se um negociante de palavras, o marchante do bispo Álvaro Manuel da Costa, promovendo-lhe a figura entre os poderosos – uma vida desperdiçada, pensa Manelinho, secretário e escrivão de bispo fraco como todos o eram nos dias de hoje, salva-nos Santo António, que se não vem aí outro S. Francisco não sei aonde a igreja vai parar. O palanque de Santo António deixa o Largo do Carmo para trás, borbulham viúvas em torno do andor, senhoras de círios

gigantes encostando-se, uma deixou-se cair de joelhos à passagem de Santo António, arrastava-se por ali, penitente, frente a um bando de molecagem de boca aberta, Manelinho intervém, Santo António não gosta de mulheres arrastadeiras, basta ajoelhar, repulsa a Santo António o vermelho do sangue, o roxo das feridas, o castanho das cicatrizes, Manelinho confirma, é carne rósea que Santo António aprecia, Manelinho insiste, nada de rastejações, só lágrimas, e purinhas, assim com as mãos estendidinhas; chorem, chorem, minhas ovelhinhas, murmurava o abade carmelita, por cada lágrima vertida

Nossa Senhora Reparadora consola-nos com uma ovelha negra que retorna ao redil da igreja, fica sempre bem, uma lágrima caída no rosto pergaminhado de uma velhinha, de escuro vestida, de vela lambida, tez decaída, chama à oração e à penitência, o lencinho branco a limpar a pérola da lágrima, depois acena-se à passagem da Virgem, podem levantar um maninho de rosmaninho, ou um lírio branco, Santo António e Nossa Senhora nunca se esquecem dos amigos dos lírios, os liriotas. Julinho e Lula prosseguem militarmente, pé direito para a frente, junta-se-lhe o

esquerdo, Lula acena para Anélia, que o segue lateralmente, acompanhando a procissão. Manelinho avança de olhos sonhadores, tudo lhe sabe a mofo e a azedo, o mundo uma vasta cloaca malcheirosa, só os santos podiam de novo reformar o mundo, não os bispos Costa, mas os santos hoje falam pela voz dos bispos Costa, resigna-se Manelinho, entra no jogo, faz de comparsa, pequeno entre os grandes, melhor que grande entre os pequenos, um lapão ao almoço, um capão ao jantar, uma sebastiana à fartazana, lençóis de linho, fato de fazendinho, sapatinhos moles, não apertam os pés,

um salamaleque para a condessa de Pirueque; mas de vez em quando Manelinho sonha, é o que está fazendo agora, sonha, os olhos vidrados não enganam, sonha que é reformador do mundo, um novo padre António Vieira a desancar nos poderosos, a desmentir os colonos do Maranhão, os nobres de postilhão e carruagem, os impantes e galofantes do Conselho Ultramarino, os fidalgos mancomunados com Castela, os inquisidores de olhos postos na riqueza dos judeus, Manelinho sonha que fulmina os poderosos com a narração do milagre da mão seca, um sábado entrou Jesus

na sinagoga e começou a ensinar, lá estava um homem que tinha mão direita seca, os escribas e fariseus observavam Jesus, premeditando que curaria ao sábado a mão seca do homem, mas Jesus conhecia-os e disse ao homem da mão seca, levanta-te e põe-te no meio, aí mesmo, onde todos te possam ver, então Jesus perguntou aos escribas e fariseus se era lícito aos sábados fazer o bem, depois, olhando-os um por um, disse ao homem da mão seca, estende a tua mão, ele estendeu-a e a sua mão sentiu-se tensa, musculada, curada, é sempre tempo de curar a mão seca dos homens, se há bem a fazer

deve-se fazê-lo, se há acusadores para acusar deve-se acusar, igreja envergonhada é igreja morta, pensou Manelinho, bispo envergonhado é bispo seco, deve cortar-se a secura do bispo para que os crentes rejuvenesçam; mas é só sonho, Manelinho é um ajustado, um cobardolas, um cagadolas, ajeita a casula do bispo, o vento enfunara-a, Manelinho apresta-se a desinchá-la. Julinho sente o ombro magoado pelo bordão do andor, aproveita a paragem da procissão e pisca o olho ao parceiro do lado, a ti dói-te o ombro esquerdo, a mim o direito, trocam de

posição, aliviando a dor. Lula, embeiçado por Anélia, faz-se duro, não há ombro que lhe doa, muito pode o amor, a procissão estanca, a paragem devera-se a um acidente, uma olindesa intrépida e larga, de buço pendente sobre os lábios, tufos encaracolados espetados do queixo, gorda como gordas são as gordas, barriga proeminente e grossa como uma barrica, dois seios descomunais, ceposas coxas arredondadas como colunas sustentadoras de um elevado tronco, duro como carvalho, alçava os seus amplos braços de gordura descaída em cascata que, a cada

movimento, parecia chocalhar e decompor-se; a megera agigantada, trajada de preto completo, recuava a mão, recolhia o braço, e as correntes de gordura regressavam à sua eterna disponibilidade mexeriqueira, gritava aos roncos que tudo tinha experimentado, até orar a Santo António das Barbas, nunca o seu pedido fora atendido, rogara a S. Sebastião, a Nossa Senhora da Saúde, nenhum e nenhuma lhe acudira, venho exortar Nossa Senhora Reparadora, é uma variz que aqui tenho, uma variz aberta, me repare a variz, uma chaga escancarada, podre e bichosa,

carcome-me a perna, minha Nossa Senhora Reparadora, qualquer dia não tenho perna, vai-se-me a perna, a variz leva-me a perna, não o consintais, minha Nossa Senhora, a mulher urrava, estendendo os dois braços flácidos ao céu, deixando-se tombar sobre a multidão que a ladeava, rugia súplicas, estrondeava rogos, fremia implorações a Nossa Senhora Reparadora, Manelinho, gasto, melancólico, fatigado daquela fé sem propósito, egoísta, desejando da procissão uma fezada de esperança, uma dádiva de gratidão, um alvor de devoção que animasse o futuro, veio por detrás da

robusta mulher e postou-lhe um valente bofetão, pronto, a procissão pode continuar, a mulher agigantada sumiu-se, abanando as cataratas de banhas, foi a justa ira do Senhor, disse Manelinho para o bispo Álvaro Manuel da Costa, do Deus forte, do Deus justo, que não suporta gosmas interesseiras, ela que sofra, é a cruz dela, a minha é aturar os secretários dos governadores, as recepções dos senadores deputados, estas horríveis mulheres que assistem a todas as procissões, suplicam a todos os santos e quanto mais suplicam menos são satisfeitas, vem no manual da devoção.

Julinho nota que Vidal Rabelo, secretário da mesa da confraria de Santo António, organizadora e financiadora do cortejo do santo, admoesta Joaquim de Almeida para que levante mais alto o tocheiro de prata da confraria, suporte do círio da altura de um homem, aceso com chama forte, de lastro ensebado de azeite de mamão, Vidal Rabelo empurra docemente Simão Ribas para que erga a altura de gente a cruz da confraria em pau-brasil, ele próprio, Vidal Rabelo, ostenta orgulhoso o estandarte de Santo António em cetim de prata, rendilhado a fio de ouro, floreado de pinturas

brasílicas, leques verdes de palmeira, cachoeiras borbulhantes, ancas e capivaras, chapadas relvadas, dois negros obedecendo a um branco, de dedo castigador, um índio nu, de cabeça baixa, e no centro, ridentes e destemidos como sertanistas, Santo António e o Menino, de palma de lírios brancos na mão, conquistadores do Brasil. O sol castigava os crentes, Manelinho preocupava-se com o senhor bispo, ainda cai para ali com o Senhor do Mundo na mão, pensava, este bispo é atreito a delíquios, o pálio estufava a fronte do bispo, que transpirava em bica, Manelinho

enxugava-a com um lenço amarelo, não tinha outro, a Sebastiana atrasara-se a passar a ferro os lenços, que vergonha, logo o meu lenço amarelo, o povoléu ia-se afastando, ajoelhando à passagem de S. Sebastião, de Santo António, mal emergia em cada esquina o andor de Nossa Senhora Reparadora os credos e as preces subiam de tom, as ladainhas aranzelavam-se alto, voz grave e fartote, suplicando à Virgem a perdição dos frades réprobos, renegados e contumazes, livra-nos do mal, Senhora Reparadora, Mãe do Céu, Filha da Terra, repara o Pernambuco, purifica-o, afastai-nos do

mal, Senhora Bendita, Mãe das Mulheres, Filha do Pai, cornetadas vibrantes da charola da guarda-real compunham as orações, entusiasmando os crentes, que respondiam elevando a voz num alarido monocórdico e uníssono de que pouco se entendia senão o rogo livrai-nos do mal, amém. Os sinos de Olinda, do Carmo e da Sé e da Misericórdia, da retirada igrejinha do Amparo, tangiam frementes e refulgentes, banhando de harmonia aguda a tarde ensolarada de Olinda, dispondo o olhar dos crentes à contemplação do bem. As ordens religiosas, aprumadas e obedientes, de

passinho miúdo, encaracolado, rodeavam o sólio do bispo, os jesuítas de preto, carão franzido, sérios no mundo, os franciscanos de castanhinho, guizo de três nós a-dar-a-dar na perninha, coroa branquinha na cabeça santa, os capuchos de tez escondida sob o embiocado do capelo, alpergatas abertas, livro dos salmos nas mãos contemplativas, os bentinhos de branquinho, sorriso franco, entoando hinos a três vozes gregorianas a Nossa Senhora, rodeando o abade pioneiro, que seguia de cadeirinha, octagenário, chegara ao Pernambuco aos vinte anos e sessenta depois clamava que os

portugueses tinham perdido a grande oportunidade de ter feito do Brasil o novo paraíso, fora a ganância, a febre do pau-brasil, a febre do açúcar, a febre da fé, a febre do dinheiro, a cizânia levantara-se e a concórdia baixara-se, uma procissão de irmãos para expulsar irmãos, de frades para invadir um convento ocupado por frades, deixai-me morrer, ai, ai, deixai-me morrer, já vi tudo e do que vi não gostei, Deus não pode estar contente, os carmelitas, uns descalços, outros calçados, zangados entre si, obrigados a conviver por ordem expressa de Manelinho, cofiavam as

barbas longas de missionários salvadores de gentio, como se ali, nas ruas aterreadas de Olinda, catassem pagãos. Senhoras mazombas, capitaneadas por d. Lourença, de chapéus floridos e vestidos de seda, lenços de cambraia a limpar as pérolas de suor, juntaram-se à procissão na Rua Nova, para elas Nossa Senhora era Nossa Senhora, não havia uma dos mascates e outra dos mazombos, ficariam de coração tolhido se uma procissãozinha lhes passasse à porta e não participassem, Manelinho, em nome do bispo, ocorreu pressuroso a agradecer a honra, d. Cavalcanti, o

privilégio, d. Bezerra, a deferência, d. Barbalho, o apreço, d. Lins, a consideração, d. Vieira de Mello. Manelinho mandava acelerar o passo, não temos a tarde toda, o senhor bispo é atreito a desmaios, uma vergonha se isso acontecesse, o Senhor do Mundo saltado das suas mãos, esparramado no pó do chão, Julinho apressa o passo, o bordão do andor do santo pesa-lhe de novo no ombro, olha para Lula, que não tira os olhos de Anélia, a este nada lhe pesa enquanto o olhar de ternura lhe durar, um rancho de Servas de Deus acaba de chegar, atrasado, pergunta a Manelinho o seu lugar no

cortejo, este diz que é ali mesmo, atrás das senhoras mazombas, um olindense quer pagar uma promessa, entra na procissão com o lenho de Cristo aos ombros, vergado sob a cruz, barbicha respingando gotículas de sangue da coroa de espinhos massacrando a testa, as Servas de Deus ajoelham-se à sua entrada, espantadas da pungência do sacrifício, um coro de meninos rosados, imitando anjinhos de asas de cetim branco e armação de aveleira, pele branquinha de virgem tostada pelo sol tropical, entoam um hossana, hossana, D. Ana, Mãe de Deus, Filha dos Cananeus, o terço militar dos

negros faz troar as bombardas dos bombos e atabaques, puxa-lhes o pé para a dança, mas o sagrado é coisa séria entre brancos, não se dança, só se canta, e de corpo direitinho, marcial, uma olindense clama, Nossa Senhora vai bela, toda de branco vestida, cetim rendado e túnica alva, lavada e escarolada pelas Servas de Deus, passada a ferro com mil carinhos, é bela Nossa Senhora Reparadora, e os crentes que ladeavam a procissão decidiram nela entrar, interpondo-se sem mácula entre o pálio do bispo e o andor de Nossa Senhora, era o maralhal popular, um fedor levanta-se

em seu torno, mas Nossa Senhora Reparadora em tudo repara e uma brisa marinha sobe o trapiche e embala o átrio da igreja do Carmo, um coxo saltita entre as gentes levando na mão o coto de madeira que lhe serve de pé, é para Nossa Senhora derramar sua graça, colonos ervados na guerra contra os índios, de olhar descomposto, aéreo, ostentam círios agigantados, rematados por corações queimantes, suplicando à Virgem, Senhora da Misericórdia, o retorno do juízo, uma mulher cinquentenária, peito como uma tábua, leva em cada mão uma massa de cera, de cujo rastinho

inflamado se soltam estrelinhas incandescentes, uma nonagenária, patriarca de Itamaracá, olhar de cataratas húmidas, brancos vítreos em olhos acinzentados, doces, gotejantes como meninos chorosos, deitada em espreguiçadeira amparada pelos netos e bisnetos, suplica que a deixem passar, é a última procissão a que venho, Manelinho faz sinal ao bispo, que avance, deposite o Senhor do Mundo na raiz do cedro; consoante o bispo se aproxima do cedro, o povotéu, ansioso, crente, rude, esperando o milagre prometido, abandona Santo António e S. Sebastião

e, de passo corrido, atropelado, como lagarto eriçando-se em duas patas, envolve atabalhoadamente o pálio do bispo, Manelinho alça as mãos delicadas rogando contenção, ordem, o átrio é vasto, cabem todos, diz ele, Barbosa de Lima deu ordem à guarnição para dispor lugar para o governador, esta, empunhando o bastão da clavina e arrepiando a baioneta, abriu lugar para o governador e para o bispo, cercando em hemisfério as raízes ponderosas do velho cedro. Julinho, Lula e os dois companheiros de carrego arriaram o andor de Santo António e, com Anélia no encalço,

correram para o portão do convento, rodeando Vidal Rabelo. Entre o clangor atabalhoado do povoméu, de boca espantada de mistério, olhos pulados de expectativa e assombro, d. Álvaro da Costa depositou o Senhor do Mundo entre o cordame de raízes curvilíneas emergidas da terra, Manelinho deu o toque final, acamando-o entre o folhelho verde, o bispo mirou as grossas portadas castanhas do convento de São Francisco, tocou de leve com a mão direita no Senhor do Mundo, dirigiu-se para o portão e, com a mesma mão, neste tocou, clamando de viva voz, não

sou eu, mísero servo, quem vo-lo ordena, ó portas que abrigais a heresia, mas Aquele que tudo pode, o Senhor do Mundo, cujo querer iguala o seu poder, quem vo-lo ordena: saí da nossa frente, abri-vos, vomitai de vossas entranhas, como boca infernosa, a raça daninha dos frades réprobos, renegados e contumazes.

Como milagre ansiosamente esperado, guiado por uma força invisível, as duas portadas do largo e alto portão castanho abriram-se, viúvas de tez pergaminhada, gordas de queixada sobressaliente, velhas de costas corcovadas, moleques de

gengivas escarlates, mulheres de barriga pejada afagando a saliência do umbigo, transmitindo ao futuro filho o ardor daquele momento, coxos de perna quebrada inspeccionando a quebradura (talvez se tivesse diluído por efeito de contágio espiritual), cegos de olhos brancos esforçavam-se por ver, ondeando a cabeça, procurando a luz, esperançados de que uma mancha escura se transformasse na figura de um rosto, manetas de mão decaída consultavam a força do pulso, elevavam a mão rala, deixando-a tombar, talvez entre o subir e o descer a força milagrosa que pairava no ar

nela se concentrasse, retemperando-lhe os músculos. O governador Sebastião Castro Caldas, enxergando sorridentemente Barbosa de Lima, que de tudo sabia, ajoelhou-se ruidosamente, não sem antes apontar para um resto de nastro laranja que sobressaía detrás da porta esquerda. O povoméu, fixando o compunção do governador, imitou-o, ajoelhando-se nervosamente, de cabeça para baixo, como se, pecador, impenitente, ali fosse indigno de ser presente. Sebastião confidenciava para Barbosa de Lima, comparados com os nossos, os métodos da igreja são divinais,

temos muito que aprender com o senhor bispo. Nesse exacto instante, d. Álvaro Manuel da Costa, lançando um aleluia de agradecimento, abandonou o corpo pela terra, espojando-se de braços abertos, beijando a terra castanha do átrio. Detrás do bispo, ao lado de Manelinho, frei Diogo das Chagas Purificadas gritou milagre! milagre!, o povotéu, de joelhos, contrito, compungido, persignando-se, osculando sofregamente a unha do polegar direito, a mão esquerda vincando o crucifixo contra o peito crente, desabafou o seu deslumbramento imitando frei Diogo,

ecoando a uma só voz, milagre! milagre! Manelinho auxiliou o bispo a soerguer-se e este, humilhando-se, convidou frei Diogo a entrar no convento, à frente, o primeiro, como abade, portas escancaradas sem que mão humana as tivesse aberto, frei Diogo, de peito inchado, mãos abertas, erecto como uma palmeira biribiri, tenso como uma onça voando sobre a presa, desejou mas não conseguiu, as pernas prendiam-se-lhes, os pés tremiam, ajoelhou-se no umbral do pórtico, desfalecido, radiante de excelso gozo divino, triunfante. Sebastião ensaiou um gesto, uma

quadrilha de soldados penetrou no convento, de baioneta espetada e gatilho destravado, cada soldado seguiu por um corredor, desaparecendo. Silêncio unânime, o povolhéu levantou-se, limpando as joelheiras do pó, descontraído. Num instante, de mãos decaídas embrulhadas em rosários, os monges secessionistas emergiram, olhar arrependido, peito mortificado, passo pesaroso, cabeça penitente, murmúrios rogando mercês. Frei Diogo das Chagas Purificadas apontou-lhes o dedo tremente – frades réprobos, rapaces, contumazes, grifenhos,

roufenhos, danados, desalmados, filhos de belzebu, o cara-de-cu; o povodéu, ensandecido, urrou, fogueira! fogueira!, Bastião ensaiou novo gesto, a guarnição interpôs-se entre a bandanada do povo e os franciscanos, Manelinho empurrou os frades secessionistas para um canto, resvés às grades, mandou-os sentarem-se no chão frio de lajedo, assim, sem mais nem menos, como malandrins de rua. D. Álvaro da Costa alçou as sobrancelhas para Manelinho, mas este deu de ombros, ele também não sabia, frei Diogo percebeu e perguntou aos franciscanos insurrectos por frei Maria

do Amor Divino, o teórico da bindade, o avisado de Nossa Senhora do Aviso, o protegido de Mãe Guadalupe, isto é, disse frei Diogo rugindo, o maior mentiroso do Pernambuco, o franciscano que envergonha todos os franciscanos – onde se meteu?, deram de ombros, não sabiam, talvez na cela, talvez no escriptório, talvez no refeitório, talvez na sentina, talvez na botica, ou no herbário, talvez no estufário. Frei Diogo, temendo incompleto o seu gozo, correu, desabrido, de passo agreste, penetrando no convento, Bastião mandou nova quadrilha, regressaram

de mãos a abanar, braços suspensos, sobrancelhas travadas. Frei Maria do Amor Divino desaparecera. Sebastião comentou para o bispo, obra de mazombos, ou os Bezerra, ou os Cavalcanti, ou Bernardo Vieira de Mello, ou todos juntos, mancomunados, o bispo retorquiu, quem foge confessa a culpa, nem é preciso o santo inqueritozinho, abre-se e fecha-se a devassa num instante, basta a conclusão, pela qual se excomunga frei Maria do Amor Divino para todo o sempre, destituído de ordens, entregue à justiça cível por apelo à secessão contra el-rei, segue

para o reino para apodrecer no Limoeiro, só não é queimado no tronco por ser eclesiástico, que sorte, mas endireitar-se, nunca mais se endireita. E, comentando desprezivelmente para Sebastião, referindo-se aos frades assentados por terra, aqueles seguem para o Maranhão, pediram-nos voluntários, seguem estes, à força, se não quiserem, reino com eles e Limoeiro para sempre, é escolher, prisão ou Maranhão. Sebastião fingiu ter sido iluminado pelas palavras do bispo Costa, deu-me vossa reverência uma excelente ideia, abonou Castro Caldas, não sei o que hei-de fazer ao

remanescente dos judeus, uma boa centena, aliás, quase centena e meia, mando-os para o Maranhão, a urca que levará os franciscanos leva também os judeus. D. Álvaro Manuel não gostara, não sei se é boa ideia, senhor governador, juntar judeus e franciscanos insurrectos na mesma terra, poupa dinheiro no transporte, mas pode ser fonte de heresia. Ora, ora, vossa reverência não se preocupe, o Maranhão é terra de inacianos e onde há jesuítas não há heresia, não, Manelinho ergueu os braços de mãos abertas, sinal para os monges beneditinos lançarem os seus gorjeios

gregorianos, começaram, um soltou um hossana, hossana, lânguido, outro respondeu em vibrato com aleluia, aleluia, o terceiro prosseguiu com salve, salve, o quarto rematou em lento com Nossa Senhora Reparadora tudo reparou, os quatro em coro pleno, hossana, hossana, aleluia, aleluia, salve, salve, Nossa Senhora Reparadora tudo reparou, o povocéu juntou-se-lhes, escancarando as gargantas fétidas, compondo o coro das vozes desencontradas, todos, doentes e saudáveis, anões e altões, coxos e direitos, manetas e pernetas, sifilosos e esquentados, bexigosos e

escrafulosos, todos à uma, de braços alteados, compondo uma onda, hossana, hossana, aleluia, aleluia, salve, salve, Nossa Senhora Reparadora tudo reparou. Julinho e Lula discutiam «o milagre do portão aberto», como o povo o designava, Julinho crédulo, Lula incrédulo, tu não és do Pernambuco, Julinho, se o fosses já sabias que neste sertão, primeiro, os milagres armam-se, depois acontecem, aquilo foi combinata, pergunta ao nosso patrão, não viste o sorriso do Bastião?, diz-me, Julinho, não achas estranho que Porão Escorço tenha desaparecido?, onde o viste, se tudo o

que é mascataria estava na procissão?, não estaria lá dentro a puxar os cordéis à porta, os figurados e os reais?, Lula, baixando a voz, sussurrando, completou a discussão, não acredito que Deus ande a abrir portões a bispos cagões, se Deus quisesse fazer alguma coisa de importante libertava os escravos; ‘tás louco, Lula, libertar os escravos?, disse Julinho, atemorizado, espiando em volta, Anélia confirmou, onde se viu tal ideia, escravo é escravo, nasce e vive para obedecer, não digas tal doidice que o siô ainda nos expulsa; tu nasceste mulher, Deus fez-te mulher, Anélia, a vida é que te

fez escrava. Julinho interrompeu, d. Álvaro Manuel da Costa exigia silêncio, baixando as mãos para o chão, as Filhas de Maria alvitravam uma última oração de agradecimento à Virgem pelo «milagre do portão aberto», monsenhor afinou a gorja suada, tossicou para dentro com a mão fechada encostada aos lábios, dessedentou estes com a língua arroxeada e, num repente, abriu os braços, elevou as mãos, mirou o céu azul de Olinda e regougou, olindenses, como os rios correm para o mar, assim tudo se consumou com a graça de Nossa Senhora Reparadora, mas

bênção por bênção, foram todas as Nossas Senhoras que, vendo do céu santíssimo a nossa aflição, se uniram de coração repeso suplicando ao Todo-Poderoso a graça do milagre dos portões abertos. Por isso, olindenses, antes de nos despedirmos deste local sagrado, convido-vos a rezar um agradecimento, sob a direcção das Filhas de Maria, às Virgens, a todas as Virgens, Mães do Céu, Filhas da Terra, começando e acabando, como é de justiça, em Nossa Senhora Reparadora. E as senhoras, sob a direcção aprumada de monsenhor, iniciaram a arenga, respondida pelo

povonhéu em oração de rogo: Nossa Senhora Reparadora, rogais por nós, Nossa Senhora Conceição, rogai por nós, Nossa Senhora do Sameiro, rogai por nós, Nossa Senhora d'Aires, rogai por nós, Nossa Senhora dos Remédios, rogai por nós, Nossa Senhora da Saúde, rogai por nós, Nossa Senhora do Amparo, rogai por nós, Nossa Senhora da Bonança, rogai por nós, Nossa Senhora da Orada, rogai por nós, Nossa Senhora da Abadia, rogai por nós, Nossa Senhora da Penha, rogai por nós, Nossa Senhora das Dores, rogai por nós, Nossa Senhora da Guia, rogai por nós, Nossa Senhora

do Livramento, rogai por nós, Nossa Senhora da Assunção, rogai por nós, Nossa Senhora do Resgate, rogai por nós, Nossa Senhora da Pena, rogai por nós, Nossa Senhora do Carmo, rogai por nós, Nossa Senhora de Belém, rogai por nós, Nossa Senhora da Nazaré, rogai por nós, Nossa Senhora da Graça, rogai por nós, Nossa Senhora da Glória, rogai por nós, Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, … apenas os escravos pretos replicaram, rogai por nós, Nossa Senhora do Caminho, rogai por nós, Nossa Senhora da Boa Viagem, rogai por nós, Nossa Senhora da Ajuda,

rogai por nós, Nossa Senhora da Lapa, rogai por nós, Nossa Senhora dos Verdes, rogai por nós, Nossa Senhora do Bom Despacho, rogai por nós, Nossa Senhora do Socorro, rogai por nós, Nossa Senhora da Misericórdia, rogai por nós, Nossa Senhora do Bom Encontro, rogai por nós, Nossa Senhora da Boa Hora, rogai por nós, Nossa Senhora do Bom Sucesso, rogai por nós, Nossa Senhora da Arrábida, rogai por nós, Nossa Senhora Mãe dos Homens, rogai por nós, Nossa Senhora do Ó, rogai por nós, Nossa Senhora da Esperança, rogai por nós, Nossa Senhora Estrela do Mar, rogai por nós,

Nossa Senhora da Piedade, rogai por nós, Nossa Senhora da Estrela, rogai por nós, Nossa Senhora da Alegria, rogai por nós, Nossa Senhora da Serra, rogai por nós, Nossa Senhora do Anjo, rogai por nós, Nossa Senhora do Castelo, rogai por nós, Nossa Senhora da Visitação, rogai por nós, Nossa Senhora da Oliveira, rogai por nós, Nossa Senhora das Vitórias, rogai por nós, Nossa Senhora da Lagoa, rogai por nós, Nossa Senhora da Rocha, rogai por nós, Nossa Senhora da Encarnação, rogai por nós, Nossa Senhora das Neves, rogai por nós, Nossa Senhora da Paz, rogai por nós,

Nossa Senhora dos Prazeres, rogai por nós, Nossa Senhora da Luz, rogai por nós, Nossa Senhora das Necessidades, rogai por nós, Nossa Senhora de Ara-Coeli, rogai por nós, Nossa Senhora da Consolação, rogai por nós, Nossa Senhora do Desterro, rogai por nós, Nossa Senhora do Templo, rogai por nós, Nossa Senhora dos Milagres, rogai por nós, Nossa Senhora dos Nós Desatados, rogai por nós, Nossa Senhora das Preces, rogai por nós, Nossa Senhora da Purificação, rogai por nós, Nossa Senhora dos Aflitos, rogai por nós, Nossa Senhora da Apresentação, rogai por nós, Nossa

Senhora da Boa Morte, rogai por nós, Nossa Senhora das Missões, rogai por nós, Nossa Senhora da Boa Estrela, rogai por nós, Nossa Senhora do Pranto, rogai por nós, Nossa Senhora, Rainha do Purgatório, rogai por nós, Nossa Senhora de ao Pé da Cruz, rogai por nós, Nossa Senhora dos Altos Céus, rogai por nós, Nossa Senhora das Lágrimas, rogai por nós, Nossa Senhora do Bom Porto, rogai por nós, Nossa Senhora do Auxílio, rogai por nós, Nossa Senhora do Incenso, rogai por nós, Nossa Senhora da Póvoa, rogai por nós, Nossa Senhora do Cabo, rogai por nós, Nossa Senhora da

Moral, rogai por nós, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, rogai por nós, Nossa Senhora da Soledade, rogai por nós, Nossa Senhora, Divina Pastora, rogai por nós, Nossa Senhora das Almas, rogai por nós, Nossa Senhora da Boa Sorte, rogai por nós, Nossa Senhora das Boas Novas, rogai por nós, Nossa Senhora Aparecida, rogai por nós (aqui ouviu-se a voz de trovão de Lula, lembrando-se de sua mãe defunta, Maria Aparecida), Nossa Senhora da Criação, rogai por nós, Nossa Senhora do Repouso, rogai por nós, Nossa Senhora da Rosa, rogai por nós, Nossa Senhora do Sepulcro, rogai

por nós, Nossa Senhora da Vera Cruz, rogai por nós, e, de novo – martelava de voz pastosa monsenhor –, de novo Nossa Senhora Reparadora: Nossa Senhora Reparadora, rogai por nós.

ENCONTRO DE AMOR NA CERCA

Vidal Rabelo fez sinal a Julinho e a Lula, vamos, disse ele, Anélia não vai, só homens, Anélia entristeceu-se, pensando Lula ir à baiuca da Chica Tortuosa, a Dengosa, mas Vidal Rabelo completou, tu, Lula, vais levar Anélia ao Recife e trazes dois chuços duros e dois bacamartes bem

aperreados, encontramo-nos no Varadouro ao primeiro escurecer. Vidal Rabelo e Julinho dirigiram-se para o Varadouro, Vidal sacou de pão e carne do alforge e repartiu com Julinho, os dois comendo, os dois andando, o cavalo atrás, relinchando, cheirando a comida. Vidal Rabelo ia nessa noite cumprir o encontro com d. Leonor, que lhe enviara o recado, «amanhã na cerca», no lenço de cambraia. Vidal Rabelo entrapou os cascos do cavalo, mandou Julinho tirar as botas, que as prendesse ao pescoço com o atilho, e, mal Lula regressou, subiram os três para a Rua Nova,

mesclando-se na escuridão. De pronto chegaram ao murete do quintal do palacete de João Cavalcanti e André Figueiredo Dias. Vidal Rabelo instruiu Lula e Julinho, a um grito seu os dois entravam de sus, primeiro a despachar à porretada tudo o que mexesse, depois, se os três fraquejassem e os mazombos fossem em maior número, chumbo com eles, só dispararIam a uma ordem sua, e para as pernas. Vidal Rabelo saltou o muro, atravessou a cerca de bambu que o encimava e aninhou-se entre os ramos pendidos de uma bananeira, onde Leonor o esperava sorrindo de amor, oh, meu

amor, clamaram ambos em uníssono, Vidal Rabelo sorridente, Leonor chorosa, quebrando a viuvez forçada, Leonor sentiu-se beijada, fogosa, morta de amor, tinha uma notícia triste a dar ao seu recém, recém, recém-esposo, a família Cavalcanti, acolitada por Manelinho e d. Álvaro Manuel da Costa, rogara para a nunciatura de Lisboa a anulação do casamento, Leonor suplicava compreensão, o tempo da viuvez forçada haveria de passar, novas primaveras chegariam, celebraremos então o verão da nossa união, disse, de sorriso aberto e olhos doces, não haverá Santa Sé que nos

faça separar, Vidal Rabelo prometeu ir a Lisboa requerer a anulação da anulação, Leonor, séria, rogou que o seu marido a raptasse, iriam para Lisboa, os dois. Num repente, saída do fundo do quintal, uma voz escurecida fez-se ouvir, daqui ninguém sai e tu, mascateiro de uma figa, nem vivo sairás. Leonor, afogueada, atormentada pela voz pastosa do tio André Figueiredo Dias, desmaiou nos braços de Vidal Rabelo, André Figueiredo Dias irrompera maldoso entre o bananal, interrompendo o idílio romântico entre Leonor e Vidal Rabelo, este, libertando-se do corpo

de Leonor, sacou da espada e pôs-se em guarda, clamando para André Figueiredo, não fosse meu pai ter morrido sem outra sucessão que a minha, sem Leonor, minha mulher e sua sobrinha, pouco me interessaria viver; porém, é em nome de Leonor e da memória de meu pai que devo continuar vivo, defendendo a minha honra com a espada que, vibrante, se de todo não me salvar, outros comigo arrastará para a morte, e o primeiro destes será vossa senhoria; André Figueiredo Dias, temendo Vidal Rabelo, gritou para dentro, Cosme e Manuel Bezerra, acudam, ladrões em

casa, os dois irmãos sertanistas, que se encontravam falando com o velho João Cavalcanti e o pai de ambos, Domingos Bezerra, acudiram de pronto, desembagadeirando as espadas encostadas a uma cadeira. Vidal Rabelo, ao nome dos agrestinos, homens semibárbaros, proferiu igual urro para fora de casa, Lula, Julinho, acudam!, estes, descosendo-se das sombras, saltaram o murete, enfiaram-se entre o bananal e irromperam de chuços alçados, nem esperaram nova ordem, André Figueiredo Dias, que presumira Vidal Rabelo sozinho, caiu varado pela porretada desferida por

Julinho, e Cosme e Manuel Bezerra, assomados de espadas em riste, arrostaram com o bastão de Lula que, desembaraçado, acuado pela escuridão, despachava cacetada atrás de cacetada, desarmando os dois irmãos, violentando-lhes as costas, ombros e cabeças. Vidal Rabelo teve de travar Lula, basta, basta!, não os mates, chega!, partamos. Vidal Rabelo debruçou-se sobre as faces lívidas de Leonor, beijando-as com ternura, despertando-a do torpor do desmaio, murmurando-lhe ao ouvido, sinto que por ti desgraço a minha vida, mas nada me será mais belo do que a perder por

um grande amor, nada me poderá travar, ter-te-ei ou morrerei nesta guerra. Certificando-se numa curta espreitadela que os seus três inimigos estavam vivos, Vidal Rabelo, seguido de Lula e Julinho, abandonaram o bananal. Quando Vidal Rabelo saltou para o seu cavalo e Lula e Julinho se separaram, fugindo para cada lado da rua, João Cavalcanti, rodeado de Domingos Bezerra e d. Lourença, assomaram a uma janela, fuzilando a tiro de bacamarte o vulto de Vidal Rabelo. Este, olhando suspeitosamente para trás, para a janela iluminada, ainda vislumbrou num refugo, alto e

magro, entre os volumosos carrapitos entrançados das senhoras, o vulto afilado de frei Maria do Amor Divino, de olhos chorosos, rebrilhantes à luz esconsa das sentinelas de azeite, já esporeava o cavalo, xô, xô, cavalinho lindo, perdendo-se na escuridão, de novo em direcção ao Varadouro.

Frei Diogo das Chagas Purificadas reina sobre o convento da Ordem de São Francisco de Assis, em Olinda, um reinado total mas solitário, despovoado, os poucos frades anciãos que se tinham retirado para a ermida de Nossa Senhora do Amparo decidiram não retornar, praticando

vida cenobítica até à morte, que não demoraria, os novos frades missionários chegariam com a armada do reino, dentro de alguns meses, máximo um ano. Frei Diogo remoía solitário o seu ódio a frei Maria do Amor Divino, convicto de que este se encontraria abrigado na mata imensa, num engenho mazombo. Sugerido pelo bispo, frei Diogo pediu os serviços de Vidal Rabelo, que lhe dispensasse Lula e uns escravos para limpeza e reparação geral do convento. Vidal acedeu a troco de uma espórtula mais do que menos, Lula não podia levar Anélia para o convento e, de três em

três dias, lá metia Lula os pés a caminho do Recife para retemperar forças no corpo desta. Anélia falou com a mãe Anália, esta torceu o nariz, homem fora de casa, habitando perto do alcouce da Chica Tortuosa, a Dengosa, perde-se com as pretas de lá, foi assim que mãe Anália disse, temos de fazer alguma coisa, para trazer o teu homem para o Recife, vamos amarrá-lo.

Visita assídua do convento é Porão Escorço, o Dois Olhos, já tem mula própria e, feito capacho, anda num corredio entre o palácio do bispo, o palácio do governador e o convento,

trazendo e levando recados. Em breve será recompensado. Missivas foram enviadas para a Bahia em correio especial, no primeiro navio saído do porto, do arcebispado da capital do Brasil já viera resposta, sim, a representação rogando a nomeação de novos familiares do Santo Ofício fora provisoriamente aprovada, aguardando-se resposta definitiva do reino, que nunca contrariava estes pedidos. Frei Diogo e d. Álvaro Manuel da Costa combinaram os nomes entre mascates e mazombos menos comprometidos, tudo equilibrado a bem da igreja, e, no fim,

acrescentaram ao rol o nome que há muito se lhes acometia na garganta: Porão Escorço, este sim, este é que ficaria incumbido de levar a sério a tarefa da devassa e da denúncia, para a qual se remunera anualmente com uns centos de ducados roxos, a cor dos cafajestes. D. Álvaro Manuel da Costa desejava o Pernambuco puro, purinho de heresias, mas não queria arrostar com o fardo das prisões e deportações para Lisboa, delegou o poder inquisitorial em frei Diogo das Chagas Purificadas, que subdelegou em Porão Escorço a tarefa da denúncia e dos encarceramentos. Enfim, o bispo,

suprema sapiência, cercara-se de cautelas, não vá o diabo tecê-las, mas frei Diogo, prosélito e imaculado, lobrigando em Porão Escorço o fiel mastim de serviço, aceitou honrado a delegação, preparando-se para lançar o aviso sobre judeus e heréticos que a igreja repousa, mas não dorme, e sobre o povo, que a relaxação de costumes e a depravação de corpos acabaram, a única permitida, verificada, registada, mas passada de lado, como quem olha para a esquerda sabendo que o perigo vem da direita, seria a taberna da Chica Tortuosa, a Dengosa, alimentadora dos apetites dos

embarcadiços e dos bárbaros pés-rapados do sertão, fora mesmo assim que frei Diogo dissera: Porão Escorço, sobre quem entra e quem sai da Chica, nada quero saber, e Porão Escorço replicou inocente, sim, até a Sebastiana do senhor bispo vai lá às vezes.

Os judeus naufragados e Violante Dias, bisneta de Branca Dias

Sebastião Castro Caldas e d. Álvaro Manuel da Costa receberam o rabi dos judeus naufragados, Isaac Moisés, de

nome cristão Simão Mendes. A maioria dos judeus viera transferida para os Afogados, a menos de uma légua do Recife, arraiados, o governador preocupava-se com a emergência de um surto de febre, a peste, disse o Bastião, tanto faz negra como amarela, peste é sempre peste e eu receio que duzentos homens e mulheres abarracados às portas do Recife, tragando restos de peixe e de carne, levados pela guarnição, constituam o mais insigne foco de uma praga de peste, fizera um apelo às famílias de Olinda e do Recife e forçaram os engenhos do Agreste a

fornecerem animais velhos para abate, valia tudo menos porcos, duzentas bocas eram de mais, não se saciavam com inhame, feijão e mandioca. As pretas de Vidal Rabelo, acaudeladas por mãe Anália, aprestaram-se a instruir as senhoras judias a confeccionar farofa, a cozer inhame e a amanhar o feijão, juntando enxúndias de vaca, mãos de vitela ou pés de bezerro. As valas comuns escavavam-se e cobriam-se todos os dias, depósitos de restos de animais e imundícies dos homens, misturados com cal fervente, preciosamente disponibilizada pelos trabalhadores de

Joaquim de Almeida e Simão Ribas. A água vinha fresca e limpa do ribeiro do Tejipió e os judeus sobreviventes lavavam-se diariamente com cuidados extremos, a si e aos seus pertences, evitando a podridão e a quentura, mães do surto de febre. A memória europeia da comunidade advertia-lhes que, caso um flagelo de febre varresse o Recife e Olinda, a boçalidade da população acusaria os judeus, identificá-los-ia com a morte e o demónio, dizimá-los-ia, nenhum escaparia. Sebastião informara o rabi Simão Mendes ser legítimo o receio da população do Recife, de Santo António e da ilha de

António Vaz, houvera um surto mortal de febre não havia mais de uma dezena de anos, não tinham sido esquecidos os bolbões fatais e os filhos perdidos nos braços das mães, e muitos houve. Temos de tratar de três assuntos, mestre Simão Mendes, exclamou o governador, já acordados entre mim e sua reverência, o nosso bispo, permita que o trate por mestre em vez de rabi, sei que é mestre ourives, a sua dignidade judaica, que pessoalmente respeito, é proibida em território desta capitania, fiquemos por mestre. Tenho autoridade da comunidade, disse Simão Mendes, para aceitar e

agradecer uma proposta do governo desta capitania que não nos seja humilhante ou contra a nossa crença. D. Álvaro da Costa levantou-se e desviou-se para a janela-varanda, contemplando a torre sineira do convento de São Francisco, congratulando-se por frei Diogo se ter lembrado de Porão Escorço como familiar da Inquisição, com tantos judeus livres o Pernambuco corre o risco de se tornar uma nova Amsterdão. Sebastião também não gostara do tom orgulhoso que prenunciara na voz de Simão Mendes e replicou duro, duro no duro, os judeus,

mestre, estão em terra que lhes é estranha, o Pernambuco não é nem o Setentrião da Europa, onde gozam de privilégios, nem o deserto da Patagónia, onde, sem autoridade vigilante, cada um faz o que lhe aprouver, aqui, mestre Simão Mendes, somos todos católicos e romanos, obedecemos a el-rei, ao Santo Padre, ao núncio, seu representante em Lisboa, e ao nosso bispo, d. Álvaro Manuel da Costa, aqui presente, quem fugir a esta obediência ou dela se servir com má-fé, é melhor não se instalar no Pernambuco. Não temos meios de sair daqui, objectou Simão

Mendes, nem vontade temos, muitos de nós receiam retornar ao mar. Pois aqui ficarão ou daqui partirão consoante chegarmos ou não a um princípio de acordo, mestre Simão Mendes, declarou Sebastião Castro Caldas, prosseguindo, o nosso desejo é aboletarmos trinta famílias ou sessenta judeus adultos numa nova quadra do Bairro do Recife, no arrabalde, doando graciosamente terrenos, provisões, materiais, pedra, argamassa, trabalho escravo, para aqui se instalarem definitivamente e, cada um no seu mister, começar a trabalhar segundo o arrolamento feito por Porão

Escorço, não sei se o conhece? – conheço, conheço, já ganhou algum dinheiro à nossa custa!, replicou Simão Mendes, agastado –, bem, isso não me interessa, o rol está feito e não se desfaz – o governador comentou sorridentemente para o bispo: a algum sítio o Dois Olhos tinha de ir buscar dinheiro para comprar a mula!, não lhe escondo, mestre Simão Mendes, acrescentou Bastião, que não procedo assim, com autorização do senhor bispo, senão tendo em vista o interesse do Pernambuco, que, desde a guerra com os holandeses, há meio século, não possui artífices, cada família trata

de arranjar os seus apetrechos e o que não consegue compra ao reino, milhares de cruzados e de reais partem deste porto todos os anos em direcção a Lisboa para se comprar aquilo que, numa vila normal, seria habitual comprar-se, uma simples alfaia, uma forquilha, a cabeça de um martelo, uma lima, uma serrilha, para não falar em anéis e jóias, de que o mestre entende, tudo tem de se comprar ao reino, quem ganha são os capitães-atravessadores de açúcar que, nos barcos, trazem o que a capitania precisa; é verdade que dinheiro não falta, o açúcar é valioso, mas eu, como governador, devo

trabalhar para que Olinda e o Recife se bastem a si próprios. Como vê, mestre Simão Mendes, não lhe escondo que é um favor que a sua comunidade faz ao Pernambuco aceitar estabelecer-se entre nós e, se o interesse é nosso e a ocasião propiciatória não podia ser a mais infeliz, o vosso naufrágio, compete aos governantes, tanto civis como religiosos – e apontou para d. Álvaro Manuel da Costa, virado para a janela-varanda –, transformar as ocasiões infelizes em novos ensejos, é o que estamos a fazer, nós os dois e mestre Simão Mendes; dificilmente encontrariam outro território que

disponibilizasse terras, materiais, trabalho, tudo gratuitamente, ou quase, a finta anual da Câmara será agravada durante os próximos cinco ou dez anos, logo veremos, terá uma alcavala fixa, que pagarão, finda a qual se fará o tombo da posse, tudo simples, tudo liso, mãos limpas; e os outros dois assuntos?, inquiriu Simão Mendes, deixe-me informá-lo antes, mestre Simão Mendes, para aquilatar dos nossos desejos, que os mascates do Recife, maioritários na ilha, já acordaram em recebê-los, sessenta judeus são vinte a trinta famílias, vinte a trinta casas, e já se comprometeram a

não reclamar as terras a norte da ilha que, em princípio, se destinariam a seus filhos e netos ou a acrescentamentos de suas casas, em armazéns e galpões, terra há muita, disseram eles pela voz de Simão Ribas e Joaquim de Almeida, dois dos mais ilustres mascateiros. E os outros dois assuntos?, inquiriu de novo Simão Mendes. Temos mais duas propostas, ripostou Sebastião Castro Caldas, como se não tivesse escutado a ânsia de Simão Mendes, constituem a compensação que a vossa comunidade prestará face à gentileza do Pernambuco, governo e bispado, e,

devo dizê-lo desde já, mestre Simão Mendes, sem a aprovação das quais a primeira terá nulo valor, anula-se tudo e aguarda-se que os barcos negreiros façam um acordo com a vossa comunidade para vos levar para a Patagónia, ou para onde quiserem, devem possuir ainda algumas jóias ou ouro remanescentes do naufrágio. Por nós, governo e bispado, ficamos de consciência em paz, crentes de que fizemos o que tínhamos de fazer para o bem do Pernambuco. Devo adverti-lo, no entanto, mestre Simão Mendes, que os capitães-negreiros não são gente de fiar, o mais certo é dispersarem-vos

por três ou quatro barcos, assaltarem-vos em pleno mar, cobiçando as vossas jóias, e largarem-vos numa ilha ou na costa de África, em Mina ou Luanda, onde traficam os negros. Não seria a primeira vez que tal aconteceria, também não seria a última. Isto caso não vos espetem a todos na boca de tubarões. Também não seria a primeira vez, nem a última. E os outros dois assuntos?, inquiriu Simão Mendes, ansioso. As propostas são as seguintes, mestre Simão Mendes, os cerca de cento e quarenta judeus restantes seguem para o Maranhão, numa urca que aí está

aportada, parte em breve, leva os franciscanos relapsos, deve ter ouvido falar; el-rei e o governador do Maranhão e Grão-Pará querem povoar o Sul do Maranhão, terra doce, distribuída gratuitamente a prazo de dez anos, chão fértil, água viva, solo virgem de massapê, bom para a cana-de-açúcar, mas também bom para fumo e algodão, quem for para lá será feliz, escreveu-me Gomes Freire de Andrade, o novo governador. Respondi-lhe que me faltam braços no Pernambuco, que não produzimos mais açúcar porque nos falham braços de preto e cabeças de branco, foi assim

que escrevi. Dias depois, sucedeu o que sucedeu, e o Pernambuco passou a ter duzentos novos pares de braços para trabalhar, o homem põe e Deus dispõe – é a conclusão que se tira. Trezentos açorianos já vão a caminho, mas não se preocupe, mestre Simão Mendes, o Maranhão e o Grão-Pará são quatro ou cinco vezes o Pernambuco e menos povoados. É aproveitar, mestre Simão Mendes, não sei quem vai ser mais feliz, se os que ficam, se os que partem. Todos os judeus que não foram arrolados em Jaboatão partirão para lá, não há disputas, tu ficas cá, eu vou para lá,

troca comigo que eu fico cá e tu vais para lá, nada disso, o rol de Porão Escorço é sagrado. Simão Mendes sorriu, em nome da minha comunidade, fico grato por essa proposta, ninguém quer ir para os ventos da Patagónia e todos já se lamentam algum dia terem ouvido este nome; estou certo de que, tirando o natural receio do mar, aceitarão a partida para o Maranhão. Neste instante d. Álvaro Manuel da Costa retirou-se da varanda-janela, voltou-se para Simão Mendes, avançou para este em passo miudinho, o célebre passo da Igreja, que parece não andar mas anda; postou-se atrás da cadeira

de Simão Mendes e, de voz melíflua, doce como o cântico da morte, deixou desabar toda a maldade do mundo sobre a cabeça de Simão Mendes: os judeus que ficarem no Recife deverão ser baptizados, tornados cristãos-novos; os que forem para o Maranhão, sê-lo-ão lá. Simão Mendes ergueu-se abruptamente, agastado, mas controlado. Sebastião Castro Caldas pediu calma, não se precipite, mestre Simão Mendes. É totalmente inaceitável esta proposta, os senhores deveriam ter começado a nossa conversa por esta proposta, não teríamos perdido tanto tempo,

preferimos entender-nos com os capitães-negreiros, talvez tenhamos sorte, o Senhor nos protegerá. D. Álvaro Manuel da Costa abriu as mãos e sorriu de leve, de lábios retorcidos, o senhor governador é muito generoso e não duvido que queira o bem do Pernambuco, disse ele, mas eu conheço a raça dos judeus, nascido judeu, morrido judeu, assim o disse. Sebastião implorava a mestre Simão Mendes para de novo se sentar, é uma cortesia que me faz, um favor, Simão Mendes sentou-se, Sebastião arrastou uma cadeira, depô-la frente à de Simão Mendes, ficaram ambos rosto a rosto, é

assim que os homens falam e se entendem, disse Sebastião, olhos nos olhos, sem segundas intenções: mestre Simão Mendes, desde Duarte Coelho, nosso primeiro capitão donatário, há mais de cento e cinquenta anos, sempre houve judeus nesta terra, d. Álvaro Manuel da Costa interrompeu friamente, mas não apostaziam, não judaízam, Sebastião, como se o não tivesse escutado, prosseguiu: portanto, mestre Simão Mendes, no Pernambuco não se trata de ser ou não ser judeu, ou de ser ou não ser calvinista – é proibido por ordenação régia, só se pode ser católico, ser pernambucano é

ser católico, é como uma segunda pele, nem vale a pena despi-la à noite, só dá mais trabalho, de manhã teremos de envergá-la de novo. No tempo dos holandeses, viveram aqui cem judeus, é um exagero, digo eu, mas a verdade é que os sobrados ainda lá estão, na antiga Rua dos Judeus, até sinagoga levantaram. Quando os portugueses expulsaram os holandeses, os judeus fugiram com estes, não que os tivessem perseguido como judeus, apenas como colaboracionistas com os invasores. Certamente que mestre Simão Mendes ouviu falar da prisão de João Nunes, é verdade, foi preso, está preso, à espera

de embarque para a Bahia e, depois, para Lisboa, relaxado à justiça de el-rei. É melhor sermos claros: João Nunes vai parar à fogueira. Porém, não foi por ser judeu que foi preso, que o é, descobriu-se que o é, mas por ser onzeneiro, levava vinte a trinta por cento de juros ao ano, é proibido, descobriu-se depois que mijava no Crucificado, com perdão de vossa reverência, só agravou a situação. Mas note, mestre Simão Mendes, que eu, governador do Pernambuco, fidalgo de el-rei, se mijasse no Crucificado e fosse onzeneiro, estaria tão preso como o foi João Nunes, é isto que eu

quero dizer. Não sei se deva acreditar que João Nunes foi preso por razões que não têm que ver com a sua fé judaica?, duvidou Simão Mendes. Ofende-me, mestre, replicou Sebastião, que, como desaforo sentido, se escusou de proferir os nomes do «mestre», caro Simão Mendes, continuou Bastião, um representante de el-rei de Portugal não mente, pode dissimular, porque às vezes a verdade mata, mas mentir não mente; perdoai-me, estou confuso, confessou Simão Mendes, confuso e revoltado, acrescentou d. Manuel da Costa; não esperava uma proposta assim,

lamentou-se Simão Mendes, e, virando-se para o bispo, prosseguiu, é como pedir a vossa senhoria que deixe de ser bispo e católico e passe a ser judeu, d. Álvaro da Costa saltitou nas perninhas, torcendo os braços, emitiu um rotundo não admito!, mando-o prender por ofensa à dignidade eclesiástica, não é a mesma coisa, o cristianismo é a verdade do mundo, Sebastião Castro Caldas interrompeu, dirigindo-se a Simão Mendes, disse-lhe: mestre Simão Mendes, eu e o senhor bispo vamos ausentar-nos desta câmara, estaremos aqui ao lado em despacho, o mestre permanecerá

sentado, olhará para aquela porta ali, sim, aquela, por ela entrará uma senhora, solteira mas com idade de senhora, é Violante Dias, bisneta de Branca Dias, a primeira judia pernambucana, viveu em Camaragibe, três a quatro léguas a norte de Olinda, com o seu marido, Diogo Fernandes, também judeu, oficialmente, eram ambos cristãos-novos, como mestre Simão Mendes deve imaginar, assim educaram filhos e netos. Violante dir-lhe-á que os que assim viveram nunca foram perturbados e os que judaizaram abertamente acabaram presos e rematados para o reino, são as duas

vias da estrada que o Pernambuco oferece aos judeus, uma é como se fosse uma linha que engrossa a cada nova geração, promovendo prosperidade; a outra, abruptamente cortada, finda em precipícios e ravinas. Violante Dias faz parte de uma nova geração que não receia o Pernambuco porque a ele se soube acomodar, sem se violentar e sem violentar as convicções de fé do Pernambuco, mestre Simão Mendes, dê-me essa graça, fale com Violante Dias, fale com ela o tempo que quiser, se chegarmos a acordo, delegarei em Violante Dias a organização do novo

bairro, coadjuvado por frei Diogo das Chagas Purificadas, que administrará a conversão ao catolicismo. Vamos?, disse Sebastião para o bispo Costa, este insistia com o governador em que era importante dizer a mestre Simão Mendes o nome do novo bairro. Simão Mendes perguntou: Bairro dos Judeus? D. Manuel Costa respondeu com o sorriso dos cabras-do-mato espetado na cara: não, chamar-se-á Bairro de Jesus.

Não se sabe o que um ao outro disseram, rabi Simão Mendes e Violante Dias, esta deve ter narrado a longa história secreta dos judeus no

Pernambuco, não deve ter omitido que muitos destes foram presos e deportados para o Reino e que os ossos da sua bisavó, matriarca da comunidade em Olinda e o Recife, foram exumados cerca de dez anos após a sua morte e enviados para o Rossio para serem queimados em auto-de-fé. Deve ter-lhe falado do engenho de Camaragibe, onde pela primeira vez se fez esnoga em chão americano e na sinagoga Zur Israel levantada pelos judeus de Amsterdão no Recife durante a ocupação flamenga. Chorando, deve ter exaltado o valor do rabi Aboab da Fonseca, lenda viva como modelo de

homem judeu ilustre, fundador desta sinagoga, zelador e administrador da antiga Rua dos Judeus e, após a partida dos holandeses, fundador da primeira sinagoga da América do Norte, numa ilha desconhecida de Violante Dias, que se chamava Nova Amsterdão. Deve ter garantido a Simão Mendes que, com exclusão dos judeus holandeses, sempre houvera uma tradição de tolerância no Pernambuco, e que mesmo estes, vindos com o invasor, não foram perseguidos por serem judeus, mas expulsos junto com os ocupantes, apenas os renitentes, incapazes de esconder sua origem e

condição, como a sua bisavó, tinham sido perseguidos, não pela população, que sempre convivera amiúde com os cristãos-novos sem perguntas nem demandas, mas pelos visitadores e familiares do Santo Ofício, com estes, sim, é forçoso redobrado cuidado, assistir à missa e comungar todos os domingos e dias santos, nunca fazer como o João Nunes que, em certos anos, nem pelo natal assistia à missa do galo. A bisneta de Branca Dias deve ter consciencializado rabi Simão Mendes de que, com exclusão dos sonhos miríficos da Patagónia e a liberdade de que dispunham no

Setentrião europeu, em nenhum outro lugar os judeus estariam mais a recato do que no Pernambuco, desde que por fora praticassem o cristianismo e por dentro guardassem obediência ao Livro Velho. Era esta a condição de ser judeu e não valia a pena inventar outra, tentando escapar. Fora um milagre de Adonai que o governador tivesse convencido o bispo a aceitar a instalação de sessenta judeus no Recife e a disponibilidade de terras e materiais quase gratuitos, seria um pecado contra o Senhor desperdiçar esta oportunidade. Quando Simão Mendes se despediu de Sebastião

Castro Caldas e de d. Álvaro Manuel da Costa, a serenidade que lhe banhava o rosto e o afogueamento escarlate das faces de Violante Dias indiciavam que o acordo estava consumado, faltava só a aceitação da comunidade como um todo e a separação resignada, sem resistência, dos que partiriam para o Maranhão.

CONCILIÁBULO MASCATEIRO

Não menos de uma semana depois, Sebastião Castro Caldas recebia no Palácio das Torres, no Recife, uma deputação de mascates, Joaquim de

Almeida, o mais rico portento mascateiro, Simão Ribas, velho almotacé respeitado, e Vidal Rabelo, em substituição do pai, Miguel Rabelo. Não se sabe se fora Bastião quem a mandara chamar, se os mascates se fizeram chamar preocupados com a demora do cumprimento do édito de el-rei que mandava erguer pelourinho no Recife, elevando a antiga povoação, um bairro ilhéu, a vila, separando-se de e competindo com Olinda. Bastião tinha de aplicar o édito, era o que Vidal Rabelo vinha dizendo intempestivamente ao governador:

– *Esta vila do Recife há meses que*

el-rei a criou; e pois que o governador por ele mandado a esta capitania tem deixado de cumprir a carta régia, mostrando-se rebelde (pelo semblante façanhudo de Sebastião, Vidal Rabelo ia constatando que acertara em cheio no orgulho do governador), *nosso dever de fiéis vassalos é obrigá-lo à obediência que deve a seu príncipe e senhor; e, sendo preciso, erigirmos nós, os povos em conselho, o padrão da vila.*

Castro Caldas percebeu que os fígados biliosos falavam pela voz do jovem Vidal Rabelo, sempre tão esmeramente polido. O fracasso do seu casamento, que o governador apressara coniventemente, ultrapassando o rancor mútuo entre as duas famílias, radicalizara o comedimento de Vidal Rabelo, mais propenso à sensatez do que ao extremismo. No entanto, ali estava ele a acusá-lo de protelamento de ordem régia. Sebastião decidiu esquecer a amargura de amores sofridos que as palavras de Vidal Rabelo revelavam e alegou demoras processuais, justificando-se. Os

mazombos tinham nomeado procurador em Lisboa, contestando mau aconselhamento jurídico inscrito no parecer que o Conselho Ultramarino levara ao rei para este subscrever; o rei não se enganara, nunca um rei português se engana, fora mal aconselhado e assim ordenara em limpa consciência o que errado estava. Os mascates tinham decidido nomear novo procurador, que apresentara contracontestação, considerando direito e justo o parecer do Conselho Ultramarino. Contestação por contracontestação, o processo não se resolveria em menos de três longos

anos, o Recife não pode esperar, declarou Rabelo, o que foi firmado pelo rei está em vigor e deve ser aplicado; se mais tarde for anulado, anula-se o que antes fora realizado. Vidal Rabelo jogava forte contra Sebastião. Este justificava-se, a erecção do pelourinho da vila poderia significar guerra, os mazombos alegariam que a medida se encontrava em sede de contestação, achar-se-iam no direito de quebrar o padrão, derrubando-o, não deixando proceder-se à eleição da nova Câmara. Sebastião explicava-se: ele próprio tentara suavizar a ordem de el-rei,

promovendo o casamento entre a mazomba Leonor e o mascate Vidal, e apontou para este, que esfregava as mãos, impaciente, na sua ideia as novas gerações abafariam ódios velhos, fracassara, o jovem Vidal, colérico, querendo tudo como soesse, recusara-se a viver em casa do sogro, reacendendo a cizânia, estou certo, assegurava Sebastião, se Miguel Rabelo estivesse vivo forçaria o filho a permanecer em Olinda, em casa de João Cavalcanti e André Figueiredo Dias, iniciando assim uma convivência que, com o nascimento de filhos e a realização de baptizados com

convidados de ambas as partes, haveria de se revelar salutar tanto para Olinda quanto para o Recife. Vidal Rabelo, no entanto, sem o conselho paterno, infelizmente defunto, mostrara-se demasiado impetuoso, ardendo em orgulho, deitando tudo a perder. Vidal Rabelo, sentado no canapé de junco, habitual lugar do secretário Barbosa de Lima, ergueu-se admoestado, vossa senhoria repreende-me como se fosse meu pai, mas se este estivesse vivo asseguro-vos que aprovaria a minha conduta, aliás, fundada na sua memória, e não no meu orgulho. Simão Ribas levantou-

se igualmente e interpôs-se, não vale a pena azedar o que azedo está e recriminações sobre o passado só levam a desentendimentos futuros. Joaquim de Almeida acrescentou, interessa-nos apenas a elevação do Recife a vila, não a vida pessoal de Vidal Rabelo. Porém, Sebastião Castro Caldas e Vidal Rabelo haviam-se assanhado, o primeiro por ter visto o seu plano de conciliação entre mazombos e mascates ir por água abaixo por culpa de quem agora o acusava, o segundo ferido no orgulho de marido que, maridado, viu sua senhora recusar-lhe uma ordem,

levando a uma separação forçada entre ambos. Joaquim de Almeida, apontando para os seus cabelos brancos e relembrando a amizade de mais de trinta anos com Miguel Rabelo, mandou calar abruptamente Vidal Rabelo. Notava-se-lhe no semblante, idêntico ao de Simão Ribas, que de facto o plano do governador, não sem deixar de ser arriscado, mais anunciador do fracasso do que do sucesso, poderia ter salvo o Pernambuco de futuras altercações violentas que, embora não desejadas, dificilmente seriam evitadas. Simão Ribas partilhava a mesma opinião, os

mazombos não pegavam lepra, o orgulho aristocrático era única lepra de que eram portadores, a que Vidal Rabelo respondia com idêntico orgulho, agora orgulho plebeu. Orgulho contra orgulho, o tempo haveria de amaciá-los, e o casamento entre Leonor e Vidal poderia ter sido a grande oportunidade para iniciar o desenfortalezamento de ambos os orgulhos rígidos. Simão Ribas concluiu: se fosses meu filho, ordenava-te que regressasses a casa de Leonor e lá permanecesses, a tua atitude, jovem Vidal, fechou uma porta e não abriu outra. Como filho de

mascate, deverias muito bem saber que não se fecha uma porta sem que outra esteja aberta, ou, pelo menos, entreaberta; senão, asfixiamo-nos a nós próprios, como o estás fazendo: nada te aprouve, nem o casamento se consumou, nem terás Leonor nos próximos tempos, se é que alguma vez a terás. Lançar fumo grosso para o meio do nevoeiro, foi o que o senhor Vidal Rabelo fez, como se assim visse mais claro, mas não vê, só escurece o que escurecido estava.

Desviando a conversa, mas com visível alívio por ter sido zurzida o suficiente a conduta de Vidal Rabelo,

Sebastião Castro Caldas foi direito à questão que a todos unia – a elevação a vila do Recife. Foi claro: eu posso ordenar a elevação do Recife a vila amanhã, até hoje, agora mesmo, e os senhores ficariam contentes, tenho poderes pessoais para tal e tenho o conforto da ordenação régia. Há, porém, um problema, o ouvidor-mor Inácio de Arouche é absolutamente contra a separação do Recife de Olinda, alega que, para além da contestação apresentada a el-rei, a carta régia é muito clara quando reclama que a elevação do Recife não pode afectar domínios territoriais de

Olinda, comprometendo a vitalidade financeira desta. Ora, são as taxas e as fintas do Recife sobre o açúcar no porto que pagam a sobrevivência de Olinda. Sem estas, Olinda será tão pobre quanto uma povoação, Muribeca, por exemplo, ou Várzea, não tem porto, não tem alfândega, não tem engenhos, tem 500 a 700 almas vivendo em mosteiros e conventos ou recolhendo cabedais dos engenhos da mata, Arouche alega que a elevação da vila do Recife mata Olinda. Mais tanto Arouche quanto o juiz-de-fora, Valençuela Ortiz, garantem que só aceitariam a elevação se fosse

exclusivamente o Bairro do Recife, sem mais povoação, tudo o que estivesse em redor do ilhéu continuaria a pertencer a Olinda. Não pode ser, exclamou Joaquim de Almeida, e a Boa Vista, e a ilha de António Vaz, e a ilha do Pina, e a Várzea? Tudo para Olinda, retrucou Sebastião, muito se negoceia aí e Olinda quer as taxas disso tudo. Simão Ribas, contemporizador, concluiu, é injusto, seremos a vila mais pequena do mundo, do ponto de vista do dinheirame não faz mossa, dinheiro por dinheiro é no Recife que ele se encontra. Sebastião Castro Caldas

adiantou ser de evitar futuro sangue derramado, ainda que não saibamos se os mazombos, alegando a contestação em Lisboa, não peguem em armas mal nos saibam preparados para elevar o Recife a vila, tenho duas propostas para as quais preciso de contar com o total apoio do Recife, ou melhor, uma só, dividida em duas partes. A primeira, vou insistir na nomeação de dois representantes do Recife no Senado da Câmara de Olinda, conto com os senhores, a vossa moderação e os vossos cabelos brancos são penhor de dignidade e respeito; pensara em três, contando com Vidal Rabelo, mas,

após a nossa conversa de há instantes, receio que o senhor não possua maturidade suficiente para se controlar face a inimigos, simulando tratá-los como amigos, forçando-os a caírem na cilada dos seus próprios desejos. É algo que não é nativo, apenas com a idade se aprende. Vidal Rabelo ouviu e não tugiu nem mugiu, o olhar bovino perdido no olhar cínico de Sebastião Castro Caldas. Os meus antecessores aplicaram esta táctica e não tiveram sucesso, o presidente do Senado, Bernardo Vieira de Mello, nunca convocou os delegados dos mascates. Vamos insistir, logo se verá, água mole

em pedra dura tanto dá até que fura. Por vosso lado, os senhores, em nome do futuro Recife, comprometer-se-ão, sempre que no Senado se abordar a independência, a contribuir com uma justa comparticipação para a fazenda de Olinda, coisa de três a cinco anos, uma comparticipação fixa calculada sobre a receita da perda das taxas e das fintas de que Olinda for desfalcada. Muito justo, proferiram Simão Ribas e Joaquim de Almeida. A segunda proposta, mais arrebatada, é dirigida ao nosso mancebo Vidal Rabelo. Vamos avançar com a construção do pelourinho. Será erigido

no forte do Matos, longe das vistas da população, para isso conto com o valioso contributo do senhor Vidal Rabelo. Peço-lhe que um trabalhador seu oriente dois canteiros judeus, desses que se irão instalar no Recife, ninguém os conhece, ficarão abrigados pelo molhe do forte e trabalharão de noite, para não chamarem a atenção. A pedra será a da capitania, extraída dos arrecifes da costa. Posso contar com a sua orientação e a sua discrição? Vidal Rabelo acenou que sim, bastava dizer-lhe a heráldica a ser gravada e o prazo final da edificação. Sebastião pensou e concluiu, fevereiro do ano que vem, é

uma boa data? Óptima data, há mais do que tempo para a construção.

O coiso-feito de mãe Anália

Frei Diogo das Chagas Purificadas causticava com contínuos carregos Lula e a récua de escravaria de Vidal Rabelo. À limpeza geral do convento, acrescera a caiadura do interior de inúmeras celas, a remoção de entulho acumulado de anos, a substituição de rótulas, a reparação de portadas, o envernizamento de peanhas de santos roídas pelo cupim, o desbaste das sebes dos claustros, o plantio de novas

árvores, a pintura dos rodapés da sacristia, o luzimento das auréolas em cobre e latão das cabeças dos santos, novos trabalhos surgiam todos os dias, de que Lula humildemente se encarregava, não se aprimorando mas também não se relaxando. Frei Diogo falou com Vidal Rabelo, e Lula, num regresso ao Recife, guiou uma azémola carregada de lençóis e rouparia dos frades para Anélia, Anília, Anólia e Anúlia lavarem e escarolarem sob orientação de mãe Anália. Três dias após, Lula deveria ter regressado de Olinda ao pôr-do-sol, Anélia esperava-o sentada no poial de pedra

da entrada do sobrado de Vidal Rabelo, descascando feijão preto, mas Lula não veio, frei Diogo decidira limpar e luzir as sentinelas, tocheiros, candeias e luzernas do convento, aproveitando um suprimento de óleo de mamão que Manelinho lhe facultara, Anélia queixou-se a mãe Anália, vou perder meu Lulinha, assim o disse Anélia, ganha paixão por uma mulata da Chica Tortuosa, a Dengosa, ou faz um arranjinho com uma branca pobre de Olinda. Mãe Anália desinquietou-a, Lula é o homem da tua vida, vi-o na água da selha, serás a minha única filha aferrada com um branco e ele

será para ti o único homem, vi-o no alguidar, se com o Lula serás feliz toda a vida não me chega o dom para o saber, amarre-me a Lula, mãezinha Anália, rogou Anélia, prometa-me; não é preciso, o destino já vos amarrou; mas eu quero o Lulinha só meu, mamãe Anália, não o quero repartir com as mulatas da Chica Tortuosa, a Dengosa, nem com as brancas de pé-rapado da Rua dos Palhais, faz um encosto entre mim e o Lulinha, mamãezinha Anália, amarra-me ao Lula, mãinha Anália.

Quando Lula, três dias depois, regressou ao sobrado de Vidal Rabelo, esperando lobrigar Anélia sentada no

poial de pedra, descascando feijão preto, admirou-se de ver a entrada do sobrado vazia e a porta fechada, prendeu a arreata do jumento na argola de ferro da parede, descarregou dois fardos de roupa e, entrando pelas traseiras, foi gritando por Anélia. Anélia não lhe respondia porque não estava no sobrado. Entre o porão da carvoaria e a copa, Anília, Anólia e Anúlia passavam por Lula casquinando risadinhas comprometidas. Lula procurou mãe Anália, esta respondeu-lhe intempestivamente, Anélia está fora, numa senzala, a fazer o que uma mulher deve fazer. Lula não entendeu,

acabrunhou-se, percebeu que mãe Anália nada mais lhe diria. Retirou-se para o poial de pedra, à entrada da casa, suspirando por Anélia, contemplando a baía do Recife, as ondas saltando sobre a amurada dos rochedos marítimos, suspirando por Anélia. Mãe Anália trouxe-lhe um ananás descascado e uma faca para o cortar, perguntou a Lula que roupa era aquela, mais roupa, frei Diogo era um abusão, julgava que as mulheres da casa só lavavam para ele, é um explorador da generosidade de siô Vidal Rabelo, merecia que lhe fizessem um coiso-feito. Mãe Anália,

por amor de Deus, deixe o frade em paz, em breve chegarão os novos frades e eu venho-me embora. Mãe Anália abriu um fardo, batinas castanhas mais batinas castanhas, resmungou, protestou, tinha as mãos esfiadas de esfregar os lençóis dos frades, imundos com as porcarias que faziam à noite nas celas, nem cheirar se podiam. Lula, merencórico, alteando os olhos para a espuma borbulhante da chapada de água nos arrecifes, de suspiro à boca do coração, saudoso de Anélia, comentou, então nem abra o outro fardo, mãe Anália, dê aí a uma escrava lavadeira,

são as bragas de frei Diogo, cheiram a mijo e a caca como panos de bebé, só que de cheiro mais ardente, agoniou-me só de as embrulhar nesse pano. E foste tu que fizeste isso, Lula, não mandaste frei Diogo fazê-lo? Não podia, mãe Anália, voltou-me logo as costas, de dedos espetados no nariz. E os escravos, Lula, usavas os escravos? Não sou capaz, mãe Anália, os escravos são homens como eu, se o meu nariz se arrepiava, o deles também se arrepiaria, fiz eu, está feito e está aqui, agora não me peça para desembrulhar as bragas. Não, não to peço, Lula. Mãe Anália retirou-se

contente, era o que lhe faltava, uma peça da roupa pessoal de frei Diogo, com um atilho que se lhe vincasse bem à barriga.

Meia-noite certa, alertadas pelo tangimento dos sinos da Madre de Deus, Anília e mãe Anália escapavam-se pelos fundos do sobrado, afagavam os cães que lhes lambiam as mãos, abriam sorrateiras a portinhola do quintal e, encapuzadas por um pano-da-costa, deram o corpo à rua. Seguiram em frente, atravessaram quatro cruzamentos, parando em cada um, persignando-se por três vezes, e dirigiram-se a uma cafua de cana e

sapé rente à praia que, vista de fora, arremedava um casinhoto de pescadores forros. Era a camarinha e o terreiro onde as mulheres negras se iniciavam secretamente na adoração dos seus deuses. Anélia ali passara em isolamento a semana da lua cheia, que no sábado seguinte terminava, preparada por mães-de-santo para receber no corpo o seu orixá. Lançados os búzios, mãe Anália assentara ser Óxum. Anélia raspara a pelugem da púbis, diariamente tomara banho de água quente do mar misturado de folhas secas de prímula e de jasmim. No recolhimento dentro da

camarinha, Anélia suplicara que Óxum dela se apiedasse, a visitasse e dela se possuísse no terreiro quando, no próximo sábado, os batuques ferissem o silêncio da praia. Anélia implorara que Óxum lhe concedesse a força da amarração com Lula.

Nesta noite, mãe Anália precisava do auxílio de Anília, já iniciada e destinada a substituí-la na adoração dos orixás quando o seu axé regressasse às florestas africanas. O sacrifício seria realizado essa noite e na próxima, sábado, última noite de lua cheia – se Óxum possuísse Anélia o coiso-feito daria frutos, a amarração

consumar-se-ia e o mal, a força separadora, concentrar-se-ia toda no bucho de frei Diogo. A fogueira estava acesa, mães-de-santo, espalhadas pelo terreiro, dispunham os apetrechos quando mãe Anália e Anília entraram; via-se um pano de pele negro de gato, cortado em quadrado, a cabeça de um bode preto cego com uma mancha triangular branca na testa. Mãe Anália resmungou, as labaredas da fogueira estralejavam pau de almenda, o fumo e o olor não se ajustam, mãe Anália zaragateou em nagô com as outras mulheres, não havia acordo sobre o pau ajustado ao sacrifício, mãe Anália

pediu achas de pau de cedro e folhas de fumo, a cafua encheu-se de um odor acre e doce, almiscarado, que ensandecia a cabeça e martelava o coração. Vindo da camarinha, ao fundo do casinhoto, resguardada por uma dupla de panos pendurados, Anília trouxe o galo branco, pendurado pelas patas, passando-o três vezes sobre o fumo castanho da fogueira, as mulheres, sete ao todo, dispuseram-se em torno da fogueira, sentando-se, mãe Anália atirou folha de fumo para a fogueira e, batendo com as palmas das mãos sincopadas nas coxas fortes, as sete entoaram em surdina os cânticos a

Óxum. Sentadas na areia, bamboleavam o tronco, giravam a cabeça e desengonçavam os braços, ritmando o apelo ao orixá ao compasso das palmas rijas nas coxas abertas, mãe Anália mandou Anília, sentada a um canto, tudo observando para tudo aprender, ir buscar Anélia, esta, nua, sem pêlo que lhe maculasse a pele morena, de cabelo cingido coberto por um lenço negro, deitou-se de costas, perto da fogueira quase apagada, chamuscada com água marinha, o borralho das brasas como única iluminação. A escuridão era quase total e Anília, rompendo em círculo

uma faixa de sapé do tecto, deixou a claridade vibrante da lua penetrar na cafua, projectando-se, como um círculo de prata, na racha amorosa do entrepernas de Anélia. Mãe Anália ergueu-se, bateu duas palmas moles e iniciou o sacrifício, lançando por três vezes o grito das Filha da Terra – ôba, ôba, ôba, alalalaluéééé, ôba, ôba, ôba, alalalaluéééé, ôba, ôba, ôba, alalalaluéééé. Anília sacou de um balaio gradeado um lagarto esverdeado de um palmo de cabeça enrolado no talo da pena de uma galinha-d’angola; Anília, fixando nos dedos a ponta da pena, elevou tenso o

lagarto, de barriga escamada e acastanhada, pendido de beiças abertas e serrilha de dentes à mostra, balouçando a cauda verde esguia, passou o lagarto para mãe Anália, esta, ladainhando um murmúrio inaudível, avançando e recuando velozmente o braço esquerdo ao modo de uma serpente a atacar, depositou cuidadosamente as quatro patas do lagarto sobre a barriga de Anélia, manobrando a cabeçona hirta do lagarto, desviando-a da pele da filha, para a frente e para trás, acompanhando o movimento sibilante do braço esquerdo, mãe Anália forçou

o lagarto a andar sobre a pele de Anélia, manipulando a pena da galinha-d'angola, levantou o lagarto enquanto Anília depositava o pano de pele de gato preto sobre a barriga de Anélia, cobrindo-o com a cabeça preta e alva do bode cego, mãe Anália puxou a outra ponta do talo da pena, o lagarto debatia-se, agitando anarquicamente as patas, descobrindo as fauces avermelhadas, Anília, soprando um canudo esguio, embebedou o lagarto com cachaça branca, as mulheres negras lançavam em redor do corpo escurecido de Anélia os gritos abafados de Filhas da Terra, ôba, ôba,

ôba, alalalaluéééé, ôba, ôba, ôba, alalalaluéééé, ôba, ôba, ôba, alalalaluéééé, espalmando as mãos contra as coxas; embebedado, o movimento das patas do lagarto, de garras crispadas, amolecia, mãe Anália retirou de um pano a ponta afiada do corno de uma anhigma, a ave unicórnica dos céus do Brasil, e, experiente, sem hesitar, espetou o corno no peito do lagarto, rompendo-lhe o coração, o sangue gotejou sobre o crânio do bode cego, banhou os beiços cerrados deste e dissolveu-se no pêlo sedoso do gato preto, as vozes confluíram em coro, o triplo grito das

Filhas da Terra soou mais alto, ôba, ôba, ôba, alalalaluéééé, ôba, ôba, ôba, alalalaluéééé, ôba, ôba, ôba, alalalaluéééé, sempre rumorejante, para que dos sobrados rente à praia nada se escutasse, mãe Anália declamou em nagô o ritual do mal, mal que és mau e malvado, fixa-te no sangue do lagarto mau, embebe o crânio do bode cego e dilui-te na maldade do gato preto, daqui não sais, fechando o corpo de Anélia ao mal. O sangue do lagarto ia pingando, mãe Anália apertou fortemente o talo da pena, a garganta do lagarto abriu-se descomunalmente, as quatro patas

eriçaram-se ao mesmo tempo e todo o seu corpo se imobilizou, suspenso no ar. Mãe Anália depositou o corpo morto do lagarto ao lado da cabeça do bode cego, sobre o pano de pele de gato, Anília correu a buscar o galo branco, cacarejando a um canto da cafua, as mulheres levantaram-se, dançando lentamente em redor do corpo deitado de Anélia, as brasas esmoreciam, quase apagadas, apenas uma leve cintilação vermelha, misturada com a prata suja da lua, clareava a cafua. A alvura do galo acentuava-se lambida pela luz do luar, Anília pendurou o galo pelas patas,

passando-o às outras mulheres e cada uma, segurando-o de cabeça para baixo, lhe afagava o bico e tapava os olhos, murmurando-lhe em língua africana, galo bom e belo, não vejas o mal, vê o bem dentro de ti e, com teu sangue, purifica para sempre o corpo de Anélia. Por último, mãe Anália fixou o galo entre as mãos pretas, baloiçou-o, massajou-lhe o pescoço, repetindo por várias vezes a oração do bem, quanto mais o galo era massajado mais se acalmava, não se debatia nem cacarejava. As vozes em coro subiram levemente, os passos em volta aceleraram, as palmadas rituais nas

coxas fortaleceram-se e, no momento preciso, culminando o último do triplo grito das Filhas da Terra, mãe Anália, de catana de ferro na mão direita, cortou de uma só vez a cabeça do galo, que, liberta, tombou sobre a barriga de Anélia, jorrando sangue convulsivamente. As mulheres pretas elevaram a voz e o ritmo das palmadas, retornaram os passos em volta pelo sentido contrário, clamaram a súplica a Óxum; como o sangue puro do galo cobre o gato malévolo, o bode maligno e o lagarto malvado, assim o vodu orixá Óxum cobre com o seu o corpo de Anélia, possuindo-a na

próxima dança, no sábado, tornando-se seu senhor e seu guardião. Sem cabeça, o galo morto corria contra as paredes da cafua, martelando repetidamente contra elas, mãe Anália espalhava o sangue fresco da cabeça do galo sobre a barriga de Anélia, purificando-a e fertilizando-a, Anília levantou o crânio do bode cego, a pele do gato preto e o corpo morto do lagarto verde e, chocalhando-os no regaço, batidos entre si, deu-os a mãe Anália, que, retirando do peito o fitilho do cós de uma braga de frei Diogo, atou os três objectos malignos, passando o seu poder malévolo para o cordilho,

orando, mal, do mal, para o mal, o mal fazes, o mal trazes, infecta de mal o bucho de frei Diogo, o Besogo, o Tartogo, o Refogo, o Cabrogo. Anélia levantou-se, abraçada pelas mulheres negras, estás trancada, disseram-lhe, o mal não entra em ti, o corpo está cerrado, o bem envolver-te-á, atrairás o bem, Lula verá o bem em ti e procurar-te-á, espíritos maus fugirão de ti, serás feliz, não se sabe se toda a vida, muito tempo sim. Anélia envolveu-se num pano-da-costa, sentou-se entre as mulheres, Anília trouxe uma embira estreita, amolecida, e sentou-se também, mãe Anália

mandou espevitar a fogueira com lenha comum, Anília levantou-se de novo, foi ao rés da praia apanhar toros velhos e um buxo de capim seco, jogou-os para o rescaldo de cinzas e a fogueira alteou-se, iluminando a cafua. Mãe Anália embrulhou o galo decapitado numa folha de bananeira e meteu-o no balaio em que trouxera o lagarto verde. A lua penetrava esplêndida pelo círculo roto de sapé, as chamas avultadas da fogueira, rechinando a humidade dos toros velhos, projectava as sombras escuras das mulheres sentadas no rendilhado de cana das paredes. Mãe Anália

desdobrou a embira, vergando-a e amolecendo-a com as mãos; da sua bolsinha de couro velho, retirou um pó claro, cheirou-o, esfregou com ele a totalidade do cipó, o sémen seco do bode cego, a derradeira esporra fecundante, forçada por mãe Anália para abençoar com abundância, fertilidade e amor uma de suas quatro filhas de Miguel Rabelo, calhou a Anélia, já calhara a Anília, mãe Anália esfregou as palmas das mãos para dentro da bolsinha, aproveitando restículos de pó para outras necessidades. As mulheres prepararam-se, cada uma segurava uma

parte da embira. Anélia foi a primeira a dar o nó, clamando sob instrução de mãe Anália, com este nó te amarro, Lula Aparecido, iniciando nossa união; Anília, como irmã protectora, futura mãe-de-santo, foi a segunda, com este nó sela-se o compromisso da união, Lula e Anélia amarram-se, perfazendo novo nó na embira; a terceira mulher deu outro laço e Anélia, Anília e ela proferiram ao mesmo tempo, Lula e Anélia estão amarrados, amarrados estão, não há força que os desamarre; a quarta mulher manobrou a embira num nó perfeito, juntando-se ao trio anterior, sussurrou, os corações de

Lula e Anélia estão tão amarrados quanto este nó, não há força que os desamarre; a quinta mulher cumpriu o ritual do nó desajeitadamente, necessitou de o apertar e fixar, e, juntando a sua à voz das outras mulheres, ciciou, os corações de Lula e Anélia já se sustentam mutuamente, no futuro não deixarão o ódio e o mal neles penetrar; a sexta mulher repetiu o nó, fazendo a sua voz concerto com as anteriores, Lula e Anélia estão amarrados à luz de Óxum e de Cristo, para sempre, amém; mãe Anália desenhou lentamente o último nó, cumpriu-o velozmente, puxando as

pontas com força, e, de voz isolada, passando as suas mãos por todos os nós, enrolando a embira no tronco de Anélia, proferiu a sentença definitiva: com estes nós amarramos Lula e Anélia que doravante serão uma única e só pessoa enquanto Cristo e Óxum o desejarem.

As mulheres levantaram-se, Anília polvilhou a fogueira com água do mar, apagando-a, mãe Anália alertou Anélia de que não podia retirar a embira do tronco até à próxima noite de sábado, quando Óxum a possuísse na dança sagrada do terreiro, se Óxum não à possuísse à sétima, décima quarta ou

vigésima primeira danças a amarração não surtiria efeito, Óxum talvez quisesse Anélia só para si, como filha de orixá. Lula conheceria então outra mulher e abandonaria Anélia. Mãe Anália vira no alguidar que Lula era o destino de Anélia, mas isso não significava que vivessem juntos para sempre, significava que Lula era o homem da vida de Anélia, mesmo que este amor durasse o tempo de uma vela.

Anélia não teve de se preocupar, à sétima dança foi gratificada pela posse de Óxum, saracoteou e tremeu o corpo em espasmos sucessivos numa alegria

infinda, sabendo que Vidal Rabelo era o seu senhor, Lula o seu homem e Óxum o seu deus, os três vértices do triângulo branco sobre a testa preta do bode cego.

O BAIRRO DE JESUS, NOVA MORADA DOS JUDEUS

No Recife, os terrenos lamacentos por trás da Alfândega e da Madre de Deus foram secados e aplanados para aí se levantar o novo Bairro de Jesus, uma longa correnteza de uma centena de escravos, compondo uma fileira que partia das dunas adjacentes à costa,

carregava às costas baldes e selhas de terra arenosa para aluir, drenar e entapar os terrenos alagados; da ilha de António Vaz, meia caravana de carroças, puxadas por parelhas de bois e mulas, acartava terra de cultivo para fertilizar o arenito da praia; tijolos amassados de barro e palha, secos ao sol, provindos do barreiro da Madre de Deus, ali ao lado, empilhavam-se ordenadamente no centro de cada quadra delimitada com quatro espigões de ferro nos vértices, assinalando o chão de uma futura casa, todas iguais. Para os sessenta judeus, calcularam-se vinte e cinco casas. Cada casa

formaria um espaço interior aberto, com lareira de cozinha ao fundo e fossa para os dejectos atrás. Mais tarde, cada família, à medida dos seus proventos, lançaria paredes, compondo divisões consoante as necessidades. Os dois batéis de Vidal Rabelo, mais dez dos seus escravos, iam e vinham num corredio marítimo, faiscando pedra dos arrecifes da costa, quebrando-a à força de martelo de maça, transportando-a para o cais, onde três carroças a carregavam para o terreno do novo bairro.

Simão Ribas, Joaquim de Almeida e Vidal Rabelo, acompanhados de Simão

Mendes, inspeccionavam o andamento do trabalho todos os fins de tarde, debatendo o cordeamento das novas ruas, os cruzamentos e o local do largo, delimitando as áreas de construção e as áreas de serventia pública. Discutia-se o levantamento de uma muralha de terra e pedra para isolar os mangues e precaver as investidas invernosas do Capibaribe. As madeiras para os assentamentos, para o entaipamento e gradaria das paredes e para o cruzamento das travessas do tecto e as vigas para os lambris tardavam a chegar, constituíam a grande preocupação de Simão

Mendes. Vidal Rabelo chamara Julinho, inquirindo do seu conhecimento sobre madeiras, Julinho respondera, um pouco, aprendera com mestre Cosme e Damião, arruador da casa de seu pai, Álvares Fernandes, na Praia Grande, em São Luiz, Vidal Rabelo ouviu o que esperava, que do mundo Lula e Julinho sabiam muito de nada e de tudo um pouco. Em conciliábulo com Sebastião Castro Caldas e Violante Dias, Vidal Rabelo solucionara o problema das madeiras, o governador forçava os negros presos na enxovia por furto e malandragem, os assassinos não, a serrar árvores e a

acartar troncos, e, caso não chegassem, alugaria, por conta da capitania, alguns negros ladinos dos trapiches do Recife e de Olinda, pescadores e jangadeiros ao deus-dará, Violante Dias, senhora de engenho e das abundantes matas de Camaragibe, abastecedora de madeiras para a vila, dava a matéria-prima. Se o encargo fosse demasiado pesado para Violante Dias, os três mercadores comprometiam-se a ressarci-la de parte dos prejuízos na conta-corrente do açúcar que mantinham com Camaragibe, vendendo-o para Lisboa. Violante Dias ofertou toda a madeira necessária para as vinte e cinco casas,

demandando que, em futuras orações, os judeus, nas suas rezas secretas, orassem por Branca Dias, deveriam referir explicitamente o nome de Branca Dias. Sem as vergas duras de sustentação e sem o madeirame que chupasse e secasse o remanescente do alagamento original das terras, as casas ruiriam em menos de dez anos, corroídas pelos alicerces, assegurava Simão Ribas, fora assim que vira os mascates, havia cinquenta anos, quando chegara ao Recife, construírem os seus sobrados sobre terras lamacentas. Vidal Rabelo encarregou Julinho, sob instrução de Violante

Dias, senhora que Julinho nunca vira, arrecadada todo o ano no seu engenho, de organizar o corte e o transporte dos troncos de madeira de Camaragibe, a três, quatro léguas a norte de Olinda, carreadas para o Recife em três barcaças pelo Capibaribe. Julinho atirou o seu alforge para trás das costas, embandeirou a clavina no outro ombro, catana no cinturão, punhal no cós e machado encaixado na sela, deu o seu Santo António de pau-oco a mãe Anália, mãe Anália guarda o meu Santo Antoninho com a tua própria vida, é a única recordação que tenho de meus pais, montou o cavalo que

Vidal Rabelo lhe emprestara, um ruço velho habituado às trilhas da mata, de porte sereno na presença de antas e cobras, e deu sinal de avançar para os oito guardas-reais que com ele seguiam, destinados a vigiar os trinta presos negros que iam cortar as árvores.

Recatado, não querendo abusar, Simão Mendes desistira de fortificar os mangais do Capibaribe com uma cortina de pedra, exigia excessiva pedra arrancada aos arrecifes, ficaria para mais tarde, quando a nova comunidade possuísse dinheiro de próprio. Sem a muralha, o rio podia

entrar facilmente pelos arruamentos e pelas casas. Paciência, teremos de nos habituar a viver assim, como o fazem os nossos irmãos de Veneza e de Amsterdão, e não morrem, nós também não morreremos, embora os pernilongos, aqui, no Brasil, biquem como os lobos europeus. Simão Mendes, bem-intencionado, decidira levantar um hospital público para que os moradores do Recife e de Olinda aproveitassem o saber de físicos e cirurgiões judeus. Mal se espalhou a nova, as ordens religiosas do Pernambuco, de confrarias agraciadas com o privilégio do tratamento das

doenças dos confrades, levantaram-se em peso, dominicanos e carmelitas calçados em primeiro lugar, Simão Mendes alegou que o hospital não era só para os membros do novo bairro, era para todos, recifenses e olindenses, que se podia ser confrade franciscano ou carmeliano, se estava doente seria tratado no hospital, seria um desperdício não usar o saber novo de dois físicos e cirurgiões, que assim apenas curariam quem pudesse pagar e os chamasse à cama, mas Sebastião Castro Caldas, não gostando do caminho que a ideia de Simão Mendes estava levando e recordando-se do

recente caso dos franciscanos relapsos, cortou cerce, não há hospital, um novo hospital seria afrontar o privilégio das ordens religiosas e quem afronta privilégios recebe em troca vinganças e desgraças, e, mestre Simão Mendes, vinganças e desgraças não queremos. Portanto, hospital não tem, dando o governador ao verbo «ter» o futuro significado nativo de «haver». Simão Mendes, bom entendedor, esqueceu-se da sua ideia, não sem lamentar que os pobres nazarenos preferissem a medicina velha de Galeno e Aristóteles, que os bondosos frades praticavam, à

apreendida recentemente em Londres e Bolonha, descobrindo-se que, afinal, o coração não era uma caldeira, mas um músculo. Fora Harvey quem o descobrira, e o nosso médico, aqui presente, fora seu aluno. Que desperdício!

D. Álvaro Manuel da Costa também visitou o novo Bairro de Jesus, disse-o assim várias vezes, o novo Bairro de Jesus. Fez-se acompanhar de frei Diogo das Chagas Purificadas e de Porão Escorço, o Dois Olhos. Àquele, apresentou-o como vigário da fé, todas as semanas aqui se deslocaria, ao fim da tarde, três vezes por semana, para

instruir os judeus no credo cristão, Porão Escorço como novo familiar do Santo Ofício, encarregado de vigiar a observância cristã da nova comunidade, d. Álvaro Manuel da Costa enfatizou, qualquer prenúncio de heresia será denunciado pelo senhor Porão Escorço, como é seu dever de cristão. O bispo chamou de lado Simão Ribas, Vidal Rabelo e Simão Mendes e admoestou-os severamente por, no arruamento previsto, se terem esquecido de mandar erigir dois símbolos vivos do cristianismo vivo, assim mesmo o disse, uma cruz altaneira, no centro do novo bairro, e

nichos a Nossa Senhora, Virgem Maria, nos dois cruzamentos. Vidal Rabelo tomou nota solícita e aprestou-se a chamar os dois mestres canteiros, instruindo-os, à frente do bispo e com a concordância de Simão Mendes, da necessidade de se levantar uma cruz em pedra, Simão Ribas interrompeu pressuroso, tinha no galpão um bloco de pedra-sabão da região de Minas, mais maleável, um dos mestres canteiros disse que conhecia esse tipo de pedra, a indicada, Vidal Rabelo continuou, tem de se abrir, em pedra bruta, dois nichos para as imagens da Virgem, os mestres canteiros avisaram

que eram canteiros, não santeiros, nada sabiam de santos, d. Álvaro da Costa interveio com o peso da sua autoridade em santaria, advertindo que as imagens viriam de um dos antigos conventos de Olinda, havia muitas, bastava fazer o nicho com a abertura do tamanho de um braço, Simão Mendes e os dois canteiros agradeceram a generosidade do senhor bispo em ter-se dignado visitar-nos e Simão Ribas lembrou como fora útil esta visita, nós todos somos homens de afazeres, nunca nos lembramos do espírito, ainda bem que o senhor bispo nos advertiu. Simão Mendes, a pedido de d. Manuel da

Costa, garantiu que nem um dos membros da comunidade faltaria a uma sessão de doutrina e frei Diogo, ostentando um sorriso cínico, de lábios espalmados e virgulentos, informou Simão Mendes que, logo que desse por aprendida a catequese, avisaria o bispo para se realizar o baptismo em pé. Por fim, d. Álvaro da Costa lembrou a Simão Mendes que todos os judeus possuidores de nome exclusivamente hebraico o deviam trocar por outro nome, exclusivamente cristão. Partidos o bispo e a comitiva, os dois canteiros protestaram, não tinham tempo para tudo, pela calada da

noite batiam pedra no molhe do forte do Matos, compondo o futuro pelourinho, grande parte do dia batiam pedra para o novo bairro, os escravos pretos batem mais nos dedos do que na pedra, agora dois nichos e uma cruz altaneira…, qualquer dia não dormimos. Vidal Rabelo pôs água na fervura, a cruz era fácil de maçar e os nichos eram dois buracos abobadados, os negros dariam conta do recado, preciso era dirigi-los, a gravação das armas do Recife no padrão do pelourinho e os três sulcos de pedra a sustentá-lo, imitando uma tripla onda avançando para a praia, não, isto era

de mestre canteiro, teriam mesmo de ser eles.

Encontro entre Julinho e Violante Dias

Quando, ao fim de dois dias de jornada, com pernoita em Apipucos, Julinho desmontou no terreiro da casa-grande de Camaragibe espantou-se de, como era hábito, não ver molequinhos pretos sujos, espojados, chupando caju ou sacando dos entredentes os fios esgarçados de mangas com as unhas rombas e churras, procurou com os olhos a senzala arremendada de

casebre, mas também a não viu. Ao longe, para trás da casa-grande, resguardado por uma longa sebe de loureiros de plantio recente, sobressaía um renque de casas de pedra e telha, de caiadura alva luminosa e chaminé larga de cozinha. Em torno das casas, desenhava-se um jardim de fetos e aloés, entrecortado por linhas esguias de bananeiras, palmeiras de coco e tamareiras secas, provindas de África, de difícil aclimatação ao solo pernambucano. Entre as casas, avultava, pela cor roxa das suas folhas, um jacarandá. Da escadaria de madeira, brilhante e

acetinada, como se envernizada na hora, levando ao bailéu que rodeava a totalidade da casa-grande, descia Violante Dias, vestido rodado azul de pano-de-holanda, sem rendas, longo cabelo preto retinto apanhado nas costas em duas cascatas sucessivas, presas por fístulas de madrepérola, socos de madeira de couro velho, cingidos por argola de latão no calcanhar. Limpando as mãos suadas, ajeitando a camisa branca transpirada, jogando a clavina para trás, Julinho dirigiu-se-lhe de passo apressado, atravessando o quadrado do terreiro. Ambos se aproximavam mutuamente,

avançando um para o outro, e assim que avançavam seus olhos se prendiam, como um laço invisível que para cada um o outro lançasse. Julinho tinha os olhos castanho-claros, deslavados, como a cor da casca do amendoim, e Violante os olhos azuis, da cor do mar de Viana do Castelo, donde proviera sua bisavó cento e cinquenta anos antes, e da cor do céu de Olinda, sua terra natural. O azul de Violante atraía o castanho esmaecido de Julinho, que naquela cor abria um sorriso, e o castanho de Julinho sugava o coração de Violante, que pulsava como se uma aparição ali se lhe

tivesse feito corpo. Julinho, destemido, como se o olhar de Violante lhe fosse indiferente, disse, servo de Vidal Rabelo, minha senhora; Violante respondeu, do que conheço, a família Rabelo não tem servos, tem escravos e trabalhadores, muito humilde deve ser o senhor para se apresentar como servo, Julinho desfez as dúvidas, fidalgo não sou, escravo também não, mas propriedade não tenho, por isso me apresentei como servo, já que vilão, segundo me ensinou meu pai, é hoje palavra desconsiderada no Brasil; basta o seu nome, replicou Violante, que o nome já é um homem; Júlio

Telles Fernandes, para a servir, nado na Bahia mas criado no Maranhão, e por ora no Pernambuco; por ora?, inquiriu Violante Dias; ora, minha senhora, o meu destino ainda o não sei; escolher o destino é realizá-lo, mesmo frustrando-o, comentou Violante, e silenciaram-se ambos, olhando-se. Julinho lançou o braço para o fundo, não tem senzala?, engenho sem senzala nunca vi, Violante respondeu, o engenho é logo ali após virar aquela curva, ouve-se daqui o chiar da moenda, agora está parada, para reparação e limpeza, a senzala é aquele corredio de casas; casas de

brancos pobres?, comentou Julinho, não, objectou Violante, casas de negros escravos que têm tanto direito à pedra e à cal como os brancos, ricos ou pobres. Violante apontou para os oito soldados reais e a caravana de escravos, vieram pela mata?, sim, cortar madeira para o novo Bairro dos Judeus, perdão, de Jesus; comigo pode falar à vontade, Júlio Telles Fernandes; oh, por quem é, trate-me como todos me tratam, por Julinho; dizia que comigo pode falar à vontade, o Deus dos judeus é o mesmo Deus dos cristãos, é uma questão de privilegiar o Antigo ou o Novo Testamento, os

meus bisavós foram os primeiros judeus do Pernambuco, por família sei o que é ser judeu e por condição sei o que é ser cristão, eu sou cristão, disse Julinho, aparentemente orgulhoso, aparentemente envergonhado, antes de se ser judeu ou cristão é-se homem e nasce-se num chão, e é deste chão, que comemos junto com o leite de nossa mãe e a autoridade de nosso pai, que nos vem o destino de homem; para um escravo preto, tanto lhe faz nascer cristão como judeu, será sempre escravo; Julinho embaraçava-se com as sentenças de Violante Dias, não encontrando resposta ou comentário

ajustado, Violante notou-lhe o embaraço e questionou-o, porque não ficou pelo Maranhão, Julinho?, porque já não tinha ninguém em São Luiz e meu pai, antes de morrer, disse-me para partir, o Maranhão não é terra que dê felicidade, disse ele, corroborado pela minha mãe, que acenava que sim com a cabeça, parte, Julinho, vai para Olinda, disseram eles, era a terra preferida de padre António Vieira, amigo de nossa família, Violante Dias ainda conhecera padre António Vieira, só de passagem, no cais, era menininha, o pai apontara com o dedo para a figura de Padre Vieira,

segredando-lhe ao ouvido, o homem brasílico a quem os judeus mais devem, os judeus e os escravos, e os índios, ou seja, todos os perseguidos; se todos os sacerdotes cristãos fossem como ele, acreditaríamos com simplicidade que Cristo fora o verdadeiro Messias; padre Vieira afagara a cabeça de Violante e abraçara o pai, era a única recordação de Violante Dias. Violante lembrou, mas é para o Maranhão que vão habitar os cento e quarenta judeus que não ficam no Recife!, Julinho sossegou-a, vão para a mata, plantar fumo e cortar cana, aí está tudo bem, é como estar

aqui, maior quentura, menor riqueza também, mas bom para viver, cada família na sua roça, meu pai era mercador, vivia na cidade, eles lá estarão bem, minha senhora, trate-me por Violante, Julinho, é assim que todos me tratam, como a si Julinho, Violante era o nome de minha mãe, disse Julinho, enternecido, Violante é nome de mulher, Julinho, muitas Violantes há, mas só uma foi minha mãe, vejo que gostou de sua mãe, disse Violante, e do nome também, acrescentou Julinho, com olhar sorridente e malandrote, confessando que a apreciação do nome se estendia

à apreciação da mulher, não da mãe, mas de Violante, esta entendeu, corando, desviou a conversa, na mata há duas ou três arrecadações, os escravos podem lá ficar com os guardas-reais, as minhas escravas tratarão da comida, o Julinho é meu convidado, e apontou para a entrada da casa, nas traseiras há um tanque de rega onde poderá lavar-se, deixarei na sua alcova uma muda de roupa de meus primos quando aqui pernoitam, esperá-lo-ei para a ceia ao anoitecer, e Violante chamou um escravo, que guiou Julinho.

Entre os inúmeros netos e bisnetos de

Branca Dias e Diogo Fernandes, Violante Dias herdara, por partilhas, a casa de Olinda dos bisavós, na Rua dos Palhais, construída com o dinheiro da venda do engenho de Camaragibe a Bento Dias de Santiago, também cristão-novo, sócio de Diogo Fernandes e senhor do engenho de Santiago. Após a morte de Branca Dias e a prisão de alguns dos seus filhos e netos, aquando da primeira visitação do Santo Ofício a Olinda, a casa fora cerrada e abandonada; os restantes netos, casados, dispersos por engenhos da Paraíba e do Pernambuco, receavam retornar à velha casa da Rua

dos Palhais, lendada por Olinda como lugar de judaição. Desabitada, vazia, roída por ratos, refúgio de cães e de pretos forros, palco de cabriolagens do candomblé, que o afastamento do centro de Olinda propiciava, a casa de Branca Dias foi vandalizada, rótulas, portadas, portas, a caleira da água, a cerca de madeira foram roubadas, arruinando-se, de telheiros alagados, acumulando água da chuva como uma cisterna, desabando parte do tecto. Com o ataque holandês a Olinda, a casa, junto com outras, foi incendiada, as traves do tecto desabadas, totalmente incineradas. As paredes, de

pedra e taipa, mantidas de pé, assemelhavam-se a espectros calcinados, recusando desmoronar-se. A casa perdera o seu valor, o próprio lugar em que se levantava, um cômoro isolado da cidade pela Sé e pelo Colégio dos Jesuítas, se fora então bom para a prática recatada de esnoga e para pensionato de filhas de sertanejos, retirava-lhe o valor. Violante, com o pouco dinheiro sobejante das partilhas e muito trabalho seu, erguera casa nova a partir das paredes ruídas e do chão calcinado, não era já a casa dos bisavós, apenas a primitiva divisão

das câmaras se mantivera, aproveitando o pé-direito das paredes. Violante reconstruíra a casa de Branca Dias, mas nela nunca vivera, a sua ideia, rapidamente concretizada, fora vendê-la e, com o dinheiro, prestar uma substancial entrada para a aquisição do engenho de Camaragibe, verdadeira pátria brasílica da sua família e, segundo palavra que passava entre as mulheres judias, local do sepultamento do corpo de seu bisavô, Diogo Fernandes, enterrado por Branca Dias e Bento Dias de Santiago, posteriormente disfarçado sob a raiz de uma cajueira, quando a Inquisição

chegara. O corpo de Branca Dias, enterrado no átrio da matriz, tivera pior sorte, os seus ossos tinham sido exumados e enviados para Lisboa, para serem queimados no Rossio em auto-de-fé. A maioria dos descendentes de Branca Dias, limpado o nome judeu por falsificação de genealogias e compra do hábito oficial da Ordem de Cristo, vedado a judeus, pretos, índios e hereges, casada com cristãs-velhas pernambucanas, regressara abastada e folgazona a Lisboa, para lançar palacete a Santa Catarina ou no novo Bairro Alto, gozando da riqueza desbravada por seu

avô ou bisavô no Brasil. O engenho de Camaragibe, na mão de feitores, reduzia-se à fabricação de umas réstias de açúcar, as suficientes para a manutenção, e ao aproveitamento das extensas matas para abastecimento de madeira para o Recife. Foi fácil a Violante vender a casa da Rua dos Palhais, vendeu-a ao mercador recifense António Matos Fernandes, de origem minhota, que de ali fez o primeiro asilo de órfãs e viúvas pobres de reinóis que, vindos do Minho português para o Pernambuco, arrastando a família na sua aventura colonial, nunca tinham chegado a

enriquecer, ao contrário de Matos Fernandes, um dos maiores portentos do Recife, comparado em fortuna com a de Joaquim de Almeida. Com o dinheiro da casa de Olinda, Violante Dias deu substancial entrada para a compra do engenho de Camaragibe, dedicando a sua vida a reconstruí-lo. Respeitada em Olinda e no Recife, mas isolada em Camaragibe, Violante recusara propostas de casamentos interesseiros e dedicou-se de alma e coração à ressurreição da obra dos patriarcas da família. Quando Julinho a conheceu, era uma mulher madura de trinta e muitos anos, que negociava de

homem para homem com os mercadores do Recife que lhe atravessavam o açúcar para o reino. A sua voz, a sua figura e o seu poder de senhora de engenho impunham a autoridade e o respeito que, se atraía os homens, também os repelia, habituados a conviverem com mulheres submissas e obedientes, dadas a caprichos e afrontamentos, como Leonor Barbalho. Apenas dois tipos de homens se aproximavam de Violante Dias, os brutos, cobiçando o seu corpo virgem e a riqueza de Camaragibe, e os ingénuos, atraídos pela lenda que a envolvia. Julinho não pertencia nem a

um nem a outro dos tipos. Fora a claridade azul guiana dos seus olhos, onde resplandeciam saudades do céu do Maranhão, que o atraíra, não o corpo virgem, de que só mais tarde se deu conta, mirando-lhe de soslaio o rodado da saia suspenso sobre amplos quadris, nem a riqueza em açúcares e madeiras, fora apenas nos olhos que se concentrara o amor de Julinho, confortado pela ventura da proprietária dos olhos da sua vida possuir o mesmo nome de sua mãe.

Julinho pedira a Violante que atrasasse a ceia, gostaria de percorrer as matas, mesmo que num relance, para

que amanhã, pela aurora, o desbaste se iniciasse. Violante gostou, provava-se que Julinho era um homem de trabalho, quis acompanhá-lo, pediu um cavalo e, sob um poente iridescente, banhando ao longe o mar do Pernambuco, cumulando de um laranja espiritual os cômoros de Olinda e de um vermelho escarlate e roxo as praias do Recife, Julinho e Violante Dias cavalgaram pela floresta de Camaragibe seleccionando as primeiras árvores velhas, porosas e húmidas, para a construção das três barcaças de transporte, e as três quadras de mata donde se extrairia madeira suficiente

para as casas dos judeus. O olhar azul de Violante prendia o olhar castanho de Julinho e este atraía o azul do olhar de Violante, não precisavam de falar, de apontar caminhos de trilhas e veredas, bastava-lhes o olhar, azul ou castanho, para um ao outro seguir, como se desde sempre os dois olhares tivessem sido feitos para se completarem.

De regresso à casa-grande, lavado Julinho, mudado de roupa, Violante apresentou-se trajada de cetim branco, com rendilhões azuis na garganta e nos punhos, o cabelo solto, corrido, escovado; Julinho, enternecido mas

envergonhado, receando estar face à aparição de um anjo, só teve palavras para dizer, Violante é o nome mais belo do mundo. Um corredio de mucamas de olhos suspeitosos, mirando Julinho de viés, suspeitando não ser este mais um homem branco, mas o branco, o que viera para ficar, dispôs a ceia em travessas brancas vidradas, de rebordo azul, Violante mandou sair as mucamas, serviu Julinho, este compreendeu que o gesto, se de cortesia, fora também uma declaração de amor, a idade, a condição e a educação religiosa de ambos travavam as palavras, Julinho

agradeceu, o maior privilégio da sua vida, ser servido pelas mãos de uma senhora, a última senhora a servi-lo também se chamava Violante, fora sua mãe, Violante congratulou-se por Julinho a assemelhar a sua mãe e rodou um anel no dedo, mostrando-o, também eu hoje relembro a minha bisavó Branca Dias, pus a única recordação que dela possuímos, este anel de prata com engaste de jade verde, não sabemos se o anel lhe pertenceu de próprio, mas a tradição corre, foi-me contada por todos os descendentes da família, aqui reunidos, no dia em que voltaram a sair caixotes de açúcar de

Camaragibe para o cais do Recife ostentando o antigo ferro de Diogo Fernandes e Branca Dias, um preito de homenagem de todos ao espírito da minha bisavó e uma espécie de amuleto da sorte para me guiar na condução de Camaragibe. Folgo muito que o tenha posto, disse Julinho, percebendo que apenas em ocasiões especiais Violante Dias o colocava. Antes de servir xinxim de galinha e fatias de carne assada de boi, confeccionados pelas mucamas para Julinho e para os guardas-reais, de músculos exaustos e necessidade de alimentos fortes, os escravos aboletar-

se-iam com uma rija feijoada de pés de borrego, Violante pediu a Julinho que o acompanhasse na sua habitual ceia, Julinho assentiu, Violante serviu-lhe leite fresco de cabra, pão de centeio cozido em cinzas e legumes aquecidos em sal. Por encantamento que só o amor explica, Julinho desprezou a galinha e as fatias de carne de boi, que tanto lhe tinham aguçado os sentidos, e, durante longas e lentas duas horas, à luz ténue e quente de sete velas, espalhadas pela sala com a disposição de um candelabro judaico, Julinho e Violante, confortando anos de solidão e desejo, contaram a sua vida um ao

outro.

Pela primeira vez na vida, Julinho conheceu o paraíso, e Violante, que vivia de amor por sua bisavó, reconheceu, também pela primeira vez, o que era amar, não a ideia de uma figura lendária, mas um homem de carne e osso. A figura do paraíso, para ambos, desenhava-se nas longas cavalgadas, de mãos dadas, pelas matas de Camaragibe sob o poente de Olinda, trotando e esporeando os cavalos, e, no regresso, as sombras invadindo os caminhos, na intimidade, propícia a confidências, do ateamento do fogo nos sete candeeiros e da

reconciliante ceia de leite de cabra fresca, ordenhada nesse fim de dia, fatias de pão de centeio cozido em cinza e legumes aquecidos em sal. Isto era, para ambos, o paraíso. Nunca se tocaram, nem a isso se prestavam, resguardando a sua ternura no enlaçamento das mãos e dos beijos suaves trocados nas faces e na testa. Violante confessara a Julinho que era cristã, mas guardava alguns costumes e orações judaicas, não por crença religiosa, mas por tradição familiar, e, não raro, já confundia o Deus cristão com o Yahvé judaico, decidindo, há longo tempo, nomear os dois por

Senhor, já que Deus, fosse qual fosse, seria sempre o Senhor do Mundo, dele seu criador e sustentador. Julinho, sabendo-se posto à prova, era o primeiro a levantar-se e o último a largar o trabalho, dando diariamente conta a Violante dos avanços da construção das barcaças e do desbaste da mataria. Vidal Rabelo viera por dois dias a Camaragibe, de nada se inteirara, recatando-se Julinho e Violante de lhe darem conta do seu idílio. Três meses depois, a madeira necessária empilhava-se nos terrenos do novo bairro, distribuída equitativamente pelo terreno de cada

casa, restando alguma acumulada no cais sobre as três barcaças. Violante Dias pediu a Vidal Rabelo e a Sebastião Castro Caldas que lhe dispensassem dez escravos presos e dois guardas-reais para, durante mais um mês, operar a reflorestação das árvores. Todos foram dispensados e, durante mais um mês, Julinho e Violante Dias prolongaram o seu paraíso.

O novo Bairro de Jesus ganhava forma, erguendo-se o cubo de pedra e argamassa de cada casa, preparado para receber os assentamentos e as travessas do tecto. Muitas das famílias

já habitavam a nova casa, acampando nela a céu aberto, dispondo ou construindo nela os instrumentos do seu ofício. Para dar o exemplo, pelas ruas do Recife e de Olinda, ajaezado na azémola de Lula, tilintando uma vareta de ferro numa chapa de folha-de-flandres, denunciando a sua passagem, Simão Mendes, lançando breves gritos esganiçados, chamava a atenção dos moradores para os novos misteres que passavam a ter, alfaiates, cirurgiões-barbeiros, ferreiros, pedreiros, canteiros, cunhaleiros, picheleiros, seleiros, dois médicos-cirurgiões, ourives, ele próprio,

correeiros, sapateiros, remendão e genuíno, marceneiros, talhadores, e outros mais, que Simão Mendes ia desfiando, aceitando encomendas. Ao fim do dia, agradecendo de mãos juntas, Simão Mendes devolvia a pileca a Lula à porta do sobrado de Vidal Rabelo, pedindo-a de novo para o próximo dia. Como Sebastião Castro Caldas previra, encomendas não faltavam, já que, para além da rapidez da entrega, entre dinheiro pago ao reino, produtos encarecidos pelo transporte, e dinheiro pago a moradores do Recife, mais baratos, os pernambucanos preferiam deixá-lo na

sua terra. Os opulentos mercadores do cais do Recife, como Vidal Rabelo e Joaquim de Almeida, tinham visto os seus negócios baixarem, nada porém que lhes custasse os olhos da cara, o seu negócio era o atravessamento do açúcar para Lisboa, donde provinha o grosso do caudal dos seus rendimentos. Simão Mendes, guiado por Lula, os dois ajaezados no cavalicoque, percorriam engenhos e roças do sertão, de tudo carecidos, e donde, face à baratalria dos preços feitos pelos judeus, comparados com os do reino, choveram encomendas. Enquanto Simão Mendes propunha e

despropunha, ajustando as ofertas às necessidades dos roceiros, Lula desaparecia, engolfando-se na senzala. Ainda o bairro não estava construído e já os judeus se alegravam de terem naufragado naquela costa, onde os seus préstimos se evidenciavam tão necessários. Fora um aviso de Adonai, que os não quisera na Patagónia, e, excluindo os afogados e o suplício da noite do naufrágio, os judeus que partiam para o Maranhão também não podiam ir para pior. Afectando conversas com Sebastião Castro Caldas e o interesse dissimulado deste, Porão Escorço convencera

secretamente Simão Mendes e os representantes dos judeus que partiam para o Maranhão da estreita amizade entre o governador do Pernambuco e o governador do Maranhão e do Grão-Pará, Freire de Andrade, a coisa resolvia-se, dizia Porão Escorço, lançando um olho para a esquerda e outro para a direita, aterrorizando Simão Mendes, desconhecendo qual dos dois fixar para não ofender Porão Escorço; com uma carta do Bastião para o Andrade, uma missiva particular, à parte, insistia assim mesmo Porão Escorço, para que este dispusesse aos recém-vindos judeus as

melhores terras e os melhores meios. Com esta fineza do Bastião, dizia Porão Escorço, evidenciando forte convivência com o governador, os judeus chegam ao Maranhão e é como se lá estivessem há longo tempo, as portas abrem-se-lhes, é como se fossem de lá. Não sei o que os espera porque nem eu nem o Bastião alguma vez fomos ao Maranhão, mas se é de novos colonos que o Andrade precisa, não lhe chegando os trezentos açorianos que vão a caminho, as melhores terras serão distribuídas a quem melhor se referenciar, e que melhores referências que as do

governador do Pernambuco, a quem, aliás, Freire de Andrade pediu empenho pessoal. Porém, tudo isto é segredo, a carta é particular, murmurou Porão Escorço, lançando os dois olhos para duas direcções diferentes. Há despesas, porém, referiu Porão Escorço, o senhor governador, Sebastião Castro Caldas, agora, para impressionar, deferia o título e o nome fidalgo, não empenha a sua assinatura por nada, há um gesto de confiança na futura comunidade judaica no Maranhão, não sabemos se não terão, lá como cá, de se cristianizar, isso não sabemos, promessas no ar não

fazemos, confiança na nova comunidade, isso, sim, e a confiança paga-se. Eu, por mim, mero intermediário, não quero mais de cinco ou dez reais, mas o senhor governador diz que não faz o favor de passar a missiva de recomendação senão por 100 reais. Grossa quantia, mas foi este mesmo montante que, entre jóias sobejantes, Porão Escorço recebeu de Simão Mendes, avisando este que se algo se viesse a saber o Bastião negava tudo e ele, Porão Escorço, o mesmo faria. Escrita por um copista amanuense, que recebera vinte reais, forjada a assinatura pelo próprio

Porão Escorço, os cento e quarenta judeus iriam partir do Recife animados pela voluntariosa esperança de que, com a carta na mão, seriam recebidos em São Luiz como Deus com os anjos. Aos franciscanos relapsos, Porão Escorço procurou-os veladamente, veladamente se apresentando como provindo de «alguém poderoso», que lamentava a mancha que cada um sujara a sua vida eclesiástica, nunca mais chegam a abade, disse Porão Escorço, nem a diácono, nem mesmo na lonjura do Maranhão, porque, mal a proposta de ascensão dê entrada no geral dos franciscanos do Brasil,

consultado o cartulário, é logo reprovada, indeferida, o sujeito da distinção fora frade relapso quando moço, será assim que constará na indeferição, defendendo ideias místicas e heréticas, seguindo um tal frei Maria do Amor Divino, frade secessionista, nativista, dado a falsos contactos com Nossa Senhora do Aviso e Nossa Senhora de Guadalupe, pronto, ninguém ascende, toda a vida frade servo, lavar latrinas de mijo e esfregar pias de peixe, disse Porão Escorço, bruto, os outros, os frades calados, mudos, obedientes, aprumadinhos, cumpridores e

humildes, estes, sim, ascenderão a abades, barriga abarrotada de cervo assado, garganta larga de canjirão, peitos baloiçantes de toucinho fumado, pernas atarracadas de tanto repousarem, bragas abertas de tantas sebastianas, as chicas tortuosas, as dengosas, em fila a agradarem ao senhor abade, os pobres estendendo a mão, implorando auxílio ao senhor abade, os mazombos convidando para o bufete de sábado, mais uma taça de leite-creme de jiripipi e um cálice de licor de jenipapo, senhor abade, e vós, limpando latrinas de mijo e pias de peixe, e de peixe podre, o abade há-de

deixar apodrecer o peixe só para vos obrigar a penitências narigais. É preciso apagar o registo, «alguém poderoso» apiedou-se de vós, do vosso futuro, do futuro que bloquearam por um entusiasmo de quando moço, clamava Porão Escorço, no esconso de uma vela, dialogando com um dos frades relapsos, «alguém poderoso» digna-se limpar-vos o presente para que o futuro vos seja promissor, é um favor, um favor e uma graça, e se a graça é graciosa, o favor paga-se, o «alguém poderoso» faz-vos este favor por 100 reais, é o preço do favor. Os pobres frades, iludidos no seu engano,

conhecedores da convivência servil de Porão Escorço com Sebastião Castro Caldas, d. Álvaro Manuel da Costa, Manelinho e frei Diogo das Chagas Purificadas, presumiram ser um entre estes o «alguém poderoso» que, em segredo, apagaria a mancha do cadastro eclesiástico dos frades, quando moços. Apelaram a famílias, os que as tinham em Olinda e no Recife, que muitos daqui eram nativos, outros a mazombos, pelo ideal nativista e autónomo deste tinham lutado, disfarçaram com a necessidade de dinheiro para reforço de comida e compra de sabão de porco para

lavagens íntimas, outros falaram em vagas sebastianas, tinham saudades do corpo das mulatas da Chica Tortuosa, a Dengosa, enfim, disfarces para atingirem a soma de cem reais, mas só conseguiram noventa. Porão Escorço arrepanhou os noventa reais, disse que mais dez, menos dez pouco importava, o «alguém poderoso» movia-se pela fé e não por argentário, tinha dito cem como pudera dizer noventa. Um mês depois de partirem para o Maranhão, na urca dos judeus, «alguém poderoso» começará a apagar as vossas manchas no registário franciscário, um ano depois todas desaparecidas, a vossa

mancha será raspada com uma faca abençoada no altar de cedro talhado de S. Bento, parabéns, podem começar já a pensar em vicarias e abadias, em vacarias não, que a Sebastiana não vai para o Maranhão, não.

Ninguém estranhou que Porão Escorço trocasse a mula preta por um cavalo branco com sela de couro e arreios reluzentes de metal, esporas de bronze e cinturão novo de fivela de prata moída. Ninguém estranhou, também, que Porão Escorço se tivesse tornado proprietário de duas casas em Olinda, numa das quais passou a viver e outra alugou a uma família de

colonos de Itamaracá, que, receando levantamento de índios, fizera retirar mulheres e crianças para Olinda. Sebastião Castro Caldas comentara com Barbosa de Lima que Porão Escorço era o perfeito português miúdo foçudo e façanhudo, sem lei nem princípios, que apenas conhecia duas regras, a da autoridade do poder, próprio ou alheio, e a da imponência do dinheiro, próprio ou alheio. Não eram os reis e vice-reis, fidalgos e governadores, capitães e bandeirantes, que faziam hoje o império, mas o missionário, evangelizando, moldando cristãmente a mente do negro ou do

índio, do cafre ou do chino, e o português miúdo, o ingénuo, desbravador, roceiro ou fazendeiro, explorando o comércio, a terra, o mar, contentando-se com pouco, amealhando para o dote da filha ou para a ampliação da fazenda para o filho, o qual, por sua vez, já possui como ambição enviar o futuro filho para Coimbra, a estudar leis, tornar-se bacharel e competir com o fidalgo, ou o malandreco, o maroto, como Porão Escorço, rufia, acanalhado, parasitando tudo e todos, negociando à má-fé, furtando e escondendo, aforrando dinheiro alheio, falsificando

documentos e registos, de Goa ao Rio de Janeiro. Heróis, Barbosa de Lima, confessa o governador, foram os pais fundadores do império, sacrificando fortunas e vidas em nome de Portugal e do Evangelho, hoje todos nós somos ou mascates como Joaquim de Almeida, homem sério, negociante rude que não dá ponto sem nó, acumulando para enviar a filha casadoira para Lisboa a caçar um fidalgote arruinado, conquistando assim a nobiliarquia, morrendo amortalhado na suprema honra do hábito de cavaleiro da Ordem de Cristo, ou como Porão Escorço, cabra-do-mato, matuto, jagunço e

pistoleiro, às ordens de quem mais manda ou mais paga. Os governadores como eu, Barbosa de Lima, perorava Castro Caldas, já não fazem o império, o império está feito, limitamo-nos a mantê-lo, não permitindo que a corrupção e a barbárie nos envergonhem face a outras nações e religiões, claro, tendo sempre o cuidado de remeter o quinto real para a garganta de sua majestade, em Lisboa, poço fundo onde toda a riqueza do império entra para se perder. Porão Escorço fez aí três ou quatro negociatas escuras e começou a enriquecer, se calhar ameaçou viúvas

com o pendão de familiar da Inquisição por feitiçarias e falsos sabbaths, e elas passaram-lhes metade das economias para não irem parar à Bahia; enquanto não entrar queixa na ouvidoria, Porão Escorço é um colono como outro, nós também não perguntamos como Simão Ribas e Miguel Rabelo enriqueceram, a vender réstias de alhos e cebolas, como narra a lenda mascateira, não foi de certeza, negociaram com terrenos, especularam, compraram por baixo para vender por alto, infiltraram-se no negócio dos escravos, e tiveram sorte, outros fizeram o mesmo e acabaram

mal; a Porão Escorço falta-lhe a visão de Simão Ribas e Joaquim de Almeida, comentou Barbosa de Lima, comprou casas em Olinda, entraram os registos na provedoria, o Arouche avisou-me, achando estranho, devia ter comprado no Recife ou na ilha de António Vaz, mais caras mas mais sólidas, em pedra e investimento.

Lula Aparecido

Lula Aparecido já não anda nas obras de reparação do convento, acompanha Simão Mendes pelo sertão, orientando-o nas trilhas dos matos e nos cursos de

água, exibindo-o a roceiros e senhores de engenho, Anélia recuperou Lula que, inquieto e sonhador, não pára no sobrado, aproveita as jornadas com Simão Mendes, desaparece enquanto este promove o elencário dos novos misteres do Recife e das mercancias, enfia-se nas senzalas, de peito nu, cabeludo, descalço, arengando com os escravos, meus irmãos, assim o diz, ilustrando-os que o tempo da escravaria há-de acabar, fala-se nisso noutras terras, na Europa, por cima da vossa África, cada vez há mais quilombolas fugindo para os palmares, informa, o rei preto Zumbi não morreu,

está vivo, ninguém sabe onde está, mas vivo está, Zumbi não tem sobrinhos nem enteados, todos os negros são seus filhos, Lula fala em justiça, diz que é branco mas tem pena de não ser preto, se tivesse nascido preto não queria ser branco, como os pretos o querem, queria ser preto e escravo para lutar por seus irmãos pretos e escravos, o tempo chega, diz ele, na Bahia fala-se em liberdade, os pretos separam-se dos brancos, constroem as suas igrejas, as de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, em homenagem a padre Vieira, que identificou o sofrimento dos pretos no Brasil com a paixão e sofrimento de

Nossa Senhora nas cinco penas do rosário, é forçoso que os pretos de Olinda e do Recife se unam e construam a sua igreja, arengava Lula, unirem-se todos e nomearem três ou quatro anciãos para exigirem ao governador chão e pedra para a igreja e aos brancos dias livres para a construção. Escutando Lula, os escravos ficavam estupefactos, boquiabertos, sem resposta, nunca tinham imaginado possuírem uma igreja só para si, muito menos serem livres, embora o desejassem com toda a força. Lula desconhecia porque, em vez de os desprezar ou simplesmente

com eles conviver, como se convive com bois ou macacos, propagandeava a libertação dos pretos, nada na sua vida de filho de roceiro pobre – um reinol que nunca enriquecera a vender réstias de alhos e cebolas pelo sertão, e, cansado e empobrecido, instalara-se com a mulher no fundo do engenho maior de João Cavalcanti, plantando e cortando cana para este –, o inclinava para libertador de escravos a não ser, em menininho, ter brincado com eles, bebido do mesmo leite aguado das vós velhas, montado com eles as mesmas mulas dos patrões e ter sido desvirginado na senzala por pretas

desejosas de pele branca, ter comido as mesmas talhadas de abóbora cozida, chupado a mesma cana e caçado, com armadilha de buraco, a mesma anta porcalhenta. Quando o pai morreu de bicho-mau, que lhe ia furando o bucho, sugando a força, João Cavalcanti quisera Lula na casa-grande como trabalhador e futuro mestre-de-açúcar, os filhos acharam-no excessivamente íntegro para feitor, preocupado com a brancura cristalina do açúcar, benevolente para com os escravos, pouco amigo do uso do chicote, e, invejosos das pretas com que Lula se saciava, enrodilharam-lhe a vida.

Quando o capitão João Cavalcanti se retirou de vez para Olinda, tornando-se o patriarca dos mazombos, em casa de quem Leonor vive, os filhos Cavalcanti trataram de expulsar Lula, alegando que, com ele, o açúcar, de tão esbranquiçado, dava perda de dinheiro, habituados que estavam os atravessadores a açúcar amarelado, de pó grosso. Lula viu-se na mata, balaio às costas, a pouca de roupa que possuía e um pano de toucinho fumado para a jornada, guinou a caminho de Olinda, batendo à porta de João Cavalcanti. Este, não querendo desautorizar os filhos, arranjou-lhe

trabalho como faz-tudo do convento de São Francisco, onde Julinho o foi encontrar, antes de os dois, face às altercações levantadas por frei Maria do Amor Divino, terem rumado para o Recife, para casa de Vidal Rabelo. A infância de Lula, chamuscada de pretos, idêntica à de Porão Escorço, poderia ter vingado em Lula um desprezo pela raça inferior da escravaria, como vingou em Porão Escorço, mas não, levou-o a apiedar-se de todos os fracos e humildes, que deles seria o reino da salvação, como aprendera entre os frades franciscanos do sertão, o combate pelos pretos

tornara-se-lhe inato, sem quê nem porquê, apenas uma causa final o animava, a justiça entre os homens, o desejo de que alguma coisa passassem a ter os que nada tinham. Atirados para as naves laterais do pórtico, amontoados pelo chão, sem direito a bancos, sem solenidade nem respeito, dispostos como numa cavalariça ou estábulo, os pretos assistiam à missa nos pórticos das igrejas, papagueando um amém ou um pai-nosso mal assimilados. A luta agora, espalhava Lula pela senzala, é pela construção da vossa igreja, a vossa, a de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

Nos intervalos da campanha mercantil de Simão Mendes, que começava a rarear, tal a quantidade de encomendas que os artífices judeus já tinham trabalho para os próximos seis meses, provando o acerto da visão de Sebastião Castro Caldas, Lula aninhava-se no colo de Anélia, descascando feijão preto, sob o olhar benévolo de mãe Anália e o empurrão de Anília, Anólia e Anúlia, que sempre catavam mais feijão na horta para Anélia descascar; Lula e Anélia viviam um com o outro como amados entre si, chamegando de carícias o corpo um do outro, beijando-se

ternamente. Ao contrário de Julinho e Violante, que se amavam sem se tocarem, aguardando a noite nupcial, efeito da severa educação cristã e judaica de Violante e da orientação cristã de Julinho, Lula e Anélia catavam mutuamente o corpo, buscando, durante o dia, recantos escondidos para o prazer, não se desobrigando de usar o fundo da capoeira, donde proviera o galo branco que abençoara a sua vida. Muitas noites, Lula, despedindo-se de Anélia com uma cascata de chamegos, deixando-a derriçada, de vapores ardentes no entrepernas, partia de

lamparina na mão para o molhe abandonado e ruído do forte do Matos, onde dois canteiros judeus esculpiam a talhe de maça o futuro pelourinho do Recife, Lula vigiava e pormenorizava o padrão das armas que, em breve, começaria a ser gravado, exigindo mais luz do que as duas ou três candeias iluminantes, era o problema de Lula, como trazer luz abundante para o molhe sem fazer notado o trabalho. Em breve, a maça daria lugar ao cinzel e, no rendilhado, ao buril, a gravação seria delicada, o recorte do padrão quase filigranado, e os mestres canteiros não se responsabilizavam

pelo resultado final se continuassem a trabalhar no escuro. Lula encontrou a solução, descendo a pedra esculpida do molhe para o adro da praça do forte, espevitando três ou quatro fogueiras, resguardadas pelos paredões. Feita a experiência, constatou que a luz das labaredas, ventadas pelos remoinhos da brisa marítima, ascendiam as muralhas do forte, arriscando-se a serem vistas de longe, do Recife e de Olinda, como um estranho foco de luz. Receoso, aconselhou-se com Vidal Rabelo, que, não vendo outra solução – o governador continuava a recusar que o

trabalho se fizesse durante o dia, mantendo o segredo –, mandou Lula avançar. Do balcão de sua nova casa, em Olinda, Porão Escorço, o chacal de dois olhos de onça parideira, achou estranho um ténue foco de luz vibrando nocturnamente no forte do Matos, outros o viram e não ligaram, como Manelinho, que à noite tragava talhadas de mamão na varanda do palacete do bispo enquanto este confessava Sebastiana, era assim que o bispo anunciava a sua retirada a Manelinho, vou confessar a Sebastiana, a diaba tem mais pecado que eu sei lá o quê. Entre inúmeros

focos de luz que pululavam à noite pela costa do Recife, Manelinho, sugando a casca alaranjada do mamão maduro, nada notava de estranho. Bastião e Barbosa de Lima não, estes aprestavam-se a fixar aquele pólo especial de luz que, há mais de dois meses, brilhava por relampejos dentro do forte do Matos, Bastião sorria e comentava para Barbosa de Lima, o plano avança, o futuro vai-se fazendo, o rio caminha para o mar, o princípio é o caminho do fim, este acto marcará a minha governadoria. Uma madrugada, Porão Escorço embiocou o cavalo para o Recife, mas não se dirigiu às

ruas de sobrados, aos trapiches do cais ou ao novo Bairro de Jesus, a que se obrigava a vigiar importunadamente, ostentando a sua aterradora presença, para mais tarde retirar proveito. Não, dirigiu-se às ruínas do inacabado forte do Matos, onde, no terreiro da praça, ladeado por umas fogueiras ainda esfumaçadas, um velho, sujo e roto pano de burel escondia a figura do novo pelourinho, em adiantado estado de realização. Porão Escorço nem desceu do cavalo, levantou o pano com a ponta da catana e sorriu, restava-lhe saber como retirar proventos da sua casual descoberta, se em poder e

prestígio, divulgando um segredo que mudaria a história do Pernambuco, se em numerário, sacando este para revelar aquele, desconhecia a autoria da obra, os artifíces só poderiam ser os mestres-canteiros judeus, mas estes eram os manipuladores, os instrumentos, fosse de quem fosse só poderia ser dos mascates, saberia o senhor bispo desta novidade?, teria o Recife a conivência secreta da igreja?, seria ordem exclusiva de Sebastião Castro Caldas, preparando a elevação do Recife a vila?, os mascateiros teriam avançado sozinhos? Porão Escorço sabia exactamente quem

pagaria bom dinheiro como troca deste segredo, os Cavalcanti, os Bezerra, os Barbalho, os Tavares da Olanda, os Vieira de Mello, os Figueiredo Dias, numa palavra, os mazombos. Regressou a Olinda, circunvagando pelo novo Bairro de Jesus, inspeccionando, como familiar da Inquisição, a lavrura da cruz altaneira, os nichos à Virgem Santíssima e a construção do galpão onde frei Diogo haveria de dar lições de catequese aos judeus. Porão Escorço decidiu procurar Bernardo Vieira de Mello. Simão Mendes, vendo Porão Escorço passar, acorre, saudando-o, indagando

sobre as lições que frei Diogo ficou de nos dar, o galpãozinho já está levantado, frei Diogo encontra-se achacado da barriga, disse Porão Escorço, esperemos que melhore.

Bernardo Vieira de Mello, senhor do Agreste

A frei Diogo custava-lhe a melhorar, ao contrário, piorava dia a dia, primeiro atacado de uns fluxos doidos que ora lhe distendiam, ora lhe comprimiam a pele da barriga, engelhando-a, depois uns corrimentos líquidos ininterruptos e malcheirosos,

tão fétidos que Lula e os escravos fugiam para o claustro, respirando ansiosamente a brisa que volava do mar. Sempre que frei Diogo comia, o conduto entrava-lhe por cima e saía-lhe por baixo em forma de caca líquida, pastosa e melosa, carregada de olhas esverdeáceas, frei Diogo mastigara umas papas cozidas de arroz e milho, o frade boticário dos capuchinhos receitara-lhe uns unguentos de cenoura açucarada com abóbora cozida, o frade herbanário dos beneditinos umas punções de cidreira e três clisteres diários de água de cacimba, lava o bucho, dizia ele, são

animálculos estragados, vermes fedorentos, filho de belzebu, o cara-de-cu, alimentam-se de pus e bolor, é o corpo a regenerescer, mas melhoras do corpo de frei Diogo não havia e este, retorcido de dores ventrais, teve de ser transportado numa padiola, por Lula e pelos escravos, para o hospitalário do convento de Nossa Senhora do Carmo, onde lhe aplicaram emplastros de água macerada em pitanga. Frei Diogo desfalecia e sumia-se, de tronco enfezadinho e mirrado, resignando-se a orar, suplicando clemência a Santa Hortênsia, Mãe da Benevolência, por não ver cura para o seu mal.

Manelinho mandara interromper as obras do convento e Lula e os escravos regressaram a casa de Vidal Rabelo. Quando Lula, picando a anca da mula – que parecia gostar dos craveiros do claustro do convento e não queria trocá-los por sacas de palha surrada – regressou de vez ao sobrado de Vidal Rabelo, mãe Anália sorriu abundantemente, afagando a cabeça de Lula, dizendo, Óxum agracia-te, valeste o preço do bode e do galo, o coiso-feito fora despachado, era de esperar.

Dando costas a Simão Mendes sem se despedir, Porão Escorço já decidira, o

segredo da feitura do pelourinho iria direitinho para Bernardo Vieira de Mello, que pagaria bem, dinheiro não lhe faltava, só na sesmaria de Ararobá cabiam Olinda e o Recife e ainda sobrava terra, a safra deste ano estava no fim e, em breve, os caixotes de açúcar encheriam os trapiches do cais do Recife. Porão Escorço embiocou o cavalo para Olinda, atravessando o Beberibe num vau pedregoso, atulhado de vigas podres e cascalho dinamitado de pedra, a trilha das carroças quando o rio o permitia, cruzando-se com José Inácio de Arouche e Valençuela Ortiz, que, aparentemente furiosos, se

destinavam ao Palácio das Torres, no Recife, sede do governo da capitania, substituto do antigo palacete, com o mesmo fim, em Olinda. Arouche e Valençuela receavam Porão Escorço, não por influência deste, que a sabiam nula, mas por lhe desconhecerem o jogo, tão servil para o governador, mascateiro de quatro costados, quanto capacho de d. Álvaro Manuel da Costa e Manelinho, parciais dos mazombos. Saudaram-se circunspectamente, Arouche e Valençuela observaram os arreios do cavalo de Porão Escorço, reluzentes e faiscantes, mistura na forja de diversos metais, superior aos

arreios dos seus cavalos, de ferro macerado, a enferrujar-se, vai longe, este Escorço, disse o juiz-de-fora, tão longe quantas cabeças rolarem à sua passagem, comentou o ouvidor-mor, é homem para esmagar os seus inimigos sem pensar duas vezes, na provedoria já entrou o registo de propriedade de duas casas suas, agora o cavalo, vai longe, vai. Porão Escorço procurou Bernardo Vieira de Mello em sua casa, as escravas apontaram-lhe para a casa de João Cavalcanti, Porão Escorço procurou-o aqui, André Figueiredo Dias informou-o de que o sargento-mor dos Palmares se encontrava no Senado

da Câmara, do que se trata?, queria saber André Dias, mas Porão Escorço, mirando-o de alto a baixo, decidiu não se comprometer, questões de açúcar. Porão Escorço viu agitar-se uma rótula e um vulto sombrear-se atrás da treliça, reconheceu o vulto esguio de frei Maria do Amor Divino, ah, o patife escondera-se em casa de João Cavalcanti, o bispo gostará de saber. Porão Escorço encaminhou-se para a Câmara, pediu para ser recebido com urgência por Vieira de Mello. Este, com vara na Câmara, recebeu-o, alegando pressa, Porão Escorço arrefeceu-o, as novas que tenho exigem

demora, ou falamos com tempo ou não vale a pena, procuro outro mazombo que me receba com demora, Bernardo Vieira de Mello, homem intempestivo, bruto de seu natural, todo corpo e poder, como um animal estendendo o seu território, não permitia que um lacaio lhe falasse assim, apeteceu-lhe esmurrar Porão Escorço, lançá-lo pela janela ou pregar-lhe tantas botadas quanto a vontade lho permitisse, mas, contendo-se, limitou-se a injuriar Porão Escorço: cascavel do Bastião!, quando o disse, desabafando, iluminou-se-lhe a mente, se um sabujo do governador me procura, fazendo-se

caro, só pode ser traição, ouçamo-lo, fala, cascavel, disse rispidamente, e sentou-se, deixando Porão Escorço de pé.

Sem o acordo nem o desacordo de Sebastião Castro Caldas, que, como civil, não possuía influência nas nomeações de ordem estritamente militar, senão a do capitão-mor, Bernardo Vieira de Mello fora nomeado pelo Conselho Ultramarino, em Lisboa, com privilégio de assinatura real, sargento-mor do terço dos Palmares, a tropa de ataque do Pernambuco, que, com o terço negro dos Henriques e o terço índio e

mameluco do Camarão, formavam a unidade guerreira da capitania, para a defesa ou o ataque. O poder de Vieira de Mello, senhor de múltiplos engenhos da família, vereador do Senado da Câmara de Olinda, comandante do terço branco dos Palmares, não tinha limite, melhor, a lei era o seu único limite, mandada cumprir em Olinda e no Recife por seu amigo Arouche, ouvidor-mor, executada por Valençuela Ortiz, juiz-de-fora, pelo que o único verdadeiro limite do poder de Bernardo Vieira de Mello bloqueava-se nas exigências administrativas de Sebastião Castro

Caldas. Ambos eram fidalgos, o governador e o sesmeiro, mas Sebastião provinha das famílias apalaçadas de Lisboa, professava um cristianismo espiritual, livrado de práticas ascéticas, desconfiado de excessos, e, na corte, a sua casa não escondia a parcialidade afrancesada que vislumbrava em Paris a cabeça da civilização, resignando-se, enfim, a colaborar com Roma, cabeça da igreja; Bernardo Vieira de Mello provinha da aristocracia do sertão, de ascendência pé-rapada, nobilitada pelo desbravamento da selva, extermínio dos índios e ocupação violenta de

chãos, estendendo assim o nome de Portugal ao fundo dos fundos da mata imensa. Da lenda que Bernardo Vieira de Mello ostentava, constava a mortandade de mais de duzentos negros palmares na campanha de extermínio dos negros quilombolas, reentrando em Olinda com quatrocentos escravos acorrentados, que vendera em rateio. Fora a sua família, e Bernardo antes de mais, que desbravara as terras e abrira as trilhas do centro e sul do Agreste, aniquilando as tribos pacíficas dos Quesques e dos Xucurus, em Ararobá, que ocupou com seu irmão António. A ser verdade o

que se contava, asseverado por uns e desmentido por outros, Bernardo Vieira de Mello seria o único mazombo a deslocar-se livremente entre Olinda e os engenhos da mata sem escolta militar nem cabras-do-mato, armado de seu espadão, de uma catana afiada presa no arção da sela e de um arcabuz pendurado pela bandeira, a-dar-a-dar, solto do ombro.

O passado hercúleo de Bernardo Vieira de Mello assomou a Porão Escorço e este retraiu-se, ajuizando interiormente, uma última vez, se deveria passar a informação a Manelinho e ao bispo, mais maleáveis,

dados a acordos; Bernardo Vieira de Mello cortava tudo a eito, ficaria com a informação, prometer-lhe-ia mundos e fundos e mandaria um pugilo de jagunços matá-lo à noite, Porão Escorço decidiu jogar o jogo de Bernardo Vieira de Mello, mostrando-se rijo e velhaco, a informação que guardo não é uma qualquer, tem de ter retorno, arrisquei muito, escutei a muitas portas, grudei o meu ouvido a outras, paguei para confirmar, está confirmado e testemunhado, eu próprio me certifiquei com os meus dois olhos; que espero enxerguem bem, atirou Bernardo Vieira de Mello, caçoando o

defeito de Porão Escorço, achincalhando-o; viram e vêem muito bem o que lhes interessa ver, e foi o que os meus olhos viram e os meus ouvidos escutaram que lhe quero transmitir, disse Porão Escorço, retirando o tratamento de vossa senhoria, a que estava obrigado face à fidalguia de Bernardo Vieira de Mello, fora a sua vingança; bem podes passar aos actos que já te enalteceste com muito palavreado, não sou homem de palavras, avança, diz, Porão Escorço retrucou, e o retorno?, que retorno?, exclamou Vieira e Mello, abrindo as mãos, não sei o que queres dizer,

venho dizer algo que pode mudar a vida de Olinda, toda a Olinda, pareces o Bastião a falar, aligeirou Bernardo Vieira de Mello, nada feito, ou sei do que se trata ou não me comprometo a dar-te nada. Porão Escorço percebeu, biltre por biltre o mais fraco era ele, e declarou, arrastando as palavras, tenho provas de que o Recife vai ser elevado a vila em breve, tornando-se independente de Olinda. Bernardo Vieira de Mello ergueu-se e soltou duas sonoras e falsas gargalhadas, abriu as portadas das janelas até ao fim, abriu a porta sala da vereação, depôs as mãos no punho da espada,

aninhando-a suspeitosamente para que Porão Escorço não pudesse saber se a desembainharia ou não, Porão Escorço assustou-se, agitou-se, deixou o braço direito escorregar para o cinturão, lugar do encaixe do punhal, Bernardo Vieira de Mello notou o movimento suspeito, pensou lançar a mesa contra Porão Escorço, prendendo-lhe os movimentos da mão, dando-lhe tempo para sacar da espada, aproximou-se da mesa, medindo a distância desta ao lugar de Porão Escorço. Este disse – foi o que o salvou – vi e toquei no pelourinho, hoje de manhã, posso prová-lo, Vieira de Mello estacou,

mãos vincadas no bordo da mesa, olhando fixamente para Porão Escorço, hesitava, pensava velozmente, desferiu um murro sobre a mesa e exclamou, algo não bate certo e se tu, esteirão do Bastião, me estás a enganar, pagarás com o pescoço, como-te as papas na cabeça, tão certo como estarmos aqui, se pensas em fugir procurar-te-ei, ou alguém por mim, até te esfacelar essa cabeça em duas, fazendo jus à tua alcunha, o Dois Olhos. Porque se riu?, inquiriu Porão Escorço, porque pensei que o Bastião te tivesse mandado saber a minha reacção à separação do Recife, faria parte de um plano dele,

avançar com uma nova vereação do Recife para Olinda e ao mesmo tempo experimentar as nossas reacções à independência, uma nova vereação?, espantou-se Porão Escorço, sim, isso mesmo, o Senado acabou de receber a nomeação oficial de Simão Ribas e Joaquim de Almeida como vereadores por parte do Recife, o Joaquim serviu em casa de meu pai, criado de copa, foi o meu pai que lhe fiou o primeiro dinheiro, agora senta-se a meu lado na mesa do Senado; se há nova vereação, não há independência do Recife, alvoroçou-se Porão Escorço; por isso me ri, vinhas tu, filho dum cabrão,

experimentar-me em nome do Bastião, mas se viste o pelourinho, isso é outra coisa, a vereação é uma distracção, um golpe de mão, enquanto, desmobilizados, discutimos os nomes e os poderes, o senhor governador, espertote, avança com a independência, facto consumado, o édito régio diz faz, eu fiz. Porão Escorço não percebia o jogo do governador, limitou-se a repetir, vi-o hoje de manhã; onde?, demandou Bernardo Vieira de Mello; tem de haver retorno, defendeu-se Porão Escorço, Viera de Mello não gostou da insistência, ameaçou-o, o retorno pode

ser saíres daqui vivo, Porão Escorço não retirou a mão do cinturão, deu dois passos entre a janela e a porta, olhou para esta, calculando a distância, arriscou, assim nada feito, não sou homem de regatear, mas quem dá recebe, e quem recebe obriga-se a dar, sempre mo disseram, vossa senhoria – enfatizou o tratamento fidalgo, humilhando-se –, insiste em receber sem dar, terei de buscar alguém que receba e dê. Bernardo Vieira de Mello sentou-se, convidou Porão Escorço a sentar-se, desapertou o cinturão, libertou o espigão, rodou a presilha da espada, tirou-a, depondo-a sobre a

mesa, vamos falar como amigos.

A IMPOSSÍVEL CONCILIAÇÃO ENTRE O RECIFE E OLINDA

Os doutores José Inácio de Arouche e Luís Valençuela Ortiz, dando costas a Porão Escorço, ratando-lhe a vida, encaminharam os cavalos para o Palácio das Torres, onde os esperava Sebastião Castro Caldas e Barbosa de Lima. Tinham sido convocados para debaterem o futuro de Olinda e do Recife. Da cabeça da capitania, faltariam o mestre-de-campo, capitão dos terços guerreiros, Filipe de Moura

Acciolli, e o bispo, d. Álvaro da Costa. Manelinho informara Barbosa de Lima de que o bispo não estaria presente, demasiado profanos os temas, não se queria comprometer, embora desde a chegada do reino se portasse tu-com-ele com os mazombos, excepto no caso da secessão de frei Maria do Amor Divino, que ameaçara a unidade da igreja. As duas propostas de Sebastião Castro Caldas, a nomeação de uma nova vereação do Recife na Câmara de Olinda, para que chefes políticos mazombos e mascateiros convivessem, preparando a separação das duas cidades, e,

posteriormente, a elevação do Recife a vila, exigida por édito real, iriam merecer, certamente, a contestação dos dois juristas de Olinda. O dia iria ser duro e o debate áspero, talvez não fosse mesmo possível um acordo, como o acabavam de realizar Bernardo Vieira de Mello e Porão Escorço, despedindo-se no pórtico da Câmara de Olinda em mútuos sorrisos claros e combinatas escuras.

Sebastião Castro Caldas, intranquilo, enchera os pulmões de ar do vento agreste da costa do Recife, acompanhara-se do secretário fiel, Barbosa de Lima, e preparara-se para

o embate contra Arouche e Valençuela, que se enxergavam mutuamente de cada lado da mesa, o encontro inicial fora rápido, repleto de cortesias hipócritas, como quatro amigos que se reencontrassem. Sentados, Sebastião Castro Caldas à cabeceira da mesa, Barbosa de Lima à sua frente, de tinteiro de tinta, tinteiro de areia, estilete e folhas preparadas, Sebastião apresentou as suas duas propostas, guardando-se de confessar que o pelourinho se encontrava em fase de construção, a erecção seria discutida de um modo intemporal, sem data para a sua realização, Arouche, calmo,

lento, sacudindo um invisível pó da jaqueta amarela, mirando os borzeguins novos sob a mesa, deformados pelos ferros do estribo, tinha de mandar abaular aqueles estribos, puxou de um manuscrito da pasta de tela, deu uma espreitadela ao seu conteúdo e apresentou quatro argumentos contra a criação do Recife. Valençuela adiu, não vale a pena falarmos da nova vereação se antes não falarmos da erecção do Recife a vila, é um pressuposto, concluiu o juiz-de-fora. Sebastião Castro Caldas olhou para Barbosa de Lima, ambos se entenderam secretamente, o encontro

mal começara e já podia terminar, os dois judiciários de Olinda não admitiam discutir a elevação do Recife a vila, agora ou mais tarde. Arouche ia expondo, se o Recife se torna vila serão os mascates a administrar os negócios municipais de acordo com os seus interesses, manipulando os contratos e os impostos, exportando para outras regiões do Brasil as mercadorias mais lucrativas, fossem os produtos do reino, como o azeite, o vinho e a farinha de trigo, fossem os do Pernambuco, como a farinha de mandioca, quem paga mais, mais recebe, comprometendo-se o

abastecimento destes géneros ao Pernambuco; como mascateiros, e sem freio na Câmara, aumentariam os preços dos géneros, servindo-se dos almotacéis, também eles mascates; só a subordinação do Recife à Câmara de Olinda permitiria combater futuros açambarcamentos de farinha de mandioca, base da comida das populações, com a consequente especulação de preços; finalmente, a independência do Recife significava o fim de Olinda, sem mercadores, sem artífices, só com vida eclesiástica e alguns senhores do açúcar que por lá estanciavam entre as safras. Não

independência, mas cooperação, colaboração, complementarição, subsidiarização, era o que Arouche propunha. Sebastião Castro Caldas, pacífico, conhecedor destas razões desde a tomada de posse, propaladas pelos mazombos entre a população da mata, virou o feitiço contra o feiticeiro, alegando ser o contrário também verdadeiro, se os mazombos controlavam Olinda e se o Recife pertencia a Olinda, então os mazombos controlavam as leis e as taxas que o Senado de Olinda publicava todos os anos, prejudicando os mascates e a livre negociação comercial; o controle

de Olinda é total e se não prejudicam mais não é que não queiram – permita-me vossa senhoria a franqueza –, é que não podem, devedores que estão dos financiamentos dos mascates para a compra de escravos e replantação da cana, da selecção de sementes e de abastecimento de gado, por conta da futura receita do açúcar, este é o centro da questão, caro Arouche, os mazombos são os devedores, os credores os mascates, e não entendo porque todos hão-de viver debaixo do mesmo tecto de Olinda. Arouche e Valençuela amocharam, Arouche permanecia indignado com os vincos

que os ferros dos estribos faziam nos borzeguins novos, um escândalo, deveria ter comprado uns de couro velho, batido, duro, e Valençuela, bloqueado, sem resposta para Sebastião Castro Caldas, olhava para Arouche em desespero de socorro. O silêncio interpôs-se, o sol penetrava pela arcada das janelas, Sebastião Castro Caldas batia as botas ferradas no soalho, o som martelado ecoava pela câmara. Barbosa de Lima interrompeu amavelmente, expondo a ideia habitual de um secretário para superar os impasses, porque não criar uma junta para estudar o assunto e

propor soluções?, em vez da nomeação de uma nova vereação, a nomeação de uma junta, Sebastião Castro Caldas agradeceu, delicadamente, mas tinha pressa, em pouco mais de um ano estaria de regresso ao reino, não queria deixar esta questão para o novo governador, seria uma traição, fosse a quem fosse, obrigá-lo a decidir mal se instalasse, sem conhecimento dos interesses das partes e, além disso, Barbosa, disse Sebastião Castro Caldas, há o édito real, que não admite grandes demoras; virando-se para Arouche e Valençuela, Sebastião Castro Caldas foi sincero, tenho um

édito real às costas para cumprir, e governador que não cumpre um édito real é destituído e não mais nomeado para outro cargo, levado a tribunal e, não raro, posto em prisão por desobediência a sua majestade. Valençuela, juiz, lembrou que há uma contra-ordenação em Lisboa, no Conselho Ultramarino, o processo corre, Sebastião Castro Caldas relembrou que havia igualmente uma contra-contra-ordenação dos mascates a correr na mesma sede. Sebastião, estacando o martelamento da bota, levantou-se, eu sou governador, ajo e executo, não me compete discorrer

sobre o alcance jurídico e a qualidade de justiça presente nas ordenações de el-rei d. João v; se el-rei disse faça-se, se eu sou o instrumento desse faça-se, só posso fazer. Acuados, entendendo a posição do governador, mas conscientes do exagero das consequências que ajuntara, Valençuela replicou, vossa senhoria certamente já ouviu falar das circunstâncias, quando as circunstâncias são adversas el-rei perdoa; se perdoar, Valençuela, pelas mesmas circunstâncias o marquês de Arredado foi perdoado e o de Lançado condenado, Sebastião continuou,

inclinando-se para a mesa, fazendo sinal a Barbosa de Lima para nada escrever, olhando fixamente ora um, ora outro dos dois interlocutores, devo recordar aos senhores ouvidor-mor e juiz-de-fora que se encontram em território sob a minha jurisdição e que, se eu não ordenar a separação do Recife e for castigado, não o serei sozinho, ver-me-ei forçado a inventariar os nomes dos que a isso me aconselharam, pelo que vossas senhorias, homens avisados, mesmo discordando da medida real, a ela deviam sentir-se obrigados, seja como súbditos, seja como funcionários

régios, seja ainda como meus servidores. Arouche e Valençuela baixaram a cabeça, não havia outra solução, custava-lhes, era como se lhes tirassem o brio de servidores do rei, desde a sua chegada ao Pernambuco que as mercês e as cortesias recebidas dos mazombos os tinham inclinado para o desprezo aos mascates, gente malcriada, atreita a negócios e a dinheiro, ostentando uma riqueza que não tinha par com os modos. Arouche embrulhou e desembrulhou as mãos, deu uma rápida vista de olhos aos vincos dos borzeguins, os sulcos marcados, não havia nada a fazer, nem

aos borzeguins nem ao Recife, propôs que se o Recife se separasse de Olinda, mas não arrastasse os povoados limítrofes, Sebastião Castro Caldas observou que a proposta de Arouche isolava o Recife, ficam aqui dois ou três ilhéus cercados por Olinda, nem terras têm para se expandir, até para alargar o porto terão de pedir consentimento a Olinda, há má vontade sua, senhor Arouche; há justiça, senhor governador, ao pai o que é do pai, ao filho o que é do filho, Sebastião respondeu ser neste caso o pai tão tirânico que não permite o crescimento do filho. Sebastião Castro

Caldas pediu a Barbosa de Lima que lesse a proposta do governo, reiterando para Valençuela, voltando ostensivamente as costas a Arouche, que a proposta não estava em discussão porque não se pode discutir quem tão sectariamente faz jogo viciado: Recife, Cabo, Moribeca e Ipojuca. Valençuela lembrou a Sebastião que nestas três povoações viviam inúmeros senhores de engenho e Arouche, agastado, falando para as costas do governador, enfatizou que estes homens nobres, a quem Olinda tudo deve, até não ser holandesa, que com vidas e fazendas pagaram a

restauração do Pernambuco, a que os portugueses do reino, os pais destes actuais mascateiros, voltaram as costas, tratando de seus contratos e mercancias e arrecadando o dinheiro na «burra», enterrando-a na horta, serão os mesmos que ficarão agora sob a alçada dos mascates que, em maior número, com maior representação na nova Câmara, guardarão os lugares para os seus apaniguados, e, mais e pior, arrematarão para si os contratos de cobrança dos dízimos e o privilégio das mercadorias do e para o reino. Sebastião não ouviu, fingiu que não ouviu, falava para Valençuela como se

Arouche não existisse, dizia, vou nomear Joaquim de Almeida e Simão Ribas para a nova vereação do Recife no Senado de Olinda, são dois elementos concertantes, dialogantes, Arouche interrompeu, o Almeida foi criado de copa do pai dos Vieira de Mello, vai sentá-lo ao lado do Bernardo?, este não lançará o Almeida pela janela?, Sebastião fingia não ouvir Arouche, explicando a Valençuela o acerto da medida, falando de uma compensação monetária que o Recife pagaria a Olinda, Valençuela, revoltando-se contra a humilhação que Sebastião

Castro Caldas infligia a Arouche, forçando-o a tornar-se cúmplice, alçou-se com fortaleza, agitou os braços maninhos, espetou o dedo e desdobrou a sua raiva acumulada contra o que clamava serem as prepotências do governador, relembrando quando Sebastião rateou os lugares da provedoria pelos seus oficiais de sala, mandando prender o tesoureiro por este se recusar a entregar o cofre e os livros dos débitos e créditos, Sebastião lembrou que isso fora há um ano, ano e meio, é caso resolvido, o senhor odeia-me desde então, nunca se esqueceu do lugarzinho

que não lhe concedi, bem andou aqui a rapar-me o pé, nada conseguiu, Valençuela arrependera-se da sua súbita explosão, esparramara-se na cadeira, olhando para Barbosa de Lima, este fez-lhe sinal negativo, nada registara na acta, Arouche, embalado pelo propósito do amigo, ameaçou o governador, ou melhor, o Recife, não se esqueça vossa senhoria de que também sou contador-mor, se houver separação tenho dever de contar os tombos de Olinda no Recife, perdidos desde os tempos dos holandeses, os terrenos que os mascates vão ocupando, levantando casas, abrindo

galpões, ferrando plantações nos Afogados, em Santo António, agora o Bairro dos Judeus, perdão, de Jesus, os terrenos do Bairro de São José nunca foram ressarcidos, conta-se com a conivência das autoridades, o apagamento dos antigos registos, o terreno do novo Bairro dos Judeus, que vossa senhoria dispôs a seu belprazer, pertence a Olinda por jurisdição desde o primeiro governador, Duarte Coelho, se o Recife se tornar independente terá de pagar, cada ocupador terá de pagar, e bem pago. Sebastião Castro Caldas levantou os braços ao céu, interdito, contas que remontavam há um século,

século e meio, não havia governador que tivesse podido resolver aquele imbróglio senão esquecendo tudo e registando de novo, dando direito de ocupação a quem tinha ocupado, os governadores anteriores tinham agido como se tudo estivesse registado segundo as leis, os tabelionários anteriores à ocupação holandesa nunca tinham aparecido, o Recife fora ocupado por levas de reinóis provindos do Minho português, faziam um barraco, depois um casinhoto, mais tarde uma casa, hoje um sobrado, ampliavam-no para a frente e para trás, lançavam horta e pomar, jardim de

cheiros, plantavam uma pequena mata, se Olinda decidisse exigir o preço de cada terreno e se, por vingança, cobrasse juros, seria a guerra, directa, o Recife em armas, mas a lei estaria do lado de Olinda e el-rei, aconselhado, mandaria o Recife pagar, levando os mascates à falência ou à guerra. Barbosa de Lima, secretário, experiente, olhou para Sebastião Castro Caldas, fez-lhe sinal com a mão aberta, como se dissesse, são só ameaças, isto dá em nada, e exclamou para o ar, a ninguém se dirigindo, os mazombos fizeram o mesmo em Olinda, ocuparam como seus os

terrenos e as casas das famílias defuntas na guerra contra os flamengos, invadiram os baldios da Câmara para armarem jardins ou levantarem cavalariças e cocheiras, as ordens religiosas, até os jesuítas e a Sé do senhor bispo, estenderam as suas hortas e pomares para abastecimento próprio; no Pernambuco, após a fuga dos holandeses, não vejo quem o não tenha feito, de Itamaracá a Ipojuca, Santo Amaro então foi um vê-se-te-avias, chegou aí um barco com não menos de cinco dezenas de reinóis, instalaram-se lá como coelhos em toca – alguém lhes disse que aquele

recôncavo de costa era de Olinda?, Sebastião sentiu-se salvo, arejou a voz, cruzou as mãos atrás das costas como se passeasse, sim, sim, faça isso, Arouche, comece já amanhã, aproveite o livor da madrugada e comece logo, que eu mandá-lo-ei ser justo e exigirei a aplicação do mesmo tombo a Olinda e a todas as povoações da mata, novos registos até à chegada do próximo governador, o tombo do Pernambuco ficará perfeito, e começou a rir-se, ria-se espalhafatosamente, forçando as gargalhadas. Bateram à porta, a cabeça de um oficial de sala emergiu, o senhor bispo chegara, perfilaram-se os quatro,

d. Álvaro Manuel da Costa, precedido de Manelinho, entrou na câmara, dando o anel a beijar. O bispo mirou todos, um por um, e interrogou-se – paz entre Olinda e o Recife?, ninguém respondeu, Manelinho desfez o silêncio, sua eminência vinha tratar do novo provedor da Misericórdia de Olinda, cargo em breve vacante, Sebastião admirou-se, preferia tratar da nomeação em privado, Manelinho adiantou, sua eminência, sabendo que o dr. José Inácio de Arouche estava presente e que em breve terá de abandonar a ouvidoria, por fim de mandato, pensou na sua pessoa para

ocupar o novo cargo, Sebastião Castro Caldas cerrou os lábios, furioso, espalmando-os, a amabilidade da recepção desaparecera, emudeceu como um animal ferido, perfilou-se instintivamente, como se se preparasse para atacar, e rematou, ríspido mas educadamente, a vossa eminência não lhe agradou o mandato do actual provedor, dr. Luís de Mendonça?, tinha pensado propô-lo para novo mandato, D. Álvaro Manuel da Costa, contrariado, afastou-se, manifestando o seu desagrado pelo silêncio, Manelinho ripostou cerimoniosamente, as queixas dos irmãos de Olinda não

cessaram este último ano, o episcopado foi chamado a intervir mais de uma vez; refere-se vossa eminência aos pedidos de empréstimo dos mazombos?, não entendo porque o fazem, a Misericórdia não é uma casa prestamista, socorre irmãos em caso de necessidade, não por hábito e para financiar safras de açúcar, D. Álvaro tossicou, afagou os vértices dos lábios com o mindinho e o polegar, Barbosa de Lima convidou o senhor bispo a sentar-se, cedendo-lhe a sua cabeceira, d. Álvaro Manuel da Costa fez tenção de se retirar, reiterando obliquamente para Sebastião Castro Caldas, insisto

na nomeação do dr. Inácio de Arouche, parece-me ser o homem certo no lugar certo, Luís de Mendonça é rebelde aos olindenses, não lhes conhece as necessidades, mas, mais grave, provém de uma família conversa, Manelinho concretizou, vossa senhoria compreenderá, o senhor governador já nos forçou a aceitar sessenta judeus no Recife, cujos filhos e netos, em breve, assumirão cargos e potestades, enfim, vamos catequizá-los, baptizá-los, mas quem nasce torto tarde ou nunca se endireita, agora um descendente de cristãos-novos na mais importante instituição laica de Olinda, o senhor

bispo não pode consentir, Sebastião não replicou, percebeu a posição do bispo face a uma futura devassa da Inquisição, semelhante à sua face à aplicação do édito real, o bispo era um homem encurralado, pensou Sebastião, o problema é que no Pernambuco estamos todos encurralados, homens acossados por leis que não fizemos e situações que não criámos, Arouche e Valençuela, juristas pobres do reino, fascinados pelos ouropéis nababos dos mazombos, ele acossado pela aplicação da ordem do rei, os olindenses presos pelas glórias passadas do nativismo, os recifenses

pela ambição de liberdade e ostentação de poder e dinheiro, o bispo retirava-se, Arouche e Valençuela precediam-no, aquele lambujando para Manelinho a sua gratidão, este, invejoso do privilégio atribuído ao ouvidor, encasmurrava, saindo de cabeça baixa, Barbosa de Lima abria a porta, clamava por um oficial de sala que guiasse o senhor bispo à liteira, Sebastião Castro Caldas olhava para a nuca agitada de Barbosa de Lima e invejava a posição deste, possivelmente seria o único funcionário pernambucano justo, unindo e não separando, registando o

essencial e o detalhe, amortecendo conflitos, solucionando outros, desambicionado, progredindo lentamente na hierarquia régia sem nunca se pôr em bicos de pés. Se pudesse, Sebastião regressaria a Lisboa na próxima frota do reino, esquecido daquela azarada disputa entre o Recife e Olinda, já governara o Rio de Janeiro, tudo normal, como sempre deveria ser, tivera o privilégio de enviar as primeiras pepitas de ouro do território de Minas a d. João v, anunciando o esplendor futuro da corte mais luxuosa da Europa, o rei nunca se esquecia de o referir, fora o Caldas,

fora o Caldas, dizia sua majestade sempre que o quinto anual do ouro chegava à Ribeira das Naus, enchendo o palácio de riqueza; três anos depois, d. João v convocara-o em audição e ordenara-lhe que partisse para o Pernambuco, há lá uma rivalidade disparatada entre duas povoações, vai desembocar em guerra, anunciaram-me, guerra de portugueses contra portugueses, é minha vontade que vás lá dar por findo o conflito, saná-lo, usa todos os poderes de governador para o sanar, em ti, Caldas, posso confiar, Sebastião Castro Caldas saíra da audiência irritado, ambicionava uma

nomeação para Paris, saíra-lhe o Pernambuco, ele, aparisado, homem de maneiras, desterrado na quentura brasílica, caído entre os bárbaros do sertão e os bárbaros do dinheiro, os dois portugais, o velho e o novo, o do passado do império e o do futuro do império.

A sós com Barbosa de Lima, Sebastião Castro Caldas disse, convoca com urgência o Senado da Câmara de Olinda, vamos apresentar aos senadores os dois novos vereadores, ah, e convoca, também com urgência, a mesa do cabido da Misericórdia, vou propor a

continuação do mandato de Luís de Mendonça. Barbosa de Lima pegara no estilete e abrira o tampo metálico do tinteiro, imobilizou-se, com o estilete no ar e a outra mão entreaberta no tampo do tinteiro, vossa senhoria perdoe-me o atrevimento, mas o que diz para eu fazer não pode ter outro significado que a guerra contra Olinda, e em duas frentes, contra a igreja e contra os mazombos, não vou fazer a guerra, Barbosa, respondeu Sebastião Castro Caldas, vou forçar as coisas, na situação em que estão não podem continuar, ou os mazombos se encolhem e o bispo recua ou não há

Recife independente e eu regresso à corte desautorizado, com o labéu de inábil, incapaz de fazer cumprir ordens reais. Isso não – ainda não desisti de Paris.

A REUNIÃO DO SENADO DA CÂMARA DE OLINDA

A dissensão entre o governador, o bispo, José Inácio de Arouche e Luís Valençuela Ortiz ganhara as ruas de Olinda e do Recife como uma divisão cerrada entre mascates e mazombos. Recifenses, forçados a cuidarem de seus casos na vara, na provedoria, na

ouvidoria, na Misericórdia ou na Câmara de Olinda, faziam-no com receio, buscando as horas da madrugada para se porem a caminho, de ruas desertas, regressavam apegados uns aos outros, aos magotes; olindenses, obrigados a irem ao cais do Recife, não o faziam sem precauções, preferindo o transporte de barco ao caminho pedestre, que atravessava as ruas do povoado. Sem se saber porquê, senhores de engenho, em maior número que o habitual, aproveitando o tempo do fim da safra, acorriam a Olinda, escoltados por cabras-do-mato, as ruas enchiam-se de

frades, mazombos ou bárbaros da floresta, de pé descalço e camisu surrado, falando um português apretalhado. No Recife, os mascates armaram os seus escravos, dispondo-os em torno dos sobrados, Simão Ribas e Joaquim de Almeida aparelharam dois arcazes com dinheiro e roupa e instalaram-nos num batel escondido em terrenos de mangal, preparados para zarpar para o mar, a ganhar embarcação. Um procurador mascateiro, homem azedo, invectivador público dos privilégios dos mazombos, nomeado há anos sem sucesso representante do Recife no

Senado de Olinda, o dr. Domingos Pereira da Gama, apareceu surrado por uns mascarilhas, o corpo bordoado, um braço e uma perna partidos, a cabeça rachada por três vezes. Valençuela recebeu oficialmente a queixa, abriu oficialmente a devassa, nomeou oficialmente meirinho e oficialmente arquivou a queixa, os indícios apontavam para vingança do jovem Leonardo Bezerra Cavalcanti, mas Valençuela alegou carência e nulidade de provas. Boatos dispersos, provindos de frades de Olinda, recriminavam Sebastião Castro Caldas por não se confessar nem comungar, no

Recife declarava que o fizera em Olinda e em Olinda no Recife, um herege, boatavam, indigno de nome cristão, logo de Sebastião, mártir heróico. Atormentada por seus filhos pernambucanos, a imagem de Nossa Senhora do Ó, provinda de Grijó, jazente na igreja de São João, suara abundantemente, as beatas acudiam com raminhos de algodão para a limpar e não conseguiam, a mãe santíssima, prevendo guerra entre os seus filhos, excruciava-se e supliciava-se, rogando a Deus, Nosso Senhor, que poupasse seus filhos, intercedendo por estes. Numa noite, na

semana entre a reunião do Palácio das Torres e a reunião do Senado da Câmara de Olinda, um eclipse da Lua lançou o terror entre olindenses e recifenses, a Lua surgira quebrada em duas partes iguais, evidenciando a futura separação. No cais, indiferentes, os capitães dos navios embarcavam o açúcar, que abarrotava os porões e parte dos conveses, os mascates recebiam o dinheirinho e providenciavam novas comandas e novas vendas, os mazombos, de mãos atadas, donos do açúcar mas dele desfalcados por dívidas, recebiam uma réstia de dinheiro que, de novo, não

lhes permitiria recompor os engenhos e a cana. Recolhidos em Olinda, os mazombos remoíam ódios e vinganças, ansiando cortar aquele nó que lhes asfixiava a nobreza e a vida desde a expulsão dos holandeses, cinquenta anos antes.

Quando Sebastião Castro Caldas, acompanhado de Simão Ribas e Joaquim de Almeida, escoltados por uma guarnição de dragões a cavalo e por soldados de espada e bacamarte, entraram no palacete do Senado, em Olinda, para a cerimónia da posse dos novos vereadores, não era já possível a conciliação. Sem cumprimentos ou

cortesia, Sebastião entrou directamente para a sala e sentou-se à cabeceira; Barbosa de Lima, à sua esquerda, expôs a ordenação do governador, apresentando os dois novos vereadores, mandando-os sentar. Nesse instante, os restantes vereadores do Senado levantaram-se, todos de Olinda, elevaram a vara dos ofícios e o pendão da Câmara e recuaram para um dos lados da vasta sala. Desafiando o governador e os dois velhos mascates, perfilava-se a tradicional nobreza do Pernambuco, ostentando os antigos chapéus largueirões plumados com que tinham defrontado e

expulsado os holandeses, João Cavalcanti, patriarca, velho rijo, pele e osso, erecto, tez riscada pelo sol do sertão, Domingos Bezerra Cavalcanti e os seus filhos, Manuel e Cosme Bezerra, Cristóvão e José Tavares de Olanda, André Figueiredo Dias, José Barbalho, os Vieira de Mello, António, Diogo e Bernardo, filhos e pai. José Inácio de Arouche e Valençuela Ortiz entravam na sala e, desprezando a necessária autorização do governador, reuniram-se aos mazombos. Como uma cobra, penetrando sorrateiramente, perseguindo a sombra de Arouche, Porão Escorço, de cabeça baixa, olhos

dúplices, postou-se atrás de Bernardo Vieira de Mello, Sebastião tartamudeou para Barbosa de Lima, apontando com os olhos para Porão Escorço, canalha, víbora, doninha fedorenta, escolheste o lugar da morte trocando-me pelos Vieira de Mello. A presença dos dois juristas e do antigo capacho do governador constituía um desafio a Sebastião Castro Caldas.

A voz idosa de João Cavalcanti fez-se ouvir, senhor governador, convocou-nos vossa senhoria para nos apresentar quem há muito conhecemos e cujos desígnios ferem de morte a pátria de nossos pais e avós, aviltada

hoje pela governação intemerata de sucessivos representantes de el-rei, que mais promovem o seu interesse do que o bem dos povos de Olinda. Como uma mãe, Olinda a todos acolhe, o Recife é filho amado de Olinda, mas ai daqueles que, perversos e ambiciosos, ferem o seu coração de mãe; a estes, como Cristo, filho dilecto, expulsou os vendilhões do templo, rebentos podres, deve este Senado expulsar para outras terras, libertando-nos a nós, preciosos amantes desta vila, para lhe promovermos, em paz, a prosperidade que merece. Vossa senhoria enganou-nos, a nós todos, ao Senado desta

Câmara e ao povo de Olinda, faz menção de nos apresentar novos vereadores, como se o Recife continuasse integrado em Olinda, e, em segredo, pela calada da noite, como os ladrões e os bandoleiros, vai promovendo a futura desgraça de todos nós. Sebastião sentira-se fortemente ofendido pelas últimas palavras de João Cavalcanti, pelas palavras de acusação poderia mandar os seus oficiais prender o velho mazombo, fora profundamente humilhado, igualado a um ladrão e um bandoleiro, mas não iria retorquir, não valia a pena, a conjuntura extremara-se contra

a sua vontade, uma palavra sua de indignação provocaria altercação na sala, os mazombos esperavam uma desafronta sua para lhe declararem guerra e escreverem a el-rei a exigir a sua deposição, não lhes daria esse contento, Sebastião Castro Caldas mirava aquele friso de velhos e novos fidalgos pernambucanos, de chapéus emplumados e botas de carneira descarnada, de canhão alto caído em refegos sobre os calcanhares, recordava os velhos fidalgos do tempo de d. João iv, vencedores dos castelhanos, de palacetes e solares esventrados pelo inimigo,

descapitalizados de rendas, as searas calcinadas, os pomares rebentados a pólvora, as cocheiras transformadas em pocilgas, os estábulos em vacarias, evidenciando no entanto o pundonor esperançoso de fidalgos do rei, acreditando num futuro que já era passado, Portugal ganhara a independência de Castela para cair nas mãos dos militares e mercadores ingleses, tratado como uma possessão africana. O mesmo sucedera no Pernambuco, os mazombos arrancaram a ferro e fogo a libertação da sua terra, para, arruinados, caírem nas mãos dos mascates, proprietários de dinheiro e

do à-vontade de quem não possui brio e pundonor de honra para negociar a arroba do açúcar e o preço da cabeça do negro, aumentando ou descendo o valor consoante o rateio. Sebastião sabia que não valia a pena perguntar e responder, inquirir, debater, tudo estava dito sem que ninguém ousasse dizer a palavra que, subterraneamente, começava a tomar conta dos corações como uma inevitabilidade – guerra; guerra até que recifenses ou olindenses vencessem, ou se matassem mutuamente, nenhum vencendo, empapando de sangue e terror o chão do Pernambuco. Após longo silêncio,

que a todos exasperava, Sebastião Castro Caldas disse, viemos em paz, conciliar fora a nossa intenção, fomos ofendidos e quem me ofende, ofende um representante de sua majestade, e, indigitando João Cavalcanti, ou vossa senhoria me roga desculpas, que desde já asseguro aceitar, ou retirar-me-ei. Sebastião esperava escusadamente, sabia que o velho nobre Cavalcanti preferiria morrer a apresentar desculpas, a honra de um velho cavaleiro exige reparação ou morte, nunca desculpas burguesas. João Cavalcanti virou ostensivamente as costas a Sebastião, como um nobre a

um vilão, assim o ofendendo de novo. Bernardo Vieira de Mello substituiu Cavalcanti e, de voz afogueada, exclamou para o governador, vossa senhoria, como um hipócrita, apresenta-nos o almotacé Simão Ribas e o criado de copa Joaquim de Almeida como representantes do Recife neste Senado, mas, cavilosamente, pela calada da noite, como um ladrão ou um bandoleiro, como o nobre Cavalcanti disse, trabalha para a separação do Recife. Sebastião mexeu-se, olhou para Barbosa de Lima, apontou para a porta, queria sair, Bernardo garantia

possuir provas que, pela calada da noite, o pelourinho vinha sendo construído, Sebastião fez novo sinal a Barbosa de Lima, e, furando entre os seus oficiais de sala, dirigiu-se para a porta. A conciliação esgotara-se, o édito real seria executado, os mazombos que se encolhessem ou guerreassem. Quando Sebastião transpôs o limiar da porta, fez-se ouvir uma voz curvada, idosa, saltitante, composta de breves avanços, seguida de breves recuos, suficientemente aflautinada para ser ciciante, fora a voz de Joaquim de Almeida, acompanhada de gestos

descompassados, bruscos, arranques de braços que se elevavam para logo se baixarem, rosto arrebitado, como se alcançasse chegar aonde não podia, olhando para cima, para o tecto engessado de lavores, parecendo espreitar as palavras num céu invisível, avançava-as depois num brusco arranque, logo recuado, silenciando-se a intervalos. Joaquim de Almeida, enfurecido, os dedos tremidos, ficara para trás, deixara o governador, Barbosa de Lima e Simão Ribas avançarem, amontoando-se à porta da Câmara, para, sozinho, firmado em pés pequenos, longas repas

brancas lançadas para trás, desafiar os mazombos. Disse, vim aqui convidado por sua senhoria o governador em gesto de conciliação, vim negociar, como toda a vida o fiz, falar, propor e contrapropor, dar e receber, eu e Simão Ribas trazíamos uma verba volumosa para, em cinco anos, ressarcirmos Olinda de algum prejuízo pela separação do Recife, calando o prejuízo que Olinda tanto insistentemente tem infligido ao Recife; a vida custou-me, do nada que fui cheguei ao tudo que nunca esperei ser, mas prebendas e favores nunca os pedi, aos dez anos aportei ao velho

ancoradouro de madeira do Recife, já não existente, quem me trouxe, um parente meu, morreu na viagem, foi jogado ao mar, comido pelos tubarões, mas não chorei, o capitão do navio entregou-me aos Vieira de Mello, a quem devo e agradeço o esmero com que me trataram, fizeram de mim um criado branco, não me mandaram para a senzala nem para a roça, mandaram-me para a copa, para os servir, de vinhos e iguarias, fui privilegiado, Simão Ribas, da minha idade, arrastava os pés pelo sertão vendendo réstias de alhos e cebolas, em cada partida e regresso do Recife juntava

uma nova mercadoria, ferraduras usadas, crucifixos velhos, peles surradas; dois anos depois, Simão Ribas transportava-se numa mula de pêlo rebentado pela tinha, eu passava a servir a refeição principal, com luvas brancas de cetim; dois anos depois, teríamos uns quinze anos, Simão Ribas comprou o seu primeiro charrueco e uma pileca, e eu passei a ir ao mercado do Recife, com uma parelha de pretos, negociar o peixe, o sal, o azeite, o vinho e os licores para a família Vieira de Mello; dois anos depois, Simão Ribas contratou dois reinóis, recentemente chegados, deu-

lhes duas carroças aparelhadas com mercadoria e mandou-os para o sertão enquanto fazia a sua própria casa no Bairro de Santo António, eu contratava um mariola do trapiche que, pobre, arrecadava o peixe, o sal, o azeite, o vinho, e os licores mais baratos e, sem prejudicar a família Vieira de Mello, eu ficava com a diferença, aforrando assim uma espórtula que, com vinte anos, acrescentada por dinheiro que o pai Vieira de Mello me disponibilizou, pago religiosamente com juros em três anos, me permitiu abrir nas costas do cais um térreo de peixe, sal, azeite e vinho, que vendia para o sertão, foi

quando conheci Simão Ribas, ele já tinha dez contratados rodando o sertão, vendendo de tudo um pouco, demo-nos bem, como me tinha dado bem, enquanto lacaio, com o pai Vieira de Mello, por alma de quem todos os domingos rezo um pai-nosso. Simão Ribas ficou com os curtumes e as ferragens, eu com a carnaria fresca e a peixaria de salmoura, vinhos e licores, enfim, juntámo-nos, abrindo a maior casa de secos e molhados do Recife, mandámos mais homens para o sertão, abastecemos roças, fazendas e casas grandes. Teríamos cerca de trinta anos, Simão Ribas construiu o seu primeiro

sobrado e levantou capela a Nossa Senhora da Agonia na igreja de São Pedro dos Apóstolos, mandada construir por outro mascate como nós, o defunto António Matos Fernandes, eu elevei o meu casinhoto a casa decente, de pedra, cal e telha, podíamos restar-nos por aqui, o dinheiro corria, os carregos imensos e as preocupações em demasia, mas não, avançámos para o açúcar, cada vez Lisboa pedia mais açúcar e cada vez menos o Pernambuco respondia, ultrapassado pela Bahia, a resposta sempre a mesma, não havia dinheiro para renovar e estender as canavieiras,

refazer as moendas, não havia dinheiro para pagar a mestres-de-açúcar, não havia dinheiro para comprar escravos em quantidade. Eu, Simão Ribas, Miguel Rabelo, o filho de António Matos Fernandes, reinóis, antigos criados de dentro e de fora, viemos ter com Vieira de Mello pai, defunto, João Cavalcanti, Domingos Bezerra, aqui presentes, o Barbalho avô, o pai dos Tavares de Olanda, os Santiago de Camaragibe, fomos recebidos aqui nesta mesma sala, sentámo-nos a esta mesma mesa, depusemos os cotovelos neste mesmo pano, as varas e o pendão que vossas senhorias tão

orgulhosamente ostentam hoje eram exactamente os mesmos, e dissemos-lhes, nós adiantamos o dinheiro, vossas senhorias diligenciam para que os engenhos laborem, queimamos a canavieira velha e replantamos os brotos, mandamos vir moendeiros do Recôncavo que vos refazem as moendas e as caldeiras, mandamos vir mestres-de-açúcar da ilha da Madeira, em troca pagam-nos com o açúcar produzido, amortecendo anualmente as dívidas. Fizemos tudo isto e vossas senhorias, que hoje se enobrecem dos vossos engenhos e das vossas vistosas casas grandes, do rebanho de

escravaria e das manadas de bois e cavalos, que se orgulham da reconstrução dos vossos palacetes em Olinda, tudo isso devem aos mascates, ou, se me permitem a palavra, ao Recife. O senhor João Cavalcanti e o senhor Domingos Bezerra, aqui presentes, poderão recordar-nos o que eram então os engenhos de açúcar e as casas grandes – fazendas de roceiro, de tectos desabados e paredes ruídas, a maioria sem capela e os que a tinham, mais servia de palheiro para abrigar a forragem dos alagamentos do inverno do que de lugar de Deus, capim da altura de um homem,

asfixiando a cana, Domingos Bezerra teria cinco, dez escravos, o resto era indianada, recolhida das entradas feitas pelo sertão, a moirejar em troca de mandioca amarga, as antigas manadas de cavalos tinham sido comidas durante a guerra. Perguntar-me-ão os mais novos, como André e Diogo Vieira de Mello ou Cosme Bezerra, porque não levantámos os nossos engenhos, aplicando o nosso dinheiro. Pelo mesmo motivo por que fomos forçados a viver na restinga do Recife, e não nos cômoros arborizados de Olinda. Tal como em Olinda os arruamentos estavam divididos entre

as vossas famílias e as ordens religiosas, assim as sesmarias estavam distribuídas e ocupadas pelas vossas famílias e o que sobrava, que muito sobrava, era mata virgem, infestada de quilombolas, de caetés e de feras. Nós somos mercadores, não somos bandeirantes nem desbravadores, como Bernardo Vieira de Mello. A este, o sertão atrai-o e o combate fascina-o, a nós é o trato, a compra e a venda que nos fascinam. Viemos do Minho português, terra avara para os seus filhos, mas terra amável, bordada de bosques suaves e arroios férteis, só para cima, para a serra do Gerês,

governa o urso e o lobo. Não havia terra no Pernambuco para novos engenhos, também não tínhamos vocação para lavradores. Eu não desconheço que fora a luta contra os holandeses que levara à ruína as famílias pernambucanas, mas fomos nós, mascates, que arriscámos do nosso dinheiro, que é a nossa vida, porque mais nada possuímos, nem terras, nem manadas, para que as vossas terras, as vossas manadas, as vossas casas, voltassem a brilhar de prosperidade, como antes da invasão batava. Arriscámos e ganhámos, porque as encomendas de açúcar

repetiram-se, a oferta tornou-se baixa para as necessidades, as freiras de toda a Europa substituíam o mel pelo açúcar nos confeitos e bolos, e o preço alteou-se, a arroba e o quintal atingiram picos hoje inimagináveis. Ganhámos muito dinheiro e vossas senhorias também ganharam muito dinheiro, refazendo o brilho das vossas antigas famílias. Mas um abismo se instalou entre nós, mascates e mazombos; nós, metade do que lucrávamos, amealhávamos, e vossas senhorias gastavam do que tinham e do que não tinham, rogando-nos continuamente empréstimos sobre

safras futuras, desperdiçando os rendimentos. Tecidos finos, louçaria europeia, móveis de madeira portuguesa, baixelas de prata, arreios de bronze, luzeiros de cristal, jóias preciosas, tudo era comprado ao reino num excesso de abastança que não podia dar bom resultado, e agora, há cinco anos, baixada a arroba do açúcar, abafada pela constante descarrega dos barcos das Antilhas e da Hispaníola nos cais da Europa a metade do preço do nosso, restando-nos o mercado do Império Português, vossas senhorias abrem a «burra» e só encontram uns restos de ducados que

nem dão para desbastar o verdete das caldeiras, vêm ter connosco à sorrelfa, pedindo-nos dinheiro, nós sabemos quanto o dinheiro custa e não emprestamos senão com garantia de penhor, como o falecido Miguel Rabelo fez com o primitivo engenho Barbalho, acabando por ficar com ele, agora em posse de seu filho Vidal Rabelo, a quem vossas senhorias por vingança não consentem a consumação do casamento com d. Leonor Barbalho. Como não emprestamos, odeiam-nos, atrapalham-nos a vida, castigam o Recife, presumindo falsamente que dominar o Recife é dominar-nos, mas

não nos dominam, apenas atrapalham, porque nós, calando o orgulho da elevação da nossa povoação, prosseguimos os nossos negócios, se não é com o açúcar é com o sal, se não é com o sal é com as peles, se não é com as peles é com o fumo. Como não emprestamos, vossas senhorias vão pedir fundos à Misericórdia e o dr. Luís de Mendonça também não empresta, que não foi para isso que a Misericórdia foi criada, mas para assistir a irmãos doentes, a viúvas, a crianças órfãs e ao enterro dos desprotegidos, não para sustentar engenhos em falência. Por isso, vossas

senhorias, alegando ser o dr. Luís de Mendonça cristão-novo, querem a nomeação do dr. Arouche, sabendo que com ele o dinheiro da Misericórdia é como se fosse vosso. Joaquim de Almeida cansara-se, o peito arfava, os braços aquietavam-se, encostou as pernas à mesa para se amparar, Barbosa de Lima, se pudesse, bateria palmas, vibrantes, sonoras, apetecidas, Sebastião Castro Caldas descerrou os lábios espalmados num oh de espanto, Simão Ribas olhava em torno, apreciando o efeito do discurso do amigo. Num último arranque, Joaquim de Almeida continuou, viemos aqui

reconciliar-nos, Olinda está pobre e caminha para maior pobreza, o Recife tem de encontrar alternativas ao açúcar, o fumo é uma delas, o chá outra, as oleaginosas outra, eu e Simão Ribas viemos aqui para vos propor que plantassem fumo, à experiência, nós sustentá-la-íamos, mais uma vez sustentá-la-íamos, vamos arriscar enviar tabaco para a Europa; esquecer o passado, experimentar o fumo, ou o chá, também pensámos no chá, ou encontramos alternativa para o açúcar ou dentro de vinte, cinquenta anos o Recife estará como está hoje Olinda, pobre, bazófia, impada, caminhando

para uma maior pobreza, repleta de sobrados vazios. Não escondemos que a separação do Recife é a nossa meta, mas nunca a levaremos a cabo sobre a ruína de Olinda, sua senhoria o governador propôs a cativação de parte das receitas do Recife para compensar Olinda, era isso que, chegado o momento, também vínhamos discutir. Joaquim de Almeida arfava, as pernas oscilavam-lhe bambas, os braços tinham-se imobilizado, fixos na mesa, Barbosa de Lima avançou e amparou o velho mascate, o silêncio tornara-se pleno, tudo fora dito, como se de repente a claridade e a lucidez

tivessem penetrado na sala, Joaquim de Almeida tinha descrito cinquenta anos de história do Pernambuco com a brancura da verdade. Docemente, Barbosa de Lima empurrou o velho mascate para a porta, nesta, Sebastião, quebrando a imparcialidade do cargo, abraçou-o, dizendo-lhe em surdina, fez o discurso que eu gostaria de ter feito, não permitido pela minha autoridade de governador. Não havia mais demora, Castro Caldas enviou logo ali um soldado a casa de Vidal Rabelo, esperava-o com urgência no Palácio das Torres.

Sebastião Castro Caldas deu

instruções precisas a Vidal Rabelo, transporte do pelourinho para a Praça do Corpo Santo, vasto logradouro público para onde o governador queria estender o Recife, e três noites consecutivas de festa e iluminação pública pagas pela provedoria. Vidal Rabelo protestou, o obelisco não fora terminado, o padrão não fora totalmente lavrado, da tripla peanha circular faltava uma, ainda em bruto, Sebastião não quis saber, acaba-se depois, disse. A cada um dos seus oficiais deu ordens para a organização de desfiles militares, chamou Manelinho e coagiu a igreja a

acompanhar o desfile com uma breve procissão com passagem do andor de S. Sebastião, novo orago do Recife, pelas principais ruas da ilha, o Santíssimo Sacramento exposto e missa campal final, Manelinho não se comprometeu, mas a igreja não se podia escusar, a ordem era de el-rei. Chamou Valençuela Ortiz e intimou-o, por ordem escrita do governo, cumprimento de ordenação régia e aplicação do regimento da governadoria, a anunciar a erecção do Recife a vila na noite de 14 para 15 de fevereiro de 1710, Valençuela também não se podia escusar, fazia parte das

suas obrigações oficiais. Por mandato do governo, Julinho e Lula percorreram as igrejas e conventos do Recife requisitando tochas, archotes, fachos, velas, círios, achas ensebadas em gordura de porco, varas envernizadas em óleo de mamão, sentinelas de azeite de dendê, brandões, fogaréus, cavacas, luminárias, juntando-as às retiradas das guarnições militares e, com uma caterva de escravos, prepararam a iluminação pública espalhafatosa do Recife, Santo António e Boa Vista, enchendo os cunhais das ruas de paus e velas, suspensos de argolas de prender

animais, preparados para serem atiçados na noite de 14 para 15 de fevereiro. De dia, no Largo do Corpo Santo, os dois canteiros judeus ajeitavam a coluna na base e, abrigando o pelourinho da curiosidade alheia, tapavam-no com o velho pano roto de burel.

A CONJURA MALOGRADA

Do bailéu do palacete de João Cavalcanti, em Olinda, este, Domingos Bezerra, Bernardo Vieira de Mello e André Figueiredo Dias, escutando os ecos dos repiques dos sinos, mirando o

estralejar dos foguetes, riam-se abundantemente como quem galhofa de uns pobres tolos cuja sandice os cega; enxergavam de soslaio o imponente fogaréu que incendiava a noite do Recife e, magoados nas suas pretensões de nobres, riam-se, forçavam o riso, narrando peripécias burlescas dos minhotos do Recife, sujos, de corpo fétido, descalços, comendo mandioca com as mãos negras, lambuzadas de manteiga vermelha.

Consertavam os últimos pormenores da conjura que, no próximo dia, os levaria ao comando dos fortes do

Brum e das Cinco Pontas. Esperavam Filipe de Moura Acciolli, mazombo como eles, mestre-de-campo das fortificações militares do Pernambuco, cuja autoridade desencadearia o pronunciamento militar, dirigido pelo terço branco dos Palmares de Bernardo Vieira de Mello. Acciolli estanciava há dois meses no forte de Iguaraçu, fora chamado de urgência a Olinda por Leonardo Bezerra Cavalcanti, chegaria essa noite; no dia seguinte, 15 de fevereiro, pelo meio-dia, o terço de Bernardo Vieira de Mello assaltaria o forte do Brum, André Figueiredo Dias, com Porão

Escorço e milícias rurais, o de Cinco Pontas, Filipe de Moura Acciolli, respaldado numa guarnição de cem homens, penetraria no Palácio das Torres e deporia Sebastião Castro Caldas, recambiado para um galeão francês aportado em reparação no Recife, prestes a zarpar para São Salvador, Acciolli assumiria o governo provisório até à nomeação por el-rei de novo governador. A primeira medida do governo de Acciolli seria a anulação da erecção do Recife a cidade e consequente destruição do pelourinho, esmigalhado a pólvora granitada por um grupo comandado por

Bernardo Vieira de Mello.

Os quatro mazombos riam-se abundantemente, crentes de que o festaréu popular se assemelhava a uma ridente nave de loucos em plena e contínua festejação, desconhecedora que navegava ao sabor da sorte em direcção ao abismo da morte. Comentavam o desaforo de Sebastião Castro Caldas substituindo o antigo orago da povoação, Santo António, pelo santo do seu nome, atribuindo ao Recife a nova designação de cidade de São Sebastião do Recife, outra medida que Acciolli teria de anular com rapidez, o Recife pertencia a Santo

António como Olinda a Nossa Senhora do Carmo. O eco de uma cavalgada chegara ao balcão do palacete, Bernardo Vieira de Mello assomou à balaustrada, espiando movimentos de luzes nas ladeiras de Olinda, Porão Escorço, de bacamarte na mão, o escravo musculoso Arroxeado e cinco pés-rapados do mato emergiram das sombras, armados de clavinas, os dois mastins ladraram, afuçalhando o ar nocturno, Bernardo Vieira de Mello gritou para dentro, Acciolli chegou. O estralejar das ferraduras no empedrado tornara-se mais vibrante e compassado, João Cavalcanti mandou

acender mais três brandões na frontaria da casa, os mastins, atordoados pela iluminação, cheirando-lhes a suor banzado de cavalo, ladravam rijo, alçando as patas dianteiras, forçando as correntes, Bernardo Vieira de Mello notou que Acciolli cavalgava bambo, preso por trás, suspenso dos braços de Leonardo Bezerra Cavalcanti, que dominava o cavalo e vincava o mestre-de-campo à sela. Desmontaram-no, Acciolli exsudava, empalidecido, transpirado como um grão de sal, pernas arqueadas, incapazes de se firmarem, os braços caídos como dois pendões; de repente, Acciolli tombou

sobre Domingos Bezerra, que o vinha cumprimentar, Leonardo Cavalcanti amparou-o entre os braços, subindo velozmente a escadaria, os dois molossos, prenunciando cheiro de morte, pararam de ladrar, ganiam e uivavam um uivo duplo, em coro, preto como a noite. Bernardo Vieira de Mello mandou o Arroxeado desfechar-lhes duas pranchadas, os mastins, surrados, cessaram a uivaria e recolheram à casota, ganindo. D. Lourença e Leonor improvisaram uma enxerga na sala, amontoaram duas colchas fofas sobre um canapé, juntaram um almofadão, Leonor abafou

as sentinelas, quebrando a luz, d. Lourença ajeitou outro almofadão elevando os pés de Acciolli, este desabotoava o dólmen militar, repuxava o cabeção, desorbitava os olhos, arrastava a mão crispada para o centro do peito, uma pontada violenta arrepanhou-lhe o corpo, dobrando-o em dois, exasperado, de lábios secos e fulvos, olhos pulados, narinas sugando ar avidamente, contorcendo as pernas, Acciolli disse num regougo brusco, confissão, que eu morro!, já não houve tempo, Leonor correu a chamar frei Maria do Amor Divino, que se penitenciava na sua alcova,

enroscando o silício na carne dos quadris, veio brusco, compondo-se, crucifixo alteado, avançado, como se um influxo milagroso retivesse a vida de Acciolli, mas não houve milagres, Filipe de Moura Acciolli expirara, vitimado por uma dor no coração, malogrando a primeira conjura dos mazombos para se apoderarem do Recife.

DUPLO ANÚNCIO DE CASAMENTO: JULINHO E VIOLANTE, LULA E ANÉLIA

Na inocência da ignorância, a festa

prosseguia no Recife, os moradores desconheciam que tinham acabado de se salvar de um violento combate contra os olindenses, com risco de destruição das suas casas. Joaquim de Almeida e Simão Ribas foram nomeados presidente e vice-presidente da Junta de Instalação do Senado da Vila do Recife, Vidal Rabelo secretariava dando a mão à experiência jurídica do dr. Domingos Pereira da Gama, bacharel por Coimbra, procurador dos mascateiros. Avisos chancelados por Barbosa de Lima, pregados nas portas das igrejas e nas quelhas das ruas, anunciavam que

as taxas e fintas devidas a Olinda seriam pagas provisoriamente no Palácio das Torres até à efectiva e futura transferência dos registos oficiais de Olinda para a nova cidade. Como o legislado, Valençuela Ortiz, juiz-de-fora, atenderia semana sim, semana não, no Recife, partilhando as suas funções entre as duas cidades. No Largo do Corpo do Santo em torno do pelourinho, rodeando a efígie de S. Sebastião, exposta num palanquim de tela coberto de veludo prateado, envolta em espadanas coloridas, bailavam-se promessas de vira do Minho, ao ritmo da sanfona e do

bandolim; dos telhéus dos sobrados, pendiam arcos de boninas secas entrecortados de folhas afiladas de gladíolos e de ramos amarelos de jasmim, galhardetes estampados com a figura do Palácio das Torres, elevando-se de um ilhéu com a forma do Recife, e folhas secas de bananeira pintadas de amarelo e verde garridos, clareados por fachos fogosos e fumarentos de breu, espetavam-se em estacas que rodeavam o Largo do Corpo Santo. O trabalho, as trocas, as compras e as vendas, o carregamento e descarregamento dos barcos no cais tinham parado, dando largas à festa da

erecção do Recife, os mascateiros mais opulentos desrolhavam antigas botelhas de licor de jenipapo e flor de jurema, de graviola e acerola, de abacaxi e de piripiri, os pretos, animados pela galhardia de seus donos, partilhavam da generosidade destes, acartavam pipas para o átrio da cadeia velha, rodavam o torniquete do gargalo, assentavam a nuca crespa no tendal, abriam a boca e, à vez, engoliam torrentes de vinho aguado. Mãe Anália convocara as velhas pretas para a cafua da praia, para agradecer a Exu, o vodu malandrete, Vidal Rabelo dispensara um cabrito e, de longe,

misturado com o silvo do vento do mar e o trambolhão das ondas na areia, escutava-se o compasso grosso e ecoante dos atabaques africanos, ribombando no céu. Comedidos mas alegres, os judeus repartiam-se por pequenos grupos, anunciando os seus ofícios, provocando novas encomendas, finalizava-se o seu bairro, telhas de barro seco amassado em palha cobriam o gradil das vigas e das travessas do tecto, atravessadas de caneiros conduzindo a água da chuva por levadas que desembocavam em breves cacimbas, depósitos de água potável; algumas casas já possuíam

portas, nenhuma ainda rótulas, as famílias cercavam as suas casas de renques de bambu, delimitando futuros quintais, onde as mulheres plantavam rebentos de erva-cidreira e malvasia, pés de hortelã e salsa e vagens de feijão e abóbora. Simão Mendes, atencioso e venerado, inquiria Manelinho da catequese, confirmava que a cruz altaneira e os nichos para a Virgem Santíssima lá estavam bem vistosos nos seus lugares, como o senhor bispo ordenara, mas os nichos permaneciam vazios, Porão Escorço desaparecera na última semana e frei Diogo das Chagas Purificadas nunca

aparecera para a catequese, Manelinho aquietou Simão Mendes, frei Diogo continuava em convalescença no hospitalário do Carmo, por vezes melhorava, por vezes piorava, fora vê-lo há dois ou três dias e frei Diogo, sumidinho, de soltura a empestar a enfermaria, falara nos «meus judeus, que esperam a salvação, e eu aqui»; não havia pressa, disse Manelinho para Simão Mendes, se frei Diogo piorar o senhor bispo nomeia outro frade.

Vidal Rabelo e Violante Dias tinham-se tornado o centro das atenções dos judeus, estes não se cansavam de

mostrar a sua gratidão, oferecendo a cabeça das crianças para que ambos as abençoassem, passando-lhes a mão por cima, arrastando-a pela cara. Das filhas de mãe Anália, só Anélia não se afastara para a cafua da praia, abraçava-se a Lula e Lula a ela se abraçava, como se, abraçados, não fossem dois, mas um. Simão Ribas dançava um arremedo de vira minhoto, Lula e Anélia também queriam dançar, mas saía-lhes o pé para o candomblé, misturando ambas as danças, provocando o riso geral, Lula e Anélia lobrigaram Vidal Rabelo falando com Sebastião e Barbosa de Lima,

aproximaram-se, esperando que Vidal Rabelo ficasse sozinho, Julinho e Violante passeavam cortesmente pelo Corpo Santo, ele, cara trigueira, barba rapada, pantalonas e camisa branca nova, chapéu escovaço de pele e feltro, botas acetinadas como as de um senhor, Julinho ia-se explicando a Violante, no sobrado de Vidal Rabelo, no catre de mãe Anália, tinha um Santo António de pau-oco que trouxera do Maranhão, herança do pai, desenroscava-se pelo pescoço, dentro alojava um resto grosso de ouro e prata e um montículo rijo de esmeraldas e diamantes, legado da

passagem do pai, Álvares Fernandes, por Ouro Preto e Sabará, no território de Minas, o suficiente para levantar do nada um engenho como o de Camaragibe, e ainda sobrava, era a sua intenção, quando desembarcara em Olinda, fingir-se de contratado sem dinheiro, andar daqui para ali durante um ano, pesquisar o Pernambuco e estudar as oportunidades, escolher o sítio e instalar-se, não precisava mais do Santo António, Violante era senhora de engenho e Julinho oferecia-lhe o santo, pertencia aos dois, meus pais apreciariam, disse ele, Violante agradeceu e sensibilizou-se, Julinho

esclareceu, embora para os recifenses eu vá passar por um pobrão que conquistou mulher rica, não quero que entre nós seja assim, vivemos de igual para igual, poderia guardar o Santo António sem que revelasse o segredo, mas não quero que seja assim, repetiu. Passaram sob um arco de galhardos cuja tocha se apagara e Violante presenteou Julinho com um fervoroso beijo numa face, afagando com a mão a outra, para que não passes por contratado que conquistou mulher rica, disse Violante, ao anunciares o casamento para dentro de um ano, pedirás a Vidal Rabelo que te deixe, a

seu crédito, abrir loja em Olinda, cujos habitantes, magoados com o Recife, preferirão fazer compras lá, em Olinda não há comércio nem mascates, só sapateiros, oleiros, ferreiros, tu serias o primeiro e, se não enriqueceres, também não vais à falência, e eu casar-me-ia, não com um peão contratado, mas com um mercador, Julinho olhou fixamente para Violante, sentiu que cada vez mais a amava e tanto a amava quanto sabia que nunca lhe seria igual, Violante era-lhe superior. Julinho vislumbrou Vidal Rabelo ao longe, rés ao pelourinho, despedindo-se de Sebastião Castro Caldas e Barbosa de

Lima, disse para Violante, vamos lá, vamos anunciar o nosso casamento a Vidal Rabelo. Do outro lado do Corpo Santo, Lula, preso de amor, queria fazer uma surpresa a Anélia, viu Sebastião e Barbosa de Lima retirarem-se e disse a Anélia, vamos lá, neste dia de felicidade para o Recife, quero fazer-te uma bela surpresa. Profanando o pelourinho, Vidal Rabelo sentara-se na base inacabada, pensando em Leonor, vindos de lados opostos os dois pares chegaram ao mesmo tempo, a presença de Violante obrigou Vidal Rabelo a levantar-se, e foi sorrindo para os

quatro que os acolheu, Lula retraiu-se face à presença de Julinho e Violante e Julinho face à presença de Lula e Anélia. Vidal Rabelo declinou a cabeça para Julinho e Violante, inquirindo desta se a orgulhavam as madeiras de Camaragibe que sustentavam e abrigavam as novas casas dos judeus, Violante respondeu, por minha bisavó, Branca Dias, sinto-me orgulhosa, e também me sinto feliz e orgulhosa do que Julinho tem para lhe dizer, Julinho hesitou, a presença de Lula e de Anélia incomodava-o, era assunto reservado, Vidal Rabelo percebeu e voltou-se para Lula e

Anélia, que me querem dizer?, Lula, olhando para todos, abraçando Anélia, que a ele se abraçava, já não hesitou, venda-me a Anélia, quero comprar a Anélia, Vidal Rabelo, Julinho e Violante intrigaram-se, aquele comentou, rindo-se, Anélia é minha meia-irmã, eu não vendo a família, meu pai não gostaria e mãe Anália matar-me-ia, Lula insistiu, mais sério, tem de me vender a Anélia, quero-a livre para me casar com ela, Anélia, com os olhos de todos fixos nela, sorriu abundantemente, saracoteando o corpo de felicidade e vergonha, Vidal Rabelo abriu os braços, como se a

ambos acolhesse, se te queres casar com Anélia, isso é outra coisa, não ta vendo, dou-ta, com carta de alforria passada no tabelião, e, mais, ficam a viver em minha casa e trabalharão para mim com direito a soldo, a não ser que os teus planos sejam outros, Lula acenou que não, não tinha planos, só queria casar-se com Anélia, esta encostou-se mais a Lula proferindo um tímido obrigado, mãe Anália sabe?, perguntou Vidal Rabelo, sabe, deseja e consente, clamou Lula, dançando as pernas, tomado de alegria esfuziante, se mãe Anália consente, então já têm padrinho, e apontou para si próprio,

dando um abraço a Lula e Anélia, Julinho também abraçou Lula e Violante afagou Anélia, congratulando-se, Vidal Rabelo exclamava, grande alegria esta noite, o Recife atinge a maioridade e a minha Anélia, que em criança me aparava as maldades, casa-se. Julinho, entusiasmando-se, anotou malandrecamente, e outra notícia vai receber que espero mais o alegre, Vidal Rabelo virou-se para Violante Dias e Julinho e, pelo sorriso de ambos, compreendeu, Julinho deu a mão a Violante e esta abriu-se em maior sorriso, Lula clamou um grito de hurra, lançando uma palmada nas

costas de Julinho e Anélia voltou a saracotear o corpo mulato, manifestando a sua alegria, Vidal Rabelo simulou-se zangado, vou perder um dos melhores contratados, tinha planos para ti, Julinho, bastos planos, deixas-me desfalcado, Julinho olhava-o fixamente, não esperando a reacção da ira de Vidal Rabelo, mas este, inesperadamente, dilatou os pómulos, cintilou os olhos, alçou os lábios e abriu-se num vasto sorriso, tudo isso face ao teu casamento com Violante nada é, é como se fugisses do purgatório e escapasses para o paraíso, e abraçou forte Julinho,

beijando a mão de Violante. Julinho disse, se o senhor o permitir, não me retirarei do Recife, não nos casaremos em menos de um ano, e Violante interrompeu, desejamos que o senhor Vidal Rabelo seja nosso padrinho de casamento, e Vidal Rabelo, declarando ser para si uma honra, assobiou virando-se para Lula e Anélia, exclamando de contentamento, o melhor é fugir já para casa senão acabo a noite como Santo António, o santo casamenteiro, e, entristecido, os olhos mortiços, reflectiu, se o destino me faz duplo padrinho de casamento, que acolho com alegria, será

possivelmente para compensar pela felicidade alheia a infelicidade do meu casamento com Leonor. Julinho disfarçou, continuando, a boda será em Camaragibe, quero ser eu a pagá-la, e Violante meneou a cabeça, manifestando o seu acordo, adindo, e se Lula e Anélia quiserem casar-se nesse dia, teremos muito gosto em juntar os dois casamentos, Lula e Anélia, agradecidos e penhorados, recusaram, um ano é muito tempo, disse Lula, daqui a um ano já quero ter um mulatinho nos braços e outro pejando esta barriga, e afagava a barriga de Anélia. Julinho ia expondo

a Vidal Rabelo o seu desejo de abrir loja em Olinda, aproveitando a separação do Recife, também queria ser mascate; mais tarde, quando se sentisse confortado em dinheiro, iria viver definitivamente para Camaragibe, daqui a uns quatro, cinco anos, Vidal Rabelo aprovava, disponibilizava parte das suas mercadorias, pagas-mas quando as venderes, disse ele, e se as não venderes devolves-mas. Simão Mendes juntara-se-lhes, estava feliz mas preocupado, falara com sua reverência Manelinho, frei Diogo continuava doente, Anélia olhava para

outro lado, fazendo figas com os dedos, Simão Mendes receava que os atrasos nas lições de catequese dessem oportunidade ao senhor bispo ou a Porão Escorço para lançarem novas exigências, Vidal Rabelo sossegou-o, Manelinho viera ter com ele e pedira-lhe ajuda de mãe Anália para curar frei Diogo, Anélia revirou os olhos e fez figas com as duas mãos, fora um enguiço, suspeitava Manelinho, ou então maleita fatal, sempre que frei Diogo melhora, logo piora, mãe Anália visitará frei Diogo amanhã, daqui a uma, duas semanas temos aí frei Diogo rijo como um pêro, Adonai o ouça,

disse Simão Mendes, oh, perdão, Deus o ouça, e todos começaram a rir, e Lula acrescentou, já agora que Exu o ouça, também.

O ATENTADO CONTRA O GOVERNADOR

O Recife já era vila e, pela azáfama das esquinas, o novo cordeamento de ruas que se faria no Corpo Santo, as construções do Bairro dos Judeus, os trapiches carregados, as lojas abertas, os galpões abarrotados, o movimento do porto – uma vila próspera. Os serviços judiciais e administrativos

ganhavam forma, transferindo-se da Câmara de Olinda, esta desertificava-se sem a chusma de recifenses que, antes, diariamente a atravessavam, tratando de seus casos nas instituições régias. Sebastião Castro Caldas recolhia-se ao Palácio das Torres, abandonando de vez os antigos aposentos de Olinda. Violante regressara a Camaragibe, onde, finalizada a safra, postos os caixotes de açúcar no cais, aguardando partida para Lisboa, se obrigava à limpeza e reparação anual das moendas, tachas e caldeiras e às queimadas para revigorar a terra de massapê antes de

nova plantação. Fazendo o mesmo, os nobres de Olinda tinham-se retirado para os seus engenhos. Julinho procurara um térreo em Olinda e alugara aos dominicanos parte da antiga casa de João Nunes, propriedade da ordem por confisco inquisitorial. Fernanda Ferreira, antiga amásia de João Nunes, continuava a tratar da casa, mantendo-a habitável. Lula e Julinho, conduzindo duas carroças cobertas, transportavam diariamente para Olinda as mercadorias dos armazéns de Vidal Rabelo, compondo a nova loja, Julinho, bem trajado, montado num

cavalo, apresentava-se aos portões das casas dos mazombos e dos conventos de Olinda, persuadindo as senhoras e os frades, os únicos habitantes da vila, de que a sua loja lhes facilitaria a vida, vendendo o que só no Recife poderiam comprar. D. Lourença, acompanhada de Leonor, dissera bruscamente, já os mascates invadem a nossa terra, não lhes bastava o Recife, mas, dois, três dias depois, mucamas de d. Lourença encomendaram fitas de nastro e pano-de-holanda. Calcorreando Olinda, Julinho cruzava-se com Porão Escorço, que comprara duas outras casas, arruinadas,

reconstruindo-as com o trabalho de escravos de Bernardo Vieira de Mello. Saudavam-se secamente. Porão Escorço dissera-lhe, fizeste bem em acolitares-te à sombra de Vidal Rabelo, se tivesses ficado em Olinda ter-me-ias feito concorrência, Julinho respondera, cada um no seu lugar, o teu jeito não é o meu, eu trabalho para construir a vida e, de ti, vejo-te a usar o trabalho alheio. Vejo que continuas como te conheci no convento de São Francisco, crente de que o trabalho é virtude e esta recompensa, Porão Escorço escarrou e replicou, tens muito que aprender. Julinho não

retorquira, limitara-se a convidá-lo a encomendar-lhe os materiais para as novas casas, Porão Escorço perguntou-lhe se Vidal Rabelo era seu sócio e Julinho, experiente, negou, sou sócio de mim mesmo, Vidal Rabelo é o meu fornecedor.

Numa noite de lua cheia, após a celebração da cerimónia oficial na igreja de São Pedro dos Apóstolos, Lula casara-se com Anélia no terreiro traseiro do sobrado de Vidal Rabelo, tinham vindo negros das senzalas do sertão e mães pretas, companheiras de viagem do barco negreiro de mãe Anália, tinham assentado a pedra

sagrada numa camarinha do terreiro, jorrando sobre ela e sobre os casados o sangue vivificador da cabra e do galo sacrificados aos vodus-orixás. Lula industriou os negros da senzala para se unirem e pedirem ao governador terra e pedra para a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Vidal Rabelo dispensou a Lula e Anélia um longo cómodo ajanelado, no fundo do primeiro andar do sobrado, antigo quarto de visitas no tempo dos pais, Lula passara a industriar os armazéns de Vidal Rabelo, encarregado do aprovisionamento anual a Lisboa, Lula

ia fazendo o rol dos pedidos, conferindo com o existente nos galpões, prevendo necessidades futuras. Numa palavra, com o casamento, Lula fora nomeado feitor de armazém de Vidal Rabelo.

Restavam catorze meses para Sebastião Castro Caldas regressar ao reino, legando obra feita no Pernambuco, tentando, no regresso, entremeando as subtilezas da corte com os pares de dobrões que ia aforrando no Recife e os pergaminhos de fidalgo e servidor do Império, chegar a Paris como embaixador. Pedira a Barbosa de Lima as pastas

mais importantes desde que chegara ao Pernambuco, ia-se preparando para redigir a relação dos feitos a apresentar a sua majestade. Tinha encolhido os mazombos, recatados nos seus engenhos, cozendo açúcar e remoendo as perdas. Dentro de meio século, Olinda seria um bairro do Recife, pensou Sebastião, e, em parte, a si o devia. Porém, sempre o homem põe e Deus dispõe. Sebastião fora fortemente criticado por d. Álvaro Manuel da Costa por, carecendo de autorização régia e patriarcal, atribuir ao santo de seu nome o patronato do Recife, o bispo pedira-lhe a reposição

de Santo António como orago, mas Sebastião alegara que o que fora feito, feito estava; na criação do orago, Sebastião não se referia a si, nem nisso pensara, justificava-se, mas à imagem da vida do santo, às dores e sacrifício heróicos por que os moradores do Recife tinham passado; informara o bispo, através de Manelinho, que o futuro governador decidiria do patrono da cidade, disso já tinha incumbido Barbosa de Lima, por ele estava bem assim. D. Álvaro da Costa, raramente descido ao Recife, só de passagem e apressadamente, interessou-se repentinamente pela reorganização das

ordens religiosas do Pernambuco, prevenindo novos abades nativistas, como frei Maria do Amor Divino, nunca reunindo com o governador, Manelinho fazia de mensageiro. Uma das tardes que Sebastião recebera Manelinho no Palácio das Torres, este levantava-se frequentemente, assomava às janelas, contemplando absortamente o mar do Recife. Aproveitando uma saída de Barbosa de Lima, Manelinho, ostentando o ar seráfico de beato, cruzando as mãos no peito sobre a cruz de Cristo, perguntou a Sebastião se à noite este costumava frequentar as janelas e o bailéu do palácio, este

acenou que sim, todos o fazemos, não desperdiçando a viração da noite, quebrando a contínua quentura dos dias, sim, refresco-me à janela, disse Sebastião, e estiro-me na espreguiçadeira da varanda. E, nas visitas ao Recife ou aos fortes do Brum e das Cinco Pontas, interrogou Manelinho, vossa senhoria segue bem fornido de escolta ou acompanha-se apenas de um ou dois oficiais?, Sebastião, estranhando, perguntou directamente a Manelinho a causa daquela inquirição, este recuando para a janela, postando-se obliquamente a Sebastião, incapaz de o afrontar, disse

como se falasse para o ar, ao episcopado têm chegado inúmeras reclamações de olindendes contra a governadoria de vossa senhoria e, entre elas, dois párocos nossos receberam, em segredo de confissão, queixas muito graves, que não posso revelar, podem desencadear vinganças, vinganças terríveis, d. Álvaro Manuel da Costa é da opinião de que vossa senhoria, à noite, não se devia aproximar de janelas e, de dia, resguardar-se com escolta bem fornida.

Fora um aviso, e um certeiro aviso. Quinze dias depois, Sebastião Castro

Caldas, regressado de rezar na igreja da Penha, foi alvo de um atentado, tiros de bacamarte saídos de um sobrado alugado a Águas Verdes. Sentiu o chumbo penetrar-lhe a coxa, vincou as mãos nas rédeas do cavalo para não tombar, Sebastião gritara para Barbosa de Lima, confissão, que eu morro!, a mesma frase que o mestre-de-campo Filipe de Moura Acciolli exclamara no momento da expiração, provando-se assim que, face a Deus, Pai Altíssimo, tão alto que nunca se lobriga, a divisão entre mascates e mazombos soa como a nós a diferença entre a formiga castanha e a preta, a

ambas esborrachamos com as nossas botas ferradas de primatas calçados.

Já no Palácio das Torres, sustido o sangue das feridas e extraídos os dois balázios de chumbo, constatou-se ser reles a pontaria dos atentadores, apontaram para a cabeça ou o coração e tinham acertado na coxa direita. Barbosa de Lima, inquieto como um zângão, inquiriu o governador e os dois oficiais que cavalgavam próximo a Sebastião se tinham ouvido o que ele ouvira ou teria sido ilusão sua. Sebastião exausto e dorido, de coxa a arder, reclamando bálsamos que lhe sustassem a dor, não se lembrava de

ouvir fosse o que fosse, mas um dos oficiais, o que cavalgava do lado fronteiro à casa donde tinham saído os estampidos, suspeitava de que escutara um grito, um berro, um urro, um rugido, que acabava em –iso!; como aviso?, gritou Barbosa de Lima, isso mesmo, replicou o oficial, foi o que também ouvi, alguém gritara, por Nossa Senhora do Aviso!, fora frei Maria do Amor Divino. É preciso encontrá-lo, guinchou Sebastião Castro Caldas, agarrado à coxa direita, flamejada de dores.

1 Alusão à festa sagrada em honra de Bumba-meu-boi no Maranhão.

II

A guerra dos mascates

Levante dos mazombos e fuga de Sebastião Castro Caldas

De coxa lancetada repousada entre almofadões, estendido numa espreguiçadeira de verga que lhe irritava as costas, exigindo ser passado para uma enxerga de colchão de palha e deslocado para o seu gabinete, Sebastião Castro Caldas demandava diariamente resultados da devassa. Três meirinhos e cinco aguazis investigavam, infestados de cabos da guarnição e quatro oficiais da guarda real, recolhendo denúncias em Olinda e no Recife, vasculhando a casa da Rua das Águas Verdes donde tinham

partido as detonações. A casa, desocupada há muito, fora alugada por piedade a um matuto desconhecido do Agreste, para ali acampar com os companheiros enquanto estanciavam no Recife, buscando farinha de peixe para levar para o Interior, homens descalços, sem camisa, de calção de algodão, catana e punhal pendidos do cinto de cipó. Buscava-se frei Maria do Amor Divino por todo o lado, Vidal Rabelo informou o governador de que, na noite em que se encontrara com Leonor, vira frei Maria em casa de João Cavalcanti, de vulto sombreado pelo quadriculado da treliça, garante-

me?, demandara Barbosa de Lima, garanto, respondera Vidal Rabelo, era ele, asseguro-lhe. Umas cuias e gamelas, contendo feijão apodrecido e restos bolorentos de toucinho salgado, encontradas na casa da Rua das Águas Verdes, confrontadas com louça da escravaria da família de André Figueiredo Dias, revelara a sua proveniência, a autoria política do atentado viera da casa de João Cavalcanti, o patriarca mazombo, onde aquele morava. Como Sebastião não ousava prender Cavalcanti, mandou prender André Figueiredo Dias, abocanhado em casa, de tronco nu,

raspando a barba, trazido para a cadeia velha do Recife, guardada por trinta homens da guarnição. D. Lourença e Leonor, de trem puxado por uma parelha, vinham ao Recife todos os dias ver André, confortando-o com roupa lavada e comida decente. Rumores insistentes de mamelucos no curro da Chica Tortuosa, a Dengosa, em Olinda, davam José Tavares de Olanda comprometido no atentado, teriam sido caipiras seus que se teriam prestado ao assassinato, guiados por frei Maria do Amor Divino. Chamado a depor, José Tavares de Olanda denunciou-se, fugindo para Santo

Antão, para a fazenda de seu cunhado, Pedro Ribeiro da Silva, capitão das tropas desta povoação. Capitão por capitão, Sebastião Castro Caldas mandou o capitão João Mota prender José Tavares de Olanda, João Mota, amigo dos mascates, reuniu cem homens e avançou para Santo Antão, invadindo a fazenda de Pedro Ribeiro da Silva, e a soldada faminta de carne fresca, saqueou cabras, bodes, carneiros, porcas e três vacas.

Diplomaticamente, d. Álvaro Manuel da Costa partira em viagem de inspecção eclesial à Paraíba no dia do atentado a Sebastião Castro Caldas;

soubera deste a cinco léguas de Olinda e enviara Manelinho a informar-se da saúde do governador. Manelinho regressara à comitiva do bispo, trazendo José Inácio de Arouche, que fugia de Olinda, receando ser preso, fugira por precaução, dizia ele, temendo o ódio de Sebastião. O bispo acolheu-o na comitiva e José Inácio seguiu para a Paraíba, d. Álvaro teve o cuidado, sempre diplomático, de escrever ao governador informando-o de que Arouche estava com ele. Se fugiu é porque sabia da marosca, o cabrão, disse Sebastião Castro Caldas, e mandou uma quadrilha de soldados

prender o ouvidor-mor. Avisado por sentinelas, Manelinho ia fintando a quadrilha, escondendo Arouche, alegando que ele se separara e seguira por outro caminho, como quem não deve não teme se calhar até regressara a Olinda. D. Álvaro enviou outra carta ao governador a informá-lo de que de nada sabia.

Em Olinda, Julinho descarregava achas de carvão no socavão da casa de João Cavalcanti quando Leonor lhe apareceu com duas mucamas, vinha saber de novas do seu tio na prisão, rumores que corressem pelo Recife, Julinho de nada sabia, Leonor inquiriu-

o se era verdade o que d. Lourença lhe dissera, que os mascates ousariam fuzilar André Figueiredo Dias sem julgamento; Bernardo Vieira de Mello regressara de Ararobá e declarava ter informação segura de que Joaquim de Almeida e Vidal Rabelo, temerosos, já não confiavam em Sebastião Castro Caldas para defesa do Recife, tinham-se alojado ao largo, num navio francês, negociando a invasão francesa do Pernambuco com execução sumária de todos os cabecilhas mazombos e a confiscação de engenhos, distribuídos a colonos franceses. Julinho garantia ser falsa a informação de Bernardo

Vieira de Mello, com voz tremida Leonor pronunciara o nome de Vidal Rabelo, abrindo e piscando os olhos exageradamente, Julinho desconhecia se fora um sinal, mas, experimentando-a, e por ser verdade, afiançou que ainda ontem, ao fim de tarde, estivera com Vidal Rabelo, este carvão que vossa senhoria aqui vê proveio dos seus galpões, qual, este?, interrogou absurdamente Leonor, apontando para um montículo de toros pretos, remexendo-o, sujando a mão esquerda, as duas mucamas fizeram cara amuída e acorreram a limpar a mão de Leonor, esta, com a outra, mantida fechada,

jogou para trás uma réstia dobrada de folha de palmeira verde, Julinho viu e, com a pá de ferro, fingindo trabalhar, sopetou um montão de achas para cima da folha. D. Lourença surgira no cimo da escadeirinha de madeira que abria para o porão, chamando por Leonor e esta, afogueada, gritou para cima que o senhor Julinho garantira que nada de mal acontecerá ao tio André, ah, tia, já fiquei mais sossegada.

*

Sebastião Castro Caldas, reclinado, o rasgão na coxa emplastrado, centralizava a devassa, compondo uma

relação sobre os conjurados que tinham atentado contra a sua vida. De olhos raiados e sanguíneos, pingando a espaços do nariz, lábios húmidos, testa gargolejando e mãos suadas, efeito dos sucessivos bálsamos e unguentos que lhe empastavam a coxa direita, Sebastião não olhava a provas e deduções lógicas de nexo entre causa e consequente; da lógica salientava apenas a indução: se alguém está contra mim, logo está mancomunado no atentado; este modo de raciocínio fascinava-o e, entre reuniões matinais e vespertinas, Sebastião Castro Caldas compunha uma relação que, enviada à

Bahia e a Lisboa, desmascararia as famílias mazombas entre os membros do Conselho Ultramarino, nenhuma se ficaria a rir. Escrevia o governador com a sua pena de pato patola francês:

Os conjurados que logo desde a criação da vila do Recife o foram declarados e sabidos com públicas inquietações e ajuntamentos foram o doutor José Inácio de Arouche, o juiz-de-fora Luís de Valençuela Ortiz, e todos os mais oficiais do Senado da Câmara de Olinda, como André Figueiredo Dias e Bernardo Vieira de Mello, João Cavalcanti e seu primo Leonardo Bezerra, seus irmãos

Manuel Cavalcanti, Domingos Bezerra, Pedro Cavalcanti, Leandro Bezerra e Cosme Bezerra e José Tavares de Olanda.

Devastada a fazenda de Pedro Ribeiro da Silva sob alegação de requisição de géneros para alimento da tropa, o capitão João da Mota avançou para o centro da povoação de Santo Antão para prender Pedro Ribeiro da Silva e José Tavares de Olanda. Estanciou à entrada da povoação no dia 1 de novembro de 1710, Dia de Finados, e preparou-se para prender Ribeiro da Silva à saída missa. De Tavares de Olanda, desconhecia-se o

paradeiro. Quando aquele desceu a escadaria lajeada da igreja, João da Mota, assombrado, viu Pedro Ribeiro da Silva armado de dois arcabuzes, um em cada mão, duas catanas atravessadas no tronco, uma no peito, outra nas costas, e dois pistoletes sobressaídos das botas largas de carneira; dos sobrados em torno da praça da igreja, emergiram, rápidos, caboclos de largo chapéu de palha milhada, como espectros solares, sombreando-lhes a vista, empunhando clavinas, uns trinta, uns quarenta, inesperados, apontavam para a tropada de João Mota. Este, respaldando uma

carnificina, mandou recuar de braços levantados, os soldados retrocederam, fugindo para o edifício do presídio de Santo Antão; à frente dos seus matutos, Pedro Ribeiro da Silva avançou e cercou o presídio, guinchando para dentro, se tiveres água para um dia estás com muita sorte. Ao fim de dois dias, João da Mota rendeu-se, Pedro Ribeiro da Silva, vitorioso, aconselhado pelo cunhado, José Tavares de Olanda, que reaparecera, disse para os seus jagunços, o que começamos acabamos, o princípio é o caminho do fim, e, mandando recolher uma manada de vacas e uma carroça de

inhame e feijão, prevenindo comida, avançou para o Recife, recebendo diariamente reforços da maltada da mata, dos cabras dos engenhos e dos caipiras das roças, acampando à entrada da vila, nos Afogados, aproveitando o barracame e as valas abandonadas pelos judeus; a 6 de novembro, com trezentos homens descalços, alguns quase nus, a maioria armada de forquilhas, gadanhas, catanas, facas do mato, foices de cabo longo e porretes de jacarandá. Bernardo Vieira de Mello levantou o terço branco dos Palmares, elite guerreira que lhe jurara fidelidade, e

veio juntar-se às milícias rurais de Pedro Ribeiro da Silva, arraiando no lado esquerdo do Capibaribe. Os dois comandantes reuniram-se, Tavares de Olanda aconselhou-os, dividiram os trezentos bárbaros em três terços: o primeiro, capitaneado pelo próprio Ribeiro da Silva; o segundo, por Porão Escorço, ostentando duas chumbeiras cruzadas no tronco, montado num cavalo preto, novo, de pêlo brilhante como vidro; o terceiro, por frei Maria do Amor Divino, de clavina de bandeira baloiçando do ombro e catana enrolada, suspensa das contas do rosário trazido ao peito; dos arreios

do cavalo, erguia-se um estandarte branco bordado a vermelho, simulando rosas vermelhas de maio, e, no centro, flamejando, a efígie de Nossa Senhora do Aviso; lambam esta terra de fogo, dizia frei Maria para os rapa-pés do mato que o seguiam, talhem o pecado, fervam o Recife em penitência de sangue, e os barbados, sem nada perceberem, elevavam as gadanhas e compunham um hurra de guerra santa.

Sebastião quantificou as suas tropas, mil homens, contando com as guarnições dos fortes do Brum e das Cinco Pontas, três canhões de rodas, cinquenta cavalos. Do lado de Olinda,

cem guerreiros experientes valiam por duzentos ou trezentos da guarnição, cem bárbaros sem táctica de guerra, assassinando pelas costas, catanas apontadas à garganta, degolando-a. Seria de esperar que os senhores de engenho recrutassem mais matutos pelo sertão, atingiriam os mil. Sebastião devia pedir reforços a Iguaraçu, talvez pudesse contar com mais cem homens do terço negro dos Henriques e cem homens do terço índio e mameluco do Camarão, Barbosa de Lima advertira ser necessário pagar a estes duzentos, e bem pagos, ou passavam-se para os mazombos, negociando contrapartidas

superiores às que Sebastião lhes oferecia. Sebastião concluiu, quem vencer, vencerá sobre uma mortandade de corpos, de um lado e do outro, e, pelo meio, do Recife, saqueado, restarão pedras a fumegar, talvez o porto se salve, tirando o porto tudo o que puder arder, arderá. É melhor embarcar mulheres e crianças, disse Barbosa de Lima, franquear o arsenal aos recifenses, se tiverem de morrer que morram lutando.

Do sertão, senhores de engenho e sesmeiros cavalgavam para Afogados, reunindo-se a Bernardo Vieira de Mello. São quinze, vinte homens, os

Cavalcanti, irmãos, primos, cunhados, filhos, sobrinhos, os Bezerra, irmãos, primos, cunhados, filhos, sobrinhos, os Tavares de Olanda, irmãos, primos, cunhados, filhos, sobrinhos, os Barbalho, irmãos, primos, cunhados, filhos, sobrinhos, os Lins, irmãos, primos, cunhados, filhos, sobrinhos, os Uchoa, irmãos, primos, cunhados, filhos, sobrinhos. Reúnem-se em conselho, à sombra copada de um vasto tamarineiro, impando o peito, dilatando a queixada, abaulando as pernas à cavaleiro, afagando o cabo do punhal, repuxando o mustacho espesso, empurrando a aba do chapéu para trás,

mastigando pasta de fumo, escarrando uma aguadilha castanha, rememorando peripécias do cerco aos batavos, poisando os braços anchos e peludos sobre a canastra da barriga. Entre todos, sobressaía Bernardo Vieira de Mello, disciplinado, dividindo a manada de vacas de Pedro Ribeiro da Silva, exigindo que cada senhor de engenho desse a sua parte para abastecimento das milícias, recusando que se ultrapassasse a ração diária de carne, controlando a cachaça.

Era 7 de Novembro de 1710, o Recife amanhecera envolto numa névoa branca, espessa, que cortava a

vista entre os ilhéus de Santo António e do Recife e dispersava em bruma o casario da Boa Vista. Sobre a neblina, elevando-se ao sol, brilhavam os cômoros de Olinda, refulgidos de uma luz baça forte. Pancadas nocturnas de chuva, arrastadas por um vento silvão, entranhado pelas frinchas das portas e pelas gretas dos telhados, tinham lavado as ruas e as ladeiras de Olinda, arrojando as imundícies para o mar. Embarcações francesas, sugadoras de contrabando de açúcar para a Europa, aportavam para além da linha dos arrecifes, lançando botes de ida e vinda para os mangais e as praias

esconsas, aproveitando o estado latente de guerra para fugir à fiscalização da intendência da capitania. Leonor, em Olinda, dormira mal, ansiando por notícias de Vidal Rabelo, de quem nada sabia. Julinho, atormentado com a ranchada arraiada em Afogados, fora a Camaragibe de carroça, acartara três barricas de pólvora e vinte braças de estopim, que tinha em armazém. Violante Dias, temendo uma invasão de bandos de pés-rapados buscando saque e despojos, parara as reparações do engenho e armara a pretalhada, dispersando-a pela mata, à tocaia,

cercando a casa-grande, preparada para matar ou morrer. Julinho espalhara a pólvora e o baraço do estopim por filadas estratégicas, cortando os acessos ao engenho. Nessa madrugada de 7 de Novembro, regressara a cavalo a Olinda, por Apipucos, destinado a juntar-se à casa de Vidal Rabelo no Recife. Ainda não tivera dinheiro para gradear a loja de Olinda, esta seria uma presa fácil, arrombada à botada.

Sebastião também dormira mal, não tinha a certeza de que a ferida na coxa cicatrizasse com rapidez, receava que a pontada interior revelasse infecção;

se gangrenasse, arriscava-se a ficar sem perna, Paris fugia e a vida escapava-se-lhe, fora nisto que Sebastião pensara toda a noite, cochilando a espaços, se tivesse a certeza de que a perna lhe seria arrancada, preferia morrer lutando e, neste caso, resistiria aos mazombos, custasse o que custasse, nem que fizesse explodir o casario de Olinda se estes não se retirassem de Afogados, morreria herói do império, o corpo trasladado para Lisboa com honras de mártir da coroa, sua majestade dignar-se-ia assistir por breves instantes às exéquias fúnebres, a família Castro

Caldas subiria um degrau na escadaria da corte, escabelo do trono real, talvez um dia o seu primogénito fosse nomeado para Paris, d. João v enviaria reforços para a Bahia, o governador-geral juntá-los-ia às tropas dos fortes de Santo António da Barra e de São Pedro, em São Salvador, e, dentro de um ano, o Pernambuco seria invadido por uma armada real, que arrasaria os mazombos, repondo a legalidade no Recife, Cavalcantis e Vieiras de Mello, presos, seguiriam para Lisboa, postos a ferros. Mas se a ferida não infectar, cogitara Sebastião, e a coxa não gangrenar, conservarei a perna,

não é impossível que ainda atinja Paris, sobretudo se chegar à corte como mártir, um mártir vivo, sacrificado em cumprimento das ordens de el-rei, suficientemente humilde para suportar a humilhação da fuga evitando uma guerra de portugueses contra portugueses, salvando a população do Recife de uma carnificina, eis o argumento, são famosos os cirurgiões judeus da Bahia, talvez lancetem de novo a coxa e me salvem a perna. Sebastião Castro Caldas chamou Barbosa de Lima e deu ordens, todos os registos oficiais do governo para o porão, trancados a três

chaves, cerrados e guardados por dez homens armados, eu parto, resigno-me a partir, evito uma chacina, apronta uma sumaca que navegue encostada a terra até à Bahia, aconselha Simão Ribas, Joaquim de Almeida, Vidal Rabelo e Pereira da Gama a fugirem comigo, perdão, a partirem comigo, partiremos ao fim do dia. Joaquim de Almeida e Simão Ribas mandaram os escravos buscar os arcazes à praia, enterrados sob um batel apodrecido e prepararam-se para abandonar a família, crentes de que, devido à idade, não regressariam vivos ao Recife, ordenavam a filhos e genros

que, se isso acontecesse, custasse o que custasse, trasladassem os seus corpos, enterrados definitivamente na santa terra do Recife. Vidal Rabelo instruiu Lula e mãe Anália a não resistirem, se houver saque fujam para um convento, vão-se os anéis, ficam os dedos, disse; olhou para mãe Anália, esta acenou que sim, apontando para um baú, toda a riqueza de Vidal Rabelo, o cúmulo de cinquenta anos de trabalho de seu pai, Miguel Rabelo; se ficasse sem a casa e sem os armazéns reconstruiria a sua vida na Bahia, partiria com Lula, mãe Anália e suas meias-irmãs para o Recôncavo,

procuraria terra de massapê e tornar-se-ia senhor de engenho, não aqui no Pernambuco, mas na Bahia, terra mais livre e igualitária, viveria no sertão, longe de tudo e de todos, rememorando para sempre a doce recordação do rosto de Leonor, não suportaria viver no Recife sem a sua doce Leonor. Dois escravos arrastaram a arca para a carroça, onde, na boleia, esperava o dr. Domingos Pereira da Gama; Vidal Rabelo abraçou mãe Anália, chorosa, compondo um coro lacrimoso com as filhas, abraçou Lula, leva-as para o convento dos Nery, são-nos fiéis, não defendas a casa, tens de viver para

sustentar Anélia, a carroça avançou, Lula saltou para o estrado traseiro, sentando-se no baú, de bacamarte espoletado, para o defender. Do cais, ao longe, sobressaíam os vultos de Sebastião, Joaquim de Almeida e Simão Ribas da amurada da sumaca. O mariola fixou o batel contra o molhe, os escravos manobravam as cordas e o baú de Vidal Rabelo desceu; o dr. Domingos Pereira da Gama, desequilibrado, inexperiente, saltou, agarrou-se ao marinheiro, que o sentou na travessa traseira, Vidal Rabelo olhou para o casario do Recife, custava-lhe partir, assim, sem luta,

como um cobarde, era como se dissesse adeus a Leonor e ao Recife, os dois fins da sua vida, talvez regressasse com a armada real do governador-geral do Brasil, sediada na Bahia, era a sua esperança; por enquanto, nada havia a fazer, abraçou Lula de novo, saltou para o batel, equilibrado. Quando o mariola desamarrava o cordame do espirão de ferro do cais, preparando os remos, fincando o da esquerda ao muro de pedra, empurrando-o, dando força e velocidade ao barquéu, Lula atirou um grito, ajoelhando-se, agarrando-se ao cabo do remo, esperem, esperem, disse

ele, Julinho aproxima-se. Solto e preso ao mesmo tempo, o batel oscilava, ora afastando-se, arrastando Lula, ora aproximando-se, batendo de proa contra a pedra da amurada, o mariola amuava, está muito pesado, disse, ou encostamos ou zarpamos, assim viramos, disse. Julinho chegava, saltava do cavalo, corria para o bordo do molhe, gritando, recado de d. Leonor. Vidal Rabelo saltou no barquito, o mariola gritou para o barco como se gritasse para um burro, xô, xô, heióóó, aquieta-te, meu malandro, Vidal Rabelo, de pernas erectas e abertas, como duas colunas fixas,

equilibrando-se no balouçar inquieto do barco, erguia um braço para a ponta da amurada e Julinho, espojado, de corpo estendido, esticava o braço com a réstia de folha verde de palmeira para Vidal Rabelo. Este desdobrou a folha de palmeira e, pontilhado a alfinete na película esponjosa da folha, Vidal Rabelo leu o seu futuro em incertas letras que, todas juntas, diziam, Rapta-me.

O RECIFE É NOSSO! O RECIFE É NOSSO!

Como reis da floresta, arrastando o

seu bando e as suas vacas, convergiam os senhores de engenho para Afogados, recebidos por Bernardo Vieira de Mello, que distribuía os homens pelos terços de Pedro Ribeiro da Silva, Porão Escorço e frei Maria do Amor Divino. No Recife, os moradores falavam em dois mil homens acampados nos Afogados e a palavra saque corria em pânico pelas ruas. As igrejas e os conventos abriam os portões, acolhendo quem neles se sentisse mais seguro, dormindo nas naves e nos claustros, mas os mascates, pregados a suas casas, enterrando a «burra» nas dunas da

praia ou no quintal, a dez braças de fundura, hesitavam em abandonar tudo o que tinham construído a partir do nada que fora a sua chegada ao Pernambuco. No Bairro dos Judeus, Simão Mendes implorava a protecção do senhor bispo, somos sempre os primeiros a ser dizimados, clamava, do episcopado informavam-no de que o senhor bispo se encontrava na Paraíba, inspeccionando com rigor as práticas litúrgicas das igrejas locais, não vá por lá aparecer um novo frei Maria. No dia seguinte à partida do governador, em 8 de Novembro, Barbosa de Lima, cerrando no socavão

do Palácio das Torres o tabelionário oficial do Pernambuco, buscou Valençuela Ortiz e informou-o do que este já sabia, Sebastião Castro Caldas fugira, pediu-lhe que, como juiz, fosse a Afogados negociar a entrada das milícias no Recife, evitando o saque e o morticínio. A três oficiais com uma tropada de soldados, Barbosa de Lima encarregou-os de encontrarem o bispo na Paraíba e de o trazerem com urgência, escoltando-o até ao Recife, a situação assim o exigia. Valençuela Ortiz procurou Bernardo Vieira de Mello e anunciou a vitória do levantamento mazombo. Vieira de

Mello atravessou o acampamento clamando, vitória, vitória!, o Recife é nosso!, o Recife é nosso!, o governador fugiu!; por onde passava, hurras de vitória e aclamações de combate estrondeavam, ecoando como trovões; do arraial, um grito retumbante repercutia, uníssono, compassado, o Recife é nosso!, o Recife é nosso!, a matutada elevava a gadanha, o chuço, a zagaia, a catana, dançando, imitando o salto do cavalo, chupava cana de dentes esbranquiçados do açúcar, acompanhando-a com zurrapa licorosa, embebedando-se, o refrão rítmico, o

Recife é nosso!, o Recife é nosso!, perfazia o elo de união entre os sertanejos, manifestando o desejo de posse e saque. Os chefes mazombos reuniram-se na sombra copada do vasto tamarineiro, o povo tem de ficar bem, diziam, há-de ser sorte que o povo fique bem, rediziam, regressar às suas roças com algo de seu, rerrediziam, a jornada não pode ficar por aqui, afiançava Tavares de Olanda, é varrer aquilo, elevava a voz um dos senhores, respaldando os braços anchos no chochudo saliente da barriga. Valençuela Ortiz lembrou que era juiz de el-rei, que, com a saída de

Inácio de Arouche de ouvidor-mor, havia promessas de ser ele o novo ouvidor-mor, responsável pela justiça no Pernambuco, estava ali para os ajustes, de que a justiça se faz, não para a violência, muito menos para o saque, com ele não havia saque; Bernardo Vieira de Mello varou-o com o olhar, movimentou os braços como um condenado, fazendo ouvir o seu rouco vozeirão, não nos venha vossa senhoria encomendar sermões que em tempo de guerra não se limpam armas e se fosse Sebastião a vencer estaríamos todos de pescoço a baloiçar ao vento, acuados pela onça

parideira; Valençuela Ortiz recordou que não houvera combate, guerra, batalha, luta, Sebastião fugira com o rabo entre as pernas, os chefes mascates fugiram, não é justo que a raia-miúda sofra. Os velhos João Cavalcanti e Domingos Bezerra puseram-se ao lado de Valençuela, Bernardo Vieira de Mello ripostou, furibundo, ouçam-se os chefes dos terços, eles ouviram os seus homens, sabem o que os seus homens querem, e frei Maria do Amor Divino, esganiçado, estrídulo, sumido de peito como um caniço ao vento, soletrando as contas do rosário com os dedos

ágeis, disse, os meus homens querem o Recife a arder, queimado, de Boa Vista a Santo António, faça-se a maior fogueira do Brasil, piras de corpos do tamanho deste tamarineiro consumidas em labaredas santas, João Cavalcanti levantou a mão vociferando, calem este doido; Porão Escorço foi humilde, falou de cabeça baixa frente aos senhores nobres, mas foi directo, o saque, querem o saque, não voltam a suas roças de mãos a abanar, Domingos Bezerra interrompeu arrogante, como um senhor da guerra, voltam para as suas roças como nós lhes dissermos que voltem, se lhes

ordenarmos que voltem a nado pelo Capibaribe eles voltam, e quem não voltar encosta-se a este tamarineiro e decapitamo-lo, para enfeitar os ramos, que estão um pouco safos, Leonardo Bezerra Cavalcanti enfatizou, são os nossos homens, se nos levantamos em guerra eles levantam-se, se nos amochamos eles morrem por nós, não têm querer, João Cavalcanti confirmou, era o que faltava, livrarmo-nos dos mascates para cairmos nas mãos dos peões; Pedro Ribeiro da Silva tinha uma proposta, mas Domingos Bezerra interrompeu de novo, qualquer decisão nossa deverá ter em conta que daqui a

uns meses o açúcar está no cais e quem o exporta são os mascates; substituímo-los, regougou Vieira de Mello, e as cartas de crédito que eles possuem?, lançou Leonardo; rasgamo-las, bradou Vieira de Mello, começamos de novo, Domingos Bezerra olhou para o lado, para os dois filhos, pedindo que calassem aquele velhaco extremado do Vieira de Mello, e quem nos dá o dinheiro para continuarmos as safras e repararmos os engenhos?, se não pagarmos aos mascates o que lhes devemos sobra-nos dinheiro, ripostou Vieira de Mello, João Cavalcanti terminou o arrazoado,

e perante el-rei, perante a corte, perante Lisboa, perante os atravessadores de açúcar, perante a Bahia, ganhávamos dinheiro e perdíamos a honra, isto supondo que nenhum destes reagia e que os atravessadores, sabendo-nos com a corda na garganta, não nos obrigavam a vender o açúcar ao preço da uva mijona, é isto que tu queres, Bernardo, ganhar dinheiro e perder a honra?, este contestou, se perante el-rei de Portugal e a sua quadrilha perdemos a honra, mudemos de el-rei que não só el-rei de Portugal é rei; Domingos Bezerra achou atrevimento excessivo de

Bernardo Vieira de Mello apelar claramente para que se entregasse o Pernambuco aos franceses, lanças-nos numa guerra, terás aí a armada portuguesa e a armada francesa em guerra e quem perderá?, diz-me, quem perderá?, ganhe Portugal ou ganhe a França, nós perderemos, ficaremos com o açúcar nos caixotes e a honra devassada, a sustentarmo-nos de mandioca e feijão, como um pé-rapado. Pedro Ribeiro da Silva insistiu na sua proposta, sensata, parecia-lhe, se o Sebastião mandou o Recife iluminar-se por três noites consecutivas no acto de elevação a

cidade, nós forçamo-lo agora a três noites de escuridão plena e, por cada manhã, cada terço rural entra no Recife desfilando pelas ruas, arraiando nos largos principais, levamos as vacas e fazemos uma festa inesquecível de vitória, rebentando com o pelourinho, anulando tudo o que os mascates levantaram, repondo a situação como estava, fica tudo como antigamente. Depois da festa, cada senhor de engenho dispersa as suas gentes, prometendo-lhes compensações futuras, uma catana nova, um novo arroteamento de terra, sementes de fumo ou de algodão, roupraria para os

filhos, socas para as mulheres, uma pele de carneiro para o matuto. Os senhores de engenho aplaudiram, a proposta agradou a todos, ocupação do centro do Recife com arraial de vitória, distraía os matutos e humilhava os recifenses, e, mais importante, a escuridão plena a todos agradava porque sombras com sombras se cosem e breu no breu se mistura e entre as sombras e o breu muito se pode alcançar.

Valençuela Ortiz ocorreu ao Recife, procurando Barbosa de Lima, dirigiram-se ambos à cadeia, libertando André Figueiredo Dias, que

se acompanhava de d. Lourença e Leonor Barbalho. André partiu imediatamente para Afogados e as duas senhoras, abrandadas, regressaram a Olinda.

Lula insistia que Julinho devia partir para Olinda ou Camaragibe, defender a sua loja ou Violante Dias, mas Julinho não deixou o amigo e mãe Anália, sentia-se responsável pelo sobrado de Vidal Rabelo, Violante estava defendida e a loja, se se perdesse, reconstruía-se, com perda de dinheiro, é certo, mas reconstruía-se, os dois amigos trouxeram uma barrica de pólvora e estopim de um dos galpões

de Vidal Rabelo e, com os escravos, aplicaram no sobrado o plano de Julinho em Camaragibe, quem ousasse assaltar a casa de Vidal Rabelo pagaria com a vida. A cavalo, Barbosa de Lima, com dez soldados dispersos, atravessavam as ruas do Recife, recomendando que se cerrassem portas e portadas, a população se resguardasse nas igrejas e conventos; Valençuela Ortiz acorreu aos armazéns d'el-rei, onde se guardava o quinto do açúcar, fumo, sal e pau-brasil, mandou cercar tudo com a guarnição do forte das Cinco Pontas e certificou-se de que o arsenal, no Brum, havia sido

fechado e vigiado. Barbosa de Lima e Valençuela reuniram-se com os abades e principais dos conventos e dispuseram em cada praça um palanque para diariamente se rezar missa a favor da paz, calmando as milícias, prepararam os frades para, mal os rurais entrassem no Recife, duas alas de fradalhada os acompanhasse lateralmente, ao modo de uma procissão.

Por três dias, a turbamulta dos matutos desceu dos Afogados a Santo António, à Boa Vista e ao Bairro do Recife, atravessando as ruas desertas, ostentando os chuços, as azagaias, as

gadanhas, as forquilhas e as catanas, elevadas como hastes, berrando incessantemente, o Recife é nosso! o Recife é nosso! Valençuela gritava, viva el-rei d. João e viva o povo, mas ninguém lhe ligava, os matutéus continuavam, o Recife é nosso! o Recife é nosso! Mil cabras-do-mato espalhavam-se pelos largos onde Pedro Ribeiro da Silva e José Tavares de Olanda tinham providenciado assadores gigantes de gradil de ferro sobre fogueiras de gravetos de macadeiro, esturricando as primeiras postas de vaca; do açougue do Recife, junto a Fora-de-Portas, viera a

totalidade da carne encontrada, a verde e a salgada; porém, não fossem as manadas dos senhores de engenho, os caipiras teriam passado fome. Barbosa de Lima conseguira zurrapa de açúcar e dispusera três ou quatro tonéis em cada praça. Porão Escorço levara os seus homens pelos arrabaldes do Bairro dos Judeus e passeava-se de cavalo preto pelas ruas deste, enxergando cada casa, inspeccionando-a, procurando indícios de riqueza, mas no interior das casas a escuridão era plena. Frei Maria do Amor Divino exigia dos prelados do Recife um convento só para si, mesmo

arruinado, os seus amigos mazombos haviam de reconstruí-lo, os abades, atemorizados, olhando para a clavina pendida do ombro e a catana suspensa do rosário, alegavam apenas o bispo poder autorizar a concessão, frei Maria que estanciasse num dos conventos até sua eminência chegar, e cada abade apontava para os outros, mas frei Maria não gostava do bispo, perseguira-o e excomungara-o, precisava de se impor ao bispo, não ficar à mercê daquele cata-vento, pensava. Porão Escorço recordou-se do sobrado de Vidal Rabelo e, na primeira noite, desviando-se do Bairro

dos Judeus, puxou dez mamelucos para si e, acolitados pela escuridão plena, preparou-se para o assaltar, mas Pedro Ribeiro da Silva e Bernardo Vieira de Mello, vendo-os atravessarem o Corpo Santo, chamaram-nos e deram-lhes ordem de dinamitarem o pelourinho. Sob a escuridão plena do Recife, cortada por fímbrias de luz provenientes dos assadores, envolto no breu circundante, como se um manto preto tivesse caído sobre os ilhéus, Porão Escorço mandou acender cinco brandões altos e grossos em torno do pelourinho, compondo-lhe uma coroa de fogo. Os mamelucos aparelharam

um rastilho de pólvora, cercando a base, e um estopim enroscado em torno do obelisco, no cimo do qual depositaram montículos de pólvora. Acendida a mecha, a pólvora explodiu por três vezes, esmigalhando o pelourinho em mil pedaços, abrindo-se num estampido amarelo-alaranjado que alegrou os chefes mazombos, sentados ao fundo do Corpo Santo, bebendo cachaça por copázios de madeira rasca.

Na segunda noite, deu-se o saque seleccionado que Barbosa de Lima receava e não pôde evitar. Casas escolhidas a dedo foram assaltadas,

algumas queimadas, em todas procurado ouro, prata e dinheiro e, sobretudo, notas de crédito das dívidas dos mazombos aos mascates, nada fora encontrado, os seus proprietários haviam-se recolhido em conventos e levado toda a riqueza móvel. Pouco fora o resultado do saque e os velhos mazombos não escondiam a sua irritação, Bernardo Vieira de Mello evidenciava a sua furibundeza, clamando, deixaram-nos o esqueleto das casas e levaram consigo a carne e o sangue. Porão Escorço tentara assaltar a casa de Vidal Rabelo, e fora surpreendido com as linhas de pólvora

espalhadas no terreno, que se acendiam inesperadamente, rebentando no corpo dos mamelucos. Bernardo Vieira de Mello soubera e dissera a Porão Escorço, não vale a pena perderem-se mais homens, nada de valor lá está, só mercadorias e escravos, talvez Lula e Julinho, a riqueza levou-a Vidal Rabelo para a Bahia; mais tarde serás recompensado, fora esta frase que retraíra Porão Escorço, abandonando o assalto à casa.

Na terceira noite, a matulada compusera um gigantão de palha arremedando a figura de Sebastião

Castro Caldas e, sob a risota desbragada dos rústicos, afogados em carne de vaca e zurrapa, ansiando regressar a suas choças, lançaram-lhe fogo, iluminando de novo a escuridão plena da noite do Recife. Na madrugada do quarto dia, Pedro Ribeiro da Silva, inquieto com o estado da sua fazenda de Santo Antão, retirava os seus homens, fora o primeiro, logo os senhores de engenho mandaram dispersar, uns acompanhando os seus cabras, outros recolhendo a Olinda, a casas de parentes.

Desde a primeira noite, os chefes mazombos com casa em Olinda tinham-se retirado para esta vila, deslocando-se a espaços ao Recife. Fora convocada uma assembleia de todos os nobres no salão do Senado da Câmara de Olinda, procurava-se uma nova forma de governo que substituísse a autoridade de Sebastião Castro Caldas. Entre as varas e os pendões da soberania de Olinda, dispostos pela sala, sentaram-se os nobres mazombos em conferência geral, assistidos pelos senhores de engenho do sertão,

comprometidos com o levante. João Cavalvanti presidia à cabeceira principal e Domingos Bezerra vice-presidia a outra cabeceira. A sala apinhara-se com o conclave, os representantes dos grandes proprietários do Cabo, atrasados, tiveram de furar entre os retardatários que se acumulavam junto ao umbral da porta, João Cavalcanti dera por aberto o que designara por congresso dos povos do Pernambuco em acto de decisão sobre o futuro desta capitania. André Figueiredo Dias, Bernardo Vieira de Mello e José Tavares de Olanda, os mais activos entre os

presentes, recolhiam adesões para o seu projecto de governadoria, Domingos Bezerra olhava de ponta os três nobres, adivinhando borrasca, Vieira de Mello era recalcitrante com todos os mascates, confundindo mascates com reinóis e portugueses, ia Domingos Bezerra explanando à sessão sem se referir a Vieira de Mello, não podemos misturar as duas coisas, dizia ele, directo, mascates e reinóis, estes são todos os portugueses, todos, até o bispo e Manelinho, e os nossos avós e alguns dos nossos pais, todos viemos de Portugal, somos reinóis, dizia, batendo avulsamente

com a mão no peito, dando força às palavras, mascates são os reinóis sem maneiras, vivos à custa de dinheiro, obrando para ganhá-lo, confundindo virtude, honra, lealdade com dinheiro, onde estiver o poder do dinheiro aí está a mascataria, mirava o auditório, de olhos saídos entre as sobrancelhas grossas, bigode farto, recolhendo o efeito das suas palavras, que preparara previamente com os filhos e João Cavalcanti, como o denunciava a constante troca de olhares, Domingos Bezerra continuava, os nossos avós, portugueses, viviam da terra e com o seu ganho se contentavam, arrecadando

o suficiente para construírem a casa-grande, escolherem os melhores cavalos e os melhores pretos, era então o açúcar entregue à capitania, que lhe sacava o quinto e o expedia para Lisboa, devolvendo-no-lo em forma de dinheiro, as terras, não as pagávamos, ocupávamo-las expulsando os índios, ajustando as extremas com o governador, a quem compensávamos; os brotos de açúcar, os melhores, vinham da ilha da Madeira, mandados por el-rei, e, depois, mais tarde, do Recôncavo bahiano, terra-mãe do açúcar no Brasil, nós seleccionávamos os espécimes e trocávamo-los como

companheiros, as canavieiras cresciam, o açúcar expandia-se e o dinheiro afluía, quem carecesse de mais terra dava uma palavra ao governador, o meu pai dava-a do terreiro para a janela da casa do governador, e falavam assim, o meu pai cá em baixo, o governador lá em cima, e ajustavam-se, estendiam-se as terras no termo que não confluísse com a do vizinho branco, desmatava-se, queimava-se, abria-se nova canavieira; a mim, levou-me a uma chapada e disse-me, daqui até à lagoa do Peixe Morto não tem dono, eu falo com o governador e fica para ti, é hoje o meu

engenho. Os holandeses foram a nossa maior desgraça, arrasaram e queimaram Olinda, abriram Maurícia, a terra do governador deles, Maurício de Nassau, o actual Recife. Na Bahia, os senhores de engenho sempre exportaram o açúcar, não precisaram de mascates, é chegar ao cais e negociar com os atravessadores dos barcos. Em Olinda, quando expulsámos os holandeses e olhámos para os nossos engenhos, só podíamos chorar e arrancar as barbas, tudo devastado, as bolsas endividadas, foram os mascates que nos ajudaram, não tínhamos dinheiro para a

reconstrução de Olinda e dos nossos engenhos, os mascates socorreram-nos, emprestando-nos capital, e assim tem continuado, el-rei de Portugal afidalgou-nos, reconhecendo a nossa luta na reconquista do Pernambuco, mas a riqueza do quinto vem-lhe da mascataria, dividiu-se entre a nossa nobreza e o lucro dos mascates. Há meses, mal aconselhado, el-rei tombou para o lado dos mascates, elevando o Recife a vila, e nós, repondo a justiça dos povos, deitámos abaixo o pelourinho e voltámos a dominar o Recife. O passo foi justo, mas foi forte, legítimo mas ilegal, e el-rei,

continuando mal aconselhado, pode interpretar o nosso combate pela justiça como desobediência de súbditos ingratos. Há, agora, que amansar a nossa revolta, suavizando-a, primeiro entregando o poder do Pernambuco a d. Álvaro Manuel da Costa, provando que não depusemos o governador motivados por interesses de contestação ao rei, mas por abuso de actuação de Sebastião Castro Caldas; segundo, fazendo chegar a sua majestade e ao Conselho Ultramarino as medidas que intentamos justas para o Pernambuco. Não vejo que mais possamos fazer, disse Domingos

Bezerra, pigarreando, recolhendo as mãos por baixo da mesa, indicando que terminara. João Cavalcanti ergueu as mãos da mesa para aplaudir, provocando a aceitação generalizada das palavras de Bezerra. Bernardo Vieira de Mello adiantou a sua voz roufa, clamando que Domingos Bezerra, a quem respeitava e de quem era amigo leal, falara como súbdito de el-rei, fora a voz de Portugal que aqui se fizera ouvir, de quem, tirante as terras primitivas, que nos foram doadas à custa do esforço de desbravação do sertão, nunca o Pernambuco recebeu algo, nada, e

Vieira de Mello alçou as mãos vazias, mostrando-as a todos, nada de nada, nada pela nossa luta contra a selvajaria dos índios, por nós dizimados, ou pelos nossos ascendentes; nada contra os pretos quilombolas, por nós exterminados nos Palmares; nada contra os holandeses, por nós expulsos, neste caso lutando também contra Portugal, que queria entregar o Pernambuco à Holanda. Porém, desde há cinquenta anos que, para se ver livre da peonagem pobre do Minho, el-rei nos manda anualmente levas de reinóis, rústicos, sujos, malcriados, que aqui sobrevivem em choças,

tragando mandioca amarga e rilhando inhame cru como os macacos, aforrando vintém a vintém. Nós, pernambucanos, Vieira de Mello arrastava esta palavra e repetia-a, pernambucanos, despertando entre os grandes proprietários o sentimento nativista e o orgulho brasílico, nada devemos a el-rei de Portugal e nenhum trato fizemos com ele que não possamos fazer com outro rei. João Cavalcanti olhava incomodado para a assistência e, com a mão, ia simulando o gesto de cortar o pescoço, querendo com tal dizer que as palavras de Bernardo Vieira de Mello levariam à

decapitação geral dos senhores de engenho pelo novo governador, que os acusaria, não de revolta contra o governador, mas de sedição contra o reino de Portugal. Domingos Bezerra, intempestivo de seu natural, interrompeu com o hábito de grande senhor, evidenciando o seu desacordo, tão extremadas são sempre as palavras de Vieira de Mello que não nos admiraremos se, como esse frade doido que anda por aí, o frei Maria, pedir a queimança de todo o Recife; Domingos Bezerra sabia que Bernardo Vieira de Mello tal nunca pediria, mas era um modo de o ridicularizar,

identificando a sua posição com a de frei Maria do Amor Divino. Sorrisos farsistas abriram-se entre o auditório. Vieira de Mello, calmo, brando, continuou, sejamos dignos daqueles que, ao contrário dos portugueses, tudo nos deram, nossos pais e nossos avós, sejamos dignos desta nossa terra pela qual estamos dispostos a verter o nosso sangue, desprezando a nossa vida, Vieira de Mello martelava continuamente a palavra nossa, foi o Pernambuco que se entranhou na nossa alma junto com o leite da nossa mãe e os afagos de nossas vós pretas, não deitem a perder o que acabámos de

ganhar, ganhámos o Recife, podemos ganhar o Pernambuco, expulsámos o Sebastião, podemos expulsar os portugueses, não entreguemos o Pernambuco de mão beijada ao bispo ou ao novo governador. Domingos Bezerra, impaciente, voltou a interromper, quebrando a torrente oratória de Bernardo Vieira de Mello, o que nos propões, Bernardo?, di-lo de uma vez, Bernardo Vieira de Mello, estufando o peito, gorgolejando, aligeirando a voz roufa, afagando a barriga acanastrada, repuxando o mustacho de pontas espessas, proferiu solenemente o discurso de antemão

preparado com José Tavares de Olanda e André Figueiredo Dias que para sempre dividirá os historiadores, separados entre os crédulos, confiantes de que Vieira de Mello se pronunciara como primeiro republicano do Brasil, exigindo, em 1710, a independência do Pernambuco da coroa portuguesa, e os que, mesmo aceitando que Bernardo Vieira de Mello tenha proferido este discurso, de que não há prova histórica directa, por se ter perdido a acta da reunião, encaram o seu teor ideológico não como manifestação de republicanismo activo, para mais provindo de um chefe mazombo, mas

como expressão de revolta contra Portugal e desejo de libertação de um jugo considerado injusto e opressor:

Se declarassem [os reunintes no Senado da Câmara de Olinda] *em república* ***ad instar*** (ao modo) *dos venezianos, cortando* (contestando) *todas as dificuldades com a pintura* (o auxílio) *dos recursos que havia, assim para resistirem como para se retirarem* (para o sertão) *em caso de desgraça, sem lhes esquecerem* (fazendo como tinham feito) *os mesmos Palmares do recente Zumbi* (isto é, fazendo guerra volante, guerra de guerrilha). *Concluía afinal ser*

melhor, em caso de desgraça, entregar-se aos polidos e guerreiros franceses do que servir aos grosseiros, malcriados e ingratíssimos mascates.

Cavalcanti ergueu-se, perturbado, Bernardo Vieira de Mello alvitrara que os mazombos se deviam governar a si próprios, como os venezianos, com leis próprias, sem rei, proclamando a independência do Pernambuco; se necessário, recolhidos na mata, combateriam os portugueses com uma guerra volante, como fizera o rei Zumbi dos Palmares contra os mazombos; se a independência não

fosse possível, que se aclamasse o rei de França como suserano do Pernambuco. Intenso o silêncio entre a assistência, feito de uma só peça, nenhuma bota ferrada se mexia, nenhum dedo se esticava, nenhuma sobrancelha se endireitava. Erguido, João Cavalcanti desprezava outras intervenções, somos um conselho, disse, não somos uma república, onde cada um diz o que quer, era o que os mascates queriam, primeiro que nos dividíssemos e, segundo, que proclamássemos a separação de Portugal, já tinham um motivo, e fundado, para que a armada

portuguesa, vinda da Mina, vinda de Luanda, vinda de Lisboa, vinda da Bahia e do Rio de Janeiro, fundeasse aqui, no Recife, com dois mil homens e cinquenta canhões e nos fuzilasse. André Figueiredo Dias, manifestando a sua autoridade de único prisioneiro dos mascates, esboçou uma intervenção, ainda se ouviu, como Bernardo Vieira de Mello disse…, mas João Cavalcanti cortou-lhe a palavra, aqui ninguém fala mais, já muito se falou, as posições estão definidas, de um lado entregar o governo da capitania a d. Álvaro Manuel da Costa, e a proposta

extremada e insensata de Bernardo Vieira de Mello, a independência do Pernambuco, a luta volante na mata contra as tropas portugueses e, em caso de não conseguirmos subsistir, declararmo-nos súbditos do rei francês, cujo nome desconheço, disse Cavalcanti, nem quero conhecer. Eu e Domingos Bezerra votamos na primeira e é esta que ora pomos à votação. Recebeu amplíssima adesão, a de Bernardo Vieira de Mello recebeu dois votos para além do seu, o de André Figueiredo Dias e o de José Tavares de Olanda. O Pernambuco continuava português.

Pânico no Recife, perdão em Olinda

Finalmente, d. Álvaro Manuel da Costa regressara da Paraíba, dirigira-se ao Recife e contemplara longamente o buraco cavado no Corpo Santo pela explosão do pelourinho, Barbosa de Lima recebera-o, d. Álvaro da Costa comentara languidamente, os homens!, e partira de imediato para Olinda, com saudades das mãos da Sebastiana. No caminho, André Figueiredo Dias juntara-se à comitiva do bispo, abraçando efusivamente José Inácio de Arouche, informando Manelinho de

que fora nomeado pelo Senado da Câmara de Olinda como uma espécie de secretário civil do senhor bispo. Manelinho torceu o nariz, sua eminência não gosta de se sentir preso, disse, decide em consciência e não segundo parcialidades, André respondeu, é exactamente isso que eu venho garantir, que o senhor bispo decida em consciência. João Cavalcanti, Domingos Bezerra, Leonardo Bezerra Cavalcanti, Bernardo Vieira de Mello, José Tavares de Olanda desciam de Olinda ao Recife e saudaram o senhor bispo, marcando a data da nomeação.

Barbosa de Lima esperava-os à entrada do Recife, em Fora-de-Portas, dirigiram-se ao Palácio das Torres e Barbosa de Lima foi intimado a entregar o cofre dos pelouros da recente Câmara do Recife; Barbosa de Lima, corajoso, recusou-se, alegou crime contra a governadoria, punido com enforcamento, Valençuela Ortiz, diplomata, informou-o de que testemunharia que Barbosa de Lima agira sob coacção de vida, este foi ao socavão do palácio e regressou com um cofrinho lacado, cerrado a três chaves de volta, destinado a ser aberto em sessão pública no Corpo Santo e o

seu conteúdo queimado, suprimindo a documentação que provava a elevação do Recife a vila. Porão Escorço e os seus mamelucos arrastaram para o centro da praça os mascates nomeados como almotacéis, meirinhos, aguazis e cabos de polícia, arrancaram-lhes as insígnias oficiais, esbofeteando-os à frente dos familiares e do povo mascateiro. Finda a sessão de desagravamento de Olinda, Porão Escorço seguiu dois dos mascates descompostos e assaltou-os, roubando-lhes os anéis e os crucifixos em ouro. Espalhada a notícia, matutos integrantes das escoltas dos senhores

de engenho desciam ao Recife a horas mortas, buscando avidamente mulheres de crucifixo de prata ou de ouro ao peito e homens com anéis; aquelas e estes corriam para as igrejas, mas os rapapés, socando o pároco, penetravam nas sacristias e arrancavam à força o ouro e a prata. Um mascate que resistira, defendendo o rosário em casquinha da mulher, fora varrido à pancada de porrete e deixado a sangrar no portão da Madre de Deus. Informados, os senhores de engenho alegavam que tanto pecador é o tentado como o tentador e que os mascates eram assaltados por vaidade e

ostentação, mostrando pelas ruas o efeito dos seus roubos no preço de açúcar. André Figueiredo Dias encarregou Porão Escorço, o animal do Arroxeado e um bandonote de mamelucos de queimarem a canavieira do engenho de Vidal Rabelo, rente a Olinda, antiga propriedade do pai defunto de Leonor Barbalho, entregue a Miguel Rabelo por decisão judicial por cúmulo de dívidas nunca saldadas. Mascarados, de pano de cetim preto enrolado na cabeça, buracos abertos nos olhos e na boca, cavalgando à disparada, lançando chumbo de arcabuz, saquearam o antigo engenho

Barbalho, agora Rabelo, matando o mestre-de-açúcar, um machicoense recentemente chegado ao Recife, dispersando para a mata a escravaria assustada; enquanto os mamelucos dispunham as brasas nos vértices de um quadrado, ateando-as, alastrando o fogo pela canaria seca, Porão Escorço infiltrou-se na casa-grande com um saco de estamenha e abasteceu-se de candelabros, tocheiros e baixelas de prata, um terço de rubis que enrolava o colo de Nossa Senhora do Almeijão, uma cruz sólida banhada a ouro e um crucifixo de madrepérola entalhado em base de marfim; prenunciando Porão

Escorço que as portas do oratório a S. José tinham sido aspergidas a pó de ouro em tinta azul, arrancou-as, envolvendo-as em toalhas de camilha. Quando chegou a Olinda, acorreu a André Figueiredo Dias informando-o, espantado, de que a casa-grande do engenho Barbalho já fora assaltada por uns matutos que, pela descrição dos escravos, deveriam pertencer ao bando de Pedro Ribeiro da Silva, quando este se retirara de Afogados. André Figueiredo Dias tratou pessoalmente da casa de Luís de Mendonça, em Olinda, o provedor da Santa Casa da Misericórdia cúmplice de Sebastião

Castro Caldas contra a eleição de José Inácio de Arouche, tendo o cuidado de o avisar por um escravo que, nessa noite, a sua casa seria assaltada por uma cáfila de pés-rapados. Luís de Mendonça fugiu para Apipucos, onde possuía familiares, e a sua casa foi devastada, saqueada e, no fim, queimada. Durante três dias e três noites, o gradil do madeirame da casa de Luís de Mendonça consumiu-se em labaredas permanentes, atiçadas por um vento silvão baixo e rumorejante. No fim, o sobrado de Luís de Mendonça tornara-se um buraco enegrecido e fumarento, onde aqui e ali

brasas ardentes reviviam chamas fugazes, logo apagadas. Mazombos encapuzados, auxiliados pelo bando do Arroxeado, sem depararem resistência, encontrando milagrosamente as portas abertas, assaltaram a cadeia velha do Recife, arrastando para a rua o Aferventa, um escravo que há um ano matara à dentada um senhor de engenho do clã dos Uchoa, e, torturando-o com a ponta de azagaias, enforcaram-no no ramo maior da almenda da cadeia. Rodeado de pés-rapados, um primo de Domingos Bezerra apresentara-se em casa de um cirurgião mascateiro, emprestador de dinheiro, e solicitara-

lhe a nota de crédito das dívidas, fazendo tenção de pagá-las; o mascate entregou-lha, o senhor de engenho conferiu a importância e os juros, soma tal, assestou que sim, era mesmo aquela soma, depois rasgou o papel em pedacinhos, jogando-os na cara do médico; este, dando graças a Deus por não ter sido morto, passou o dia a colar os pedacinhos e a garantir que, nem que esperasse anos, décadas, a ele ou à sua descendência aquele filho-da-puta havia de pagar. Finalmente, o senhor bispo tomou posse como governador provisório do Pernambuco e, no mesmo dia, aconselhado por

André Figueiredo Dias, lançou um bando a apelar à paz entre Olinda e o Recife e um indulto geral aos conjurados no levante que, escrito por Manelinho, rezava assim:

Atendendo se acharem os povos desta capitania, desde o rio de S. Francisco até à Paraíba, sublevados contra o governador que deles era, Sebastião Castro Caldas, e ser necessário por bem do serviço d'el-rei, nosso senhor, que Deus guarde, aquietar o povo, visto o requerimento e causas que me expressaram ao tempo que tomei posse do governo deles, decidi em consciência, em

nome do dito senhor, perdoar, como perdoo, aos povos sublevados, o crime da dita sublevação, revolução e tiro dado ao dito senhor, confiado na grandeza d'el-rei, nosso senhor, que deus guarde, o haja de confirmar.

Julinho decidiu regressar a Olinda no dia da tomada de posse de d. Álvaro Manuel da Costa e retomar o seu trabalho, anunciando pelas casas a venda de víveres e mercadorias. Porém, a antiga casa de João Nunes fora devastada, cantareiras, camas, aparadores, cómodas, cadeiras, escanos, louçaria e roupariа, tudo tinha sido roubado, as portas e as portadas

das janelas arrancadas dos gonzos e levadas, as panelas, tachos, alguidares, garfões, facões, saqueados, num cómodo velho que servia de casa de arrumos Julinho encontrou a amásia de João Nunes, Fernanda Ferreira, degolada, estuprada, vestido descomposto, indicando luta; a sua loja, no térreo da casa, fora igualmente vandalizada, pouco roubada no entanto, as sacas de feijão esfaqueadas, este espalhado pelo chão de laje, as varas de pano desenroladas e rasgadas, as barricas de vinho e azeite entornadas, empapando o feijão; apenas tinham levado os fardos de

pele, denunciando a autoria, tinham sido os matutos, que se cobriam de peles, não usando roupas. Julinho foi chamar os frades domínicos para darem enterro a Fernanda Ferreira, cujo corpo anunciava decomposição, o principal dos dominicanos disse a Julinho que, em função dos prejuízos, se não quisesse ficar com a loja nada pagaria pelo aluguel, Julinho disse-lhe que iria repor tudo, não desistia à primeira, daí a uma semana andaria de novo pelas ruas vendendo as suas mercadorias. Apiedando-se de Julinho, Leonor convenceu d. Lourença a dispensar dois escravos para o

ajudarem e foi assim, falando com Julinho, que veio a saber que Vidal Rabelo partira para a Bahia, não regressa senão com o novo governador, disse Julinho, não menos de um ano. Leonor entristeceu-se, recolheu-se ao seu cómodo, abandonando o jardim e a costura, lacrimejando continuamente, em suspiros prolongados; d. Lourença recriminou-a, insistindo que em menos de dois anos a frota anual do reino havia de trazer a confirmação da anulação do seu casamento; Leonor mais se entristeceu, enlanguescendo-se melancólica. Da janela do seu quarto,

mirava longamente o raiar da aurora e o crepúsculo do poente, entretecendo as mãos nos seus lencinhos de baptista, salpicados de lágrimas tristes. Deixara de comer, alimentando-se a espaços de sucos de lima açucarados, de cuiazinhas de goiabada vermelha e de pamonhinhas de maçarocas de milho-bebé cozidas. D. Lourença mandava-a para a cozinha, a dirigir as criadas, Leonor suplicava-lhe que não lhe fizesse tal, preferia morrer, era o seu desejo mórbido, morrer, ir morrendo na contemplação da aurora e do crepúsculo sobre o mar de Olinda, que levara o seu amor. André Figueiredo

Dias já fizera saber que o segundo filho de Bernardo Vieira de Mello, Diogo, não se importaria de esperar pela anulação do casamento, seria um bom partido, co-herdeiro de dois engenhos, metade de uma vasta sesmaria e três casarões em Olinda, todos pintados a sangue-de-boi. D. Lourença festejara a notícia com licor de flor de jurema, mas Leonor, cordata, obediente a seus tios, apenas adoçara os lábios no bordo do cálice. Diogo Vieira de Mello habitava um engenho no fundo do Agreste, a uma semana de cavalo de Olinda e duas a três de carroça. Custou-lhe, mas

Leonor decidiu, queria recolher-se, preferia casar com Cristo a casar-se com um novo homem e disso informou os tios, o que lhe restava da herança dos pais seria doado como dote a um convento de recolectas. Leonor evitara o nome de Diogo Vieira de Mello, limitara-se a alegar que não suportaria outro casamento, a sua vida restante seria entregue a Deus, assim o desejava. Os tios resistiram, André, abrutalhado, argumentou, sobrinha maliciosa, tu não queres professar, tu sabes que não existem conventos de mulheres no Pernambuco, terás de ir para a Bahia, é o que tu queres, ir para

a Bahia, onde está o demónio do Vidal Rabelo. Entre lágrimas e harpejos, descomposta pelo ardor da resposta, de faces escarlates e lábios húmidos, olhos borbulhados, Leonor replicou que apenas desejava paz, a paz que o Senhor concede a quem nada mais espera da vida, os tios que a enviassem para um convento no reino ou para o novel convento das clarissas em Ouro Preto, no território de Minas, que recebia as órfãs dos emboabas desaparecidos na pesquisa de ouro e esmeraldas na serra da Mantiqueira, tragados por feras ou índios. André Figueiredo Dias, amaciado por d.

Lourença, exigiu a Leonor o tempo da anulação do casamento e, logo que este fosse anulado, se ela ainda desejasse entrar em clausura, ele empenhar-se-ia, assegurava-lho, desde que Leonor professasse no convento de Nossa Senhora do Desterro, em São Salvador, de reclusão total, portas e rótulas duplamente gradeadas. Leonor, contrita e contrariada, aceitou.

Julinho regressara ao Recife, deixando os dois escravos de d. Lourença a montarem novas portas e portadas, toscamente feitas por um mestre marceneiro judeu, aproveitando madeiras sobejantes de Camaragibe.

Por barcaça vinda de Camaragibe, Julinho soubera que nada acontecera a Violante Dias e ao seu engenho, prometendo uma visita para breve. Lula esperava que Vidal Rabelo lhe perdoasse a perda do engenho saqueado, fora a guerra, não o desleixo, diluía-se nos prejuízos, reafirmou Lula, que cada vez são maiores, ninguém compra nada a ninguém e o melhor cliente de Vidal Rabelo, os serviços da capitania, sem o Sebastião Castro Caldas, nem compravam nem pagavam o comprado. Com Anélia a seu lado e um bandenote de moleques ranhosos sentados a seus

pés, Lula confessou a Julinho que descobrira uma solução para, no futuro, se combaterem as milícias rurais, mas receava dizê-la, parecia absurda. Julinho riu-se, já conhecia Lula e sabia da sua generosidade, por vezes extremada. Pela calada, parecendo recear ser ouvido ou receando a sua própria ideia, Lula disse ao amigo que os matutos rústicos, cabras-do-mato de um cabrão, só podiam ser vencidos por outros iguais a eles; outros iguais a eles?, admirou-se Julinho, e quem são?, não estou a ver outros iguais a eles no Pernambuco, foi a vez de Lula

sorrir, e, com a voz grave anasalada, atirou ao amigo, os pretos, tão bárbaros na guerra como os matutos só os pretos das senzalas, não os quilombolas fujões, mas os escravos; se os mascates, ameaçados pelos mazombos, tivessem armado os seus escravos e formado um batalhão unido, sob controlo de oficiais brancos, os mazombos nem teriam arraiado nos Afogados, corridos à catanada. Julinho declarou boa a ideia, embora o arrepiasse imaginar o embate entre as duas legiões furiosas, feras contra feras, animais contra animais, Lula esclareceu, ah, venceriam os pretos;

como tens tanta certeza?, interrogou Julinho, porque a paga da vitória seria a liberdade para os pretos, disse Lula sorrindo, ora, ora, Lula, como podes pensar que os mascates libertariam assim de mão beijada os seus escravos?; não, não seria de mão beijada, eles dispunham-se a morrer pelos seus donos e, em troca, estes libertariam os sobreviventes, Julinho voltou a rir-se, comentando, não é nem boa, nem má ideia, é uma ideia esquisita, mas útil, o Sebastião não teria precisado de fugir, Vidal Rabelo estaria aqui connosco e Joaquim de Almeida ainda seria presidente da

Junta do Recife, e não viveríamos em constante pânico de aparecer a uma esquina um bando de matutos ou de mamelucos a roubarem o que quiserem. Mais, Julinho, sonhava Lula, nada nos garante que os pretos das fazendas e dos engenhos, sabendo da liberdade concedida aos seus irmãos do Recife, não se revoltassem, afogando à nascença a formação das milícias rurais. Sonhos, Lula, disse Julinho, os pretos não contam, já no Maranhão não contavam, lutam e morrem sem saber porquê e não desejam mais do que feijão com arroz e cachaça, muita cachaça. Mas tens

razão, Lula, se contassem outro galo cantaria no Brasil. O galo de Exu, disse Anélia, rindo-se, Lula irara-se, desferindo um pontapé num molequinho que se sentara nas suas botas, evitando a terra húmida, dizendo, mas hão-de contar.

Simão Mendes sossegou-se do seu permanente pânico de devassas de Porão Escorço quando, de liteira, arcada por duas parelhas de robustos pretos, viu chegar frei Diogo das Chagas Purificadas, espantando-se mal frei Diogo assomou a portinhola do andor e depôs a alpercata de couro mole no chão húmido. Frei Diogo,

redondo como um tonel, assemelhava-se a uma baleia do mar-oceano, de queixada tombada, baloiçante como apêndice de bofe, peitos redondos sobressalientes, barriga avantajada como negra prenhada, tronco sapudo maciço, pernas baixinhas, roliças como cepos, puxadas para o lado pela gordura das coxas, mãos anchas de dedos conchos; porém, mais do que espantado, Simão Mendes abismou-se com a grossura corpulenta de touro do pescoço de frei Diogo. Não sabia se havia de louvar ou lamentar, limitou-se a saudá-lo, agradecendo a Deus o seu regresso. Sob a batina castanha

apertada e pregueada, frei Diogo assemelhava-se a um pote quadrado de banhas donde refegos de carne gordurosa pendiam em cascatas bamboleantes. Mãe Anália, a pedido de Manelinho e Vidal Rabelo, quebrara o coiso-feito secreto que fizera a frei Diogo, curando-o da diarreia solta e, uma semana depois, apiedando-se do pobre frade, de corpo sumidinho, só pele e osso, deixara-lhe um cântaro de infusão de palha de milho com raízes de aspargo e folhas de erva-dos-cinco-dedos, a que juntara penas de rabo de galo moídas e sementes de funcho cozidas,

abençoando o angu da mistura com palavras propiciatórias na cacimba da aurora. O efeito desejado resultara em pleno, frei Diogo curara-se da soltura líquida e passara a sofrer de prisão ventral; enquanto bebericasse do chá, limpando as tripas, como mãe Anália aconselhara, toda a carne de frei Diogo retinha o que tragava, carne e peixe, verdura e fruta, líquido e gordura, e, cumprindo a sua função redentora, provocava à barriga do frade uma fome doida, nunca consumada. Ainda faltava um terço da beberagem e mãe Anália, deslocando-se ao cómodo de frei Diogo, mudado do hospitalário

para a mansão do bispo, sentiu remorsos, arrependeu-se ao ver frei Diogo banhento como uma baleia. Cheirando a boca do cântaro, alegou estar o chá talhado e frei Diogo curado, de mais não precisava, e trouxe o cântaro, despejando-o na raiz do mamoeiro do bispo, que num mês cresceu e dobrou de espessura, sugando a vida em redor, espantando Manelinho; de mais a mais, o mamoeiro, até então tão prolífero, tornara-se estéril, mamões não dava, Manelinho interpretou a estranheza do fenómeno como um aviso do Senhor, eram os mamões daquele mamoeiro

que Manelinho saboreava, às talhadas, à noite, no bailéu do palacete, sempre que no interior o bispo confessava Sebastiana. Tinha de refrear a fúria confessionária do senhor bispo, alertando-o para o sinal do mamoeiro estéril, Sebastiana filha de belzebu, o cara de cu, mulher de malas-artes, fora capaz de esterilizar o mameiro. Frei Diogo acertara a catequese dos judeus, aos domingos à tarde, depois da missa na Madre de Deus, a que todos os judeus se obrigavam a assistir, trazia uma boa nova, muito boa nova, já requisitara aos jesuítas duas imagens de Nossa Senhora para os nichos, eles

têm no colégio de Olinda uma mancheia delas, é só escolher, e, perante a admiração de Simão Mendes, frei Diogo, compondo os chumaços da gordura na batina nova, esclareceu, é para enviarem para as missões do Interior.

Frei Maria do Amor Divino vivia irado, permanentemente irado, prenunciando traição e perfídia em tudo o que cheirasse a mascataria. Queixara-se a João Cavalcanti e pedira a intercepção de Domingos Bezerra, o bispo não lhe falava nem o recebia, mandava Manelinho. Por trás, os dois mazombos achavam muito bem;

pela frente, esticavam a sobrancelha direita, silvavam os lábios nos entredentes, estalavam a língua no céu-da-boca, e lamentavam-se, chamando grande asno ao bispo, olhando para o fundo, como se alguém os chamasse de urgência. Frei Maria exigia o levantamento da excomunhão ou, pelo menos, a suspensão *ad aeternum,* dizia ele, assim mesmo; provara, alegava, que sem ele o Pernambuco ainda seria mascateiro e atirava abertamente à cara de Manelinho que, enquanto o senhor bispo se escapava para a Paraíba, catando macacos e sugando água de coco, ele tramara o atentado a

Sebastião Castro Caldas e dirigira o terço sagrado das milícias rurais, enviado por Nossa Senhora do Aviso para libertar o Recife. Manelinho calmava-o, declarava serem os seus ouvidos surdos sobre o atentado e exigia que frei Maria se confessasse a frei Diogo, seu superior; insultavam-se mutuamente: apóstata, clamava Manelinho, herético contumaz e rabecaz, insistia, elevando a voz burocrática, blasfemo, filho de um corifemo; frei Maria respondia, cloaca de pecados, malquisto, capacho do bispo, funcionário, filho de um otário. Por arrelia, Manelinho, afastando-o

dos franciscanos de frei Diogo, mandara alojar frei Maria do Amor Divino nos oratorianos de São Nery, no Recife, convento de parcialidade mascateira, frei Maria exigira uma ala do convento só para si, três noviços de serviço e a transformação da capela de Nossa Senhora Bernardette, Mãe de Graciette, em altar dedicado a Nossa Senhora do Aviso. Mirando a clavina e a catana de frei Maria, os espirituais a tudo obedeciam, rogando a Manelinho rapidamente o frade doido dali para fora. Foi o que Manelinho, armado de coragem, conivente com o bispo, lhe disse, não há lugar para frei Maria no

Pernambuco; eu já o sentia, respondeu este, Nossa Senhora do Aviso avisara-me, fora uma punção no peito, um arrepio na perna, um dobrar do cotovelo esquerdo, esta terra faz-me mal, quero seguir para o Maranhão, juntar-me aos meus frades, mas o bispo recusou, o Maranhão não, seria juntar o fogo à mecha, o bispo do Maranhão e Grão-Pará nunca mais me perdoaria, trinta heréticos arrependidos mais um frade doido deitavam fogo a São Luiz, vamos despachá-lo para Sabará, Ouro Preto ou Curral d'El-Rei, para o meio dos bandeirantes catadores de ouro, tão selvagens quanto frei Maria é

doido, ou lhes curva a cerviz ou matam-no num morro bravio. Frei Maria recusou, afagando a catana sob a batina, Manelinho assustou-se, percebeu que frei Maria não obedeceria sem resistência e quem obra atentados a governadores obra atentados a bispos, começou a adoçar frei Maria, prometendo-lhe um cenóbio novo em Olinda, para lá do ermitério a Nossa Senhora do Amparo, ao longo do carrascal, um convento modesto, humilde, dedicado a Nossa Senhora do Aviso, coisa para um ou dois anos, autorização episcopal, posse de terras, abastecimento de pedras e madeiras,

uma caterva de escravos, noviços só do Pernambuco, como frei Maria queria, todos brasílicos, com uma condição, categorizou Manelinho, frei Maria declararia obediência estrita ao senhor bispo, obediência total. Frei Maria exultara nessa manhã, quando saíra da câmara de Manelinho, mas a punção no peito, a quebradura no braço e o arrepio na perna esquerda não o deixavam, Nossa Senhora do Aviso avisa-me, cautela com este bispo, atrai-te pela frente e ataca-te por trás. Frei Maria tinha razão, Manelinho mandara chamar Porão Escorço para dar solução definitiva a

frei Maria. Quando este saía da sala entrava aquele, abraçaram-se efusivamente, como companheiros de guerra, frei Maria confessava-se satisfeito, estou satisfeito, faz-se justiça a Nossa Senhora do Aviso, vou erguer no Pernambuco o primeiro convento dedicado à Senhora. Porão Escorço congratulou-se, disponibilizando-se para ajudar, mas, mal entrou na sala, percebeu pelo rictus dos lábios de Manelinho que frei Maria nunca teria o seu convento.

O PURO AMOR E O PURO MAL

Durante longos quatro meses o Recife viveu encolhido e Olinda dilatada. O Senado de Olinda fixara o preço do açúcar para a safra do novo ano de 1711, estabelecendo um tecto que elevava as receitas dos engenhos e descia o lucro dos exportadores a níveis mínimos. Uma representação mascateira apresentou-se no palacete de d. Álvaro Manuel da Costa, este lavou as mãos, não intervinha em questões de escambo, esperem pelo novo governador, mas apresentarei a vossa contestação ao Senado; contestação, não, disse um dos mascates, receoso de represálias,

sugestão, apenas sugestão; isso sim, disseram os outros, é uma sugestão, ficámos entalados, desculpe vossa eminência a maneira de falar, assim é como se não trabalhássemos, nada lucramos e se calhar perdemos, Manelinho, espertote, lançou para o ar, e se não vendêsseis o açúcar?; se o não vendermos este ano, os atravessadores recusar-se-ão a vir ao Recife para o ano, e se o não vendermos não teremos dinheiro para pagar aos senhores de engenho que, por sua vez, não nos pagarão a nós o dinheiro que lhes adiantámos para a safra. O senhor bispo especulou sobre

o nó górdio, finalmente, pela primeira vez na vida percebi claramente o que é um nó górdio, disse, Manelinho sorriu, invejando a acutilância do senhor bispo. Alguma paz regressara ao Recife, a paz dos braços caídos, a certeza de que o trabalho não rendia e o futuro, mais do que incerto, esmorecia. Alguns mascates, desejando cortar o nó górdio a que o bispo se referira, informavam-se por marinheiros de outros modos de vida no Ceará, no Maranhão, falava-se em fumo, plantações de fumo; outros apontavam para o Piauí, onde boiadeiros ferozes reuniam vastas

manadas de gado que abasteciam a Bahia e Minas por terra; outros, tão ambiciosos como os anteriores, mas mais destemidos, buscavam novas de Minas e dos seus fabulosos filões de ouro e de prata; quatro mascates declararam cortar o nó górdio do bispo perdendo o dinheiro do ano anterior, recusaram mais caixotes de açúcar, os mazombos que os metessem no cu e lhes fizessem suficiente proveito, embalaram o que tinham ganho, que pouco não era, regressando a Braga, a Guimarães, a Viana do Castelo, ao Minho amado da infância, terra de avós e de paz, comprar uma charneca,

arroteá-la, levantar um solar, plantar dois renques de coqueiros na alameda da casa, tornar-se lavrador; um, apenas um, trigueiro como um cigano, barbicha aperaltada como um judeu, penca abaulada de prestamista, lábios espalmados de tirano, esquálido como um místico, declarara desejar ir para Luanda e tornar-se mestre-negreiro. O Recife amolecia, sem terror nas ruas, mas, falho de futuro, com muito terror no coração. Lula não sabia o que fazer, desconhecia as contas do açúcar, mas a acumulação de produtos nos galpões de Vidal Rabelo indicava-lhe que o negócio não ia bem. De uma vez que

Julinho viera ao Recife acartar mercadoria para a loja, este aconselhou Lula a fazer o que ele próprio fazia, ir de porta em porta, em Olinda resultara, não só para si, que muito vendia, mas também para os mestres judeus, que, arredados da luta entre mascates e mazombos, batiam à porta das mansões oferecendo o seu trabalho, e a verdade é que, de picheleiros a marceneiros e ourives, tudo faltava em Olinda, menos oleiros e ferreiros, instalados em ruas próprias desde os idos do primeiro governador. Lula, sentindo-se responsabilizado pelo sobrado de Vidal Rabelo, assim

fez, encheu duas carroças de ferragens, sal, azeite e vinho, armou-lhes os panos, cobrindo as mercancias contra a poeira e a chuva, e, com uma récua de escravos, partiu para o sertão. Se os mascates se atemorizavam pelo futuro, os senhores de engenho tinham este como certo e próspero e Lula chegara no momento certo, desdobrando instrumentos de ferro para a lavoura no terreiro da casa-grande. Teve de regressar ao Recife por duas vezes, a encher as carroças e a aparelhar uma nova. Quando pernoitava nos engenhos, atirado para os palhares, onde dormia e comia da ração que

Anélia lhe preparara, Lula encontrava meio de se reunir com os escravos na senzala, industriando estes da necessidade de reivindicarem um templo só para eles, a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, e a ideia, a princípio galhofada pelos pretos velhos, ia fazendo o seu caminho, bailada nos braços dos jovens escravos.

Em Olinda, Leonor Barbalho recebia Diogo Vieira de Mello a espaços; este ofertava-lhe calda de açúcar do seu engenho e cestos de fruta do sertão, acondicionados em leques de folha de palmeira e adornados de flor vermelha

de maracujá. Leonor agradecia e experimentava, retirando uma acerola ou cortando um cajá. Diogo era delicado, tanto quanto a sua rudeza natural de sertanejo, mas Leonor tinha o coração cheio de amor por Vidal Rabelo e não o negava, evidenciando-o em breves alusões à Bahia, onde o quase-marido era suposto estar, à vida feliz e despreocupada de freira, e, em pequenos gestos de enfado, alegava pressão no peito, espécie de afrontamento, mal de cabeça, retirando-se, deixando Diogo na sala, acompanhado de d. Lourença. Como penhor do seu compromisso, Diogo

ousara oferecer uma corrente de ouro da família Vieira de Mello a Leonor, talhada em trancelins unidos por argolinhas, também em ouro, Leonor recusara, alegando ser cedo para uma decisão final. D. Lourença inquirira-a sobre o seu desejo de ser freira laica, Leonor afiançara que mantinha a sua vontade, se não podia viver com seu marido nada mais desejava da vida do que uma cela nua, um crucifixo, um oratório, uma fatia de pão e um cântaro de água. Diogo convidara-a a visitar o seu engenho, Leonor recusara, justificando-se com a quentura de janeiro e fevereiro e a fragilidade do

seu corpo, pouco alimentado por vontade própria, um sacrifício que votava a Deus, Nosso Senhor. Interrogado por André Figueiredo Dias, Diogo confessara que achava Leonor muito caprichosa e enfermadiça, não aguenta o isolamento do sertão, cai à cama mês sim, mês não, e insistia nas visitas, afeito aos olhos castanhos e tristes de Leonor, escurecidos por dois aros de amargura saudosa, e às curvas proporcionadas do seu corpo, salientes sob os vestidos.



Bernardo Vieira de Mello, André Figueiredo Dias e José Tavares de Olanda iam recebendo no Senado de Olinda os mensageiros com os tributos de fidelidade das povoações do interior e do litoral pernambucanos, governadas por parentes ou cúmplices das famílias dos senhores de engenho. Dois problemas, porém, exigiam contínuas reuniões entre os três mazombos, com comunicação para o bispo através de André e para João Cavalcanti e Domingos Bezerra através de Bernardo. A indecisão do bispo, que ora recebia os mascates e lavava as mãos, ora recebia os

mazombos e lavava as mãos, nada decidindo; Manelinho, espertote, prevenia-se com toalhas branquérrimas, lavadas pela Sebastiana, para que o senhor bispo enxugasse de imediato as mãos indecisas. A segunda questão, menos preocupante, a da rebelião da freguesia de Santo Amaro de Una, que permanecia fiel a Sebastião Castro Caldas, povoado pobre de pescadores pobres, possuindo porém, na sua baía, a fortaleza de Tamarandé, amplo porto de mar capaz de abrigar uma frota. José Tavares de Olanda falava num espinho enterrado na soberania de

Olinda e André Figueiredo Dias num abcesso que devia ser lancetado. Cristóvão Pais Barreto, descendente de família de grandes açucarocratas do Cabo, capitão-mor de Santo Amaro de Una, sempre se tinha oposto ao poder reinante dos Cavalcanti, dos Bezerra, dos Acciolli, dos Barbalho, recusou o apoio a Olinda e fez finca-pé em suportar o governo deposto, abrindo-lhe a fortaleza caso quisesse regressar da Bahia. Não se tratava de luta política ou guerra comercial, tratava-se do combate permanente dos Pais Barreto contra os Cavalcanti e os Bezerra, clãs familiares que, por

interpostas linhagens e clientelas, dominavam vastas extensões de terra no Pernambuco. O Cabo e Santo Amaro pertenciam aos Pais Barreto e Cristóvão, evidenciando o seu poder de grande senhor, recusava obediência a ordens de Cavalcanti. D. Álvaro Manuel da Costa pediu sugestões de acção ao Senado e os senhores de engenho, conhecendo os Pais Barreto, alegaram que Santo Amaro não afectaria o novo poder de Olinda, é maniento o Cristóvão, não desperdicemos forças, se os portugueses mandarem uma armada para Tamarandé é porque também

podem aportar no Recife, o Cristóvão não vale uma guerra, rematou Domingos Bezerra, recalcando a capacidade guerreira de Cristóvão Pais Barreto, sabiam-no ajuntador de um milhento de homens em menos de uma semana e não queriam desguarnecer o Recife e arriscar a vida.

Vidal Rabelo não fugira para a Bahia no séquito foragido de Sebastião Castro Caldas, não o podia fazer, o seu coração, cheio de amor, tangera-se quando lera Rapta-me picado a ponta de alfinete numa réstia de folha de palmeira dobrada, não podia

abandonar Leonor por um ano, a sua alma exigia que respondesse ao repto amoroso de sua recém, recém, recém-esposa. Na sumaca, lutara contra os conselhos de Joaquim de Almeida e Simão Ribas, que o desaconselhavam de semelhante loucura, mas a sua consciência apaixonada, teatro de um fortíssimo embate entre a segurança do seu corpo, a segurança do seu dinheiro e o apelo do amor, cedeu para o lado deste. Terá dito ao dr. Domingos Pereira da Gama, o amor tudo vence, e quando não vencer é preferível a morte à sua negação, e o dr. Gama, compreensivo mas desiludido dos

homens pela surra que levara dos mazombos e a obrigação de ter de fugir do Recife, abandonando família e comodidades, terá respondido, tudo não, a morte é invencível. Vidal Rabelo pediu a Sebastião Castro Caldas que a sumaca cabotasse um dos navios franceses que, a sul de Olinda, embarcavam açúcar clandestino para a Europa, e o capitão deste, estupefacto, viu o próprio governador do Pernambuco subir a bordo, único elemento português que falava francês, não para aprisionar o barco, mas para lhe pedir o favor de recolher Vidal Rabelo e o seu baú. O capitão assim

fez e Vidal Rabelo, mudando de embarcação para embarcação, ali ficou, a trinta léguas a sul de Olinda, durante os meses de novembro a janeiro, recebendo informações dos pescadores que contrabandeavam o açúcar. Em fevereiro, soubera que Cristóvão Pais Barreto recusara obediência a Olinda e, aproveitando o zarpamento de um dos navios, desembarcou no Cabo, onde foi efusivamente recebido pelos Pais Barreto. Além desta família, será Vidal Rabelo quem, mais por efeito do amor do que pela sua natureza mascateira, chefiará a resistência que,

partindo do Cabo, reconquistará o Recife, provando que o amor, mais do que ódio ou o poder, tudo vence, possuindo indirectas consequências, sempre insuspeitas.

Se o amor tudo vence, o ódio também move montanhas, não raro levando mais à perdição do que à redenção. Bernardo Vieira de Mello fora desde sempre um homem atravessado pelo ódio, atraindo-o e dele se alimentando. Quem odeia, mal quer, e quem deseja o mal alheio, a si próprio o faz, projectando em outro a raiz do mal que é obra sua. Estas eram as duas colunas da existência de Bernardo Vieira de

Mello: o mal e o ódio, e ambas se concentravam num irrefragável desejo de posse – posse de terra, posse de gado, posse de homens, posse de poder. Naqueles tempos ásperos e naquelas terras bárbaras, um homem assim, dono e senhor, camuflava o desejo de posse com o sentimento de honra, alegava que, defendendo as conquistas que a posse ambicionava, defendia a honra. Foi o que inesperadamente aconteceu a Bernardo Vieira de Mello entre os meses de março e maio de 1711, desviando-o do Recife e unindo a defesa da honra à luta contra os mascates, seus inimigos

permanentes. Numa das vindas de Diogo Vieira de Mello a casa de João Cavalcanti para ver Leonor e ofertar um cabaz de acerola e graviola, ternamente envolvido em folhas verdes de parreira e adornado de cachos de uva branca, Diogo alertara o pai que André, o outro filho, com engenho no Cabo, se desesperava, entranhando-se na mata, cavalgando toda a noite como um perdido, ainda fica por lá, morto por índio ou por fera, André Vieira de Mello desconfiava que sua mulher, d. Ana de Faria e Sousa, o corneava com João de Pais Barreto, primo de Cristóvão Pais Barreto e, tal como

este, parcial dos mascates. Bernardo Vieira de Mello acorreu com a mulher, d. Catarina Leitão, ao engenho do filho e, pela postura da nora, atrevida e desembaraçada, conflituando com André, Bernardo Vieira de Mello não duvidou que d. Ana de Faria e Sousa corneava o seu marido, faltava a comprovação, o testemunho evidente que faria a roda da vingança girar. A comprovação viera por uma escrava de dentro, Benedita, criada de quarto de d. Ana de Faria e Sousa, que afiançara a d. Catarina Leitão, por troca de carta de alforria e transporte para Olinda, que mais do que uma

noite, quando André estava fora, calara os cães e abrira a janela do quatro de d. Ana a João Pais Barreto. Bernardo Vieira de Mello não precisara de mais provas, só faltava saber de quem era o filho que d. Ana trazia na barriga em estado de avançada prenhança. Pelo tempo da prenhez, Benedita afiançava ser de André. D. Ana, acusada pelos sogros e esbofeteada pelo marido, confessou-se inocente, jurando pelos pais, pelo filho que trazia dentro de si e, sobretudo, pela Bíblia aberta, não desmentindo que, maltratada pela bruteza do marido, que, como um animal, se socorria das escravas,

fornicando-as pelo vaso traseiro, como ele gostava, raramente assistia à esposa. Entre soluços represados e lágrimas dolentes, d. Ana clamava que era voz corrente entre os escravos que André, bicho mau, tinha um escano de madeira no estábulo para onde subia para cobrir as vacas. Bernardo, cuja natureza velhaca não descia a tão baixos apetites, esmurrou o filho por duas vezes e d. Catarina Leitão não quis ouvir mais, d. Ana, arrebatada, explicava-se, confessando ser verdade que galanteara com João Pais Barreto por duas vezes que este passara pelo engenho e, se a primeira fora por

cortesia, replicando aos encómios de João Pais, que ingénuos eram mas bem consolavam a alma de d. Ana, à segunda ela própria viera à varanda aquando da entrada de João Pais no terreiro, sendo seu dever de mulher casada, por ausência do marido, recolher-se ao interior da casa. Confrontada com Benedita, esta arreganhou as faces, repuxou os cabelos crespos, cuspiu para o chão por três vezes e por três vezes desmentiu d. Ana, de dia fora o que d. Ana dissera, mas à noite outras imundícies se seguiram, e d. Catarina Leitão esbofeteou d. Ana, chamando-

lhe cadela, cachorra brava, mulher de ninguém e de todos. Bernardo Vieira de Mello mandou uns matutos a Olinda trazerem um cabo e três soldados do terço dos Palmares pertencentes à sua escolta pessoal. Entre idas e regressos, passaram-se duas semanas de profundo silêncio no engenho de André. Os quatro militares chegaram de noite, acamparam à beira de uma trilha, na mata, escondidos sob um dossel de folhas mortas, e, pelo raiar da aurora, receberam a visita de Bernardo e André Vieira de Mello. Seguiram-se outros cinco dias de profundo silêncio e ao sexto dia, uma manhã chuvosa de

maio, de sol pálido e nuvens esfumaradas, João Pais Barreto foi assassinado na estrada nova entre o Engenho Velho e o da Guerra, ambos de sua posse. No alto de uma chapada, Bernardo Vieira de Mello, oculto pelo tronco carcomido de uma sabopema, levantara o braço, indicando aos seus soldados que a hora era chegada e o homem aquele. Faltava saber que destino dar a d. Ana de Faria e Sousa para que a honra familiar dos Vieira de Mello fosse reposta e a justiça cumprida. André começara a claudicar na sua certeza de esposo corneado quando d. Ana jurara pela Bíblia

aberta, propunha que se esquecesse o resto, mas d. Catarina Leitão, de têmpera igual à do marido, exigia o corpo morto da nora. Pelas dúvidas sobre a paternidade da criança, esperar-se-ia pelo nascimento desta e depois matar-se-ia d. Ana. Assim se cumpriu, cumprindo-se o ódio e o mal. Bernardo e André Vieira de Mello afastaram-se, regressando a Olinda. Nascido o bebé, d. Catarina Leitão envenenou d. Ana com uma antiga beberagem índia de pó negro de peçonha de cobra misturado num caldo de galinha apimentado, a que d. Ana resistiu, atirada para a cama entre

dores; nesta, entre febres ardentes, d. Catarina Leitão deu a cheirar a d. Ana o pó negro do veneno da cobra; assegurando-se da morte certa desta, infiltrou o pó liquidificado pelo vaso matricial de d. Ana com o dedo enrolado em paninho de algodão; de novo d. Ana resistiu; quinze dias depois, esquálida, pernas trementes, pele acinzentada, vastas manchas escuras sob os olhos, lábios descoloridos, d. Ana levantou-se, repousando na espreguiçadeira da varanda, contemplando o céu azul-guiana, a planura do campo de cana e o palmar de coqueiros. Em princípios de

junho, um mês depois, d. Ana continuava viva e, ganhando cores, amamentava o filho. D. Catarina Leitão mandou chamar o barbeiro do povoado e, sob ameaça de morte, a si e à família, toda assassinada, a casa queimada, ordenou-lhe que cortasse com precisão e arte as veias dos pulsos de d. Ana, e assim foi feito, impiedosamente; mas, por milagre, o sangue emergido à superfície da pele gorgolava e secava. O cirurgião, apavorado, fugiu. Algumas histórias cantadas no sertão narram que d. Catarina Leitão, serena como só mal o é, pediu uma toalha ao barbeiro,

enroscou-a por trás no pescoço de d. Ana apertando-a, lentamente, em forma de garrote, até a suave cabeça da assassinada por fim declinar, tombada sem força.

Bernardo Vieira de Mello regressara de sus a Olinda chamado por André Figueiredo Dias e José Tavares de Olanda. Mazombos avulsos, pouco ousados, de segunda guarda, atreviam-se a exigir a demissão do bispo, ameaçavam Manelinho com a expulsão, acusando ambos de encobrirem os mascates, acusando-os de dizerem fazer o que nunca faziam, deixando tudo como está para que o

novo governador, se o quisesse, reprimisse à vontade. João Cavalcanti e Domingos Bezerra opunham-se a actos de insubordinação perante d. Álvaro Manuel da Costa, que, lembravam, para além de bispo, e bispo é bispo, era igualmente governador, cargo assumido sob expressa vontade dos mazombos. André Figueiredo Dias hesitava, convivendo diariamente com o bispo e Manelinho via como as palavras destes ziguezagueavam, dúplices e tríplices, assim não vamos a nenhum lado, dizia, o Bastião conspira na Bahia, de certeza, redigindo representações para

Lisboa, qualquer dia temos aí a frota do governador-geral do Brasil a pedir reposição de ordem e nós nada, de prego virado para cima. José Inácio de Arouche, desaguisando-se com Valençuela Ortiz e Barbosa de Lima, que pediam calmaria, ponderação, era de opinião semelhante à de José Tavares de Olanda, o bispo tinha de ser encostado à parede. O regresso de Bernardo Vieira de Mello precipitou uma nova reunião do Senado. Manelinho queria assistir, como representante do bispo-governador, Bernardo proibiu-o e pôs o filho André à porta do palacete do bispo

com quatro cascas-grossas a cavalo, os mesmos que tinham assassinado João Pais Barreto. Manelinho nem o nariz punha de fora. Contra a vontade de João Cavalcanti, a assembleia decorreu anárquica e tumultuosa, contínuas intervenções soltas e ruidosas e manifestações indignas de nobres nativistas, clamava irado Domingos Bezerra, como a de um senhor do engenho que se voltara de costas de cu alçado e se peidara estrondosamente, dizendo ser aquele o presente para o bispo; o mais eram interesses que se jogavam, o protesto contra o monopólio régio do sal, a taxa

elevada paga à Câmara, imposta por sua majestade, a proibição do pagamento ao governador por letras, a exemplo de Luanda, as arrematações dos contratos anuais dos dízimos do açúcar, ganhas pelos mascates, oferecedores de preço mais alto, não havia direito, a preferência devia ser dada a senhores de engenho, o confisco dos bens e dos sobrados dos mascates que tinham fugido no séquito do governador, traidores ao Pernambuco, e, com o produto da venda a indemnização das vacas que os mazombos tinham perdido para alimentar as milícias rurais em

Afogados. No final, José Inácio de Arouche tinha registado vinte reivindicações da assembleia, desordenadas, avulsas, algumas alcavaladas sobre outras quase iguais, propôs-se passar a limpo, ordenar e entregar a Bernardo Vieira de Mello para que este, através de André Figueiredo Dias, as transmitisse ao bispo com o expresso desejo de o rol ser enviado a sua majestade, d. João v. Das vinte, José Inácio de Arouche, num trabalho de agilidade mental, torcendo a língua nos lábios, esfregando a caspa do cabelo com a ponta do estilete, reduziu para quinze,

ao rol das quais a história, mãe do tempo, designou por «Capitulário do Pernambuco» (o rei, para garantir a paz, devia «capitular», aceitar negociar):

1. *Perdão geral de tudo o feito e obrado;*

2. *Perdão de todos os males obrados pelo povo nas fazendas de quaisquer particulares;*

3. *Que no Recife não haja vila, nem em nenhum tempo a possa haver;*

4. *Que nenhum morador do Recife possa votar nos pelouros, como há*

mais de 100 anos assim o é;

5. *Que nenhuma dívida, seja da fazenda real, seja dos mascates, se execute aos senhores de engenho;*

6. *Que nenhum mascate possa ocupar o lugar de capitão dos fortes e do arsenal e que o senhor bispo, em nome d'el-rei, demita os actuais;*

7. *Que sua majestade mande com urgência para esta capitania mais pretos, robustos, mas a preço módico;*

8. *Que sua majestade autorize que o*

dinheiro de Lisboa possa passar pelo Pernambuco, sem pedido de autorização à Bahia;

9. *Que sua majestade autorize que nós, nobres desta terra, possamos negociar com barcos de Inglaterra e da Holanda, pelo menos um de cada nação, para começar, e que o nosso açúcar não esteja só dependente das compras de Lisboa;*

10. *Que as pessoas que se ausentaram com o governador Sebastião, por serem parciais e cúmplices dos crimes deste, e*

como tais inimigos públicos de todo este povo, não sejam mais admitidos nesta capitania;

11. São eles Joaquim de Almeida, o velho, Simão Ribas, o velho, Pereira da Gama, o bacharel, e Vidal Rabelo, o novo;

12. Que sua majestade não nomeie juízes, ouvidores e provedores sem ouvir a voz deste povo, que reclama estes cargos para os filhos da terra;

13. Que sua majestade mande fazer a ponte do Varadouro e que as despesas se façam por conta dos

moradores do Recife;

14. *Que sua majestade conceda a esta cidade um mosteiro de freiras professas, como justamente se lhe tem pedido, a exemplo da Bahia, Minas e Rio de Janeiro;*

15. *Que sua majestade conceda se faça o molhe na barra de Olinda, substituindo o molhe do Recife.*

Nunca Lisboa tomou conhecimento do «Capitulário do Pernambuco», d. Álvaro Manuel da Costa, lendo-o, correndo o dedo ponto por ponto, acompanhado pelos olhos de

Manelinho, concluiu, é a minha desgraça, se mando isto para Lisboa o rei queixa-se de mim ao núncio, este, reunido na patriarcal, manda-me para o fundo do Oriente do Oriente, donde só se regressa morto, Manelinho confirmou, sua eminência já muito se expôs concedendo perdão a estes brutos, rogando-a ao rei, se lhe manda um rol de reivindicações que esmagam o Recife e libertam Olinda, sua eminência é de imediato destituído, com devassa aberta à sua actuação; se me permite, nem o governador-geral, na Bahia, expediria tal missiva para o rei. Capcioso, Manelinho, informando

Inácio de Arouche e André Dias de que o capitulário se encontrava transcrito em folha oficial do governo e seguiria em breve para a Bahia, deu o assunto por encerrado, espetando-o no fundo do fundo do cofre do episcopado.

A VINGANÇA, O AMOR E O DINHEIRO

Em maio, o assassínio de João Pais Barreto despertou o brilho de honra de seu primo Cristóvão. Apurados os matadores, denunciados por roceiros que tinham visto Bernardo Vieira de

Mello regressar a Olinda com os quatro cascas-grossas, cabia a Cristóvão, fidalgo mais velho da casa dos Pais Barreto, dirigir a vingança. Raivoso, não chegaria aos Pais Barreto devastarem o engenho de André Vieira de Mello no Cabo, seria forçoso ir mais longe e cortar a cabeça da hidra em Olinda, Vidal Rabelo bichanava-lhe ao ouvido a necessidade de libertar o Recife, teve Vidal Rabelo o senso suficiente para unir o seu intenso amor a Leonor ao desejo de vingança de Pais Barreto, puxando este para a preparação do assalto a Olinda. Mas não chegava, dizia Vidal Rabelo,

casuístico, contabilizando tropas, armamento e munições. Cristóvão queria unir os seus homens e os seus militares aos de seu irmão Francisco Pais Barreto e avançar sobre o Recife, libertando-o, mil homens, dizia Cristóvão, e Vidal Rabelo, calculista, replicava, mil homens, muito bem, a maioria com chuços, gadanhas e catanas a defrontarem-se com outros tantos das milícias rurais mazombas com chuços, gadanhas e catanas, a batalha equilibrar-se-ia, de vitória improvável, tanto para um lado como para o outro, Cristóvão anuía, aplacando o seu duro desejo de

vingança. Vidal Rabelo, negociador, ciente dos riscos, dos proveitos e dos prejuízos, queria garantias, não avançava no ar, movido por vinganças raivosas e amores ingénuos, devia unir-se o apetite da vingança à fúria do amor e à força do dinheiro, arriscar tudo pelo amor, sim, desde que seguro na atracção do dinheiro, que abria as portas que a vingança fechava. Vidal Rabelo conferenciou longamente com Cristóvão e Francisco Pais Barreto, retirando destes a garantia que a desforra contra Bernardo Vieira de Mello não seria executada no Cabo, mas em Olinda, Bernardo seria o

primeiro mazombo a ser preso, tão rápido quanto possível, enviado sob prisão para Lisboa, que tratassem dele na capital do império, Cristóvão não estava de acordo, queria Bernardo morto, assassinado, como este o fizera a João Pais. Chegou-se a um acordo, disparar-se-iam dois tiros sobre Bernardo Vieira de Mello, os dois tiros que tinham matado João Pais, se Bernardo não morresse seria preso e deportado para Lisboa no primeiro barco que saísse do Recife. Vidal Rabelo abriu o baú à frente dos Pais Barreto, é a minha fortuna, disse, a herança do meu pai e o cúmulo do meu

trabalho, há aqui dinheiro suficiente, não para comprar homens, que tal não me permite a educação, mas para inclinar as suas acções no bom sentido, o sentido que favorece a vitória mascateira, assegurando que, como Deus nos ensina, o bem recompensa e o mal castiga. Vidal Rabelo pediu aos dois irmãos que lhe dispusessem uns cabras-do-mato e uns cavalos que, por insólitos caminhos do sertão, o levassem a Camaragibe, viajando de noite e escondendo-se de dia – dirigiria o levante do Recife. Exausto, sujo e faminto de uma semana de viagem, Vidal Rabelo desmontou no

terreiro de Camaragibe na aurora do dia 8 de junho de 1711, não se admirou de ser recebido por Julinho, que carregava toros de madeira para Olinda, a substituir o carvão, bem escasso sem o reforço do carregamento das naus francesas, que, desconfiadas de guerra, se afastavam do Recife. Violante ainda dormia. Carecido, Vidal Rabelo demandou novas de Leonor. Julinho, de nada sabendo das visitas de Diogo Vieira de Mello a Leonor, carregou nas tintas, sublinhando com um olhar meloso que sempre que atravessava a Rua de São Bento, e várias vezes ao dia a

atravessava, Leonor amparava-se da janela contemplando melancólica o mar de Olinda que levara o seu amor. Vidal Rabelo sentiu vontade de abraçar Julinho, imaginando abraçar Leonor. Violante descera, reuniram-se os três, Vidal expôs-lhes o plano, condenado por Julinho e Violante, demasiado arriscado, uma denúncia bastava para tudo se perder, Julinho adiantou, se houver denúncia Camaragibe é assaltado pelos mazombos, Violante exclamou que não pensava em si, pelo seu engenho correria o risco, apenas cuidaria de guardar os seus valores em lugar de

confiança, e olhara discretamente para Julinho, cogitando na imagem de pau-oco de Santo António, pensava, sim, na fortuna que Vidal Rabelo iria gastar. Não falha, garantiu Vidal Rabelo, as somas são demasiados altas para falharem, se fossem exíguas ou pouco relevantes, os capitães poderiam hesitar, negociando riscos e proveitos, e um deles, não o nego, poderia sentir-se tentado a denunciar-nos, exigindo paga mais alta aos mazombos, mas assim, com estes valores, e apontava para o rol de pagamentos, não há militar que recuse, é o dinheiro para o resto da sua vida, pode escapar-se do

exército e instalar-se em Lisboa, de mais a mais garantiremos a cada um que todos os outros já aceitaram, mas dinheiro agora não, só de papel passado, o dinheiro segue depois, se bem-sucedido o levante, senão estaremos todos mortos e para nada nos interessará mais uma menos uma pataca. Vidal Rabelo apontou para o baú, ele fica cá, guardado com d. Violante. Para memória futura, Vidal Rabelo alegará que não comprou os capitães dos fortes do Recife com dinheiro, limitou-se a inclinar-lhes as acções, empurrei o que já estava em movimento, dizia.

Finalmente André Figueiredo Dias conseguira do bispo a substituição dos capitães dos fortes e do arsenal, Manelinho, pressionado, acedera e pedira uma lista de sugestões ao Senado. André Figueiredo Dias convocara uma reunião com Cavalcanti, Bezerra, Bernardo e Tavares de Olanda, e discutiram-se abertamente os nomes propostos pelos senhores de engenho, evidenciando cada um a sua influência na sugestão deste ou daquele parente, que trataram de propalar publicamente. No Recife, entre as guarnições, a presumível lista de nomes caiu como pólvora e os

capitães do Brum, das Cinco Pontas, do Arsenal e o responsável pelas tropas do governador, o capitão João Mota, viram a sua despromoção discutida em praça pública, substituídos por parentela mazomba. Este facto, que Vidal Rabelo desconhecia, constituiu o rastilho unido à pólvora que fora a oferta de dinheiro. A revolta entre os militares de carreira desencadeou breves reuniões tumultuosas nas casernas do Recife e os próprios capitães-adjuntos do terço dos Palmares, André Furtado de Mendonça e Miguel Godói de Vasconcellos, manifestaram o seu

desagrado. Não podia fazer nada, disse Bernardo Vieira de Mello, Godói terá respondido que o brio dos militares de carreira não permitia interferências em questões civis, a não ser que a sobrevivência da capitania estivesse em causa, Bernardo alegou que sim, estava em causa, se os mascates retomam o poder degolam-nos a todos. Não o convencera.

Vidal Rabelo rapara o bigode e o bucho de pêlos que lhe tombava do queixo, Violante Dias desbastara-lhe o cabelo à tesourada avulsa e escanhoara-lhe as patilhas até ao lóbulo da orelha, com areia e cinza

enevoara-lhe a cara e o pescoço de manchas gretosas, Julinho arranjara-lhe uma estamenha rota de frade mendicante que cobria o estrado da carroça, e, com as mãos e os pés entrapados, tilintando na mão direita o badalo de cabra que afasta as gentes dos leprosos, Vidal Rabelo desceu o Capibaribe numa jangada de quatro grossos troncos arrancados de uma velha barcaça que apodrecia no rio. Preso ao peito por uma embira, seguiam o rol dos militares e as pró-formas escritas pela mão de Violante Dias e subscritas por Vidal Rabelo com a quantia que cada um receberia

em caso de vitória. Pelas ruas de Santo António e Boa Vista, encapuzado e tinindo o badalo, Vidal Rabelo ia suplicando esmola pelas alminhas do purgatório ou um nico de pão e um canjirão de vinho por S. Lázaro Pestamundo, o Imundo. A uma distância conveniente, Julinho seguia Vidal Rabelo, e, junto à cerca do quintal do sobrado deste, mandou-o sentar-se na terra enquanto pedia uma sopa a mãe Anália, e foi a correr chamar Lula. Do encontro dos três, decidiu-se que Vidal Rabelo, assim disfarçado, contactaria os capitães do Brum, do Cinco Pontas e do Arsenal,

Julinho o provedor dos índios e capitão do terço dos índios, Sebastião Pinheiro Camarão, e Lula o capitão do terço negro dos Henriques, Domingos Rodrigues Carneiro, dentro de dois dias Vidal Rabelo atravessaria de novo as ruas do Recife e bateria à porta do sobrado pedindo novo caldo. Vidal Rabelo teve mais dificuldade em penetrar nas guarnições militares do que convencer estas a rebelarem-se. O capitão João Mota, das forças da governadoria, humilhado por Pedro Ribeiro da Silva e José Tavares de Olanda em Santo Antão, tomou a direcção do movimento e exigiu ser ele

a prender Bernardo Vieira de Mello. Domingos Rodrigues Carneiro aceitou a promessa de 400 mil-réis, mas confessou a Lula que não queria o dinheiro, ambos acordaram que a quantia se destinaria à construção da futura igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Quando Julinho acenou com três mil ducados a Sebastião Pinheiro Camarão, este aderiu de imediato ao movimento, clamando impropérios contra os mazombos, só garganta, nunca dão nada, disse ele. Os militares prepararam-se para se sublevarem, Vidal Rabelo marcou o levante para o

dia 18 de Junho, quando Bernardo Vieira de Mello desceria ao Recife para conferenciar com Barbosa de Lima sobre a substituição dos capitães dos fortes. Uma quadrilha de soldados, disfarçados de matutos, pôs-se a caminho do Cabo, avisando Cristóvão e Francisco Pais Barreto que avançassem para o Recife com os seus mil homens.

O LEVANTE DOS MASCATES

Porão Escorço informou Manelinho que seria pela madrugada do dia 18, soubera por acaso que seria servida

solha no refeitório dos Nery no dia 17, e já conseguira de Simão Mendes, sob ameaça, um candelabro de sete braços. Manelinho passou a Porão Escorço um pano dobrado, este desdobrou-o e viu uma estrela de David toscamente bordada a linha amarela sob cetim azul, foi Sebastiana quem bordou, não tem muito jeito, as mãos foram-lhe feitas para outra coisa, mas chega como prova, adiantou Manelinho. Os Nery sabem?, inquiriu este, nada de nada, retorquiu Porão Escorço, vão ficar tão surpreendidos quanto frei Maria, e riu-se.

Em São Salvador de Todos-os-

Santos, o governador-geral do Brasil lera uma missiva do Conselho Ultramarino que o apavorara. Fora recebida a relação de Sebastião Castro Caldas e sua majestade reprovava veementemente a fuga de um governador em exercício. Os jurisconsultos do Conselho Ultramarino tinham aconselhado d. João v a cortar o mal pela raiz, enviando mais três naus de quinze canhões a costear o Brasil e, suprema decisão, vedar os cargos superiores do exército a nativos do Brasil, sempre prontos a levantarem-se em armas, como recentemente sucedera em

Minas, com altos prejuízos para o tesouro no quinto do ouro, e no Maranhão, que há mais de um ano não pagava o tributo do dízimo do açúcar e do algodão. No Pernambuco, a um povo belicoso juntara-se um governador fraco. O governador-geral ia lendo o conteúdo da missiva em que lhe eram atribuídas novas competências para debelar a rebelião brasílica, com privilégio de usar execução sumária a todos os cabecilhas nativistas. Justificava-se a carta do Conselho Ultramarino:

[...] este fogo de sedição, o qual já não é faísca pequena mas incêndio

grande, se se não apagar prontamente, possa passar a abrasar o recôncavo da Bahia (zona rica do açúcar), *cujos moradores se acham sumamente escandalizados e alterados pelas vexações que se lhes fazem no* (imposto do) *tabaco. E dali poderá também passar aos paulistas que, ainda que se mostrem reduzidos à razão, tem-se por entendido que interiormente conservam o mesmo ódio aos reinóis* (portugueses recentemente chegados ao Brasil) *porque os reputam por usurpadores daquelas riquíssimas minas, que entendiam firmemente ser património*

seu, que lhes havia dado a fortuna ou a sua indústria. E se o fogo da sedição se ateasse em todas estas três partes (Pernambuco, Minas-São Paulo e Bahia) *comunicando-se uma a outra, o que Deus não permita, como ficam compreendendo quase todo o Brasil* (conhecido), *pelo sertão e em parte pela marinha, bem se deixa ver qual será o dano desta monarquia* (do tesouro real).

[...]

... desordens de altas consequências [...] se podem atear e passar aos mais povos do Brasil, que hoje se acham ressentidos de algumas violências que

experimentaram, sendo muito para temer a que busquem nos nossos inimigos (os franceses) quem os defenda, a que tudo os pode incitar à desesperação e malevolência de alguns revoltosos, que tinham por salvação entregarem-se a outro partido (à França).

[...]

Porque chegando à França a notícia desta alteração no Pernambuco, se pode recear que mande el-rei da França àquele porto uma esquadra a fomentá-la e a introduzir-se por este modo naquela capitania, o que é muito próprio do orgulho e ambição

da nação francesa e muito para temer da desesperação daqueles vassalos que abracem a protecção de el-rei de França.

Quatro acrescentamentos práticos aditava sua alteza, primeiro, a corroboração do rogo de perdão pedido por d. Álvaro Manuel da Costa fora concedida, calmando momentaneamente os revoltosos; depois, a nomeação do novo governador do Pernambuco, Félix José Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcelos, primogénito do marquês de Montebelo, de 34 anos, que seguiria com a frota anual; terceiro, a

substituição do abusão cometido pelo antigo governador de atribuir o seu nome de Sebastião ao orago da nova vila do Recife, repondo-se o de Santo António, declarando sua majestade, implicitamente, que o Recife continuava cidade; quarto, devassa plena aos actos de Sebastião Castro Caldas, com expressa nomeação de um juiz-inquiridor da Bahia, devendo o antigo governador aguardar pelo resultado do inquérito em regime prisional, sem facilidade de contacto, para que não tentasse alterar ou apagar erronias por si cometidas. O governador-geral hesitava, mas não

podia deixar de dar cumprimento a ordens tão expressas do Conselho Ultramarino subscritas pela letra final de d. João v. Depois de um sono mal dormido, na madrugada do dia 18, o próprio governador-geral despertou Sebastião Castro Caldas para, entre mil desculpas, o conduzir à prisão da Câmara de São Salvador, enfim, era o que podia fazer pelo amigo, não o misturar com os presos amontoados no presídio do forte de São Marcelo. Nessa madrugada do dia 18, em camisa, chapins amarrotados, vislumbrando o mar do Bahia, para além de cujo, a distância infinita,

florescia Paris, Sebastião Castro Caldas atravessou o Largo da Misericórdia escoltado por quatro milicianos ensonados, penetrando na cadeia da Câmara, desconhecendo que, no Recife, por seu nome gritado, os soldados de João Mota se levantavam em armas, Por Sebastião Castro Caldas e por Portugal, viva o Recife, morra Olinda! Por Sebastião Castro Caldas e por Portugal, viva o Recife, morra Olinda!

No domingo anterior ao dia do levantamento mascateiro, frei Diogo descera de Olinda para dar a primeira lição de catequese à comunidade dos

judeus; exultava, o senhor bispo tivera a amabilidade de lhe enviar um diácono ao caminho informando-o de que os novos missionários franciscanos chegariam com a frota desse ano, estava confirmado, eram jovens imberbes, vindos das campinas de Riba-Tejo e das plagas do Além-Tejo, excitados pelo afã de salvarem almas. Também ele, frei Diogo, iniciaria hoje a salvação de sessenta almas, que consolo, faltavam três a quatro meses para a frota chegar, o que perfaria umas quinze lições, o suficiente para que o senhor bispo comemorasse a chegada dos novos

missionários com a cerimónia do baptizado em pé dos judeus, que consolo, pensava, grande seara para a messe do Senhor, pensava, exultante e jubiloso. Desconhecia como ensinar os princípios do cristianismo aos judeus, convencendo estes da erronia da sua crença judaica, Manelinho, em nome do bispo, aconselhara-o a dar o essencial, as orações, o credo, a vida de Cristo, o exemplo dos apóstolos, as virtudes dos santos e, sobretudo, sobretudo, sobretudo, o princípio fundamental da identificação entre Cristo e o Messias. A frei Diogo, que começara a desinchar da infusão que

mãe Anália lhe dera, apertando com o cordão de três nós a batina abundantemente larga, caída em refegos frisados, atormentava-o a saliência banhenta da barriga, ali a-dar-a-dar como uma hérnia buchosa, balouçando-lhe à frente, e a queixada que, como um bofe de cabra, lhe pendia do pescoço, mas para frei Diogo, o corpo, magro ou gordo, era o menos, o importante a alma, e essa, nesse domingo à tarde, parecia-lhe escutar hossanas vibrantes tombadas do céu por coros angelicais. Os sessenta judeus enfileiravam-se, sentados pelo chão, cada um com o seu

crucifixozinho desajeitado entre as mãos, imitando frei Diogo, que recitava o pai-nosso e a ave-maria, consolo de alma, dizia, frei Diogo abrira o breviário, apregoava em alta voz que ia começar pelo princípio, não pelo Génesis, isso era a Bíblia velha, mas o princípio do princípio da redenção, o anúncio do nascimento do messias, e rerrepetia, o messias, o messias, feito à Virgem Maria pelo anjo Gabriel; à menção da palavra messias, Simão Mendes e outros judeus tremeram os dedos, bateram os pés, mexeram o tronco, sacudiram a cabeça, mas contiveram-se, Simão

Mendes alçou as sobrancelhas, apaziguando todos. Frei Diogo começara a ler pausadamente o trecho da Anunciação narrado pelo apóstolo S. Lucas, parando frase a frase, mirando a assembleia, recolhendo o efeito das suas palavras salvadoras. Conforme ia lendo, esperava enxergar na face dos judeus a claridade iluminante da revelação da verdade, mas, admirado, assistia ao escurecimento sombrio mas obediente do rosto da maioria:

Naquele tempo foi enviado por Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma

virgem desposada com um varão que se chamava José, da casa de David, e o nome da virgem era Maria. Entrando pois o anjo onde ela estava, disse-lhe: Deus te salve, ó cheia de Graça, o Senhor é contigo, bendita sejas tu entre as mulheres. Maria, tendo-o ouvido, perturbou-se no seu coração e discorria pensativa sobre que saudação seria esta. Então o anjo lhe disse: não temas, Maria, pois achaste Graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um varão, a quem hás-de pôr o nome de Jesus. Este será grande, e será chamado Filho do Altíssimo, e o

Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai, reinará eternamente na casa de Jacob e o seu reino não terá fim. E Maria lhe respondeu: Como poderá isso ser se eu não conheço varão? Respondeu-lhe o anjo: o Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso mesmo o Santo que nascer de ti será chamado Emanuel, Filho de Deus, porque a Deus nada é impossível. Disse então Maria: Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo as tuas palavras.

Frei Diogo mirava a assembleia

como se esperasse o milagre de uma conversão redentora, mas, após as palavras da Anunciação, o silêncio, pleno durante a leitura, tornara-se absoluto, um judeu esboçara uma questão, alçava o dedo demonstrador, mas Simão Mendes, relançando as sobrancelhas, silenciava-o, e a mulher do quase-questionador, admoestada com a curiosidade do marido, sentava-se-lhe à frente, encobrindo-o; há mais de mil anos habituaram-se os judeus a sobreviver no seio dos cristãos, mostrando-se como estes por fora e permanecendo israelitas por dentro, não lhes custava escutarem as palavras

de frei Diogo, nem nisso se atormentavam, tornara-se um hábito secular, que talvez espantasse as crianças judaicas, logo conformadas pelas mães a que, se quisessem sobreviver, apenas assim o poderiam fazer. Por isso tinham partido da Europa para a terra desértica dos Patagões, para saborearem a liberdade plena de adorarem sem limites a Yahvé. Equanto frei Diogo lia o trecho do evangelho de S. Lucas, cada um dos judeus adultos ia debitando mentalmente a oração a Adonai corrente entre os judeus sefarditas, reza libertadora das más influências:

Adonai, meu Deus e Deus de meus pais, permiti, Senhor, livrar-me hoje e em todo o dia do malfeitor e da má obra; da vista de homem mau, de língua má, de vizinho mau, de encontro mau, de juízo duro. Adonai Senhor saboreia nossos rogos, imprimindo nas nossas bocas e nas bocas de nossos filhos e na dos filhos dos nossos filhos palavras Vossas, fazendo que verdadeiramente todos conheçam o teu Santo Nome e a tua Santa Lei. Bendito tu, Adonai, nosso Rei e Rei de todo mundo, que escolheste em nós mais que em todos, e nos deste a tua Santa Lei. Bendito

tu, Adonai.

Bem-aventurados aqueles que gozam da casa do Senhor, porque perpetuamente o louvarão sempre: bem-aventurado o povo que se apega a Ele, e bem-aventurado aquele que ama Adonai, Deus nosso protector. Ele exaltou e abençoou os louvores de David, que para sempre permanecerão. Oh, quão grande é Adonai, louvado seja Ele em toda a sua grandeza. Não há palavras, gerações ou louvores que possam exprimir as suas obras, os seus benefícios, a sua formosura, as suas maravilhas e grandezas; a sua honra

e as suas fortalezas. Recordem-se as suas lembranças, publicando sempre a sua justiça e o seu amor. Cantem piedosos e graciosos, dizendo continuamente Senhor de grandes mercês, bom em todas as suas obras e em todos os seus dons; todos louvam a honra do teu Reino, que todos abençoam e digam a tua grandeza e os Teus benefícios; falem e façam saber aos filhos dos homens a Tua eminência, e a honra da formosura do teu Reino, Reino de todos os mundos. Digam agora todos os corações, Adonai, Adonai, todos os caídos, todos os oprimidos levantai. A todos

que em ti confiam, abres a tua mão, e lhes dás a tua comida à sua hora, e fartas de vontade todo o vivo. Justo é Adonai em todas as suas carreiras, bom em todas as suas obras. Perto está Adonai, todos os que o temem, e com verdade e vontade o chamarem, ouvirá os seus clamores e salvá-los-á. Guarda Adonai a todos os seus amantes e destruí todos os homens maus. Os louvores de Adonai estejam na minha boca, abençoando toda a criatura em nome de sua santidade. Para sempre Adonai nos abençoe. Aleluia.

Frei Diogo, comentando a acção

espiritual de Deus-pai através do Espírito Santo sobre o ventre de Virgem Maria, gerando o Deus-filho, o verdadeiro messias, e rerrepetia, o messias, o messias, florira um sorriso gracioso e anunciara uma surpresa, trouxera uma surpresa, e ostentava uma folha velha, amarrotada, carcomida nos cantos, uma cópia sua do tempo do seminário contendo um santário; Simão Mendes simulava interessar-se, um santário, frei Diogo?, sim, mestre Simão Mendes, um santário, um rol de santos protectores de males e doenças, e prometia, para futura lição, trazer mais dois santários, um para todos os

dias do ano, ajuda muito, despertar e orar ao santo protector do dia, e outro, de santos patronos dos misteres, dos trabalhos, mas têm de ter paciência, hoje não, fica para as próximas lições, só um santário por lição, frei Diogo, entusiasmando-se com o sucesso dos seus santários, ia perguntando, quem aqui sofre de hemorróidas, quem?, Simão Mendes, tapando a boca faceira, voltando-se para trás, repetia a pergunta de frei Diogo, vá, vá, quem sofre de hemorróidas, quem?, e apontava para um velhote de barba corrida, ele sofre, não diz mas sofre, frei Diogo consultava o santário e, de

bucho tombado e bofe pendente, balouçados, perorava para o velho judeu, três aves-marias e seis pais-nossos a S. Fiacre e ficam as hemorróidas curadas, é rezar todos os dias, com fervor e devoção a S. Fiacre, e que senhoras querem ter filhos e não conseguem?, e, não esperando resposta, revelou logo, uma novena por dia a S. Viçoso, o Bondoso, começam a nascer tantas crianças que terão de rezar a S. Gregório Taumaturgo para não terem mais filhos, frei Diogo apontava com o dedo para a folha, correndo-a, novenas a Santa Rita de Cássia ou a Santo

Expedito ajudam a atingir causas impossíveis, e se perderem algo, antes de o darem definitivamente como perdido, rezem a S. Judas Tadeu, a S. Judas Tadeu, mas atenção, atenção, e a comunidade judaica, curiosa, levantava a cabeça, é a S. Judas Tadeu, não a Judas Iscariotes, este foi o apóstolo traidor, eu depois contarei a história quando chegarmos à paixão e agonia de Cristo, ainda vamos na Anunciação. Simão Mendes, mostrando-se interessado, questionou frei Diogo se havia algum santo que curasse as dores de barriga, e aquele, passando os olhos pelo santário, logo

respondeu, dores de barriga?, Santo Estanislau, o Cabeça-de-Pau, outro judeu inquiria, e dos ouvidos?, frei Diogo, contente, voltava a passar os olhos pelo rol e respondia, S. Policarpo, o Felizardo; um velho, entrevado do braço esquerdo, perguntava, e braços paralisados?, o frade, exultante, sentindo o auditório cativado, apontando com o dedo para um nome do santário, esclarecia, não só braços, mas paralisias de todo o corpo, S. Osmundo, o Olho-do-Mundo, e dores de garganta?, perguntava uma judia, tossindo, como quem se queixa da dita, esta era fácil, o próprio frei

Diogo, atroado por uma garganta muito traidora, várias vezes por ano rezava a S. Brás, o curador de gargantas inflamadas, inchadas, doridas, catarrentas, estilicídias, defluxórias, ardentes, zaragatadas, expectoradas, saburradas, Simão Mendes questionava se havia santo que curasse o medo dos ratos, sentia-se apoderado por um pânico danado sempre que ouvia a estrideira dos guinchos dos ratos, frei Diogo desiludiu-o, santos não há, mestre Simão Mendes, e apontava para o santário, santos não há, mas há santas, santas há, é Santa Gertrudes de Nivellas, Mãe das

Manuelas, dez ave-marias mais dez pais-nossos ao deitar e ao acordar e não há rato nem ratazana que se aproxime da casa do cristão, do cristão, repetia, se for judeu, claro, a bicharada ruim procura-a logo, é ali que se sente bem, dos amigos do rato-mor, o diabo.

Bernardo Vieira de Mello chegara tarde à conferência com Barbosa de Lima. José Inácio de Arouche esperava-o ao portão do Palácio das Torres e entraram os dois. Bernardo vinha despreocupado, trazia apenas dois homens como escolta. De um sobrado próximo, Vidal Rabelo, já

trajado como de habitual, de cabelo aparado e patilhas, bigode e tufo da pêra a renascer, o capitão João Mota e vinte soldados aguardavam. Vidal Rabelo mandou duas mulatas da Chica Tortuosa, a Dengosa, meterem-se com os dois matutos, requebrando as ancas e oferecendo-se-lhes com os olhos, um dos guarda-costas replicou ao olhar voluptuoso das mulatas e esfregou o polegar no indicador, quanto?, perguntou, as mulatas responderam, para tão garbosos guerreiros os vinténs que sobrarem no bolso, é um prazer servir quem tão galhardamente nos defende, o cabra, olhos pulados de

desejo, convidou, vamos à cocheira, o outro, ciente do seu dever ou perseguido por moralidade religiosa, uma dobra da corrente do crucifixo deixava-se ver sob o cabeção da jaqueta de couro cru, espetou um bofetão na mulata, xô, xô, vamos a sair daqui, madalenas pecadoras, cadelas imundas, filhas da babilónia, e espetou outro bofetão na segunda mulata. Ao longe, Vidal Rabelo confirmou que as duas sentinelas não escapariam do portão e mandou dois soldados de João Mota defenderem as mulatas e armarem um charivari frente ao palácio, estes fizeram o papel de

chulos ofendidos e desafiaram os primeiros para uma luta a murro na cocheira, mas o segundo matuto recusava-se a abandonar o posto e um dos militares de João Mota desafiou-o ali mesmo, lutemos aqui mesmo, gritava como um galo furibundo, atirando a arma para o chão, desapertando a jaqueta e estendendo os punhos; os oficiais de sala do palácio tinham vindo à varanda e as mulatas, berrando, ofereciam-se a quem desse mais, podem ratear aí de cima, convidavam; o capitão João Mota avançou com os seus vinte homens, perfilados, em toque de marcha, como

se ocasionalmente por ali estivesse passando; Inácio de Arouche assomou a uma das janelas ogivais, dizendo para trás, são os seus homens, Bernardo, este apareceu nas costas de Arouche, inquirindo do que se passava, debruçando-se para a rua; João Mota aproveitou e gritou, são homens seus, meu capitão, Bernardo inclinou-se mais na balaustrada, o peito descoberto, o pescoço à vista, a cabeça oferecida, e, como combinado entre Vidal Rabelo e Cristóvão Pais Barreto, um dos soldados disparou dois tiros sobre Bernardo Vieira de Mello enquanto os restantes

dominavam a escolta e ascendiam pela escadaria; Bernardo, porém, escapara aos dois tiros, um deles ricocheteara numa das colunas da balaustrada e apanhara a nádega de uma das mulatas da Chica Tortuosa, a Dengosa, o outro raspara-lhe a cabeça, não o ferindo; espantalho, chiara João Mota para o soldado que falhara os tiros, só me saem espantalhos na incorporação, hás-de andar três anos a lavar latrinas com a língua antes de passares a cabo. Quinze soldados, comandados por Vidal Rabelo, entravam de roldão na sala e cercavam Bernardo Vieira de Mello, apontando-lhe os fuzis, Barbosa

de Lima afastou-se para os fundos, mas Arouche, num assomo de coragem, que se lhe desconhecia, interpôs-se, cobrindo Vieira de Mello, clamando que ali ninguém matava o herói dos Palmares, assim mesmo o dizia, o herói dos Palmares, e Vidal Rabelo, saindo de trás dos soldados, deixando Vieira de Mello e Arouche espantados, julgando-o na Bahia, disse, ninguém aqui quer matar o capitão-mor dos Palmares, apenas prendê-lo para que seja a justiça a julgá-lo.

João Mota veio à varanda com os seus soldados, dispararam uma salva de tiros para o céu, o sinal de que o

palácio fora tomado e Vieira de Mello estava morto ou preso. Como resposta, a bandeira de Portugal elevou-se nos postes do Brum, das Cinco Pontas e do Arsenal, todos os portões dos três fortes ferreamente cerrados, rodando-se a boca dos canhões do mar para terra; Sebastião Pinheiro Camarão, com Julinho montado na traseira, penetrou na Boa Vista com os seus índios e mamelucos, trajados, ornados e pintados para a guerra, atroando o ar com o sopro do chifre do boi, e, em Santo António, Lula e Domingos Rodrigues Carneiro avançaram com o batalhão negro dos Henriques, a pé, de

azagaias e catanas levantadas; os dois terços desembocaram no Recife e, juntando-se aos soldados de João Mota, enquadrados por Vidal Rabelo, rumaram ao Corpo Santo, o exacto lugar onde se levantara o pelourinho, urrando, Viva o Recife, Viva Sebastião Castro Caldas, Viva D. João v, Viva o Povo, Viva Portugal!; ao longe, virando a Madre de Deus, Cristóvão e Francisco Pais Barreto e um bando de matutos do Cabo faziam a sua aparição; deixando as tropas acampadas nos Afogados, juntaram-se às tropas levantadas, estrondearam o céu com uma saraivada de tiros de

chumbo, festejando a vitória, gritando, Viva o Recife, Viva Sebastião Castro Caldas, Viva D. João v, Viva o Povo, Viva Portugal! O Recife levantara-se e libertara-se.

Nessa madrugada, dormia o Recife imóvel nas sombras da alvorada, Porão Escorço, de opa de familiar do Santo Ofício, e dois meirinhos socaram forte o portão do convento dos Nery, despertando o frade-porteiro. Aberto o portão, recusando-se a esperar pelo prepósito do convento, Porão Escorço penetrou violentamente no corredor de pedra, repercutindo nas celas o eco do

tropear das botas ferradas. Chegado à ala de frei Maria do Amor Divino, Porão Escorço pontapeou a portinhola da cela deste, invectivando-o a abrir em nome de S. Domingos, o Pregador, e do bispo d. Álvaro Manuel da Costa; frei Maria, sonolento, focinhudo, de rosário embrulhado nas mãos, a camisa a bater nos joelhos esquálidos, os pés nus macilentos, abriu a porta e foi arrastado para cima da enxerga, encostado contra a parede nua e esmurrado até sangrar por Porão Escorço, herege, foste denunciado, pensavas que escapavas, mas foste denunciado, disse este, voltando-se

para os meirinhos, continuou, prendam-no e levem-no. Instantes depois, frei Maria do Amor Divino era conduzido a cavalo para Olinda, de pulsos acorrentados, para a enxovia dos dominicanos que servia de calabouço da Inquisição. Porão Escorço deixou ao frade-porteiro uma carta de Manelinho para o prepósito do convento, informando-o de que por denúncia chegara ao conhecimento do Santo Ofício, ali representado pelo seu familiar, senhor Porão Escorço, que frei Maria judaizava, era criptojudeu, fora averiguado que descendia de bisavó judia, uma tal Brites Mendes,

socaveira de ofício, todas as altercações que frei Maria levantara tinham tido como fito desviar a atenção das suas práticas judaicas, Manelinho acrescentava três provas ao prepósito, um candelabro de sete braços e uma estrela de David retirados da sua cela e a confissão pelo frade-cozinheiro do convento de que frei Maria, ontem, mesmo ontem, não comera solha, recusara a solha, alegando ser peixe sem escamas.

Por alturas do Varadouro, quando Porão Escorço regressava a Olinda, arrastando preso frei Maria, de sangue escorregado do nariz e da boca,

emporcalhando-lhe a camisa branca e o fraldão, as duas fortalezas e o arsenal salvaram a vitória dos mascates com um tiro de canhão simultâneo, Porão Escorço, estacando o cavalo empinotado de susto, estranhou, olhando para os meirinhos, que de nada sabiam. Temos borrasca, pensou. O galope de um cavaleiro que virava o Varadouro chamou-lhe a atenção e decidiu esperar por quem fosse, a saber de novas. Era André Figueiredo Dias que, ajudado por Barbosa de Lima, conseguira escapar do Recife pelos fundos da casa de Valençuela Ortiz, onde dormira. André

informou Porão Escorço de que o Recife se levantara em armas e prendera Vieira de Mello, Barbosa de Lima salvou-me, salvando igualmente Inácio de Arouche da fúria dos mascates, levando-o para casa de Valençuela, estão os dois detidos, eu, que dormia, escapei-me, se estivesse na rua estava preso a esta hora, e, ofegante, disse, temos de invadir o Recife, Porão Escorço, pensando duas vezes, calculando ganhos e perdas em face da nova situação, recateve-se, desculpando-se com Bernardo Vieira de Mello, sem ele é como se Olinda não tivesse cabeça, eu obedeço ao

bispo, disse Porão. Então, tens de ir salvá-lo ao Recife, ele e Manelinho estão na Madre de Deus, e esse desgraçado?, perguntou André, apontando para o corpo sílvico empastado de sangue de frei Maria, judaíza, respondeu Porão Escorço, vai ser enviado para a Bahia, André deu uma gargalhada, realmente esse frade já estava cá a mais, só nos arranjava problemas. Frei Maria, erguendo a cabeça, olhou de viés Porão Escorço, só então percebeu de que era acusado. Porão Escorço rematou para André Figueiredo Dias, Nossa Senhora do Aviso não o avisou.

Da janela da Madre de Deus, Manelinho viu o batalhão negro dos Henriques atravessar a praça, saudando os mascateiros dos sobrados e Lula gritando, o Recife é livre!, o Recife é livre!, ouviu a primeira salva de chumbo do capitão João Mota, seguida da segunda, esta de canhão, e decidiu acordar o senhor bispo, tendo o cuidado, cobra, de bater à porta e regressar depois, ainda não tinha visto a Sebastiana na cozinha e era melhor não comprometer o senhor bispo. Quando d. Álvaro Manuel da Costa

saiu do quarto, Manelinho alertou-o que nas ruas se gritava vivas a Sebastião Castro Caldas, mandara um prelado conferenciar com os chefes revoltosos, quem são?, perguntou o bispo, desconheço, respondeu Manelinho, que anunciou de chofre, a propósito, Porão Escorço descobriu que frei Maria judaizava, a esta hora está preso nos dominicanos de Olinda; judaizava?, espantou-se d. Manuel da Costa, esse homem é um herético, agora judaizar; descobriu-se que a sua bisavó era cristã-nova, uma tal Beatriz Mendes. D. Álvaro da Costa torceu o nariz, era-lhe difícil acreditar que frei

Maria judaizasse, Manelinho insistiu, não comeu solha ontem, confessou-nos o frade-cozinheiro dos Nery, Porão Escorço descobriu-lhe um candelabro de sete braços e uma estrela de David; d. Manuel perguntou, a estrela, de madeira, de ferro ou de pano?, Manelinho percebeu que o bispo vira Sebastiana a bordá-la, e, cobra, pondo-se a recato, não sei, sua eminência, foi Porão Escorço quem a descobriu, não eu. D. Álvaro Manuel da Costa, preocupado com o levantamento mascateiro, insistiu em que Manelinho enviasse outro prelado, mas não foi preciso, Vidal Rabelo e

João Mota entravam no paço episcopal. Manelinho, pés de pomba, passo de cordeiro, língua de cascavel, recebeu-os, prevenindo-os de que o senhor bispo se levantara agorinha mesmo, não sabia de nada, nada de nada, despertara com o troar dos canhões, sentira-se incomodado e, mais, achara estranho, e, para falar verdade, eu também, será que chegara a frota anual do rei, interroguei-me a mim próprio, mas não, vi um batalhão negro em alvoroço na praça, comandado por um serviçal; meu serviçal, replicou Vidal Rabelo, actuava sob as minhas ordens, pois,

pois, disse Manelinho, aliás, julgava vossa senhoria na Bahia, pois, mas não estava, replicou Vidal Rabelo, nunca parti; o senhor bispo receia que o poder caia na rua, negros, índios, mamelucos, serviçais a comandarem regimentos, soldadesca, os chefes não se viam, Vidal Rabelo respondeu, o senhor bispo não fique em cuidado, o Recife não corre perigo, o comandante das forças militares é o senhor capitão João Mota, e apontou para este, as forças civis chefiadas pelos quatro vereadores nomeados para a Junta de Instalação do Recife, ora representados por mim devido à

ausência dos restantes, portugueses e leais ao senhor d. João v; Manelinho recordou que também os de Olinda se diziam portugueses e fiéis a sua majestade; Vidal Rabelo replicou severamente lembrando que os únicos pernambucanos que tinham desafiado as ordens de sua majestade tinham sido os olindenses, fazendo explodir o pelourinho e queimando o cofre com os actos sagrados da nova vereação. D. Álvaro Manuel da Costa acabara de entrar na Câmara, o bispo, convidando todos a sentarem-se, ouviu pacientemente a exposição de Vidal Rabelo e interessou-se particularmente

por Bernardo Vieira de Mello; será julgado, sua eminência; o bispo concluiu, as forças leais a Sebastião Castro Caldas tomaram conta do Recife, Vidal Rabelo comentou, por inteiro e sem derramamento de sangue, Manelinho, informado pelo prelado, recordou o ferimento na nádega da mulata da Chica Tortuosa, a Dengosa, e a tentativa de assassinato de Bernardo Vieira de Mello, o bispo perguntou, o que querem de Olinda?, Vidal Rabelo respondeu, nada, sua eminência, de Olinda nada queremos, do Recife, sim, que seja cidade, e de sua eminência, como governador, a

quem asseguramos lealdade, queremos que reconheça a situação anterior ao levantamento mazombo de novembro, contendo possíveis represálias dos senhores de engenho. Manelinho sintetizou, reposição da cidade do Recife e paz com Olinda, muito bem, disse João Mota, Manelinho chamou um secretário e ditou o borrão de um ofício a enviar a todas as povoações tornando claro apoio do bispo-governador à rebelião dos mascates, com reconhecimento da nova natureza do Recife e elogio ao modo pacífico como o levantamento fora feito, evitando derramamento de

sangue, Vidal Rabelo pediu permissão para que o ofício fosse lido nas ruas do Recife, com tambor e caixaria, para que a população se sentisse segura com o apoio do seu bispo, Manelinho, olhando para o bispo, impunha porém uma condição, estendeu dois dedos, melhor, duas condições, que Valençuela Ortiz e José Inácio de Arouche fossem libertados, homens de leis em tempo que não poupava as leis, que se abandonasse a exigência do regresso de Sebastião Castro Caldas, só agravaria o ódio de Olinda, complicando escusadamente as diligências para a paz, Manelinho

concluiu, possivelmente Olinda não terá outro remédio senão aceitar a erecção do Recife, mas o regresso de Sebastião dificilmente o aceitará. Desconheciam todos que desde essa madrugada, em São Salvador, Sebastião Castro Caldas jazia na enxerga de uma das celas da enxovia da Câmara, substituído no seu cargo de governador por Félix Machado.

Em Olinda reinava uma agitação temerosa, a uns a notícia da prisão de Bernardo Vieira de Mello arrefecera os ânimos, ordenavam aos escravos que preparassem os arcazes, partiriam para as fazendas do interior,

aguardando cautelosamente que a poeira amainasse; a outros, enraiveceu, enfureceu, conclamando à porta do Senado que se reunissem homens e escravos e se avançasse sobre o Recife a libertar Vieira de Mello. Pela Rua de São Bento, André Figueiredo Dias, José Tavares de Olanda e Leonardo Bezerra Cavalcanti pediam serenidade e cautela e, à boca pequena, repetiam, os guerreiros do terço branco dos Palmares, capitaneado por Bernardo, tinham sofrido duas traições, os dois capitães-adjuntos, André Furtado de Mendonça e Miguel Godói de Vasconcellos

tinham-se passado para os mascates sob chorudas promessas, por isso o terço não tinha pegado em armas para socorrer o seu capitão, libertando-o do Cinco Pontas. Outros mazombos prontificavam-se a atacar o Recife, André serenava-lhes a ira, persuadindo-os de que a cidade se tornara inconquistável com a artilharia dos canhões voltada para terra, antes de entrarmos no Recife estamos todos mortos, disse, José Tavares de Olanda argumentava serem as fortalezas inexpugnáveis, construídas pelos holandeses para refúgio da população, com directo acesso ao mar. Na casa do

Senado e na Rua de São Bento a agitação fremia, mas entre um e outro casarão notava-se o silêncio e a imobilidade de quem partira ou estava partindo, a deserção, com consequente aceitação passiva do novo Recife, começava a ganhar caminho, pensou André Figueiredo Dias, os senhores de engenho não aceitavam sacrificar de novo homens, cavalos e vacas, sobretudo a sua vida, para assaltar o Recife, a coisa agora fiava mais fino, não era contra mascates e um governador que lutariam, mas contra as tropas de sua majestade, os oficiais de el-rei, desobediência paga com a forca

e o confisco dos bens, Bernardo Vieira de Mello ficara preso do seu próprio extremismo, quisera mexer onde nunca o deveria ter feito, nos oficiais de el-rei, e tramara-se. Esperava-se João Cavalcanti e Domingos Bezerra para se iniciar a assembleia, André Figueiredo Dias receava que da reunião saísse uma posição defensiva dos mazombos, sentia-o pelo ânimo geral, revoltada, barulhenta, mais inclinada para a resignação do que para o ataque.

Gritos lancinantes acorreram da casa de João Cavalcanti, ao fundo da Rua de São Bento, mucamas de d.

Lourença, em ais dolorosos, gritavam da varanda por um médico, André Figueiredo Dias, José Tavares de Olanda e Leonardo Bezerra Cavalcanti correram para casa de João Cavalcanti e arrepiaram-se ao entrarem na sala, o velho Cavalcanti agitava-se, estrebuchado no chão entre d. Lourença e Leonor; a um canto, Domingos Bezerra, de cara entre as mãos, chorava. João Cavalcanti remexia tumultuariamente a perna e o braço direitos, a face esquerda arrepanhada num rictus monstruoso de carnes amarfanhadas e enrugadas, babando-se, gemendo como um

condenado, o braço esquerdo, dobrado pelo cotovelo, imobilizara-se, a perna esquerda hirta, fixa, sem vida. André e José Tavares arrastaram o corpo de Cavalcanti para uma banqueta almofadada, d. Lourença e Leonor esfregavam-lhe a perna e o braço esquerdos, tentando insuflar-lhes uma réstia de vida, Cavalcanti, de mão direita crispada sobre o peito, a boca repuxada para a esquerda, pingando saliva, o olho e a pálpebra esquerdos fixos, pairando num céu de dores, sossegara os estremeções; chegara o médico, apreciara, palpara a perna esquerda, tentando dobrá-la, o braço

esquerdo, tentando endireitá-lo, em vão, foi a idade, concluiu, não há nada a fazer, fica assim, entrevado, um mês de vida, confidenciou a d. Lourença e a Leonor, a um ataque sucedem-se outros, tratem-no o melhor que puderem, consolem-se com orações e dentro de uma semana peçam o viático. Domingos Bezerra afagou a face esquerda do velho amigo, como se nela estivesse mirando o seu próprio destino, disse a André que não tinha forças para presidir à assembleia. Esta não se realizou, o respeito pelo corpo doente do velho Cavalcanti a todos ferira, iam-se retirando, amaldiçoando

aquele fatal dia 18 de Junho de 1711, que lhes levara o Recife e degradara o corpo do velho patriarca. André Figueiredo Dias, José Tavares de Olanda e Leonardo Bezerra reuniram-se na varanda da casa de João Cavalcanti sob o som contínuo dos gemidos de dor de d. Lourença e os ais suspirantes de Leonor. Uma palavra exaltada de José Tavares de Olanda, vinda da varanda, imobilizara o choro de Leonor, o lencinho de cambraia, húmido de lágrimas, tremente nos lábios suspirosos, fixou-se-lhe nas mãos, o peito arfou apressadamente, a cabeça, tombada, dolorosa, ergueu-se,

concentrando-se nas palavras que lhe entravam pelos ouvidos, José Tavares de Olanda informava Leonardo Bezerra Cavalcanti de que Vidal Rabelo fora o chefe do levantamento, passeava-se pelo Recife de cabelo esgrouviado, como um caipira, sem bigode e sem pêra, as patilhas rapadas, um doido, dizia, não fugira para a Bahia, alojara-se no Cabo, entre os Pais Barreto. Inesperadamente, o sangue da vida afluiu às faces de Leonor, carminzando-as, a respiração, opressa, libertou-se, a curva triste dos lábios descerrou-se, estendendo-se, ganhando os pómulos num sorriso

franco: a esperança renascera, Vidal Rabelo, seu amado, estava de novo no Recife; logo se arrependeu do seu contentamento, enxergando o colo choroso de d. Lourença e o corpo inerte de seu protector, sentindo um fundo remorso que a fez espojar-se aos pés do oratório a Santa Clara Clareada, rezando fervorosamente, Leonor não sabia por que devia rezar, se pelo restabelecimento de seu padrinho e pela vitória dos mazombos, se pela salvação de Vidal Rabelo e pela vitória dos mascates; conflituada, de consciência dividida, Leonor, pomba, entre a tristeza e a alegria,

faces beijando o chão da sala, arrancou da garganta uns pleitos chorosos que enterneceram d. Lourença, enchendo-a de beijos.

André Figueiredo Dias, José Tavares de Olanda e Leonardo Bezerra Cavalcanti chamaram Porão Escorço, este veio pausadamente, montado no cavalo preto, trajando a opa de familiar da Santa Inquisição, apreciando as rótulas cerradas dos senhores de engenho, é a debandada, disse para si, Olinda foi um ar que lhe deu, não mais dominará o Recife, concluiu, tenho de me encostar ao bispo, enquanto o pau vai e vem a

igreja salva-se sempre. Porão Escorço, cobra, deixara frei Maria preso nos domínicos, encarregara um destes de abrir o auto, depositara as duas provas físicas, a estrela de David e o candelabro de sete braços, e mandara registar as outras duas provas, ascendência judia, uma bisavó chamada Brites ou Beatriz Mendes, e a confissão do frade-cozinheiro dos Nery de que frei Maria recusara solha, sobre estas duas provas não é preciso abrir inquérito, basta chamar a depor nossa reverência Manelinho, cobra, vigário de d. Álvaro Manuel da Costa, ele confirmará e assinará como

depoente e testemunha do processo. Quando segue para a Bahia?, perguntou Porão Escorço, referindo-se ao frade preso; depois de um primeiro interrogatório, o acusado negará tudo, como todos os outros, mas, face a provas tão evidentes, seguirá para a Bahia em menos de um mês, haja barco para tal, lá, em São Salvador, realizar-se-á uma segunda devassa, enfim, os métodos serão outros e muitos já não ousam negar quando os pés vão ao torniquete para serem apertados, os ossos esmigalhados, aí confessam tudo, e como este ainda por cima é frade e excomungado pelo bispo, em

menos de um ano segue para Lisboa para ser queimado no Rossio; como é sacerdote, o Tribunal do Santo Ofício usa de misericórdia, garroteia-o primeiro, muita sorte terá frei Maria. Porão Escorço sentiu-se bem, este já está, disse para si, não perturba mais, pena não me ter dado ganho nenhum, sempre Manelinho me fica a dever um favor, e grande.

Os três mazombos ordenaram a Porão Escorço que se infiltrasse no Recife com um bando de matutos e raptasse o senhor bispo e Manelinho; sem Vieira de Mello, explicavam-lhe, sem o bispo-governador e com senhores de

engenho a desertarem, Olinda seria uma cidade perdida. Porão Escorço matutou, considerou a operação excessivamente arriscada, só bem-sucedida com total surpresa e a guarda do bispo não reforçada, mesmo assim não haveria garantias de se chegar vivo a Olinda, a hora de cavalgada entre o Recife e Olinda deitava tudo a perder. Olhou para os três mazombos e disse claramente que não, nem por todo o ouro do mundo, levantou as mãos, mostrou os dez dedos abertos, fechou nove e deixou um estendido, esta é a hipótese de sucesso, é muito pequena. Para estupefacção dos três

mazombos, Porão Escorço deu nova solução, se não contamos com Bernardo Vieira de Mello e o seu terço dos Palmares, se os senhores de engenho nos desfalcam dos seus homens, se os mascates estão fortemente armados, numa palavra, se estamos aperreados e não podemos lutar, podemos cercar, cercamos o Recife, por terra e por mar, não deixamos passar alimentos, quem lá está que vá comendo a sola dos borzeguins, muito digesta, dizem. André Figueiredo Dias, estupefacto, olhou para Porão Escorço de boca pasmada, era a solução, um cerco ao

Recife, os senhores de engenho dispensavam muito menos homens, a ganadaria do engenho do Pindoba, dos Vieira de Mello, deveria chegar, o problema é o bispo, disse André, não podemos cercar o Recife com o bispo-governador dentro dela. Porão Escorço, cobra, pausado, deu nova solução, não se rapta o bispo, isso de raptar bispos não se sabe se se está a fazer bem ou mal e, de um momento para o outro, pensando que estamos no caminho certo, vemo-nos com o baraço na garganta, envia-se uma mensagem ao bispo a informar que os nobres pernambucanos, cobras, e apontou para

os três mazombos, querem negociar com o governador um entendimento entre Olinda e o Recife, mas não aceitam ir ao Recife, receando pelas suas vidas, o bispo, pausadamente, dentro de dias, com justificação certa para a paz, prometendo regressar em breve com favoráveis notícias, sai e não volta mais, é simples. E assim se escreveu a História, d. Álvaro Manuel da Costa assinou tudo o que Vidal Rabelo lhe deu para assinar, pediu para confessar Bernardo Vieira de Mello, foi ao Cinco Pontas onde, durante uma tarde, conferenciou longamente com este, a sós, que é

como quem diz, acompanhado de Manelinho, lançou um bando a conceder perdão real aos levantados dos fortes e aos mascates intervenientes e, dois dias depois, a 20 de Junho, fez chegar a Vidal Rabelo e João Mota a missiva prometendo paz, assinada por André Figueiredo Dias, José Tavares de Olanda e Leonardo Bezerra Cavalcanti, informando que partiria para Olinda no dia 21 e regressaria a 23, nem roupas levo, a Sebastiana vai comigo, arranja-me alguma coisa para eu vestir. João Mota e Vidal Rabelo, pombas, escoltaram sua eminência e Manelinho até Fora-

de-Portas e despediram-se solenemente, desejando que o senhor bispo regressasse com novas auspiciosas, dissera, jactante, João Mota.

Nesse mesmo dia, 21 de Junho, pelo fim da tarde, d. Álvaro Manuel da Costa, cobra, reunido com André Figueiredo Dias, José Tavares de Olanda e Leonardo Bezerra Cavalcanti, assinava uma ordem que intimava João Mota a libertar de imediato Bernardo Vieira de Mello e todos os capitães dos fortes e do arsenal a entrega imediata das chaves das fortalezas, os canhões voltados

indevidamente para terra retornassem à posição inicial, de boca virada para o mar, e que todos os chefes do levantamento viessem expressamente a Olinda renovar a jura de fidelidade ao governador e a el-rei, só assim d. Álvaro Manuel da Costa regressaria ao Recife com promessas de paz; caso houvesse temor de vida ou de prisão, todos os chefes militares e mascateiros poderiam proceder a juramento perante Barbosa de Lima, que para tal arrolaria certidão a enviar ao bispo, e todos os que

faltarem à obediência e cumprimento deste edital os haverei

por traidores e inimigos da paz para proceder contra eles na forma de leis.

Vidal Rabelo e João Mota, pombas, apanhados desprevenidos, exclamaram à uma: cobra!

Manelinho agitava-se, entusiasmado, marcando encontros e desmarcando reuniões no paço episcopal, tornando-se, pela manifesta influência que granjeara junto do bispo-governador, o centro do governo. André Figueiredo Dias colara-se-lhe e Porão Escorço, capacho, postava-se à entrada da câmara de Manelinho aguardando ordens. A ideia do cerco fazia o seu caminho, Manelinho, de acordo,

preparava a consciência do bispo, alegando ser preciso dar uma lição aos mascates que os reduzisse à condição de mercadores, almocreves, arrocheiros, carregadores de açúcar alheio. D. Álvaro Manuel da Costa franzia o nariz, arreganhava os lábios, encarquilhava a testa, tombava lentas as pálpebras, a igreja só dá lições de costumes e religião, não de política. No dia seguinte, Manelinho, cobra, entrava pela câmara do bispo resmungando, o pelourinho foi reerguido, de madeira, qualquer dia de pedra, os soldados vagueiam bêbados de vinhaça pelas ruas, as manápulas

nas bundas das mulatas da Chica Tortuosa, a Dengosa, dando hurras a Sebastião Castro Caldas, prometendo o regresso deste para breve, temos de cercar o Recife, pô-los na ordem, basta pô-los na ordem, não é preciso assaltar, só cercar. D. Álvaro Manuel da Costa, retirado na sua câmara, mandava Manelinho receber as representações mazombas, franzia o nariz, arreganhava os lábios, encarquilhava a testa, tombava lentas as pálpebras, a igreja não cerca, a igreja abre, cercar é fechar, abrir é salvar e a igreja é fonte de salvação, não de perdição. André Figueiredo

Dias desacreditava-se de Manelinho, este fazia ver ao bispo que o seu ofício fora desobedecido, Luís Valençuela Ortiz e José Inácio de Arouche tinham regressado do Recife, unânimes, ninguém ligara ao aviso do senhor bispo, João Mota riu-se, dizendo, ele que venha cá buscar as chaves dos fortes, sua eminência me perdoe, temos de acabar com isto, os mazombos fervem de impaciência, eu, cobra, calmo-os, convenço-os de que cercar é bom, assaltar e saquear não, não sei por quanto tempo mais os conterei, sua eminência me perdoe, tem de tomar uma rápida decisão. Eu estou com el-

rei, disse d. Manuel da Costa, Manelinho acrescentou, e el-rei está com os fidalgos pernambucanos, nem outra coisa podia ser; no caso da elevação do Recife a vila, não, aí está com os mascates, mas, tirante isso, el-rei é todo com os mazombos, d. Álvaro Manuel da Costa franzia o nariz, arreganhava os lábios, encarquilhava a testa, tombava lentas as pálpebras, dizendo, se tão seguro disso estivesse outro galo cantaria, alguém no futuro pagará por tudo isto e não quero ser eu. Uma noite mais chuvosa do inverno meridional, o vento silvão tangendo os altos braços das palmeiras turibiti, os

batéis rilhados contra a amurada do cais, estalando a compasso as abas das velas recolhidas, arrastando para Olinda uma névoa cacimbenta cerrada que molhava as roupas, d. Álvaro Manuel da Costa não quis confessar Sebastiana e recolheu-se a seu quarto a escrever. Manelinho estranhou, Sebastiana, aliviada, de nada sabia, e aquele, espetando a língua bífida de cobra, sibilou à porta, mas d. Álvaro Manuel da Costa expulsou-o delicadamente, precisava de estar só com Deus. E esteve, orando e escrevendo toda a noite. Na manhã seguinte, deu a ler a Manelinho a cópia

da missiva que enviaria nesse instante ao Senado de Olinda, demitindo-se de todas as funções castrenses. Manelinho, cobra, louvou a sábia decisão do senhor bispo e ajoelhou-se para lhe beijar o anel, assuntos castrenses e religião não grudam, disse Manelinho, é um alívio, o Espírito Santo inspirou o senhor bispo esta noite, em breve chegará a frota real e trará com certeza novo governador e sua eminência poderá dedicar-se por inteiro à reorganização dos conventos da Paraíba, tão necessitados estão. Manelinho, despedindo-se do bispo e reafirmando o louvor da decisão

daquela noite, inspirada, sem dúvida, correu ao Senado de Olinda convencendo André Figueiredo Dias, José Tavares de Olanda e Leonardo Bezerra Cavalcanti a não aceitarem a resignação do bispo para efeitos militares, a carta fora efeito de uma noite mal dormida, porventura cansaço, talvez extenuação, mas estes, cobras, ridentes, de ofício na mão, acenando para o futuro, diziam-lhe, agora, sim, agora é que podemos cercar o Recife, o bispo só atrapalhava, e vamos nomear Manelinho como capelão das forças sitiantes. Convocado o Senado, a semi-

renúncia do bispo foi aceite, e os três mazombos, mais Bernardo Vieira de Mello, este só de nome, foram nomeados membros da Junta Governativa do Pernambuco, substituta do governador para efeitos militares.

A UNIÃO DOS CORPOS DE JULINHO E VIOLANTE

No lugar do pelourinho, Vidal Rabelo mandara elevar uma estaca redonda da altura de três homens com a bandeira de Portugal hasteada, e João Mota desfilou em parada, salvando el-rei d. João v. O povo festejava, desopresso,

ocupava as ruas como pertença de sua casa, ofertando arroz e carne-de-sol aos militares, de ração escassa. Tamborada e batucada, perseguidas pela cabriolada da molecagem, atravessavam as praças, estrondeando alegria, como na festa de Santo António, padroeiro do Recife; ninguém ousava depor S. Sebastião, esperando que Sebastião Castro Caldas regressasse. Nos pórticos dos conventos e das igrejas, mulheres de ganapos ao colo entoavam coros de aleluias de gratidão aos frades que as tinham recolhido durante o terror mazombo, muitas delas, cruzando

fervorosas as naves de joelhos, empapando de sangue as lajes, pagavam promessas às Virgens, a Nossa Senhora do Pilar, a Nossa Senhora do Carmo, a Nossa Senhora da Oliveira, a Nossa Senhora da Conceição, a Santo Expedito, Santa Rita de Cássia e a Santa Clara Clareada, que as tinham auxiliado na aflição de mães e de esposas, salvando-as, salvando as suas casas. O altar da capela de São Sebastião cobriu-se de flores de maracujá e de estrelícias de corolas abertas e o de Santo António de espaldas de palmeira, celebravam-se breves

procissões espontâneas com os andores dos santos contornando o Corpo Santo, um alívio ganhara o Recife, povos aliviados são povos felizes, mas a festa de hoje não era a festa da elevação do Recife a vila, apenas um descarrego de infelicidades passadas, uma festa de alívios, porque todos, reconhecendo a superioridade militar dos mascates, não desconheciam que a réplica mazomba seria dura e feroz, só não sabiam como, não se sabia como.

Cristóvão e Francisco Pais Barreto despediram-se de Vidal Rabelo, regressaram ao Cabo com os seus

sertanejos, Sebastião Pinheiro Camarão acompanhou-os com os seus índios e mamelucos, avessos a estanciarem em cidades, desorientando-se com as mulatas da Chica Tortuosa, a Dengosa, sorvendo cachaça como se fosse água. Ao fim de uma semana de jornada, os dois irmãos souberam por uma trupe de sertanistas que farejavam poços de água que d. Ana de Faria e Sousa morrera depois de ter dado à luz o filho, mataram-na por três vezes, dizia um, grilando as palavras com a ausência de dois dentes da frente, envenenaram-na por cima e por baixo, e fazia gestos apropriados,

apontando para a boca e para as vergonhas, abriram-lhe as veias dos pulsos, e fechava as duas mãos em punho, e, no fim, porque d. Ana sobrevivera, garrotaram-na com uma toalha de barbeiro, os matutos eram unânimes, fora vingança de d. Catarina Leitão, que do crime fora o instrumento, e dizia, inxtlumenlo, abrindo as beiças e mostrando as duas crateras, o barbeiro confirmara, queimara a toalha assassina e confessara-se ao prior de Santo Antão, as mucamas confirmaram, chorando pela m'nininha sinhazinha. Cristóvão recordou que o assassínio de seu

irmão, João Pais Barreto, não fora justiçado e, embora tivesse cumprido o trato que fizera com Vidal Rabelo, deixando a justiça d'el-rei julgar e condenar Bernardo Vieira de Mello, ao escutar a horrível descrição da morte de d. Ana de Faria e Sousa, sentiu-se invadido pelos humores da vingança, mandou Sebastião Camarão e o irmão Francisco avançarem, em breve os apanharia, e, com vinte cabras-do-mato, sem consciência nem inteligência, desviou para o engenho de André Vieira de Mello. Mais tarde, diria ao irmão Francisco, fora uma pena, calculara que André estivesse no

engenho, mas não estava, este, tendo sabido que o pai fora preso no Recife, pusera-se a caminho no dia anterior, seguindo pela estrada de Olinda. Cristóvão Pais Barreto só encontrara d. Catarina Leitão, não podia aplacar a sua vingança matando uma senhora, devastou o engenho, lançou fogo à canavieira, senzalas e casa-grande, roubando todo o gado, por compensação de sangue, que lhe pagava os prejuízos da jornada ao Recife, e furtou os rodízios da moenda, para substituir os do seu engenho, envelhecidos. Ao fim do dia, uma nuvem de fumo pairava sobre o vasto

engenho dos Vieira de Mello no Cabo, desaparecido para sempre entre ruínas calcinadas. Numa clareira, rodeada das mucamas e da escravaria, d. Catarina Leitão oferecera o corpo à morte, mas Cristóvão Pais Barreto não lhe deu tal sorte, expulsou-a para a mata, fê-la transportar de cavalo a uma légua do engenho e abandonou-a na mata, onde, segundo os escravos fiéis, que a perseguiram, terá morrido nessa noite atormentada por dores no peito, afrontada, incapaz de respirar. Quando Cristóvão Pais Barreto soube da morte de d. Catarina Leitão terá comentado, junta-se no céu a morta à matada e

Deus tudo perdoa.

Julinho viera ao Recife esperar a barcaça que trazia Violante Dias de Camaragibe, não resistiu à espera do atraque do barco, saltou a prancha e abraçou Violante, oh, meu amor, saudades tantas e tu em Camaragibe, só, tão grande risco, Violante, enamorada, respondeu romanticamente, quando se ama nunca se está só, o futuro é nosso companheiro; temos de apressar o casamento, não resisto a tão longas separações, exclamara Julinho, abraçando-a de novo, estou pronta, replicou Violante, com o brilho do encantamento nos olhos. Violante

trouxera o baú de Vidal Rabelo, encaixado num arcaz de jacarandá com embutidos de ferro, como um malão de viagem, mandou-o transportar numa carroça para sobrado deste por quatro escravos armados. Vidal Rabelo convidara Violante a demorar-se em sua casa, Violante alegou ser convidada de Simão Mendes, este ofertava-lhe residência e comida no Recife em paga das madeiras de Camaragibe. Mãe Anália cozinhara uma feijoada de feijão preto, espalharam-se a comer no terreiro, Anólia e Anúlia servindo, Lula, o mais falador, lembrava que os mascates

tinham fortes dívidas para com os negros, não fora o terço de Domingos Rodrigues Carneiro e a vitória não teria sido possível, Vidal Rabelo sabia-o, também sabia que Lula exagerava, não houvera vitória nenhuma porque não houvera batalha nenhuma, e ria-se, Lula replicava que dizer vitória era uma maneira de dizer ganhámos, isso é que é importante, e se não houve guerra poderia ter havido e os pretos já se sabia de que lado estavam, Vidal Rabelo prenunciava o fito da arenga de Lula, amaciava a consciência de Vidal Rabelo para mais tarde lhe pedir um terreno para a futura

igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Vidal Rabelo achou por bem prometer, ali, naquela noite pacífica, embebendo a fatia grossa de pão no molho picante da feijoada, Violante Dias como testemunha, dois, três anos depois da futura instalação da Câmara do Recife, quando, enfim, a vida se normalizar, proporia aos vereadores a cedência de um terreno para a construção da igreja do Lula, do Lula, não, clamou este, da igreja dos pretos, mãe Anália, comovida, chegou-se por trás e beijou Vidal Rabelo, dizendo, obrigada, todos bateram palmas, reencheram de vinho os copos

de vidro verde grosso, serviram-se de mais feijoada, Anília fez sinal a mãe Anália, apontando para o céu, todos voltaram a cabeça para o céu, pintado de um azulíneo claro, iridescente, que brilhava na amplidão do firmamento; por trás das copas esgarçadas dos limoeiros, a Lua, magnífica, farta, rotunda, alva, faiscante, povoava a abóbada celeste com uma luz transparente e cativante, que feria o brilho das estrelas, Vidal Rabelo recordou quando a Lua aparecera cortada em duas metades, anunciando a guerra entre Olinda e o Recife, agora eis que de novo se unira numa esfera

perfeita, íntegra, cheia de luz. Mãe Anália retorquiu ao sinal de Anília, esta pediu para sair, Vidal Rabelo percebeu, ia convocar as velhas pretas para a cafua da praia, Lula disse baixo a Anélia, ficas comigo, Anólia e Anúlia tinham feito doce de leite com niquinhos de carambola e raspas de coco, distribuído em cuiazinhas de barro envolvidas em raminhos de murta, Violante elogiou o doce pedindo a Vidal Rabelo e mãe Anália que lhes emprestassem Anólia e Anúlia para confeccionarem alguns doces para a boda em Camaragibe, quando será?, perguntou Vidal Rabelo

a Julinho e a Violante, não souberam responder, Julinho disse que já tinha metade do dinheiro que ambicionava, a ideia da loja em Olinda, ideia de Violante, lembrou a todos, fora um maná, como os judeus o provavam, têm tantas encomendas de lá como do Recife, se não me tivessem devastado a loja mais ganhos teria, previra que o dinheiro dos prejuízos das mercadorias vandalizadas saldasse as contas com Vidal Rabelo, isso é sagrado, vou lá dentro buscar o dinheiro, disse Julinho, Vidal Rabelo não o deixou ir, pagas-me depois de casado, agora guarda o teu dinheiro,

mas Julinho insistia, ainda por cima com os pagamentos que Vidal Rabelo teria de fazer aos capitães das guarnições, ao Sebastião Camarão e ao Domingos Carneiro; não vou falir, ripostou Vidal Rabelo, não fico bem, não estou à vontade, mas não vou falir, os negócios têm de ser retomados em breve, entre três a seis meses chega a frota, embarcamos esse açúcar que está aí nos galpões, recolhemos mais dos mazombos, depois é retomar os negócios, subindo de novo a pouco e pouco, e o engenho?, perguntou Lula, aguardará melhores tempos, respondeu Vidal Rabelo, não tenho capital

suficiente para repor a canavieira e reconstruir as fornalhas, ou melhor, tenho, mas preciso dele para exportar para Lisboa o máximo de açúcar e restabelecer os fornecimentos de ferragens. Violante Dias propunha que a futura Câmara do Recife ressarcisse Vidal Rabelo dos pagamentos aos capitães, somas demasiado elevadas para serem suportadas por um só mascate, disse, a luta é de todos, Vidal Rabelo disse que não deixaria de propor que lhe pagassem em cinco anos, sem juros, juros não queria, a luta pela liberdade do Recife não comportava ganhos pessoais, receava

que os futuros vereadores, com excepção de Simão Ribas, Joaquim de Almeida e Pereira da Gama, aceitando e até elogiando o meu acto, se fossem esquecendo, iam-se fazendo esquecidos, tanto dinheiro a nova Câmara precisaria, os homens são assim, concluiu Vidal Rabelo, mazombos ou mascates, são assim.

Mãe Anália recolhia as gamelas de barro vidrado, apressava-se, Anília tinha partido para a cafua, atiçando os gravetos e o capim seco com a penca de brasidos que levara, Vidal Rabelo ia saindo, a falar com o capitão João Mota, Julinho aprontava o cavalo para

levar Violante a casa de mestre Simão Mendes. Empurrado pela calidez do ar e a claridade da Lua, dando o braço a Anélia, Lula disse, apontando para o mar, vamos passear à praia, e convidou Julinho e Violante. Violante seguia montada, Julinho e Lula arengavam sobre a loja daquele, Julinho ia retirar as mercadorias, tornava-se perigoso um mascate a vender pelas ruas de Olinda, mestre Simão Mendes avisara-o de que a última recepção dos moradores fora agressiva, melhor deixar passar um tempo, Violante suplicou a Julinho, vem comigo para Camaragibe, vem;

Julinho, indeciso, não respondera; ascenderam a saliência suave das dunas e penetraram na praia, o cavalo de Violante agitou-se, sorvendo a humidade do mar, calcando a macieza da areia. Perto, velhas pretas, enroupadas em panos-da-costa, as pernas grossas e baixas, os troncos maciços, embiocavam para a cafua, três pretos robustos seguiam-nas com os atabaques suspensos das costas por cipós, mãe Anália chegava com Anólia e Anúlia, no balaio cacarejava o galo para Exu. O cavalo de Violante trotou sozinho, pisando alegremente a babugem alvacenta das ondas, Violante

riu-se, Julinho vincou uma mão na arreata, imobilizando o cavalo, Lula e Anélia descalçaram as alpercatas, caminharam para a direita, frente à ermidinha da Nossa Senhora da Boa Viagem, molhando-se mutuamente em risadas nervosas, Violante e Julinho para a esquerda, mirando os escassos fogaréus que cintilavam nos morros de Olinda. A Lua fresca crescera no céu, desmaiando o tremente luzidio das estrelas, e o doce luar, cristalino, envolto no rumorejo da brisa nas folhas silvestres dos coqueiros e nos gemidos cavos do mar falecendo na areia, despertava o amor no coração

dos homens, acendendo-lhes nas veias a tensa chama que apela à paixão. Violante desceu do cavalo e soltou-o, e este, liberto, relinchando de contentamento, partiu à desfilada, brincando com o mar e a areia. O embalo ritmado das ondas afagava o coração de Julinho, enlanguescendo-o, Violante, cativada pela cintilação prateada do luar no mar negro, disse, é tudo tão belo, Julinho agradeceu-lhe o convite para ir viver para Camaragibe e, terno, confessou-se grato, afagando o cabelo solto de Violante; ao longe, trazidos pela aragem, entre o marulhar das ondas, ouviam-se os gritos de Lula

brincando com Anélia, chamando-lhe minha preta, tu és a minha preta, dizia, Anélia arrulhava, e tu és o meu branco; Lula, gritando para a Lua, chamando a esta mãe e companheira dos homens, clamava, sou o branco mais negro do Pernambuco, por fora sou branco, branquinho, mas por dentro sou preto, pretinho, Violante ria-se, Julinho prometia que se fosse para Camaragibe apressaria o casamento, Violante, rindo-se sempre, nervosa, replicava, meiga, vem comigo para Camaragibe, vem, Camaragibe é o nosso futuro, temos dinheiro, esquece a loja em Olinda, é perigoso, não me quero saber

de novo em cuidados, vem comigo para Camaragibe, vem, fixando os olhos nos de Julinho, afagando-lhe as faces entre as mãos, beijando-o suavemente nos lábios, disse, tu és o meu futuro, o meu futuro és tu, a chama tensa que corria as veias de Julinho aluarou-se, enrubesceu-se violentamente, quebrando a contenção e o pudor, Julinho sentiu-se tomado por um fogo novo, que doía e alegrava, um instinto puro, animal, tão natural como o luar que o banhava, a morrinha das ondas que o salpicava, a leveza da areia que pisava, os seus braços, as suas mãos, os seus lábios, as suas

pernas, o seu corpo procurou o de Violante que, presa por idêntica paixão, se lhe ofereceu sob a sombra da ramagem de um coqueiro, abraçando-se como se os dois corpos um só fossem, os dois troncos um só tronco e as duas cabeças uma só cabeça, tombando ambos na areia húmida.

Sobre a praia, acariciados pela brisa, os compassos grossos dos atabaques soaram e as mães negras, velhas da idade do Recife, abafando os estrídulos cacarejantes do galo na degola, fizeram ouvir o seu lamento de Filhas da Terra, ôbá, ôba, ôbá, alalalaluééé, ôbá, ôba, ôbá, alalalaluééé, embalando os corpos de Julinho e Violante, que se conheciam pela primeira vez. Quando Julinho penetrou Violante, arrancando-lhe um gemido de êxtase doloroso, Anélia urrava de paixão cavalgando o corpo branco de Lula, e os dois pares, não sabendo se era a Lua que assim os

afagava, se o mar que os baloiçava, se o cântico negro que os embalava, conheciam o doce e raro momento da felicidade humana.

*

Era Julho, a festa do Yom Kippur aproximava-se. Nessa noite, depois de se despedir de Julinho, em casa de mestre Simão Mendes, Violante, de rosto feliz, corpo leve, a semente de Julinho no seu ventre, tentara persuadir a comunidade de que as cerimónias deveriam ser feitas em Camaragibe sob o disfarce de uma festa campal, Simão Mendes achava arriscado,

arriscadíssimo, todo o Bairro dos Judeus de partida para Camaragibe; a festejar, replicava Violante, Simão Mendes desconfiava, festejamos e não convidamos os nossos amigos, nem Vidal Rabelo, nem frei Diogo?, Porão Escorço apareceria em Camaragibe, se não aparecesse mandava espiões, de certeza, mais seguro no bairro, em casa de cada um, em segredo, nas ruas apenas se ouviria o toque pesado e grosso do *shofar* convidando à festa, *No sétimo mês, no décimo dia do mês, farás vibrar o toque da trombeta; no dia das expiações fareis tocar o toque da trombeta em toda a nação.* Quando

as primeiras estrelas aparecessem no céu Simão Mendes iria de casa em casa recitar a oração final,

Bendita a estrela de Adonai
Tudo o que peço, Senhor, me dai,
Bendito o Senhor que é guia,
Já é hora, já passa da hora,
Louvado seja o Senhor,
Que o jejum do meu corpo saia fora.
Amém, Senhor, ao céu vá, ao céu chegue.

Não se romperia a tradição, mas não haveria solenidades, cada família, recolhida em sua casa, jejuaria, arrepender-se-ia dos pecados cometidos esse ano, gratificando Adonai. Violante concordou, fora o amor que a fizera confiar no futuro,

desarmadilhando-a das permanentes defesas que cobriam a vida dos judeus; ela própria, para não se dar a suspeitas, não ficaria no Recife para a festa do Kippur, partiria para Camaragibe.

Oito dias mais tarde, a Junta Governativa do Pernambuco, obtido o embaraçado consentimento de d. Álvaro Manuel da Costa, mais de Manelinho do que deste, declarava solenemente o cerco de Olinda ao Recife, dispondo guarnições de matutos e parte do terço dos Palmares em todas as saídas do Recife. Os recifenses souberam do cerco por uma

algazarra de João Mota, que acabara de receber a missiva de Olinda e interrompera o funeral da mulata ferida na nádega aquando da prisão de Bernardo Vieira de Mello. Para ser sepultada nas traseiras da igreja de Nossa Senhora do Carmo, Vidal Rabelo dera-a como sua escrava, mãe Anália mandara as pretas velhas embalarem o esquife, imitando o movimento do embalo da canoa na travessia do rio que separava o mundo dos vivos do dos mortos, antes de o corpo ser depositado na tumba dos pretos escravos, mas o pároco que oficiava, um carmelita de longas

barbas imperiais, compreendera a verdadeira natureza da defunta quando duas alas de pretas e mulatas da Chica Tortuosa, a Dengosa, carpiram o corpo durante a noite numa correria de estrídulos a Oxalá, o Senhor do Bom Fim ou da Boa Morte.

O TESTAMENTO DE JOÃO CAVALCANTI

Julinho e Lula tinham carregado as mercadorias da loja daquele para o Recife, Julinho tinha entregado a chave aos dominicanos e pago o aluguer. Descarregando a última carga de

carvão no porão da casa de João Cavalcanti, Julinho entregara a Leonor uma mensagem de Vidal Rabelo, raptar-te-ei, meu amor, dizia a mensagem na letra comercial de Vidal Rabelo. Leonor regressara para a cabeceira de João Cavalcanti de sorriso aberto de alegria, logo se fez substituir por uma mucama, apressando-se a juntar algumas roupas e jóias num balaio arremedado de mala. Julinho queria partir em breve para Camaragibe e Leonor esperava ansiosamente ser raptada e levada para o Recife, mas ambos teriam de esperar longo tempo, o cerco mazombo fora

lançado e não havia trilho, vereda, estrada, caminho, carril, carreiro, atalho que não estivessem vigiados por atalaias olindenses. Do Recife ninguém saía e a Olinda, vindos do sertão, regressavam inúmeros senhores de engenho, alertados pelo rumor de que João Cavalcanti testaria parcelas das suas vastas sesmarias a quem disponibilizasse homens, cavalos e gado para o bloqueio do Recife. De orelhas levantadas e narizes arrebitados pelo cheiro do dinheiro, os senhores de engenho, necessitando de mais terras para os dotes das filhas ou de novos engenhos para os filhos

segundos, retomaram o caminho de Olinda, entrando solenemente pela Rua de São Bento, estancando o cavalo ao portão do palacete de João Cavalcanti, cumprimentando d. Lourença, trocando um passa-palavra com André Figueiredo Dias. Por Olinda, nas ruas e nas igrejas, todos se perguntavam, já testou?, o velho Cavalcanti já testou?, ele testou?, encostando-se como lagartos ao sol às ombreiras do portão do quintal da casa do médico, perscrutando novas da saúde de João Cavalcanti. O médico, visita diária do leito de João Cavalcanti, a todos decepcionava, se testou, não sei, nem

tenho de saber, e, galhofeiro, em passo corrido, ia declarando, está vivo, posso garanti-lo; que morrerá, como todos nós, também posso garanti-lo. João Cavalcanti tinha três filhos legítimos, uma dezena de primos e uma centena de sobrinhos e afilhados entre os Barbalho, os Uchoa, os Tavares de Olanda, os Acciolli, os Bezerra, os Albuquerque, os Vasconcellos, os Vieira de Mello, os Coelho, os Lins, isto é, entre as primitivas famílias povoadoras do Pernambuco cento e cinquenta anos antes. A distribuição das imensas terras de José Cavalvanti deveria ser dividida com evidente

resguardo para que a repartição de mais um ou menos um engenho para um sobrinho não desequilibrasse a divisão de terras do Pernambuco, elevando em poder uma família sobre as restantes. Era costume firme cada uma das famílias testar para dentro de casa o núcleo original de engenhos e sesmarias, acrescentando-lhe mais uma fazenda em território que se estivesse mostrando valioso, e repartir o acrescentado na última geração pelas restantes famílias, beneficiando sobrinhos e afilhados, compensando uma ou outra família prejudicada com promessas de futuros casamentos de

filhas com dotes convenientes. Família que assim não testamentasse era cortada de novas partilhas e isolada nas suas terras, como há duas ou três gerações acontecia aos Pais Barreto. Um senhor de engenho mais ousado, porque mais ganancioso, já fizera saber a Leonardo Bezerra Cavalcanti que o pai lhe prometera os rodízios velhos da moenda do engenho de Bibibiró, e outro, mais ingénuo, apresentara-se à porta da casa alegando que há trinta anos servia a família Cavalcanti, merecendo ser recompensado no testamento, não se esquecessem dele. Domingos Bezerra

mudara-se para casa de João Cavalcanti para assistir o velho amigo e assomava à varanda com um chicote de pele de boi com ponta cordada de chumbo e azorrava nas colunas da balaustrada, clamando para a Rua de São Bento, de mim, quando eu morrer, é isto que vos espera. Manelinho também veio molhar o bico, interessando-se pelo estado do doente, ofertando um livrinho de orações forrado a marroquim, subscrito pelo senhor bispo, para Leonor consolar o ouvido do moribundo, a Leonardo Bezerra Cavalcanti foi lembrando que entre o paço do bispo e a casa dos

Cavalcanti, rente ao pomar, havia aquele terreno cuja possessão nunca fora resolvida, se era dos Cavalcanti, se era da igreja, seria um acto de misericórdia e uma boa recomendação da alma do futuro defunto frente a S. Pedro, Chaveiro do Céu, que os Cavalcanti desistissem de vez da reivindicação da sua posse, beneficiando a igreja. Finalmente, uma manhã de Julho de sol inclemente, o tabelião atravessou a vila seguido de dois escrivães que carregavam o cartório, e, na Rua Nova, nas ladeiras da Misericórdia, da Sé e de São Francisco, na Rua de São Bento, as

portadas das janelas, cerradas à luz e ao calor, entreabriram-se, e vultos sérios e interessados espreitavam pela sombra. João Cavalcanti, reclinado entre almofadões de penas, de mão dada a Leonor, aconselhado continuamente por André Figueiredo Dias e Domingos Bezerra, gargarejava com metade da boca a sua última vontade, distribuindo benesses sem novidade. Em terras, gado e casas grandes, única riqueza dos nobres mazombos, o equilíbrio entre as velhas famílias mantivera-se e os senhores de engenho mais pobres, simples fazendeiros, tinham tido direito às suas

migalhas. Todos se contentaram, até Manelinho se bafejou pela inspiração recebida, João Cavalcanti desistira da reivindicação do terreno que confinava com o paço episcopal. A novidade, que não o era bem, ou melhor, mais novidade nos termos da concessão do que no conteúdo dela, residia na herança atribuída a Leonor, que recebia a posse do Engenho Novo dos Cavalcanti na ilha do Cheira-Dinheiro em sucessão exclusiva, ou seja, sem repartição de posse com o ora marido Vidal Rabelo e passagem directa para os seus filhos, se os tivesse; se os não tivesse, o engenho reverteria para a

família Cavalcanti após a morte de Leonor. Uma estrita condição era posta – Leonor não poderia professar, fora um desejo de João Cavalcanti, que Leonor, sabedora do regresso de Vidal Rabelo ao Recife, aceitara sem resistência.

O CERCO DOS MAZOMBOS

Na primeira quinzena de julho, antes de Cavalcanti testar, André Figueiredo Dias pelo norte e José Tavares de Olanda pelo sul, percorreram as povoações e os engenhos arrebanhando homens e animais com o triplo engodo

da proibição definitiva, subscrita pelo bispo, de os mascates adquirirem engenhos de açúcar – estes apenas poderiam ser vendidos ou repartidos pelas famílias dos nobres mazombos –, da elevação do preço da arroba do açúcar, para sempre fixada anualmente por Olinda, e das partilhas e combinatas permitidas pelo futuro testamento de João Cavalcanti. O argumento decisivo fora a fixação do preço do açúcar, que os mascates, ou por excesso de oferta no cais ou por imposição dos mestres-atravessadores dos barcos, iam anualmente baixando sem beliscarem as suas margens de

lucro, recaindo o prejuízo nos mazombos. Em finais de julho, público o testamento de Cavalcanti, André Figueiredo Dias e José Tavares de Olanda comandavam cerca de quatro mil homens espalhados por uma linha hemisférica perfeita em torno dos ilhéus do Recife, continuada por mar por um conjunto de quinze batelões artilhados, trazidos de povoações costeiras amigas. Dos quatro mil homens, oitocentos pertenciam às sesmarias e engenhos dos Vieira de Mello e às povoações pertencentes à sua administração familiar; André e Diogo Vieira de Mello tinham cessado

os trabalhos do campo e reunido as suas forças para libertarem o pai e vingarem a morte da mãe. Outros seiscentos, tinham vindo de Santo Antão, com Pedro Ribeiro da Silva, que regressara a Olinda.

O Recife fora cercado por terra e por mar, os mascates, entretidos na revitalização do comércio, não entenderam como a vitória os tinha conduzido directamente à derrota, não acreditavam terem sido cercados, parecia-lhes coisa de outro mundo uma vila ser sitiada e os seus habitantes bloqueados nos movimentos. Porém, quando, em princípios de agosto, os

negros do marisco não regressaram ao fim do dia e um deles, de peito aberto a talhos de catana, sucumbiu à porta da igreja de Nossa Senhora da Penha, clamando que os batelões tinham ocupado todos os recifes do mar, começaram a suspeitar de que, de facto, estavam cercados. Pela alvorada do dia seguinte, os corpos dos restantes escravos do marisco deram à costa com a maré e a novel Câmara do Recife fez sair um bando a pedir guarda aos moradores que se ausentassem da cidade. Nessa mesma manhã, os escravos das roças foram encontrados mortos, uns decapitados,

outros enforcados em Fora-de-Portas, os moradores brancos começaram a temer pelas suas vidas. Em Afogados, choças de jangadeiros mulatos forros foram incendiadas e a estes quebrados os braços e enviados Capibaribe abaixo nos seus barquéis, ao sabor da corrente; socorridos no cais dos trapiches, contaram que os olindenses ameaçavam matar todos os recifenses que ousassem escapar do perímetro da cidade. Carvoeiros que diariamente jornadeavam o vaivém entre o Recife e Olinda foram assaltados, os seus burros e albardas pilhados, alguns deles, que tinham protestado,

degolados; os outros, presos à sela, virados ao contrário, enxotados para o Recife com o recado de que na próxima vez seriam mortos. Nesses primeiros dias de agosto, embrumados numa chuva moinhenta que calcinava os ossos e num vento silvão que desesperava a cabeça, chegou nova carta de Olinda, subscrita pelo bispo e pela junta governativa, a confirmar o cerco. A missiva foi lida em sessão pública no Corpo Santo, e os recifenses sentiram-se aperreados, João Mota ordenou que três quadrilhas percorressem as saídas do Recife e Vidal Rabelo mandou Lula e um

bandonote de escravos investigarem trilhas, veredas e atalhos, concluiu-se que o Recife se encontrava totalmente bloqueado, ora por simples atalaias munidos de rijas fogueiras cujos sinais de fumo dariam alerta, ora por quartos de guarnição preparados para a guerra. Por terra, em torno do Recife, tinham-se levantado valas e trincheiras, cobertas de estrepes de madeira de bico aguçado capaz de furar a barriga de um cavalo ou o coração de um homem. O capitão-mor João Mota respondeu ao bispo recusando reconhecer autoridade governativa à Junta, alegando serem os recifenses

bons cristãos e bons vassalos d'el-rei d. João v, os moradores desta cidade não podem acreditar, escrevia ele, que o seu próprio bispo, investido em governador, os quisesse matar à fome e que, em vez de apaziguar, acordar, harmonizar, acicatasse portugueses contra portugueses, tomando partido por uns contra outros. Em vez do bispo, respondeu a junta governativa, entraria em negociações de paz logo que João Mota mudasse a direcção da boca dos canhões de terra para o mar, João Mota replicou que se o fizesse, única verdadeira defesa do Recife, nada impediria que as hostes

mazombas invadissem as ruas da cidade e, irado, contra o conselho de Vidal Rabelo, vendo-se foragido no seu próprio forte, como se a sua casa se tivesse tornado prisão, mandou disparar grossa artilharia dos fortes contra pontos vitais das entradas terrestres do Recife. Disparou para nada, talvez para descarregar a sua fúria.

Avisados por uns matutos, Francisco e Cristóvão Pais Barreto e Sebastião Pinheiro Camarão marcharam do Cabo para o Recife, em auxílio da cidade. Tinham reunido mil homens, insuficientes para romper a barreira

dos sitiadores, mas não se negaram ao dever da luta e, em meados de agosto, arraiavam perto dos Afogados, estudando pontos frágeis da retaguarda dos mazombos. Leonardo Bezerra Cavalcanti, abandonando a cabeceira do pai, ladeado por Porão Escorço e pelo preto Arroxeado, aproximou-se com bandeira branca, vinha em paz, para negociar, disse ele, em nome do Senado de Olinda e autorizado pelo bispo, alegava, trazia as mãos cheias: se os mascates tinham comprado com dinheiro fresco os capitães dos fortes, ele também vinha comprar os aliados dos mascates, a Francisco Pais Barreto

ofertava o Engenho do Cabo, confiscado a Simão Ribas, seu actual proprietário, e nova licença para construção de mais dois engenhos em Tamandaré; a Cristóvão um lugar na Junta Governativa do Pernambuco e uma carta do bispo ao Conselho Ultramarino recomendando-o como futuro governador e urgente petição solicitando a autorização para a concessão de Cavaleiro da Ordem de Cristo; a Sebastião Pinheiro Camarão a promessa de um engenho. Este foi o primeiro a responder a Leonardo Bezerra Cavalcanti, alegou que a sua origem cabocla não lhe permitia ser

senhor de engenho, privilégio e função apenas concedido a brancos; Leonardo adiantou que a Junta abriria uma excepção tendo em conta o passado heróico da família índia Camarão contra os holandeses e, agora, contra o perigo mascateiro, Sebastião Camarão não se deu por convencido, respondeu sabiamente, desfeito o nó perdem-se os vincos na corda, querendo dizer que conhecia suficientemente os brancos para não acreditar em promessas; Leonardo acenou-lhe com dois sobrados no centro da ilha do Recife e permissão de saque de fazendas pelos seus mamelucos, Sebastião recusou de

novo, alegando que, para ele, um sobrado era uma rede de dormir e as paredes de uma casa duas hastes ou dois ramos de árvore onde a pudesse pendurar. Cristóvão Pais Barreto alinhou com Camarão e perguntou a Leonardo, ó Leonardo, tu és um ladrão?, prometes o que não é teu!, este fingiu não ter ouvido, não tirava os olhos de Francisco, e, de facto, Francisco Pais Barreto aceitou o engenho de Simão Ribas, reuniu os seus homens e, sem se despedir do irmão, partiu para o Cabo a tomar posse do que apenas lhes fora prometido para depois do fim do

cerco. Conhecedor das evasivas de Sebastião Pinheiro Camarão ao canto das sereias mazombas, Manelinho preparou uma carta do episcopado, assinada pelo bispo como missiva de intimidação e apaziguamento dos índios, que ameaçava Camarão de excomunhão em vida, insepultamento em morte e danação perpétua de toda a sua descendência até ao fim dos tempos. Camarão, ouvindo a leitura da carta pelo mensageiro, recuou no desejo de guerra; cultuador de Tupan, o deus tupi, mas receador do Deus cristão, que vencera Tupan na guerra entre índios e brancos, Sebastião

atemorizou-se e informou Cristóvão Pais Barreto que cumpriria as instruções do bispo, representante do Deus cristão na terra, regressaria para o Cabo, mantendo-se neutro. Desfalcados das tropas de Francisco Pais Barreto e de Sebastião Pinheiro Camarão, os mascates só podiam contar, fora da cidade, com o reforço dos duzentos e cinquenta homens de Cristóvão Pais Barreto, asfixiados pelos quatro mil mazombos. Cristóvão, sentindo-se aperrado, mais do que aperrado, acuado, decidiu regressar às suas terras, deixando que olindenses e recifenses se matassem entre si.

Perseguido por tropas olindenses desgarradas, que mais saciavam a ganância do saque do que a glória da vitória, Cristóvão, recuando que não fugindo, ia vencendo sucessivas escaramuças, compensando a tristeza da sua indesejada retirada.

D. Álvaro Manuel da Costa, num arremedo de mal-estar, remordido pela consciência, crente ser fraca a sua palavra e o desafio imenso, tentou fazer a paz, sem intervenção de Manelinho e da Junta Governativa, mandando ao Recife um enviado seu, pessoalíssimo, frei Bartolomeu do Pilar, carmelita calçado, assistente da

Congregação do Oratório, há muito parcial dos mascates e velho adversário da jactância desabrida dos mazombos, conciliar-se com João Mota. Prometia o bispo a paz, nem que tivesse de ir, ele próprio, trincheira a trincheira, estância a estância, desarmar os mazombos, a paz total até à chegada da frota real, em outubro ou novembro, com o novo governador ou com Sebastião Castro Caldas, caso o Conselho Ultramarino e o governador-geral do Brasil, d. Lourenço de Almada, o tivessem renomeado; garantia d. Álvaro da Costa que nenhum mazombo penetraria no Recife,

o cerco seria levantado, punha duas condições, a artilharia dos canhões virada para o mar, como sempre estivera, e a libertação de Bernardo Vieira de Mello. Como penhor da sua palavra, o bispo oferecia-se a si próprio como refém, permanecendo no Recife enquanto a frota não chegasse, neste caso levaria a Sebastiana consigo. João Mota, Vidal Rabelo, os capitães das fortalezas e outros mascates da nova Câmara do Recife, suspeitos da fraqueza do bispo, cuja estada no Recife nada tranquilizava, crentes da sua manipulação pelos senhores mazombos, recusaram,

sentindo-se inseguros com o diabo do Bernardo Vieira de Mello à solta, dizia João Mota, que não perderia em vingar-se, e sem a protecção da boca dos canhões apontados para as entradas do Recife por terra e por rio. Com esta recusa, d. Álvaro Manuel da Costa desistiu de vez, dando a entender a Manelinho que o Pernambuco era terra abandonada de Deus, da Lei e do Rei, não se admirando que nela a injustiça e a vingança prevalecessem sobre a justiça e a harmonia, o seu dever, a partir de hoje, afiançou d. Álvaro Manuel da Costa, seria assegurar-se de que o interior da igreja

não fosse corrompido pelo mal do orgulho mazombo ou pela cupidez mascateira; humildade, obediência, senso de harmonia, limites na acção, partilha entre ofertar e receber, são valores estranhos ao Pernambuco, disse d. Álvaro da Costa a Manelinho, pedindo a este os autos da devassa de frei Maria do Amor Divino, Manelinho baixou os ombros e cruzou as mãos atrás das costas, manifestando mudamente o seu desagrado, para um bispo fraco obediência fraca, pensou, e replicou desdenhosamente, não há processo, não houve tempo de levantar a devassa, efectuar os interrogatórios,

chamar as testemunhas, o cerco tomou conta de tudo, mas, com provas tão flagrantes, pensei que fosse abrir e fechar, enviando frei Maria para a Bahia, para seguir para os Estaus, em Lisboa. D. Álvaro da Costa insistiu, então quero ser levado em breve à presença de frei Maria, quero falar com ele pessoalmente, confessá-lo, quero saber como foi possível na minha diocese judaizar um místico devoto de Nossa Senhora do Aviso, andar de convento de Olinda para convento do Recife com uma estrela de David e um candelabro de cobre no envoltório, Manelinho sentia a voz do

bispo, levemente tremida, a avultar-se e a fortalecer-se, ganhando robustez no seio da igreja como compensação da sua fragilidade entre o poder civil – não podendo limpar a sociedade, queria limpar a igreja. Pelo timbre enérgico da voz do bispo, Manelinho pressentiu que não seria fácil insistir nas acusações contra frei Maria do Amor Divino, provas tão avassaladoras que se tornavam pouco convincentes, ainda por cima o bispo espreitara os bordados de Sebastiana e vira-a a costurar uma estrela de David. Manelinho disse que sim, que ia tratar de tudo para sua eminência visitar frei

Maria do Amor Divino e saiu, mandando um escravo percorrer Olinda à procura de Porão Escorço, quem, o pescoço?, perguntou o negro, não, estúpido, cabeça de abóbora, o Dois Olhos, ah, o Dois Olhos, não sabia que ele também se chamava pescoço.

Agosto avançava e no Recife o cerco exterior tornara-se cerco interior. Com as chuvas de inverno limpando a terra, deixando-a gorda de húmus para acolher raízes e sementes, os recifenses ganhavam forte consciência de que estavam totalmente sitiados, impossibilitados de ir às suas roças e

fazendas, antevendo que o que ora não plantassem no futuro não colheriam. Eram as mulheres quem mais protestavam, vendo-se de despensas desamparadas para sustento de maridos e filhos. A mandioca, o inhame, o feijão, a batata-doce, a abóbora – conteúdo rijo dos pratos – escasseavam nos galpões, as maçarocas de milho e as espigas de trigo para a farinha tinham desaparecido dos armazéns, guardados por quem os tinha ou por quem os comprava a alto custo, provendo sustento no futuro. O povo matava galinhas, coelhos, patos e cabritos à

tripa-forra, como se todos os dias fossem de festa, já se antevia o dia em que a reserva de vacas para o leite e a manteiga havia de ser levada ao açougue para abate; seguir-se-iam burros e cavalos, senão os macacos de estimação das crianças brancas. Velhas de longa memória espreitavam com desconfiança para os índios seus trabalhadores ou escravos, relembrando antigos rituais canibalísticos destes; quem tinha índios em casa mandava-os para os mangues à apanha do marisco para serem alvos dos tiros de fuzilaria dos esculcas dos mazombos, capitaneados

pelo Arroxeado, preto bera, que assim se entretinha suspenso das árvores afinando a pontaria. As mães, poupando para o futuro, alimentavam os filhos de sustância, mas elas próprias tragavam frutas, cachos de pitomba e pencas de bananas, jambo, tamarindo, sapoti, abacaxi, pitanga, goiaba e cajá, a que juntavam nicos de leite; graviola, mamão e fruta-pão, alimento de escravo, eram tragados à dentada como se fossem carne e macaxeira. Aos maridos, as mulheres confeccionavam o que havia, e o que havia era marisco, apanhado pelas negras nas coroas de areia da praia e

nos arrecifes da costa na maré baixa, e açúcar, o eterno açúcar apinhado aos montes nos armazéns e trapiches, já contado e encaixotado para embarcar na frota do rei; era o que os mascates pobres comiam, marisco cozido em açúcar. Os caipiras dos mazombos escondiam-se entre os mangues e aprisionavam os índios e os negros, já não os matavam, tinham descoberto que, através de bateleiros da ilha de Itamaracá, podiam vendê-los aos barcos franceses com chorudos lucros. Os conventos do Recife, fornecidos de maiores aprovisionamentos, com horta nas traseiras, abriram de novo as suas

portas aos pobres, distribuindo caldeirões de sopa aguada, fortemente engordurada de azeite de dendê e panos de toucinho de salmoura; ao convento dos Nery, à Madre de Deus, até alguns judeus iam, de pequenas despensas minguadas. E, se as águas de agosto tinham enchido as cacimbas, a aproximação dos calores de setembro lançava o terror premonitório da seca em todas as famílias, que despejavam o açúcar para o monturo do quintal e enchiam de água as cubas e as tachas. Para tristeza e desespero dos mascates, os mazombos reforçaram o cerco, compondo uma

linha de estâncias e de atalaias com oitocentos homens que corria de norte para sul numa distância de duas léguas e meia da praia dos Milagres à Barreta e à Muribeca, cerrando o bloqueio. Imobilizados nas suas casas, com os tratos de compra e venda suspensos, o porto vazio, as lojas fechadas, paradas as partidas e chegadas de carroças para o sertão, as igrejas repletas de mulheres suplicando benigna intercepção de Nossas Senhoras e dos santos protectores, o Recife, ora gloriosamente cidade, tornara-se uma cidade morta, só não aparentemente desabitada porque escravos negros

buscavam ansiosamente poiais de terra ou cunhais de capim para semear feijão e plantar um pé de tomate ou de abóbora; pelos troncos das árvores, moleques esquadrinhavam entre as folhas rapando a fruta, mesmo a verde. Mascates ricos, com dois escravos à retaguarda, carregados de dois baús ou de um arcaz, depositavam nos conventos a suma da sua fortuna, que era toda a sua vida, cordões grossos de ouro, placas de prata, roupas finas, jóias preciosas, um trem de louça. Outros mascates martelavam gradis de madeira dentro de casa, nos socavões ou nos sótãos, forrando-os com

algodão e pano, imitando paredes, levantando cómodos falsos onde esconderiam mulher e filhas, receando que aos matutos do sertão, desfalcados de ouro e prata para saquear, habituados a fornicar vacas e cabras, mais lhes interessasse experimentar carne de mulher branca do que roubar móveis e louças. De repente, sem se saber como, de São José à Boa Vista, doenças estranhas ocorreram, tomando conta do corpo dos recifenses, mulheres possuídas de fluxos de sangue a destempo, corrimentos pastosos que não cessavam, trespassando os panos grossos dos

fraldões, manchando as pernas cabeludas e empapando as palmas dos pés nas socas, deixando rastos de sangue pelo soalho; os homens, alimentados a marisco cozido em açúcar, foram tomados de guinadas espasmódicas na boca do estômago, projectados para o chão, esperneando de dor, a que se seguiam diarreias brancas de olhas vaporentas e escarlates; bichas teniosas afloravam à boca e às narinas de homens e crianças, as mulheres enterravam os dedos nas gargantas das crianças para arrancar os nódulos ninhosos de animálculos aí alojados, prendendo a

respiração; dores de coração que rebentavam o peito, ora em punhaizinhos finos que o sangravam, ora em batucada acelerada que o dilatavam, tomavam conta das mulheres apavoradas, atirando-as para a cama em sucessivos afrontamentos que lhes injectavam os olhos e lhes arfavam a boca exausta de respirar; feridas cicatrizadas voltavam a romper, exumando sangue espesso e esverdáceo, uma baba peganhenta e gangrenosa que unguentos e pomadas não sustiam. Os dois cirurgiões-médicos judeus, conhecedores do saber europeu, andavam numa roda-

viva, acorrendo de casa em casa, lancetando, purgando, sangrando, ora sarando com sucesso, ora fracassando face a sintomas que a ciência europeia desconhecia. Mulheres saudáveis entrevavam-se num repente, caindo para o lado, tombando no chão, perdida a força das pernas, imobilizadas, como se estas fossem toros rígidos de cedro, desprovidas de toda a articulação; os maridos picavam-lhes as coxas com agulhas finas de osso de capivara, espetando-as até sangrar, e elas, de cara bonita, insensíveis, sorriam para os filhos, para estes se despreocuparem. Uma

onda de bexigas doidas varreu o Recife, manchando as faces das crianças e das mulheres férteis, que, esfregando as crostas purulentas, inundavam o rosto de sangue escarlate, carregado de manchas buracosas; mascates há dois meses imobilizados em casa sofriam arrepios da espinha, mãos que se moviam sozinhas, balouçando para cima e para baixo, pescoços que se torciam, pálpebras que piscavam aceleradamente, lábios que se arrepanhavam, narinas que fremiam como ventas de boi, couros cabeludos que deslizavam sobre a cabeça. Revoltados, esmurravam

paredes, cabeceavam portas e descarregavam nos escravos, chicoteando-os por tudo e por nada. Pústulas escarmentosas e manchas vermelhosas como tinha afloravam inesperadamente aos peitos e às costas dos homens e das mulheres, cuja pele, coçada e esfregada, se metamorfoseava em chaga viva e dolorosa como carne queimada. As diarreias brancas dos homens, por jejum forçado, transformavam-se num exangue corrimento contínuo, mais de sangue do que de fezes, outros sofriam retenção forçada, acumulada em torno do bucho, inchando-lhes os quadris e

aquadrazando-lhes as ancas; às mulheres, mais comedoras de frutos, retinha-lhes o mijo, expelindo-o às pinguinhas alaranjadas. Todos frágeis, falhos de gordura, não havia morador que não sofresse de constipação ou gripe, pontada ou virada, inchaço ou minguaço, dores nos olhos ou punhadas nas articulações, febres quentes ou suores frios; os dentes, esses, desprovidos da carne que lhes sustenta as raízes, iam caindo, despegando-se das gengivas como fruta podre tombada da árvore, e estas, de cavernas abertas e sangradas, inflamavam-se dolorosamente, curadas

pelos médicos judeus a pontas de fogo.

Vidal Rabelo, em nome da Câmara, João Mota, os capitães dos fortes, os abades dos conventos e os priores das igrejas, reunidos com os dois médicos judeus, tinham sensatamente concluído que o alastramento de tão estranhos males se devia à falta de carne e verduras e à imobilidade forçada a que homens e mulheres robustos se encontravam votados há dois meses, e, caso a frota real chegasse ao porto no tempo aprazado, ainda sobejavam dois meses de fome e imobilidade. Era urgente romper o cerco, exclamava Vidal Rabelo, que, face a tão abissal

desgraça, deixara de pensar em Leonor, estranhando-se a si próprio não acordar e adormecer a pensar na sua amada. Vidal Rabelo, agitado e contrito ao mesmo tempo, alimentado a inhame por mãe Anália, via o sonho de seu pai e dos patriarcas mascates afundar-se, não pela derrota na guerra, como se exige a homens, não pela violência da batalha, como se admitiria, mas pela fome e pela doença; receava que, em breve, bandos inquietos de mascates, desesperados, de filhos moribundos às cavalitas, invadissem as ruas exigindo rendição; se tal acontecesse, dizia Vidal Rabelo

a João Mota, seria de aceitar, um pai com um filho morto nos braços é superior em valor à pretensão de elevação de uma povoação a cidade, mas ele partiria nesse dia do Recife, partiria com a roupa que tinha no corpo, iria para o cafundó-de-judas, para o Piauí, para o Maranhão, para o Grão-Pará ou mais para cima, subiria aquele famoso rio inexplorado, o Amazonas, e afundar-se-ia na selva, desprezando tudo o que era humano, amor, glória, dinheiro, fé, tornar-se-ia um animal entre animais até ao dia final, o dia da sua morte. Um dos abades chamou a atenção para o modo

de falar de Vidal Rabelo, revelava doença semelhante à que os recifenses estavam sofrendo, Vidal Rabelo começava a sofrer de doença da alma, desculpou-se pelos seus exageros. Os padres temperavam o discurso de guerra de João Mota e as exclamações de desespero de Vidal Rabelo, custava-lhes crer que o coração piedoso de um bispo se mostrasse inclemente face à fome generalizada do seu rebanho, e discretamente iam dizendo que o bispo deveria sofrer rudes pressões dos mazombos, que Manelinho, o vigário-geral mais ganancioso que o Pernambuco

conhecera, diziam eles, não sabia amortecer, pelo contrário, devia acicatar. João Mota fez saber que as reservas alimentares dos militares cessavam, havia rações para mais quinze dias, depois é a fome, a fome armada, nada de mais perigoso do que a fome com armas na mão, os padres avisavam que a água das cacimbas, findas as chuvadas de inverno, esverdeava, talhada pelo súbito calor, receavam que a sopa diária que distribuíam entrasse por cima e se soltasse por baixo, nada alimentando, virando causa de febre. Vidal Rabelo desesperava mas insistia, não nos

renderemos enquanto houver sopa, marisco cozido, inhame cozido, pencas de bananas, jacas gordas e fruta-pão, mas os capitães das fortalezas não eram da mesma opinião, os soldados não se alimentam de água, marisco e fruta, amotinam-se em menos de uma semana. Simão Mendes apareceu, procurava Vidal Rabelo, lançou mais desgraça sobre a desgraça, em menos de quinze dias, pelos fins de agosto, o bairro judeu estaria desprovido de qualquer alimento, nem mesmo açúcar, nem mesmo marisco, as dunas altas de São José findavam em recifes e mangues enlameados e apodrecidos,

fruta não tinham, que o novo bairro não possuía árvores adultas, carne já se fora, vinha pedir providências à Câmara através do amigo Vidal Rabelo. Muito bem, disse este, contendo-se, calmando-se, guarnições sem alimentação, sessenta judeus sem alimentação, dois mil moradores sem alimentação, é este o balanço, no fim de agosto teremos dois mil moradores do Recife sem alimentação. À falta de frei Diogo das Chagas Purificadas, retido em Olinda, Simão Mendes queria aconselhar-se com os senhores rabinos, perdão, com os senhores padres, sobre as assombrações que se

iam repetindo todas as noites no bairro judeu, não sabia se eram sonhos de todos, se visões imaginadas, se fantasmagorias verdadeiras, mais do que uma família, estendida no bailéu da casa, à noite, apanhando a viração do ar, via levantar-se do lado da praia de São José uma procissão de afogados, que ora se assemelhava a um cortejo de jangadeiros e barcaceiros de olhos e mãos roídos pelos peixes, remando e varando os céus como se flutuassem em água, enfrentando as ondas, ora assumia a visagem dos parentes afogados das famílias judaicas, aterrorizando mulheres e

crianças, que se refugiavam no interior das casas, retomando as antigas orações de clemência a Adonai, suplicando ao Senhor desse descanso aos corpos insepultos dos seus parentes. É falta de alimento, arengou o prepósito dos Nery, com carne e farofa a enfarpelar o corpo ninguém tem visões; é a força do jejum e do pavor, concluía o geral dos jesuítas, é não ligar, deixar passar e consolar. Mas as assombrações, verdadeiras ou imaginadas pela mente famélica de gordura, começaram a generalizar-se, acompanhando a propagação das doenças, reais ou imaginadas, ninguém

sabia responder. Pretos preferiam ser chicoteados ou relhados a penetrar nas praias no escuro do crepúsculo, quando a maré baixava e os recifes da costa se enchiam de camarões e lagostins, alegavam terem-lhes aparecido monstros de braços peludos, manápulas em forma de pés de pato patola, cabelos pretos compridos e lisos, saltando na água como rãs, com o traseiro amacacado, outros, aterrados, acometiam-se de visagens de pescadores mortos pelo mar, tendões do pescoço à vista, cabeça chagada, projectados pela fúria do mar contra os rochedos, ou jangadeiros

que, sem salvação, sugados pela corrente, enterravam no peito a catana de decepar cocos, morrendo afogados e apunhalados ao mesmo tempo; nas ruas interiores do Recife, de Santo António a Boa Vista, cavalgavam à noite mulas sem cabeça, encarnações de concubinas de padres que, sem perdão no outro mundo, viravam asnos eternos neste, gotejando sangue espiritual do pescoço decepado; fantasmas de pajés e caraíbas, de cocares resplandecentes, peitos tatuados e nádegas escarnificadas, antigos senhores da terra de Pera Nambuco, ressurgiam reivindicando,

de zagaias e flechas verdadas, a pátria original da sua tribo, e zumbis pretos, socando as palmas claras dos pés contra o chão de terra, bailavam em torno de fogueiras oníricas, exigindo retornarem a mãe-África. Escravos pretos, antes pernoitando nos cunhais das ruas, ressacando a zurrapa mal destilada, recusavam sair de casa de seus donos, alegando vislumbrarem Exu em cada esquina, de tridente ameaçador, olhos de fogo e dentes alvejantes, rindo-se das venturas dos homens. Nos sobrados, das frinchas da madeira e das brechas das paredes saltavam cobras nocturnas, reluzentes e

faiscantes, de língua bífida sanguínea e sibilar ensurdecedor, despertando os moradores, que, levantados em camisa e barretim, logo as viam misteriosamente desaparecer num derradeiro ronco gorgolejado, como silvo encafuado para dentro da garganta. Velhas espreitando por entre a treliça das rótulas declaravam aterradas soltar-se pelas ruas negras do Recife, tarde da noite, cães danados de olhos verdes cintilantes, bodes infernais de fauces de fogo, porcos doidos grunhindo por lama e imundície, carregando nos costados gordos corujas albinas de olhos laranja

e sapos barrigudos coaxando melopeias cantadas. Barcaceiros do cais, de chapéu de folhelho entrelaçado de palmeira, miravam de boca rendida peixes-voadores levantarem-se das ondas, como se estas se desfizessem no areal transfigurando-se em miríades de peixes-voadores que sobrevoavam o Recife, ora crescendo como leques abertos, ora minguando e espalmando-se. Num cafundó da Boa Vista, velho abrigo de escravos fugidios, foram encontrados ossos de cães roubados e de saguins domésticos desaparecidos, e, como um estopim aceso em capim

seco, um rumor inaudível atravessou os bairros do Recife, lançando a suspeita da existência de lobisomens que, receando o homem, pilhavam os cães das casotas e escarafunchavam as árvores dos quintais buscando macacos, sugando-lhes o sangue, tragando-lhes a carne fresca. Pelo crepúsculo das sextas-feiras, mulatas espavoridas corriam dos mangues do Brum, de balaios cheios de caranguejo verde, acobardadas pela assombração da figura fugidia de um lobisomem espojado pelas areias, fedendo a defunto, roncando como porco mas furioso como cão raivoso, buscava os

seios das cabras-mulatas para mamar leite de mulher e tornar-se alvo, branco, branquinho, e assim curar-se do seu destino de homem-lobo, as mulatas arrepiavam-se da maré vazia no Brum, rogando a suas donas que as mandassem para outras praias, mas a espinha das rochas do Brum formava um viveiro natural de lagosta verde, não podia ser desperdiçado, as senhoras puxavam do relho suspenso da parede da cozinha e ameaçavam as escravas, chega-te isto?, perguntavam, ou queres que vá buscar o chicote?, e as mulatas, em ranchos, grudadas umas às outras, mal viam o escurecimento do

mar e a Lua florescer debandavam da praia com os balaios meio cheios, as senhoras desferiam-lhes o relho nas palmas das mãos, forçavam-nas a voltar ao Brum no dia seguinte, elas iam, carregadas de cruzinhas e de bentinhos de S. Cipriano e de figas e cornichos de Exu, persignando-se a cada rabanada de vento que sacudia as folhas carnudas das almendas, pedindo a protecção de Nossa Senhora e dos soldados do forte que, pelas vigias, as convidavam a subir às guaritas, venham, venham, diziam eles, galhofando, nós mostramo-vos o nosso lobisomem escondido entre as pernas,

e as mulatas não sabiam o que mais haviam de recear, se a visagem sombrilínea, se as malfeitorias dos soldados; num fim de tarde de sexta-feira, latidos-roncos e roncos-latidos fizeram-se ouvir por detrás de umas rochas, rente à babugem das ondas, seguido do resfolegar de cães a espojarem-se na areia, as mulatas arrepiaram-se e abraçaram-se mutuamente, ajoelhando-se numa roda de medo, fazendo repetidamente o pelo-sinal-da-cruz e invocando Exu, Ógum e Óxum; o estranho som enfureceu-se, tornou-se um barulho compassado de orelhas grandes

batendo uma contra a outra como matracas, uma chuva de areia espadanada saltava por detrás da rocha, um uivo rouquejante cortou os céus, abafando o marulhar da rebentação, e a bandanada de mulatas desatou a correr pela praia em direcção aos três sobrados do Brum, trespassando as cercas de bambu dos quintais; espreitando para trás, vislumbraram uma aparição alvacenta e amarelenta, de pêlo crespo, alteada como um burro, orelhas arrebitadas e enristadas, dentes pontudos e beiços carnentos, despegando uma baba salivante que tombava aos flocos,

como grânulos de algodão flutuando no ar, as patas dianteiras evidenciavam garras de falcão, capazes de estraçalhar carnes e romper tendões, e nos olhos, chamejantes, coruscantes, esplendentes, flamantes, iluminados por luz própria vermelhante, ardiam dois tições em brasa. As mulatas tinham abandonado à maré os balaios cheios, as águas tinham-nos levado para o mar, enfrentaram as suas donas chorosas e assombradas, de mãos vazias, estas, não acreditando na história do lobisomem do Brum, descarregaram-lhes o açoite nas costas e na bunda, sangrando-lhes as nádegas

até as mulatas não se poderem sentar; as próprias mulheres brancas renderam-se a aparições e assombrações quando, mal escurecia, saído do chão ou tombado de nuvens, emergia pelas ruas de Santo António a visagem de um corpo luzidio e transparente, corpo de homem branco, de chapéu translúcido desabado para a nuca, botas altas de carneira pisando mudamente a terra, andando como se flutuasse a uma braçada do chão, de azorrague na mão direita e dobrões de ouro reluzente na esquerda, troando a rua com um vozear roufenho e gorgorante de que se percebia a

contrição do perdão das maldades sem fim que cometera em tempos idos com seus escravos. As mulheres de Santo António pegaram-se a missas cantadas e a rezas da coroa a Nossa Senhora do Carmo para que a pobre alma penada descansasse em paz; ver ninguém o vira, homem então nunca o vira, mas as velhas, acolitadas por detrás das rótulas, indicavam com o dedo fiel e tremente o cunhal do sobrado onde a aparição acabara de desaparecer. Um ancião preto desconhecido, de misteriosa origem e proveniência, de carapinha basta branca e cara rapada a punhal, despejava tições sobre o

lajeado do pórtico dos sobrados e atemorizava as donas brancas marchando sobre o lençol de brasas, virando para cima, no fim, a palma plana dos pés, mostrando-as incólumes como folha de casquinha, pedia um dedo de azeite, uma cuia de farofa, um broto de batata-doce, uma mancheia de passas, um abacaxi maduro, e as mulheres, receando a arte diabólica do velho, davam-lhe mais do que tinham, tirando da sua própria boca. No Corpo Santo, um casarão ruído do século passado, habitação de família reinol desbravadora do Agreste, que viera mendiga e regressara abastada a

Braga, terra de sua natalidade, apareceu subitamente iluminado por lampiões e archotes volantes, que de sus desciam do telhado desmanchado à alvenaria das janelas; barulhos de portas batendo, arrastamento de móveis, correntes rangendo no soalho apodrecido acompanhavam as iluminações, e das janelas, vultos branquilíneos, iluminantes, como panos de luz, emergiam sobre os ramos das jaqueiras que escondiam o vulto do casarão. Os padres da Madre de Deus ungiram a casa, aspergindo água benta entre os poiais das janelas e os lambris das portas, e, pela escada

desabada, pingaram gotas do santo óleo, foi remédio definitivo, extinguindo-se os ruídos estranhos e as aparições de luz. Não havia morador do Recife que, de manhã, na praça, não narrasse histórias de espectros e assombrações, de visagem e aparição, pulando os olhos de terror, fosse mulher escondida sob o mantelete a caminho da missa, fosse homem de braços imobilizados à cata de novidade. Os padres do Oratório de Nery, espirituais de influência francesa, místicos e racionalistas, afeitos a longas tiradas eloquentes, alertaram os restantes abades e

priores, a Câmara do Recife e João Mota de que a Bíblia ensinava, Matateus, cap. 31, versículo 33, que ao pânico individual, de convívio com visões ou manifestações do diabo no corpo, provocando insólitas doenças, se seguia o pânico colectivo, agravado pelos estado de carência alimentar em que o Recife se encontrava há mais de dois meses, pelo desleixamento de lavagens de corpos, casas e ruas, porta aberta a um surto de peste; em breve, o Recife seria atravessado, avisavam os Nery, por multidões desgarradas e incontroladas rogando clemência de Deus, imolando-se em sacrifícios e

penitências que, propagadas, levaria a um estado de delírio – era preciso fazer qualquer coisa!, aconselhavam Vidal Rabelo e João Mota a reagir, defender, atacar, render nunca. Porém, para agravar o cerco, André Figueiredo Dias mandou cavar vastas trincheiras cheias de estrepes nas Salinas e José Tavares de Olanda, que chegara de Itamaracá com três peças novas de artilharia, decidiu experimentá-las disparando sobre o Bairro da Boa Vista, lançando o pânico entre os recifenses, fugidos para todas as direcções, mesmo para a dos tiros. João Mota percebera, pela

trajectória da fuzilaria, que as balas não se destinavam a matar, mas a assustar, e, susto por susto, se tivessem de morrer que morressem como homens, lutando, e não como velhas beatas de coração aos pulos pelo rajar da metralha. Desesperadas, três famílias de mascates pobres de Areias conjugaram-se com um mulato jangadeiro, conhecedor das correntes e dos afloramentos dos rochedos no ilhéu do Cheira-Dinheiro, e, aproveitando a vaza da maré, armaram um barco que servia de transporte de pedra dos recifes e fugiram do Recife, dirigindo-se por costa para o Cabo,

entregando-se à protecção de Cristóvão Pais Barreto. Na manhã seguinte, os vizinhos, sabedores do intento das três famílias, visitando os casinhotos vazios, desconheciam se haviam de alegrar-se ou penitenciar-se; na madrugada seguinte o mulato jangadeiro aparecera, ofertando-se para transportar mais três famílias sob pagamento em placas de prata ou posse definitiva das casas abandonadas, e, em menos de quinze dias, ainda setembro não principiara, para espanto dos moradores do Recife, o Bairro de Areias desertificara-se. O capitão João Mota reuniu os soldados mais

anafados, juntou-lhes os pretos do terço negro dos Palmares, contou cerca de trezentos homens, e na alvorada do primeiro dia de setembro avançou sobre o fortim-presídio de Santo Amarinho que, segundo atalaias dos mascates, oferecia menor resistência e poderia tornar-se uma brecha de entrada e saída do bloqueio ao Recife. A batalha foi ferocíssima durante a primeira hora e meia, com descargas mútuas de artilharia e, em duas quebradas do fortim, com luta corpo-a-corpo, à baionetada e à catanada; João Mota matava com escopeta e cortava a cabeça dos moribundos com catana,

uma espada de fio de catana forjada a seu intento por um mestre-armeiro de Iguaraçu; à terceira hora, Santo Amarinho recebeu reforços dos matutos de Leonardo Bezerra Cavalcanti e João Mota foi forçado a recuar para o Recife; os pretos dos Palmares traziam cinco cabeças espetadas em varapaus de bambu, três de caipiras do mato e duas de soldados brancos, quase molequezinhos; as cinco cabeças foram espetadas em paus duros no Corpo Santo, em torno do novel pelourinho do Recife. João Mota não desistia e, animado, uma semana depois avançou pela ilha do

Cheira-Dinheiro em canoas e barcaças, agora sem o socorro do terço negro dos Palmares, que se recusava a lutar no mar, tentava furar o bloqueio entre a linha dos recifes, calharam-lhe pela frente três batelões de caipiras bravos e sanguíneos de Ipojuca que, com saraivadas de flechas e abalroamentos sucessivos, quebraram o ímpeto dos homens que acompanhavam João Mota; este conseguiu afundar um batelão, incendiando-o com pecha e alcatrão, mas os outros dois ancoraram em *V* na única abertura dos recifes com calado suficiente para os barcos passarem; a luta deu-se corpo-a-corpo sobre a

amurada dos batelões e João Mota teve de novo de desistir, vendo os seus homens lançados ensanguentados ao mar face à fúria enraivecida dos matutos. No regresso, João Mota, optimista, garantia a Vidal Rabelo que à próxima era de vez. Porém, a conclusão dos mazombos era a mesma que a de Vidal Rabelo e dos padres dos conventos, as pequenas e rápidas vitórias dos mascates não passavam de meias vitórias, nunca se conseguiria romper o cerco e os olindenses logo reocupariam o que os mascates presumiam ter vencido, a alegria do batelão queimado ou das cabeças a

secarem em torno do pelourinho não compensavam nem a fome nem o terror de que o Recife não se desenvencilhava. Chegara-se a um impasse, os mazombos esperavam render o Recife pela fome e os mascates depositavam todas as suas esperanças na chegada da frota real em outubro ou novembro. Porém, o que fortemente desencorajou os recifenses, subtraindo-lhes a vontade de romperem o cerco, foi a inesperada descoberta de que dois influentes mascates, Domingos da Costa Araújo e Miguel Correia Gomes, este último membro do Senado da nova Câmara,

se preparavam para fugir aproveitando os conhecimentos do jangadeiro do ilhéu do Cheira-Dinheiro e o barco de carregar pedra. Esta inesperada descoberta pela patrulha da noite, que ouvira movimentos suspeitos em São José e dera com as famílias dos dois mascates a acartarem baús para o cais, foi abafada a ouro, cada elemento da ronda enriquecera essa noite, mas o boato propagara-se e, embora os dois mascates jurassem sobre a Bíblia aberta que apenas iam enterrar as suas economias na praia do ilhéu do Cheira-Dinheiro, não se livraram da forte suspeita e Miguel Correia Gomes

foi de imediato demitido do Senado, sob a alegação que roupas e apetrechos de viagem não fazem parte das economias de família. Alertado por esta suspeitosa fuga, Vidal Rabelo mandou reforçar os bandos de escravos da apanha do marisco e entregar um terço da apanha nos fortes, e ele próprio, Julinho e Lula descarregaram nas praças dos fortes caixotes de açúcar para os soldados, para que a falta de comida não servisse como causa de amotinação contra João Mota; os guardas-reais, de soldo fraco e atrasado, fardas rotas e desbotadas, passaram a alimentar-se,

desde meados de setembro, de marisco cozido em calda de açúcar.

Julinho e Lula, de braços caídos ao longo de intermináveis dias, não se resignavam. Se os mazombos tomassem o Recife, Lula partiria com Anélia, dizia, não sabia para onde, no Recife não ficava, sabia que Vidal Rabelo faria o mesmo, com ou sem Leonor. Julinho queria partir para Camaragibe, fixar-se lá, definitivamente, reforçar a safra de cana, só regressaria ao Recife em dia de compra de escravos e venda de açúcar. Lula, se pudesse, dizia ele a Julinho, pegava em todos os pretos e

mulatos, escravos e forros, e avançava para o Varadouro, sem armas, sem chuços, sem catanas, todos de calção branco de algodão e peito aberto, descalços, palmas dos pés grudadas à terra, a condição de escravo, clamando a seus irmãos negros de Olinda que se lhes juntassem, amontoar-se-iam no terreiro do Carmo, sentar-se-iam no chão e esperariam que os brancos se conciliassem chegando a um acordo; enquanto não houvesse acordo, não haveria trabalho escravo. Julinho riu-se, nem de Fora-de-Portas passavam, Lula, à primeira trincheira o André Figueiredo Dias ou o José Tavares de

Olanda fuzilavam ali mesmo a pretalhada toda, julgas que eles se importariam?, o prejuízo era dos mascates, não deles, é uma ideia louca, Lula, filha do desespero; não é louca, Julinho, é uma ideia extrema para uma situação extrema; tirando tu, Lula, nenhum branco respeita os pretos, a maioria pensa que os escravos não são homens, são macacos adiantados, é assim que dizem, foram criados por Deus para servir os brancos, que não aguentam o trabalho sob a quentura do sertão, por isso quando se descobriu o sertão e a selva Deus fez os brancos descobrirem os pretos, matar pretos

para eles é como matar macacos, de alguns têm pena, foram-lhes dedicados durante anos, de resto são caros, uma cáfila de pretos custa uma fortuna, é um desperdício matá-los, mas se forem escravos dos outros até é um prazer fuzilá-los. Lula teve outra ideia, e se fossem as mulheres e as crianças brancas a avançarem para o Varadouro, exigindo comida?, Julinho não acreditava que os mascates aceitassem, os mazombos chamar-lhes-iam cobardes, mandavam as mulheres e os filhos implorarem pão em vez de lutarem como homens, um desaforo, Lula, uma vergonha para os homens do

Recife, espalhar-se-ia pelo Brasil que os mascates eram homens cobardes, acolitados atrás do corpo das mulheres. Nesse instante Julinho pulou, parecendo acordar, tivera uma ideia insensata, aventurosa, extrema, como dizia Lula, mas, quem sabe?, poderosa – e se subornássemos um mazombo para nos deixar ir à Bahia buscar comida?, disse Julinho, Lula pulou os olhos, assentiu, é a única hipótese, Julinho, se os mazombos tinham subornado Francisco Pais Barreto, os mascates também podiam comprar um chefe mazombo, não tinham engenhos e sesmarias para oferecer, mas tinham o

dinheiro que tilintava nos ouvidos, endoidecendo os homens.

Porém, Vidal Rabelo, o mais lutador dos mascates, tinha-se desentusiasmado de qualquer solução que rompesse o cerco, não deixava João Mota fazer planos de novas surtidas, dizia que não valia a pena, só condenar mais homens à morte ou ao estropiamento, não queria ficar com esse peso na consciência, era aguentar até à chegada da frota, ver passar os dias, punir qualquer insubordinação, comer o que havia pensando-se no que não havia e deixar as nuvens correrem, elas sempre correm para algum lado,

filosofava Vidal Rabelo, o que se move move-se para algum lado e o tempo não pára, este cerco há-de acabar um dia. Vidal Rabelo concordou molemente com a ideia de Julinho, mais por dever de chefe do que com esperança de salvação, concordou como quem não quer a coisa, mas subornar quem?, e como chegar-lhe?, e que só um homem pode fazer? Julinho, orgulhoso da sua ideia, tinha resposta para tudo, a quem subornar, não sei bem, mas só vejo um que se deixa comprar com ligeireza, Porão Escorço, o Dois Olhos, nenhum outro mazombo é subornável, o

orgulho, neles, manda mais que o dinheiro, não há dinheiro que compre aquela altivez de nobre pernambucano, desbravador das terras do açúcar, senhor de homens e animais, expulsador de batavos, só Porão Escorço, repetiu Julinho, veio de nada e verdadeiramente nada é, só o dinheiro o enche de poder, Porão Escorço pode desviar um dos catorze batelões, corromper o mestre do batelão para que ele me leve à Bahia; eu também quero ir, disse Lula, vamos os dois, Vidal Rabelo não sabia, Porão Escorço era má rês, fica com o dinheiro e denuncia-nos; isso se ele

puser as mãos em cima do dinheiro antes de o barco regressar da Bahia, respondeu prestes Julinho, dá-se-lhe um tanto, pouca coisa, e o resto no fim, Julinho já fizera as contas, tinha de ser um quantia que esmagasse Porão Escorço, o deixasse sem alternativa, duzentos mil-réis para Porão Escorço e a tripulação do batelão e outro tanto para abastecimento de géneros na Bahia, Vidal Rabelo torceu o nariz, é muito dinheiro, só com a junção de muitos mascates, nem eu nem a Câmara aguentamos essa despesa, eu então, desfalcado como estou pelos pagamentos aos capitães dos fortes.

Ficou combinado que Vidal Rabelo trataria de reunir o dinheiro, um terço para começar, e Julinho e Lula de contactarem Porão Escorço, tarefa quase impossível devido ao bloqueio; única solução, recorrer aos padres, adiantou Lula, só um padre superior pode atravessar as trincheiras, alegando que se vai encontrar com o bispo, mas Julinho, recordado dos padres de São Luiz, não confiava nestes, são muito corajosos de boca, mas têm de respeitar as hierarquias, informam o bispo e Manelinho acaba por saber. Mãe Anália, que ouvira o fim da conversa, disse serenamente

que se fosse só mensagem, só recado, uma notícia, uma novidade, ela trataria disso; mas como?, inquiriu Lula, mãe Anália começou a rir, atrapalhada, isso não podia dizer, mas negro é negro, não é recifense nem olindense, aqui somos todos nagôs, essa é a nossa nação, ser recifense ou olindense é um acidente, é a pátria dos nossos donos, mas nós não, nós somos nagôs, e temos os nossos segredos, mas comunicam com os de Olinda?, perguntou Lula, admirado, pensando saber tudo sobre os negros, comunicamos e, se precisamos, até nos encontramos, mas agora, por causa do cerco, nunca mais

do que dez, evitamos mais do que dez, é perigoso; mas por onde vão, como fazem?, insistia Lula, irado por mãe Anália ter segredos para com ele, são segredos de preto, disse ela, nem eu posso saber?, continuava Lula, saberás, um dia saberás, Anélia te contará, mas agora não, existem tradições e rituais proibidos a todos que não são nagôs, a sua revelação pode conduzir à morte, mãe Anália não quis continuar. Julinho pediu a mãe Anália que fizesse saber a Porão Escorço que ele, Julinho, o esperava no sábado seguinte, tarde da noite, sob o cedro gigante do mangue dos

Afogados, este deveria vir só, Lula também queria ir, Julinho não o deixou, se o cobarde levar uns cabras-do-mato para me matarem não é por tu lá estares que me salvo, morremos os dois, Julinho enterneceu-se, custava-lhe morrer, não por si, mas por Violante, nunca esquecera a noite na praia em que se tinham unido e sentia que tinha direito a viver em paz, Violante a seu lado, construir um lar, deixar filhos, e tudo estava tão perto, parecia tão possível, mas, no raio desta terra do Pernambuco, tudo parece feito para impedir que eu e Violante nos casemos.

A MORTE TRÁGICA DE FREI MARIA DO AMOR DIVINO

Fora difícil ao escravo de Olinda que recebera a mensagem de mãe Anália encontrar Porão Escorço, desconhecia-se onde este parava. Durante dois dias, Porão Escorço desaparecera das ruas de Olinda, apenas Manelinho sabia onde se encontrava. O bispo insistira em confessar frei Maria do Amor Divino, Manelinho e Porão Escorço sentiram-se encurralados, em breve d. Álvaro Manuel da Costa saberia de tudo e se a Porão Escorço pouco poderia fazer para além de o demitir

de familiar da Santa Inquisição, Manelinho, vigário-geral da diocese, seria castigado e enviado para a Paraíba, o Ceará ou o Piauí. Manelinho dissera a Porão Escorço, é preciso que frei Maria confesse o seu judaísmo ao bispo; como consigo isso?, perguntou Porão Escorço, Manelinho foi taxativo na resposta, não o sei nem o quero saber, isso é contigo, se eu cair tu cais comigo; ora, ora, tartamudeou sereno Porão Escorço, para que quero eu ser da Inquisição, se os judeus do Recife são mais pobres do que a pobreza e deles nada posso extorquir?, Manelinho

acenou-lhe com um terreno perto da igreja de Nossa Senhora do Amparo, terrenos da igreja, vamos rateá-los mal acabe o cerco, faço pressão sobre o bispo para que um chão fique para ti, não pagas nada, eu saco o dinheiro do preço dos outros terrenos.

Porão Escorço escondeu-se durante dois dias no socavão dos dominicanos, na enxovia de frei Maria. Não sabia o que havia de fazer, limitou-se a sentar-se na enxerga, ao lado de frei Maria. Este, perdida a esperança, sujeito de manipulações e objecto de mentiras poderosas provindas do episcopado, tornara-se um pedaço do que fora;

sabia quão duros eram os métodos inquisitoriais e, pela sua experiência de frade, sabia que quanto mais negasse ser o possuidor de candelabros e estrelas judaicas mais os inquisidores reforçariam as suas dúvidas, condenando-o ao trato e à polé; estava decidido a negar e a negar, e quanto mais o acusassem mais veementemente negaria, mas a tortura, em São Salvador ou em Lisboa, não sabia se aguentaria, restava-lhe suplicar o socorro de S. Francisco, de Santo António e de Nossa Senhora do Aviso, os três protectores a que as suas preces se dirigiam, de manhã à

noite. Olhou para Porão Escorço como se tivesse lobrigado o rosto da pura maldade e recolheu-se ao rosário, contando os bugalhos e rezando. Ao contrário, Porão Escorço olhava para frei Maria como se olha para um monturo atravancando o caminho, era preciso limpar o caminho, mas não sabia como. Enquanto não lhe advinha uma ideia, decidiu pedir-lhe a bem, frei Maria, disse ele, o bispo quer confessar-te, pessoalmente, Manelinho diz que ele desconfia terem sido forjadas as provas do teu processo, viu a puta da Sebastiana a bordar a estrela de David, frei Maria continuava a

rezar, ouvia Porão Escorço longinquamente, como se a voz deste reboasse do tecto, amortecida e cavilosa, Porão Escorço prosseguia, raciocinando para si próprio, aclarando ideias, buscando uma que o livrasse, a si e a Manelinho, da suspeita de d. Álvaro Manuel da Costa, se tu disseres a verdade ao bispo, eu pouco perco, mas o Manelinho desaparece, o cabrão, é um ar que se lhe deu, é o fim dele, vai para o fundo do sertão catar macacos, se calhar vai é catar macacas, Porão Escorço ria-se da sua piada, mas Manelinho não é homem que se fique,

aquilo é pior do que a peste, obra pela calada, eu perco o terreno, é o que é, pior do que a peste, tenho provas, há-de arranjar maneira de me xingar a vida, parte-me as pernas, a mim e a ti, ó frei Maria, mesmo que saias daqui todo contente, o Manelinho há-de arranjar maneira de criar um inferninho só para ti, eu conheço-o, ó frei Maria, podíamos colaborar os dois, por exemplo, tu confessas ao bispo que és judeu, ele manda-te para a Bahia para seguires para Lisboa e eu arranjo maneira de te libertar antes de chegares ao cais do Recife, é certo e sabido, fica assim mesmo, tu salvas-

me e eu salvo-te, acho justo, dou-te algum dinheiro, eu não, dá-te o Manelinho, é ele o prejudicado, e tu piras-te, para onde vais não me interessa, podes ir para o Maranhão ter com os seguidores da Senhora do Aviso ou, se quiseres, arranjo aí uns matutos que te levam até São Francisco e daí partes para Minas, despes a batina e tornas-te faiscador de ouro, boa ideia – que dizes?; digo que Nossa Senhora me protegerá e se tiver de morrer que me receberá no céu; quem sabe se não sou o enviado de Nossa Senhora para te proteger, ofereço-te a liberdade, mais, ofereço-te a vida, que

queres mais?, se calhar, sem que eu o saiba, sou mesmo o enviado de Nossa Senhora; frei Maria rosnou, Nossa Senhora não protege mentirosos e tu não me dás a liberdade porque foste tu que ma tiraste e não me salvas porque foste tu que me condenaste falsamente, eu não sou judeu, sempre o direi, odeio judeus, os assassinos de Cristo Redentor, Porão Escorço irou-se, levantou-se da enxerga, atirou os braços ao ar, pontapeou o vaso das fezes, esborrachando-as contra a parede, não me dás nada, é isso que queres dizer, não me dás nada, eu dou-te a liberdade, ofereço-te a vida e tu

não me dás nada, mesmo que digas a verdade ao bispo ele nunca confiará em ti, és frade secessionista, monge excomungado por herético e contumaz, és um desgraçado, não tens onde cair morto, se julgas que eu te deixo dizer a verdade estás muito enganado, ou concordas comigo ou não vives, a escolha é tua, ó frade Maria, o bispo nunca saberá a verdade, isso posso garantir-te, como o vou fazer ainda não sei. Porão Escorço sentou-se de novo ao lado de frei Maria, cruzou os braços e assim ficaram os dois longas horas, frei Maria rezando interminavelmente, Porão Escorço

lobrigando o coto consumir-se. Por duas vezes, o frade-zelador bateu à porta com duas gamelas de farofa com presunto e por duas vezes Porão Escorço o repeliu, fechando-lhe a porta na cara, Porão Escorço de novo se sentava na enxerga, cruzava os braços e ficava mirando o coto da vela. Quando esta se apagou num derradeiro relance de luz, Porão Escorço levantou-se, calcou o morrão com o polegar e sentiu a dor da áscua apagada penetrar-lhe a pele. Pediu ao frade-zelador duas novas velas e uma lamparina de azeite. Às velas, cortou-as em pedaços horizontais, distribuiu

estes pela cela, perfazendo vinte e cinco pequenos bugios; com a estopa da lamparina, acendeu-os de cinco em cinco, de novo os apagava com o polegar queimado; depois, atravessando a cela, acendeu-os a todos, clareando os recantos da cadeia, fogueando a ponta do punhal nas chamas das velas, apagando-as, uma a uma; quando apagou a última, a pontícula da lâmina esbraseava, Porão Escorço chegou-a ao peito de frei Maria, dizendo, tens duas saídas, ou confessas que és judeu ao bispo e eu salvo-te, ou não confessas e eu obrigo-te a confessar, e encostou a ponta

atiçada do punhal ao peito do frade, furando-lhe a batina, queimando-lhe a carne; frei Maria, ladainhando num murmúrio inaudível, silvou um ai dolorido, arrepiou-se, cerrando os dentes, e Porão Escorço desferiu nova ponteada sobre as costas deste, a que frei Maria, habituado a flagelações de penitência, de novo resistiu. O silêncio tornara-se lúgubre, pastoso, avolumado pela quase escuridão da cela, total a imobilidade de frei Maria, como um réptil acachapado na terra, apenas os olhos piscavam a espaços e os dedos manipulavam as contas do rosário. De sorriso travesso, Porão

Escorço disse, olha, temos aqui um sinal, uma verruga nos ombros, não faz bem ao corpo ter verrugas, vamos lancetá-la, é um favor que te faço, e, com a parte superior do fio do punhal, arrancou o bubão de carne preta, sangrando-a, oh, jorrou sangue, que pena, temos de cauterizar a ferida antes que gangrene, e, aquecendo a lâmina na chama de uma vela, enterrou-a na carne viva, esfregando-a. Frei Maria repeliu Porão Escorço, levantando-se, urrando de dor, deixando cair o rosário, este esmurrou-o violentamente no nariz e nos olhos, forçando-o a sentar-se, cheiras mal, disse Porão

Escorço, borraste-te, deixa lá ver, e, levantando a batina de frei Maria, arrancou-lhe o fraldão, ui, que pestilência, não sei se chame o frade-zelador com água quente para te lavar, oh, não, não é preciso, raspo-te eu o cuzinho com as velas, e reacendendo uma, duas, três velas, fixando-as às três entre os dedos da mão, espetou-as acesas, de chama rebrilhante, nas nádegas de frei Maria, que se projectou contra a parede, urrando; boa, boa, já falas, falas à maneira dos macacos, mas já falas, é um progresso, então, confessas que és judeu?, perguntou Porão Escorço com o

mesmo sorriso travesso de pura maldade, se não confessas continuamos, eu, por mim, não tenho pressa, um pouco de fome, só, pressa não tenho, ainda há ali muita vela, duas são para te enterrar nas narinas, acesas claro, outra na boca, directamente na língua, fica língua esturricada, bom prato, talvez no Recife queiram, com a fome que lá há, talvez mande para lá a tua língua, depois de te matar, claro, e ao proferir esta frase, dita ligeiramente, sem intenção, Porão Escorço consciencializou ser esta a única saída verdadeira, o fim do problema, tinha de matar frei Maria,

mesmo que ele jurasse que confessaria ao bispo que era judeu não era seguro que na hora o fizesse, a solução seria matá-lo, a solução final, não valia a pena perder tempo a torturá-lo, a fome apertava, o melhor era despachar o assunto e ainda ia tempo de comer aquela farofa com presunto do frade-zelador que tão bem lhe cheirara, mas era verdade que lhe estava a dar um prazer danado esturricar a pele de frei Maria, sentir penetrar-lhe o nariz do cheiro acre e ardente de carne humana queimada, e o frade tão dócil, parece que pedia mais, não posso exagerar, não podia desfigurá-lo ou mutilá-lo,

apenas em sítios cobertos pela roupa, que dessem a impressão do uso do silício ou de penitência por queimadura, e acendeu novo coto, deixou-o queimar-se, ganhando chama intensa, e, sem se denunciar, num gesto brusco, espetou-o no mamilo esquerdo de frei Maria, que urrou de novo, aterrado, encostando-se à parede, de olhos desorbitados, a boca babada, apavorada; Porão Escorço foi buscar nova vela, agora o direito, disse, vem cá, fradinho de meia-tigela, vem cá, frei Maria arremessou-se contra Porão Escorço, tentando esmurrá-lo e socar a porta, gritando por socorro, mas Porão

Escorço, de seu natural mau e cruel, rodeou frei Maria num movimento de corpo e encostou o punhal à garganta deste, esforçando-se por não o degolar de imediato, como as suas mãos o pediam; lentamente, num prazer demorado, de gestos lerdos, puxou do cordão de três nós da batina de frei Maria, saliente da parede, e enrolou este em torno da garganta do frade, atou-o por detrás num nó corredio e, rindo, encostando-se ao corpo de frei Maria num acesso lúbrico, ora o apertava, asfixiando este, deixando-o a arfar, ora o lassava, até que, incontidas, mais fortes do que a sua

vontade, as mãos não resistiram, ganharam luxuriosa independência, tornaram-se instrumento de pura maldade e apertaram, apertaram, apertaram o pescoço de frei Maria, que se debatia como um animal. O corpo de frei Maria baqueou, tombou pelo chão, sem vida, Porão Escorço, sereno, com um brilho deleitoso nos olhos, o brilho cruel dos olhos da criança maligna, atravessou o fraldão entre as virilhas do corpo de frei Maria, atou as pontas do pano uma à outra nos quadris, baixou-lhe a camisa, vestiu-lhe a batina castanha, enrolou-lhe o cordão assassino e ajeitou-o à

altura das ancas, arrastou o corpo de frei Maria para o catre, juntou-lhe as mãos em sinal de oração, apanhou o rosário do chão e enfiou-o entre os dedos mortos, juntou os cotos de vela a um canto e chamou o frade-zelador, dizendo, com ar ameaçador, ordens do bispo e do vigário, bico calado, e, depois, com ar compungido e doce, não aguentou a vida de mentira que levava, expirou serenamente, já lhe rezei um pai-nosso, reza-lhe tu também um, e, a propósito de pai-nosso, a farofa com presunto, sobrou alguma?

Julinho manipula Porão

Julinho não se enganara, Porão Escorço não viera sozinho, trouxera o Arroxeado, um preto monstruoso, cara à banda, nariz esborrachado, lábio superior grosso a encobrir o inferior, cicatriz cruzada na testa, veias do pescoço salientes como duas cobras, pêlo rapado no crânio, descalço, duas catanas atravessadas no peito nu e um facalhão pendurado no calção, canalha fedorento que os próprios cabras-do-mato receavam. Porão não desceu do cavalo, olhou sobranceiramente para Julinho, que se acuava entre os ramos

baixos do cedro, no limite dos mangues de Afogados, fronteira norte do bloqueio. Julinho viera de cananota índia, feita de tronco único, de um só remo, rente ao alagamento de cipós e de raízes que bordejavam o Capibaribe, rasgando o pantanal de folhas, lodo e lama. Ao longe, as fogueiras mazombas assinalavam as estâncias das patrulhas, fogos volantes, que ora corriam velozes, ora se imobilizavam, anunciando os atalaias que permanentemente atravessavam a várzea a cavalo e a pé. Disse para vires só, lembrou Julinho, Porão Escorço respondeu, estar só ou estar

com o Arroxeado é o mesmo, o que me queres?, perguntou, quero um batelão para ir à Bahia buscar comida para o Recife, continuou Julinho, directo, com Porão Escorço não valia a pena rodeios, não era Lula, que gostava de argumentar e explicar, a Porão Escorço era fazer-lhe cheirar o dinheiro e esperar resposta; do alto do cavalo, Porão Escorço gargalhou em surdina, e porque não dois, ou mesmo três?, porque só tenho dinheiro para um, e quanto dinheiro tens?, duzentos mil-réis, uma fortuna, mandas fazer uma rua de Olinda só para ti, dá para dez sobrados, cinco de um lado, cinco

do outro, ou compras aos teus cúmplices mazombos um engenho na mata, todo montado, rodízios novos vindos direitinhos de São Salvador, e se quiseres partir para Lisboa armas palacete na Costa do Castelo ou em Santa Catarina, era para aí que iam os reinóis do Maranhão que regressavam ricos a Lisboa. Porão Escorço não continuou a conversa, a proposta de Julinho enganchara-o, esmagara-o, Julinho sentia que acertara em cheio, prendera-o pela boca, agora era puxar, como aos peixes, Porão fazia contas de cabeça, duzentos mil-réis tornavam-no tão rico quanto André Figueiredo Dias

ou José Tavares de Olanda, estes em terras e gado, ele em dinheiro contado, e muito mais do que José Inácio de Arouche ou Valençuela Ortiz, bacharéis pobretanas que viviam encostados aos privilégios dos mazombos, a oportunidade de se livrar de capacho do bispo e de Manelinho, de Cavalcantis e Bezerras, de se tornar um entre eles, par entre os pares, mascate não lhe interessava, negócios atrás de negócios, não tinha paciência, investir e esperar não lhe interessava, precisava de sentir o brilho do dinheiro logo ali, pensar, agir e receber, não sabia o que faria com

duzentos mil-réis, talvez partisse, como dissera Julinho, mas perdê-los é que já não admitia. Porão Escorço fez-se caro, repuxou as rédeas e esporeou ao de leve a barriga do cavalo para este tropear e resfolegar de protesto, disse ao Arroxeado que fosse ali ao fundo ver se ele, Porão, lá estava, e, por fim, fixando os olhos oblíquos em Julinho, perguntou, quando recebo o dinheiro?, quando eu partir no batelão, um terço, quando eu regressar, dois terços, ao contrário, ripostou, Julinho reafirmou, um terço, dois terços, por esta ordem, não há discussão, ou sim ou sopas, e os homens do batelão?,

isso é contigo, volta segunda à noite, disse Porão Escorço, virando o cavalo e assobiando para o Arroxeado, vamos, animal!, exclamou, não para o cavalo, mas para o Arroxeado.

O primeiro protesto contra o cerco por parte dos olindenses veio de frei Diogo das Chagas Purificadas, fez saber directamente à Junta Governativa que «os meus judeus» não podem ficar tanto tempo sem as «minhas» prelecções, almas frágeis, hesitantes na fé, falta-lhes o redil da catequese, desesperados, podem regressar às tradições judaicas, não pode ser, tenho de ir ao Recife, André Figueiredo Dias

argumentou que o cerco não se manteria por muito tempo, em breve a fome rende-os, aos mascates, e frei Diogo poderá ir e voltar as vezes que quiser. Como frei Diogo estava inactivo, André Figueiredo Dias pediu-lhe que acompanhasse Leonor e d. Lourença à cabeceira de João Cavalcanti, mais moribundo que vivo, frei Diogo assim fez, mudando-se do convento para casa de Cavalcanti. Este, adormecido todo o dia, respirando por arranques, que logo se quebravam, levando o pânico a Leonor e a d. Lourença, o coração aquietando-se inaudível, as pontas dos dedos

arroxeadas, que Leonor embrulhava em rosários de bugalhos gordos para que d. Lourença não reparasse, dava vagamente conta de si uma, duas horas por dia, Leonor aproveitava para alimentar o padrinho a colherzinhas de doce de papaia, quadradinhos de abacate fresco e rodelazinhas de ananás mascarado em açúcar, este para providenciar e dar força; Leonor experimentara leite e queijo, o estômago de Cavalcanti repelira-os, agoniando-se e vomitando. Nos tempos breves que Cavalcanti dava consciência de si, de olho direito arregalado, o esquerdo entrevado, frei

Diogo ilustrava-o do aconcheguinho que em breve teria no céu, com Nossa Senhora da Boa Morte a cuidar pessoalmente de lhe recolher a alma, o coro dos anjos seráficos expelindo flatos harmoniosos de trombeta dourada e a reunião dos santos acolhendo de braços espirituais abertos a alma velha mas vigorosa de João Cavalcanti, lia-lhe os salmos 322 e 323 de Hecabeu, o Hebreu, cujo conteúdo consolava sem chorar e louvava sem lamuriar, transfigurando a morte na essência da vida. Leonor, devotada ao seu protector, há muito desfizera o balaio que arremedara

precipitadamente esperando o rapto de Vidal Rabelo, entretinha os dias cuidando do moribundo, bordando remates de toalhinhas e lencinhos com patinhas de pato patola a amarelo, rabinhos espiralados de porco preto, quiabos e flâmulas a vermelho num entretém de passa-horas, como quem vê a vida a passar. Perguntara a frei Diogo notícias do Recife, este pouco sabia senão o que todos sabiam, que a fome atacava e o cerco apertava; e sobre os homens, os mascates, por exemplo, Vidal Rabelo?, perguntava Leonor, fingindo muita curiosidade e pouco interesse; frei Diogo de novo

nada sabia, o que sabia, e mal, era dos seus judeus e, mais do que sabia, pressentia que as carências de fé já não se compensam com a prelecção rijodoce que iniciara e não tivera continuidade devido a este cerco que só interessa ao diabo, arengava irado frei Diogo. Nas horas mortas, que eram quase todas, frei Diogo começou a registar por escrito as impressões que vinha tendo do Pernambuco; não querendo glosar a maldade humana, que tanto o fizera sofrer à chegada, nem as mazelas dos minguaços e dos inchaços que lhe advieram depois, e muito menos aquele cerco maléfico,

decidiu escrever parábolas piedosas sobre o rosário de Nossa Senhora, do qual, secundando as chagas de S. Francisco, a calva rotunda de Santo António, o Martelo dos Hereges, e o rosto redondo e claro de Santa Clara Clareada, era especial devoto, e consoante ia escrevendo ia lendo a Leonor, depositando as folhas molosas de tinta húmida sobre o lençol de linho branco que cobria o peito encovado de João Cavalcanti. Expansão de um coração bondoso, versavam as meditações de frei Diogo sobre as frutas do Brasil, comparando-as com as rosas do rosário de Nossa Senhora:

O Rosário e o Ananasário[2]

No primeiro tomo do livro do mundo debuxou a Senhora o seu Rosário em flores: no segundo tomo do mundo, que é o Brasil, estampou o Rosário em frutos. Quis a Senhora que o seu santíssimo Rosário fosse florido e frutífero, tivesse das flores o agrado e dos frutos a utilidade; por isso, na Europa é em rosas e na América é em frutos. Se o Criador, em companhia da Senhora, fez a rosa rainha das flores, dando-lhe coroa, púrpura, trono e guarda real, no mundo novo fez o ananás com o mesmo aparato real, de coroa, ceptro, púrpura,

guarda, para que o Rosário de sua Mãe fosse em fruto o que no mundo velho era em flor. Por isso fez o ananás fruto sublime da terra.

O ananás, por ser deste novo mundo a fruta mais realenga, o fruto mais sublime da terra, o fruto mais digno e merecedor de representar o bendito fruto do virginal ventre, tem também o foro ou a regalia do rosário, como o tem as rosas e maçãs da Europa. E se os frutos são mais excelentes que as flores, mais abençoados de Deus, mais ditosos e úteis que as flores, mais excelente é logo o Rosário do Brasil, que é em fruto e não em flor.

Melhor é o ananás que a rosa porque pela constância e firmeza excedem os frutos às flores, e o Rosário em frutos é Rosário mais confiante e permanente, melhor do que em flor, e mais útil e rendoso pela firmeza e confiança da reza, provendo a mais graças de Nossa Senhora.

D. Lourença mandara um escravo ajeitado de mãos compor uma caixinha rectangular de carneira e latão, ela própria a enfofou de feltro de algodão forrado de brocado verde com vértices de madeirinha de pau-brasil e uma fístula de osso de onça a servir de trinco, e ofertou-a a frei Diogo para

que ele empilhasse por ordem as folhas soltas do manuscrito, frei Diogo comoveu-se com o santo carinho de d. Lourença, beijando-lhe as mãos em agradecimento. Entusiasmado, frei Diogo atravessava as noites a escrever à luz bruxuleante de uma lanterna de azeite de mamão, a que d. Lourença juntara pingos de óleo de jasmim-voador, para adoçar a ambiência da câmara de frei Diogo, perfumando-a, e afugentar os pernilongos que, em setembro, findas as chuvas de inverno, atacavam as mãos, os pés e as faces descobertas do bom frade, roendo-o de borbulhões escarlates. Numa

madrugada inspirada, espiritualizado pela fímbria cinzento-rosa da aurora, sorvendo um acre suco de ananás maduro de velho, que durante a noite pingara puro para uma cuia, frei Diogo escrevera:

Bendita seja a Senhora do Rosário, bendita a terra que nos deu o Rosário em fruto e em flor, no mundo velho em rosas e no mundo novo em ananases, para que em ambos os mundos se vissem por obras da natureza estampadas as excelências do Rosário. Mas no novo mundo, por ser em fruto, mais excelente, mais grato e mais útil, o Rosário gratifica o

ananás como rei dos pomos. Assim, a Divina Compositora do livro deste novo mundo, depois de no primeiro mundo dispor a rosa para seu Rosário, dando-lhe todas as excelências e virtudes, sublimou neste novo o Rosário em coroa que o pôs em fruto de coroa, o ananás, rei dos pomos, gigante das frutas. Deste modo, se na Europa chamamos Rosário ao Rosário porque de rosas se compõe, na América ao Rosário deveríamos chamar Ananasário, porque à rosa aí corresponde o ananás aqui.

Na alvorada seguinte, saboreando

novo suco, achando-o de travo excessivamente amargo, feroz aos lábios, sentiu que à beleza, à acralidade, à majestade do ananás se devia juntar a dulcidade e a amorosidade da cana-de-açúcar; na solução de ambos, reunidos e harmonizados, dissolvidos um no outro como dois corpos que, abençoados, formam um só para a vida eterna, se encontraria a pulcra e bondosa beleza do mundo, palavras de frei Diogo:

Se o ananás é o rei dos pomos da América, pelas prendas com que a natureza o coroou e qualidades que o dotou, a cana-de-açúcar, por mercê

da mesma natureza, é dignamente a Rainha deste vasto e doce império do Brasil. As melhores frutas são as mais saborosas e mais doces, e a cana-de-açúcar é tão doce que é ela própria a doçura, porque dela se faz o açúcar, de que precede toda a doçura do mundo. Porque é a origem da doçura e ela própria a doçura mesma, acompanha a cana-de-açúcar como rainha o ananás como rei. Assim todas as frutas do Brasil adorem por sua rainha a senhora dona Cana, porque à sua doçura se deve dar de jure *a coroa de todas as frutas deste Brasil.*

Como no seminário muitas caroladas apanhara do padre-mestre de oratória e parenética por findar os seus textos homílicos sem o remate de uma conclusão, frei Diogo apressou-se a escrever um epílogo que das frutas se paralogizasse sobre o reino de Portugal, apologiando o Brasil e inferiorizando a Índia, seu primeiro destino enquanto noviço, nunca satisfeito pelos seus superiores que, apenas já abade, o tinham enviado para o Brasil:

Esta rainha senhora dona Cana dá mais a Portugal do que a Índia, porque o açúcar que dela se faz é

como diamantes e pérolas em riqueza, que no fim até lhe chama açúcar fino tal tem enriquecido a coroa e o reino de Portugal. A Índia há muitos anos que, por pecados e injustiças, já não é Índia, substituída pelo Brasil que embarca milhares de caixas de açúcar todos os anos, tornando-se assim na verdadeira mina dos Portugueses. Oh, saibam os que não sabem o que merece esta planta do novo mundo do Brasil, pelo seu tão rico e estimado fruto, justamente esta rainha dos frutos que pelo seu precioso sabor e riqueza está sempre entrando em Portugal com os seus

efeitos, como entrou a rainha do Sabá com muita riqueza de ouro e pedras preciosas na corte de Jerusalém no tempo de Salomão.

Frei Diogo, amoroso, banhando-se num puro bem, uma santa felicidade tecida de ternura e dádiva, elogiando as frutas do Brasil, sentia-se insatisfeito por não poder revelar e expandir o seu puro amor aos «meus judeus», como dizia a Leonor, e apontava vagamente para baixo, em direcção da praia do Recife, eles sofrendo de necessidades espirituais, suplicando pela «minha» palavra redentora, e eu aqui, salmodiando a

paz do Senhor a um moribundo, e, arrependendo-se destas palavras ofensivas, rectificava para Leonor, função privilegiada, não o nego, mas tarefa de pároco, até de um novel frade acabado de ser ordenado, e, aproximando-se de Leonor, com rosto pesaroso, dizia, sinto o meu amor desperdiçado, a minha missão bloqueada por esta guerra industriada por homens que, presumindo-se anjos de justiça, fazem as vezes de diabinhos de mão-furada, concorrendo para a perdição geral. D. Lourença pedia resignação a frei Diogo, elogiava-lhe os escritos, confeccionava-lhe

carinhosamente travessas de arroz-doce, de bananas fritas forradas de açúcar e, para o consolar, dizia-lhe que só a presença de frei Diogo naquela casa parecia ter reanimado João Cavalcanti. Uma manhã, frei Diogo foi queixar-se ao bispo; d. Álvaro Manuel da Costa, fixando os olhos no ramo grosso da almenda que baloiçava na janela, ouvia-o como se o não ouvisse, acabara de saber que frei Maria do Amor Divino morrera de morte natural na enxovia da Inquisição no dia anterior, fora enterrado de madrugada, nas traseiras do claustro dos domínicos sem laje nem estela,

apenas uma cruz de madeira apodrecida de vinhático, dois paus toscos que o frade-zelador lavara, aplainara, envernizara e cruzara, pregando-os com um espigão enferrujado, cravando-a, por engano, não no local da cabeceira do corpo defunto de frei Maria, mas no dos pés. Por zelo de consciência, durante sete dias o frade-zelador, ajoelhado e debruçado sobre os pés de frei Maria, rezou-lhe duas ave-marias e dois pais-nossos, afagando a cruz no final de cada reza, com os dedos em gancho, como se afagasse a fácies mortuária do sepultado, consolando-o da morte

violenta que sofrera. O frade-zelador ouvira os gritos de frei Maria e vira as queimaduras frescas no peito, no mamilo direito, nas costas e nas nádegas; com superior cuidado, como se tratasse de um vivo, untara-as com pomada de jango e jasmim, lavara-o por baixo, raspando-lhe a cagadura, disfarçara o sulco do cordão no pescoço com óleo brilhante de jenipapo, queimara-lhe a camisa, o fraldão e a batina esgarçada, compusera o corpo de frei Maria com uma velha mortalha e enterrara-o docemente, ajudando pela limpeza e esmero do corpo a compensar a alma

torturada na morte; com medo do bispo, a quem atribuía a ordem da morte de frei Maria, e de Porão Escorço, informara de raspão o superior que o franciscano preso morrera ao princípio da noite, atormentado por umas febres que exigiam enterramento imediato. D. Álvaro Manuel da Costa não sabia se havia de abrir devassa eclesiástica à morte de frei Maria, se havia de esquecer aquele processo, torto desde a chegada de frei Diogo ao Pernambuco. Para o abrir, teria de mandar exumar o cadáver de frei Maria, um herético e excomungado, e

assim desautorizar Manelinho, que o informara e lhe dera a morte como natural, e o superior dos dominicanos, que informara Manelinho, e assim abrir novo conflito, logo com os dominicanos, os «cães do Senhor», mais zelosos do seu nariz do que os jesuítas. O melhor seria esquecer frei Maria, morreu, está morto, está morto, morreu, parecia dizer o bispo a si próprio enquanto ia ouvindo longinquamente frei Diogo falar dos «meus judeus», mas Manelinho não se livrava da suspeita e logo que pudesse haveria de encontrar motivo para o pôr a andar da vigararia, talvez enviá-lo

como seu representante para a Paraíba, afiançar-lhe que só nele confiava para pôr ordem nas igrejas daquele sertão, e despachá-lo, mal acabe o cerco, trato do Manelinho, concluiu d. Álvares da Costa. Frei Diogo continuava a queixar-se ao bispo, aproveitava para lhe ofertar uma cópia das suas parábolas sobre o rosário de Nossa Senhora, chamara-lhes, às meditações, *Frutas do Brasil*. D. Álvaro Manuel da Costa agradeceu e deixou cair desinteressadamente o maço de folhas sobre a mesa, lerei com muito zelo e atenção, frei Diogo, disse, mas não agora, agora preocupa-me o cerco, frei

Diogo aproveitou e insistiu, não era justo nem cristão que os mazombos tentassem matar pela fome os mascates, nem aos animais se fazia, dizia frei Diogo, indignado, logo agora que ganhávamos sessenta almas de judeus para o redil do Senhor, d. Álvaro ia ouvindo, pedindo-lhe o que já d. Lourença lhe pedira, resignação, paciência, o cerco havia de acabar, tudo regressaria aos seus lugares naturais. Mas a frei Diogo sobrava-lhe em amor o que carecia em resignação e, aconselhando-se em contínuas orações a Nossa Senhora, a S. Francisco, a Santo António e a Santa

Clara Clareada, suplicando-lhes uma iluminação, decidiu, dois dias depois, fazer o que um pastor faz às suas ovelhas, ser guia e alimentador, trajou a batina larga dos tempos do inchaço da mistela de mãe Anália, passou pelo paço do bispo, desceu disfarçadamente à câmara de depósito das reservas de hóstias para as igrejas do Pernambuco, almofadou o interior da batina de centenas de hóstias presas em saquitéis de linho, dirigiu os seus passos para o estábulo, selou o cavalo branco do bispo e avançou para Santo Amaro. Os matutos que guardavam a estância de Santo Amaro correram a chamar André

Figueiredo Dias e este, baixando os ombros, considerando frei Diogo inofensivo, deu ordens para o deixarem passar, ainda por cima leva o cavalo do bispo, bem feito. Com uma majestade indiferente, alheio aos matutos, frei Diogo atravessou as trincheiras, ladeou as valas duplas armadas de estrepes e seguiu para o Recife; de sorriso maroto, o sorriso da bondade, ia palpando sobre a batina os saquinhos de hóstias. Frei Diogo depositou as hóstias no convento da Madre de Deus, pediu cuidado especial, eram para os «meus judeus», só falta consagrá-las, e dirigiu-se ao

bairro judeu. Com Simão Mendes, rindo-se os dois à socapa, levaram o cavalo do bispo ao açougue. Antes de este ser morto, para servir de alimento aos judeus, frei Diogo explicou bondosamente à orelha esquerda arrebitada do cavalo que se deveria resignar ao seu destino, um fim mais glorioso do que servir de montada ocasional do bispo. Na noite seguinte, com os judeus de barriga farta de grelhados de posta de cavalo, frei Diogo mirava uma assembleia alegre e devota, os meninos puxavam-lhe a batina com a mão, pedindo-lhe a bênção, as mulheres beijavam-lhe a

mão, chamando-lhe homem santo, Simão Mendes e os restantes homens, agradecidos, rodeavam-no como cúmplices no amor do único Deus, o que gratifica a vida de judeus e cristãos, e frei Diogo, de oratória emplumada, fazia a todos ouvir o relato do nascimento de Cristo, o Messias, e repetia, o Messias:

Aconteceu naqueles dias que saiu um édito de César Augusto, para que fosse recenseada toda a população. O primeiro alistamento foi feito por Cirino, governador da Síria, e iam todos alistar-se, cada um à sua cidade natal. José subiu de Nazaré,

na Galileia, até à cidade de David, que se chama Belém, na Judeia, porque era da casa e da família de David, para se alistar com Maria, sua esposa, a qual estava grávida. E estando ali completaram-se os dias, e deu à luz o seu filho primogénito, a quem pôs o nome de Jesus; e, enfaixando-o, reclinou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem. Ora, naquela mesma terra, havia uns pastores que vigiavam e revezavam entre si as vigílias da noite, para guardarem o seu rebanho. E eis que se apresentou junto deles um anjo do Senhor e,

cercando-os uma claridade divina, tiveram um grande temor. Porém, o anjo lhes disse: não temais, eis que venho anunciar-vos uma grande alegria, que o será também para todo o povo – nasceu-vos hoje, na cidade de David, o Messias, o Salvador, Emanuel, o que é filho de Deus, que é o Cristo anunciado. Subitamente, apareceu uma multidão celeste louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nos céus e paz na terra aos homens de boa vontade.

Como uma cobra glissante, a canoa de um só corpo deslizava lépida na noite escura pelo Capibaribe puxada

por um cabo de cordame preso nos dentes do Arroxeado. Reclinado, tapado pelo emaranhado de uma rede de pesca, Julinho deixava-se ir, preso do pavor de desconhecer se o avantesma do preto o levaria ao batelão ou lhe torceria o pescoço no próximo mangue, sacando-lhe a provisória escrita em nome de Porão Escorço e subscrita por Vidal Rabelo com a chancela da nova Câmara, na qual se asseverava que, terminado o cerco, o Recife pagaria àquele duzentos mil-réis. Porão Escorço não vacilara, arranjara o batelão, mas o dinheiro teria de ser recebido todo de

uma só vez, em letra de crédito, válida em casa bancária portuguesa. Julinho e Vidal Rabelo perceberam que Porão Escorço queria se safar de mazombos e mascates e partir para Lisboa, levando no bolso a soma de todos os seus roubos e uma letra de duzentos mil-réis. À cautela, Julinho, estendido no bote, espoletara a escopeta, munira o cano de chumbo e desfivelara a bainha do punhal. À sua frente, como cobra marítima, Arroxeado nadava silenciosamente, de focinho fora de água e corda presa entre os dentes brancos, encharcado de lodo, que lhe escorria às postas dos ombros

possantes. Nos mangues do Recife, Arroxeado abrigou a canoa entre as raízes de uma velha almenda, subiu para um dos troncos e ficou à espera, fixando a linha dos batelões, para lá dos recifes. Julinho dispôs a clavina a jeito na mão direita e, na esquerda, aferrou o cabo do punhal. A espaços, o vagaroso chapinhar da água quebrava o silêncio, rumorejando docemente, ondeando a canoa. Arroxeado descobrira um ninho de lagartos cinzentos no ronco roído do tronco, entretinha-se sacando um, quebrando-lhe a espinha, torcendo-lhe o pescoço e lançando-o à água; a cauda viva do

lagarto saracoteava entre a ondulação, de sus se imobilizava, afundando-se; Arroxeado sacava outro e tudo se repetia. A meio da noite, de um batelão, três archotes foram acesos e apagados por três vezes e, à quarta, um lampião de marinheiro, de gordura de manteiga, bruxuleou no breu do horizonte. Arroxeado desceu do tronco, trincou a corda e nadou para os recifes, arrastando o barquéu. Na linha das rochas, atracou a canoa num monte de pedra britada, apeadeiro das antigas pedreiras que abasteciam a construção dos sobrados do Recife, e esperou novo sinal. Este veio com a chama de

uma nova lanterna. Arroxeado fincou de novo o cordame entre os dentes e penetrou pela ondulação esparsa. No crepúsculo da aurora, o mestre do batelão avisou os outros mestres de que ia abastecer-se de pescado, regressava pelo meio do dia, e embiocou a proa para o alto-mar a caminho da Bahia. Na amurada, Julinho despedia-se do Recife tentando vislumbrar, para além dos morros de Olinda, a várzea e as altas matas de Camaragibe, onde o seu coração ficava.

VIOLANTE DIAS E QUATRO PRETAS

Julinho havia-se enganado, à hora da partida do batelão, Violante Dias não estava em Camaragibe. Cinco grossas jangadas desciam o Capibaribe carregadas de caixotes de açúcar, cada uma manejada a varapau por uma mulher. Na da frente, de camisa e saiote largos, juncadas por avental de couro, botas altas de cavaleira, cabelo preso ao alto, caído em desalinho, luvas grossas de carneira, acorrendo de um lado a outro da jangada, Violante Dias embiocava a balsa ao sabor da corrente, assinalando para as

restantes um ou outro pináculo de rocha saliente das águas. Nas quatro seguintes, quatro pretas robustas, musculosas, coxas e braços ajeitados a cortar e acartar cana, pernas abertas firmes no estrado de madeira, manobravam o varapau ao jeito da corrente, rindo-se umas para as outras, lançando o seu grito de guerra e de oração, ôbá, ôbá, ôbá, alalalaluééé, ôbá, ôbá, ôbá, alalalaluééé. Nas estâncias à beira-rio, os mazombos abriam a boca assombrados à aparição das cinco mulheres marinheiras e Violante, aproveitando a surpresa, gritava para a margem, apontando para

as caixas de açúcar, açúcar para a frota do reino. Se as jangadas tivessem sido conduzidas por homens, os cabras-do-mato não teriam deixado passar o açúcar, tê-lo-iam pilhado e dividido entre si, guardando-o para o venderem nos trapiches do Recife, alegando ser da sua meação, a meia-parte a que os posseiros tinham direito da cana da sua safra em terras do senhor de engenho. Mas cinco mulheres descendo o Capibaribe em balsas improvisadas, à falta de barcaças, retidas no Recife, chefiadas por Violante, senhora de engenho e dona de casa-grande, furavam as

reacções dos caboclos, sentados à borda-rio, chapinhando os pés nus na água, mascando fumo, arrepiando a barba e gritando para Violante Dias, hei, hei, Maria Amazónia, e, retomando o ar jactante de mazombo, aprendido com os seus senhores, clamavam para as quatro pretas, seguras bem nesse varapau, hás-de experimentar esse jeitinho aqui no meu varapau, e apontavam para o entrepernas; ó preta jangadeira, dizia outro, se um dia te apanho no capim faço-te embalar como as verdadeiras ondas do mar. As cinco jangadas, ora soltas, ora em comboio, ora encostadas

umas às outras numa atrapalhação de madeiras, transpuseram rápidas as cinco léguas que separavam Camaragibe do cais fluvial do Recife, em Santo António. Surpresos, os recifenses viram as jangadas atracarem e para si protestavam, esta é tão sovina que nem espera o fim do cerco e a chegada da frota para transportar o açúcar, vê-se que é bisneta de Branca Dias, a judia; mas estas palavras, murmuradas à socapa, bateram-lhes forte contra os dentes, arrepiando-os, quando Violante mandou chamar os escravos de Vidal Rabelo e os caixotes foram conduzidos, não para os

trapiches, mas para a Praça do Corpo Santo, depositados em torno do novel pelourinho da cidade e entregues, com a solenidade da alegria, aos padres da Madre de Deus para distribuírem o seu conteúdo pelo povo. Não era açúcar que as caixas traziam, mas toda a reserva alimentar de Camaragibe de inhame, batata-doce, abóbora, feijão, mandioca, mamão, graviola, milho, algum trigo, pitanga, jaca, jango, sopoti, ananás, abacaxi, laranja, lima, sal, cajá, goiaba, banana, queijo, mel, tomates e zurrapa, muita zurrapa, todos os géneros que Violante possuía em Camaragibe para alimentar o engenho

durante cerca de três meses e, em três caixotes mais volumosos, acolchoados a folhelho de milho, sete bois esquartejados de fresco, peças de carne, seca e salgada, embrulhadas amorosamente em rolos de folha de bananeira. Uma explosão de alegria varreu a Praça do Corpo Santo, João Mota teve de montar uma guarda improvisada em torno dos caixotes para que o povobéu não os saqueasse, não por maldade própria, mas por fome natural. Os padres decidiram mais seguro transportar os caixotes para o claustro do convento da Madre de Deus e chamaram mãe Anália, que

se acompanhou de Anélia, Anília, Anólia e Anúlia, para ajudarem a confeccionar os alimentos, rendendo-os ao máximo. Como Violante contara a história da «Maria Amazónia», no Recife todos assim a chamavam, e Violante não renegava o epíteto, antes dele se orgulhava, mas, ainda que popularmente gratificada, Violante sentia-se triste e, entre tantos que a admiravam, receosa pelo destino de Julinho. Vidal Rabelo elogiara-a publicamente, tanto a coragem de Violante Dias quanto a sua magnanimidade, doando aos recifenses uma fortuna em comida, que a Câmara

não tinha meios de retribuir; Violante retorquira gracejando, olha quem fala, e a fortuna que Vidal Rabelo deitou fora para salvar o Recife dos mazombos!; ora, ora, disse este, quem obra pelo bem não espera recompensa nem agradecimento.

O CERCO DESCERCADO

Em Olinda, Leonor, sem o entretém da leitura das meditações piedosas de frei Diogo das Chagas Purificadas, prolongava os dias costurando e bordando. João Cavalcanti sobrevivia em permanente sonolência, não dando

conta de si, nem para comer, d. Lourença e Leonor alimentavam-no de sucos espessos por um canudinho, que Cavalcanti, de boca aberta forçada e nuca inclinada, expelia por baixo num corrimento pastoso de bebé; consultado, o médico não tivera dúvidas, sai da cama para a tumba, não se levanta mais, disse, boçal, grosseiro, habituado a lidar com a morte. Sem a companhia de frei Diogo, Leonor instalara à cabeceira do moribundo um oratório de sapopema, de dupla porta, devotado a S. José Carpinteiro, o Milagreiro; entre rezas, lavores e costuras, Leonor e d.

Lourença entretinham os seus vazios dias. Quando se soube que João Cavalcanti testara um engenho a favor de Leonor, Diogo Vieira de Mello – sediado em Olinda para libertar o pai, dizia ele, mas verdadeiramente esburacado de medo de retornar ao engenho do Cabo, onde Cristóvão Pais Barreto lhe pediria contas do assassínio do irmão João, esquecido da morte da mulher, d. Ana de Faria e Sousa, e da mãe, d. Catarina Leitão – concorria com o irmão André na corte a Leonor. Cada um, narrando as suas proezas na guerra e nas vaquejadas, prodigalizava-se em prodígios e

maravilhas que cativassem a admiração de Leonor, como tinham vencido pretos e índios com uma mão só, a outra lidando o cavalo, como pulverizavam a pólvora sem que esta explodisse, como bolavam as reses olhando para o lado, torciam o pescoço do boi com um braço só, o outro coçando a nuca, como amainavam os cavalos selvagens à custa de festas e palavras, sem os montarem, e domesticavam as reses selvagens prometendo-lhes não as enviarem para o matadouro, Leonor divertia-se com as gabarolices dos dois irmãos, não os levando a sério,

nem a André, trapaceiro e violento como o pai, nem a Diogo, cínico e interesseiro como a mãe. Diogo mostrava a Leonor, no bailéu da casa, a sua perícia com o chicote, estirando folhas gordas de jaqueira, pendidas em leque como as de palmeira, e André a sua maestria com o punhal, cravando-o, a vinte passos de distância, nas hastes finas dos fetos roxos, decepando-as; imobilizados pelo cerco, André talhara cristozinhos em pau-brasil para Leonor e Diogo fabricara pacientemente um chicote de pele de porco raspada, esticada e tensionada, enrolada sobre si, com a

ponta em bolão de chumbo fervido, Leonor tudo agradecia, mas, não desprezando os primos, relembrava ser mulher casada, aguardando anulação do matrimónio para dar definitiva entrada no convento de Nossa Senhora do Desterro, na Bahia, conforme promessa do tio André Figueiredo Dias, tinha de seu o suficiente para o dote e o engenho ofertado seria devolvido à família Cavalcanti, e a mais ninguém; tirante Cristo, marido espiritual, mais nenhum homem conheceria o corpo de Leonor, assim o reafirmava a d. Lourença, para que esta o deixasse respingar aos ouvidos

dos irmãos Vieira de Mello. Tal a convicção das palavras de Leonor que d. Lourença e André Figueiredo Dias mais se convenciam ser este o destino futuro de Leonor, apenas a não anulação do seu casamento com Vidal Rabelo o poderia impedir, tornando Leonor uma viúva de marido vivo, aprisionada por vontade própria em casa dos Cavalcanti. Leonor apenas queria ganhar tempo, que o cerco findasse e Vidal Rabelo a raptasse, e se este o não fizesse, ela própria fugiria de Olinda, batendo à porta do sobrado de Vidal Rabelo e dizendo-lhe – assim o sonhava – oh, meu amor!

Para conter os ímpetos dos dois irmãos, Leonor perguntava a Diogo pela estranha morte da mulher, este disfarçava, mirando a serpentina de velas, levantando-se, apagando uma e acendendo outra, reafirmando que a mulher nunca lhe interessara, fora para juntar dois engenhos num só; e a André, o preferido de Bernardo Vieira de Mello, falava-lhe no pai preso, os muitos favores que os Barbalhos lhe deviam, a André, recordando o pai, imaginando-o na enxovia, sujo, atónito, famélico, marejavam-se-lhe os olhos, cerrava as mãos, sentindo-se impotente, com o pai preso à distância

de uma corrida de cavalo.

*

Em Una, no engenho das Ilhetas, Cristóvão Pais Barreto recozia a fuga das hostes mazombas e a perfídia de seu irmão Francisco. Em meados de setembro, após a partida de Julinho e a triunfal entrada de Violante Dias no Recife, soubera por uns almocreves que o abuso das frutas verdes provocara uma disenteria biliosa nas crianças do Recife e indignou-se. Nunca tivera filhos legítimos, mas orgulhava-se de tratar os naturais, das suas escravas, como molequinhos

brancos, obrigando-os a calçarem socas, a lavarem-se, a irem à missa e a aprenderem a doutrina e, nos seus engenhos, recusava a concubinagem preto com preta, forçando-os a casar. Tomado do furor dos vencidos que o não foram totalmente, Cristóvão Pais Barreto mandou reunir o gado que saqueara do engenho de André Vieira de Mello, arrebanhou os matutos, escravos, índios e mamelucos do Cabo a Ipojuca e partiu para o Recife. Sebastião Pinheiro Camarão, que estanciava os seus trezentos homens no Cabo, juntou-se-lhe, e os dois, arrastando uma boiada de cem vacas,

avançaram para Rio Formoso. Ao todo, as suas tropas não ultrapassavam os novecentos homens, mas Cristóvão aprendera com as derrotas de julho e dividiu as suas forças em hostes de duzentos atacantes soltos, como se cada uma valesse por si, arraiando todas as noites em territórios diferentes. A primeira vitória conseguiu-a em Rio Formoso, entrando pelo centro do batalhão de Leonardo Bezerra Cavalcanti, desmembrando o exército deste, isolando as alas exteriores, atacadas, as duas, pelos índios e mamelucos de Sebastião Pinheiro Camarão. A notícia chegou ao

Recife e João Mota exultou, retomou os treinos intensivos das guarnições dos fortes do Brum e das Cinco Pontas, mandou olear as armas e secar a humidade de inverno das barricas de pólvora; a conselho de Vidal Rabelo, mandou construir uns charruecos de duas rodas para transportar dois canhões. Sebastião Camarão separou-se de Cristóvão Pais Barreto e enfrentou sozinho o terço branco dos Palmares, comandado por André Vieira de Mello, substituto do pai. Foi batalha de um dia, furiosa e bárbara, não de homens contra homens, muito menos portugueses contra portugueses,

sim animais enraivecidos contra animais enraivecidos, descendentes directos de dois dos três terços que tinham expulsado os holandeses e dizimado os pretos quilombolas de Zumbi, o Rei dos Pretos Livres. Sebastião vencera sobre um rio de sangue, André fora forçado a fugir para Olinda com cento e cinquenta homens estropiados pelas catanas ferrugentas dos índios. Sebastião Camarão juntou-se de novo a Cristóvão Pais Barreto e ambos furaram a estância mazomba de Pau Amarelo, às portas de Olinda, e, por rio e por terra, fizeram chegar a boiada à Boa Vista, no Recife. Nesta,

surtiu de novo uma explosão de alegria, delírio de famintos que, de tanto sonharem com carne, quando à sua frente a viram, na forma de parelhas de bois e vacas que atravessavam à desfilada as ruas do Recife, não acreditavam, beliscavam-se mutuamente para se convencerem não ser um sonho sonhado aquela fartura de carne gorda. Preciosas, as provisões que Violante trouxera e que mãe Anália prolongara sabiamente não tinham chegado para a cova de um dente dos recifenses, agora, com uma centena de vacas à desfilada, de carne fornida pelas rijas hastes das várzeas

do Cabo, peles anafadas da gordura que abrigavam, transformavam a fome vivida em abundância desejada. As filas no açougue formaram-se de imediato, Vidal Rabelo e os elementos da Câmara estabeleceram prioridades, primeiro as crianças, depois os soldados das guarnições, depois as mulheres solteiras, de matriz aberta à procriação, depois os homens, inclusive os padres, tão homens como os restantes, ainda que mais próximos de Deus, a seguir as mulheres casadas, finalmente os velhos; mas nenhuma mulher solteira fora capaz de comer assados do lombo que não os

repartisse com seus pais e avós e rapidamente a ordem prescrita, respeitada na formação das filas, misturou-se na ordem dos comensais, e os velhos, matreiros, comeram mais do que os novos. D. Álvaro Manuel da Costa, requerido pela Junta Governativa e sustentado numa longa alegação jurídica de José Inácio de Arouche, enviou carta a Cristóvão Pais Barreto e Sebastião Pinheiro Camarão, chamando-os à «razão», assim escrevera Manelinho, que o bispo subscrevera, acrescentando:

porque parece lástima, sendo Vossas Mercês ramos de tão ilustres troncos, sigam uma opinião tão errada e fora de toda a razão, que não consiste mais que na opinião dos homens do Recife. Perturba-me em que Vossas Mercês, tão discretos, estejam brigando com vossa parentela e toda a nobreza desta terra para satisfazerem uma opinião tão errada do serviço de Deus e de Sua Majestade.

Cristóvão Pais Barreto, inteligente mas lacónico, ciente da força da sua razão e da decadência familiar e social dos nativistas, respondeu ao perdão

acenado pelo bispo com uma única frase: «Não desejamos obter perdão de quem dele carece.» A verdadeira resposta de Cristóvão e de Camarão foi dada no campo de batalha, em Sibiró, de surpresa, atacando em pequenos grupos volantes, que rápidos matavam e lançavam fogo à canavieira, Sibiró caiu, o capitão das tropas olindenses, Mendonça Arrais, fugiu, aterrado, para Olinda, e André Figueiredo Dias, Inácio de Arouche e José Tavares de Olanda recearam que a retaguarda de Olinda, pelos campos do Amparo, pudesse cair nas mãos de Cristóvão Pais Barreto. D. Álvaro

Manuel da Costa, amedrontado, chiando como um rato, fez saber a André Figueiredo Dias que, se Olinda caísse, todos os mazombos teriam os seus engenhos para fugir e se proteger, resistindo, só ele ficaria ali, à mercê da raiva mascateira; agora, que o cerco parecia descercar-se, d. Manuel da Costa arrependia-se de ter fugido do Recife e se ter comprometido com os mazombos, tão cruéis e ignorantes quanto os mascates, ou piores. Para sossegar e defender o bispo, Manelinho, acolitado por Valençuela Ortiz, aconselhado por Figueiredo Dias, mandou formar o «batalhão

sagrado», constituído por todos os religiosos de Olinda, perfilados no Carmo, exercitando-se no tiro e na espada, levando o riso aos matutos que, espojados, mascando fumo, observavam as manobras que Manelinho, feito instrutor, os obrigava diariamente a adestrar. Observando das janelas da Sé os exercícios militares dos religiosos, crentes assim defenderem o seu bispo, mas cientes, todos eles, de que à vista do primeiro ataque, do primeiro sangue e do primeiro pescoço degolado logo desmaiariam, d. Álvaro Manuel da Costa lamentou o seu destino de bispo,

abrigado na terra mais belicosa do Império, lançado numa guerra de portugueses contra portugueses que nenhuma das partes venceria por completo por ausência de força esmagadora contra a outra; foi obrigado a discursar e fê-lo heroicamente, como exigido a um bispo, lembrou Aquiles, lembrou Ulisses, lembrou Ajax e Heitor, lembrou as trombetas de Jericó, a fuga de Moisés do Egipto e o martírio dos catecúmenos em Roma sob Constantino, o imperador herege tornado cristão por força e graça do Espírito Santo, então, exortou d.

Álvaro Manuel da Costa, os perseguidos foram exultados, os humilhados de ontem glorificados hoje, e, no final, destacando dos mártires do Brasil d. Sardinha, seu primeiro bispo, comido pelos tupinambás em assado geral, a todos agradeceu, não a vida que se prestavam a dar para defender o seu bispo, que a vida de outrem não se agradece, mas o exemplo moral, o padrão ético, o modelo de virtude que o Pernambuco ora oferece aos povos, digno de figurar em futuras epopeias nacionais, ressoando sobre os tempos como história de exemplo e proveito. No discurso, na parte menos heróica

das suas palavras, d. Álvaro Manuel da Costa, com um regougo entristecido, lera um entrecho escrito por Manelinho, declarando excomungados Cristóvão Pais Barreto e Sebastião Pinheiro Camarão, considerados rebeldes, apóstatas, gentílicos e pagãos, industriados pela malícia do demónio. Considerando ridículos os esforços do «batalhão sagrado», d. Álvaro Manuel da Costa não podia deixar de agradecer a Manelinho o ânimo que pusera na sua defesa, socorrendo-se dos frades que, embora não lutassem a ponto de vencer, pelo menos criariam uma fortíssima

barreira em torno do episcopado que dificilmente os mascates, cristãos e católicos, ousariam derrubar, chacinando padres. O bispo agradeceu a ideia a Manelinho, considerando-a genial, ambos se reconciliaram, a partir de hoje, disse d. Álvaro Manuel da Costa, frei Maria do Amor Divino está morto e enterrado, não será exumado e a sua morte alvo de devassa, e Manelinho agradeceu, não que temesse qualquer inquirição, a sua alma estava branca e lisa como a de um anjinho, mas seria uma perda de tempo, processos, interrogatórios, quezílias com os dominicanos; pronto,

disse alegre Manelinho, tudo está bem quando acaba bem.

José Tavares de Olanda munira-se de todas as peças de artilharia de Olinda e avançara para São José, à beira do Bairro de Jesus, portas do Recife, onde Cristóvão e Camarão arraiavam, reunindo-se à noite com Vidal Rabelo, João Mota e os padres da Madre de Deus. Tinham combinado juntar as tropas reais das fortalezas do Recife, fartamente alimentadas, às forças de Cristóvão e Camarão e avançarem para Olinda, arrasando e queimando homens, casas e culturas, varrendo Olinda do mapa do Pernambuco, como

setenta anos antes o tinham feito os holandeses; mas as tropas de Tavares de Olanda cercaram São José, interpondo-se entre este pequeno povoado e o Recife, e Cristóvão e Camarão, dispersando as suas forças, mandaram recuar sob pena de se virem empurrados a tiro de canhão para o leito do Capibaribe. Antecipando-se, simularam uma debandada geral, como quem foge vencido e atemorizado, e, em pequenos grupos de cinquenta, iam furando o fugaz bloqueio de Tavares de Olanda. Este, André Figueiredo Dias, Inácio de Arouche e Leonardo Bezerra Cavalcanti arrancaram dois

mil homens dos quatro mil que cercavam o Recife e avançaram para Camaragibe, preparados para esmagar as forças rebeldes; pela marcha avassaladora do exército mazombo, Cristóvão e Camarão foram obrigados a recuar para Tamandaré, fortaleza litoral fiel aos mascates, onde aquartelaram, recompondo-se de descanso e provisões. Outubro chegara, a quentura do tempo irrompera, os ventos amainaram, as marés suaves como lagoas, Cristóvão decidiu que os seus homens, heróis que tinham recuperado o ânimo mascateiro, precisavam de quinze dias de sossego,

entre família e amigos, a boca no gargalo da cachaça, a mão no entrepernas da mulher. Camarão mandou dispersar os seus mamelucos, que, sem família e amigos que não os companheiros de combate, partiram alegres à caça da onça e da capivara, a reabastecerem-se de erva-santa nos pajés da tribo. Quinze dias depois, regressados a Tamandaré, já não eram precisos, fora anunciado por todo o litoral que as velas brancas e azuis da frota real, avistadas a 6 de outubro, subiam da Bahia para o Pernambuco, transportando o novo governador, Félix Machado. Em Tamandaré,

Cristóvão Pais Barreto e Sebastião Pinheiro Camarão puseram de imediato as suas tropas ao dispor das ordens do novo governador.

ASSALTO E DEVASTAÇÃO DO ENGENHO DE CAMARAGIBE

Acampados em Casa Forte, a uma légua de Olinda, sabedores da fuga de Cristóvão Pais Barreto e Sebastião Pinheiro Camarão para Tamandaré, André Figueiredo Dias, José Tavares de Olanda e Leonardo Bezerra Cavalcanti regressaram a Olinda, reforçando o cerco, receosos de que as

guarnições de João Mota, aproveitando a ausência de dois mil homens, tentassem furar o bloqueio e apoderar-se, senão da cidade, pelo menos do Varadouro, reserva de água doce para o verão. Porão Escorço, lobrigando no horizonte as matas de Camaragibe, disse a André Figueiredo Dias ser uma pena deixar sem um castigo duradouro a proeza de Violante Dias, o ludíbrio em que nos fez cair, simulando ser açúcar para o cais o que eram alimentos para o Recife, e José Tavares de Olanda, que possuía engenho em Apipucos e mantinha uma forte briga com Violante Dias pela

posse de terras raianas entre os dois engenhos, disse a Porão Escorço, castiga-a, referindo-se a Violante Dias, escolhe cinquenta homens, invade o engenho e saqueia-o, André Figueiredo Dias acrescentou, nós não sabemos de nada, para todos os efeitos segues para Olinda connosco. Na véspera da retirada, Porão Escorço e Arroxeado escolheram cinco dezenas de matutos, e, de madrugada, na confusão do levantamento de tendas e apetrechos, partiram como se fossem a abrir caminho, mas rápido curvaram, dirigindo-se a Camaragibe. Não contando com apoio legal, ordem do

bispo ou da Junta Governativa e não sendo Camaragibe território de risco para os mazombos, Porão Escorço cuidou de se proteger para não ser posteriormente acusado de assalto e vandalismo a engenho para interesse próprio. Todos os brancos e mamelucos enfarruscaram as caras e as mãos de cinzas de fogueira, armaram os chapéus de couro de penachos de ramos verdes e, ao fim do dia, sob a calma do poente, penetraram à desfilada em Camaragibe, rodeando a casa-grande e a senzala, matando os escravos resistentes, afugentando outros para a mata, não poupando

mulheres e crianças; instalaram-se na casa-grande, ocupando estábulos e celeiro, desmontaram os rodízios da moenda, transportados em peças, dividiram os cavalos entre si, partiram as tulhas e as tachas de açúcar e incineraram as caldeiras, deixando-as cobertas de uma película negra, que as inutilizava. A um preto velho, descoberto entre os porcos do chiqueiro, ancião nagô, trazido do Recife para Camaragibe por Violante Dias, a quem mãe Anália consultava sobre os rituais do candomblé e as preces aos orixás, Arroxeado entreteve-se, o resto da noite, a

arrancar-lhe os pêlos da barba um a um, queimando-lhe as cãs com o ferro em brasa de marcar os caixotes de açúcar; o velho, erecto na sua dignidade, de cabeça hirta como haste de feto que nenhum vento dobra, oferecia a cabeça à tortura sem pestanejar, cuspindo na cara do Arroxeado, que, humilhado, lhe arrancava mais violentamente os pêlos e lhe abrasava o crânio, não escutando um ai de lamúria do velho. Porão Escorço vasculhou a casa-grande, buscando jóias, anéis, correntes de ouro, crucifixos de prata, mas, tirante uma bandeja banhada a pó de ouro,

nada encontrou de valor, percebera que Violante Dias enterrara o dinheiro e os valores na mata. Os matutos trataram de aparelhar carroças e charruecos e de os encher do recheio de Camaragibe, de selins e arreios, bridas e albardas, forquilhas, martelos e catanas, caçarolas de cobre e garfões de ferro, cantareiras, mesas de armar e canapés. Porão Escorço, inconsolável, mirando com desprezo a azáfama dos matutos, que arrastavam uma arca com roupa de Violante Dias, devassou toda a casa, dos montes de lenha nos alpendres laterais à cacimba de água, remexendo-a com uma ranilha

comprida, mas nem baús, nem arcas, nem caixas, nem sacas, nem fardos onde se escondesse a prata que o povo do Pernambuco dizia possuir a família dos Dias desde os tempos da fundadora, Branca Dias. Furioso e indeciso, não sabia se havia de lançar fogo à casa, se restar em Camaragibe uns dias, procurando o tesouro de prata. Quando viu Arroxeado a catar o último pêlo de barba da cara do velho escravo, de cabeça desfigurada como uma máscara de Exu, matando-o com o punhal espetado no coração, veio-lhe à ideia torturar as mucamas de Violante Dias, talvez soubessem o paradeiro da

prata e do ouro, Arroxeado advertiu-o de que os escravos tinham fugido para as matas, e Porão Escorço mandou uns homens capturá-los, trouxessem as mulatas, as mais bem vestidas, de saia rodada e não de pano-da-costa. Rindo-se das preferências de Porão Escorço, dez matutos, armados de arcabuzes e catanas, penetraram pela orla da mata espessa, que breve se adensava como uma selva, e, ao fim do dia, quando Porão Escorço perguntou por eles, ninguém os tinha visto, ainda não tinham voltado; não pode ser, disse Porão Escorço, mandou cinco homens procurá-los, regressaram arrastando os

corpos dos dez primeiros matutos, mortos à punhalada, à catanada e à paulada, com a língua, o nariz, as orelhas e os olhos presos ao peito por cipós; a um deles, que porventura mais resistira, tinham-lhe aberto o peito e enterrado as mãos decepadas no lugar do coração, cabrões, filhos-da-puta, disse Porão Escorço, amanhã pela alvorada caçamo-los, mas a ferocidade das mutilações e o arcaboiço dos pretos do açúcar, capazes de erguer uma caixa de açúcar com os dois braços, atemorizaram os matutos e nenhum queria seguir o Arroxeado para a mata, rogando-lhe regressarem a

Olinda. Porão Escorço não desistia, dividiu os matutos em pequenos grupos e entraram todos na mata, foi uma desgraça para os matutos, habituados a lutar no cerrado ou no sertão, pisando atrapalhados o chão folhoso, mugoso, cobertos pelas sombras das copas espessas, entrelaçadas umas nas outras, quebrando o sol, as caras lambidas de lianas e teias de aranhas; de quando em vez, um grito humano quebrava o silêncio atemorizante e os matutos chamavam uns pelos outros, receando perder-se. Quando regressaram ao fim do dia e se contaram mutuamente, faltavam duas

quadrilhas, uma delas a do Arroxeado, cujos corpos foram despejados na orla da mata durante a noite, de novo desfigurados, de língua, nariz, olhos, orelhas e nariz agarrados ao peito por cipós, e o do Arroxeado, retalhado a golpes de cana, crivado de buracos de punhal por todo o corpo. Os matutos não escondiam o seu medo de penetrar de novo na floresta, chamando aos escravos resistentes o «rancho do cipó» ou os «homens do cipó», Porão Escorço admirava-se da resistência dos escravos, habituados a fugir ou a resignar-se, mas não a lutar, e tão organizadamente – e tinha razão.

Quando o bando de Porão Escorço invadiu Camaragibe, dormia na senzala um reinol de nome Manuel Gonçalves, mascate de pescado do rio, errando pelo sertão de engenho em fazenda, vendendo o peixe embrulhado em sal; Manuel Gonçalves, um português miserável, há muito vindo do reino, nunca acertara na vida, começara no Pernambuco como feitor de canavieira, com o olho no mister de mestre-de-açúcar, mas os seus modos truculentos e destravados e a violentação diária de escravas, algumas delas meninas, revoltaram os pretos, que o espancaram, lhe deram um «tumba», na

fazenda do Cumbe, segundo o seu linguajar, e lhe desferiram uma vigorosa cutilada no rosto, que lhe abrira uma cicatriz para sempre estampada entre a testa e a boca; daí a alcunha do Manuel Gonçalves, que há muito era conhecido no Pernambuco pelo «Tundacumbe»; mudou de ocupação, tornou-se fazendeiro, com terra própria, em Espinheiro, mas o modo desabrido como tratara um pajé tupinambá revoltou os índios, que lhe arrasaram a fazenda, Tundacumbe fugira, avisado por uma escrava; perdera tudo, plantação e casa, e, sem mais dinheiro, abandonou a terra,

tornando-se madeireiro de pau-brasil, vendido clandestinamente aos navios franceses; porém, o machado e os troncos decepados pareciam ser rijos de mais para os seus pulsos, que se desarticulavam, atacados pelo reumático do sertão; passava meses inactivo, braços empalhados e entrapados, arrastando-se entre outros madeireiros clandestinos, pedinchando pão, cachaça e carne-de-sol; fez-se pescador no Capibaribe, vendendo peixe do rio por tuta-e-meia, trocando-o por farofa e feijão e, por vezes, por uma cuia de charque. Tundacumbe organizara a resistência escrava na

mata, tornara-se o chefe dos «homens do cipó», atacando traiçoeiramente pelas costas como as cobras ou saltando dos ramos das árvores como a onça, desfigurando e mutilando os matutos, como os abutres. Porão Escorço, rodeando o corpo mutilado e amputado do Arroxeado, sentiu medo, melhor não tentar a sorte, se venceram o Arroxeado a mim comem-me com um dente, pensou, mandou retirar para Olinda, chegando à vila no dia 6 de outubro, dia em que a nau capitânia do novo governador ancorava a légua e meia do Recife. Quando os escravos regressaram ao engenho de Violante,

Camaragibe assemelhava-se a um terreiro devastado, calcinado, a casa-grande devassada e esventrada, as pranchas do soalho e do tecto rebentadas, as paredes arrombadas a picareta, presumindo encontrarem no seu interior o baú de jóias da família, os móveis esmigalhados a martelo; da moenda, restavam os varapaus do torniquete de ligação aos bois, as caldeiras negrejavam, as tachas partidas; os animais, porcos, vacas, cabras, cavalos, roubados, e a senzala, o celeiro e a canavieira queimados, seria necessário reconstruir tudo do nada – com excepção de Vidal Rabelo,

Violante Dias pagara como nenhum outro mascate a sua ousadia de Maria Amazónia. Não tendo para onde ir, os pretos, ajuntados por Tundacumbe, juraram morte aos Cavalcanti, mantiveram-se organizados como «rancho do cipó», procurando pelas estradas, fazendas e engenhos parciais dos mazombos, chacinando-os, sempre do mesmo modo, língua, nariz, olhos e orelhas presos ao peito por cipós, lançando o terror na extensa várzea do Capibaribe até às cercanias do Recife.

O REGRESSO DE JULINHO DA BAHIA

Uma semana antes da entrada do novo governador na barra do Recife, Julinho regressara numa balandra francesa, que atracara para reparações em São Salvador e o governador-geral do Brasil, d. Lourenço Almada, à falta de outra embarcação, requisitara para carregar uma chusma de alimentos para o Recife, considerando o cerco dos mazombos como «desumano e cruel, não digno da elevada ascendência dos ora notáveis de Olinda e dos gloriosos feitos cometidos no passado pelos nobres pernambucanos». Uma sumaca do governo, com vinte homens armados e a bandeira de el-rei,

navegava pela costa acompanhando a balandra, impondo a passagem desta entre os batelões que cercavam o Recife por mar. O batelão que levara Julinho deixara este em São Salvador e regressara para Tamandaré, forte e vila nas mãos dos mascateiros. Na amurada, ladeando Julinho, regressavam Joaquim de Almeida e Simão Ribas; o dr. Domingos Pereira da Gama, crivado de dores na bexiga, que lhe expelia, entre uivos e dores, uma urina espessa e avermelhada, ficara prostrado em São Salvador, no colégio da Ordem de Jesus, entregue à medicina ronceira dos jesuítas. À

fartura de carne trazida por Cristóvão Pais Barreto, juntava-se agora a opulência de caixas, sacas e fardos de farinha de trigo, de maçarocas de milho, batata-doce, mandioca, abóbora, inhame, feijão, arroz. A alegria tornara-se tanta e tão viva que os recifenses, homens, atravessavam as ruas a toque de caixa, tamborando nestas como em festa de S. João, improvisando bailes de roda, cantarelas pastoris, remedando os bailados do Minho natal, tragando batata-doce e inhame crus, encascados, apenas lavados, como se estivessem mergulhando naquelas tulhas de

abundante comida; verdadeiramente, não era excessiva para as duas mil almas do Recife, que o espírito faminto de quatro meses transfigurara em medas e medas de alimentos; as mulheres, de xailes alvinegros puxados para a cabeça, arrastando os filhos pela mão, esquálidos de fome, pernas como caniços, prostravam-se aos pés da Senhora do Carmo, a do Peito Farto, e de Santa Clara Clareada, forçando os molequinhos a ajoelharem-se, ladainhando o terço entre lágrimas de alívio; outras beijavam a túnica de madeira de Santo António ou os pés estampados de ouro

do Menino ao colo; às Nossas Senhoras, todas lhes agradeciam, clamando, eis que estive mal, mas tu não me faltaste, obrigada; as velhas, de longa vida sofrida, cônscias de que a existência humana se assemelha a um vale de lágrimas e a felicidade a um fugaz momento de plenitude, logo decaído, beijavam as chagas tintas a sangue-de-boi de S. Sebastião, santo defunto em mor sofrimento. Julinho trouxera busca-pés para as crianças, as sobreviventes da diarreia disentérica e das bexigas variúlicas, e estas, frágeis nos caniços das pernas, traulitavam os padres da Madre de Deus, explodindo-

lhes as bombinhas nos pés. O abraço de amizade, de ideal e de sofrimento apertado entre Vidal Rabelo, Joaquim de Almeida e Simão Ribas foi coroado de palmas pelos recifenses amontoados no cais, Vidal Rabelo, homem duro, não se contivera, chorara copiosamente, como se ali, contra o peito dos companheiros de luta, descarregasse em lágrimas a tensão de quatro meses de cerco e de um ano de guerra contra Olinda. Amoroso, suave, doce, de uma doçura embaladora, feita de ternura contida, fora o abraço meigo entre Julinho e Violante Dias, de corpos grudados um no outro, como se

não mais se quisessem separar, explodido num interminável beijo de lábios colados. Lula, impaciente por abraçar Julinho, avançou para este e apertou-o com dois braços gigantes de amizade. Acompanhada de comida, sustento do corpo, a felicidade, fim da alma, regressara ao Recife. Julinho, Joaquim de Almeida e Simão Ribas traziam novas da Bahia, Sebastião Castro Caldas fora deposto, encontrava-se preso para devassa em São Salvador, o novo governador chamava-se Félix José Machado e já deveria ter zarpado da Bahia, não demoraria uma semana a chegar. Numa

encenação de mestre, para inclinar os favores do novo governador, Vidal Rabelo sugeriu que se lhe mostrasse que a fartura actual apenas substituíra a escassez permanente de quase quatro meses, e Vidal Rabelo propôs que mulheres e crianças embarcassem em batéis, barcaças, jangadas, balsas, lanchas, escaleres e canoas, e se postassem no mar, frente à linha de batelões, suplicando passagem para as povoações costeiras onde pudessem alimentar os filhos. De facto, crendo ser verdadeiro o que era fingimento, esta foi a primeira imagem viva que o novo governador teve da guerra dos

mascates, impressionando-lhe o seu espírito cristão, uma linha de grossos batelões cheios de pescado a barrarem caminho a uma multidão de breves chaluas apinhadas de mulheres chorando de filhos fincados ao peito. O governador ordenou de imediato que o peixe dos batelões fosse distribuído pelas mulheres falsamente famélicas, e estas retornaram ao porto com os barquéus cheios de pescado.

A PAZ FEITA DE GUERRA

A 6 de outubro de 1711, de Olinda e do Recife avistaram-se treze velas

flutuantes, doze navios mercantes e uma nau de guerra, era a frota real. Na nau capitânia, lobrigando por um óculo as enseadas de Olinda e os ancoradouros do Recife, Félix José Machado Mendonça Eça Castro e Vasconcellos, senhor donatário do concelho e terras de Entre-Homem e Cávado, titular das casas de Castro, Vasconcellos e terras do Barroso, patrono do rio Homem, alcaide-mor das comendas e vila de Mourão, no Além-Tejo, protector nacional da robustez de nabos e cebolas, filho do marquês de Montebello e Montanelas e novo governador do Pernambuco,

prolongava a sua apreciação repetindo para si as ordens recebidas de el-rei d. João v, em Lisboa, e do governador-geral do Brasil, d. Lourenço de Almada, em São Salvador – pacificar, normalizar e, no fim, ordem reposta, castigar os cabecilhas e perdoar o povo. A seu lado, o dr. João Marques Bacalhau, novo ouvidor-mor, e o dr. Paulo de Carvalho, novo juiz-de-fora, substitutos de José Inácio de Arouche e Luís Valençuela Ortiz, compulsivamente demitidos de funcionários régios, acusados de abusão de seus cargos e de participação activa na conspiração

contra Sebastião Castro Caldas. A frota ia ancorando a légua e meia do Recife, longe do alcance de artilharia de costa, Félix José Machado, indignado, ia assistindo pelo óculo ao espectáculo de mães desesperadas suplicando comida para seus filhos. Ao princípio da tarde, após dispersão dos batelões e regresso dos barquéus das mulheres ao cais do Recife, uma balsa engalanada de flâmulas de Olinda, transportando Manelinho, levara duas cartas ao novo governador, uma do bispo, outra da Junta Governativa do Pernambuco; à primeira, Félix José Machado recebeu,

agradecendo; à segunda, devolveu-a, alegando a não-existência de tal órgão no regulamento régio das capitanias portuguesas; para ele, o governo era a pessoa do bispo, e só este, substituto de Sebastião Castro Caldas. Quando Manelinho tentava demover o novo governador a golpes mansudos de oratória, explicando ter sido o próprio bispo quem assim decidira, um batel alindado com auriflamas da nova Câmara do Recife trouxera um sargento com missiva de João Mota; Félix José Machado recebeu a carta do capitão-mor, explicando a Manelinho ser na condição de capitão-mor dos

fortes e guarnições de Olinda e do Recife que João Mota assinava, e não de sublevado; Félix José Machado pediu a Manelinho e ao sargento que, com urgência, informassem Barbosa de Lima de que desejava conferenciar com ele. Em São Salvador, na prisão, Sebastião Castro Caldas fizera o novo governador saber ser Barbosa de Lima o único homem em quem poderia confiar por inteiro, único funcionário régio com fiel e explícito sentido da honra e do dever públicos. Chamado do Palácio das Torres pelo sargento, Barbosa de Lima subiu à nau capitânia e aqui se demorou o resto da tarde e

toda a noite. Nesta noite, Olinda e o Recife festejaram a chegada do novo governador iluminando-se com brandões, archotes e luminárias espalhadas pelas principais ruas, compondo, vistos de longe, o baixio do Recife uma serpente de luz, e o altio de Olinda o dorso de um dragão; na Sé de Olinda e na igreja do Carmo do Recife, celebraram-se missas auspiciosas da missão de pacificação do novo governador. No princípio da manhã do dia 7 de Outubro, d. Álvaro Manuel da Costa enviara a Félix José Machado um açafate de ananases, bananas, cajus e limas e tigelinhas de

goiabada acondicionadas em folhas viçosas e gordas de bananeira, arranjado pelas mãos preciosas de Leonor e d. Lourença, os mascates enviaram-lhe uma cesta de melões, melancias e uvas envolvidas em amostras de diversas espécies de açúcar, arranjadas pelas mãos jeitosas de mãe Anália. Tentando compensar a dignidade religiosa de d. Álvaro Manuel da Costa, o Recife enviou o padre Cipriano da Silva, prepósito da Congregação do Oratório dos padres Nery da Madre de Deus; por obediência religiosa, como frisou, Félix José Machado ouviu o prelado,

não sem por vezes se distrair perguntando a Barbosa de Lima se no Pernambuco também havia gaivotas. Este regressou ao Recife com o padre Cipriano e tratou de reunir mascates e mazombos no Palácio das Torres, em representações separadas, fora portador de duas condições imperativas para que sua senhoria desembarcasse: a cessação do cerco por parte dos olindenses e a entrega das fortalezas por parte dos recifenses. João Mota protestou, o Recife ficava indefeso, os mazombos cobras suficientes para simularem o levantamento e invadirem o Recife,

Félix José Machado fez Barbosa de Lima saber que se não fosse obedecido regressaria no dia seguinte à Bahia, retornaria depois à frente da armada de guerra que patrulhava a costa do Brasil. D. Álvaro Manuel da Costa, reunido com a Junta Governativa, que ora se autodissolvia, deu ordens para se proceder ao levantamento do cerco e à dispersão dos cercadores, André Figueiredo Dias e José Tavares de Olanda transmitiram as ordens, porém devagar, disseram eles, desmobilizar sim, mas devagar, demorem duas semanas a levantar as trincheiras, a entulhar as valas, a retirar os estrepes

e a desmontar os baluartes das estâncias, entretanto os matutos vão ficando por aí, como se festejassem a paz com cachaça. João Mota insistiu e apresentou-se pessoalmente na nau capitânia protestando a vulnerabilidade do Recife caso entregasse as fortalezas, Félix José Machado, evidenciando o timbre duro do seu governo nos próximos três anos, ameaçou João Mota de deposição de capitão-mor por insubordinação e, carregando na ordem, instou-o a entregar os fortes não a ele, mas ao ainda presente governador, o bispo de Olinda, e mais, as fortalezas serão

entregues antes da dissolução do cerco. João Mota acuou, sentiu-se esmagado, pediu para conferenciar com os notáveis dos mascates, Félix José Machado aconselhou-o que fosse e regressasse num pulo, regressasse ele próprio, não aceitava mensagens de sargentos. João Mota regressou e, com as lágrimas nos olhos, informou que o Recife aceitava a condição confiando na justiça de Félix José Machado; a meio da tarde, em nome do bispo, tropas de Olinda entraram no Recife e ocuparam os fortes do Brum e das Cinco Pontas; João Mota deixara lá uns serventes pretos de peito nu e

calção roto de algodão com os pomos pendentes dos testículos bem visíveis como depositários das chaves. Nas ruas do Recife, os mascates desentendiam-se, uns protestando confiança no novo governador, alegando outra coisa não podia ele fazer, mas a maioria buscou armas de defesa, sacadas à pressa dos arsenais dos fortes, e correram a abrigar-se nas suas casas, aguardando o toque de caixa e o guincho do cornetim para a defesa do Recife da invasão olindense. Ao fim do dia, Félix José Machado desembarcou de bergantim real no ancoradouro do Recife sob salva de

artilharia da guarnição de João Mota e recebeu os cumprimentos, de um lado, de Domingos Bezerra Monteiro, André Figueiredo Dias, José Tavares de Olanda e Leonardo Bezerra Cavalcanti, do outro, Vidal Rabelo, Joaquim de Almeida e Simão Ribas. Aconselhado por Barbosa de Lima, Félix José Machado pernoitou no colégio dos jesuítas do Recife, desprezando as instalações oficiais mas inseguras do Palácio das Torres, à Boa Vista. Igualmente aconselhado por Barbosa de Lima, mandou libertar Bernardo Vieira de Mello, recebido nessa noite aos gritinhos de

contentamento por Leonor e d. Lourença na Rua de São Bento; André e Diogo, que idolatravam o pai como herói de guerra, não esconderam as lágrimas, saudando-o ao modo do sertão, espetando-lhe punhadas, murradas e palmadas no peito e nas costas; o velho Bernardo Vieira de Mello também chorou quando se prostrou ajoelhado à cabeceira de João Cavalcanti, seu padrinho de casamento, quando Cavalcanti morrer morre o velho Pernambuco, disse, e André retorquiu, quando Cavalcanti morrer fica cá Bernardo Vieira de Mello para o substituir, mas este não

lhe respondeu, encolheu os ombros e disse que queria partir, cedo, para o engenho, não saberia quando voltaria, pensara muito na cadeia e a morte de d. Catarina Leitão pesava-lhe, deveria ter sido ele a morrer, e não ela.

No dia 8 de Outubro, os mascates, surpresos e respeitosos, assistiram a um abraço de amizade entre d. Álvaro Manuel da Costa e Félix José Machado; aproveitando a preia-mar que tornava o Beberibe navegável, embarcaram os dois no bergantim para Olinda; desgostaram-se de novo, o governador nem se despedira de João Mota e Vidal Rabelo, deixara recado a

Joaquim de Almeida, por um secretário, ia tomar posse à Sé de Olinda, todos os notáveis mascates estavam convidados. Nessa manhã, André Figueiredo Dias, arrogante, soberbo, fazia passar os seus quinhentos homens estacionados em Afogados pelo interior do Recife a caminho de Olinda, os mascates olhavam de si para si e concordavam que a paz se estava fazendo de guerra. Olinda recebeu o novo governador com salvas de artilharia disparadas do alto da Misericórdia, na Rua Nova, no morro mais alto da cidade, desfile de cavalaria com caipiras tecendo

malabarismos sertanejos sobre cavalos sem sela, matutos vaquejando reses e novilhos, que fizeram sua senhoria lembrar-se dos campinos e das touradas das lezírias do Riba-Tejo, meninos trajados de anjinhos compondo em flauta melopeias pastoris, bandas de trombetas soprando hinos marciais e charamelas militares de tambor e cornetim ateando cadências gravoagudas de peito inflado e ritmo descompassado. Félix José Machado tomou posse na igreja da Sé, assinando o auto em pergaminho dourado, recebendo das mãos de d. Álvaro Manuel da Costa, num coxim

de veludilho vermelho, as insígnias e a bandeira do Pernambuco; Félix José Machado desdobrou a bandeira, cujo cetim resplandeceu de azul, escarlate e prateado à luz de dois círios, e os nobres mazombos, assombrados, ajoelharam-se, persignando-se. No dia 11, acompanhado de Barbosa de Lima, o novo governador retornou ao Recife, instalando-se no Palácio das Torres que, reluzente ao sol rijo de princípios de verão, fora lavado, escarolado e encerado por dentro e caiado e pintado por fora. Os moradores do Recife espantaram-se ao ver Félix José Machado regressar de sus de Olinda,

oficialmente sede de governo e capital da capitania, e, tentando conquistar-lhe a graça, enfeitaram as ruas de flâmulas e pendões estampados com a insígnia da nova Câmara, iluminando com fogo de archote os cunhais das ruas por três dias. Félix José Machado ainda não perfizera trinta e cinco anos e ostentava os traços soberbos de um senhor feudal que o Império convertera em funcionário da coroa, como convertera o pai, o marquês de Montebello, que igualmente servira no Brasil, como ia convertendo os nobres portugueses; a estes apenas interessava, não o ideal civilizacional

e cristão do Império, como a Duarte Pacheco Pereira, a João de Castro ou a Afonso de Albuquerque, mas a reposição da fortuna dos seus palacetes provincianos arruinados meio século antes pela Guerra da Restauração, uma rápida passagem sem glória nem triunfo pelas novas terras conquistadas, sacando o que podia ser sacado sem admoestação régia; ao fim e ao cabo, Félix José Machado era um Sebastião Castro Caldas mais novo, sem os arrebiques franceses deste, bastavam-lhe os bens portugueses ditames da ordem impositiva, o prazer de ser obedecido,

uma boa carnadura de mulher, umas boas carnes assadas, uns bons pingarelhos de vinho tinto e umas jogatinas pela noite dentro para entreter o tempo, e, claro, a burra cheia quando regressasse ao reino; o marquês de Montebello avisara-o de que bom governo é o que possui o contento do rei, e não o contento dos povos, que a escala de promoções e despromoções nunca se medira com o foro ou desforo dos povos, mas com a folha de serviço no Conselho Ultramarino. Félix José Machado viera para o Pernambuco com três imperativos régios, pacificar,

normalizar e, depois, castigar, mas com um fim muito pessoal e preciso, regressar com um baú de ouro que para sempre o livrasse de dificuldades financeiras. Mascates e nobres interessavam-lhe tanto como moscas de verão enxotadas com um abano, porém, se não conseguirmos exterminar as moscas, necessariamente teremos de com elas conviver, assim eram mascates e nobres para o novo governador, moscas. João Marques Bacalhau e Paulo de Carvalho, dois bacharéis pobretanas, que tinham trocado a batina do seminário pela bata rota de estudante, não ousavam a

tanta fortuna almejar, pelo menos em três anos de comissão, talvez em seis, talvez nova comissão em Cabo Verde ou Goa, mas pobres não regressariam a Lisboa, e quando o fizessem fá-lo-iam com suficiente experiência para reclamarem uma candidatura ao conselho de magistrados da Casa da Suplicação, na Ribeira das Naus. Para os três recém-chegados, o Pernambuco não era um objectivo, como o fora para os primeiros desbravadores, como Duarte Coelho, que lhe chamara Nova Lusitânia, terra das grandes oportunidades, como os primeiros Vieira de Mello, Cavalcanti, Bezerra,

Barbalho, que aqui tinham reconstruído a vida e aqui tinham escolhido morrer, engrandecendo com o seu sangue o Império Português, mas uma estância de passagem, instrumento de riqueza e promoção, nada lhes dizia o orgulho e o brio nativista dos mazombos ou a ambição de honras e cargos do dinheiro mascatal. Joaquim de Almeida e Simão Ribas, conhecendo dos homens o suficiente, trataram de fazer-se amigos de João Marques Bacalhau e de Paulo de Carvalho, interessando-os no negócio do açúcar, que eles desconheciam, mostrando-lhes que por mor das primitivas

divisões em sesmarias, que privilegiava os antigos sesmeiros, havia sido vedado aos mascates tornarem-se senhores de engenho a não ser por compra das moendas a antigos proprietários, que as não vendiam, ou por remissão de dívidas acumuladas. Três meses depois, João Marques Bacalhau enviava para uma sua tia, em Coruche, que lhe pagara os estudos em Coimbra, quarenta mil-réis em moeda e nomeava seu procurador em Lisboa um tal Arremedo Castilho, com o fito de este apreciar uns terrenos a lotear no monte dos irmãos Andrade, rente à Cotovia e à igreja de São Roque dos

jesuítas, chamado pelo povo de Bairro Alto. Barbosa de Lima informara Félix José Machado das finanças da governadoria, falidas, preciso de retomar os arrematamentos, os contratos de cobrança dos impostos e do dízimo do açúcar, a taxa sobre o sal e os dez por cento reais sobre todos os produtos importados do reino, arrendar o contrato do quinto das peles, dos panos e das farinhas e repor as taxas e fintas camarárias. Barbosa de Lima calculava meio ano para equilibrar as finanças desde que o açúcar dos engenhos do interior fosse descarregado nos trapiches a tempo de

embarcar na frota real, ficaria novo carregamento para dentro de seis meses, Félix José Machado encarregou Barbosa de Lima da tarefa por inteiro, o Barbosa trata do sustento da máquina da capitania, eu trato das parcialidades políticas. Do pouco dinheiro que havia, Félix José Machado pagou o soldo atrasado dos militares das fortificações, excepto os quatro meses de cerco, de que não estava seguro os soldados tivessem exercido funções ao serviço de el-rei, teria de consultar o Conselho Ultramarino. A falsidade da encenação das mulheres chorosas nos barquéus impressionara Félix José

Machado, e a verdade da proveniência do dinheiro para os cofres da capitania – quatro quintos das receitas provinham do bolso dos mascates – ditaram a conduta posterior do novo governador, que conformou as ordens reais às reivindicações dos mascates, privilegiando o Recife face a Olinda. Para pacificar o Pernambuco, Félix José Machado lançou dois bandos, um proibia o porte de armas no Recife e em Olinda e dava três dias para todos os moradores devolveram as armas ao exército; o segundo mandava devolver aos seus proprietários todos os bens saqueados durante o cerco, mas de

bens vandalizados não falava o bando e os que tivessem visto o seu engenho ou a sua fazenda devassados não poderiam legalmente exigir ressarcimento; o primeiro bando surtiu efeito, demorado, mas, se todas as armas não foram devolvidas, pelo menos foram escondidas, e os perigosos arcabuzes e mosquetes em mãos enervadas deixaram de ser vistos; o segundo foi letra morta, como lho provou Violante Dias, desconhecendo a quem exigir ressarcimento da destruição de Camaragibe senão aos mazombos responsáveis pela Junta Governativa

do Pernambuco, ora dissolvida; Félix José Machado, duro com Violante, percebendo porque lhe chamava o povo Maria Amazónia, retorquira que

não convém por ora consentir-se semelhantes demandas, que darão causa a maiores perturbações

desculpando-se com afazeres, despediu Violante Dias. Uma semana depois, Félix José Machado, tentando evitar desacatos e brigas entre mazombos e mascates no Varadouro, lugar de fronteira, lagoa de água doce para as duas povoações, lançava novo bando, publicitado pelas ruas de

Olinda e do Recife por tocadores de caixa, lido solenemente por arautos e colados com grude de gordura de baleia nas portas da igrejas e nos trapiches do cais: «quem lançasse vocábulos malsonantes e picantes ou palavras ofensivas a outros, caluniando, ferindo o respeito e o decoro das pessoas ou as suas dignidades e qualidades superiores», sofreria pena de prisão de dois meses e quinhentos réis de multa, e, se fosse escravo, falando por seu senhor, seria condenado a cinquenta açoites em praça pública.

João Marques Bacalhau e Paulo de

Carvalho receberam as varas reais das mãos de José Inácio de Arouche e Luís Valençuela Ortiz, estes não se conformavam com a demissão, prometiam requerer anulação para a Casa da Suplicação, em Lisboa, ou directamente, dizia Ortiz, ao senhor Escrivão da Puridade, consideravam suprema injustiça o banimento de funções régias, clamando não terem fortuna própria e desconhecerem como viver a partir de então, João Marques Bacalhau calou-os fazendo-lhes notar que muito tinha ouvido sobre as prebendas mazombas que ambos gozavam privilegiadamente, e, grosso

como um ex-seminarista, recordou que «com a idade de vossas senhorias, a vossa experiência e seis anos de governadoria nesta terra, se até hoje não acautelaram o futuro próprio o da coroa nunca acautelariam». Valençuela, de beiço caído, queria saber se tinha de imediato abandonar a casa pertença da vara, e Paulo de Carvalho, gentil, garantiu que não, que se os dois lá coubessem teria muito gosto em partilhar habitação e criadagem com o ex-colega, até que este se desvencilhasse, disse-o assim mesmo. João Marques Bacalhau, carregando nas dores de Inácio de

Arouche, informou este que o seu primeiro acto público seria o de restituir a dignidade de cidade ao Recife; Arouche, testa franzida de animosidade, nariz arrebitado de aversão, lábios arrepanhados num esgar de ódio, língua sibilante de vingança reprimida, riso falso de desagravo, alertou Bacalhau de que o último acto público de Sebastião Castro Caldas fora esse mesmo, que lhe custara o atentado, se calhar ainda sofre da coxa esquerda, disse Arouche, falsamente pesaroso, num timbre de voz que não escondia o velado de uma ameaça. Mas João Marques Bacalhau

falara com Félix José Machado e Barbosa de Lima, já tinham combinado data e solenidade, com reposição do pelourinho e imediata eleição de nova vereação, e foi com vistoso prazer que disse que os dois mestres-canteiros judeus já trabalhavam dia e noite no novo pelourinho, ainda provisório, um pouco improvisado, mas, enfim, servirá, disse, como se despachasse o assunto de vez, indiferente à opinião de Arouche. De facto, por édito do governador, a reerecção do pelourinho e a eleição de uma nova vereação foram marcadas para 17 de novembro. Avisado previamente pelo próprio

governador, o Senado da Câmara de Olinda reuniu-se, com os mazombos incomodados pela ausência voluntária de Bernardo Vieira de Mello que, chamado do interior, informou não comparecer, sem mais escusas; André desculpabilizava o pai, o tempo de prisão e a morte desgraçada da minha mãe, abandonada no sertão, chocaram-no profundamente, disse, presumira-se herói eterno do Pernambuco, nunca se imaginara preso e ressentiu-se de não termos assaltado a prisão para o libertarmos, não nos perdoará por isso, disse-mo a mim, se um de nós estivesse preso ele morreria tentando

libertá-lo, mas fá-lo-ia sem hesitação. Domingos Bezerra Monteiro presidia, os interesses do Pernambuco pareciam desinteressá-lo, só falava do cadeiral vazio de João Cavalcanti, agonizante no leito de morte, envergonhado, forçado a desviar o rosto, as lágrimas afloravam-lhe aos olhos inesperadamente, André Figueiredo Dias conduziu a assembleia, os protestos contra a política do novo governador incendiavam a sala, todos queriam saber da resposta de el-rei às quinze reivindicações ali aprovadas em novembro passado e entregues a d. Álvaro Manuel da Costa,

principalmente a taxação do preço do açúcar, a frota aí estava, os mascates já conversavam com os mestres-atravessadores, qualquer dia tornavam público o preço da arroba; José Tavares de Olanda pedia calma e apontava pela janela para a nau capitânia, ancorada ao largo, carregada de soldados e canhões, mas André Vieira de Mello, coração na boca como o pai, irava-se, lamentava que este ali não estivesse, ou não fosse o mesmo do passado ano, quando soltara o grito de república e independência de Portugal, Leonardo Bezerra Cavalcanti levantou-se e

retorquiu que os tempos eram outros, há um ano que lutamos, estamos esgotados de gado, de cavalos, de munições, de provisões, devíamos ter ouvido o teu pai em novembro, a maioria pronunciou-se contra, agora não há nada a fazer, é tarde, não temos força nem recursos para resistir contra os mascates e a armada real, d. Lourenço de Almada espetava-nos aqui com a armada do Brasil e as guarnições da Bahia; André ripostou com a guerra volante, como o pai propusera em novembro, mas as suas palavras caíram em ouvidos moucos, os senhores de engenho estavam

exaustos e desprovidos de capitais, Leonardo tinha razão, os seus homens tinham abandonado as terras há quatro meses, as sementeiras de fim de inverno tinham-se perdido, a segunda safra de cana gorara-se; André insistiu, recordou a expulsão dos holandeses, Domingos Bezerra Monteiro, parecendo despertar, lembrou a «esse moleque» que a expulsão dos holandeses custara quatro anos de guerra e todo o Pernambuco unido, brancos, pretos e índios, e hoje nem os brancos estão unidos, com os índios de Camarão não podemos contar e os pretos são a nossa única esperança no

trabalho da terra. André Vieira de Mello, amigo dos grandes gestos, atravessou a sala, olhou para os presentes como se os fixasse, postou-se ao lado de Domingos Bezerra Monteiro e repetiu a frase de seu pai à cabeceira de João Cavalcanti – quando João Cavalcanti morrer, morre o velho Pernambuco, e saiu, estrondeando a alta porta de madeira de angelim. André Figueiredo Dias fez aprovar uma proposta que não defendia abertamente a oposição de Olinda à erecção do Recife a cidade e não ofendia Félix José Machado: o Senado de Olinda não se opunha à erecção do

Recife, mas, havendo pareceres diferentes e os próprios reis d. Pedro ii e d. João v ditado ordenações contrárias, requeria fosse solicitado para Lisboa uma nova meditação de d. João v sobre a elevação do Recife a cidade; se esta fosse a mesma da do tempo de Sebastião Castro Caldas, então Olinda aceitaria o Recife como cidade, exigindo compensações. Através de Manelinho, encarregaram d. Álvaro Manuel da Costa de transmitir a proposta a Félix José Machado, este, recordando o conselho de seu pai, que o bom governo é o que aplica sem vacilações as ordens de el-

rei, independentemente do desejo dos povos, disse diplomaticamente a sua eminência que

o tempo de antes, aquele em que cuidava que sua eminência estaria governando, mas afinal, quando chegara, provara-se o contrário, muitos eram os que estavam governando, tinha passado.

O Pernambuco agora tinha uma voz, única, a dele, governador, e o que a minha mão assina como édito é para se cumprir. O bispo, acusando a injustiça das palavras do governador, que não tinham em conta o estado de guerra que

então se lavrara, abandonou o Palácio das Torres decidido de vez a não se intrometer entre mazombos e mascates. André Figueiredo Dias convocou nova reunião e apresentou segunda proposta, preparada juridicamente por Inácio de Arouche e Valençuela Ortiz, Olinda aceitava a erecção do Recife a cidade, mas *ad honorem,* como Vila Nova de Gaia relativamente ao Porto, exemplificava; o Recife poderia possuir insígnias e bandeira, mas administrativamente tudo continuaria a correr por Olinda. João Marques Bacalhau recusou de imediato a proposta e Barbosa de Lima comentou

que teria sido uma excelente proposta há um, dois anos, teria evitado uma guerra e um cerco, agora é inaceitável para os mascates, hoje não; Félix José Machado, que tivera ganas de mandar os mazombos meterem a proposta no cu, assentiu, dizendo, fala a voz da experiência. Poucos dias antes da data de reerecção do pelourinho, Domingos Bezerra Monteiro, André Figueiredo Dias, José Tavares de Olanda, André Vieira de Mello e Leonardo Bezerra Cavalcanti, à frente de uma vasta representação mazomba, apresentaram uma terceira proposta – para não se quebrar a unidade do Pernambuco, a

Câmara de Olinda abriria deputações no Recife, governando-se alternadamente um mês em Olinda, um mês no Recife, contentando ambos os povos. Félix José Machado recebeu a representação, ouviu a proposta atentamente, Barbosa de Lima levantou algumas questões jurídicas, Inácio de Arouche respondeu da parte dos mazombos, e, no fim, o governador disse que ia pensar; mas não foi, saída a representação do Senado de Olinda, Félix José Machado dirigiu-se à sala da ouvidoria e, com João Marques Bacalhau, confirmou para dia 17 a elevação do Recife a cidade.

Em 17 de novembro de 1711, o Recife despertou feliz. Na noite anterior, os dois mestres-canteiros judeus, com o auxílio de um bandonote de escravos, ergueram o novo pelourinho no centro do Largo do Corpo Santo, ainda defeituoso nas volutas finais e sem vértices definidos na peanha; dois espigões de ferro sobressaíam do remate do padrão, suportando dois pendões de madeira com a bandeira e as insígnias da nova cidade gravadas a punhal e pintadas apressadamente, tinta fresca pingando

para o chão de terra. Um magistral Santo António de barro pintado e vidrado, com o Menino ao colo, cântaros partidos aos pés, envolvido em espadanas e lírios brancos, sobressaía frente ao pelourinho, escondendo-o até meio. De manhã, tinha-se celebrado missa em todas as igrejas do Recife, com d. Álvaro Manuel da Costa presidindo na do Carmo e Manelinho oficiando na da Penha. Na homilia, o bispo falou do direito dos povos que era o direito da razão e na *vox populi* que era *vox Dei,* instou a que os recifenses permanecessem intrépidos defensores

da sua autonomia, e apontou para Vidal Rabelo, dando-o como exemplo à multidão de fiéis, como os mazombos o foram outrora, e repetiu por duas vezes, outrora, os defensores da autonomia do Pernambuco, designou o governador Félix José Machado, sentado no cadeiral lateral ao altar, como um novo Mem de Sá e Benevides, um novo Duarte Coelho, um novo João Fernandes Vieira do Pernambuco, pediu que a assembleia cantasse a «oração que o Redentor nos ensinou», e todos se levantaram, alçaram os braços, deram as mãos e entoaram em clangor uníssono o «pai

nosso que estais no céu, seja feita a vossa vontade…», retomou a prédica, enfatizando que tudo o que nos dois últimos anos acontecera fora por vontade de Deus, castigo para uns, recompensa para outros, a partir de hoje devem cessar os ódios, recriminações, vinganças, afrontas, exprobrações mútuas, é a paz, a santa paz, a paz duradoura que a mão de Deus nos envia através de Félix José Machado, aproveitemo-la, sejamos dignos dela, amém. No final da missa, os sinos de todas as igrejas do Recife reboaram estrondosamente, atroando os céus, ferindo de júbilo o coração

dos moradores. D. Álvaro Manuel da Costa, de hissope entre as mãos, aspergiu o novo pelourinho, declarando para todo o sempre Santo António como patrono da nova cidade, anulando assim a decisão de Sebastião Castro Caldas de consagrar o Recife a S. Sebastião. Quando os sinos cessaram os seus fornidos acordes melodiosos em toques finos alternados, lançando um derradeiro trinado, que ensandeceu de alegria ridente os recifenses, chegou à praça a notícia da morte do patriarca mazombo, João Cavalcanti, anunciada a todos, sobre a base do pelourinho, pela voz oficial de

Manelinho. Bandos de mascates pobres regozijaram-se, elevando a voz, bradando que Deus fizera justiça, tardara, mas fizera justiça, mas Joaquim de Almeida, ligeirote, baixote, balouçando as repas alvas que lhe caíam sobre os ombros, a calva frontal luzidia, avermelhada pelo sol, subiu para um caixote lateral ao pelourinho e abominou quem, velhaco, safardanas, ignorante, malsão, vergonha dos mascates, invoca Deus para justificar a guerra dos homens e se congratula com a morte de inimigos, mais facínora do que eles, e, levantando o dedo indicador como se

apontasse para o céu, que ora recolhia alma de João Cavalcanti, rasgou um elevado elogio a este, um dos últimos combatentes da liberdade na batalha do Guararapes, um dos últimos desbravadores do Agreste, um dos últimos dizimadores das revoltas dos tupinambás, um dos últimos vencedores do palmar dos negros quilombolas, orientando a sua vida, não pelo interesse, não pelo dinheiro, não pelo poder, que dos três também a vida é feita, mas pelo que de mais sagrado um homem pode deixar a seus filhos, a honra da luta por uma ideia, a sua verdade, pela qual se despiu de

conveniências afrontando inimigos, que éramos nós, aqui deste lado do Beberibe, igualmente lutando pela nossa ideia, a liberdade do Recife, sejamos dignos deste homem honrado, Joaquim de Almeida ergueu o dedo para os cômoros de Olinda, João Cavalcanti lutou pelo ideal de um Pernambuco nobre e português, nós lutamos por outro ideal, o de um Pernambuco português para todos, e, inimigos frontais, não nos leve o ódio a dementar o coração, cegando-nos para a nobreza de uma existência como poucas houve nesta terra, e, já de voz embaraçada, rematou, estou certo de

que se o açúcar não nos tivesse dividido estaríamos hoje entristecidos caminhando para Olinda para lhe prestarmos a última homenagem. Os mesmos bandos que se tinham alegrado pela morte de João Cavalcanti mais ruidosamente aplaudiram, enternecidos, as palavras de Joaquim de Almeida. Manelinho pediu uma oração silenciosa pela alma do «nosso irmão» Cavalcanti, por breves instantes os recifenses, comprimidos no Corpo Santo, murmuraram um pai-nosso pela alma do chefe-mor dos seus inimigos.

Comandando uma ranchada de

escravas, mãe Anália e as quatro filhas, Anélia, Anília, Anólia e Anúlia, em bojudos caldeirões de barro, de larga base enfarruscada, ferviam feijão com toucinho e rama de nabo sobre as fogueiras ateadas por Lula durante a manhã; com colherões de madeira, mãe Anália e Anélia mexiam a canja que recendia apurando o caldo grosso com arroz e pimenta verde, borbulhando olhas amarelas de gordura de cinquenta galinhas; Lula acudia aos gradis de ferro que esbraseavam entre altas labaredas, chamuscando-as de água e areia, aplacando-as, para não queimarem as postas de lombo de

vaca, os pernis de porco, ressumando banha pingante sobre as chamas, e os peitos, asas e coxas de frango e galinha que assavam; dezenas de barricas de vinho aguado, de torniquete selado a fio de arame, esperavam a hora da festa para serem violadas e bebidas. Procedia-se à eleição da nova Câmara do Recife, Vidal Rabelo, João Mota, Joaquim de Almeida e Simão Ribas tinham-se afastado voluntariamente do executivo, retornavam aos seus tratos, perdulários nos últimos anos, com sacrifício da bolsa própria; Joaquim de Almeida e Simão Ribas eram septuagenários, João Mota

prosseguiria carreira militar, agora enobrecida pela guerra dos mascates, e Vidal Rabelo alegara enigmaticamente querer mudar de vida, interpretado como dedicação exclusiva às suas mercancias. Como compensação, mas principalmente como reconhecimento da dedicação dos quatro à autonomia do Recife, sua excelência o governador decidira, consultados diversos notáveis mascates, nomeá-los Grandes Eleitores do Recife, com explícita obrigatoriedade de consulta em actos de vital importância para a cidade, e o povoléu, que mirava suspeitosamente os torniquetes das

barricas, os tampos sudados dos panelões de barro de mãe Anália, aguardando que esta confirmasse o ponto da feijoada e da canja, molhando o dedo e provando, mandando substituir os colherões pelas conchas, e as redes de ferro que sustentavam musculosos pernis de porco e coxas de galinha, desatou num corrediço de palmas e hurras abraçando os quatro homens, apertando-os contra o peito, clamando sinceros agradecimentos, comentando uns para os outros, se não fossem eles…, se não fosse a fortuna que Miguel Rabelo deixou ao filho e este empenhou para nossa salvação…,

se não fosse a coragem de João Mota e Joaquim de Almeida, a persistência de Simão Ribas… Finalmente, Lula cortou duas talhadas de pão de milho, suculentamente dourado, grosso como entalhes de pedra, sacou de duas fatias de pernil de porco que chamuscava, encharcou-as em manteiga vermelha, depô-las sobre o pão, cada uma apertada sobre uma viçosa folha de bananeira e, atravessando a multidão, ofereceu-as a d. Álvaro Manuel da Costa e a Félix José Machado; a Joaquim de Almeida, patriarca mascatal, foi dada a honra de desselar a primeira barrica e, antes de o

povoléu atacar impiedosamente pão, feijão, sopa, carne e vinho, Simão Ribas pediu um viva ao Recife e, a uma só boca, aguada pelo cheiro da comida e pelo travo doce do vinho, gritaram felizes os recifenses, Viva o Recife, Viva o senhor d. João v, Viva Portugal!

A meio da tarde, o sol queimando o ar doce das evaporações dos mangues e a fragrância das flores que se abriam ao anúncio do verão, a brisa marítima suave revirando nos cunhais, o feijão e a canja borbulhando na barriga pesada, inchando-a como ao bojo de um odre, o vinho zumbindo na cabeça,

atordoando o corpo em repetidos bocejos, as postas de assado de vaca desfiadas com carinho pelas mulheres, oferecidas ternamente aos filhos ou às velhas mães desdentadas, os pernis de porco tragados com suculência pelas famílias judias, que assim contentavam os olhos suspeitos de frei Diogo, os recifenses ocuparam as ruas juncadas de folha velha de feto e os sobrados de Santo António, de colgaduras e tapeçarias pendentes como se para procissão, esperando a entrada das forças de Cristóvão Pais Barreto, Sebastião Pinheiro Camarão e Manuel Gonçalves, o Tundacumbe. Vindos de

Afogados, a tropada dos dois mil homens penetrou pelo terreiro de São José, curvou o Bairro de Jesus e desembocou em Santo António marchando, perfilados, de catana aos ombros; Cristóvão Pais Barreto trajava de fidalgo, chapeleira emplumada, varandas de fitilhos escarlates no gibão branco, alvo, espada de bainha dourada, botas ferradas de meia presilhada a prata, despedindo acenos e mãozadas, aclamado por bandos de moleques que o perseguiam à desfilada, rabujando o pêlo da cauda do cavalo; os índios e mamelucos de Camarão, pintados de verde e amarelo,

exibiam as azagaias mortais, os arcos presos por bandoleiras, o alforge das setas tombado sobre as costas; Camarão envergava o longo cocar de seu avô, Filipe Camarão, herói da guerra contra os holandeses, tombado sobre o tronco nu, glabro e musculoso, de pele suada, fosforescente à luz declinante da tarde; mulheres das varandas aspergiam o tronco hirto, os ombros fortes, as coxas rijas, as canelas musculosas, os braços ceposos de Camarão com água de Córdova em raminhos coloridos de jasmim e arruda, uma mulher louca, fervente de desejo, pediu licença a seu marido

para ir abraçar Camarão, agradecendo-lhe a salvação do Recife, e uma mulata da Chica Tortuosa, a Dengosa, saltando sobre a multidão, afagou os mamilos de Camarão, dizendo que deste leite até ela beberia todos os dias; seguia-se, entre a batucada dianteira, as danças de cobra e os saltos de onça, a negrada do Tundacumbe, de calções sujos da mata, camisus rotos dos espinheiros, catanas cruzadas ao peito, facalhão ostentado no cipó que, como um emblema, lhes enrolava os quadris, dançando-lhes as nádegas saltitantes. Violante Dias reconhecera alguns dos seus escravos

entre os quinhentos negros que o Tundacumbe comandava, e correu a saudá-los, não como senhora que acena de longe para os seus servos, mas como madrinha que vê salvos os seus protegidos. Tundacumbe ostentava chapéu de treliça de vime enfaixado na cabeça, deixando ver as repas sujas de um cabelo cortado à faca, um camiséu preto largo e bamboleante que lhe tinham emprestado e umas pantalonas rosa farruscadas presas nos artelhos por lianas finas de sabopema; descalço, mãos brutas, enrolava nestas a corrente de um cipó e levantava-a, aplaudido, como se clamasse serem os

«homens do cipó» que ali iam. D. Álvaro Manuel da Costa e Félix José Machado tinham partido para Olinda, a consolar a família de Cavalcanti, regressariam ao crepúsculo; Joaquim de Almeida também quisera ir, mas Manelinho, desobrigando o bispo de chegar a Olinda em companhia tão mascatal, fizera-lhe ver que a paz ainda se fazia de guerra, Vidal Rabelo explicara-lhe poder ser interpretada como uma provocação de vencedor a presença de Joaquim de Almeida em Olinda. Ao fim da tarde, o crepúsculo ensombrado, tornando-se uma quase-noite, restando apenas uma fímbria

cinzenta a separá-lo da escuridão nocturna, acesas as luminárias que pendiam das esquinas das ruas desde a recepção ao governador, ateada a pez dos archotes, o povoléu dirigiu-se anarquicamente para o Palácio das Torres onde Félix José Machado, da varanda, esperava Cristóvão Pais Barreto, Sebastião Pinheiro Camarão e Tundacumbe, recebendo-os os três, pedindo a Vidal Rabelo e a João Mota para se lhes juntarem, aclamando os cinco frente à povoada embasbacada no largo. João Mota mandou as bandas militares tocarem de novo, a caixotaria das irmandades rufou os tambores, os

negros do Tundacumbe juntaram-se com os atabaques, e a bailaria, avinhada, atroou pela praça, alegrando os corpos. Sobre Olinda, descera o manto escuro da noite, velando triste em cada casa, que carpia ora o júbilo do Recife, ora a agrura da morte de João Cavalcanti.

A fuga de Porão Escorço, o Dois Olhos

Porão Escorço, confuso, sentidos perdedores, perguntou a Manelinho, que faço?, este retrucou, sei lá, anda por aí, trata das tuas casas; tenho

demasiadas culpas no cartório, proferiu Porão Escorço, antes de chegar ti, a muitos chegará, comentou Manelinho, aí é que se engana, o pau procura as costas do mais fraco, desculpando o mais forte; não te posso fazer nada, tomara eu justificar o bispo, e justificar-me a mim, e o terreno do Amparo que me prometera?, há-de chegar a hora do rateio, e lá o terás; quero vender as minhas casas, eu não tas posso comprar, e quem poderá?, desconheço. Porão Escorço saiu do paço episcopal percebendo que de Manelinho e do bispo nada conseguiria, jurariam desconhecê-lo se

preciso fosse, procurou a Chica Tortuosa, a Dengosa, e vendeu-lhe as casas por um preço ajustado, sem lucros, mas, contando com as benfeitorias, sem perdas, a Chica Tortuosa, a Dengosa, abriu novo alcouce, com mulatas fresquinhas da Bahia, tornando a rua, nas costas da residência do bispo, designada Rua Suja pelas esposas e mães olindenses, o prostíbulo mais afamado do Pernambuco, procurado por matutos de todo o sertão. Porão Escorço juntou o dinheiro ganho ao dinheiro roubado, quase todo, escondeu no fraldão a promissória da Câmara do Recife,

comprou dois cavalos novos, pujantes, e dez escravos brutos a um capitão-do-mato amigo do Arroxeado e, na noite de 19 de Novembro, silencioso, partiu sem se despedir, desviando por Apipucos a caminho do rio São Francisco, avançando para o território de Minas, desconhecia onde se instalaria, mas onde fosse aí deveria haver ouro. Durante um mês estanciou pelo sertão, caçando a anta, contornando engenhos e fazendas, dispersou a tiro um bandonote de tupinambás, sentiu-se tentado a arraiar definitivamente na orla de uma mata de jangueiros e jaqueiras, descansaria

para sempre, mas o brilho do ouro enchia-lhe os olhos e, para resistir à tentação, lançou fogo à mata, continuando. Ao cabo de um mês, atingiu Sabará, um morro de trinta barracos onde cinquenta emboabas faiscavam ouro, que o rodearam, expulsando-o. Porão Escorço alegou não ter vindo catar ouro, era mascate, aceitava encomendas, tinha fornecedores em São Salvador, e a meia centena de homens, de «burras» cheias de pó de ouro, rotos, comendo abóboras cozidas e um rolo esfiado de carne-de-sol que os escravos traziam de Mariana, deixaram Porão Escorço

estabelecer-se no barraco de um antigo faiscador. Ao longo de cinco anos, Porão Escorço transformou o casinhoto no sobrado central de Sabará, abrindo um terreiro para as carroças, levantando estábulo para os cavalos e um galpão para as mercadorias; uma vez por ano ia a São Salvador abastecer-se dos produtos encomendados pelos pesquisadores, levantando um comboio tropeiro de dez carroças pejadas, seguindo pelas trilhas abertas trinta anos antes pela matulagem do primeiro mascate de Minas, Manuel Nunes Viana; com as carroças, vinha a boiada que

alimentava Sabará de carne todo o ano. Ao fim destes cinco anos, riquíssimo, com forte depósito em ouro em São Salvador, contratou uma manigância com dois prestamistas cristãos-novos desta cidade que evitava os contínuos assaltos de quadrilhas nas bordas de São Francisco, os mineradores depositavam o seu ouro no sobradão de Porão Escorço, este riscava-lhes o corpo com umas tatuagens ininteligíveis que apenas os dois prestamistas sabiam interpretar, e era-lhes devolvido em São Salvador, menos dez por cento de peso, cinco para Porão Escorço, cinco para os

judeus. Em 1720, abandonou a mascataria e, empatando a quase totalidade da sua imensa fortuna, comprou a concessão de uma vasto troço do rio, que desembocava numa cachoeira de vinte braças de altura, sob a qual cinquenta escravos bateavam e faiscavam catorze horas por dia. Em 1740, com quase cinquenta anos, Porão Escorço, bilioso, chaguento, coberto de pústulas insanáveis, que lhe escarmentavam a testa em películas pastosas, as mãos torcidas do reumático da água, expectorando sangue em fios melosos, as pernas purulentas de umas ovas de

bicho sarnoso, cataratas pingando dos olhos, desceu no cais novo de mármore da Ribeira das Naus, em Lisboa, trazendo consigo em metal precioso e letras de crédito uma das maiores fortunas do Império. Entregou-se aos médicos de Lisboa e aos lentes de Coimbra e, por intercepção do marquês de Alegrete, conhecido por Fidalguete, a um cirurgião polaco de Londres que, embebendo-o de mandrágora, lhe raspou o corpo, queimando-lhe a pele aos fogachos, como a cerda de um porco.

O FUNERAL DE JOÃO CAVALCANTI

A morte de João Cavalcanti não pesou apenas aos três filhos e aos parentes chegados, como André Figueiredo Dias, José Tavares de Olanda, d. Lourença e Leonor; como vibrações insensíveis que anunciam um terramoto, os olindenses e senhores de engenho sertanejos sentiram que a morte do velho patriarca criara um vazio na existência da estirpe dos mazombos, como se uma página se virasse na história do Pernambuco. Bernardo Vieira de Mello, que a desolação da prisão levara a ver claro, tivera a lucidez de entrever que no tempo em que um insigne mazombo,

como ele, pudesse ficar cinco meses preso à porta de Olinda terminara a força desta, nascida da aura desbravadora ao longo de um século, arrastando-se num conflito com os seus vizinhos, que estes necessariamente venceriam, anunciando os tempos futuros. Mais do que morte de João Cavalcanti e de d. Catarina Leitão, para Bernardo Vieira de Mello fora a sua prolongada prisão que lhe anunciara o fim de Olinda. Abrigara-se no seu engenho do Agreste, e por lá se restara e, se de si dependesse, não mais retornaria a Olinda ou ao Recife. Sem a visão sofrida de Bernardo

Vieira de Mello, também todos os restantes nobres, com excepção da raiva enfurecida de André Vieira de Mello, mais fruto da imaturidade e da desafronta do que de uma visão clara, pressentiram que com a morte de João Cavalcanti fora o velho Pernambuco açucareiro, boieiro, agrário e sertanejo que morria com centro poderoso em Olinda, dando origem a um novo Pernambuco mascateiro. O esquife de João Cavalcanti, o mais rico da Misericórdia, em prata lavrada acolchoado a algodão e penas, forrado a veludo ebúrneo, bordado a fios de ouro com adornos de anjinhos

resplandecentes soprando trombetas, abundantemente franjado a fios de prata, de coxins alvos, que lhe fixavam o corpo no andor, saíra da Sé e percorrera em cortejo as principais ruas de Olinda, atapetadas de folhas verdes de palmeira, junco e bambu. Viúvas olindenses, de idade genária, mantéu preto sobre a cabeça, protegidas de Cavalcanti, rodeavam o esquife de lamúrias peganhentas, implorando graça e piedade a Nossa Senhora do Carmo, clemência e comiseração, para si e para o falecido, clamando que melhor fica o que morre do que aquele que vive. Portavam o

esquife Domingos Bezerra Monteiro e os três filhos de João Cavalcanti, trajando a opa da irmandade da Ordem Terceira de São Francisco, a que João Cavalcanti pertencera; neste convento, no portal, frente ao cruzeiro imponente, frei Diogo e os novos missionários chegados na frota cobriram o defunto de flores de jasmim-voador, invadindo o ar de uma fragrância doce, que a todos comovia; no átrio do colégio dos jesuítas, o principal destes e os seus alunos prostraram-se no chão, empoeirando as sotainas pretas, repetindo em coro por três vezes, homem, homem, que não se te olvide,

do pó vieste e ao pó retornas; no pórtico do Senado da Câmara, os balsãos e os pendões de Olinda suspensos das janelas, estalando compassados ao vento, Domingos Bezerra Monteiro, passando o varau do esquife a André Figueiredo Dias, leu o panegírico de João Cavalcanti, designando-o pai de Olinda e patriarca do Pernambuco, e finalizou, Olinda está hoje viúva. À porta do Senado, foi dado a Félix José Machado a honra de tapar com lenço de cambraia, bordado pelas mãos chorosas de Leonor, o rosto do finado, desfigurado do lado esquerdo; no Largo do Carmo, crianças

montaram a alegoria do mundo, representando as suas quatro partes, um mameluco fazia de chino amarelo, de olhos esfiados e cabelo trançado, de túnica de seda dragonada, clamando por urgente baptismo, representava a Ásia; um menino negro retinto, nuzinho, de dedo na boca, olhos maiores do que a cara, dentes alvos, tanga enrolada nas ancas, clamava por urgente baptismo, simbolizava a África; um pequenote índio, pintado de verde e amarelo, papagaio falante ao ombro, de cocar emplumado e pele de onça bebé sobre as costas, clamava urgente baptismo, indicava o Novo

Mundo; e um menino branquinho, de cabelo encaracolado, gibão amarelo perfumado e aveludado e jaqueta cintada e acetinada, de chapins reluzentes de pele envernizada, representando o próprio Cavalcanti nascido no Brasil há setenta anos, clamava ser o portador do baptismo levado às restantes partes do mundo, que a todos salvava; emergindo entre os quatro meninos como uma aparição, uma menina branca, a primeira trineta de João Cavalcanti, de faces coloridas de vermelho-terra, apregoava ser o umbigo da terra e chamar-se Olinda, princesa do Brasil, filha de Portugal. O

corpo de João Cavalcanti, amortalhado com a capa escarlate debruada a ouro de cavaleiro da Ordem de Cristo sobre a estamenha franciscana, entrou na igreja de Nossa Senhora do Carmo sob o clangor clamante do carrilhão desta igreja, a que se tinham juntado o de São Bento e os sinos de São Francisco, atroando Olinda de luto e pesar com os seus rebombos plangentes, convidando ao choro e à lamúria. O corpo lívido de João Cavalcanti, evolando o perfume doce da flor de jasmim-voador, que olorava a nave da igreja, misturando-o com o acre da cera queimada e pingante dos círios, foi

retirado do esquife e depositado sobre a essa entre ramalhetes de flor de jasmim; frente ao altar, d. Álvaro Manuel da Costa celebrou missa de corpo presente. No final da missa, uma longa fila serpentífera de dois mil olindenses formara-se para se despedirem e tocarem pela derradeira vez o corpo-pai de Cavalcanti; saracoteando pelo Carmo, a pesada fila silenciava-se de respeito pela morte; André Figueiredo Dias e Manelinho tinham proibido as velhas carpideiras de urrarem os seus prantos infernais, de agafalharem os pómulos da cara com água e terra e de

repuxarem as melenas com uma mão, a outra socando furiosamente o peito; o silêncio de fim de tarde casava-se com o silêncio respeitoso dos moradores de Olinda. Manelinho recitara as últimas orações, o túmulo na capela de Nossa Senhora da Salvação há muito se abrira, o som cavo de laje reboara pela nave do Carmo, o último trino plangente dos sinos anunciava o fim derradeiro, Leonardo Bezerra Cavalvanti e os dois irmãos despediram-se do pai, beijando-lhe as mãos envoltas no rosário; o corpo foi elevado da essa por Domingos Bezerra Monteiro, André Figueiredo Dias, José

Tavares de Olanda e André Vieira de Mello e encaminhado para a tumba escura ao compasso de um coro entoando surdamente o *requiescat in pace,* cantado lugubremente por duas filas de missionários beneditinos; a capa de cavaleiro da Ordem de Cristo foi retirada do corpo de João Cavalcanti, deixando ver a batina de irmão da Ordem Terceira de São Francisco que o amortalharia para a eternidade, foi-lhe passado um lençol branco por cima, e, a braços de dois frades carmelitas, manejando as cordas que suspendiam o corpo, o cadáver de João Cavalcanti desceu à cova funda.

Rente à sepultura, de pernas abertas fixando o corpo jazente de João Cavalcanti, Domingos Bezerra Monteiro sentiu-se mal, um vazio atravessou-lhe a cabeça, sugando-lhe o sangue, um negrume nos olhos, o céu-da-boca instantaneamente seco, o coração titilando descompassado, levou as duas mãos ao peito, arrepanhando-o, dedos clavinhados como garras, soltou um abafado, ai que eu morro!, e o seu corpo grande desabou sobre a tumba, morrendo, de pés de fora e um braço baloiçando, suspenso da borda do túmulo, atravessado no corpo do amigo.

Os mascates, desempoeirando os balcões de madeira, carregando nos escravos, seus poltrões, filhos de uns cabrões, vamos a trabalhar!, aprestando os secos e molhados em gigas e barricas nos umbrais, bem à vista da populaça que ia enchendo as ruas, reabriam as portas das lojas, animando os sobrados. Chegavam novos caixotes de açúcar vindos do sertão, fardos de peles, rolos de fumo, sacas de algodão e amendoim, amontoavam-se pilhas de pau-brasil sobre os estrados lentos das carroças,

de longas rodas chiantes, puxadas por bois lerdos. Um ou outro senhor de engenho, rodeado de feitor, de mestre-de-açúcar e de um grupão de escravos musculosos, receando ser aperreado por parciais dos mascates, arriscava-se a entrar nos trapiches a negociar o açúcar. Paradoxalmente, por respeito ou temor, as casas de Joaquim de Almeida, Simão Ribas e Vidal Rabelo tinham sido este ano as preferidas dos mazombos para o depósito do açúcar e o pedido de crédito para as safras do ano seguinte. Joaquim de Almeida congratulava-se, asseverando que sempre esteve certo o ditado que alega

Deus não dormir, só repousa, e, a prová-lo, o preço da arroba do açúcar acabava de subir devido à moléstia de cana na Bahia; três urcas vindas de São Salvador aportavam vazias ao Recife, suplicando açúcar, que não chegava para todos os pedidos europeus; para quem o tinha, os senhores de engenho mais previdentes, que, menos comprometidos com a guerra entre Olinda e o Recife, nunca tinham parado as suas moendas, o ano revelava-se frutuoso, a burra enchia-se, saldavam-se dívidas de anos passados; os mazombos empenhados no levante e no cerco, distraídos dos

seus interesses açucareiros, como André Figueiredo Dias, Tavares de Olanda ou Leonardo Bezerra Cavalcanti, batia-lhes forte a nua realidade do dinheiro, despejando no porto uns nicos de açúcar que mais os endividavam, forçando-os a recorrer a novo crédito para saldar juros de juros. André Figueiredo Dias e José Tavares de Olanda, sem açúcar e sem capital, quase sem escravos, mortos nas pelejas dos levantamentos, o gado reduzido e o soldo bastamente atrasado dos seus matutos, tiveram de se socorrer da venda do açúcar de Engenho Novo, doado por João

Cavalcanti a Leonor, mentindo a esta que o açúcar nada rendera de jeito. Por privilégio familiar, André Figueiredo Dias e José Tavares de Olanda, sargento-mor e capitão-mor das guarnições de Olinda, tinham direito a soldo régio, mas Félix José Machado não lhes pagava, alegando terem sido as tropas por eles comandadas em interesse próprio, e não a serviço de el-rei. José Tavares de Olanda informou Leonardo Bezerra Cavalcanti que ia partir para a Paraíba, refazer a fortuna, acartar boiadas para Minas, tinha lá amigos, volto dentro de dois ou três anos, André Figueiredo Dias

queria acompanhá-lo, mas Leonardo partilhou o açúcar de vários dos engenhos dos filhos com os dois amigos e reteve-os em Olinda, dizendo enigmaticamente, o que se baixa também se levanta. O primeiro requerimento entrou na Câmara do Recife, funcionando provisoriamente nas antigas cocheiras da Madre de Deus, emprestadas pelos Nery; provinha de Simão Mendes e fora abençoado com a influência de frei Diogo, os judeus solicitavam à nova vereação a extensão do Bairro de Jesus até às dunas de São José e o levante de um mercado,

comprometendo-se a secar o terreno e a crestar os mangues; escusavam-se de andar de porta em porta a oferecer os seus produtos, expondo-os por atacado no novo mercado; foi autorizado, dando origem ao actual Bairro de São José, o mais mascateiro do Recife. Frei Diogo recebera e instalara no convento de São Francisco, a Olinda, os novos missionários vindos na frota e, com estes, tinham-se acabado as obras iniciadas por Lula; o convento normalizara-se, entrara nos dias sem história e era já sem secreto pavor que os novos frades assomavam rente à antiga cela de frei Maria do Amor

Divino, que a ira de Deus fulminara, a todos evidenciando o judaísmo renegado do ex-frade; frei Diogo, narrando a velha história, não se esquecia de salientar que houvera mão de Nossa Senhora Reparadora, que tudo repara, no castigo ao frade ex-comungado. Repartido entre os «meus frades», de Olinda, e os «meus judeus», do Recife, frei Diogo levava uma existência de abade carinhoso, engordando com a passagem dos anos, agora sem interferência de coisos-feitos de mãe Anália. A antiga batina larganhuda foi retirada da arca, rota aqui e além por obra da traça, que o

próprio frei Diogo remendara, zangando-se com o «santo bichinho da traça», que logo escolhera os «meus panos» para mostrar que existe. Os judeus compartilhavam a amizade de frei Diogo, este lia-lhes mensalmente um capítulo das suas meditações sobre as «Frutas do Brasil», igualando o rosário ao ananasário, e nunca o deixaram ficar mal, nem quando o novo visitador da Inquisição chegou ao Recife, em 1720, e encontrou o Bairro de São José laborando afanosamente, já com a sua igrejinha em construção. Em segredo e sem proselitismo, a tradição era mantida, solha e raia não

eram vendidas no mercado, o açougueiro judeu degolava as aves e esquartejava as vacas de um modo singular, correntios de água na rua apareciam sempre que um deles morria, de noite cantares e rezas rumorejavam pelas casas, candeias de matuta nova eram acesas sexta-feira à noite e escondidas em vasilhas, beatilhas lavadas eram vestidas ao sábado e o varrimento das casas feito de fora para dentro, mas os filhos e os filhos dos filhos, de casas estendidas para a praia, rodeando o mercado, já o faziam por tradição e respeito, não por devoção. Os filhos destes últimos já

comerão peixe sem escama e recusar-se-ão a esvaziar talhas e cântaros de água sempre que um velho judeu morrer, nem as mulheres e filhas ficarão sete dias atrás da porta em jejum quase integral. Ao longo do século seguinte, o XIX, cruzados com famílias mazombas ou mascateiras em casamentos católicos, baptizados desde a nascença e catequizadas as crianças, os judeus descendentes dos salvados do naufrágio de 1710, agora senhores de ricos sobrados de São José, dissolveram-se como comunidade, mesmo secreta, considerando-se totalmente brasileiros

quando o senhor d. Pedro ii visitou o Recife. A maioria já desconhecia que o hábito familiar de dar o nome de Simão ao segundo filho varão provinha de um tal rabino que vivera um século antes – o nosso Simão Mendes –, que conduzira o seu povo do mar tenebroso à terra prometida do Recife, e ao terceiro filho varão o nome de Diogo – o nosso frei Diogo; em noites de vento silvão, pancadas de chuva grossa vibrando na calçada, atordoando as janelas, já de vidro, estalava nos velhos uma vaga memória de que as famílias de São José muito deviam a dois homens com esses nomes, mas já

ninguém se lembrava quem eram e o que representavam. Apenas no século XX, na década de trinta, o Recife voltou a ver judeus nas ruas, fugidos da Alemanha, apavorados com os alvores da propaganda anti-semita de Hitler, e nos velhos sobrados alugados voltara-se a ouvir a oração do desespero: *Adonai, Senhor, Tu és o meu Senhor, Adonai, Senhor, Tu és o meu rei, Adonai, Senhor, Tu és o meu benfeitor, Adonai, Senhor, Tu és o meu guia*. Alguns destes judeus, roubados nas alfândegas europeias, chegaram ao Recife de bolsos vazios, viram-se obrigados a comprar

mercadoria a prestações para revenda porta à porta, como o seu antepassado brasileiro Simão Mendes, e consoante as compravam assim as vendiam do mesmo modo, equilibrando mensalmente receitas com pagamentos aos credores, introduzindo no Pernambuco o sistema de venda a prestações.

O RAPTO DE LEONOR

Violante Dias e Julinho regressaram a Camaragibe com Tundacumbe. Este, impante, bazófias, afagando a cicatriz malsã, concluindo finalmente ter

acertado na vida como matador de mazombos, confundindo a violência inicial da revolta e os únicos meios que possuía como defesa, as catanas e os cipós, com um permanente estado de guerra, que o heroizava, prosseguia com o seu «rancho dos cipós» a matar «cavalcantis», como dizia, isto é, bandos de matutos que, findo o cerco, regressavam ao sertão. Julinho admoestou-o, instou-o a devolver os escravos aos seus donos, mas estes, livres nas matas, como na sua primitiva África, tardaram a entregar-se. Os escravos de Violante Dias ficaram em Camaragibe, insuficientes

para a reconstrução do engenho. Julinho regressou ao Recife, ao mercado, a ratear pretos, que, escassos – Joaquim de Almeida garantia que seiscentos pretos de Olinda e do Recife tinham sido mortos na guerra nos últimos dois anos –, custavam os olhos da cara.

Quando Violante entrara no terreiro de Camaragibe, a alma partira-se-lhe: gado, açúcar, canavieira, galpões, estábulo, palheiro, pocilgas, senzala, moenda, tudo devassado, queimado, partido, esmigalhado, destroços incinerados ou inúteis pelo chão, os rodízios roubados, as tachas

quebradas, as caldeiras enegrecidas e rompidas; mais do que a ruína do engenho, entristecera-a o estado funesto da casa-grande, roubara-lhe o ânimo, envolvendo-a numa tristeza permanente, móveis quebrados, portas arrombadas, tectos furados, soalhos levantados, ratos chiando pelos cómodos, devastando-os de caganitas pretas malcheirosas. Violante chorou nos braços de Julinho, incapaz de compreender tão forte vandalismo, nenhum mazombo devassaria deste modo uma casa-grande, só homens da raça de Tundacumbe, Julinho acrescentou, ou de Porão Escorço, se

não foi ele foram os homens dele, o que mais tarde se comprovou quando alguns dos escravos narraram que tinham matado um preto gigante, era o Arroxeado, disse Julinho, e foi à mata confirmá-lo, remexendo com um graveto nos despojos do corpo mutilado deste, roído pelos animais. Violante e Julinho adiaram um dia o que seria para ambos a grande prova – se o Santo António de Julinho e a arca de Violante contendo o seu dinheiro, a prata, o ouro, as jóias e a certidão da posse de Camaragibe, tinham sido ou não descobertos pelos assaltantes. Violante soubera pelos escravos que

pai Thomaz fora torturado e morto, assim se chamava o ancião morto por Arroxeado por divertimento; os sobreviventes tinham-no enterrado, a ele e a seu filho, morto no ataque inicial de Porão Escorço, junto da mata de jangueiros, a cara e a cabeça de pai Thomaz tinham sido barbaramente mutiladas. Violante segurara-se a Julinho quando soubera que pai Thomaz fora torturado; fora ele, e seu filho, que tinham enterrado o «tesouro», embrulhado em sacas velhas, no centro do chiqueiro, a três braças de profundidade, e por isso esperou para o dia seguinte, adiando o

momento em que teria de confessar a Julinho e a si própria estarem ambos totalmente falidos, teria de vender Camaragibe tal como se encontrava e procurar sustento no Recife. No dia seguinte, Violante afastou os escravos da zona dos estábulos, cocheira e palheiro, Julinho descalçou-se e cavou nas lamas secas e pestíferas do chiqueiro e, à sexta pazada, socou um relevo duro, que soltou um som cavo, abafado, não era de pedra, e sorriu para Violante, que da cerca esperava ansiosa, o «tesouro» lá estava, inteirinho, não seria preciso vender Camaragibe ou socorrer-se do crédito,

à imitação dos restantes senhores de engenho, como alvitrara Julinho na noite anterior. Violante abriu-se num longo sorriso, perdi Camaragibe, mas ganhei-te a ti, disse; agora tens-me a mim e ganhas Camaragibe, que eu não mais saio daqui, disse Julinho, de pernas e braços cheirando a imundície de porco, se me quiseres aqui ficarei para toda a vida e aqui criaremos os nossos filhos; sobre a cerca, Violante respondeu entregando-lhe os lábios num prolongado e amoroso beijo.

Se Julinho e Violante, juntos, decepando os troncos que recuperariam a casa-grande, eram

felizes, Vidal Rabelo e Leonor, separados, entristeciam os seus dias. Vidal Rabelo desinteressara-se dos negócios e não fora Lula a loja não teria sido aberta; Lula substituía o patrão no trato do açúcar, recebendo-o dos senhores de engenho, negociando com os mestres-atravessadores, dando conta a Vidal Rabelo do andamento do armazém, este interessava-se, sem dúvida, mas não o suficiente, não como antigamente, era assim que à noite Lula contava a Anélia. Esta dissera a Lula, males de amor, e Lula, secretamente, decidira por Vidal Rabelo o que este deveria fazer. Chamou Julinho de

Camaragibe, vindo contrariado, assoberbado com obras, reuniu dez escravos de aluguer, possantes, e fez-se levar a uma das naus açucareiras da frota, onde permaneceu o dia inteiro. Uma noite, mãe Anália disse a Vidal Rabelo que precisava de lhe falar, nos fundos, e quando Vidal Rabelo, de candeia pendente da mão, abriu a porta, sentavam-se a uma mesa Lula, mãe Anália, Anélia e Julinho, todos com ar suspeito, mas feliz. Lula mostrou a Vidal Rabelo as contas da última semana da loja, os novos contratos anuais com os engenhos, as arrobas de açúcar despachadas e a

despachar, as comendas do ano para Lisboa, o crédito concedido que esperava a sua assinatura, rematando, sem saber o que vossa mercê possui em dinheiro, que não é da minha conta, mais o que seu pai lhe deve ter deixado em herança, depositado em Lisboa, que também não é da minha conta, só os negócios deste ano são suficientes para vossa mercê estanciar um ano ou dois pela Bahia, depois volta, e eu lá irei de três em três meses dar-lhe conta da loja; e que vou eu fazer um ano para a Bahia?, perguntou Vidal Rabelo, ora, ora, disse Lula, consumar o seu casamento com a

senhora dona Leonor Barbalho, Julinho interrompeu, daqui a um ano ou dois está tudo pacificado, poderá voltar sem medo de represálias dos Cavalcanti, dos Olanda, dos Vieira de Mello, que consideram a senhora dona Leonor propriedade sua, para mais agora que ela herdou um engenho valiosíssimo às portas do Recife. Lula tinha a frase entalada na garganta desde que Vidal Rabelo se sentara e exclamou sorrindo, de voz alteada: vamos raptar a senhora dona Leonor, Vidal Rabelo, aturdido com a revelação, mirando todos num sorriso amigo, disse, era isso, era o que eu

devia ter feito mal o cerco se descercou, raptá-la, prometera-lhe e ela me rogara, mas a morte de João Cavalcanti e a ordem de Barbosa de Lima, em nome do governador, para chefes mascates e mazombos não frequentarem as cidades rivais, demoveram-me, fiquei à espera. Um corrido de escravos entre Olinda e o Recife, industriado por mãe Anália, aproveitando as mensagens subterrâneas que as velhas pretas trocavam entre si para as cerimónias do candomblé, avisou Leonor de que ia ser raptada e ela própria indicou a melhor noite, a véspera da noite de

Natal, d. Álvaro Manuel da Costa e Manelinho ceariam lá em casa na noite de natal, depois da consoada e da missa do galo, imensos os preparativos, deslocando d. Lourença e a escravaria para a copa, a cozinha e as caldeiras.

Na noite de 23 de dezembro, no Varadouro, em Olinda, três escravos, escapados de seus amos, abrigavam-se sob as copas das almendas que bordejavam o Capibaribe, afagando o focinho de três cavalos selados; escondidos, lobrigavam ansiosamente o rio, receando a passagem da ronda; tinham recebido ordem de mãe Anália

e desconheciam para que serviriam os cavalos, surripiados dos estábulos de seus donos durante essa noite; rumorejando lentas, as folhas sopravam, harmonizando o silêncio da noite com o coaxar das rãs e o silvo das corujas que, inquietas com o resfolegar dos cavalos, espadanavam as asas e torciam o pescoço, lançando o brilho coruscante de seus olhos em todas as direcções; chapinhando, de remos levantados, dois barcos rasteiros aproximaram-se, um dos negros piou por três vezes, por três vezes novos pios ressoaram no silêncio. Dez negros armados de

bacamarte e catana saltaram para a margem, enfiando os pés nus no lodaçal, e três fidalgos, trajando à nobre pernambucano, de chapeleira emplumada caída sobre a testa, bota alta de carneira e gibão de carneira e algodão franjado de ristinhos de seda, esperaram que os barquéus acostassem às raízes submarinas de uma vetusta almenda; eram Vidal Rabelo, Lula e Julinho, disfarçados de mazombos, atravessariam Olinda a cavalo, como senhores de engenho regressando do sertão para a consoada, escoltados por um matulatote de escravos; os três escravos resguardaram os barquéus

sob as copas pendentes das árvores e Vidal Rabelo deu sinal de partida, dois dos escravos atearam o pez dos archotes, um à frente, outro atrás, e, tropeando os cavalos, meteram-se a caminho do Carmo, cuja estrada, larga, se afastava das varandas das casas; subiram a São Pedro, acenando para um ou outro mazombo que assomava ao bailéu, curioso da cavalgada, contornaram o mercado de escravos, desabitado, um círculo negro de pedra, e penetraram na Rua de São Bento; Leonardo Bezerra Cavalcanti e José Tavares de Olanda afloraram à janela da câmara, empunhando duas achas

acesas em fogo brando, pouco iluminantes, espiolhavam quem se aproximava, Vidal Rabelo, Julinho e Lula, desabando o chapéu sobre a testa, engrossando a voz como velhos conhecidos, despediram um oi, saudações de São Lourenço da Várzea, Leonardo e José Tavares, surpresos, replicaram um oi, oi!, e meteram-se para dentro, presumindo-os mazombos daquela povoação. Sobre as grossas lajes da calçada, a tropeada das ferraduras rompia o silêncio unânime, Leonor, advertida pelo estralejar dos cascos nas pedras, segurou o balaio onde enfardara apressadamente

algumas roupas, e, saltando pela janela, assomou ao portão, abrindo-o no exacto instante em que Vidal Rabelo estancava o cavalo, puxando-lhe as rédeas; louca de amor, tensa de medo, mirando apavorada as janelas, Leonor subiu de pernas abertas para a garupa do cavalo que, freado e pesado, relinchou, protestando, Vidal Rabelo, furioso, esporou-lhe a barriga, sangrando-o, forçando-o a partir. Como águas presas em açude que ora se libertam, explodindo em vistosos jorros, Vidal Rabelo e Leonor um ao outro exclamaram, oh, meu amor!, Lula e Julinho chibatavam os cavalos,

galopando em direcção ao convento de São Bento, ganhando o antigo palácio do governador, virando para o Varadouro; a mulatotada de escravos corria sofregamente, acompanhando o galope dos cavalos, mirando suspeitosamente os portões e as janelas escurecidas das casas, de bacamarte destravado. André Figueiredo Dias decidiu espreitar pela treliça da janela para a escuridão da rua, estranhando a paragem que os cavalos tinham feito à porta da casa e o inusitado relincho, mas nada via, perguntou a d. Lourença se ela também ouvira o estanco dos cavalos, não seria

melhor mandar uns escravos vasculhar o quintal, d. Lourença chamou por Leonor perguntando-lhe se ela também ouvira ruídos estranhos e não obteve resposta, insistiu, de novo sem resposta, d. Lourença abriu a porta do quarto, clamando aos gritos que sonhara que ia haver uma desgraça naquela casa e já eram duas, a morte de João Cavalcanti e a ora fuga da ingrata Leonor, quantas mais a Virgem Santíssima nos fará passar?, perguntou para o ar, lançando as mãos postas no oratório. Leonor, grudada a Vidal Rabelo, doida de amor, seguia silenciosamente Capibaribe abaixo,

repetindo mentalmente para si, ó meu amor, ó meu amor, raptaste-me!

Perto da meia-noite, no cais do Recife, escutava-se um pranto choroso sob a vaga luz baça de três candeias marítimas. O mariola da lancha reclamava pressa, mas Vidal Rabelo, embarcado com Leonor, respeitava a despedida de Anólia e Anúlia. Como combinado, todos se tinham despedido ao crepúsculo, uma lenta refeição em que mãe Anália rememorara o dia em que fora comprada no mercado por Miguel Rabelo, disputando o preço com João Cavalcanti. Era uma menina tímida, que os outros escravos

escondiam atrás dos corpos, mãe Anália era princesa nagô, chamava-se Nhãnhã, fora caçada por negreiros pretos quando se banhava numa lagoa; entre os escravos desembarcados, fora a única cheia de carnes, olhos baixos mas porte erecto, como se pela haste rija do corpo se manifestasse a sua condição real; os restantes escravos furtavam-se a comer para que o toucinho, o inhame e o feijão não faltassem à sua princesa, preservando-lhe o corpo e a condição. Miguel Rabelo, suspenso do porte da menina, tal como Cavalcanti, logo a destinou para si, como criada de dentro e

mucama de sua futura esposa; ao longo da sua existência como escrava no Recife, privilegiada, se comparada com a de outros, mãe Anália recebera a adoração dos restantes escravos nagôs, a grande maioria, e os velhos e as velhas pretas nela depositaram os rituais de tradição, ensinando-lhe meticulosamente os passos do candomblé e os trajes e exigências dos vodus, ora designados por orixás. Miguel Rabelo apaixonara-se pelo corpo de mãe Anália, o breve volume dos seus seios, a rotundidade das suas ancas, a fortaleza das suas coxas, a rigidez das suas nádegas, o acetinado

da sua pele, o vigor do seu pescoço, a pretidão dos seus olhos e a polpa quente e húmida dos seus lábios; Miguel Rabelo casara-se e, na noite de núpcias, depois de apressadamente desvirginar a mulher, fora saciar-se no corpo de mãe Anália, que, dócil, sabia ser seu o máximo lugar entre as pretas da casa, mas mínimo entre as mulheres brancas. A mãe de Vidal Rabelo tratara-a como a melhor das suas mucamas e mãe Anália nunca abusou, obedecendo, cumprindo, nunca respondendo ou hesitando, e quando Anélia nascera, no ano em que Vidal Rabelo também nascera, limitou-se

vagamente a desmentir o que todos sabiam, que mãe Anália se tornara a concubina privilegiada de Miguel Rabelo; a mãe de Vidal Rabelo, em finais de prenhez, fora pragmática, a mim respeita-me como esposa, nela satisfaz-se, e, à imitação de todos os casais brancos, cujos maridos usavam as pretas escravas, a vida rolou em casa nova, o sobrado da família Rabelo, que nesse ano fora inaugurado, de que Vidal Rabelo ora se despedia, vislumbrando o volume da chaminé entre o vulto indistinto do casario, olhando-o silenciosamente. Em torno de mãe Anália desenvolveu-se

subterraneamente uma Olinda e um Recife negros, africanos, assinalados em festas religiosas e pesares, nascimentos e lutos, uniões matrimoniais e até heranças de apetrechos de culto e de alguns ducados que os escravos juntavam, usando da benevolência de seus senhores, para dar enterro decente a um ou outro nagô notável e não ser atirado para o poço fundo, carregado de cal, o cemitério dos pretos. Mãe Anália herdara facas, cuias sagradas, colares e trajes dos orixás de um tal Arlindo, dito o Cabinda, escravo de Branca Dias, a bisavó judia de

Violante Dias, o pai-de-santo que em Olinda reiniciara as tradições africanas, fundando em Camaragibe o primeiro terreiro do candomblé; as velhas tinham mantido os apetrechos e guardado a sabedoria dos rituais até que, atravessando o mar, guiada por Iemanjá e perseguida por Exu, viesse de África aquele ou aquela que ressuscitaria a antiga adoração – a Princesa, hoje mãe Anália, mãe-de-santo, que industriara Anília para lhe suceder. Anólia e Anúlia tinham sido escolhidas por Vidal Rabelo como mucamas de Leonor, partindo com ambos para Lisboa, onde estanciariam

um ano ou dois, vigiando os empates de dinheiro de Vidal Rabelo e apressando a declaração de anulação do pedido de anulação do casamento, depois seguiriam para Guimarães, terra natal de Miguel Rabelo, onde para sempre se instalariam. Em nome do seu casamento, vale dizer, em nome do seu amor, Vidal Rabelo decidira mudar radicalmente de vida, como dissera a Julinho e a Lula no final do cerco, não por si, por si ficaria eternamente no Recife, terra maravilhosa que enfortunara o pobretanas cavador de Guimarães seu pai, mas por Leonor, que só se

libertaria da sua família mazombo libertando-se do Pernambuco. Vidal Rabelo percebera com clareza que o rapto de Leonor, se a ambos trazia a felicidade no presente, no futuro tornar-se-ia fonte de azedas vinganças, quebrando-lhes a felicidade, entristecendo Leonor e, até, em última hipótese, não inverosímil, levando Vidal à morte, assassinado numa esquina por um grupo de matutos. Era preciso mudar de vida, requerer para Roma a anulação da anulação do casamento, duas condições para ambos serem felizes. Vidal Rabelo decidiu vender tudo o que tinha, esquecer a

fortuna que empatara durante a guerra com os mazombos e, refazendo a vida, partir para Lisboa, cabeça do Império. Foi o que fez, vendendo o sobrado, os armazéns, o galpão, a loja, as mercadorias, o engenho herdado do pai, confiscado a mazombos por acumulação de dívidas, os contratos e os créditos a Julinho, depois dos filhos de Joaquim de Almeida e de Simão Ribas terem recusado o negócio por falta de liquidez imediata. Vidal Rabelo e Lula espantaram-se quando Julinho, com ar sério, declarou que Vidal Rabelo não precisava de procurar comprador fora de portas, ele

era comprador; Lula rira-se, mas Julinho, que fora a Camaragibe e conferenciara maduramente com Violante Dias, retirou do alforge duas bolsas, uma de ouro em pó, outra de rincões de prata, dizendo, pelas minhas contas, deve chegar, mais agora não tenho, mas se faltar alguma quantia poderei enviar para Lisboa, se confiar na minha palavra; Vidal Rabelo e Lula estarreceram, mirando Julinho como se mirassem Deus ou o Diabo, não o reconhecendo; Lula tocou-lhe no peito com o dedo, és tu o antigo Julinho, ele próprio?, e Vidal Rabelo perguntou, sério, aonde Julinho fora buscar o ouro

e a prata, pensando serem de Violante, e se o fossem era com ela que queria falar. Julinho, nervoso, rindo-se atrapalhadamente, explicou que a estatueta de Santo António que apertava no entrepernas quando chegara a Olinda, de que Vidal Rabelo gracejara, lembra-se?, pela posse da qual se necessário mataria, era um santo de pau-oco, albergando no seu interior a herança do pai, Álvares Fernandes, grande comerciante em São Luiz do Maranhão – um montão de ouro em pó; por cautela, não que desconfiasse dos dois amigos, mas por simples prevenção de homem sensato,

decidira não falar no montículo de esmeraldas e diamantes que o Santo António continuava a esconder. Com a compra dos negócios de Vidal Rabelo, acrescido do engenho e da mata de Camaragibe, Julinho e Violante Dias tornaram-se um dos casais mais ricos do Pernambuco, cuja prosperidade, alimentada de trabalho diário de doze, catorze horas, se concretizaria, em menos de dez anos, na compra de duas embarcações próprias para transporte de açúcar entre o Recife e Lisboa, libertando-se da agiotagem dos mestres-atravessadores. Julinho, surpreendendo os amigos, punha uma

condição, Lula ficaria à frente do sobrado como feitor, com procuração assinada por Julinho, que regressaria a Camaragibe, passando uma semana por mês no Recife, e enfatizou, esta condição é determinante, se Lula não aceitar eu também não poderei comprar, tenho de reconstruir Camaragibe. Lula abraçou Julinho e Anélia beijou-lhe as mãos, agradecidos, Lula não conseguia falar, sequer para agradecer, e apertava Julinho contra si, comovido, não sabia o que fizera para merecer tanta felicidade, hoje era o dia mais feliz da sua vida desde que se casara com

Anélia, dizia, hoje soube o que é a felicidade, a realização plena de um homem, o desejado tornara-se realizado, era não mais poder desejar que todo o desejado já acontecera, e continuou, tivera três notícias, entre o calor dos lençóis, soubera que ia ser pai, e Lula abraçou Anélia com carinho, beijando-a na testa, de manhã fui chamado à Câmara e soube pelos novos vereadores que o meu pedido de um terreno para a edificação da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos fora aprovado, um baldio em Santo António, já lá fui ver, é um terreno generoso, e apontou para Vidal

Rabelo, agradecendo-lhe, sei que moveu toda a influência para que o terreno fosse concedido antes da sua partida, Lula abraçou Vidal Rabelo, e agora, ao fim da tarde, Julinho convida-me para ser feitor da casa de Vidal Rabelo, perdão da nova casa de Júlio Telles Fernandes; mas Lula também tinha uma condição, que na nova casa fossem abolidos os castigos aos pretos, açoites, chicotes, relhos ou palmatórias não, não permitirei, se um escravo desobedece ou trabalha mal, vende-se, leva-se ao mercado e vende-se, compra-se outro com o mesmo dinheiro, mas não se lhe bate como se

fosse um cão danado, Julinho aprovava, ele próprio assim o faria em Camaragibe. A harmonia da partida de Vidal Rabelo e Leonor, ainda que entristecida pela separação dos amigos, era agora ensombrada pela infelicidade de Anólia e Anúlia. Mãe Anália estava triste, mas não infeliz, a idade serenara-lhe os sentimentos, intuía que o destino de suas filhas em Lisboa e Guimarães seria melhor que a vida delas no Recife. Chamara Vidal Rabelo de perto, pedira-lhe o favor de vigiar o casamento de ambas, fosse ele a escolher os futuros esposos. Anólia e Anúlia tinham-se tornado as faces

duplas do desalento e da infelicidade, o lamento da definitiva despedida e o desconhecimento do futuro, mais vazio do que o vazio; abraçavam mãe Anália e as irmãs, sentindo-lhes pela última vez o vigor macio dos seios, como se quisessem levar consigo aquela pele preta e castanha, acompanhada da visão delirante do verde vivo de coqueiros e palmeiras, a nudez do corpo banhando-se meigo na água calda do sol ou do luar, o toque descalço das palmas dos pés nus na terra macia e húmida, o caju e o ananás chupados, a melancia sorvida, o inhame cru roído, o guincho dos

macacos na mata, o pêlo aveludado do bode, a lisura da pele da vaca, a seda suada do cavalo, os olhos mansos do boi, os desconfiados da cabra e os temerosos do cavalo, o cacarejar das galinhas no terreiro, o grunhido chibento do porco, a gordura oleosa do jenipapo empapando as mãos, o sabor doce da maçaroca cozida banhada em manteiga vermelha, o queijo coalho assando em fogo lento, a carne de charque guisada em feijão e tomate, o molho entoucinhado do feijão castanho, a quentura da tarde que afagava a pele e a viração do ar que à noite desnudava os corpos na praia,

inebriando-os de paixão, o bambolom batucado altas horas, sob a lua cheia, o estrídulo da cabra agonizando, o lance do galo degolado, o sangue jorrando, o sangue pingando, o sangue purgando, os coisos-feitos e os despachos, d. Janaína, mãe Iemanjá, emergindo das águas, doida de amor, seduzindo jangadeiros e saveiros, sacando-lhes os olhos, arrastando-os para o fundo do mar, com eles se casando, sorvendo-lhes a genitália endurecida, a dança no terreiro, dez colares de conchinhas, os búzios jogados, o destino lido no alguidar de água e azeite de dendê, saia branca rendada e

rodada, fita de liame enrolada, o grito da mulher santa virada mulher guerreira, ôbá, ôbá, ôbá, alalalaluééé, ôbá, ôbá, ôbá, alalalaluééé, os agogôs retinindo, metálicos, os atabaques soando, cavos, os maracá vibrando, calorosos, o pé avançando, rastejante, os braços adiantando-se, dançarinos, a boca sibilando o silvo da serpente, mãe-serpente, pai-serpente, Exu destemido, protege-me. Não o sabiam dizer por palavras claras, pressentiam a perda da liberdade natural de mulher-animal, Anólia e Anúlia lamentavam, enviadas para a Europa do decoro e do artificialismo, onde a

profundidade do decote compensava a cobertura integral dos pés, tornando o artelho feminino intenso objecto de desejo masculino. Da amurada do cais, mãe Anália dizia adeus ao «filho» branco e às duas filhas mulatas, o coração apertava-se-lhe em cada aceno, despedindo-se dos cinco vultos negros na lancha, dois repetindo idêntico aceno e outros dois, Anólia e Anúlia, abraçados, confundindo os seus gemidos com o marulho das águas, escutaram as últimas palavras de mãe Anália sussurrar-lhes, com fogo e sangue me despedirei de vós, minhas queridas filhas. No dia

seguinte, véspera de natal, André Figueiredo Dias, desconhecendo que Vidal Rabelo e Leonor tinham embarcado, apresentou queixa de prisão de Vidal Rabelo a Paulo de Carvalho. Este, informado por Barbosa de Lima, evitando a palavra «rapto», perguntou-lhe desde quando o marido é preso por querer viver com a mulher legítima, André ripostou que fora pedida nulidade de casamento, Paulo de Carvalho inquiriu se já viera a resposta, não, disse André Figueiredo Dias, então não posso fazer nada, uma questão de família a ser resolvida dentro da família, e, conselheiro,

despediu André Figueiredo Dias, discutam isso entre família, não metam a justiça nisso.

A INCONFIDÊNCIA PERNAMBUCANA

Em princípios de janeiro de 1712, a frota já partira, levando menos quantidade de açúcar mas mais quantidade de peles, Félix José Machado escrevera para a Bahia, a d. Lourenço de Almada, governador-geral do Brasil, que o Pernambuco era, enfim, território pacificado e normalizado, aconselhava-se com d.

Lourenço de Almada se devia castigar os cabecilhas de ambas as partes, alguns deles, da parte dos mascates, vencedores do rateio do arrematamento dos impostos, o castigo podia acartar prejuízo para a coroa e as finanças da capitania; de São Salvador, d. Lourenço de Almada respondera que o Conselho Ultramarino não hesitaria em penalizar Félix José Machado se este pacificasse e normalizasse, mas não punisse, cortando pela raiz prováveis novas rebeliões de que o Pernambuco se tornara fértil. Félix José Machado ouviu Barbosa de Lima, João Marques

Bacalhau e Paulo de Carvalho, concluíram que da parte dos mascates houvera altercação mas não rebelião, limitando-se a cumprir ordens ditadas por el-rei e determinadas por Sebastião Castro Caldas – a elevação do Recife a cidade; altercação, pronunciamento e rebelião, intercalados com atentado ao governador em outubro, houvera da parte dos mazombos; Barbosa de Lima recordou o perdão do bispo e o indulto de el-rei, e Félix José Machado, irritado, querendo por força descobrir réus evidentes, cuja acção os procuradores não pudessem contestar,

no Recife ou em Lisboa, decidiu que seriam castigados os mazombos promotores do cerco ao Recife e os mascates cuja reacção tivesse sido excessivamente violenta, como a do Tundacumbe, e disse, certamente que o Recife não se vai levantar em peso para defender o desgraçado do Tundacumbe; Barbosa de Lima recordou, de novo, que a Junta Governativa promotora do cerco fora legitimada por auto-renúncia do bispo. Félix José Machado respondeu que previa um ano de 1712 muito difícil, estava havia mais de três meses no Pernambuco, já devia ter lançado a

derrama de dez por cento sobre as mercadorias entradas no porto do Recife, para custear a recuperação de fortes e pagamento do soldo dos soldados e ainda o não fizera, não tivera coragem, quisera pacificar e normalizar, e lançar impostos é mau para os povos, que sempre protestam, prender e lançar impostos é o pior; Barbosa de Lima advertiu ser boa política fazer o mal todo de uma só vez e o bem repartido, às pinguinhas, adoçando os povos com promessas de melhor futuro.

Em meados de janeiro, Simão Ribas pediu para ser recebido de urgência

por Félix José Machado, denunciando o princípio de uma conspiração mazomba, Leonardo Bezerra Cavalcanti e André Vieira de Mello, um no sertão norte, outro no sul, percorriam as povoações garantindo tropas e recursos. Félix José Machado sorriu abundantemente, deixando Simão Ribas estupefacto, encontrara a razão, o motivo, a oportunidade que precisava para prender os chefes mazombos; agradeceu e mandou Barbosa de Lima investigar; menos de uma semana depois, Barbosa de Lima tinha a garantia de que os mazombos se levantariam em meados de fevereiro;

uma das suas fontes, para ele a mais segura, fora a Chica Tortuosa, a Dengosa, arranhada pela ingratidão das mulatas que lhe tinham alugado as antigas casas de Porão Escorço e agora lhe faziam concorrência, queria que Barbosa de Lima proibisse a instalação de novos bordéis em Olinda, elas que vão para o Recife, em Olinda não; Barbosa de Lima prometera-lhe fechar as casas e prender as mulatas, só para as assustar, as casas de alcouce são proibidas em todo o Brasil e, se fecho umas, tenho de fechar outras; Félix José Machado mandou executar a promessa de

Barbosa de Lima, prendendo as mulatas concorrentes da Chica Tortuosa, a Dengosa, selando-lhe as casas durante um mês, tempo suficiente para uns matutos desconhecidos as invadirem e devastarem, regando-as com alcatrão fervente, deixando-as inabitáveis. Prevendo o levantamento, Félix José Machado chamara da Bahia três guarnições reais, que aportaram no Recife, subindo em desfile lento para Olinda, aquartelando-se nos terrenos traseiros da Misericórdia, impossibilitando assim um cerco dos mazombos ao Recife, de retaguarda desguarnecida. Em fins de janeiro,

Manelinho instalou-se no Recife, nos aposentos anexos à igreja de Nossa Senhora da Piedade, pediu para falar com o governador, com tempo, disse a Barbosa de Lima, não menos do que um dia. Félix José Machado recebeu-o e, de facto, a audiência demorou um dia completo, com entradas e saídas de Barbosa de Lima, João Marques Bacalhau e Paulo de Carvalho. Manelinho pusera as cartas na mesa, todas, denunciaria os cabecilhas do futuro levante, denunciaria as ramificações no interior, nomes dos apoiantes, entre sessenta a setenta, espalhados por todo o sertão, as

posições militares em toda a capitania, o número de tropas, os engenhos envolvidos nos ataques e os que serviriam de apoio em recursos, mas Félix José Machado libertá-lo-ia a ele e a d. Álvaro Manuel da Costa de quaisquer acusações ou responsabilidades na política do Pernambuco durante o último ano, seria redigida uma relação, subscrita pelo governador, a enviar para o reino, com fortes elogios à política ziguezagueante do bispo, Félix José Machado não hesitou, acedeu, relevando que o principal acusador do bispo não era ele, governador, mas as

denúncias de Joaquim de Almeida e de Simão Ribas e o relatório de Sebastião Castro Caldas; Manelinho tinha conhecimento, mas insistia, forçoso que houvesse uma versão contrária, depois o núncio, em Lisboa, influenciaria o Conselho Ultramarino. Félix José Machado recebeu da mão de Manelinho os nomes, as datas, as provas, as reuniões conspirativas em Olinda, as previsões de manobras militares e de fuzilamento de notáveis mascates, deposição do governador, recambiado para São Salvador, ocupação dos fortes, imediato confisco de bens dos mascates e, finalmente,

disse Manelinho, suspendendo a voz, criando algum suspense, governo do Pernambuco à maneira da república veneziana, independente de Portugal, como em novembro de 1710 o queria Bernardo Vieira de Mello; se não for possível, entrega da soberania do Pernambuco aos franceses, solução igualmente apresentada por Bernardo Vieira de Mello naquela data. Félix José Machado e Barbosa de Lima espantaram-se, caso infinitamente mais grave do que supunham, não se tratava de uma rebelião, uma altercação, um pronunciamento, com substituição do governador, era – e a palavra custava a

ser dita, tal a gravidade que escondia – uma inconfidência, uma sublevação contra a coroa portuguesa acrescida de cumplicidade com inimigos de Portugal, finalizando com a secessão de território português. João Marques Bacalhau foi chamado e descreveu as punições para crime de inconfidência, crime de lesa-majestade, disse ele, prisão a ferros, em isolamento, devido à periculosidade do preso, e pena de morte passada pela própria mão de el-rei, que pode indultar, transformando-a em degredo perpétuo para os confins do Império, ah, recordou-se João Marques Bacalhau, confisco integral

de bens, que revertem para a coroa, neste caso para a capitania. Era uma jogada perigosa, pensou Félix José Machado, no rol que Manelinho ditara a Barbosa de Lima constavam os nomes dos mais ilustres mazombos do Pernambuco, cujas propriedades, entre sesmarias, engenhos e fazendas, somariam mais de metade do território da capitania, e o mais rico; as soluções financeiras da capitania estavam encontradas, além de que o rateio dos bens dos presos também resolveria os seus muito pessoais problemas financeiros, há quatro meses que chegara ao Pernambuco e, ao contrário

de Bacalhau e Carvalho, cuja liquidez se fizera notada aos olhos de Félix José Machado pelo luxo das roupas, a pelica das luvas, as botas finas com esporas de prata, o cinto cravejado de pontilhos de ouro, os novos cavalos, ele, o governador, não conseguira amealhar um dobrão de ouro. Félix José Machado apontou para a lista das provas e perguntou, assina a denúncia?, Manelinho respondeu, eu?, nem pensar, o meu nome e o do senhor bispo?, nem pensar, há por aí uns cabras que com a promessa de uns ducados e uma mula assinam tudo, depois fazem o que Porão Escorço fez,

vão refazer a vida para outro lado; João Marques Bacalhau alegou ser o cúmulo de indícios detalhados suficiente para mandar os suspeitos para Lisboa; Félix José Machado interrogou Manelinho sobre Bernardo Vieira de Mello, Manelinho afirmou que, verdadeiramente, fala-se das ideias do Bernardo, mas ele não sai do seu engenho, em Pindoba, desde que foi liberto, porém não vejo como possível o André, seu filho dilecto, ser um dos mais altos chefes da conspiração e o pai sem saber de nada, é impossível, concluiu; Félix José Machado mandou Paulo de Carvalho

acrescentar o nome de Bernardo Vieira de Mello ao rol de inconfidentes.

Não sabemos se Félix José Machado, com menos de meio ano de estada no Pernambuco, em simples comissão de três anos no Império, apressado em cumprir ordens reais, teve consciência de que os cerca de setenta nomes do rol, para além da sua riqueza em terras, constituíam a espinha dinástica familiar instaurada em toda a vasta capitania desde século e meio antes. Manelinho, que conhecia os implicados, pareceu tomar consciência e exclamou, estamos a matar o Pernambuco, Barbosa de Lima aditou,

serenando-o, estamos simplesmente a substituir um grupo dirigente decadente, bravo mas sem futuro, os mazombos, por um outro, prudente, mas cheio de dinheiro, os mascates, e a Portugal interessa hoje a riqueza, não a nobreza, Félix José Machado disse, não somos nós que os matamos, eles condenaram-se a si próprios, não somos nós os inconfidentes, mas eles; Manelinho, de consciência pesada, sugeriu que se separassem os chefes dos sequazes, sugeria que os chefes fossem presos e julgados, os restantes admoestados, seis meses de prisão, o máximo, seis meses depois libertados,

Paulo de Carvalho dava o seu acordo, perigoso enviar setenta homens a ferros para Lisboa, um exagero, Félix José Machado confirmou que el-rei mandara punir os cabecilhas, aceitava a sugestão de Manelinho, seis meses presos e depois libertos, para susto deve chegar-lhes a prisão; e o confisco?, inquiriu João Marques Bacalhau, só o dos chefes, respondeu o governador, e, olhando para Manelinho, passando o dedo pela lista, ia parando em vários nomes que Manelinho confirmava, tinha dúvidas no caso de Bernardo Vieira de Mello; ora, ora, ripostou João Marques

Bacalhau com os olhos brilhantes da previsível receita dos arrestos, se o filho está, não estará o pai!?

Em 16 de fevereiro, Félix José Machado assinou a ordem de prisão de Leonardo Bezerra Cavalcanti, André Figueiredo Dias, José Tavares de Olanda e Bernardo e André Vieira de Mello, e de mais cerca de setenta mazombos espalhados por todo o Pernambuco; na ordem de prisão, a letra de Paulo de Carvalho fundamentava que os indiciados preparavam

novas alterações nesta capitania,

corrompendo com dádivas, promessas e ameaças alguns soldados da infantaria paga desta capitania, cerca de setenta pessoas, atraindo-os à sua parcialidade para o danado fim não só de perturbar a quietação pública e negar obediência ao muito alto e poderoso senhor d. João v, que Deus guarde, nosso rei e senhor natural, coligados com outras pessoas que nas sublevações destes povos mostraram desobediência e infidelidade ao dito senhor e sempre foram desobedientes e intentaram contra as vidas de seus governadores, separando esta gloriosa terra do

Pernambuco da sua mãe e raiz portuguesa.

Para a boa ordem da capitania, separava-se com nitidez o grau de periculosidade dos cinco primeiros nomes de todos os restantes, exigindo prisão a ferros, isolamento e envio para Lisboa; João Marques Bacalhau aceleraria a devassa das acções dos primeiros, juntando os incidentes do primeiro levantamento mazombo e do cerco e Paulo de Carvalho procederia ao sequestro dos bens dos cinco cabecilhas a favor da coroa, revertidos para a capitania, ajudando a pagar a estada em Olinda das três guarnições

da Bahia; como prevenção, uma das guarnições foi destacada para o Recife, dispersa entre os dois fortes e o Palácio das Torres, obedecendo a ordens de João Mota. No dia seguinte, Leonardo Bezerra Cavalcanti e André Vieira de Mello foram convocados ao Recife, de urgência, ao palácio do governador, e, de nada desconfiando, aqui se apresentaram, recebendo ordem de prisão do próprio governador e postos a ferros no forte das Cinco Pontas, Leonardo na arcada da bomba e André na enxovia subterrânea, alagada de águas do mar. Nesse mesmo dia, a casa de João

Cavalcanti foi cercada, José Tavares de Olanda encontrava-se fora e André Figueiredo Dias conseguira fugir, furando a cerca do caramanchão de d. Lourença, homiziando-se no colégio da Companhia de Jesus, que, invocando a imunidade eclesial dos lugares santos, o esconderá até fins de fevereiro; a 2 de março, sob pressão do visitador da Companhia, que viera da Bahia, os soldados organizaram uma batida ao edifício do colégio, vasculhando em celas e camaratas, nada encontrando; um escravo que se portara estranhamente, tentando desviar a atenção do sargento encarregado da

devassa, foi torturado a ponta de baioneta, picado no peito e nas costas, confessou que André Figueiredo Dias se escondia num túnel cavado em direcção aos terrenos rentes à antiga casa de Branca Dias, a Judia, a bisavô de Violante Dias. André Figueiredo Dias foi preso no túnel com um balaio de beijus e doces carinhosamente confeccionados por d. Lourença para seu irmão e um odre de água do poço do colégio; algemado, levado para o forte do Brum com ferros nos artelhos, João Mota forçou-o a atravessar a pé as ruas do Recife, onde, de portas e janelas, o invectivavam de facínora e

traidor, cuspindo-lhe na cara. José Tavares de Olanda, enfebrado, consultava o frade-boticário dos franciscanos quando a casa de João Cavalcanti fora cercada; avisado pelo frade, José Tavares de Olanda fugiu para Açu com os dois irmãos de Leonardo Bezerra Cavalcanti e dois filhos destes, confusos, desconhecendo se os seus nomes faziam parte do «rol dos inconfidentes», como nas ruas do Recife se designava a lista dos perseguidos; em Açu, José Tavares de Olanda confirmou que o seu nome figurava entre os acossados e fugiu de novo, para as margens de São

Francisco, aprontando dinheiro, escravos e cavalos para se bandear para o território de Minas; em Ararobá, um capitão que regressara de Minas, alertado por uns sertanejos, que o avisaram ser Tavares de Olanda, ali arraiado, um foragido

do governador, cercou-o com os seus homens, Tavares de Olanda, corajoso ou desesperado, fugiu de novo, matando um soldado com três tiros de fuzil, mas o cavalo atascou-se num lodaçal e, impotente, preso pela lama, Olanda rendeu-se; o capitão foi recebido no Recife como um herói, arrastando Tavares de Olanda por uma

corda presa aos pulsos, esfarrapado, a pé, de cabelo rapado à navalha por uns soldados, esmurrado por outros, vingando a morte do companheiro, as botas e o cinturão roubados, o cavalo de Tavares de Olanda retalhado e comido entre Ararobá e o Recife. Dois dias depois de André Vieira de Mello ter sido preso, o pai, Bernardo, no seu engelho de Pindoba, soube que André fora preso e uma patrulha vinha do Recife para o prender; Diogo Vieira de Mello quis levantar os homens do engenho, socorrer-se de matutos de outros engenhos próximos, Bernardo Vieira de Mello não permitiu; saindo

do engenho, não dando azo à destruição deste, disse a Diogo, continua a obra dos Vieira de Mello, casa-te e procria abundantemente, apenas o futuro é a nossa esperança, dedica-te ao açúcar, só ao açúcar, não tentes libertar-me, nem ao teu irmão André, esquece tudo, não vás ao Recife ou a Olinda durante o próximo ano, dedica-te ao açúcar, casa e procria, aos dois primeiros filhos chama-lhes Bernardo e André e à tua primeira filha Catarina, como tua mãe, lembra-te de nós. Para que Diogo não fosse dado como cobarde, renegando pai e irmão, Bernardo Vieira de Mello

escreveu uma curta missiva pública, ordenando ao filho que não o tentasse salvar, nem a seu irmão. A cavalo, Bernardo Vieira de Mello percorreu por três vezes o engenho, demorando-se na casa-grande e na moenda, afagando velhos cavalos e velhos escravos, como se destes se despedisse, partiu para o Cabo a entregar-se, levado pela patrulha para o forte do Brum; para além de inconfidentes, Bernardo e André foram acusados por João Marques Bacalhau de cumplicidade no assassínio de João Pais Barreto e de d. Ana de Faria e Sousa; com André Figueiredo Dias,

Bernardo Vieira de Mello foi igualmente acusado de perpetração, «se não activa participação», escrevera Bacalhau, no atentado contra Sebastião Castro Caldas. Pelo sertão, patrulhas fortemente armadas, dirigidas por sargentos e capitães dos fortins e casas-fortes do interior, lançando o terror, penetravam em engenhos e fazendas prendendo os mazombos constantes da lista. De engenho em engenho, boatos arrepiavam os mazombos, desconhecendo se os seus nomes constavam ou não da lista de Félix José Machado, os senhores de

engenho, por prevenção, abandonavam as suas propriedades, internavam-se na mata, escondendo-se, cerca de quatrocentos senhores de engenho fugiram de suas casas; sabedores por cabras-do-mato da chantagem que os soldados faziam com mulher e filhos, matando-lhes escravos e bodes, dois porcos ou dois bois por dia, acabavam por regressar, sendo presos. Em fins de março, princípios de abril, o grosso dos setenta indiciados fora preso, acumulado como matilha nas enxovias do Brum e do Cinco Pontas, esperando julgamento. A mão de ferro de Félix José Machado caíra sobre o

Pernambuco, decapitando a nobreza da capitania, anulando-lhe a capacidade de resistência, mesma a volante, ou de guerrilha, com a qual tinham vencido os holandeses; a cumplicidade familiar e de condição, que sempre unira os mazombos, fora desarticulada, com os mais influentes mazombos presos e os restantes perdidos pela selva, fugidos.

Alegando ajudar a inquirição, o bando do cipó, do Tundacumbe, regressara à acção, vasculhando o sertão, internando-se nas matas, perseguindo os «cavalcantis», prendendo-os, quando não os matando. Alguns destes, subornavam os

escravos de Tundacumbe, prometendo-lhes dinheiro para a sua alforria; Tundacumbe, sabendo-o, enfurecera-se e regressara ao velho método, procurando os subornadores, matando-os, cortando-lhes a língua, o nariz, as orelhas, sacando-lhes os olhos, prendendo-os ao peito com cipós, despejando os corpos mutilados no terreiro dos engenhos durante a noite. Apavoradas mas revoltadas, as mulheres dos mazombos, em maio, desceram ao Recife, e quatrocentas delas, arrastando filhos crianças, atravessaram o Bairro de Santo António rezando e chorando, arraiaram

na Boa Vista, frente ao palácio do governador, implorando a este que as livrasse do demónio do Tundacumbe e libertasse os mazombos presos. As mulheres dos mascates, recordando penas sofridas durante o cerco, amerceando-se de crianças espojadas no terreiro chupando uma manga por dia, solidarizaram-se com as mulheres mazombas, no primeiro dia mandaram-lhes comida por escravas, depois juntaram-se-lhes em preces, terços e novenas, as mãos dadas, rezando o pai-nosso e a ave-maria, invocando no credo a protecção da Virgem Santíssima, Mãe de Deus, de Nossa

Senhora do Carmo, padroeira de Olinda, e de Santa Clara Clareada, que clareasse a mente do governador; ao fim de dois dias, as mulheres, exaustas, deitavam-se pelo chão, rente a fogueiras, sacando de algum pão carregado no balaio, as mulheres do Recife trouxeram escravas com cântaros de água e rolos de malassado, panelas de macaxeira e de charque, gamelas de farofa com lascas de pernil de porco, cestas de graviola dura e manga madura, e pencas de banana. Ao terceiro dia, Manelinho foi chamado para demover o mulherio, persuadi-lo a regressar ao casario, as palavras de

Manelinho foram abafadas pela voz única murmurante que orava o terço, suplicando directamente ao céu o que as hierarquias da terra recusavam, a libertação de seus maridos. Ao fim do dia, Félix José Machado chamou ao palácio Simão Ribas, Joaquim de Almeida, João Mota e a nova vereação da Câmara do Recife, Barbosa de Lima pediu o acordo prévio destes para a ordem de prisão do Tundacumbe, que João Marques Bacalhau assinara e em breve o governador anunciaria da varanda; Joaquim de Almeida, Simão Ribas e João Mota deram o seu acordo, mas a

nova vereação, mais radical, pediu ao governador que a prisão do Tundacumbe fosse provisória, não houvesse devassa e este fosse solto em menos de seis meses, argumentavam, o que ele faz aos «cavalcantis» era o que estes nos fariam se a inconfidência vingasse, e um deles acrescentou, tirando o palito dos dentes, olho por olho, dente por dente; Joaquim de Almeida, Simão Ribas e João Mota deram novo acordo e, magnânimos, acertaram que não viam necessidade de se manter presos os setenta mazombos, bastava a prisão dos cabecilhas, esses sim, aos restantes,

que eram quase todos, devia exigir-se-lhes que entregassem as armas de fogo desnecessárias à defesa e à caça e lhes fossem proibidos movimentos avulsos e reuniões no sertão, apenas viagens entre o engenho e o cais do Recife. Discretamente, Barbosa de Lima lembrou que quase todo o poder do açúcar estava preso, dentro de seis, sete meses atracaria nova frota para o carrego do açúcar e, com os mais importantes senhores de engenho presos, corre-se o risco de, para prejuízo de todos, e apontou para os mascates presentes, haver barcos e não haver açúcar. Félix José Machado

aquiesceu, achava justo, ele próprio previa que o susto que os mazombos tinham levado os atemorizaria durante longos anos. Da varanda do palácio, Félix José Machado, trajado à fidalgo, meneando a cabeça, admirando a planície do vasto mulherio, compondo os fitilhos do laçarote, ajustando o gibão, alisando a barba encrespada, repuxando os punhos brancos rendados, fazendo-se admirar, gorgolejando, procurando o tom alto de voz apropriada, aclamado pelas mulheres do Recife, que o sabiam sensível ao peso da bajulação, anunciou à multidão de mulheres a

libertação de seus maridos logo respondessem a um interrogatório, conduzido pelo dr. João Marques Bacalhau e os escrivães da ouvidoria, e a prisão do Tundacumbe. Recebidas as notícias com um estrondeante aplauso e agradecimentos ao governador e à Virgem, algumas das mulheres insistiam em entrar no palácio, mas os guardas tinham cerrado os portões e, espontaneamente, a uma só voz, a boca agradecida das mulheres mazombas abriu-se num piedoso e sincero, obrigada!, obrigada!, obrigada!, como se o libertador de seus maridos não tivesse

sido deles o carcereiro. No verso da lista de inconfidentes, João Marques Bacalhau anotou o nome de Manuel Gonçalves, o Tundacumbe, ajuntando logo a seguir, mascate, precavendo assim, em possível inquérito judiciário, a imparcialidade da governadoria.

A MORTE DE MÃE ANÁLIA: «COM SANGUE E FOGO ME DESPEDIREI»

Mãe Anália não suportara a ausência de Anólia e Anúlia, sonhara com elas repetidas vezes, vendo-as enroupadas

de preto, de toca e mantilha escura acompanhando Leonor à missa, em Conceição Velha, a Lisboa, obrigadas a confessarem-se a padres de batina preta, vira-as acartando água da fonte, em cântaros pesados, vira-as horrorizadas entre o povoléu branco vaiando um boi preto, de dorso escarmentado de sangue, frechas espetadas no cachaço grosso, e dois cavaleiros, de cavalos ajaezados a panos dourados, cravando forquilhas no lombo do boi, que esfocinhava e escoiceava, vira-as tapando o nariz ao cheiro de carne humana assada, que penetrava pelas frestas, agoniando-as,

elas deitavam os olhos para fora das janelas, apavoradas daquelas chamas que queimavam o corpo de pobres judeus no Rossio, vira-as à noite, no silêncio da escuridão, de candeia bruxuleando, batendo os pés descalços no tapete, dançando arremedos de candomblé, e soube que as filhas eram infelizes; lançara os búzios e dispusera seixinhos da praia, misturara borras de vinho azedo, lançara azeite de dendê em alguidar de água e soprara erva-santa, aspirando o fumo, e vira que Anólia e Anúlia só seriam felizes quando se casassem, Vidal Rabelo libertá-las-ia então e iriam os quatro,

Anólia, Anúlia e os maridos, para uma casa térrea junto a umas muralhas, procriando cada uma cinco filhos em cinco anos, todos apadrinhados por Vidal Rabelo e Leonor; as visagens de mãe Anália vincavam que esse tempo demoraria a chegar e muitos anos ainda Anólia e Anúlia seriam infelizes. Mãe Anália soube que poderia morrer, estava cumprido o que a vida lhe destinara, não se pode servir dois amos com o mesmo amor, não poderia servir Julinho como servira o seu «filho» Vidal Rabelo, e despediu-se da vida; confessara a frei Diogo o seu grande pecado, «amarrara-o», fizera-o

engordar, frei Diogo saíra do confessionário e afagara-lhe as faces, não precisas de fazer penitência nem eu de te absolver, se esse foi o teu grande pecado na vida honra-me ter sido eu o seu objecto, di-lo a S. Pedro quando as portas do céu se abrirem para a tua alma branca, mãe Anália. Mãe Anália convocara as sete pretas velhas, reunira-as com Anília, na cafua, passando a esta os apetrechos das rezas e do candomblé; mergulhara as pernas gordas na água do oceano, raspara as palmas dos pés no capim, mirara o Sol durante uma manhã e a Lua durante uma noite, meditando em

silêncio, de faces batidas pelo vento, debicando uma romã e bebendo um copo de água salgada; depois convocou Oxalá, Senhor do Bom Fim, para que a levasse.

Numa noite fria, o vento silvão bailando em redemoinhos desencontrados pelas ruas do Recife, escorçando poeira e arrancando folhas dos ramos, torcendo estes, o mar rugindo contra a areia, esventrando-a, os cavalos tropeando inquietos, relinchando, os cães abrigados nas casotas, uivando, as corujas recolhidas nas chaminés, de olhos coruscantes de fora, piando, a Lua reluzindo rotunda

sobre o casario do Recife, os homens apossados de um estranho mal-estar, uma inquietação que os forçava a mexerem-se, cruzando e descruzando as pernas ansiosamente, batendo miúdo os pés no soalho, olhando os bacamartes e os mosquetes, desenferrujando-os com algodão e óleo de mamoa, as mulheres costurando como danadas, de agulha de osso alçada e meada desenrolada, as crianças revirando os tapetes e esteiras, buscando aranhas-caveiras, que esmigalhavam, ou pulgas dos cachorros, que esborrachavam entre os dedos magros, as meninas solteiras

borrando alucinadas as faces de alvaiade, salientando as covas escusas das olheiras, as negras, nos fundos das casas ou no porão, de bafo furibundo, ofegante, encostadas às paredes de corpo tremente, antevendo desgraça, de mãos puxadas sobre o coração, pedindo clemência a Exu, Senhor dos Quatro Caminhos, os negros de cabeça baixa, impotentes, de nada lhes servindo os braços musculosos, a arte da catana, a força do soco, a agilidade do pé – nesta noite fria, fria, fria, mãe Anália morreu, deitada, exalando um suspiro doce, de cabeça levemente tombada, olhos fixos em Anília, neles

lendo o futuro da sua raça, viu um filho de um filho de Anélia e de Lula a queimar o tronco dos castigos na Praça do Carmo, entre senhores brancos de sobrecasaca cinzenta, calças pretas listadas, camisa branca de colarinhos redondos e cartola preta, viu um filho de um filho deste gritar a palavra liberdade, invadindo os sobrados do Recife, ocupando-os, viu um neto de um neto deste de banda verde e amarela atravessada no peito, acenando para uma multidão que lhe gritava, viva o primeiro presidente da república preto, mãe Anália ia cerrando os olhos, carinhosamente,

embalada num sorriso terno, levantou um dedo e Anília acorreu a ampará-lo, mas não foi preciso, Oxalá já o segurava, guiando o espírito de mãe Anália nos prados azuis da morte, Anília abanou o dedo de mãe Anália, mas ele continuava hirto, desprovido de vida. Entre o Recife e Olinda a notícia correu de boca em boca, levada pelos pretos mensageiros do candomblé, e rápida a inquietação de homens e animais sossegou, o vento calmou, soprando lento, pó e folhas repousaram, o mar amainou, afagando a areia, os cavalos dobraram as patas, repousando na palha fofa, os cães

abandonaram as casotas, abanando o rabo, as corujas largaram das chaminés, espadanando as asas, lançando os olhos chamejantes em busca de ratos, homens brancos e mulheres brancas disseram, bocejando, vou dormir, crianças brancas, fatigadas, correram para os braços de suas mães, abandonando-se a carinhos, as negras baixaram os braços, serenando o coração, e os negros relaxaram os músculos tensos – e a Lua ensombreceu, coberta por um corrido de nuvens. Tarde da noite, sete pretas velhas foram chamadas ao sobrado de Julinho e, com Anélia e

Anília, desceram o corpo de mãe Anália do catre para uma esteira de vime bordejada de conchinhas da praia; na cozinha, sobre a fogueira, um panelão de água salgada do mar estrugia, farruscado, a água borbulhava, quente; passada para a selha, a água fora trazida para a alcova de mãe Anália, para limpar as últimas impurezas do corpo; as sete pretas velhas e as duas filhas lavaram o corpo de mãe Anália com panos de algodão branco envolvidos em essência de beladona e raiz de cavalinha-da-mata; doze vibrações do agogô, tantas quantas as luas de um

ano, percutidas pela mão de Anília, encerraram a cerimónia da lavagem; mãe Anália, à imitação do seu espírito, achava-se de corpo puro; envolvido num pano de algodão de uma peça só, o corpo de mãe Anália por três vezes foi rodado e por três vezes enfaixado, todo coberto, menos o rosto, esfregado com unguento de arruda e capim-santo, avivando-lhe os lábios e rebrilhando-lhe as extremidades do nariz e da testa; o corpo de mãe Anália foi trazido para o terreiro do sobrado em esquife de bambus e cipós, deposto no chão, sobre um leito de toalhas brancas bordadas e folhas castanhas de

almenda, rodeado de doze velas de cera polvilhadas de restículos de pele de cobra, patas de aranha, sangue de bode e galo preto, penas amassadas de galinha-d'angola e grânulos de pólvora, que estoiravam suavemente a espaços, refulgindo em clarões de luz amarela, assustando os moleques; ao fundo do terreiro, espevitavam-se as duas fogueiras para a comida sagrada e um cheiro acre de sangue fresco de animal fermentava no ar, Exu está sendo servido, disse uma das pretas velhas; no crepúsculo da aurora, dispersas entre o Recife e Olinda, escravas de peito nu distribuíam nas

encruzilhadas a comida a Exu em folhas de bananeira, aplacando a ira malquerente do Senhor dos Quatro Caminhos, para que não perturbasse o funeral do corpo de mãe Anália e não ludibriasse o espírito desta no caminho para o vodu Oxalá, o Senhor do Bom Fim; sob o efeito do fumo das fogueiras, cobertas de erva-santa, os golpes de atabaque e os tinidos do agogô ressoaram rijos e vibrantes, rompendo o silêncio da madrugada; Anília abriu a dança da boa-morte, quebrando as ancas, arrastando os pés, alçando os braços, lançando o grito sagrado, ôbá, ôbá, ôbá, alalalaluééé,

ôbá, ôbá, ôbá, alalalaluééé, despertando os orixás para as suas Filhas da Terra; as velhas pretas assomaram no terreiro, ferindo o chão com os seus pés-tábua, os cabelos soltos desgrenhados, os peitos nus baloiçantes, ancestrais tangas de sisal tapando as ancas deformadas dos carregos, mandingas enroladas nos braços e nas pernas; rodearam Anília, fecharam-na em círculo, dançando e cantando, ôbá, ôbá, ôbá, alalalaluééé, ôbá, ôbá, ôbá, alalalaluééé; uma delas, levantando os doze colares de mãe Anália, enfiou-os um a um no pescoço de Anília, enrolando-lhe um pano-da-

costa na cabeça, entronizando-a, reconhecendo-a como a nova mãe-de-santo do Pernambuco, dando-lhe a beber por uma cuia o sangue quente do bode morto, o sangue da vida, e a comer rincões assados do galo morto, a carne da vida. Ao longo do dia, os orixás voaram de África, desceram dos céus, cavalgaram o corpo das velhas pretas, estremecidos, convulsos, incorporando-os, saindo breves do terreiro para envergarem os trajes majestosos dos deuses e retornando, não elas, mas os espíritos que as possuíam, Xangô dançava com as mãos para cima, os braços em ângulo recto,

Oxalá quebrava o corpo, flectindo os joelhos, Omulu, um velho alquebrado, de corpo curvado, Nanã dançava embalando um nenên, Ossãe bailava pulando num só pé, Oxum saracotejava o leque e manejava a espada, e Ogum, como um guerreiro, ostentava os punhais de latão; Anélia incorporou o seu orixá, dançando curvada para a frente, como se puxasse água para si e nadasse. Ao fim do dia, saiu o féretro do sobrado de Julinho, ex-sobrado de Vidal Rabelo, o esquife levado pelas sete velhas pretas e Anília em varapaus de bambu ritmado num sobe-e-desce vencedor das ondas do rio que

separa o mundo dos vivos do dos mortos, o ataúde ora é elevado à frente, ora atrás, como barco que rompe as ondas, ora balouçado de lado como barco sacudido pelas vagas; ao cortejo, aberto por bandos de atabaques tamborando compassadamente e mulheres bailando de maracá nos pés, anunciando ao ar do céu, ao chão da terra, à água do mar e ao fogo subterrâneo que o corpo morto de uma mãe-de-santo se lhes vai reunir, juntaram-se todos os escravos pretos do Recife e de Olinda numa longa procissão de centenares de pretos, ocupando ruelas e becos,

entoando cânticos nagô, lançando o lamento sagrado aos céus, ôbá, ôbá, ôbá, alalalaluééé, ôbá, ôbá, ôbá, alalalaluééé; nenhum branco ousara proibir os seus escravos de participarem no funeral de mãe Anália e o desfile dos corpos negros, sincopando as palmas, socando o chão com os pés, gingando os corpos em dobras e redobras, impressionava os brancos, mirando a passagem do enterro de olhos salientes entre as frinchas da porta ou os buráculos das rótulas; de testa franzida, retiravam das arcas os bacamartes e os mosquetes, espoletando-os, mas rápido concluíam

que os olhos pacíficos dos escravos, desconsolados, brilhavam de saudade pela perda de mãe Anália; entre o povoléu negro, na dianteira, ao lado de Anélia, saracoteando a bunda num arremedo desajeitado de dança negra, de tronco nu cabeludo, barriga avantajada, olhos lacrimejantes, Lula Aparecido fora o único branco presente; o cortejo chegara ao baldio concedido pela Câmara do Recife para o levantamento da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, o corpo de mãe Anália sagraria para sempre, à moda negra, aquele chão de que no futuro viria nascer uma igreja à

moda branca; o corpo de mãe Anália foi retirado do esquife, deitado em palha seca, enfeitado de lavanda e jasmim, e mãe Anília, de saia branca rodada e rendada, pano-da-costa na cabeça, os doze colares herdados de sua mãe suspensos do colo, sob um silêncio unânime, deitou búzios e viu, sorridente, mãe Anália criança, o mesmo rosto feliz sobre um corpo de menina, correndo alvejando os dentes entre coqueirais e palmeirais, montando a gazela branca, esvoaçando os braços como um falcão azul, serpenteando no capim como uma sucupira, balindo inocente como um

cordeiro, palrando como papagaio verde e amarelo, mãe Anália estava livre, Exu não a importunara, torcendo-lhe o espírito, atormentando-a, mãe Anália libertara-se, ascendera às nuvens do céu, caldeara-se nas gotas salgadas do mar, dissolvera-se nos grânulos porosos da raízes, evolara-se esguia nas labaredas amarelas do fogo, mãe Anália era agora feliz; o gentio preto gritou no seu linguajar nagô, regozijando-se e abraçando-se mutuamente, vive, ela vive, mãe Anália vive de novo, é feliz junto dos orixás. O corpo de mãe Anália desceu à cova funda entre brados de alegria, abraços

ardentes, todos clamando a todos, vive, ela vive, mãe Anália vive de novo, é feliz junto dos orixás; flores de jasmim-voador tombaram das mãos de crianças sobre o corpo de mãe Anália, evolando o olor doce do jasmim como derradeira recordação de mãe Anália, e quando a primeira pazada de terra esmagou o manto branco-creme e amarelo de flores, mãe Anília abriu as pernas, firmou o corpo tenso rente à sepultura, pescoço e cabeça erectos, cruzou e descruzou os braços por três vezes, trancando o espírito de sua mãe, mãe Anália não poderá regressar ao mundo dos vivos, nem benfazendo nem

malfazendo a existência dos vivos, só em sonhos poderá ser vista.

No instante em que Anília trancou o espírito de mãe Anália, Anólia, em Lisboa, de bastidor e agulha, acompanhava Leonor na costura, sentadas num canapé de palhinha, e Anúlia, na cozinha, depois de enfeitar o arroz-doce com setinhas e coraçõezinhos de pó de canela, segurava o ferro escaldado na mão direita, soprando as brasas do carvão, preparando-se para queimar a coberta de açúcar do leite-creme, caramelizando-o; nesse momento, um vento silvão, furioso, danado, quente

como um furacão tropical, forçou a janela, abrindo-a, arrojando para o chão o bastidor de Anólia, que, assustada, espetou a agulha no indicador esquerdo, e penetrou na cozinha, levantando as saias de Anúlia, que largou o ferro, queimando-se no polegar da mão direita. Atónitas, correram uma para a outra e abraçaram-se, tinham percebido, mãe Anália acabara de morrer, cumprindo o que lhes confidenciara no cais, ver-nos-emos uma vez mais, dissera-lhes mãe Anália, com sangue e fogo me despedirei.

2 Os textos atribuídos a Frei Diogo das Chagas

Purificadas foram, na verdade, escritos por Frei António do Rosário.

III

O fim é o novo princípio

A penitência de D. Álvaro Manuel da Costa, o bispo

Em setembro de 1712, a frota real chegara ao Pernambuco e João Marques Bacalhau, receoso das consequências, fundamentando pormenorizadamente as acusações, aditando novas provas, fundadas em novos interrogatórios, alguns de evidente parcialidade mascatal, não dera ainda por finda a devassa da inconfidência pernambucana. Com a frota, tinham chegado novas do reino, que penalizavam forte o partido mazombo, dando indicações precisas do estado pró-mascateiro da maioria

dos membros do Conselho Ultramarino e de el-rei d. João v, cujos conselheiros nunca se esqueciam de tomar decisões em função do deve-e-haver de cada capitania do Brasil, e no Pernambuco o peso do dinheiro mascatal na balança dos impostos, como exportadores de açúcar e importadores de mercadorias do reino, sobrelevava em noventa por cento a contribuição mazomba, reduzida ao pagamento de taxas agrícolas e camarárias. A primeira notícia, fundada nas relações de Sebastião Castro Caldas e de d. Lourenço de Almada e nos protestos dos mascates

enviados aos seus procuradores em Lisboa, penalizava d. Álvaro Manuel da Costa, «consentira na deposição do governador Castro Caldas, senão obrando contra este, que se limitara a aplicar o édito real ordenando a elevação do Recife a cidade, pactuara com a destruição do novo pelourinho e, tornado governante, desta função se demitira, entregando o poder a elementos avulsos e rebeldes de Olinda», escrevia-se na ordenação real, penalizando d. Álvaro Manuel da Costa do «nefasto arrojo, contrário à boa ordem dos povos» com o degredo imediato para o Ceará, o mais vasto e

deserto sertão do Brasil, povoado por quatro ou cinco fortalezas e um bando de brancos carreadores de boiadas do Piauí; tão escasso relevo tinha o Ceará que, entre os dez barcos que comboiavam a costa nordestina, entre Belém do Pará-São Luiz do Maranhão e Recife-São Salvador, só um aportava no Ceará e apenas de seis em seis meses. Por interferência do núncio papal em Lisboa, a pena atribuída por d. João v podia ser minimizada em caso de saúde periclitante de sua eminência, desde que o bispo passasse a residir a uma distância mínima de cem léguas de Olinda, foi o que Félix

José Machado fez atendendo à cumplicidade do bispo e de Manelinho na denúncia da inconfidência pernambucana; Félix José Machado atendeu à idade de d. Álvaro Manuel da Costa e à fragilidade de seu corpo e concedeu-lhe a graça real, desterrando-o para a Paraíba, onde deveria residir durante dois anos. Manelinho queria seguir para a Bahia no primeiro barco, persuadir d. Lourenço de Almada da injustiça da ordenação régia, iria a Lisboa se preciso fosse, mas d. Álvaro proibiu-o, mandou-o calar e obedecer, ele próprio calou-se e obedeceu,

permanecendo num mutismo que assustava Manelinho e Sebastiana, anulando as visitas pastorais, desconvocando as audiências no paço, retirando-se para a sua câmara. Num gesto que enterneceu Olinda, d. Álvaro Manuel da Costa pediu para que frei Diogo o confessasse, apresentou-se no convento a pé, descalço, sem as insígnias bispais, simples sotaina branca, explicando aos frades que o recebiam no pórtico num alvoroço de admiração que viera como desejava que a sua alma ficasse depois da confissão. Esta demorara o resto dia, frei Diogo desculpara-se aos seus

frades dizendo que fora mais uma conversa do que uma confissão, mas a estes não passara despercebida a gravidade da penitência, abandono de todas as funções episcopais durante um mês e clausura de jejum, meditação e oração. D. Álvaro Manuel da Costa cumpriu escrupulosamente a penitência, habitando o convento, na outrora cela de frei Maria do Amor Divino, de quem dizia não querer ser apossado pelas ideias heréticas, antes pela força da sua fé. No final do mês de reclusão, d. Álvaro Manuel da Costa arrumou ele próprio a sua arca, ordenou e guardou meticulosamente os

documentos oficiais do episcopado, encheu um saquitéu de ducados de prata e deu-o a Sebastiana, mandou-a comprar uma casita com quintal e pomar rente à cerca das traseiras dos franciscanos e confessar-se a frei Diogo, que lhe daria trabalho suficiente para ir subsistindo. A Manelinho, que partiria com ele para a Paraíba, exigiu total lealdade, assim mesmo o disse, precisava do desembaraço de Manelinho para resolver os problemas da subsistência e do inconforto da Paraíba, fez-lhe ver que os tempos dissolutos de um pé em Deus outro em César tinham

definitivamente acabado. Em agosto de 1713, Félix José Machado recebeu da Paraíba a certidão do tabelionário comprovando que d. Manuel da Costa residia a mais de cem léguas de Olinda; o governador, excelso cumpridor de ordens régias, mandou Paulo de Carvalho reenviar a certidão para o Conselho Ultramarino.

A DEMISSÃO FORÇADA DE JOSÉ INÁCIO DE AROUCHE E LUÍS VALENÇUELA ORTIZ

A frota real trouxera outra notícia, a confirmação, passada pela Casa da

Suplicação, em Lisboa, do banimento de funções régias de José Inácio de Arouche e Luís Valençuela Ortiz por «perversão dos cargos a eles atribuídos por el-rei, nosso senhor, que Deus guarde», com explícito aproveitamento pessoal em tratos políticos de rebeldia às ordens recebidas. Em Olinda e no Recife, supusera-se influência de Sebastião Castro Caldas junto do Conselho Ultramarino; nada mais longe da verdade, este, chegado a Lisboa, remetera-se ao silêncio no seu arruinado palacete da Costa do Castelo, d. João v não lhe perdoara a

fuga da capitania e fizera saber que preferia receber o corpo morto de um governador do Império, com honras reais e enterro na Sé, a recebê-lo vivo mas fugido, não concedera a Sebastião Castro Caldas a habitual audiência de retorno, o que lhe vedava a entrada nos salões da corte e a assistência à missa na capela real. O que enfurecera o Conselho Ultramarino contra os dois magistrados não fora a influência de Sebastião Castro Caldas, como no Pernambuco se pensava, mas a parcialidade com que Inácio de Arouche e Valençuela Ortiz tinham comprometido os seus cargos e as suas

funções, deveriam ter permanecido como Barbosa de Lima, «ilustre secretário da governadoria, firme no seu posto e neutro na sua acção». Ao contrário de d. Álvaro Manuel da Costa, Arouche e Valençuela Ortiz não aceitaram a ordem de banimento, menos se resignaram, crendo na antiga máxima pernambucana, atrás de homem, homem vem, isto é, os homens mudam, as vontades também e a resoluções definitivas tornam-se provisórias. Com o consentimento das famílias, Luís Valençuela Ortiz nomear-se-á procurador particular de Leonardo Bezerra Cavalvanti, André

Figueiredo Dias, José Tavares de Olanda e Bernardo e André Vieira de Mello, acompanhá-los-á a Lisboa na frota no ano de 1713, provendo-lhes as necessidades mínimas, não deixando os marinheiros sacarem-lhes roupas e ração; em Lisboa, bater-se-á bravamente pelos seus constituintes, ao ponto de o juiz da corregedoria o mandar prender por ofensas ao tribunal, requererá, ao mesmo tempo, junto à Casa da Suplicação, a reabertura do seu processo, alegando nunca ter sido ouvido; solicitará um depoimento a Vidal Rabelo, que o ia socorrendo financeiramente em Lisboa,

e o testemunho deste revelar-se-á precioso, declarando que, embora não tendo sido um funcionário exemplar, fora Valençuela Ortiz, como juiz, quem, estando contra, não se recusara a presidir à cerimónia de elevação do Recife a cidade, dando estrito cumprimento à ordenação de el-rei; o depoimento de Vidal Rabelo influenciou decisivamente o resultado do processo e Luís Valençuela Ortiz, quatro a cinco anos depois de ter sido demitido, com as suas poupanças roídas e sem direito a compensação financeira, foi readmitido na hierarquia do Império, em 1716. Em 1717, o

Conselho Ultramarino nomeou-o ouvidor-mor agregado da ilha do Príncipe, em São Tomé, o cargo mais baixo na carreira de magistrado do Império, provando, assim, que, como a Igreja, o Estado perdoa o erro mas não esquece a suspeita. Carcomido pelas febres da ilha, o território mais palúdico de África, Luís Valençuela Ortiz morreu em São Tomé em 1718, três meses depois do seu desembarque, o corpo amarelo inchado, ancho de água que a sudação não destilava, olhos pálidos raiados de sangue, febres infernais de suores frios e um corrimento de pus por todos os

buracos do corpo, morreu sonhando com os jantares de xinxim de galinha da casa de João Cavalcanti, abundantemente servidos por d. Lourença.

José Inácio de Arouche teve sorte diferente, regressou a Lisboa na frota de 1712, não querendo mais saber de mascates e mazombos, que se danassem todos, tinham-lhe estragado a vida, estabeleceu-se na Rua Nova dos Ferros como procurador de fortunas brasílicas depositadas na capital e requereu reapreciação do processo, mexendo os cordelinhos, não com a razão, como Valençuela, mas

com a soberana influência do dinheiro e, em 1715, foi readmitido e nomeado desembargador da Relação do Porto, e, em 1723, Corregedor do Crime, em Lisboa, com direito a lugar de conselheiro na Casa da Suplicação e no Conselho Ultramarino, considerado entendido em assuntos do Brasil, nesta condição ouvido regularmente por d. João v. Morreu rico, nababo e poderoso, atravessava Lisboa de liteira dourada forrada a veludo, transportada por quatro escravos de libré e dois postilhões de bastão de prata abrindo o caminho, espalhava vinténs pelo chão às viúvas do Poço

do Borratém, a Santo Antão, que, para risota pessoal de Inácio de Arouche, se espojavam na lama catando as moedas. Com o seu dinheiro, os seus netos, no século seguinte, criaram uma das maiores casas bancárias do Império, ainda hoje existente.

Junto com Inácio de Arouche, mas em barco diferente, viajara Barbosa de Lima; faltavam-lhe seis meses de comissão para regressar, mas Félix José Machado, temendo o atraso de João Marques Bacalhau, que o forçava a reter os presos nos fortes por mais um ano, aguardando o fim da devassa, e constatando o bom-nome de Barbosa

de Lima junto do Conselho Ultramarino, que expressamente o elogiara, coisa rara, decidiu que o secretário terminaria a sua comissão em Lisboa, onde este tinha uma filha no convento de Nossa Senhora da Anunciada, a Bem Esperada, explicando detalhadamente aos membros do Conselho Ultramarino o que fora a inconfidência pernambucana e o seu grau de periculosidade para a unidade do Brasil. Barbosa de Lima incumbiu-se da missão com um escrúpulo que impressionou os membros do Conselho, escrevendo, em princípios de 1713, para Félix José

Machado, que os cinco presos e o processo passavam definitivamente para o tribunal de Lisboa, por crime de lesa-majestade; os presos deviam ser enviados na frota deste ano. Félix José Machado recompensou Barbosa de Lima enviando-lhe um bauzinho de pau-brasil lacado, cerrado com volta de três chaves, em posse do capitão do navio, cujo conteúdo consolou Barbosa de Lima da herança de pobreza que trouxera do Pernambuco, permitindo-lhe a compra de uma casa e o resto desinquieto dos seus dias.

Em meados de 1713, três meses antes da chegada da frota ao Recife, João

Marques Bacalhau deu finalmente por completa a devassa da inconfidência pernambucana, aditando três novos interrogatórios a João Mota, ao dr. Pereira da Gama, regressado curado de São Salvador, e a Simão Ribas, escusando-se de ouvir de novo Joaquim de Almeida, por o «achar muito molengo nas acusações contra os mazombos» e falar em esquecer e perdoar, disse Bacalhau ao governador, só atrapalha o processo. Paulo de Carvalho, que se vinha adoentando, cravado de um mal desconhecido que lhe atormentava o peito, escarrando frocos pastosos de

carne, sancionou com a sua assinatura os resultados da devassa, morrendo de seguida, de peito cavo, as costelas afloradas, picado de dores lancinantes. Na relação dos seus bens, entregues à Misericórdia, não constava nem dinheiro nem ornatos de ouro ou prata, o que intrigara fortemente Félix José Machado, sabedor da influência dos mascates ricos nos procedimentos jurídicos de Paulo de Carvalho, e olhava de viés para João Marques Bacalhau que, nem de propósito, comprara novo cavalo. Neste mesmo ano, antes da partida da frota, Félix José Machado mandou libertar

Tundacumbe, recebendo-o no palácio, fora necessário, o «rancho do cipó» excedera-se, fora preciso mostrar ser a justiça cega, tombada sobre mascates e mazombos. Mas tinha uma surpresa para ele, um oficial de sala mandou entrar João Mota e Simão Ribas acompanhados de dois escravos; estes traziam uma resplandecente opa do hábito da Ordem de Santiago, o próprio governador fez questão de ajeitar as abas da batina a Manuel Gonçalves, dizendo que o fazia orgulhoso pelos serviços que Tundacumbe prestara a el-rei de Portugal em momento de «malévola

altercação no Pernambuco»; as prebendas do governador não tinham terminado e João Mota, ressalvando de novo os serviços prestados por Tundacumbe durante o cerco do Recife, integrava Manuel Gonçalves na hierarquia militar do Pernambuco, com direito a patente de coronel, comandando um novo terço de matutos e pretos forros que seria chamado, em honra dos velhos tempos, o «terço do cipó», com função exclusiva de velar dia e noite pela segurança pessoal de Félix José Machado e futuros governadores. Finalmente, Manuel Gonçalves acertara na vida, os seus

actos bárbaros e as suas intenções rudes tinham sido santificados pelo poder político, transformando em bom o que era mau pela natureza das coisas.

A MORTE DE D. LOURENÇA

Libertos os mazombos por pressão das mulheres, restaram nos dois fortes Leonardo Bezerra Cavalcanti, André Figueiredo Dias, José Tavares de Olanda e André e Bernardo Vieira de Mello. D. Lourença espojou-se aos pés de Manelinho, solicitando intervenção do episcopado, Manelinho mandou arrastá-la da sala pelos acólitos;

sentou-se na antecâmara de Félix José Machado, esperando que este a recebesse, mas Barbosa de Lima, ao quinto dia, fez-lhe ver ser impossível a audiência, prometendo-lhe máximo empenho pessoal; tentou visitar André Figueiredo Dias, seu irmão, mas foi impedida pelas sentinelas do forte, mandou-lhe comida por dois escravos, mas os soldados comiam-na às escondidas na guarita e surravam os pretos. D. Lourença, revoltada, sem solução para a libertação do irmão, escreveu à nobreza de Portugal, ao duque do Cadaval, ao conde de Atouguia e ao marquês de Viana, e ao

próprio d. Lourenço de Almada, na Bahia, que todos fizessem saber a el-rei que uma ralé de comerciantes se apossara dos bens e dos cargos dos nobres pernambucanos. D. Lourença, humilhando-se, procurara Vidal Rabelo e Leonor no Recife, soubera que estes tinham partido para Lisboa e regressou desalentada ao casarão de São Bento, chorando, não percebendo porque Nossa Senhora do Carmo desprotegera a sua família, castigando-a tão penosamente, levando-lhe o tio, João Cavalcanti, que a educara, o padrinho, Domingos Bezerra Monteiro, a fuga traiçoeira de Leonor, a ingrata,

que sempre puxara para uma condição inferior à sua, finalmente deixara prender-lhe o irmão, amor e protector da sua vida. D. Lourença suspeitava que uma estranha culpa aprisionava o destino dos Cavalcanti, lembrava-se de ouvir falar, em criança, de uma vaga ameaça do caraíba dos tupinambás quando os primeiros Cavalcanti os tinham expulsado de suas terras, apoderando-se delas, chegara o tempo de ser paga, e ela, privilegiada no mal, fora escolhida para a expiar. Horrorizada, desdobrava o dia entre novenas e ladainhas, acendendo velas a Nossas

Senhoras, que, consumidas, logo mandava as escravas à Sé abastecerem-se de novo carregamento. Descontente com Nossa Senhora do Carmo, que a desprotegera, e Nossa Senhora do Amparo, que a desamparara, d. Lourença cultuava fervorosamente outras nossas Senhoras, experimentando as mercês destas através de pequenos rogos, como o alívio das dores reumáticas nos pulsos; se atendidos, d. Lourença logo rodeava as estatuetas das santas de três círculos de velas, rogando-lhes pedidos mais difíceis, como não bolorar-lhe o pão da semana, cobrir

Olinda de um alegre arco-íris, d. Lourença ia constatando que em minudências as santas a favoreciam, mas, logo que elevava a qualidade do pedido, as santas recusavam-lhe a mercê. Sozinha, d. Lourença deixara de comer, mastigando a desoras uma fatia de broa ou uma maçã do pomar; desinteressara-se do jardim e da capoeira, raramente soerguia o bastidor para costurar; ansiando por rezar, cerrava as rótulas e sobre estas as portadas de madeira, escurecendo a sala, abria os três oratórios, um a S. José Carpinteiro, o Milagreiro, que a protegesse como protegeu a Virgem

Maria, outro a Santa Bárbara, que a libertasse de raios e trovões, que a amedrontavam, e outro a Nossa Senhora da Saúde, que lhe conservasse a dita. Pela igreja do Carmo, pela Sé, pela da Misericórdia, a de São Pedro Apóstolo, a de São Bento, a de São Francisco, a de Santo Inácio jesuíta, d. Lourença pedia insistentemente aos párocos e aos priores que lhe emprestassem efígies, estatuetas e retratos pintados de santos e santas, que levava para casa, iluminando-os com altares de velas, ora em escadinhas, ora em manto de luz. As quatro mucamas e os vinte escravos do

palacete dos Cavalcanti, escassos nos tempos áureos, reluzindo continuamente a casa onde os mazombos de Olinda se reuniam, comendo e bebendo, levantavam-se agora de manhã e nada tinham que fazer, o soalho e os tapetes da sala escarmentados de sebo líquido das velas, o tecto a enfarruscar-se do fumo negro, os cavalos no estábulo entediados, as liteiras e carroças na cocheira cobertos de uma película de pó, a lenha amontoada com as achas de carvão, sem uso, os três porcos chafurdando no chiqueiro, sem sustento, atirando-se contra a cerca, a

vaca leiteira retouçando um capim seco que invadia o quintal e o pomar, a capoeira enojava, o chão carregado de uma placa de dejectos duros. Desde que a fruteira contivesse maçãs, o cântaro água fresca e o forno cosesse pão, d. Lourença de nada mais se interessava senão de rezar. A antiga vasta sala dos Cavalcanti fora invadida de estatuetas e retratos de santos, era Sant'Ana, avó do Menino, era Nossa Senhora Desatadora de Nós, que desamarrasse a vida de d. Lourença e do irmão, os três arcanjos juntos numa só peanha, S. Miguel, S. Gabriel e S. Rafael, Nossa Senhora

das Dores, de faces atormentadas, Santa Maria Madalena, a pecadora, como d. Lourença se sentia, S. Patrício, que lhe tirasse os medos, Santa Genoveva, que lhe arredasse os inimigos, Santa Clara Clareada, contra a inveja dos mascates, Santa Rosália, contra uma comichão que lhe excruciava o peito, Santo Expedito, que lhe desembaraçasse rápido a prisão do irmão, S. João Evangelista, que a guardasse da violência dos mascates, Santa Catarina de Alexandria, que abrisse os olhos dos mascates para a verdade, S. Peregrino, que lhe tratasse a comichão no peito

que Santa Rosália não tratara e no céu dos santos se zangasse com esta, Santa Cecília, que lhe enchesse os ouvidos de música de festa, acabando com os murmúrios nocturnos que pareciam sair das gavetas, do interior das arcas, das prateleiras do aparador, das tábuas da cantareira, debaixo da cama, furando o colchão de chumaço, de cima da cama, rompendo o tecto, d. Lourença gritava pelas mucamas, obrigou as escravas a reunirem os oratórios e todos os santos e santas no cómodo onde dormia, transformando este numa casa de santos, juntou-lhe os cotos, as velas, os círios e acendeu-os

um a um com uma acha da cozinha, não lhe chegavam as velas e as rezas, os murmúrios continuavam, irrompiam das paredes, detrás do cortinado da janela, Cristo no crucifixo de prata suspenso da parede abrira a sua boca de lábios brancos, alçara as pálpebras moles, erguera o braço esquerdo ensanguentado e falara a d. Lourença, fixando-lhe os olhos sem cor, d. Lourença não conseguira ouvir, fora um murmúrio surdo, d. Lourença aproximara-se do Crucificado, depondo-lhe o ouvido na boca e, nesse instante, o Filho do Homem convertera-se no Diabo peludo,

Belzebu, o cara-de-cu, cascos de bode, rabo de porco, língua de serpente, pêlo de chacal, tridente espetado, d. Lourença arrepiara-se, recuara atónita, de boca muda, apavorada, tropeçando em si própria, tombando sobre o mar inflamado de velas, cujas chamas se lhe pegaram ao vestido, irrompendo pelos lençóis da cama, subindo às franjas de seda do dossel e à renda de linho do mosquiteiro, atiçando um turbilhão gigantesco que rechinava consumindo a multidão de santos. Da alcova de d. Lourença, o fogo, espevitado pelos soalhos de madeira, pelas pranchas do tecto e pelas

tapeçarias das paredes, alastrara pelos cómodos, afugentando os escravos, invadira a sala, galgara à varanda, tornara-se chama única de fogosas labaredas incandescentes, cujas faúlhas rubras silvavam nos ramos das árvores, contaminando-as, transformando-as em colossais fachos iluminantes cuja aura se vislumbrava do Recife. De madrugada, perto da casa do Senado, um buraco negro recendido a fumo e brasas, amontoado de paredes calcinadas, troncos fuliginosos desordenados e cinza afogueada, deixava-se ver onde antes se levantara o opulento palacete de

quase um século dos Cavalcanti, vergôntea nobre do Pernambuco.

O CASAMENTO DE JULINHO E VIOLANTE DIAS

Em Setembro de 1712, no despontar da primavera, a várzea mosqueada de cores vivas, os arroios a florirem, avultados das últimas chuvadas, tempo de antes do Advento, a que, em breve, se seguiria a Quaresma, períodos defesos pela igreja, Julinho e Violante casaram-se. A verdade crua era, como sempre, pouco romântica, Violante descobrira-se grávida durante o

inverno, de regras paradas, e o enlace teve de se apressar. Frei Diogo, que confessava o casal, quando visitara Camaragibe com Simão Mendes, comprando madeiras para o convento, que Violante acabara por ofertar, não se coibira de admoestar Julinho, que vivia em trato ilícito com Violante, para a igreja era como se Violante fosse a concubina de Julinho, uma vergonha; ainda que fosse hábito geral no interior do Brasil, frei Diogo bem o sabia, Camaragibe em reconstrução e em breve um dos melhores engenhos do Pernambuco merecia ser reinaugurado pela igreja e, no futuro,

ostentar de longe, aos sertanistas, a cruz consoladora de uma capela, e sem casamento não havia capela. Porém, o que decidira Julinho e Violante a casarem-se não fora a pressão de frei Diogo, mas a legitimidade da criança que ia nascer, o filho de ambos merecia ser baptizado e registado como herdeiro de Camaragibe de Violante e do sobrado de Julinho no Recife. Frei Diogo aceitou levar o altar móvel para Camaragibe e aqui realizar a cerimónia. A casa-grande, quase reconstruída, foi defumada pelas escravas com evaporação de raízes de espargo e folhas de angélica,

expulsando bichos e má-sorte, purificando os seus recantos; os quadrados do sótão ainda não tapados pelas pranchas do tecto e os dois cómodos com a taipa das paredes ainda a meio foram escondidos com peles de cervo e boi e enfeitados de azevinho verde, planta natalícia. Anélia e mãe Anília, cuidando da cozinha, e Lula, do terreiro, foram chamados do Recife, mãe Anília, furtiva, chamara Violante de lado em um fim de tarde, levara-a à cacimba do engenho, tapara-lhe os olhos com uma venda, pressionando-os com os dedos e, no exacto instante em que o

crepúsculo se tornara noite, desapertara a venda, dizendo a Violante para fixar o centro do espelho de água da cisterna, exactamente o centro, e Violante, surpresa, viu na superfície líquida imóvel o recorte esfumado e sombreado, sem relevo definido, do rosto de Julinho sorrindo para si, assustou-se, mas mãe Anília serenou-a, afagando-lhe o cabelo como a uma menina, estava feito, disse, os nós estiveram sempre atados, nada vos desamarrará, só a morte; depois, retirando da cacimba um vaso de água, nele deitou duas agulhas de osso, que logo se juntaram, paralelas,

encostadas, e mãe Anília confirmou, estão amarrados, viverão juntos, amando-se juntos. No escuro da cacimba, Violante fixava os olhos brancos de mãe Anília como uma assombração, mas esta sorria sempre, como que se desculpando da sua arte, e Violante, receosa, intrigada mas curiosa, contou-lhe que estava grávida, queria saber se o seu filho nasceria bem; mãe Anília levou de volta Violante para a cozinha, mandou sair as escravas, apagou as lamparinas, deixando a fogueira acesa, ajeitou uma gamela de água limpa, buscou um ovo, cruzou as mãos sobre este, partiu-o ao

meio delicadamente no bordo da trempe, voltou os dois hemisférios e deixou cair o interior na água da gamela e a gema do ovo brilhava redonda e cheia num círculo perfeito; apontando para a gema, mãe Anília disse, nascerá bem e será saudável, sem defeitos de corpo e generoso de espírito, como o pai e a mãe.

Uma semana antes do casamento, carroças guiadas por feitores e escravos, ajaezadas de presentes, invadiram o terreiro de Camaragibe, eram as ofertas dos convidados, Simão Ribas e Joaquim de Almeida ofereceram varas de tecidos finos do

reino e de pano-de-holanda para vestidos, pelotes, gibões, camisas, mantos, túnicas, reposteiros; os judeus juntaram-se, e Simão Mendes, em nome de todos, fora de barco a Camaragibe levar os presentes à descendente da matriarca judaica do Pernambuco, colares e coraçõezinhos em ouro e âmbar, cravejados de rubis olho-de-pomba, uma fístula em prata e ametista e um pente de madrepérola de cabo em pedra turquesa; os vizinhos mazombos de Espinheiro, Casa Forte e Apipucos ofertaram cabeças de gado e alfaias da lavoura, como era hábito em Olinda, e um deles, um corcel preto,

que Julinho destinou para o futuro filho; os índios que arraiavam na orla das matas de Camaragibe teceram um tapete de vinte pés que obrigou as mulheres da tribo a esforçarem-se dia e noite até à véspera do casamento, e João Mota, autorizado por Félix José Machado a regressar ao reino na frota do ano seguinte, banhou em ouro um dos balázios de chumbo do atentado a Sebastião Castro Caldas para que Julinho e Violante não mais esquecessem a guerra dos mascates, que os unira; frei Diogo, em nome da igreja, ofertou um crucifixo de pau-brasil talhado toscamente pelas suas

próprias mãos e figurinhas do presépio cortadas a navalha por crianças das missões franciscanas; Félix José Machado ofertou uma carruagem aparelhada pelos abegoeiros do Brum, rebrilhante de tinta azul e amarela, com coxins de lanugem forrados a couro novo, duas lanternas laterais, rodas de base cobertas de folha de estanho e caixa coberta de armação de pele curtida de boi. Mas a prenda mais bela proveio do Tundacumbe e da pretalhada do «rancho do cipó», ora oficialmente designado por «terço do cipó» – fora mãe Anília quem dera a ideia a Manuel Gonçalves, e este,

bem-mandado, ordenara aos seus pretos – homens bárbaros, de palmas das mãos gretadas e calejadas como tábuas, insensíveis à chama de uma vela, cicatrizes de guerra adornando orgulhosamente o corpo, cuja mente se esgotava ao fim de duas frases consecutivas e cujas saudações amigáveis consistiam em murraças alegres no peito e nas costas – a uns, alegres, que caçassem beija-flores na mata, prendendo-os em armadilhas de rede larga, para não quebrarem as asinhas delicadas; a outros, que apanhassem flores de jasmim-voador – e durante uma semana, os bandidos,

brutos como macacos, penetrando um outro mundo, de olhar doce e ingénuo, de poeta, mãos de pedra de dedos precários, armaram redes de linho sobre os ramos das árvores em floração, caçando beija-flores de unhas enegrecidas e cortando harmoniosamente hastes verdes das flores de jasmineiros. No terreiro, Lula armara quatro vastas mesas de tábuas empranchadas, emparelhando-as num imenso quadrado, que cobria todo o átrio; sobre as mesas, esteiras índias e panos de algodão tingido escondiam as farripas mal aplainadas da madeira, oferecendo ao olhar uma paisagem

colorida sob a sombra das copas verdes das almendas e das mangueiras; no fundo do terreiro, rente ao estábulo, gradis de ferro compunham os vastos assadouros onde se acaloravam cinco bois, sete porcos e sete cabritos, mortos pelos três açougueiros da Câmara; as escravas de Camaragibe degolaram e depenaram vinte galinhas para a canja benfazeja, com raminhos de hortelã e pimenta verde moída, sortilégio de todo o casamento no sertão; as penas serviriam, como talismã da sorte, para o interior do colchão do berço do primeiro filho; dez vasilhas de farofa, dez panelões de

feijão castanho com toucinho, bucho e pés de porco, dez largas travessas de abóbora e inhame cozidos seriam dispostos sobre a mesa, acompanhando cem grossos pães cascudos de trigo cortados em avantajadas fatias para suportarem as postas de carne; vinte tonéis de vinho, dez barricas de cachaça e vinte cântaros de água fresca espalhavam-se pelo terreiro; não havia forquins suficientes para a carne, nem colheres para a sopa, nem copos para o vinho; comia-se a carne no pão, bebia-se a canja das cuias, puxando a substância com a língua, e sorvia-se o feijão nas gamelas, misturando-o com

a farofa, compondo bolinhos nas mãos cheias, que se levavam à boca; forquins e colheres, pratos e copos de estanho, baixelas de louça rematada a prata, herança de Violante Dias, foram reservados para a mesa dos noivos, onde se sentavam frei Diogo, Félix José Machado, Joaquim de Almeida, João Mota, João Marques Bacalhau e os padrinhos, Simão Ribas e mulher, por parte de Julinho, e Simão Mendes e mulher, por parte de Violante. Na véspera do dia do casamento, mãe Anília proibira Violante de entrar na cozinha ou descer ao terreiro, presenciar os preparativos da boda

daria azar para esta, levantando-se briga entre os convidados; Violante ficaria o dia experimentando os trajes de noiva, os brincos de ouro caídos em trancins sobre os ombros em pingentes de estrelinhas, o vestido branco nupcial, de vasquinha e manteléu, nastreado a fio de prata, folhos rendados nos punhos e sobre o colo e de gola de tela presa a encaixezinhos de madrepérola; nos dedos vazios, brilhava, belo e antigo, o anel de Branca Dias.

No dia do casamento, Julinho e Violante foram recebidos com salva de tiros de mosquetão e foguetes, um coro

de meninos mascatais da igreja de Nossa Senhora da Piedade, entoando, aleluia, aleluia, santo é o Senhor; mãe Anília decorara as mesas com montículos de flores de jasmim-voador, perfumando o terreiro; de estola branca sobre a batina, frei Diogo oficiara a missa com o altar instalado no centro do terreiro sob um pólio folhoso e florido de ramos de laranjeira; os mazombos vizinhos de Espinheiro, Casa Forte e Apipucos juntavam-se ao longe, falando a medo com os mascates, achando estranho que mucamas e escravos tivessem lugar à mesa, ainda que no fundo, separada

das restantes, Joaquim de Almeida chamou-os para seu lado, integrando-os, perguntando-lhes pelo sempiterno tema das suas conversas, o açúcar. Quando Julinho e Violante exclamaram um alegre sim, aceito, beijando-se mutuamente, Tundacumbe e a brutalhada do cipó, lavados, barbeados e penteados, espalhafatando hurras do sertão, trouxeram ligeiros as redes escondidas no celeiro e desamarraram-nas, libertando a miríade de beija-flores que, famintos, esvoaçando as asas transparentes, acorreu em bando às corolas dos jasmins-voadores, enchendo o terreiro

de um espanto de felicidade.

Fim

Na frota de 1713 que partiu do Recife em outubro, seguiam os cinco presos mazombos, acompanhados por Luís Valençuela Ortiz, como seu defensor. À chegada a Lisboa, à Ribeira das Naus, foram escoltados em duas carruagens fechadas para a prisão do Aljube, cada um recolhendo a uma cela individual de seis por cinco braças, com um postigo gradeado de luz na parede, junto ao tecto. Foram-lhe dados o Novo Testamento, um cântaro,

um púcaro de latão, um balde para os dejectos e uma rodilha de pano para se taparem. Bernardo Vieira de Mello requereu papel, tinteiro e pena, que ora lhe era concedido, ora não, segundo o ânimo dos carcereiros. Até 1717, quando partiu para São Tomé, Luís Valençuela Ortiz, respaldado financeiramente por Vidal Rabelo, defendeu bravamente os seus constituintes, demonstrando terem sido as altercações motivadas por exclusivo amor a el-rei e defesa da soberania de Portugal; porém, o que falsamente a devassa declarara ser a inconfidência pernambucana – era este o forte

argumento de Valençuela Ortiz – não passara de umas conversas havidas no Senado de Olinda sobre o modo como os povos se governavam; Valençuela Ortiz insistia abundantemente neste argumento, exigindo provas factuais da existência da inconfidência e, quando partira para São Tomé, deixou ao novo procurador a estratégia de defesa assim delineada. O julgamento da inconfidência pernambucana decorreu em novembro de 1718, seis anos após as prisões dos réus no Recife e quatro após a sua chegada a Lisboa e, com excepção de Leonardo Bezerra Cavalcanti, considerado o instigador

das ideias secessionistas, os restantes quatro réus foram considerados inocentes por falta de provas factuais e documentais. A devassa de João Marques Bacalhau baseava-se exclusivamente em depoimentos de parciais dos mascates e de rumores alegados por Félix José Machado, nunca provados. O juiz tinha entendido que a culpabilização dos réus das altercações forçaria a abrir nova devassa contra os notáveis mascateiros e, atendendo à data dos acontecimentos, 1712, fechou o processo, sentenciando inocência geral, com excepção de Leonardo

Bezerra Cavalcanti que, na prisão, em interrogatório, continuava a defender calorosamente as ideias nativistas de Bernardo Vieira de Mello, ao contrário dos outros, que se justificavam com a emoção dos dias da guerra.

André Figueiredo Dias e Bernardo e André Vieira de Mello morreram no Aljube, José Tavares de Olanda remetera-se a um mutismo resignado que tudo consentia e aceitava, como se a vida lhe tivesse sido roubada, Leonardo Bezerra Cavalcanti mantinha-se firme na defesa da nobreza pernambucana. André Figueiredo Dias

falecera em 1718, semanas antes do julgamento, tísico, esqueleto e pele, escarrando postas esponjosas de pulmão e grandes baforadas de sangue; um ano antes de morrer, quando as primeiras expectorações deixavam adivinhar a moléstia, Leonor foi admitida na cela, confortando o tio com duas visitas semanais, levando-lhe médico, este fora taxativo, a cura não era já possível, para mais entre aquelas paredes ressumando humidade; Leonor acompanhava-se ora de Anólia, ora de Anúlia, e André Figueiredo Dias sorria para elas, pedia para afagar as faces das escravas, cheirar-

lhes a pele mulata, lembrava-lhe o ar doce e quente do Pernambuco, o silvo agreste das folhas dos coqueirais nas dunas, batidas pelo vento, os mangues verdejantes, ricos do húmus da vida, as boiadas libertas, tropeando a terra vermelha, o luar incandescente do Varadouro, o vapor melado do açúcar fervendo nas caldeiras, o chiar dos varapaus rodando a moenda, a Rua de São Bento de Olinda, de lajes eternas, marteladas pelos cascos ferrosos dos cavalos, o sol queimante nas costas subindo a ladeira da Misericórdia, chapeleira sombreando a cabeça, e a viração do ar nocturno no bailéu da

casa dos Cavalcanti, onde sua irmã morrera doida e queimada. André Figueiredo Dias recebeu os últimos sacramentos de um frade franciscano fiel a frei Maria do Amor Divino, expulso para o Maranhão com os frades rebeldes, e, de lá, por saúde frágil, mandado regressar a Lisboa; André Figueiredo Dias morrera de violentíssimo ataque de tosse, que o forçara a soerguer-se do catre, expirando quando de novo se encostou ao travesseiro, dando a mão a Leonor; foi sepultado no convento da Boa-Hora, freguesia de São Martinho, em Lisboa. Bernardo Vieira de Mello fora

o primeiro a morrer, em 10 de janeiro de 1714, escassos meses depois de ter dado entrado preso no Aljube; a verdade oficial, registada no inquérito ordenado pelo capitão regente da prisão, declarara que a Bernardo Vieira de Mello, fraco e tremido de frio, fora gentilmente cedido um fogareiro a carvão para se aquecer e que «o preso, que há algum tempo manifestava sinais de demência, explodindo em fúrias irascíveis», atirara sobre as brasas o calhamaço de papéis avulsos que vinha escrevendo, provocando «fumo abundante na cela», que o asfixara, não se conseguindo

salvar quando socorrido pelos guardas. Não sabemos se a verdade verdadeira não terá sido outra, denunciada pela expressão «explodindo em fúrias irascíveis», talvez os carcereiros o tenham esmurrado, matando-o inadvertidamente. Bernardo Vieira de Mello foi levado no esquife da prisão e enterrado no convento do Carmo sem acompanhamento; André Vieira de Mello não fora autorizado acompanhar o corpo do pai. A morte de André Vieira de Mello não teve história: um ano e pouco após o falecimento do pai, tombou fulminado no pátio da cadeia,

«jogando tabulas», acometido de apoplexia, foi a enterrar no convento da Anunciada, onde a filha de Barbosa de Lima lhe rezou cinco missas pela alma. Proclamado inocente depois de seis anos de cadeia, José Tavares de Olanda foi libertado do Aljube em 1718 e desapareceu. A Vidal Rabelo e Leonor tinha pedido um bolsilho de moedas, o suficiente para refazer a vida, recusando alojar-se em casa destes, tendo ido habitar a quinta de Enxabregas de um ex-presidiário de quem se tornara amigo; antes da partida para Guimarães, Vidal Rabelo procurara-o, a instâncias de Leonor,

disposto a pagar-lhe a viagem de regresso ao Pernambuco, mas José Tavares de Olanda tinha desaparecido, saiu a pé em direcção à Ribeira das Naus e não voltou, confessou o ex-presidiário. Não mais se soube de José Tavares de Olanda. Leonardo Bezerra Cavalcanti fora condenado a degredo perpétuo em Goa, para onde foi desterrado em 1719; aqui, em 1720, disfarçado de mercador de canela e noz-moscada de Malaca, embarcou numa das naus que comboiavam anualmente o Império com destino a Lisboa, fazendo aguada em São Salvador, onde desembarcou; um ano

depois, denunciado ou reconhecido, Leonardo Bezerra Cavalcanti foi de novo preso, aguardando nau da Carreira da Índia para ser devolvido a Goa; porém, Gonçalo Ravasco, sobrinho de padre António Vieira, aparentado com os Cavalcanti por casamento, persuadiu o governador-geral do Brasil a libertar Leonardo Bezerra Cavalcanti por mercê cristã, alegando estar este cegando, o seu corpo não suportaria nova viagem de quase meio ano; fora-lhe porém vedado o regresso ao Pernambuco sob pena de fuzilamento imediato. Leonardo Bezerra Cavalcanti morreu

cerca de 1730, em São Salvador, e nos cerca de dez anos que permaneceu nesta cidade não parou de escrever abundantes cartas para os mazombos de Olinda, incitando-os a lutar com todos os meios contra os mascates. Assoberbados com os lucros do açúcar, as respostas escasseavam.

Entre os papéis queimados de Bernardo Vieira de Mello, colhidos do fogareiro que o terá matado, foram encontradas umas páginas farruscadas, de cantos negros e buracos fuliginosos, cujos rabiscos soltos, reconstituídos pacientemente por André Vieira de Mello, tentando encontrar neles a

ordem primitiva, talvez compusessem uns versos semelhantes a estes:

Coração do Brasil! em teu seio
Corre sangue de heróis – rubro veio
Que há-de sempre o valor traduzir
És a fonte da vida e da história
Desse povo coberto de glória,
O primeiro, talvez, no porvir.

Salve! Ó terra dos altos coqueiros!
De belezas soberbo estendal!
Nova Roma de bravos guerreiros
Pernambuco, imortal! Imortal!

Esses montes e vales e rios,
Proclamando o valor de teus brios,
Reproduzem batalhas cruéis.
No presente és a guarda avançada,
Sentinela indormida e sagrada
Que defende da Pátria os lauréis.

Salve! Ó terra dos altos coqueiros!
De belezas soberbo estendal!
Nova Roma de bravos guerreiros
Pernambuco, imortal! Imortal!

Do futuro és a crença, a esperança,
Desse povo que altivo descansa
Como o guerreiro depois de lutar…
No passado o teu nome era um mito,
Era o sol a brilhar no infinito
Era a glória na terra a brilhar!

Salve! Ó terra dos altos coqueiros!
De belezas soberbo estendal!
Nova Roma de bravos guerreiros
Pernambuco, imortal! Imortal!

A Nobreza é filha de Olinda,
Alva estrela que fulge e não finda
De esplender com seus raios de luz.
Liberdade! Um teu filho proclama!
Dos escravos o peito se inflama

Ante o Sol dessa terra da Cruz!

Salve! Ó terra dos altos coqueiros!
De belezas soberbo estendal!
Nova Roma de bravos guerreiros
Pernambuco, imortal! Imortal

Recife, 12 de Setembro de 2003,

Azenhas do Mar, Sintra, Março de 2011.

Índice